

#1

NEW YORK TIMES
BESTSELLING
AUTHOR

J.R.
WARD

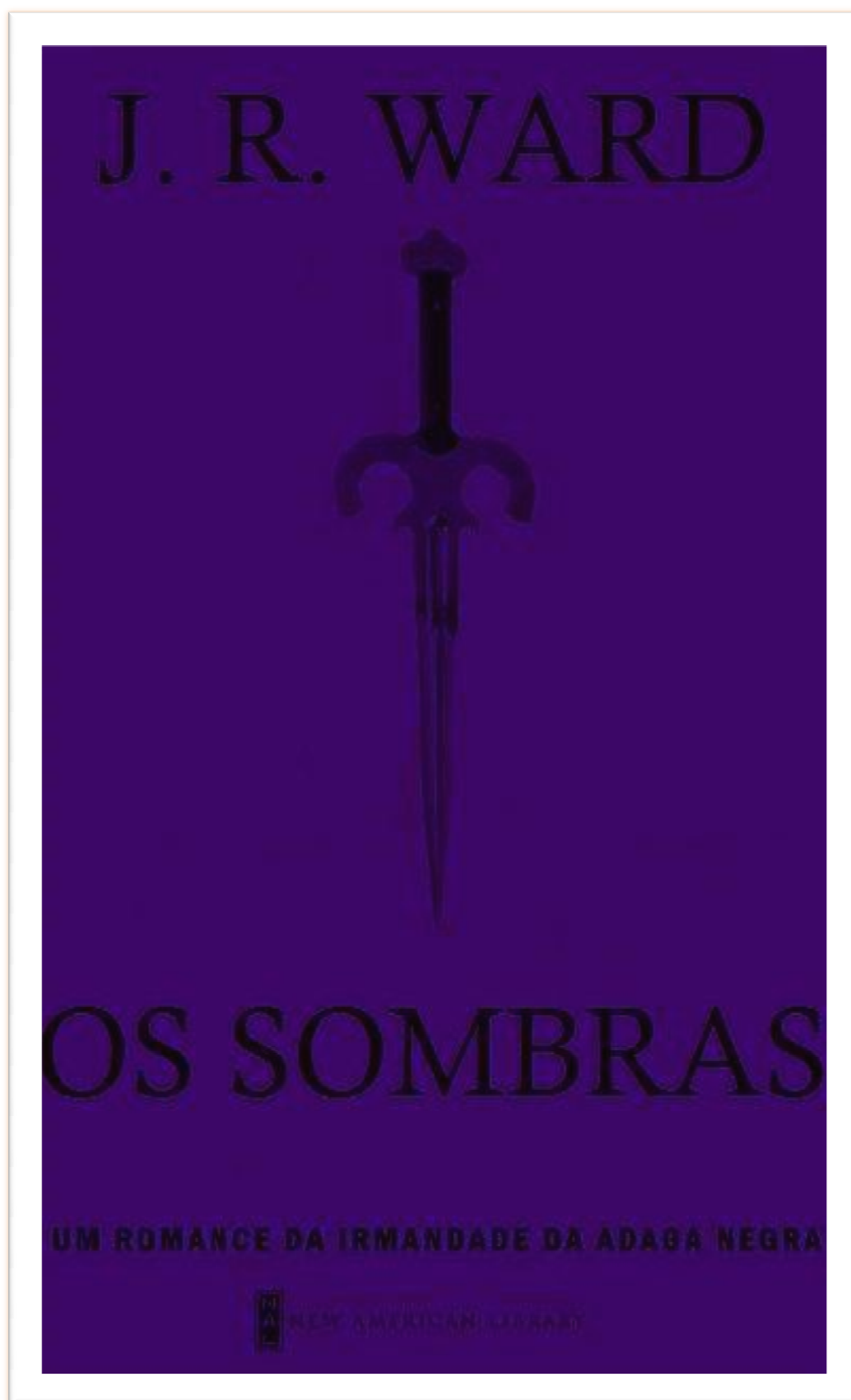
THE
SHADOWS

A NOVEL OF THE BLACK

DAGGER BROTHERHOOD







Projeto Revisoras
Traduções

Trez “Latimer” realmente não existe. E não apenas porque esta identidade foi criada para que o Sombra pudesse trabalhar no submundo do mundo humano. Vendido por seus pais para a Rainha do Território s’Hisbe quando criança, Trez escapou do Território e tem sido um cafetão e um executor em Caldwell, NY, por anos, o tempo todo fugindo de um destino de servidão sexual. Ele nunca teve ninguém em quem pudesse confiar totalmente... Exceto por seu irmão, iAm.

O único objetivo de iAm sempre foi impedir que seu irmão se autodestruísse, e ele sabe que falhou. Apenas quando a Escolhida Selenia entra na vida de Trez que o macho começa a mudar as coisas... Mas aí já é tarde demais. O compromisso de se emparelhar com a filha da Rainha chega e não existe lugar para onde correr, onde se esconder e não se pode negociar.

Preso entre seu coração e um destino para o qual nunca se ofereceu, Trez deve decidir se vai colocar em perigo a si mesmo e aos outros, ou deixar para trás, e para sempre, a fêmea por quem ele está apaixonado. Mas, então, uma tragédia inimaginável o golpeia e muda tudo. Encarando um abismo emocional, Trez deve encontrar uma razão para continuar ou o risco de perder a si mesmo e sua alma para sempre. E iAm, em nome do amor fraterno, aceita fazer o último sacrifício...

Irmandade dos Tradutores 

Irmandade dos Tradutores 

ÍNDICE

Glossário de Termos e Nomes Próprios	7
PRÓLOGO	12
Capítulo UM	18
Capítulo DOIS	23
Capítulo TRÊS	32
Capítulo QUATRO	36
Capítulo CINCO	43
Capítulo SEIS	54
Capítulo SETE	64
Capítulo OITO	71
Capítulo NOVE	80
Capítulo DEZ	90
Capítulo ONZE	97
Capítulo DOZE	103
Capítulo TREZE	112
Capítulo QUATORZE	119
Capítulo QUINZE	127
Capítulo DEZESSEIS	138
Capítulo DEZESSETE	148
Capítulo DEZOITO	157
Capítulo DEZENOVE	166
Capítulo VINTE	173
Capítulo VINTE E UM	181
Capítulo VINTE E DOIS	186
Capítulo VINTE E TRÊS	192
Capítulo VINTE E QUATRO	198
Capítulo VINTE E CINCO	205

Capítulo VINTE E SEIS	214
Capítulo VINTE E SETE	220
Capítulo VINTE E OITO	231
Capítulo VINTE E NOVE	239
Capítulo TRINTA	248
Capítulo TRINTA E UM	259
Capítulo TRINTA E DOIS	266
Capítulo TRINTA E TRÊS	274
Capítulo TRINTA E QUATRO	282
Capítulo TRINTA E CINCO	288
Capítulo TRINTA E SEIS	296
Capítulo TRINTA E SETE	304
Capítulo TRINTA OITO	312
Capítulo TRINTA E NOVE	320
Capítulo QUARENTA	328
Capítulo QUARENTA E UM	335
Capítulo QUARENTA E DOIS	343
Capítulo QUARENTA E TRÊS	350
Capítulo QUARENTA E QUATRO	356
Capítulo QUARENTA E CINCO	365
Capítulo QUARENTA E SEIS	370
Capítulo QUARENTA E SETE	378
Capítulo QUARENTA E OITO	383
Capítulo QUARENTA E NOVE	391
Capítulo CINQUENTA	395
Capítulo CINQUENTA E UM	404
Capítulo CINQUENTA E DOIS	411
Capítulo CINQUENTA E TRÊS	414
Capítulo CINQUENTA E QUATRO	423
Capítulo CINQUENTA E CINCO	429
Capítulo CINQUENTA E SEIS	437

Capítulo CINQUENTA E SETE	444
Capítulo CINQUENTA E OITO	451
Capítulo CINQUENTA E NOVE	455
Capítulo SESSENTA	463
Capítulo SESSENTA E UM	471
Capítulo SESSENTA E DOIS	477
Capítulo SESSENTA E TRÊS	486
Capítulo SESSENTA E QUATRO	491
Capítulo SESSENTA E CINCO	499
Capítulo SESSENTA E SEIS	503
Capítulo SESSENTA E SETE	508
Capítulo SESSENTA E OITO	516
Capítulo SESSENTA E NOVE	521
Capítulo SETENTA	525
Capítulo SETENTA E UM	530
Capítulo SETENTA E DOIS	537
Capítulo SETENTA E TRÊS	540
Capítulo SETENTA E QUATRO	546
Capítulo SETENTA E CINCO	552
Capítulo SETENTA E SEIS	559
Capítulo SETENTA E SETE	565
Capítulo SETENTA E OITO	572
Capítulo SETENTA E NOVE	580
Capítulo OITENTA	586
Capítulo OITENTA E UM	591
Capítulo OITENTA E DOIS	596
Capítulo OITENTA E TRÊS	600
Capítulo OITENTA E QUATRO	604
Capítulo OITENTA E CINCO	607
Capítulo OITENTA E SEIS	612
Capítulo OITENTA E SETE	616

Glossário de Termos e Nomes Próprios

Ahstrux Nohtrum (n.) Guarda particular com licença para matar, cujo posto é concedido a ele ou ela pelo Rei.

Ahvenge (v.) Cometer um ato de retribuição mortal, realizado geralmente por um homem amado.

Irmandade da Adaga Negra [Black Dagger Brotherhood] (pr. n.) Guerreiros vampiros altamente treinados que protegem sua espécie contra a Sociedade Lesser. Como resultado da seleção genética de sua raça, os Irmãos possuem uma imensa força física e mental, assim como uma rápida capacidade de se curar. A maior parte deles não são irmãos de sangue, e são introduzidos na Irmandade por nomeação pelos Irmãos. Agressivos, auto-suficientes e reservados por natureza, vivem separados do resto dos civis, mantendo pouco contato com os membros de outras classes, exceto quando precisam se alimentar. Eles são temas de lendas e objeto de reverência dentro do mundo dos vampiros. Podem ser mortos apenas pela mais séria das feridas, por exemplo, um disparo ou punhalada no coração, etc.

Escravo de sangue [blood slave] (n.) Macho ou fêmea vampiro que foi subjugado para cobrir as necessidades de sangue de outro vampiro. A prática de manter escravos de sangue foi recentemente declarada ilegal.

As Escolhidas [the Chosen] (pr. n.) Fêmeas vampiras que foram criadas para servir a Virgem Escriba. São consideradas membros da aristocracia, embora sejam um tanto mais espiritualmente do que temporalmente focadas. Têm pouca ou nenhuma interação com os machos, porém podem emparelhar-se com Irmãos por ordem da Virgem Escriba para propagar sua classe. Algumas possuem o dom de prever o futuro. No passado, eram usadas para cobrir as necessidades de sangue dos membros não emparelhados da Irmandade, e essa prática foi reinstalada pelos Irmãos.

Chrih (n.) Símbolo de morte honrosa na Antiga Língua.

Cohntehst (n.) Conflito entre dois machos competindo pelo direito de ser o companheiro de uma fêmea.

Dhunhd (pr. n.) Inferno.

Doggen (n.) Membros da classe servente do mundo vampírico. Os *Doggens* têm antigas e conservadoras tradições sobre como servir a seus superiores, segundo a um código formal de vestimenta e comportamento. Eles são capazes de sair durante o dia, mas envelhecem relativamente rápido. A expectativa de vida é de aproximadamente quinhentos anos.

Ehros (pr. s.) Uma *Escolhida* treinada nos assuntos das artes sexuais.

Exhile Dhoble (pr. n.) O gêmeo malvado ou amaldiçoado, aquele nasce em segundo lugar.

O Fade [the Fade] (n.) Reino atemporal onde os mortos se reúnem com seus entes queridos e passam a eternidade.

Primeira Família [First Family] (n.) O rei e a rainha dos vampiros, e quaisquer filhos que possam ter.

Ghardian (n.) Guardião de um indivíduo. Há vários níveis de *ghardians*, com o mais poderoso sendo o *sehcluded* de uma fêmea.

Glymera (n.) O núcleo social da aristocracia, aproximadamente o equivalente a corte no período da regência na Inglaterra.

Hellren (n.) Vampiro macho que se emparelhou com uma fêmea. Os machos podem ter mais de uma fêmea como companheira.

Leahdyre (n.) Uma pessoa de poder e influência.

Leelan (n.) Um termo carinhoso livremente traduzido como “querido (a)”.

Sociedade Lesser [Lessening Society] (pr. n.) Ordem de assassinos reunidos pelo Omega com o propósito de erradicar a espécie dos vampiros.

Lesser (n.) Humanos sem alma que se dedicam a exterminar vampiros, como membros da *Sociedade Lessening*. Os *Lessers* devem ser transpassados por uma punhalada no peito para serem mortos. Não comem ou bebem e são impotentes. Com o passar do tempo, seus cabelos, pele e íris perdem a pigmentação até que se tornam loiros pálidos e com os olhos claros. Cheiram a talco de bebê. Introduzidos na Sociedade pelo *Omega*, eles retêm um jarro de cerâmica onde consequentemente seu coração é colocado depois de ser removido.

Lewlhen (n.) Presente.

Lheage (n.) Um termo de respeito utilizado por um submisso sexual para se referir a sua dominante.

Lhenihan (pr.n) Uma fera mística famosa por suas proezas sexuais. No jargão moderno, refere-se ao macho de tamanho sobrenatural e vigor sexual.

Lys (n.) Ferramenta de tortura usada para remover os olhos.

Mahmen (n.) Mãe. Usado tanto como um identificador quanto um termo de afeição.

Mhis (n.) O disfarce de um dado ambiente físico; a criação de um campo de ilusão.

Nalla (n., f.) ou Nallum (n., m.) Amada (o).

Período de necessidade [needing period] (n.) Período de fertilidade das fêmeas vampiras, geralmente com duração de dois dias e acompanhado de um forte e ardente desejo sexual. Acontece aproximadamente cinco anos após a transição de uma fêmea e, posteriormente uma vez a cada dez anos. Todos os machos respondem em algum grau se estiverem perto de uma fêmea em seu período. Pode ser um momento perigoso com conflitos e brigas surgindo entre machos competindo, particularmente se a fêmea não é emparelhada.

Newling (n.) Uma virgem.

O Omega [the Omega] (Pr. n.) Ser místico e malévolo que quer exterminar a raça vampírica devido ao ressentimento que tem em relação à Virgem Escriba. Existe em um reino atemporal e possui extensivos poderes, embora não o poder de criação.

Phearsom (adj.) Termo referente a potencia dos órgãos sexuais do macho. A tradução literal seria algo como “digno de penetrar uma mulher”.

Princeps (n.) O mais alto nível da aristocracia vampírica, superado apenas pelos membros da Primeira Família ou pelas *Escolhidas* da Virgem Escriba. É um título que se deve ter por nascimento, não pode ser concedido.

Pyrocant (n.) Refere-se a uma fraqueza crítica em um indivíduo. A fraqueza pode ser interna, como um vício, ou externa, como um amante.

Rahlman (n.) Salvador.

Rythe (n.) Forma ritual de lavar a honra, oferecida pelo ofensor ao ofendido. Se aceito, o ofendido escolhe uma arma e ataca o ofensor, que se apresenta perante ele sem se defender do ataque.

A Virgem Escriba [The Virgin Scribe] (pr.n) Força mística que aconselha o rei como guardião dos registros vampíricos e concedente de privilégios. Existe em um reino atemporal e possui grandes poderes. Capaz de um único ato de criação, que usou para trazer os vampiros à existência.

Sehclusion (n.) Status conferido pelo rei a uma fêmea da aristocracia como resultado de uma petição pela família da fêmea. Coloca a fêmea debaixo da

autoridade exclusiva de seu *ghardian*, tipicamente o macho mais velho da família. Seu *ghardian* tem então o direito legal de determinar toda sua forma de vida, restringindo à vontade qualquer e toda interação que ela tenha com o mundo.

Shellan (n.) Vampira que se emparelhou com um macho. Fêmeas geralmente não tomam de um companheiro devido à natureza altamente territorial dos machos vinculados.

Symphath (n.) Subespécie do mundo vampírico caracterizada pela habilidade e desejo de manipular as emoções dos demais (com o propósito de uma troca de energia), entre outras peculiaridades. Historicamente, tem sido discriminados e durante certas épocas, caçados pelos vampiros. Eles estão próximos à extinção.

A Tumba [the Tomb] (Pr. N.) Cripta sagrada da Irmandade da Adaga Negra. Utilizada como local cerimonial assim como instalação de armazenamento para os jarros dos *lessers*. As cerimônias realizadas ali incluem: iniciações, funerais e ações disciplinares contra os Irmãos. Ninguém pode entrar, exceto os membros da Irmandade, a Virgem Escriba ou os candidatos à iniciação.

Trahyner (n.) Palavra usada entre machos de mútuo respeito e afeição. Traduzido livremente como “querido amigo”.

Transição [Transition] (n.) Momento crítico na vida dos vampiros quando ele ou ela se transforma em adulto. A partir daí, precisa beber sangue do sexo oposto para sobreviver e não suporta a luz do sol. Geralmente, ocorre por volta dos vinte e cinco anos. Alguns vampiros não sobrevivem à transição, machos em particular. Antes da mudança, os vampiros são fisicamente frágeis, inaptos ou indiferentes ao sexo e incapazes de se desmaterializar.

Vampiro [vampire] (n.) Membro de uma espécie distinta da *Homo sapiens*. Vampiros devem beber o sangue do sexo oposto para sobreviver. O sangue humano os mantém vivos, embora a força não dure muito tempo. Depois de suas transições, o que ocorre entre os vinte anos, eles são incapazes de se expor a luz do sol e devem se alimentar diretamente da veia regularmente. Os vampiros não podem “converter” humanos através de uma mordida ou transfusão de sangue, embora em raras ocasiões possam reproduzir-se com membros de outras espécies. Podem desmaterializar-se à vontade, porém devem se acalmar e se concentrar para fazê-lo e não podem carregar nada pesado com eles. São capazes de extrair as lembranças de um humano, contanto que tais as lembranças sejam

de curto prazo. Alguns vampiros são capazes de ler mentes. A estimativa de vida é superior a mil anos, ou em alguns casos ainda maior.

Wahlker (n.) Um indivíduo que morreu e voltou à vida do *Fade*. A eles é concedido um grande respeito a são reverenciados por suas tribulações.

Whard (n.) Equivalente a padrinho ou madrinha de um indivíduo.

PRÓLOGO

TERRITÓRIO s'HISBE, PALÁCIO PRINCIPAL

As pegadas que ele deixou sobre o mármore branco eram vermelhas. Vermelhas como um rubi birmanês. Vermelhas como o núcleo de um incêndio. Vermelhas como a raiva em sua medula.

O sangue era do próprio TrezLath, mas ele não sentia nenhuma dor.

A arma do crime que ele acabou de usar, uma afiada faca de prata esterlina quase tão longa quanto sua mão e tão estreita quanto seu dedo indicador, ainda estava na palma de sua mão. Estava pingando, mas aquilo não era a fonte da mancha que estava deixando para trás. Ele foi ferido na luta. Seu quadril. Sua coxa. Talvez seu ombro, não tinha certeza.

O corredor tinha um quilômetro e meio de comprimento e era muito alto, e ele não sabia o que lhe aguardava em seu término. Uma porta, ele orou. Tinha de haver uma porta de algum tipo, este era o caminho para fora do palácio, então tinha de ter... Uma saída. E como ele chegaria a ela? Não tinha ideia de como ia sair. Mas, ele também não tinha ideia de como matar outro macho vivo, e tinha feito aquilo minutos atrás.

Além disso, ele não tinha nenhum plano para o que estava do outro lado do recinto do palácio ou de como ia passar pelos muros de contenção do Território. Não fazia ideia para onde ir, o que fazer. Tudo o que sabia era que não podia ficar mais naquela cela. Era suficientemente luxuosa, com lençóis de seda em um colchão de penas, um banheiro que tinha a sua própria piscina e um chef particular para alimentá-lo. Ele tinha livros escritos pelos Mestres Sombras à sua disposição e uma equipe completa de cuidadores especialistas, curandeiros, salvavidas, treinadores. Quanto à sua roupa? Suas vestimentas agora-rasgadas eram cravejadas com pedras preciosas do tesouro: diamantes, esmeraldas e safiras caíam em forma de cascata pelas suas vestes.

E, no entanto, seu corpo era considerado muito mais valioso do que a generosidade que possuía.

Trez era o sagrado novilho cevado, o valioso garanhão de procriação, o macho cujo mapa de nascimento proclamou que ele iria procriar a próxima geração de Rainhas.

Ele ainda não tinha sido chamado para o serviço sexual. O que viria com o tempo, quando a princesa com a qual ele iria emparelhar alcançasse sua maturidade astrológica.

Trez olhou por cima do ombro. Ninguém estava vindo atrás dele, mas isso mudaria assim que o corpo abatido daquele guarda que ele dominou fosse achado, e isso não ia demorar. Sempre havia alguém observando.

Se ele pelo menos pudesse...

Justamente à sua frente, uma porta que estava alinhada à parede deslizou de volta, e uma enorme figura vestida de preto entrou diretamente em seu caminho.

s'Ex, carrasco da Rainha, tinha o capuz de sua cota de malha no lugar, suas feições cobertas pelo trançado do metal. Mas, a visão de seu rosto era desnecessária.

Sua voz, profunda e cruel, era pura ameaça. — Você matou um de meus machos.

Trez parou em um impasse, as vestes arrastando em silêncio no chão. Olhando para baixo para a faca na mão, ele sabia que a frágil “arma” não iria levá-lo a lugar nenhum contra o Sombra que ele agora encarava. A lâmina de prata foi projetada para cortar peras e maçãs, nem mesmo filé mignon.

E o carrasco não era como aquele guarda.

— Você está tentando partir. — s'Ex não deu um passo a frente, mas parecia mais perto de qualquer maneira. — O que não é apenas inaceitável, do meu ponto de vista, mas contra a lei.

— Então me mate como punição, — Trez disse com uma voz cansada. — Corte meu corpo em pedaços e enterre os pedaços fora do Território como o traidor que sou.

— Eu faria exatamente isso. Em retribuição por tirar a vida do meu guarda. — s'Ex cruzou seus pesados braços sobre seu tórax largo. — Mas a simples batida do seu coração e respiração dentro de seus pulmões é divina. Então, esse caminho não está aberto para mim, ou para você.

Trez fechou os olhos brevemente. Seus pais tinham ficado emocionados com a notícia de que um de seus dois filhos fraternos nasceram no momento perfeito

no tempo, um predestinado, estrelas-alinhadas em uma fração de segundos que transformaria a família, uma bênção para eles, acompanhada com riqueza e posição social; para ele uma maldição que tinha roubado sua vida enquanto ainda vivia.

— Nem sequer pense sobre isso, — o carrasco disse.

Quando Trez ergueu suas pálpebras, ele descobriu que colocou a faca em sua própria garganta. Sua mão estava tremendo muito, mas ele estava empurrando a lâmina o suficiente para cortar a pele sobre sua artéria.

Seu sangue, quente e suave, acariciando sobre seu punho fechado.

A risada de Trez parecia louca para seus próprios ouvidos. — Eu não tenho nada a perder, exceto uma sentença de prisão perpétua pelo crime de ter nascido.

— Oh, eu acho que você tem. Não, não desvie o olhar, você vai querer ver isso.

O carrasco acenou para a porta aberta e algo foi empurrado para fora...

— Não! — Trez gritou, sua voz ecoando acima e abaixo pelo corredor. — Não!

— Então você o reconhece. — s'Ex desenrolou os braços e puxou as mangas, deliberadamente exibindo as juntas sangrentas. — Apesar do meu trabalho. Então novamente, os dois estão juntos há quanto tempo?

A visão de Trez entrou e saiu de foco enquanto ele procurava os olhos do seu irmão. Não havia olhar para manter. iAm não estava consciente, com a cabeça pendendo para um lado, com o rosto espancado até que estivesse muito inchado, as feições estavam distorcidas. Seu corpo estava amarrado em uma roupa de couro surrado que ia desde abaixo de seus joelhos por todo o caminho até os ombros e estava presa por um conjunto de fivelas de metal. Manchas, novas e velhas, escureciam o marrom das correias e embaçavam o brilho das peças de metal.

— Me dê, — ordenou a s'Ex.

Quando o carrasco agarrou a parte de trás da alça, ergueu o corpo inerte de iAm do chão sem mais esforço do que ele poderia colocar em levantar uma garrafa de vinho.

— Por favor... — Trez implorou. — Ele não está nisso... Deixe-o ir...

Por alguma razão, as pernas do seu irmão balançando ficaram registradas com clareza nauseante. Apenas um dos sapatos de iAm ainda permanecia, o outro foi perdido onde quer que o rapto e a tortura aconteceu. E os dois pés estavam

apontando para dentro, os dedos dos pés se tocando, um balançando estranhamente de um tornozelo quebrado.

— Agora, Trez, — s'Ex disse, — você achou que sua decisão não iria afetá-lo? Estou te dizendo para abaixar a faca. Se você não fizer, eu vou fazer isso, — o carrasco movimentou o corpo inerte de iAm para cima e para baixo, — e vou acordá-lo. Você sabe como vou fazer isso? Vou fazer assim, — em sua mão livre, ele exibiu uma faca serrilhada, — e colocá-la em seu ombro. Então vou torcer até que ele comece a gritar.

Trez começou a piscar as lágrimas. — Deixe-o ir. Isso não tem nada a ver com ele.

— Abaixar a faca.

— Deixe-o...

— Devo demonstrar?

— Não! Deixe-o...

s'Ex esfaqueou o ombro de iAm com tanta força, a lâmina cortou pelo couro e entrou na carne.

— Torção? — s'Ex vociferou sobre o grito. — Sim? Ou você está soltando essa faca de manteiga?

O ruído da prata batendo no chão de mármore foi abafado pelas ásperas respirações arrastadas de iAm.

— Foi isso o que pensei. — s'Ex puxou a faca e iAm começou a gemer e tossir, sangue salpicando o chão. — Vamos voltar para os seus aposentos.

— Deixe-o ir primeiro.

— Você não está em posição de fazer exigências.

Guardas saíram daquela porta escondida em um enxame, todas as figuras com túnicas pretas e máscaras de cota de malha. Eles não o tocaram. Eles não tinham permissão. Eles o cercaram e começaram a caminhar, empurrando-o junto com seus corpos. Forçando-o a voltar para o lugar de onde escapou.

Trez lutou contra a maré, elevando-se nas pontas dos pés, tentando ver seu irmão.

— Não o mate! — Ele gritou. — Eu vou! Eu vou... Só não o machuque!

s'Ex ficou onde estava, aquela lâmina entalhada, ensanguentada capturando a luz, enquanto ele a segurava no alto. Como se estivesse considerando os principais órgãos para a próxima facada.

— *Depende de você, Trez. Tudo...*

Algo estalou.

Mais tarde, quando a luz branca se desvaneceu da visão de Trez e a onda atingiu o auge, quando o rugido foi silenciado e uma dor estranha nas mãos dele começou a subir pelos antebraços, quando ele já não estava em pé, mas de joelhos, ele ia perceber que o primeiro guarda que ele tinha matado aquela noite estava longe de ser seu último.

Ele iria perceber que de alguma forma ele assassinou com as próprias mãos todos os que o haviam cercado...

... E s'Ex ainda estava lá com seu irmão.

Mais do que as mortes que causou, e o horror pela prisão de iAm com ele, mais do que o sangue com aroma de cobre que era tão vermelho e agora não só marcava suas pegadas, ele se lembraria da risada suave que se filtrava pelas correntes de malha cobrindo o rosto do carrasco.

Uma risada suave.

Como se o carrasco aprovasse a carnificina.

Trez não riu. Ele começou a soluçar, erguendo as mãos sangrentas, até as lágrimas em seu rosto.

— Os mapas astrológicos não mentiram, — s'Ex disse. — Você é uma força nesse mundo, bem adequada para a procriação.

Trez caiu a um lado, aterrissando no sangue, as jóias incorporadas no seu manto cravando em sua carne. — Por favor... Deixe-o ir...

— Volte para os seus aposentos. Voluntariamente e sem ferir ninguém.

— E você vai deixá-lo ir?

— Você não é o único que pode matar. E diferentemente de você mesmo, eu fui treinado na arte de fazer coisas vivas sofrerem. Volte para os seus aposentos e não vou fazer o seu irmão desejar, como você faz, que ele nunca tivesse nascido.

Trez olhou para suas mãos. — Eu não pedi por isso.

— Ninguém pede a vida. — O carrasco ergueu o corpo de iAm mais alto. — E, às vezes, eles não pedem a morte. Você, porém, está na posição de controlar este último quando se trata deste macho. Então o que você vai fazer? Lutar contra um destino que você não pode mudar e condenar este inocente a um sofrimento miserável, prolongado? Ou cumprir um dever sagrado, muito antes de você ter encontrado grande honra no provimento de nosso povo?

— Nos deixe ir. Nos deixe ir.

— Não cabe a mim. Seu mapa é o que seu mapa é. Seu destino foi determinado pelas contrações de sua mãe. Você não pode lutar contra isso mais do que poderia lutar contra eles.

Quando Trez finalmente tentou se levantar, ele encontrou o chão escorregadio. O sangue. O sangue que ele tinha derramado. E quando ficou em pé, teve de lutar através do emaranhado horrível de corpos, passando por cima de vidas que ele sabia que não eram suas para tomar.

Os passos que ele deixou sobre o mármore eram vermelhos. Vermelhos como um rubi birmanês. Vermelhos como o núcleo de um incêndio. E os que ele deixou agora estavam paralelos ao seu primeiro conjunto de pegadas, afastando-o da fuga que ele tinha buscado desesperadamente.

Teria ficado animado em saber que em uns vinte anos, três meses, uma semana, e seis dias a partir deste momento, ele ficaria livre e por algum tempo. E ia chocá-lo até o núcleo dormente da sua alma que ele, algum tempo depois disso, voluntariamente retornaria ao palácio.

O carrasco falou a verdade naquela noite.

O destino era tão indiferente e influente quanto o vento em uma bandeira, levando o tecido de uma existência individual, aqui e ali, sujeitando aquilo que balançava ao seu capricho sem uma pergunta sobre o que a bandeira poderia ter desejado.

Ou pelo que ela poderia ter rezado.

Capítulo UM

BOATE SHADOWS, CALDWELL, NOVA IORQUE

Não houve nenhuma batida. A porta do escritório apenas se escancarou como se alguém tivesse atingido ela com explosivos. Ou um Chevy. Ou uma...

Trez “Latimer” olhou diante da papelada em sua escrivaninha. — Big Rob?
... Bala de canhão.

Enquanto o seu segundo segurança em comando gaguejada e entrava com todos os tipos de apertos de mão, Trez olhou sobre seu ombro no seu espelho falso de seis por três metros atrás de toda a sua central de comando *Capitão Kirk*. No piso abaixo, seu novo clube estava bombando, humanos se moendo em torno do espaço aberto do armazém convertido, cada um dos pobres bastardos doentes representando um par de cem dólares de lucro, dependendo de qual seu vício fosse e do quanto disso eles precisavam para energizar o suco.

Era noite de abertura na shAdoWs, e ele esperava problemas.

Só não o tipo que faria um segurança veterano vir todo *menininha de doze-anos-de-idade* até ele.

— Que porra está acontecendo? — Ele exigiu enquanto levantava e dava a volta.

— Eu... Você... Eu... O sujeito... Ele...

Ache sua voz rápido, Trez pensou. *Ou eu vou bater a porra de algumas palavras em você, meu rapaz.*

Finalmente, o segurança desembuchou, — Precisa ver isto por você mesmo.

Trez seguiu Big Rob para fora e correu escada abaixo. Seu escritório tinha bloqueio automático, não que ele tivesse quaisquer segredos encerrados lá. Ele, no entanto, tinha um bom par de sofás de couro, e alguns equipamentos de monitoração de vídeo que poderiam ir para o eBay, além do mais, ele não gostava de pessoas em seus espaços.

— Silent Tom está contendo o problema, — Big Rob gritou por cima do barulho enquanto eles alcançavam o andar térreo.

— Como isso pode ser um derramamento químico?

— Eu não sei o que é.

“About the Money”, do rapper T.I., estava bombando tanto que formou uma presença física no ar, se tornando algo que Trez teve de lutar para passar através, enquanto eles faziam o caminho passando o rapaz da segurança que guardava a entrada para o corredor de salões privados.

Assim como em seu outro clube, o Iron Mask, esse tinha de ter sua pequena fatia de Ninguém-Pode-Ver para seus clientes. Era suficientemente enganador correndo o anel da prostituição em Caldwell, Nova Iorque, sem ter pessoas reluzindo suas partes corporais livres a céu aberto.

— Aqui atrás, – Big Rob disse.

Silent Tom era como uma parede humana em frente à porta fechada do terceiro quarto privado abaixo. Mas, Trez não precisou ter qualquer revelação para somar dois mais dois: Seu nariz adicionou muito bem àquela matemática.

O doentio fedor adocicado do *lesser* penetrou o corredor, prevalecendo acima do suor e sexo dos humanos que estavam ao redor.

— Lemme está olhando, – ele disse severamente.

Silent Tom andou de lado. — Ainda se movendo. Qualquer inferno que isso seja.

Sim, o assassino provavelmente estava. Aqueles fodidos precisariam ser mortos de uma maneira específica ou eles apenas continuariam se movendo... Mesmo que estivessem em pedaços.

— Nós vamos ter que chamar uma ambulância, – Big Rob disse. — Eu fiz isto. Não quis dizer para...

Trez levantou sua mão. — Você é bom. E afaste o 911.

Abrindo a porta, ele fez uma careta quando o fedor se formou, e então pisou no interior do quarto de nove metros quadrados. As paredes e o chão eram pintados de preto, o teto espelhado, uma única inserção de luz brilhando suavemente no alto de suas cabeças. O assassino estava enrolado em um canto distante sob o fodido banco embutido, gemendo e sangrando uma mancha de óleo que cheirava como um morto atropelado misturado com biscoitos de aveia recém-assados e talco de bebê da Johnson & Johnson.

Repugnante. E mais uma vez, isso apagou dele o Mrs. Fields¹, que ele não apreciava... E crianças, com as quais ele não se importava.

Ele verificou seu relógio. Meia noite. Xhex, sua chefe de segurança, estava apreciando uma rara noite fora com seu companheiro, John Matthew... E Trez teve de forçar a fêmea a tirar uma folga, porque era o único tempo da semana que seu *hellren* tinha além da sua rotina com a Irmandade da Adaga Negra.

Ele iria ter de lidar com isto ele mesmo.

Trez pisou de volta corredor afora. — Certo, então o que aconteceu?

Big Rob discretamente ostentou um punhado de pacotes pequenos de celofane com pó dentro deles assim como um chumaço de notas. — Nós o achamos empurrando isto. Ele conseguiu entrar. Eu o estalei e então ele lutou de volta... Ele era um fodido demônio, e quando ele puxou a faca, percebi que eu estava em apuros. Fiz o que tinha de fazer.

Trez amaldiçoou quando reconheceu o símbolo estampado na heroína ensacada. Não era nada humano... E era a segunda vez que ele via isto.

Isto era o Idioma Antigo vampírico... E a merda estava com um *lesser* novamente? Desta vez com um negociante?

Ele pegou as drogas e colocou em seu bolso. Deixou sua segurança manter o dinheiro. — Você teve sorte que não foi morto.

— Eu conversarei com a polícia. Tudo está filmado.

Trez agitou sua cabeça. — Nós não estamos envolvendo o Departamento de Polícia.

— Nós não podemos apenas deixá-lo lá. — Big Rob relanceou em seu companheiro mudo. — Ele vai morrer.

Era o trabalho de um instante dominar as mentes dos humanos. De ambos. Como um Sombra, Trez era como qualquer outro vampiro, capaz de se intrometer em um cerebelo e reorganizar pensamentos e memórias como se eles fossem poltronas e sofás em uma sala de estar.

Ou talvez removê-los da casa completamente.

O corpo do Big Rob relaxou imediatamente e ele assentiu. — Oh, claro. Nós podemos segurar aqui. Nenhum problema, chefe... E não se preocupe, você não quer ninguém lá? Você conseguiu isto.

Trez estapeou o homem nas costas. — Eu sempre posso contar com você.

¹ Mrs. Fields é um dos maiores varejistas de recém-assados, na área de biscoitos especiais, cookies e brownies nos EUA.

Voltando para seu escritório, ele continuou amaldiçoando. Ele foi para os Irmãos meses atrás, quando tinha encontrado o primeiro assassino com esta merda nele. E ele até tentou acompanhar isso adiante com eles. Mas, a vida seguiu o seu curso, e coisas como o s'Hisbe vieram depois dele, e Selena e ele...

O mero pensamento da fêmea Escolhida o fez fechar os olhos e hesitar seus pés nos degraus.

Entretanto ele se livrou da dor aguda. Porque era isso ou entrar em um rodopiante buraco negro. As boas notícias? Ele gastou bastante tempo ao longo dos últimos nove meses tentando puxar sua mente, suas emoções, sua alma, fora do tópico Selena.

Então ele estava acostumado a este tipo de levantamento de peso.

Infelizmente, ela se mantinha como uma preocupação constante, como se ele estivesse com uma febre de baixo nível que o obstinava não importasse o quanto ele dormisse e tentasse comer direito.

E em algumas noites, era muito mais que preocupação... Que foi o porquê de ele ter deixado a mansão da Irmandade, por vezes, e trombar de volta ao seu apartamento no Commodore.

Afinal, machos vinculados poderiam ser perigosos, e o fato de que ele não estava com ela... E não deveria estar... Significava absolutamente nada para aquele lado dele. Especialmente quando ela estava alimentando lutadores que não podiam, por qualquer razão, tomar as veias de suas companheiras.

Isso estava deixando-o louco.

Ela era uma serva virtuosa da Virgem Escriba, e ele era um reformado viciado em sexo com um condenado padrão enclausurado de vida pairando sobre sua cabeça... E, no entanto, de acordo com seu pau e bolas, isto era uma receita para amor verdadeiro.

Sim. Existia alguma matemática justa para você.

Deus, ele estava quase aliviado que tinha um assassino vazando por toda parte em um de seus quartos de sexo. Pelo menos deu a ele uma bomba para dismantelar... O que era melhor do que olhar para aquela multidão anônima de estranhos que estavam alimentando seus próprios vícios graças às mulheres e bebidas que ele lhes fornecia.

Enquanto ele esperava pelo outro par para cair de volta para casa.

No s'Hisbe.

Capítulo DOIS

O PIT, MANSÃO DA IRMANDADE

Rhage olhou por cima do *Caldwell Courier Journal*. Do seu ponto de vista do sofá de couro de V e Butch, ele tinha mais visão, do que de fato queria, de um Lassiter sem camisa jogando consigo mesmo.

Pebolim, era aquilo.

O anjo caído estava trabalhando na mesa de V como um profissional, replicando para trás e para frente entre os dois lados... E atirando insultos a si mesmo.

— Pergunta, — Rhage murmurou, enquanto ele reorganizava a perna ferida.
— Alguma de suas personalidades está ciente de que você é esquizo-aberrafrênico?

— Sua mãe é tão estúpida, — Lassiter desmaterializou e reestruturou no lado mais distante, girando os manetes... — ela acha que uma moeda de dez Californianas² é algo que você usa em um orelhão.

V chegou e tirou fora uma carga. — Isso é distúrbio de personalidade múltipla, Hollywood. Não esquizofrenia.

O irmão colocou um malote de couro com tabaco e um maço de papéis para enrolar sobre a pilha de revistas *Sports Illustrated*... Exatamente quando Lassiter disparou um grito de triunfo.

— Oh, olha, — V disse em voz baixa. — O idiota está finalmente vencendo.

Rhage resmungou enquanto tentava encontrar uma posição melhor para sua perna. Ele e V deveriam estar fora combatendo... Exceto por um *lesser* ter ido todo chef Gordon Ramsay para cima dele com uma faca enferrujada e V tinha uma ferida de bala atravessada no ombro esquerdo.

2 No original Lassiter usa a expressão *Califórnia dime*. Trata-se de uma expressão associando uma perfeita moeda de 10 centavos com os padrões de beleza Californianos. Com tantas mulheres bonitas na Califórnia para ser uma *Califórnia dime* você precisa satisfazer um padrão mais elevado.

Pelo menos eles dois estariam imediatamente de volta em mais 24 horas, em grande parte graças à Selenia. Sem ela sendo tão generosa com a sua veia, eles não seriam capazes de curar tão rapidamente... Especialmente considerando que nenhuma de suas companheiras era capaz de satisfazer suas necessidades nutricionais dessa forma.

Mas, cara, isso desgastava, sentar-se ao redor como um par de aleijados.

E depois havia o fator Lassiter.

O Pit estava, sobretudo, como sempre foi: cheio de sacos de ginástica, equipamentos de som e computação, essa mesa de Pebolim, e uma TV do tamanho de um parque metropolitano. O SportsCenter estava ligado, falando do futebol universitário ao longo da NFL; havia garrafas *mortas-em-ação* de vodka Grey Goose em todos os lugares; e o guarda-roupa de Butch estava agora se derramando no corredor. Ah, e sim, “Hell of a Night”, do rapper Schoolboy Q, estava estrondando nos alto-falantes.

Mas, não era mais e exclusivamente um apartamento de solteiro. Prolongava no ar a impressão do perfume de Marissa... Alguma coisa Chanel?... E a maleta médica da Dra. Jane estava na mesa de café. Aquelas vodkas sem vida? Apenas desta tarde e noite, e V estava manejando repô-las antes que falisse. E depois havia a Revista científica de medicina *Journal of the American Medical Association*, e as revistas *People*.

Oh, e a cozinha estava limpa, com frutas frescas em uma tigela e uma geladeira cheia de outras coisas como sobras de sanduíches do Arby's e pacotes de molho de soja.

Rhage tinha mergulhado o dedo do pé em uma bacia com gelo, tão logo ele tinha entrado, agarrando meio galão de sorvete de hortelã com gotas de chocolate. Isso foi cerca de meia hora atrás, e ele estava se sentindo faminto novamente. Talvez fosse a hora de retornar à casa principal...

Enquanto o “Holy Ghost”, do rapper Jeezy, interrompia, Lassiter começou a cantar rap.

Rap.

— Por que você o convidou? — Perguntou Rhage... Exatamente quando V estendeu sua língua para lambar e fechar um de seus cigarros enrolados à mão. — E Jesus, quando no *inferno* você perfurou isso?

— Eu não fiz. Ele nos seguiu através do pátio. E há um mês.

— Por que você faria isso a si mesmo?

V lançou um sorriso maligno do sofá, suas pálpebras caindo sobre os olhos de diamante. — Jane gosta.

Rhage voltou para o seu jornal. — Muita informação, meu irmão.

— Como se você não fosse fazer o mesmo se Mary quisesse.

— Dra. Jane *pediu* isso? Como se esse seu cavanhaque já não fosse merda o suficiente enfeitando esse esconderijo de torta? Vamos!

Tudo o que ele conseguiu foi mais um daqueles sorrisos.

— Continuando... — Ele se focou no horóscopo. — Ok, de qual signo você é, Lassiter?

— Eu sou fabuloso, — o anjo caído cintilou do outro lado... — com o sol nascendo no meu quadrante Beije-Minha-Bunda. E antes que você continue perguntando, eu fui feito, não nascido, então não tenho um aniversário.

— Eu vou te dar uma data de sepultamento, — V interveio.

— Que tal uma camisa? — Rhage virou para a próxima página. — Apenas uma camisa. Será que te mataria se você se cobrisse, anjo? Ninguém precisa ver isso.

Lassiter deu às ações uma pausa... E, em seguida, começou a imitar um Channing Tatum contra a mesa, indo todo Magic Mike por cima do gol, enquanto ele gemia como se estivesse tendo um orgasmo.

V cobriu os olhos. — Nunca pensei que iria orar por cegueira.

Rhage amassou o papel e jogou no Lassiter. — Oh, vamos lá, imbecil! Eu quero usar essa coisa algum dia...

O telefone de Rhage manifestou uma convulsão, vibrando contra sua bunda até que ele se inclinou para o lado e escavou para fora do bolso de trás da calça de couro. — Sim, — ele disse, sem olhar para o número.

A voz de Trez foi baixa. — Eu tenho um problema.

— O que está fazendo?

— Incapacitei um *lesser* no meu clube. Fiz um trabalho de limpeza em meus seguranças... Especialmente no que lutou com ele... Mas isso não se manterá.

Rhage fincou em seus pés. — Estarei lá em cinco minutos.

— Valeu cara.

Terminada a chamada, Rhage acenou para V. — Vamos lá, eu sei que estamos de camisa vermelha³, mas esta não é uma situação de combate.

— Não precisa me pedir duas vezes. Aonde nós vamos?

Lassiter esclareceu de seu encargo. — Viagem de campo!

— Não...

— Não...

— Eu posso ser tão útil quanto decorativo, você sabe.

V começou a armar-se, fazendo uma careta enquanto prendia e deslizava em seu coldre um par de afiadas e brilhantes adagas, alçando-as para baixo. — A dúvida é se vamos precisar de um aríete.

— Talvez nós tenhamos sorte. — Rhage dirigiu-se à porta. — Mas eu não apostaria nisso.

— Eu não quero ficar aqui sozinho...

— E você não é tão decorativo, anjo.

Lá fora, a noite era toda sobre o outono, o frio, e o ar fresco de Setembro, fazendo as narinas de Rhage zumbirem e sua besta ondular sob sua pele enquanto ele caminhava em frente ao pátio de entrada da grande mansão de pedra.

Cara, ele não podia esperar por sua Mary chegar em casa de seu trabalho no Lugar Seguro.

Toda aquela conversa sobre línguas e fêmeas os preferindo em certos lugares... Ok, tinha sido mais ou menos três frases, mas que tinha sido mais do que suficiente... Tinha pegado ele com força.

Dez minutos, duas calibre quarenta, um par de adagas e uns 90 cm de comprimento de correntes depois, ele se desmaterializou até o Meatpacking District de Caldwell com V, ambos materializando em frente à nova aquisição de Trez. A shAdoWs estava localizada em um armazém reformado e, como de costume com qualquer um dos lugares dos Sombra, havia uma fila serpenteando pelo bloco, humanos em pé, como vacas prestes a entrar em um galpão de alimentação. Enquanto isso a música colidia, as luzes piscavam e feixes de laser atravessavam os milhares de painéis de vidro, fazendo com que o local parecesse com uma viagem psicodélica de três andares de altura preso sob um telhado de zinco.

³ *Redshirt*: expressão que se originou na série de TV *Star Trek*, onde os figurantes de camisa vermelha morriam durante os episódios.

Enquanto eles andavam, passando ao redor, havia todos os tipos de cabeças virando, mas que seja. Mulheres humanas tinham uma maneira de perceber vampiros... Talvez fosse uma coisa hormonal; talvez fosse o couro preto.

Certamente não foi esse cavanhaque. Vamos lá, porra.

E sim, pode ter havido um tempo no passado, quando ele teria sido obrigado a tirar proveito das mercadorias duvidosas, mas não mais. Ele tinha sua Mary, que era mais do que suficiente para ele. V tinha o mesmo com Jane.

Bem, Jane adicionando uma dose “saudável” de chicotes e correntes.

Insano.

A entrada dos fundos do clube tinha um duplo acesso, um trecho de bloqueio triplo de *Somente Autorizados*, e obviamente uma câmera de segurança em algum lugar, porque no momento em que se aproximaram, um segurança abriu as coisas.

— Você está...?

— Sim. — V invadiu o local. — Onde está Trez?

— Por aqui.

Salões escuros. Estúpidos, humanos bêbados. Doentes e drogados e meninas trabalhando. E então havia Trez, do lado de fora de uma porta preta sob uma luz negra.

O Sombra causava uma impressão, mesmo adiante, com dez metros de distância. Ele era alto e tinha um triângulo invertido como torso, ombros pesados grandes descarregando em uma cintura firme, com coxas grossas e pernas longas fixando a apresentação de fundo. Sua pele era da cor da mesa da sala de jantar de mogno da mansão, seus olhos negros como a noite, com o cabelo cortado baixo a quase nada, porém havia um padrão em seu crânio. Tudo isso era apenas bela visão da fachada, no entanto.

A verdade é que ele era mais perigoso por conveniência do que por qualquer coisa que você pudesse comprar em uma mostra de arma.

Sombras eram mortais, capazes de truques dos quais até os membros da Irmandade ficavam impressionados... E sua espécie geralmente se protegia, aderindo às maneiras territoriais do s'Hisbe fora da cidade. Trez e seu irmão, iAm, eram exceções à essa regra.

Alguma relação com Rehvenge. Não que Rhage já tenha perguntado.

— Onde ele está? — V perguntou enquanto batia as mãos com o Sombra.

— Aqui.

Rhage fez o mesmo, cumprimentando o Sombra com um forte abraço. — Como vai você?

— Temos nós mesmos uma complicação. — Trez recuou e abriu a porta. — E não do tipo que vocês estão pensando.

O “morto” estava se movendo no chão, contorcendo seus braços e pernas lentamente. As coisas estavam quebradas em vários lugares, um pé apontando na direção errada, um cotovelo inclinado em um ângulo entortado para cima, e havia uma boa quantidade de vazamento acontecendo, o piso empoçado do óleo negro ensanguentado do Ômega.

— Bom trabalho, — disse Rhage, tirando fora um pirulito Tootsie Pop de uva de sua jaqueta e arrebetando o invólucro. — Bouncer fez isso?

— Big Rob. — Trez colocou a mão para fora. — E aqui está a complicação.

No centro de sua palma havia um punhado nada especial de pacotes de drogas...

Espere um pouco.

V pegou as coisas com a mão enluvada. — Exatamente como os quais você deu para Butch, certo?

— Exatamente.

— Sim, isto é um negócio.

— Alguma coisa resultou dessa merda anteriormente?

— Butch falou com Assail, que desmentiu, negou que ele estivesse fazendo negócios com eles. E foi isso. Sem mais nada para continuar, tínhamos outras prioridades, entendeu?

Rhage mastigou o centro de chocolate enquanto se inclinava e fazia algumas mas-que-porra sondagens de sua autoria. As drogas foram marcadas com um selo vermelho... Com o símbolo do Antigo Idioma para morte.

O chrih.

Assail iria estar em algumas merdas sérias, se estivesse usando o inimigo para ter o seu produto nas ruas.

V arrastou a mão livre pelo seu cabelo preto. — Agora eu sei por que você apenas não apunhalou essa coisa de volta para o Ômega.

— Meu segurança disse que o assassino entrou com a multidão e teve seu caminho ao redor, fazendo pequenas negociações. Ele foi convidado a sair,

argumentou, atacou, e em seguida foi o momento de alguns apagar de luzes no tempo em que Big Rob tomava conta dos negócios. É a primeira vez que este *lesser* em particular tem estado em torno, mas isso não quer dizer muito, porque é a noite de inauguração. O ponto de partida, no entanto, é que eu não deixo as pessoas negociarem em minhas articulações, humanos ou o que quer que seja. Não quero estar na lista de tarefas do Departamento de Polícia mais do que já estamos...

Enquanto continuava falando, Rhage chupou o palito branco limpo e encontrou-se avaliando o Sombra.

Cortando a conversa, ele exigiu: — Por que você não vem mais para a Última Refeição?

O olhar de diamante sólido de V virou. — Meu irmão, foco.

— Não, estou falando sério. — Ele apoiou o quadril na parede preta. — O que há, Trez? Quer dizer, a nossa comida não é boa o suficiente para você?

Deixando a garganta aclarar do lado do Sombra. — Oh, não, sim, eu estou apenas... Ocupado, você sabe. Abrindo este...

— E quando foi a última vez que você se alimentou? Você parece uma merda.

Vishous levantou as mãos. — Hollywood, você precisa ficar no jogo...

— Você sabe, usei Selenia esta noite e seu sangue é impressionante...

Tudo aconteceu tão rápido. Em um minuto V estava tagarelando para ele enquanto trazia o ponto muito saliente que o Sombra precisava tomar uma veia.

No seguinte, a palma do tamanho de uma raquete de Trez estava trancada em seu pescoço, cortando todo o seu suprimento de ar.

Enquanto o cara mostrava os dentes e rosnava como se Rhage fosse o inimigo.

Em um piscar de olhos, e apesar do ferimento desagradável no ombro, Vishous contra-atacou o Sombra, abordando-o em uma total batida de corpos, enquanto Rhage agarrava naquele pulso grosso para puxar o aperto livre. Incrivelmente, não deu em nada. Mesmo com o fechamento de V, contra os trezentos quilos tentando erguer Trez fora, e toda a força de tração de Rhage se jogando na mistura, o Sombra era uma parede de tijolos indo a lugar nenhum, mal se movendo.

E, em seguida, os três tinham algo com que realmente se preocupar.

Rhage piscou, e quando ele abriu os olhos, uma luz brilhante inundou o espaço preto apertado.

— Foda-se, — V trincou. — Deixe-o ir Trez, porra! Temos problemas!

Sob a pele de Rhage, sua besta subiu para a vida, acordado pela ameaça mortal.

— Trez! Solte!

Algo conseguiu parar o Sombra... Não sabia se era toda aquela luz, ou o fato de que as feições de Rhage já estavam começando a se transformar... E ele afrouxou o agarre um pouco.

V tirou-o de lá, jogando o Sombra no chão liso e saltou sobre ele, com uma adaga negra reluzindo para fora e sendo colocada diretamente na jugular.

Em uma vergada maldição, Rhage tossiu e respirou fundo algumas vezes. Merda. Sua besta teve o gatilho ativado em uma noite boa, quando ele estava bem alimentado, bem fodido, e devidamente exercitado. Mas quando alguém tentou matá-lo?

Mesmo que não pudesse ter tido uma boa maldita razão para isso?

Claramente, o Sombra tinha vinculado com a Escolhida. Porque essa reação tinha muitos hormônios masculinos sobre tudo isso.

— Eu sinto muito, — Trez murmurou. — Eu não sei o que deu em mim. Juro pela vida do meu irmão.

— Por que não, — Rhage tropeçou em suas próprias palavras, — nos conta, você se vinculou com ela?

Houve uma pausa. Então Trez disse: — Eu... Merda.

V acrescentou uma série de palavrões. — Você vai ficar parado, Sombra, ou estou fatiando a frente de sua garganta?

— Estou bem. Juro.

Um momento depois, V se aproximou. — Rhage...? Meu irmão?

Rhage colocou as mãos no rosto e se deixou deslizar verticalmente até que estava todo bunda sobre o chão. Inspire. Expire. Inspire. Expire.

Eles já tinham um *lesser* no clube.

Sua besta seria a última espécie de benfeitoria que eles precisavam.

Inspire.

Expire...

— O que está acontecendo com ele? — Perguntou Trez.

— Nunca agrida aquele filho da puta, — foi a última coisa que Rhage ouviu antes que o mundo retrocedesse como fumaça em um rascunho.

Capítulo TRÊS

No hall mais sagrado do Grande Palácio s'Hisbe, s'Ex estava do outro lado de uma porta que não tinha maçaneta, nem puxador, e dificilmente qualquer junta para distinguir o painel da parede em que estava assentado.

Do outro lado, ele podia ouvir o choro da criança, e o som, que suplicava melancolicamente por ajuda, auxílio, socorro, entrando em seus ouvidos e através de sua alma. Sua mão tremia enquanto ele tocava na extensão fria. Sua filha. Sua prole. A única que ele provavelmente jamais teria.

A criança não estava sozinha na sala cerimonial. Estavam o Sumo Sacerdote, Anslai; o Astrólogo Chefe; e o Tretary, uma posição encarregada de testemunhar e registrar eventos como este.

A bebê tinha sido envolvida em um genuíno cobertor de lã branca tecido pela babá antes de ter sido acolhida lá e deixada para trás, com esses três machos.

Para chorar por um pai que não viria para salvá-la.

O coração de s'Ex bateu tão violentamente que o branco de seus olhos registrou a pressão rítmica. Ele não esperava essa reação, mas talvez este preciso fervor fosse o porquê de ele não ter sido autorizado a tocar a criança... Ou ficar à sós com ela. Depois que a Rainha tinha dado à luz a ela aproximadamente seis horas atrás, ele tinha sido autorizado a vê-la duas vezes: uma vez depois que ela tinha sido limpa, e só agora, enquanto ela havia sido trazida para o interior do quarto branco de mármore que não tinha janelas e só uma porta... Que estava trancada por dentro.

O segundo de seu nascimento havia determinado isso, demandado isso. Era o que ditava a tradição. As estrelas tinham alinhado de tal forma que a sua filha não pudesse ser a herdeira do trono, e assim ela tinha de estar...

Entre lá! Seu coração gritava. Pare com isso, pare com isso antes...

Silêncio.

De repente, houve um silêncio.

Um som como o de um animal ferido vibrou ao longo de sua garganta e fora de sua boca, e s'Ex enrolou um punho, batendo-o naquela porta com tanta força,

que fissuras formavam um padrão de estrela, que irradiava na parte externa do ponto de impacto.

Atormentado e mortal, ele sabia que precisava se retirar antes que fizesse algo tão impensável quanto o que tinha acabado de ser feito. Tropeçando em sua túnica negra, ele se virou e cambaleou pelo corredor. Ele estava vagamente consciente de bater nas paredes, seu impulso fazendo-o ressaltar para esquerda e direita, os ombros batendo no mais liso mármore branco.

Por alguma razão, ele pensou em uma noite, muitos anos antes, pelo menos duas décadas atrás, quando ele tinha esperado por uma saída para TrezLath, O Consagrado, descer e tentar escapar. Agora, ele estava fazendo o que aquele macho tinha então feito.

Escapando.

Embora, na verdade, não se libertando de todo.

Ao contrário de Trez, que não tinha sido autorizado a deixar o palácio, s'Ex, como executor da Rainha, foi permitido. Ele também foi o único responsável pelo acompanhamento de todas as idas e vindas.

Não haveria nenhum impedimento para ele.

E isso poderia salvar vidas esta noite.

Esse silêncio, esse horrível silêncio ressonante, canibalizou a sua mente conforme ele percorria o labirinto de corredores, chegando à própria saída que Trez tinha buscado. Esse macho, também, tinha sido condenado à posição das estrelas no momento em que tinha nascido mais dispositivo do que a natureza ou a criação.

Essas constelações, tão distantes, tão desconhecidas no momento do nascimento, e incognoscível na maturidade, determinavam tudo. Seu status. Seu trabalho. Seu patrimônio.

E sua filha, como Trez, tinha nascido por um presságio que tinha sido uma sentença de morte.

Por nove meses que eles tinham aguardado o seu nascimento, a sociedade chegou a uma espécie de impasse com a Rainha grávida. Tal alarde era por ter havido apenas outra gravidez nos dois séculos do atual domínio monarca... E que tinha resultado a Princesa. É claro, o fato de que a concepção atual tinha sido feita pelo executor da Rainha tinha sido muito menos importante, e nunca reconhecida publicamente. Apostaram que tivesse sido um aristocrata. Um primo de segundo

grau de sangue real. Um macho marcado como importante por seus quadros gestacionais.

Ou, ainda melhor, algum tipo de milagre imaculado.

Infelizmente, não. O pai tinha sido ele, que tinha começado como um servo e adquiriu a confiança, o acesso e, muito mais tarde, o ato sagrado do sexo. Mas isso era tudo em grande parte insignificante na sua tradição matriarcal; o macho era sempre um adendo secundário. O resultado... A recém-nascida... E a mãe eram os mais importantes.

Havia uma chance, quando a criança vinha à tona, aquela como mulher, ela poderia superar o atual herdeiro ao trono, dependendo das estrelas.

Apesar de que poderia resultar em outra morte, visto que só poderia existir apenas um herdeiro do trono... A Princesa assentada teria de ser ritualmente morta.

Todos esperavam por notícias. Com o tempo e data devidamente registrados, o Astrólogo Chefe havia recuado para seu observatório e completou sua medição do céu noturno...

s'Ex tinha aprendido o destino de seu bebê antes da população em geral, porém depois dos cortesãos: O nascimento não seria anunciado. A Rainha reafirmaria sua filha atual. Tudo continuaria como tinha sido.

E foi isso, a tragédia pessoal para ele, enterrada sob o protocolo da corte e reverenciada pela realeza e as duradouras tradições astrológicas.

Ele soube, desde o princípio, que esta era uma possibilidade. Mas, quer por arrogância ou ignorância, ele tinha evitado a terrível realidade.

Esta terrível realidade.

Quando ele finalmente irrompeu na noite, desenhou respirações que lançou em *puffs*. Ele nunca esperou uma intersecção entre sua história pessoal e este sistema de determinação estelar que governava tudo.

Muita estupidez dele, realmente.

Apoiando as mãos nos joelhos, ele se curvou e vomitou no semeado, arruinando a grama.

A expulsão pareceu clarear um pouco sua cabeça, até o ponto em que ele quase quis fazer isso novamente. Ele precisava fazer alguma coisa, qualquer coisa... Ele não poderia voltar para o palácio... Ele corria o risco de matar o primeiro Sombra que viesse apenas para limpar a dor.

Sua salvação, tal qual como estava, veio do dever. Com este evento, havia negócios oficiais a serem conduzidos que, em seu papel de executor, ele era obrigado a cumprir.

Levou um bom tempo antes que ele pudesse acalmar a mente e as emoções o suficiente para desmaterializar, e quando ele foi capaz de dispersar suas moléculas, ele prosseguiu para fora das paredes do Território com uma estranha sensação de comiseração.

Ele estava bastante certo de que a Rainha não estava sentindo nada neste momento. Como resultado desse quadro de estrela, a vida inocente que tinha sido interrompida tinha sido desvalorizada ao ponto da inutilidade, apesar do fato de que o que tinha nascido tinha saído do ventre real.

O alinhamento das estrelas foi mais significativo do que o alinhamento de DNA. Aquele foi o modo que sempre tinha sido. E que para sempre seria.

Apesar do fato de que fosse Setembro, enquanto viajava em direção ao centro Caldwell, esta foi a mais fria noite que ele tinha conhecido.

Capítulo QUATRO

A Escolhida Selena entrou no Centro de Treinamento pela parte traseira do armário de suprimentos do escritório, e conforme ela surgia, ela saltou diante à enorme figura atrás da escrivaninha.

Tohrment, filho de Hharm, olhou para cima a partir do computador. — Oh, hey, Selena. Surpresa...

Conforme seu ritmo cardíaco regulava, ela colocou a mão no peito. — Eu não esperava ver ninguém aqui.

O irmão voltou o olhar para o brilho azul da tela. — Sim, estou de volta ao trabalho. Nós vamos abrir as coisas novamente.

— Abrir o que?

— O Centro de Treinamento. — Tohr recostou-se na mais feia cadeira de couro verde que ela já tinha visto. E enquanto falava, ele acariciava o braço como se fosse uma preciosa obra de arte. — No passado, antes dos ataques, tivemos um bom programa criado aqui. Mas, logo em seguida, muitos membros da *glymera* foram mortos durante os ataques, e aqueles que sobreviveram deixaram Caldwell. Agora, as pessoas estão voltando, e Deus sabe que precisamos de ajuda. A Sociedade Lessening está aumentando como ratos em um depósito.

— Eu me perguntava para que seriam todos esses recursos.

— Você vai vê-los em primeira mão.

— Talvez, — disse ela. *Mas só se eles se agissem rápido...*

— Você está bem? — Perguntou o irmão, levantando-se.

Com um giro brusco, o mundo inclinou ao redor dela, girando sua cabeça em sua coluna... *Ou foi o próprio quarto que girou?* De qualquer forma, Tohrment a pegou antes que ela batesse no chão, segurando-a em seus braços.

— Estou ok. Tudo bem... Eu estou bem, — disse ela.

Pelo menos, ela pensou que falou essas palavras em voz alta. Ela não tinha certeza, porque os lábios de Tohr estavam se movendo e seus olhos estavam presos nos dela como se estivesse falando com ela, mas ela não podia ouvir a voz dele. Sua própria. Qualquer coisa.

A próxima coisa que ela sabia, é que estava em uma das salas de exame e a *shellan* de Vishous, Dra. Jane, estava olhando para ela, com amplos olhos verdes escuros, cabelo loiro curto e rugindo preocupação.

O lustre acima de sua cabeça era muito brilhante, e Selenia levantou sua palma para cobrir seu rosto. — Por favor... Isto é desnecessário...

De repente, ela percebeu que podia ouvir a si mesma, e o mundo, uma vez entorpecido e diluído, retornou em detalhes nítidos.

— Honestamente, estou bem.

Dra. Jane colocou as mãos nos quadris e ficou ali, como se ela fosse um barômetro, fazendo algum tipo de leitura.

Por um momento, Selenia foi golpeada com o medo. Ela não queria que eles soubessem que...

— Você acabou de alimentar alguém? — Perguntou a médica da Irmandade.

— Aproximadamente uma hora atrás. E não quis comer. Me esqueci de comer. — O que não era uma mentira.

— Você tem algum problema de saúde que eu precise saber?

— Não. — O que era uma mentira. — Estou perfeitamente saudável.

— Aqui, — Tohr disse, pressionando algo frio em sua mão. — Beba isso.

Ela fez o que lhe foi dito e descobriu que era Coca-Cola, em uma lata vermelha que dizia “Compartilhe com um Amigo”, na lateral.

E, na verdade, o material a reanimou. — Isso é bom.

— Sua coloração está cada vez melhor. — Dra. Jane cruzou os braços sobre o peito e recostou-se contra um dos armários de aço inoxidável. — Continue bebendo. E talvez você deva considerar chamar alguém para...

— Não, — ela disse bruscamente. — Eu vou completar o meu dever.

A importância de vir aqui, e fazer sua veia disponível para os Irmãos e outros que não fossem capazes de se alimentar de suas companheiras, era a única coisa que a mantinha indo. Era a conexão com a vida normal, o aterramento de um trabalho que era de importância, o metrônomo das noites e dias sem que ela pudesse consumir a si mesma com um destino ruim sobre o qual ela não tinha controle.

A realidade era que seu tempo estava se esgotando... E ela nunca teve certeza sobre quando seu último momento iria chegar, quando a última vez que

ela faria qualquer coisa iria acontecer. E isso a fez estar aqui em atividade absolutamente crítica.

Enquanto ela continuava a bebericar o refrigerante, muitas coisas foram ditas, as perguntas feitas por parte do médico, as respostas dadas por ela. O vocabulário não importava... Ela iria pronunciar qualquer coisa, qualquer mentira, verdade parcial, ou interpretação falsa para se libertar desta sala azulejada e continuar a sua última visita da noite.

— Eu vou completar o meu dever. — Ela forçou um sorriso casual em seu rosto. — E então vou descansar. Prometo.

Depois de um momento, Dra. Jane acenou com a cabeça... E o conflito, enfim, foi ganho.

A guerra, no entanto, era um bicho completamente diferente.

— Estou bem, — disse Selenia, pulando para fora da mesa. — Realmente e verdadeiramente.

— Venha me ver se isso acontecer novamente, ok?

— Absolutamente. — Ela sorriu para os dois. — Eu prometo.

Quando ela saiu da sala de exame, supôs que a mentira deveria tê-la incomodado. Mas ela não tinha mais o luxo da consciência.

Estava em uma corrida contra a morte, e nada, nem mesmo as pessoas que valorizava... Ou o homem que ela amava... Poderia entrar em seu caminho.

Para ela, a sobrevivência, tal como era, era um esforço solitário.

De volta à shAdoWs, Trez teve de tomar um momento para tossir sua laringe de volta ao lugar antes de sentar-se. Uma coisa que você pode dizer sobre Vishous? O irmão fazia bem a coisa dominante.

Naturalmente.

Mas seja o que for, a merda estava ficando um pouco real demais ali no canto.

Do outro lado do espaço sombrio do quarto de sexo, Rhage estava enrolado em uma bola, de olhos fechados, a respiração entrando e saindo de sua boca

aberta com um ritmo tão medido que ou ele estava se hipnotizando, ou em uma porra de um coma.

— O que ele está fazendo? — Perguntou Trez.

— Tentando não se transformar em um monstro.

Trez estalou as sobancelhas. — Literalmente.

— Godzilla. Só que roxo.

— Jesus... Eu pensei que fosse apenas fofoca.

— Não.

V espalmou uma adaga negra e levantou-a por cima do ombro. Com uma viciosa... *Ha-ha...* *Facada*, o Irmão eliminou os restos mortais do assassino cravando a coisa no peito vazio, a segunda luz brilhante da noite cintilando azul-esbranquiçado, como um maçarico antes de desaparecer e apanhar a maioria dos restos fedorentos com isso. O flash não cuidava da mancha de gordura, mas Trez tinha equipado estes quartos com um dreno no centro e uma conexão de mangueira discretamente montada sob o banco.

Humanos poderiam ficar sujos também.

— Então, você está vinculado, hein.— V disse enquanto tomava uma carga fora e vigiava seu Irmão como uma alcateia que guarda um lobo caído.

— Me desculpe, o quê?

— Selena. Você está vinculado com ela.

Trez amaldiçoou e esfregou o rosto. — Ah, não. Não realmente.

— Uma pessoa muito sábia me disse uma vez... Minta para alguém que você quer, apenas nunca para si mesmo...

— Olha, não sei...

— Então é por isso que você se foi da casa tantas vezes?

Trez considerou deixar ir com a maré, mas qual seria a utilidade. Ele tinha acabado de atacar um homem que respeitava, um homem que estava total e completamente apaixonado por sua própria mulher, só porque o cara tinha tomado a veia... *E nada mais...* De uma Escolhida treinada para prestar um serviço dessa forma.

Se isso não tinha fixado o carimbo de macho-vinculado em sua testa, ele não sabia o que poderia.

— Eu só... — Trez sacudiu a cabeça. — Porra. Eu. Tudo bem, estou vinculado... E não posso estar em torno dela alimentando todos vocês. Quer dizer,

eu sei que é um serviço necessário, e que isso se limita à veia, e blá blá blá. Mas é muito perigoso. Estou sujeito a fazer isso, — ele acenou para Rhage, — em qualquer momento.

— Ela não terá você? Eu sei que isso não pode ser por causa do Phury. Ele respeita toda a merda sobre você.

Sim, ele e o Primale, que era responsável por todas as Escolhidas, estavam bem. Pena que não era o ponto. — Isso só não vai dar certo.

— Por quê?

— Podemos voltar ao porquê de um *lesser* ter drogas de Assail junto a ele?

— Sem ofensa, mas eu simplesmente abreviei para você uma enorme indolência por não transformar a jugular dele em um ralo de pia. Acho que você pode me dar a honra de ser honesto?

Trez olhou para suas mãos, e flexionou os dedos para fora em um leque. — Mesmo se eu tivesse dormido com mil mulheres humanas, não sou exatamente um homem livre.

— Rehv disse que sua dívida com ele está mais do que recompensada.

— A amarra que me restringe não é contra ele.

— Então, quem é dono de sua coleira?

— Minha Rainha.

Houve um longo assobio baixo. — De qual forma?

Engraçado que ele tinha passado tanto tempo com a Irmandade e nunca lhes disse nada sobre a bigorna acima de sua cabeça. Então, novamente, por tanto tempo, tudo o que ele tinha feito era tentar fingir que não estava lá nele mesmo.

— Eu sou suposto a servir a herdeira do trono.

— Quando isso aconteceu?

— Nascimento. O meu, claro.

V franziu a testa. — A Rainha sabe onde você está?

— Sim.

— Você deveria ter divulgado isso para nós antes de se mudar. Não estou dizendo que não teríamos abrigado você, mas o seu povo pode ser muito particular sobre com quem eles se associam. Nós arranjamos problemas suficientes sem uma questão diplomática com o s'Hisbe.

— Pode haver uma circunstância atenuante, no entanto. — Enquanto seu telefone começava a vibrar no bolso da camisa, ele alcançou-o e desligou sem

olhar de quem era a chamada. — Eu tenho estado em ponto morto. Com a possibilidade de qualquer colisão de frente com uma semi ou uma guinada que pudesse me salvar.

— Selena sabe algo disso?

— Ela sabe um pouco disso.

O irmão inclinou a cabeça. — Bem, é a sua história para contar... Pelo menos no que diz respeito à Escolhida. Como isso impacta o Wrath e nosso trono, entretanto? Todas as apostas estão fora.

— Qualquer noite. Eu vou saber em qualquer noite... É esperado da Rainha dar à luz, literalmente, a qualquer momento.

— Eu não escondo nada do meu Rei.

Trez sentiu seu telefone estrondar novamente e ele o silenciou uma segunda vez. — Basta dizer que os dados ainda estão rolando. Nós não sabemos o que temos. Talvez o mapa astrológico não corresponda ao meu... E então serei livre.

— Passarei isso adiante.

Houve um período de silêncio, e então Trez começou a se contorcer. — Por que você está me olhando desse jeito?

Quando não houve resposta, ele se levantou e limpou a bunda. E aqueles olhos de diamante ainda olhavam para ele. — Olá? V... Que porra.

— Você está correndo contra o tempo, — disse o irmão, em voz baixa. — Em duas frentes.

O telefone de Trez disparou novamente, mas ele não teria respondido a maldita coisa, mesmo que ele quisesse. — Sobre o que você está falando?

— Há duas fêmeas. E em ambos os casos, você está correndo contra o tempo.

— Eu não sei que porra você está...

— Sim, você sabe. Você sabe exatamente do que eu estou falando.

Não, porque existia apenas uma bomba relógio limitando sua vida, *graças a Deus*. — Rhage irá acordar, ou ele precisa do impacto de um kart?

— Isto não é sobre ele.

— Bem, não é sobre mim. Sério, ele precisará de ajuda médica?

— Não. E não é sobre isso que nós estamos falando.

— Pronome errado, amigo. Eu não estou nessa conversa.

Além disso, quem sabe, talvez se a merda s'Hisbe seguir o seu caminho, ele poderia trabalhar essa situação com Selena. Afinal, se ele não fosse O Consagrado, estaria livre para estar...

Merda, a menos que ele desistisse de seu trabalho aqui, ele ainda seria um cafetão. Em recuperação de seu vício em sexo. Quem iria precisar de terapia para superar a má-destinada TEPT⁴.

Sim, wow. Solteirão do ano aqui.

E inferno, não era como se Selena parecesse sentir a falta dele... E ele não a culpava. Seu passado com todas aquelas mulheres humanas, mesmo que tivesse parado com a prostituição tão logo a beijou, não era nada romântico. Era completamente asqueroso.

Os meses de celibato duramente compostos por seus esforços para manchar deliberadamente seu corpo-físico...

— Estou tendo uma visão de você. — V esfregou os olhos.

— Olha, a menos que você precise de mim, estou...

— Para você, a estátua valsará.

Enquanto o telefone de Trez disparava novamente, ele descobriu que as heebs tinham ultrapassado cada centímetro quadrado de seu corpo. — Com todo o respeito, não tenho ideia de sobre o que você está falando. Cuide desse Irmão pelo tempo que precisar, ninguém vai incomodá-lo aqui.

— Esteja presente. Mesmo quando você achar que isso irá te matar.

— Sem ofensa, V, mas não estou ouvindo isso. Até mais.

⁴ Transtorno de estresse pós-traumático (TEPT).

Capítulo CINCO

Na suíte médica do Centro de Treinamento, Luchas, filho de Lohstrong, estava deitado de costas em uma cama de hospital com seu torso e cabeça apoiados em travesseiros. Seu corpo quebrado estava estendido diante dele, parecendo um território bombardeado, cicatrizes e pedaços perdidos transformando o que anteriormente funcionava normalmente em, bem, uma mistura de dor e disfunção debilitante.

Sua perna esquerda era o maior problema.

Desde que ele havia sido resgatado daquele tambor de óleo onde os *lessers* o encarceraram, ele estava em um período de “reabilitação”.

Palavra estranha para o que realmente estava acontecendo com ele. A definição oficial, quando ele procurou por isto em um tablet, era restabelecer alguém ou alguma coisa ao seu antigo estado de funcionamento normal.

Depois de tantos meses de fisioterapia e terapia ocupacional, no entanto, ele estava propenso a concluir que a rotina corporal e mental noturna de movimentos torturantes, ambos, pequenos e grandes, não o estava aproximando de sua antiga forma mais do que conseguir fazer o tempo voltar atrás com sucesso. As únicas coisas que ele sabia com certeza eram: Ele estava com dor; Ele ainda não podia andar; E as quatro paredes deste quarto de hospital, que eram tudo que ele conhecia desde que havia sido trancado nesse estado de confinamento, estava deixando-o louco.

Não pela primeira vez, ele perguntou-se como sua vida chegara à isso.

E isso era uma estupidez. Ele conhecia os fatos *oh, tão bem*. A noite dos ataques, os assassinos se infiltrando na casa régia de sua família, como fizeram na de tantos outros. Eles sacrificaram seu pai e sua *mahmen*, e fizeram o mesmo com sua irmã. E quando chegaram a ele, decidiram poupar sua vida para que pudesse ser usado como cobaia, um teste para saber se um vampiro podia ser transformado em *lessen*. Incapacitando-o, eles o colocaram em um tambor de óleo em um algum lugar e o conservaram com o sangue do Ômega.

No entanto, não houve nenhum experimento. Eles perderam o interesse nele, ou se esqueceram dele, ou chegaram a outra conclusão qualquer.

Incapaz de se libertar, ele padeceu no vazio negro e viscoso, sobrevivendo, mas quase morto, esperando sua destruição chegar pelo que parecia a eternidade.

Sem saber se ele havia sido, de alguma forma, transformado.

Antes, sua mente, uma coisa da qual ele se orgulhava por sua habilidade para os estudos e capacidade, se tornou tão quebrada quanto seu corpo, distorcendo-se, uma vez que as vias claras de pensamento se enredavam em um pesadelo sombrio de paranóia e terror.

E então seu irmão, aquele a quem ele nunca dedicou tempo algum, aquele que ele olhava de cima, aquele pelo qual ele se sentia tão superior... Chegou e se tornou seu salvador. Qhuinn, o anticonvencional, com um olho azul e outro verde, o embaraço da família com seu defeito crítico, aquele que havia sido expulso de casa e, portanto, não estava lá quando o ataque ocorreu, tornou-se a única razão por ele estar livre.

Esse macho havia também se tornado o membro mais forte da linhagem de sangue, vivendo e trabalhando com a Irmandade da Adaga Negra, lutando com honra, defendendo a Raça contra o inimigo, com distinção.

Enquanto Luchas, o ex-menino de ouro, o herdeiro do manto que não mais existia... Era agora o defeituoso.

Karma?

Ele ergueu sua mão, agora mutilada, olhando fixamente para os tocos que eram tudo que restou de quatro de seus cinco dedos.

Provavelmente.

A batida na porta foi suave, e quando ele inalou, sentiu os odores do outro lado. Apoiando-se, ele puxou o lençol mais acima de seu tórax magro.

A Escolhida Selena não estava só, como estava na noite anterior.

E ele sabia do que se tratava.

— Entre, — ele disse com uma voz que ainda não reconhecia. Desde seu calvário, seu discurso se tornou mais rouco, mais profundo.

Qhuinn entrou primeiro, e por um momento, Luchas recuou. Anteriormente, sempre que via seu irmão, o macho vestia trajes civis. Não esta noite. Ele claramente acabava de chegar da zona de conflito, couro preto cobrindo seu corpo poderoso, armas amarradas em seus quadris, nas coxas... No peito.

Luchas franziu o cenho quando notou dois instrumentos de combate particulares: Seu irmão tinha um par de adagas negras em seu esterno, os cabos virados para baixo.

Estranho, ele pensou. Pelo que sabia, tais armas eram reservadas apenas para os membros da Irmandade da Adaga Negra.

Será que agora eles permitiam que seus soldados as usassem também?

— Oi. — Qhuinn disse.

Atrás dele, a Escolhida Selenia estava silenciosa como um fantasma, sua túnica branca flutuando ao redor de seu corpo esbelto, seu cabelo escuro preso no alto da cabeça no estilo tradicional de sua ordem sagrada.

— Saudações, senhor. — Disse ela com um arquear elegante.

Olhando para baixo em direção à sua perna, Luchas quis desesperadamente sair da cama e reverenciá-la com o devido respeito que ela merecia. Não era uma opção. O membro estava, como sempre, embrulhado fortemente em gaze branca do dedão do pé até o joelho, e por baixo daquela atadura estéril? A carne que não curaria, o calor da infecção cozinhando como uma panela de água prestes a ferver.

— Bem, me disseram que você parou de se alimentar, — disse Qhuinn.

Luchas desviou o olhar, desejando que existisse uma janela para que ele pudesse fingir distração.

— Bem? — Qhuinn exigiu. — Isso é verdade?

— Escolhida, — Luchas murmurou. — Você gentilmente nos permitiria um momento a sós?

— Mas é claro. Vou aguardar seu chamado.

A porta se fechou silenciosamente. E Luchas descobriu que todo o oxigênio no quarto, aparentemente, saiu junto com a fêmea.

Qhuinn puxou uma cadeira que estava ao lado da cama e sentou-se, apoiando os cotovelos sobre os joelhos. Seus ombros eram tão largos, que a jaqueta de couro que usava, rangeu em protesto.

— O que está acontecendo, Luchas? — Ele perguntou.

— Isso poderia esperar. Você não deveria ter vindo depois da luta.

— Não de acordo com os seus sinais vitais.

— Então a doutora falou com você, ela também?

— Ela conversou comigo, sim.

Luchas fechou os olhos.

— Eu tinha um... — Ele limpou a garganta. — Antes de tudo isso, eu tinha uma visão do que estaria fazendo, de como seria o meu futuro. Eu era...

— Você iria ser como o Pai.

— Sim. Eu queria todas as coisas que foram definidas como uma vida digna de ser vivida, — ele ergueu as pálpebras e olhou para o próprio corpo. — Não era isso. Isso... Eu sou como qualquer jovem. As pessoas atendem todas as minhas necessidades, trazem comida, me lavam, me enxugam. Eu sou um cérebro preso em um vaso quebrado. Eu não faço nada sozinho.

— Luchas...

— Não! — Ele agitou sua mão mutilada no ar. — Não me console com promessas de saúde futura. Faz nove meses, meu irmão. Precedidos por um cativeiro no inferno que durou um século. Eu me sinto como um prisioneiro. Estou *agindo* como um.

— Você não pode se matar.

— Eu sei. Nesse caso, eu não poderia entrar no Fade. Mas se eu não comer, e não me alimentar, isso. — ele apontou um dedo para a própria perna, — conseguirá o melhor para mim e me levará embora. Não é suicídio. Morte por septicemia, não é isso que preocupa tanto a Dra. Jane?

Com um movimento brusco, Qhuinn tirou sua jaqueta e deixou-a cair no chão.

— Eu não quero perder você.

Luchas colocou as mãos sobre o rosto.

— Como você pode dizer isso... Depois de toda a crueldade na nossa casa...

— Não de você. Foram os nossos pais.

— Eu participei.

— Você se desculpou.

Pelo menos, isso era uma coisa que ele fez direito.

— Qhuinn, me deixe ir. Por favor. Apenas... Me deixe ir.

O silêncio foi longo, Luchas começou a respirar mais facilmente, pensando que seu argumento havia sido aceito.

— Eu sei como é não ter esperança, — Qhuinn disse abruptamente, — mas o destino pode te surpreender.

Luchas deixou os braços caírem e riu amargamente.

— Não de forma positiva, receio. Não de forma positiva.
— Você está errado.
— Pare.
— Luchas. Estou dizendo a você...
— Eu sou uma porra de um aleijado!
— Eu também fui, — Qhuinn apontou para os olhos. — Toda a minha vida.
Luchas se virou, olhando fixamente para a parede clara.
— Não existe nada que você possa dizer, Qhuinn. Está decidido. Estou cansado de lutar por uma vida que não quero.
Outro silêncio prolongado. Em seguida, Qhuinn amaldiçoou em voz baixa.
— Você só precisa se alimentar e recuperar suas forças.
— Vou sempre recusar a veia dela. Você pode muito bem aceitar isto agora e não desperdiçar mais tempo com argumentos que acho pouco convincentes. Estou decidido.

Enquanto Selenia esperava no corredor, a exaustão a envolvia em camadas pesadas que não eram menos reais por serem invisíveis.

E ainda assim, ela estava impaciente. Revolvendo sua túnica, seu cabelo, suas mãos.

Ela não gostava do tempo que não era consumido por seus deveres. Sem nada para se ocupar, seus pensamentos e medos se tornavam muito abrangentes para conter dentro de seu crânio.

Ainda assim, ela achava que existia uma utilidade neste isolamento. Se ela pudesse tirar vantagem dele.

O que ela precisava fazer aqui para aproveitar, era praticar seu adeus. Ela deveria tentar compor as palavras que queria falar antes que ficasse sem tempo. Ela deveria reunir a coragem que seria exigida para dizer em voz alta o que estava em seu coração.

Ela iria seguir o impulso de dizer adeus a Trez.

Das muitas pessoas que ela deixaria para trás, o Primale e suas irmãs Escolhidas, os Irmãos e suas *shellans*, Trez era o único que ela lamentava. Embora ela não o visse a... Muitas, muitas noites.

Embora ela não estivesse sozinha com ele a... Muitos, Muitos meses.

Na verdade, depois que eles terminaram sua... Relação, ou o quer que fosse, ele havia feito de tudo para ficar fora da mansão. Sem importar a hora que ela chegasse ou saísse, ela não o via cara a cara, e apenas em uma ocasião ela conseguiu um vislumbre de seus grandes ombros enquanto ele se dirigia em direção oposta à dela.

Que ele a estava evitando havia sido um alívio traiçoeiro a princípio. Seria mais difícil deixá-lo, e mais difícil ainda se eles continuassem com seus encontros amorosos. Mas, ultimamente, quando seu tempo se tornou mais curto, ela estava decidida a dizer o que precisava para ele...

Querida Virgem Escriba, o que ela diria?

Selena olhou o corredor de cima a baixo, como se o pequeno monólogo perfeito pudesse marchar gentilmente por ele, em passo lento, para que ela pudesse memorizá-lo.

Pelo que ela sabia, ele havia esquecido o tempo que passaram juntos. Ele mesmo admitiu que era bem versado em encontrar diversão feminina na variedade humana.

Sem dúvida, ele havia apagado a lousa muito bem.

E ainda existia a realidade de que ele estava prometido à outra.

Ela segurou a cabeça com suas mãos. Por toda sua vida, ela havia encontrado conforto e propósito em seu dever sagrado, portanto, foi chocante descobrir que enquanto se aproximava cada vez mais de sua morte, a única coisa que ela estava determinada a fazer direito era se despedir de um macho que não era realmente dela. Com quem ela teve um caso de pouca duração.

Foram muitas noites perdidas em seu quarto no Grande Acampamento tentando se convencer de que o que aconteceu com Trez era pura loucura, mas, e agora, com o tempo se esgotando? Uma estranha clareza estava centrada nela. O motivo pouco importava. Apenas queria alcançar seu objetivo de dizer a ele como se sentia antes de morrer.

Entretanto, ela não queria se aproximar dele muito cedo, afinal, era bastante embaraçoso despejar sua alma para um receptor potencialmente indiferente e então permanecer por noites, semanas, meses.

Se apenas seu prazo viesse com uma data, como se ela fosse uma caixa de leite.

Quinn saiu do quarto do hospital, e a expressão severa no rosto dele afastou seu emaranhado de preocupações.

— Eu sinto tanto, — ela murmurou. — Ele ainda está se recusando?

— Eu não posso convencê-lo.

— A vontade de viver pode ser complicada, — ela estendeu a mão e a colocou no ombro dele. — Saiba que estou aqui por vocês dois. Se a qualquer momento ele mudar de ideia, eu virei.

— Você é uma fêmea de muito valor, realmente.

Ele lhe deu um abraço rápido e duro, e então caminhou pelo corredor como se estivesse deixando a instalação. No entanto, ele parou diante de uma porta fechada; a principal sala de exames da Dra. Jane. Depois de um momento, ele empurrou.

Enquanto ela orava por uma solução para os dois irmãos, outro espasmo de exaustão, o irmão mais velho daquele que a desestabilizou diante de Tohrment, atravessou seu corpo, fazendo-a levantar uma mão e apoiá-la na parede para que não caísse.

O pânico a invadiu, seu coração batia de modo selvagem em seu tórax, sua cabeça cheia de *faça isso, faça aquilo, fuja*. E se fosse um ataque? E se fosse seu fim...

— Oi, você está bem?

Treinando seus olhos selvagens em direção ao som, ela descobriu que Tohrment estava saindo da sala de exame.

— Eu...

Tudo de uma vez, a sensação atordoante recuou, como se ela tivesse sido abordada por um assaltante que, ao ser confrontado pelo Irmão, reconsiderou seu ataque.

Por baixo de sua túnica, ela ergueu uma perna e depois a outra, sem encontrar a resistência mortal que tanto a apavorava.

— Selenia? — Ele disse enquanto caminhava em direção a ela.

Inclinada contra a parede, ela tocou seu coque, e descobriu que sua testa estava úmida de suor.

— Eu acredito que devo me dirigir ao Santuário, — ela soltou a respiração. — Eu devo me recompor lá. Isso é necessário.

— Ótima ideia. Mas você tem certeza que será capaz de...

— Eu estou bem.

Fechando seus olhos, Selenia se concentrou e...

... Com uma rotação do mundo e um giro das moléculas em seu cérebro, em vez de algo em seu corpo, ela foi transportada até o sagrado lugar pacífico da Virgem Escriba.

Imediatamente, certo como se ela tomasse uma veia, seu corpo estava aliviado e fortalecido, mas sua mente não se incomodou em seguir o exemplo, apesar do adorável verde das folhas das árvores e os filamentos de grama, as cores pastel das tulipas que estavam perpetuamente em flor, o mármore branco resplandecente do dormitório, a Sala dos Tesouros, o Templo dos Escribas Enclausuradas, a Piscina da Reflexão, ela se sentia perseguida embora estivesse em segurança discutível.

Então, ter uma doença mortal de duração indeterminada tornava mais difícil saber a diferença entre os sintomas que se enquadravam como “normais”, daqueles que tinham maiores perspectivas.

Ela permaneceu no lugar aonde chegou por algum tempo, temendo que, se ela se movesse, poderia ativar a manifestação de sua doença. Mas, eventualmente, ela decidiu perambular. A temperatura do ar era perfeita; nem muito quente nem muito fria, e o céu acima de sua cabeça brilhava com uma cor azul violácea, e os banhos cintilavam sob a luz ambiente peculiar... E ela se sentia como se estivesse sozinha em um beco escuro no centro de Caldwell.

Quanto tempo? Ela perguntou-se. Quantos passeios mais ela teria que abandonar?

Tremendo, ela puxou sua túnica mais perto do corpo quando uma sensação familiar de tristeza e impotência a invadiu, esmagando seu peito, dificultando sua respiração. Mas ela não cedeu às lágrimas. Ela já havia derramado todas elas há muito tempo, os *por que eu* e os *e se*, e *preciso de mais tempo* já se acabaram, provando que qualquer um podia se acostumar à água fervente se ficasse dentro dela por tempo suficiente.

Ela havia chegado a um acordo com a realidade, de que não foi agraciada com uma vida longa, bem como, realmente ela não viveu muito, e mesmo assim, sim, claro que ela devia oferecer um adeus a Trez. Ele era o mais próximo que ela chegou de ter algo só dela, algo particular em vez de estabelecido, conquistado, mesmo que brevemente, em vez de imputado.

Ao dizer adeus a ele, ela estaria reconhecendo aquela parte de sua vida que tinha sido apenas dela.

Ela iria abordá-lo no dia seguinte.

Para inferno com o orgulho...

Depois de algum tempo, ela descobriu que seus pés a levaram ao cemitério, e considerando a direção de seus pensamentos, ela não ficou surpresa.

As Escolhidas eram essencialmente imortais, trazidas à existência há muito tempo como parte do programa de procriação da Virgem Escriba, onde os machos mais fortes eram emparelhados com as fêmeas mais inteligentes para garantir a sobrevivência da espécie. No início, as fêmeas reprodutoras eram isoladas, com o Primale servindo como o macho exclusivo para a inseminação. Porém, com o passar dos milênios, o papel da Escolhida evoluiu de tal forma que elas passaram a servir a Virgem Escriba espiritualmente também, registrando a história da Raça que se desenvolvia na Terra, adorando a Mãe da Espécie, e servindo como fonte de sangue para os membros não emparelhados da Irmandade, por quem algumas quebraram regras, aceitando a mortalidade em troca de amor, liberdade e a possibilidade de carregar um jovem que não seria condenado à propósitos rígidos.

E então o Primale atual chegou e relaxou ainda mais as regras.

Selena olhou através da treliça em arco do cemitério; as estátuas de mármore de suas irmãs conseguiam emergir até ela, apesar do fato de estarem a certa distância e ocultas pela vegetação verdejante fronteiriça.

Apesar de todo o bem que o antigo programa de procriação fez, um resultado traiçoeiro foi gerado a partir disso, uma prisão que, apesar dos pensamentos modernos do Primale, ele não podia isentar Selena e suas irmãs disso.

Nas profundezas das células das Escolhidas, uma debilidade específica permanecia, um defeito que surgiu justamente por causa das opções limitadas de reprodução que deveriam fazer vampiros invencíveis.

Um sacrifício em benefício da força. A prova que a Mãe da Raça podia, e iria, ser abreviada pela Mãe Natureza.

As estátuas além a encheram de terror. As figuras elegantes dentro do perímetro cercado não eram realmente feitas de pedra, não no sentido de que foram esculpidas a partir de blocos. Elas eram os corpos congelados daquelas que sofreram da mesma doença que ela.

Estes eram os corpos mortos de suas irmãs que andaram pelo caminho que ela mesma pisava, congeladas na pose que haviam escolhido; enclausuradas em um gesso mineral fino que, combinados com as propriedades atmosféricas peculiares do Santuário, seriam preservadas por toda a eternidade.

Novamente, o tremor se abateu sobre ela como uma onda.

E uma vez mais, o tremor não durou muito.

Desta vez, porém, a interrupção não disponibilizou um retorno à normalidade.

Como se a visão das congeladas em fase final fosse algum tipo de inspiração para o que a afligia, as grandes articulações inferiores de seu corpo se tornaram rígidas, e em seguida, o mesmo aconteceu com sua coluna vertebral, cotovelos, pescoço e pulsos. Ela ficou totalmente fixa no lugar, imóvel enquanto plenamente consciente, seu coração ainda batendo, seus olhos turvos, sua mente em pânico, mas totalmente alerta.

Com um grito, ela tentou se libertar disso, procurou mover suas pernas, lutando para mexer seus pés, seus braços, qualquer coisa.

Existia apenas uma leve sensação no seu lado esquerdo, o que rendeu a ela um balançar. Após um giro, ela aterrissou de cara no chão, os pequenos filamentos de grama entrando em seu nariz, boca e olhos.

Sabendo que estava em perigo de sufocar, ela concentrou toda a força que restava em girar a cabeça para um lado de forma que suas vias respiratórias ficassem livres.

O que viria a ser seu último movimento.

De seu ponto de vista, ela era uma câmera virada, a visão de um ângulo estranho do Santuário como algo projetado sobre uma tela: filamentos em *close up* da grama como se fossem grandes árvores, com o Templo e a Piscina da Reflexão ao longe, nada além da vista do telhado.

— Socorro... — ela gritou. — Socorro...

Lutando contra seus ossos, ela tentou se lembrar da última vez em que havia visto qualquer uma de suas irmãs aqui em cima. Havia sido...

Muitas noites antes. E ainda assim, ninguém vinha até este local, o cemitério era raramente visitado, exceto nas cerimônias rituais sagradas, o que não aconteceria em meses.

— Socorro!

Com um colossal empurrão, ela lutou contra seu corpo. Mas, tudo que aconteceu foi uma contração de sua mão, os dedos se arrastando contra o gramado.

Era isso.

Lágrimas correram de seus olhos enquanto seu coração martelava e ela desejou absurdamente que nunca tivesse pedido uma data de validade...

Das profundezas de suas emoções uma imagem do rosto de Trez, seus olhos negros e amendoados, seu cabelo escuro e curto, sua pele escura, fluiu dentro de sua mente.

Ela deveria ter dito adeus antes.

— Trez... — ela gemeu contra a grama.

Quando sua consciência se perdeu, foi como uma porta que se fecha suavemente, mas solidamente, bloqueando o mundo ao redor dela...

... De tal forma que ela não tomou conhecimento, algum tempo depois, quando uma pequena figura silenciosa se aproximou dela por trás, flutuando acima da grama, uma brilhante luz que derramava por baixo de sua túnica negra.

Capítulo SEIS

RESTAURANTE SALVATORE, ARREDORES DE LITTLE ITALY, CALDWELL

Praguejando, iAm encerrou a ligação que acabara de receber no celular e apoiou o braço no balcão à sua frente. Após um momento de arritmia, pegou o casaco de lã, aquele preto com a calibre 40 em um bolso oculto no lado esquerdo e uma faca de caça de vinte centímetros escondida no tecido à direita.

Talvez armas fossem necessárias.

— Chef? Está bem?

Seu olhar atravessou a cozinha industrial, fitando Antonio diSenza, seu chef executivo. — Desculpe. Sim. Tenho de ir... E eu já comecei a *preparação*, — pegou de novo o celular, — você pode finalizá-la amanhã.

Antonio tirou o chapéu e apoiou o quadril no imenso fogão de doze queimadores. Todo a louça usada para o jantar estava lavada, restando ainda o vapor das lavadoras que faziam a cozinha de doze metros por seis parecer saída de uma floresta tropical.

Quieto demais, iAm pensou. E o local fortemente iluminado cheirava água sanitária ao invés de manjeriço.

— Obrigado, chef. Quer que eu pique os tomates antes de ir?

— Está tarde. Vá para casa. Fez um bom serviço esta noite.

Antonio limpou o rosto com um pano de prato azul e branco — Graças à você, chef.

— Tranca tudo para mim?

— Como quiser.

Com um aceno, iAm saiu da cozinha e atravessou a área azulejada de entregas, em direção à porta dos fundos. Do lado de fora, dois de seus garçons estavam parados perto de seus carros, fumando, sem os paletós dos smokings, com as gravatas borboleta soltas e dependuradas de colarinhos abertos.

— Chef, — um deles disse, se endireitando.

O outro imediatamente voltou sua atenção — Chef.

Tecnicamente, ele era mais chefe do que chef ali no Sal's, mas ele próprio também cozinhava vários dos pratos do menu e a equipe o respeitava por isto. Não fora sempre assim. Quando aparecera para assumir a instituição de Caldwell, não fora exatamente bem-vindo. Todo mundo, dos garçons aos chefes e aos cumins, assumiu que ele era um afro-americano, e a profunda tradição e orgulho da cozinha e cultura italiana, teria ido contra qualquer um sem sangue siciliano nas veias.

Como um Sombra, entendia aquilo melhor do que imaginava. Seu povo não queria se relacionar de jeito nenhum com vampiros ou *Symphaths*... E certamente nunca com aquele bando de ratos-sem-caudas, humanos. E o Sal's era um dos restaurantes mais famosos em Caldwell, não só uma homenagem ao Rat Pack⁵ dos anos 50, mas um lugar que havia realmente recebido o Presidente do Conselho e seus garotos doentes. Com papel de parede flocado, capricho na recepção dos clientes e tudo dentro da mais absoluta formalidade, ficava ao norte de Sardi... E sempre pertencera aos italianos.

Mas, após um ano na direção, tudo ficara bem. Ele provaria a todos, dos clientes à equipe e fornecedores que não estava somente no lugar de Salvatore Guidette III, mas substituindo-o bem. Agora? Era tratado com um respeito que beirava a idolatria.

Perguntava-se o que pensariam dele, se soubessem que não era da África, que não se identificava como americano... E mais do que isto, não era nem mesmo humano.

Um Sombra em meio a eles.

— Vejo vocês amanhã, — ele disse.

— Sim, chef.

— Boa noite, chef.

iAm acenou a eles e virou a esquina. Assim que saiu do campo de visão, fechou os olhos, se concentrou e se desmaterializou.

Quando retomou forma, estava no décimo-oitavo andar do Commodore, no terraço do apartamento que pertencia a ele e ao irmão. A porta deslizante de vidro estava aberta, as cortinas longas esvoaçavam para cá e para lá no interior escuro, como fantasmas tentando escapar (e falhando na tentativa). Havia dois

⁵ *Rat Pack*: apelido dado a um grupo de artistas populares muito ativo entre meados das décadas de 1950 e 1960. Sua formação mais famosa foi composta por Frank Sinatra, Dean Martin, Sammy Davis Jr., Peter Lawford e Joey Bishop.

destinos possíveis para ele: aqui ou a shAdoWs, e ele escolhera o covil de solteiro pelo que o esperava lá dentro.

Havia notícias do s'Hisbe, e considerando tudo? iAm preferiria ser ele a passar a mensagem a Trez, do que aquele macho que enviaram.

Colocando a mão no casaco, bateu o punho da arma e entrou, — Onde você está?

— Aqui, veio a resposta baixa e profunda.

iAm girou para a esquerda, em direção ao sofá de couro branco na parede oposta. Seus olhos aguçados se ajustaram em um piscar, e a forma escura enorme do carrasco da Rainha entrou em foco.

iAm franziu o cenho — Qual o problema?

O som de cubos de gelo em um copo de vidro tilintou através do silêncio. — Onde está seu irmão?

— É noite de inauguração no clube. Ele está ocupado.

— Ele precisa começar a atender ao telefone. — s'Ex disse, rudemente.

— A Rainha já deu à luz?

— Sim, já.

Longo silêncio. Com nada além do som daqueles cubos de gelo para quebrá-lo.

iAm inalou e captou o aroma de uísque, além de uma tristeza pungente e tão grande, que tirou a mão da arma.

— s'Ex?

O carrasco levantou-se do sofá e caminhou até o bar, as vestes esvoaçando à sua passagem como sombras ao vento.

— Se importa de me acompanhar? — Perguntou o macho, ao servir mais uma dose em seu copo.

— Depende. Quais as suas notícias e como elas afetam meu gêmeo?

— Você vai precisar de uma bebida.

Certo. Ótimo. Sem mais comentários, iAm se aproximou e juntou-se a s'Ex no bar. Não se importava com o que havia em cada copo, se havia gelo, água tônica... Bebeu o que descobriu ser vodka e serviu-se de um pouco mais.

— Então, não era a próxima Rainha, — disse ele, — o bebê que nasceu.

— Não. — s'Ex voltou ao sofá — Eles a mataram.

— *O quê?*

— Foi... Decretado. Pelas... — ele acenou o copo em volta de sua cabeça — ... Estrelas. Então mataram a criança. Minha... Filha.

iAm piscou. Bebeu mais um pouco. E então pensou: Jesus, se a Rainha podia fazer isto a um inocente recém-nascido de seu próprio sangue, a líder do s'Hisbe era capaz de qualquer coisa.

— Então, — s'Ex disse, mais normalmente, — seu irmão volta novamente ao topo da lista de preocupações de Vossa Majestade. Há um período obrigatório de luto, e devo partir para me juntar a ele. Mas, após a Cerimônia de Enclausuramento, e os rituais correspondentes, serei enviado para buscar O Consagrado.

A Cerimônia de Enclausuramento era o sepultamento formal do morto sagrado, um direito reservado somente aos membros da família real. E o luto duraria algumas noites e dias. Depois disto... Aparentemente, a trégua deles acabaria.

— Merda. — iAm sussurrou.

— Eu deveria informar ao seu irmão, mas...

— Não, eu faço isto.

— Achei mesmo que iria querer.

iAm sentou-se na cadeira próxima ao carrasco. Fitando-o, perscrutou as feições do macho. s'Ex vinha de uma classe inferior; o macho nascera de pais servos mas, através de força e inteligência, ascendera para seduzir a Rainha. Foi uma ascensão sem precedentes através dos níveis sociais.

— Sinto muito. — iAm sussurrou.

— Pelo que?

— Por sua perda.

— Foi decretado. Pelas estrelas

O casual gesto de dar de ombros do macho foi desmentido pelo modo como sua voz falhou.

Antes de iAm poder dizer qualquer coisa, s'Ex se inclinou. — Só para esclarecer, não hesitarei em fazer o que for necessário para trazer seu irmão para casa e forçá-lo fisicamente a cumprir o propósito para o qual nasceu.

— Você já disse isto. — iAm igualmente sentou-se mais a frente e fixou o olhar nele — E, cai na real, você não acredita de verdade nesta baboseira astrológica, acredita?

— É nossa tradição.

— E isto a torna real?

— Você é um herege. Assim como seu irmão.

— Deixe-me perguntar algo. Você ouviu a criança gritar? Quando mataram a sua filha, você...

O ataque não foi inesperado, mas o carrasco caiu sobre ele com tanta força que sua cadeira foi jogada para trás e os dois acabaram no chão, com s'Ex montado nele enquanto tremia de fúria.

— Eu devia matá-lo. — O macho rosnou.

— Desconte em mim, se quiser. — iAm retrucou — Mas, seja honesto, pelo menos com você mesmo. Já não tem mais tanto orgulho de seu trabalho. Tem?

s'Ex recuou e caiu de traseiro no chão. Erguendo as mãos até a cabeça, respirou com dificuldade, como se tentando manter a compostura... Sem conseguir.

— Eu não vou mais ajudar os dois, — o carrasco disse rudemente. — Há um destino a ser cumprido.

iAm sentou-se e pensou que a constelação sob a qual seu irmão nascera era como uma doença, algo involuntário, incorporado na vida que vivia, uma bomba relógio esperando para explodir.

A detonação de Trez estava sendo adiada há tanto tempo... Mas não poderia mais ser negada.

Não pela primeira vez, iAm desejou ter nascido antes de Trez. Preferia ser ele o amaldiçoado, o que carregava aquele fardo. Não que quisesse passar a vida toda aprisionado, sem nada mais além de repetidas tentativas de emprenhar a herdeira do trono como passatempo, mas ele era diferente de Trez.

Ou talvez estivesse enganando a si mesmo.

O que tinha certeza? Faria qualquer coisa necessária para salvar o irmão.

E ele estava preparado para ser malditamente criativo.

No momento em que Trez voltou para verificar a sala privada, Rhage havia despertado de seu coma, transe, soneca, fosse o que fosse. E apesar da diarréia verbal de V ter sido um verdadeiro pé no saco, como proprietário do clube e o

cara que atacou primeiro, Trez sentiu como se precisasse certificar-se de que o Irmão estava bem.

— Como estamos? — disse ele, ao tornar a entrar.

Enquanto Hollywood se sentava vagarosamente, ficou evidente que tentava voltar à realidade, retornando de algum destino mental que, com certeza, era bem longe do clube.

— Ei, Bela Adormecida. — V murmurou ao pegar um cigarro enrolado à mão e um isqueiro — Está de volta?

— É proibido fumar aqui. — Trez disse.

Vishous ergueu uma sobrancelha — E o que vai fazer? Me expulsar?

— Não quero ser interditado logo na inauguração.

— Você tem problemas bem maiores do que o Departamento de Saúde Pública.

Foda-se V, Trez pensou.

— Precisa de alguma coisa? — Perguntou ele a Rhage. — Tenho todo o tipo de coisa sem álcool.

— Não, estou bem. — O Irmão esfregou o rosto e então desviou o olhar. — Então, você se vinculou àquela Escolhida, huh?

— Tenho até comida, se quiser...

— Vamos lá, cara, — Rhage negou com a cabeça. — Você acabou de tentar comer meu lanche.

Trez olhou para o relógio — Na verdade, acabou há mais de uma hora.

— Digo, que seja... Qual o problema? Porque não fica com ela?

— Você ainda está meio pálido.

— Está bem, certo. Quer bancar o mudo, problema seu.

Fez-se. Um. Silêncio. Desconfortável.

Oh, meu Deus, esta é a melhor das noites, Trez pensou. O que viria em seguida, um meteoro cairia sobre Caldwell?

Não, provavelmente somente sobre o clube.

— Entããããã... Eu fico com as drogas. — V disse, embolsando os pacotes de celofane. — Se conseguir mais...

O terceiro maldito flash no cômodo teve brilho suficiente para cegar, e Trez ergueu um braço para cobrir o rosto ao cair de volta em posição defensiva.

— Oh, porra! — Um dos Irmãos rosnou.

Bomba? Retaliação tardia dos *lessers*?

Todo o cabeamento elétrico entrando em curto, em escala épica?

Ou talvez não devesse ter dado ao universo uma sugestão sobre aquela coisa de meteoro.

Ao piscar repetidamente para clarear a visão, Trez viu que era um caso de Nenhuma das Anteriores.

A figura estava em pé onde a grande explosão de luz havia acontecido... Uma figura quase tão impressionante quanto um anão de jardim gótico: Fosse o que fosse, tinha um metro e vinte de altura, estava coberta da cabeça aos pés em vestes negras... E evidentemente, era fonte da luz: por baixo da barra das vestes, cintilava uma luz brilhante. Como se talvez houvesse uma filial da loja de lingerie La Perla ali embaixo.

Subitamente, Trez parou de respirar ao fazer os cálculos, descobriu o impossível. *Putá merda, era a...*

— Olá, Mãe. — Vishous disse, secamente.

... *Virgem Escriba*.

— Estou aqui por uma razão, — a voz feminina era dura como cristal e tão clara quanto. — E devo ser atendida.

— Sério? — V tragou seu cigarro — Vai roubar o pirulito de um bebê? Ou é noite de chutar cachorrinhos?

A figura deu as costas ao Irmão. — Você.

Trez recuou, a cabeça batendo na parede — Desculpe?

— Você não deve questioná-la, — V rosnou — Só para constar.

— Eu? — Trez repetiu — O que quer comigo?

— Você está sendo convocado.

— Vai levá-lo à Disneylândia? — V murmurou. — Que sorte, Trez... Mas ela provavelmente só gosta da Malévola, o Homem das Sombras, Cruella de Vil...

— Como conhece tanta merda da Disney? — Rhage interrompeu.

— Venha comigo. — A Virgem Escriba disse, estendendo seu braço coberto.

— Eu? — Trez perguntou uma terceira vez.

— Você foi convocado.

— Selenia...? — ele sussurrou.

Rhage meneou a cabeça — Posso ir buscar os marshmallows? Porque você está prestes a virar churrasco por fazer tantas perguntas, camarada.

Aquela foi a última coisa que Trez ouviu antes de um vórtex rodopiante de energia abater-se sobre ele e carregá-lo para onde só Deus sabia...

... Onde.

Quando a sensação de ser transportado desapareceu, apoiou-se nos pés com um grito, ambos os braços se afastados do torso, a cabeça girando tanto que achou que ia derrubá-la ao chão.

Uma súbita consciência de suas cercanias parou tudo aquilo.

Parque. Ele havia sido realocado para algum tipo de parque perfeito, digno de um cartão-postal, gramados verdes ondulantes intercalados com árvores frondosas, leitos de flores e à distância, construções de mármore que pareciam Greco-romanas. Só que o horizonte parecia-lhe errado. Uma fronteira de floresta oferecia uma faixa verdejante de verde à distância, mas havia uma qualidade irreal nela, as mesmas árvores parecendo delimitar o terreno, como se a natureza fosse só um padrão repetido. E acima deles, o céu também estava todo esquisito, seu brilho leitoso parecendo não ter fonte distinta, como se só houvesse uma enorme luz fluorescente lá em cima.

— Onde estou?

Quando não houve resposta, girou em volta. A pequena figura de vestes negras havia sumido.

Ótimo. Agora o que ele fazia?

Mais tarde, ele se perguntaria o que, exatamente, o fez se virar e começar a andar... Então correr. Um barulho? Seu nome? Algum instinto...?

Encontrou o corpo no canto mais afastado de uma elevação do chão irregular. Quem quer que fosse, estava de rosto para baixo, nas vestes tradicionais das fêmeas Escolhidas, as solas das sandálias...

— Selena! — Gritou ele — Selena...!

Parando subitamente, Trez caiu de joelhos — Selena?

Os cabelos negros estavam bagunçados, o penteado tradicional embaraçado e desfeito, caindo sobre o rosto. Quando o afastou, a pele estava branca como papel.

— Selena... — ele não tinha certeza se ela estava ferida ou havia caído, e sem conhecimentos médicos, não tinha ideia do que fazer.

— Respirando... Você está respirando? — Ele colocou o ouvido na parte baixa de suas costas. Então se inclinou para ela e pegou-lhe o braço para buscar uma...

— Oh, Deus.

— O membro estava enrijecido, como se o rigor mortis já tivesse se instalado. Só que... Quando ele colocou dois dedos no interior dos pulsos dela, sentiu uma pulsação.

Selena gemeu e seu pé contorceu. Então sua cabeça sacudiu contra a grama.

— Selena? — O coração dele batia tão forte, que mal podia ouvir coisa alguma. — O que houve?

Não havia motivo para lhe perguntar se estava bem. A resposta era evidente.

— Está ferida?

Mais gemidos quando ela pareceu se esforçar para lutar contra alguma coisa.

— Eu vou virá-la.

Preparando-se, ele pegou o braço dela e começou a tentar movê-la... Mas teve de parar. A posição dela não mudou, seus membros contorcidos e torso tenso estavam tão rígidos que era como se lidasse com uma estátua feita de pedra...

— Oh merda!

Ao som da voz de Rhage, Trez ergueu a cabeça. V e Rhage haviam se materializado vindos do nada, e mesmo que sempre tenha gostado deles, naquele momento, poderia ter beijado o par de guerreiros.

— Você precisa me ajudar, — ele rosnou. — Não sei o que há de errado com ela.

Os Irmãos se ajoelharam e Vishous buscou o pulso, verificando a pulsação.

— Ela não parece conseguir se mover. Mas não sei o motivo.

— Tem pulsação, — V murmurou — Está respirando. Merda, preciso das minhas coisas.

— Podemos levá-la para... Onde caralho estamos? — Trez exigiu.

— Sim, posso transportá-la...

— Ninguém toca nela, além de mim, — ouviu-se grunhir.

Aquilo realmente não parecia muito racional, mas o macho vinculado nele, não dava a mínima.

Os Irmãos conversaram, mas maldito fosse se tivesse ouvido. Seu cérebro estava viajando, pedaços do passado de alguns meses atrás se filtrando através quando tentou buscar por sinais do que havia de errado com ela.

Não houve nada que tenha visto ou ouvido em fofocas. Se ela só caíra, poderia ser resultado de esgotamento por oferecer demais sua veia, mas isto não explicaria o fato de seu corpo estar convulsionado do jeito que estava. Ela parecia, literalmente ter se tornado pedra.

Alguém o cutucou no ombro. Rhage.

— Me dê sua mão.

Trez estendeu a mão e sentiu-se ser erguido. Antes que começassem a falar com ele, ele disse, — Eu a levo. Ela é minha...

— Nós sabemos. — Rhage anuiu. — Ninguém vai tocar nela sem sua permissão. Precisamos levá-la... Então V os ajudará na volta, está bem? Vá agora, pegue sua fêmea.

Os braços de Trez tremiam tanto que se perguntou se conseguiria levá-la. Mas tão logo se abaixou, uma sensação profunda de propósito varreu todo o nervosismo e tremores: o objetivo de levá-la à clínica do Centro de Treinamento lhe deu poder físico e uma clareza mental que ele jamais conhecera antes.

Ele morreria tentando.

Deus, ela pesava tão pouco. Menos do que se lembrava.

E por baixo das vestes, sentia os ossos duros, como se ela estivesse definhando.

Antes do efeito de redemoinho dominá-lo de novo, seus olhos se moveram para uma espessa fila de árvores atarracadas limitadas por uma treliça. No canto oposto do arco, havia uma espécie de pátio no qual se espalhavam estátuas de mármore de fêmeas em várias posições sobre pilares.

Será que era para ali que ela estava indo?

Por algum motivo, a visão daquelas estátuas o aterrorizou até o âmago.

Capítulo SETE

Em pé diante o espelho longo em seu quarto, Layla tentou puxar o supostamente casaco solto em volta de si, mas ter o que pareciam dobras abundantes sobre sua barriga era como pedir a uma manta decorativa para cobrir uma cama king size.

Olhando para baixo, ela não podia mais ver seus pés, e pela primeira vez em sua vida, seus seios eram grandes o suficiente para criar um sério decote abaixo de sua túnica.

Dada a amplitude dela, era difícil acreditar que ela ainda tinha meses de gravidez para percorrer.

Por que os vampiros não poderiam ser mais parecidos com os seres humanos? Esses ratos sem cauda levavam nove meses para fazer isso. Sua espécie? Tente dezoito.

Olhando por cima do ombro, ela verificou-se no espelho da penteadeira do outro lado. De acordo com os vários partos humanos que ela tinha visto na TV, ela deveria se sentir toda brilhante. Deleitar-se com as mudanças do seu corpo. Abraçar o milagre que foi a concepção, incubação e expulsão iminente.

Adivinha, os seres humanos realmente eram uma raça diferente.

A única coisa positiva que ela teve desta experiência e, sem dúvida, a única coisa que importava, era que sua criança era ativa e aparentemente saudável. Exames regulares com a Dra. Jane tinham indicado que as coisas estavam progredindo com a perfeita ordem, metas atendidas e superadas, estágios entraram e partiram com graça.

Que eram os aspectos positivos. O resto da experiência? Não, obrigada gentilmente. Detestava o jeito que de ela mesma tinha de levantar seus pés. Os grandes melões sentados em seu peito tornavam difícil respirar. O inchaço nos tornozelos e mãos tornou membros elegantes em troncos de árvores. E depois havia os hormônios surgindo...

Isso a fazia querer coisas que sentia que fêmeas grávidas realmente não deveriam fazer.

Especialmente tendo em conta que ela queria fazê-las com...

— Pare. Basta parar isso.

Deixando cair a cabeça em suas mãos, ela lutou com a culpa penetrante que tinha sido a sua sombra nestes últimos meses, perseguindo-a de perto como sua própria pele, pesada como um traje de cota de malha de metal.

Ao contrário da gravidez, que tinha uma data de término para todo o desconforto e preocupação, não havia nenhum alívio para ser desfrutado nessa outra situação. No evento terminal, pelo menos não um que viesse com qualquer alegria.

Ela fez sua cama, no entanto. Agora ela deve deitar nela.

Indo mais para a porta, ela abriu os painéis e ouviu por passos. Vozes. O som de aspiradores de pó. Quando não havia nada, ela saiu para o corredor de estátuas e olhou para a esquerda e direita. Uma verificação rápida no seu relógio lhe disse que ela tinha cerca de uma hora e meia antes do amanhecer forçar seu retorno à mansão da Irmandade.

Saindo, ela queria correr, mas mal podia gerenciar uma caminhada rápida enquanto se dirigia na direção dos quartos pessoais.

Sua rota para a saída foi pré-planejada e bem executada, e ela tinha uma hábil sincronização. Seis minutos para descer a escada dos fundos e sair para a garagem. Dois minutos para o carro que havia sido dado à ela para usar e tinha dito às pessoas que estava saindo em uma base regular para “limpar a cabeça”.

Dezesseis minutos de carro para as trilhas de terra no leste da cidade.

Dois minutos a pé até o campo da árvore de bordo.

Onde ela iria encontrar...

— Layla?

Ela tropeçou em seus próprios pés quando se virou. Blay estava à frente do corredor de estátuas e em seu traje de luta, seus couros manchados e seu rosto exausto.

— Ah... Olá, — ela respondeu. — Você veio do campo?

— Você está saindo? — Blay franziu a testa. — É horrivelmente tarde.

— Só por uma curta distância, — disse ela suavemente. — Para, você sabe, limpar a minha cabeça.

Querida Virgem Escriba, ela odiava mentir.

— Bem, estou feliz que peguei você. Qhuinn não está muito bem.

Layla franziu a testa e caminhou de volta para o lutador. O pai da sua criança era uma das pessoas mais importantes na sua vida, como era Blay.

O par vinculado era sua família. — Por quê?

— Luchas. — Blay despojou seu coldre de adaga de seu peito. — Ele está recusando se alimentar, e Qhuinn apenas bate na parede com ele.

— Tem sido quase um mês.

— Mais.

Normalmente, se um vampiro macho saudável tomava a veia de uma Escolhida, ele poderia facilmente passar alguns meses entre as alimentações, dependendo do seu nível de atividade, estresse e saúde em geral. No entanto, para alguém que estava tão doente como Luchas? Muito mais do que uma ou duas semanas poderia rapidamente tornar-se uma sentença de morte.

— Onde está Qhuinn agora?

— Na sala de bilhar. Me chamaram das ruas mais cedo, porque... — Blay sacudiu a cabeça. — Sim, ele não está indo bem.

Layla fechou os olhos e colocou a mão em sua barriga. Ela tinha de ir. Ela tinha de ficar...

— Eu tenho de tomar um banho. — Blay olhou para a porta do quarto que ele e Qhuinn compartilhavam. — Há alguma maneira que você poderia sentar com ele até eu chegar lá?

— Oh, sim, é claro. — Blay estendeu a mão e apertou-lhe o ombro. — Você vai precisar me ajudar com ele. Isso está ficando...

— Eu sei. — Ela tirou o casaco e não se incomodou em colocá-lo de volta em seu quarto. Ela só jogou-o no chão na frente de sua própria porta. — Eu vou descer agora.

— Obrigado. Deus, muito obrigado.

Eles se abraçaram por uma fração de segundo e, em seguida, ela caminhou fora, indo para a grande escadaria e para o macho que tinha lhe dado o dom mais precioso: esta criança que ela carregava em seu ventre.

Não havia nada que ela não faria por Qhuinn ou seu *hellren*.

Ela estava, no entanto, muito consciente do macho que estava esperando por ela neste exato momento, na mesma árvore de bordo, no mesmo campo.

Sua consciência a torturava, especialmente quando ela passava pelas portas duplas abertas do escritório do Rei. Através da porta majestosa, ela viu o trono

atrás da grande mesa esculpida... E se lembrou de por que ela tinha atingido o acordo que tinha.

Vender seu corpo para o chefe do Bando dos Bastardos tinha sido para manter todos a salvo aqui na mansão. O acordo ainda não tinha sido consumado por conta de sua gravidez, no entanto, algo que a tinha surpreendido no início. Xcor era um guerreiro brutal, aquele que não só tinha reputação, mas o caráter verdadeiro, para fazer mal aos outros, e gostar disso. E ainda com ela, ele parecia contente em esperar pelo momento certo, antes que ele recebesse o que lhe era devido.

Em uma base regular, eles se encontraram debaixo daquela árvore e conversavam. Ou, às vezes, simplesmente sentavam em silêncio, com os olhos vagando por toda ela como se...

Bem, às vezes ela pensava que ele parecia ter força de apenas olhar para ela, como se a conexão visual era uma espécie de veia da qual ele precisava extrair regularmente.

Outras vezes, ela sabia que ele estava imaginando-a nua, e ela disse a si mesma para ficar ofendida com isso. Assustada com isso. Preocupada com isso.

Ultimamente, no entanto, uma estranha curiosidade sobre ele tinha criado raízes sob o medo, uma curiosidade presa ao seu corpo poderoso, com os olhos semicerrados... Os lábios, mesmo que o superior esteja arruinado...

Ela culpou seus hormônios, e tentou não debruçar sobre os impulsos. A única coisa que ela precisava manter em mente era que, enquanto ela continuava a se encontrar com ele, ele havia jurado sobre a honra que tinha de não invadir o Complexo.

Afinal, a única razão pela qual ele sabia onde estavam era por causa dela. Indiretamente, talvez, mas parecia que a falha de segurança era unicamente culpa dela.

A coisa toda foi um acordo com um demônio, executado para manter aqueles com quem ela se importava mais seguros. Odiava as mentiras, a vida dupla, a culpa... E o medo de que, mais cedo ou mais tarde, ela teria que viver de acordo com sua parte no trato.

Mas não havia nada que pudesse fazer.

E, hoje à noite, sua família teve de vir antes de sua fraude.

Abaixo, na principal sala de exames do Centro de Treinamento, Trez estava tendo uma experiência fora-do-corpo quando o transporte girando parou e ele mais uma vez teve de recalibrar sua localização. Graças a Deus que eles tinham feito isso em uma única peça. Agora, se ao menos houvesse ajuda para se ter aqui.

Segurando firme o corpo contorcido de Selenia em seus braços, ele olhou por cima do ombro. Dra. Jane, *shellan* de V, estava em pé ao lado, com um traje médico completo: uniforme azul, luvas de borracha nitrílica verde, sapatinhos em seus pés.

Ela não se aproximou de Selenia, no entanto. Ela só ficou onde estava, olhando para eles, no que pareceu uma eternidade.

Merda. Trez não era nenhum tipo de médico, mas, de um modo geral, quando alguém com o grande “Dra.” na frente do nome tinha de fazer uma pausa quando via pela primeira vez um paciente?

Não era um bom sinal.

Rhage e V estavam do outro lado do caminho, e estavam igualmente boquiabertos para ele e Selenia, como se também não tivessem ideia de como ajudar.

Dra. Jane limpou a garganta. — Trez...?

— Me desculpe, o quê?

— Você vai me deixar olhar para ela?

Trez franziu a testa. — Sim, vamos lá. — Quando a Dra. Jane não se moveu, ele começou a perder a paciência. — Qual, diabos, é o problema?

— Seus dentes estão descobertos e você está rosnando. Esse é o problema.

Ele fez uma auto avaliação rápida, e descobriu: porra, ele tinha de fato ido todo Cujo⁶ sobre eles, afundando seu peso para baixo em suas coxas, exibindo suas armas, e fazendo um som como um cortador de grama industrial na parte de trás de sua garganta.

— Sim, me desculpe. — Naquele momento, ele percebeu que também estava apoiado em um canto e estava segurando Selenia em seu peito como se alguém estivesse tentando levá-la dele. — Então, eu deveria colocá-la em cima da mesa.

⁶ Filme de terror baseado no livro “Cujo”, de Stephen King, sobre um São Bernard (chamado Cujo) que se tornou raivoso e matou várias pessoas.

— Isso seria um bom lugar para começar, — V apontou.

Seu corpo tomou seu próprio tempo doce quando ele deu a ordem para avançar, e, no final, apenas o fato de que ela precisava de tratamento de alguém que tinha metade de um cérebro e um estetoscópio o levou à qualquer lugar perto do centro da sala.

Inclinando-se, ele a colocou estendida no aço inoxidável, e estremeceu porque poderia muito bem ter estado lidando com uma cadeira de madeira: o corpo dela ficou na mesma posição exata em que ela tinha estado quando ele a encontrou, pernas estendidas, torso torcido, braços enrolados até o peito. E quase pior? Sua cabeça permaneceu naquele ângulo ruim, torcida ao redor na direção oposta de seus ombros, como se ela estivesse com muita dor.

Sua mão tremia quando ele escovou o cabelo do rosto dela. Os olhos dela estavam abertos, mas ele não tinha certeza que ela estava consciente. Ela não parecia se concentrar em nada, piscadas lentas periódicas eram a única indicação de que ela poderia estar acordando.

Poderia continuar viva.

Trez colocou o rosto em sua linha de visão. — Você está no Centro de Treinamento. Eles vão...

À medida que sua voz falhou, ordenou a si mesmo obter sua merda longe e deixar a Dra. Jane fazer seu trabalho. Cruzando os braços sobre o peito, ele recuou até que sentiu uma mão pesada em seu ombro. Era Rhage. E Trez tinha certeza que o gesto era parte compaixão, parte se assegurando no caso do macho vinculado nele decidir agarrar as rédeas novamente.

— Deixe-os fazer as suas coisas, — disse Hollywood quando Ehlena, que era *shellan* de Rehv e enfermeira, irrompeu pela porta. — Vamos ver onde estamos.

Trez assentiu. — Ok. Sim.

A boa médica inclinou-se e olhou nos olhos opacos de Selenia. Tudo o que ela disse era suave demais para ouvir, mas o padrão de Selenia piscando mudou, embora fosse difícil saber se isso era uma coisa boa ou uma ruim.

Pressão arterial. Pulso. Pupilas. As três primeiras verificações foram rápidas, mas Jane não perdeu tempo anunciando quais foram os resultados. Ela e sua enfermeira continuaram trabalhando rápido, tomaram a temperatura de Selenia, colocaram uma intravenosa na parte de trás de sua mão, porque as curvas de seus cotovelos estavam trancadas.

— Eu quero um eletrocardiograma, mas não posso chegar ao peito, — a Dra. Jane disse. Então, ela olhou por cima do ombro para seu companheiro. — Você conhece alguma síndrome que causa isso? É como uma convulsão de todo o corpo, exceto que suas pupilas estão reativas.

— Eu não. Você quer que eu chame Havers para uma consulta?

— Sim. Por favor. — Conforme V saía do quarto, Jane balançou a cabeça. — Eu preciso saber o que está acontecendo em seu cérebro, mas não temos uma ressonância magnética aqui ou uma tomografia computadorizada.

— Então, nós a levamos para Havers, — disse Trez.

— Ele não tem essa tecnologia, também.

— Foda-se. — Quando o domínio de Rhage apertou nele, Trez focou no rosto de Selena. — Ela está com dor? Eu não quero ela com dor.

— Honestamente? — Disse a médica. — Eu não sei. E até que tenha uma ideia sobre seu estado neurológico, não quero aplicar nenhum tipo de droga que iniba a função. Mas vou avançar tão rapidamente quanto puder.

Parecia levar uma eternidade, pois tudo o que ele podia fazer era observar a dança médica complicada acontecendo em volta da mesa. E Rhage ficou ao lado dele, jogando de babá sentinela enquanto Trez se debatia entre os extremos de borrar as calças de medo e a vontade de estourar os miolos sem nenhuma graciosidade.

E então a Escolhida Cormia irrompeu pela porta.

No instante em que a mulher viu Selena, ela engasgou e trouxe as duas mãos para cobrir sua boca. — Querida Virgem Escriba...

Dra. Jane olhou por cima da coleta de sangue de uma veia na parte de trás da outra mão de Selena. — Cormia, você sabe o que poderia ter...

— Ela tem a doença.

Todo mundo ficou quieto. Com exceção de Cormia. A Escolhida correu para o lado de sua irmã e alisou o cabelo escuro de Selena, murmurando para ela no Idioma Antigo.

— Que doença? — Perguntou Dra. Jane.

— A tradução do Idioma Antigo é mais ou menos “A prisão”. — A Escolhida enxugou os olhos. — Ela tem a Doença do Aprisionamento.

Trez ouviu sua voz cortada em silêncio. — O que é isso?

— E é transmissível? — Jane interrompeu.

Capítulo OITO

Quando o nascer do sol começou a surgir no Leste, Xcor, o líder do Bando dos Bastardos, reassumiu forma em frente a uma modesta casa colonial. A casa que ele e seus soldados usavam como esconderijo há quase um ano ficava no fim de uma rua sem saída em uma vizinhança cheia de humanos de meia-idade e da classe média. Throe havia alugado com a perspectiva de comprá-la, apostando na veracidade da teoria de se esconder em plenas vistas, e a propriedade vinha funcionando satisfatoriamente.

Havia luzes no interior, a iluminação sangrava pelas frestas das cortinas fechadas e ele imaginou o que os seus guerreiros estavam fazendo lá dentro. Recém-saídos da briga com *lessers* nos becos do centro de Caldwell, provavelmente estariam tirando as roupas manchadas de sangue e dividindo os mantimentos da geladeira e dos armários da cozinha. Eles também deviam estar bebendo, embora não sangue para fazê-los mais fortes, e nem água para reidratá-los, mas ao invés disto, álcool, como um remédio interno para sarar as novas contusões, cortes, hematomas.

Subitamente, sua nuca começou a formigar em apreensão, informando-o, como se a queimadura de pele exposta de suas mãos não o fizesse, que tinha pouco tempo para esconder-se do sol, entrando na casa.

E ainda assim, não tinha vontade de entrar. Ver os soldados. Consumir alimento antes de se retirar para o andar de cima, para aquele quarto doentamente feminino.

Seu vício não havia sido satisfeito.

Layla não viera esta noite.

Com uma maldição, tirou o aparelho celular e discou no teclado numérico, um número baseado em um padrão que havia memorizado. Levando o celular ao ouvido, ouviu seu coração acelerado trovejar acima do toque de chamada.

Não havia mensagem personalizada de correio de voz ativada naquela conta, então após chamar seis vezes, um anúncio automático detalhando o número fez-se ouvir. Ele não deixou uma mensagem.

Dirigindo-se à porta, preparou-se para o ataque de barulho e caos. Seus Bastardos inevitavelmente estariam eufóricos em ondas de adrenalina, queimando o resto do combustível que os movera na luta, e que demorava a se dissipar.

Abrindo a porta Xcor congelou ao pisar na soleira.

Seus cinco guerreiros não estavam, de fato, conversando uns com os outros enquanto passavam entre si garrafas de álcool, junto com curativos e gases para seus machucados. Ao invés, estavam sentados nos móveis disponíveis que haviam sido alugados junto com a casa. Não havia bebidas em quaisquer mãos, e nem mesmo o som de metal sobre metal de armas sendo limpas e adagas sendo amoladas.

Estavam todos lá: Zypher, Syphon, Balthazar, Syn... E Throe, que não pertencia ao Bando, mas que havia se tornado indispensável.

Nenhum deles o olhava nos olhos.

Não, aquilo não era verdade.

Throe, seu braço direito, era o único macho a encará-lo. Também o único do grupo a estar em pé.

Ah, então ele havia organizado este... Fosse lá o que fosse.

Xcor fechou a porta às suas costas. E manteve as armas.

— Tem algo a dizer? — Perguntou, parado à porta, sustentando o olhar de Throe.

Seu segundo em comando pigarreou e, quando falou, seu sotaque não era só da aristocracia, mas da classe social mais elevada dos vampiros: a *glymera*.

— Estamos preocupados com as suas inclinações, — o macho olhou em volta, — atuais.

— É mesmo?

Throe parecia esperar por algo mais como resposta. Quando nenhuma veio, murmurou uma maldição de frustração. — Xcor, onde está sua ambição? O Rei tem um único herdeiro mestiço e você de repente se esquece de nossa jornada coletiva para o trono? Você despojou-se de seus objetivos como uma tigela vazia de seus conteúdos.

— Combater a Sociedade Lessening é tarefa de tempo integral.

— Talvez se você estivesse de fato combatendo.

— Os *lessers* que matei esta noite eram fruto de minha imaginação, então?

— Não é só isto que faz a noite.

Xcor expôs as presas. — Cuidado com onde está se metendo.

Throe ergueu uma sobrancelha em desafio. — Não devo falar na frente deles?

Quando sentiu os olhos de seus machos em cima de si, quis socar algo. Ele achara que seus encontros com Layla não haviam sido testemunhados. Claramente, estava errado.

Se tivesse dito a Throe para calar a boca? Estaria condenando a si próprio a algo pior do que admitir o que andara fazendo.

— Não tenho nada a esconder, — rosnou.

— Permita-me discordar. Você passa tempo demais debaixo daquela árvore de bordo, como algum apaixonado qualquer.

Xcor materializou-se na frente do macho, de maneira que havia poucos centímetros separando-os. Ele não tocou em Throe, mas, ainda assim, o soldado recuou.

Mas não muito. — Quer contar a eles quem ela é? Ou eu conto?

— Ela é irrelevante. E minhas ambições não estão sendo restringidas por ninguém.

— Prove.

— A quem? — Xcor ergueu a cabeça e o queixo. — A quem? Ou o problema é com você?

— Prove que você não amoleceu.

Em um piscar de olhos, Xcor sacou a adaga de aço e pressionou-a na jugular do macho.

— Aqui? Agora?

Quando Throe engasgou, a ponta afiada penetrou sua carne, e uma linha de sangue vermelho brilhante sujou aquela lâmina tão brilhante.

— Devo provar em você? — Xcor disse, sombrio — Será suficiente?

— Você anda distraído, — Throe replicou. — Por uma *fêmea*. Você está fraco por ela!

— E você está louco! Eu escolhi não matar o Rei da Raça legalmente eleito e isto é um crime a ponto de fazê-lo começar um motim entre os meus guerreiros?

— Você estava tão perto! Quase conseguimos o trono! Os dominós estavam alinhados, a *glymera* ia atender as suas exigências...

Xcor pressionou mais uma vez a adaga, interrompendo a frase. — Esta reunião traidora é sobre minha ambição, ou sobre a sua? Permita-me perguntar precisamente a perda de quem você está lamentando.

— Você não está mais nos liderando.

— Vamos perguntar a eles. — Xcor afastou-se e caminhou pela sala, olhando para as cabeças pendidas de seus soldados. — O que me dizem. Estão com ele, ou comigo? — Quando súplicas se irromperam no ar cheio de tensão, ele virou-se para Throe. — Porque é isto o que está fazendo, não é? Apresentando a eles uma escolha. Você ou eu. Então eu digo, vamos chegar logo ao final do jogo. Com quem ficarão, Bastardos meus?

Houve uma longa pausa.

E então Zypher ergueu os olhos — Quem é ela?

— Não foi esta a pergunta que eu fiz.

— Esta é a pergunta que eu quero que seja respondida.

Xcor sentiu seu mau humor aumentar. — Ela não é da sua conta.

De jeito nenhum no inferno ele iria explicar sua relação com sua Escolhida.

As narinas de Zypher se alargaram quando respirou fundo. — Jesus... Você se vinculou a ela.

— Não vinculei.

— Eu consigo sentir também, — alguém mais disse. — Quem é ela?

— Ela não tem importância.

Throe falou em voz alta, de forma bem clara. — Ela é uma Escolhida. Que vive com a Irmandade.

Eeeeeee então se fez o caos que ele anteriormente antecipara: A sala se encheu de vozes masculinas, todos falando uns com os outros, fragmentos do Idioma Antigo misturado com palavrões em Inglês e Alemão.

Enquanto isto, Throe retirou um lenço imaculado e pressionou o quadrado na ferida em sua garganta. — Eu ainda não consigo entender porque ela se encontra com você... O que você oferece a ela? Deve haver algum tipo de persuasão... Dinheiro? Ou é algum tipo de ameaça?

Xcor deixou o insulto sem resposta, como se aquilo não estivesse nem perto da verdade; o macho havia acertado na mosca. A única razão pela qual a Escolhida Layla se encontrava com ele era porque ele sabia a localização da mansão da Irmandade da Adaga Negra, e ela morria de medo de que ele fosse atacar a

propriedade. Houve uma noite, quase há um ano, quando ele havia seguido o rastro de sangue dela e se deparara com o grande segredo. E Throe estava certo, ele havia usado a descoberta em seu favor.

Ela lhe prometera seu corpo em troca de ele se manter longe do local.

E embora ainda não tivesse possuído no sentido carnal, em respeito à sua gravidez, sua virtude e sua casta... Ele a teria.

Eventualmente, tomaria o que era dele e a marcaria como sendo sua...

Merda, ele tinha mesmo se *vinculado*?

Xcor voltou a atenção a Throe e aos Bastardos. — Vamos nos preocupar com este motim e não com a imaginação de qualquer um. Então o que dizem? Todos vocês. — Houve uma longa pausa — Qualquer um de vocês.

Ele supôs, enquanto esperava pela resposta, que o fato de Throe permanecer vivo era prova de que Xcor tinha, de fato, amolecido de alguma forma. Treinado por Bloodletter, ele não havia esquecido o que aprendera no campo de treinamento, mas, ultimamente, passara a perceber que força bruta e derramamento de sangue eram simples meios para um fim e haviam outros que podiam ser mais eficientes.

Por exemplo, Wrath tinha provado isto no modo como havia resolvido o ataque final contra o trono. O Rei e sua companheira haviam rebatido todos os ataques contra seu reinado, e isso sem matar ninguém, e a castração foi tão completa, que os poderes da própria *lesser* haviam sido extinguidos.

E Wrath, como o líder, agora eleito pelo povo, tinha poder irrestrito.

Throe rompeu o silêncio, dirigindo-se aos guerreiros. — Acredito que fui bem claro. Sinto fortemente que devíamos voltar à luta pelo trono. Ferimos Wrath uma vez, podemos pegá-lo de novo. Ele pode ter sido eleito democraticamente, mas não pode continuar a governar se não estiver vivo. E então precisamos arregimentar apoio com a *glymera*. Coordenando uma estratégia constitucional com os antigos membros do Conselho, podemos discutir que Wrath ultrapassou seus poderes e...

— Você é um tolo. — Xcor disse baixinho.

Throe virou-se e encarou-o com um olhar hostil. — E você é um fracasso!

Xcor negou com a cabeça. — As pessoas foram consultadas. Elas escolheram colocar Wrath no trono que havia anteriormente herdado, e não há luta a ser vencida quando não há uma frente, mas milhares. Leis tradicionais e normas

culturais são mantos frágeis de poder e influência. A democracia, no entanto, quando é exercida de verdade, é uma fortaleza de pedra que não pode ser derrubada, explodida ou roubada. O que você não consegue entender, segundo em comando, é que não há nada mais pelo que se lutar, se é que tem intenção de vencer alguma coisa.

Throe estreitou os olhos — Me diga isso, sua Escolhida tem te dado aulas? Jamais ouvi algo assim sair de sua boca.

Xcor forçou-se a ficar quieto.

Ele e seus guerreiros estavam juntos muito tempo antes de Throe ter se juntado a eles. Mas, e se aqueles machos não pudessem ver além daquela infeliz ambição? Então que Throe ficasse com eles.

Xcor não se curvaria a ninguém ali.

No silêncio que se seguiu. Throe olhou em volta para os guerreiros que antigamente caçoavam de sua fraqueza de mauricinho, mas que haviam passado a respeitá-lo ao longo dos últimos dois séculos. — Manipulação é mais bem-sucedida quando engendrada por alguém do sexo feminino. Acha que ele não está só repetindo as falas de outra pessoa agora? Alimentando-se do que precisamente seduz mais a sua mente, seu corpo, emoções? Vocês mesmo sentiram o cheiro do vínculo. Saibam que a alma segue os passos do coração, e o dele não está mais conosco, com nossos objetivos, com o que podemos obter. Não é mais a força que o move, mas o tipo de fraqueza que ele certa vez deplorou nos outros. Veem? Mesmo agora, ele fica em silêncio!

Xcor deu de ombros, — Não tenho inclinação nenhuma em pontificar.

— Você sequer sabia o significado disto há seis meses? — Throe apontou.

— O que dizem? — Xcor olhou em volta com uma sensação crescente de tédio. — A escolha é de vocês, mas saibam de uma coisa. Uma vez que escolherem, é como tatuagem na pele. Impossível de apagar.

Zypher foi o primeiro a se levantar. — Eu só tenho uma aliança.

Com isto, desembainhou sua adaga. Cortou a palma da própria mão e se aproximou de Xcor de mão estendida.

Xcor cumprimentou-o e teve de pigarrear. Balthazar foi o próximo, pegou a mesma faca e cortou-se, jorrando sangue. E Syphon o imitou com a mesma eficiência.

Syn observou tudo com olhos semicerrados, imóvel. Ele era, como sempre, o imprevisível, mas, mesmo ele, se levantou para se aproximar de Xcor. Tomando a lâmina, apunhalou a mão e torceu, o lábio superior se curvando, como se gostasse da dor.

Xcor aceitou os votos do último de seus soldados e então olhou para Throe. Erguendo sua mão ensanguentada, alongou as presas e sibilou, mordendo sua própria carne e então lambeu o sangue misturado.

— Como se isso fosse acabar de outro jeito, — sorriu, com crueldade. — Você jamais foi um de nós.

O rosto bonito de Throe se contorceu em uma expressão cruel. — Você me forçou a me juntar a vocês. Você fez isto comigo.

— Mas, você vai desfazer, não é mesmo? Ótimo, eu te libertei um ano atrás. Deixe sua ambição exercitar seu destino se quiser, mas uma vez que saia por aquela porta, é um rompimento permanente. Estará morto para nós, suas questões serão suas e de mais ninguém.

Throe anuiu. — Que assim seja.

O macho marchou e pegou suas adagas e casaco; então foi para a porta. Virando-se, dirigiu-se ao grupo — Ele está errado sobre muitas coisas, mas, especialmente sobre o trono. Uma guerra com milhares de frentes? Acho que não. Tudo o que é preciso é eliminar Wrath. Então o trono estará lá para ser conquistado pela mão mais forte; e este macho não é mais o mais forte deste grupo.

O guerreiro fechou a porta atrás de si com uma batida.

Xcor cerrou os molares, sabendo malditamente bem que Throe devia ter elaborado um plano de contingência antes de expor suas cartas diante de todos, ou jamais teria sido tão descuidado de sair poucos minutos antes do amanhecer.

Throe apostara e perdera, mas, só em se tratando deles. Onde isto os levaria? Xcor não fazia ideia.

Mas Wrath deveria se preocupar também.

Houve algum perambular em volta. Tossidelas. E então, é claro, comentários.

— Então, — Zypher soltou. — Vai nos dizer qual a cor dos olhos dela?

— É o mínimo que pode fazer, — Balthazar exclamou — Nos descreva.

— Uma Escolhida?

— Como no mundo você conseguiu...

De uma só vez, a casa voltou ao normal, vozes masculinas encheram o ar, bebidas foram servidas e divididas, curativos saíram das embalagens para serem enrolados nas mãos feridas.

Xcor exalou em um alívio que ficou chocado por sentir, mas não se enganou. Embora seus guerreiros tenham ficado ao seu lado, ele agora tinha um novo inimigo contra quem lutar; e Throe, graças ao treinamento que o próprio Xcor dera ao macho, era realmente perigoso.

Tirando o celular, olhou para baixo... E viu que sua chamada não havia sido retornada.

Dado o estado da deserção de Throe? Era imperativo que contatasse sua Escolhida... E agora se preocupava de que talvez Throe tivesse chegado a ela primeiro e fosse por isto que ela não havia aparecido.

— Então? — Zypher disse. — Como ela é?

Houve um súbito silêncio, o qual pareceu invadir todo aquele barulho.

E ficou surpreso ao perceber que queria contar a eles. Há quanto tempo escondia aquilo?

Com palavras hesitantes, disse, — Ela é... A lua em meu céu noturno. E isto é o começo, meio e fim. Não há mais nada a ser dito além disto, e eu jamais voltarei a falar dela novamente.

Enquanto se afastava e subia as escadas, podia sentir os olhares deles sobre si, e não eram olhares de desdém. Não, por mais que tentassem esconder, havia pena fluindo de todos eles, um reconhecimento da fealdade de seu rosto e a natureza equivocada de um romance para ele com qualquer fêmea, muito menos uma Escolhida.

Ele parou com a mão no corrimão. — Amanhã, ao pôr-do-sol, peguem todas as provisões e empacotem os pertences. Devemos sair deste local e procurar outro. Esta casa não é mais segura.

Subindo as escadas, ouviu a aquiescência dos guerreiros. E sentiu uma gratidão pungente por terem escolhido ele para liderá-los.

Ao invés da inteligência, educação e história de vida mais óbvia de Throe... E aparência, claro.

Palmas para o deformado, ele pensou ao trancar-se no quarto. Embora ele tenha perdido muitas coisas, pelos séculos de sua vida, cortesia de seu lábio leporino e grosseria, aqueles soldados lá embaixo o valorizavam.

E ele os valorizava em retorno.

Capítulo NOVE

iAm retornou à grande mansão de pedra da Irmandade um pouco antes do nascer do sol, subiu correndo os degraus até a entrada estilo catedral, e abriu a porta para o hall. Seguindo o protocolo, colocou a cara na frente da câmara de segurança e esperou.

Um momento depois, a porta interna se abriu e o som de uma animada conversação o saudou, junto com os ricos aromas de uma Última Refeição caprichada.

— Boa noite, senhor. — Fritz, o mordomo, disse com uma reverência. — Como vai?

— Ei, ouça, viu meu irmão? Estou tentando encontrar...

— Sim, ele voltou.

iAm quase praguejou de alívio. — Que ótimo. Simplesmente ótimo.

Pelo menos o pobre bastardo estava em casa a salvo e em um ambiente seguro. Mas, Cristo, Trez podia ao menos ter enviado uma mensagem de texto dizendo que estava vivo. Quantas vezes tentara contatá-lo ligando para aquele celular que ele não atendia...

Da esquerda, uma sombra com movimentos ligeiros pulou no chão de mosaico, acertando-o como um míssil.

iAm pegou no colo o Gato Maldito, também conhecido por Boo. Ele absolutamente desprezava o animal... Ainda mais ultimamente, quando o saco de pulgas começara a dormir com ele durante o dia. Todos aqueles afagos. Ronronadas.

Pior? Ele começava a se acostumar àquela tortura.

— ... Clínica.

— Como é? — iAm arranhou a garganta do gato e fez os olhos de Boo revirarem. — Não ouvi nada do que disse.

— Desculpe. — O mordomo fez uma nova reverência mesmo que não fosse culpa sua. — A Escolhida Selenia ficou doente e foi levada à clínica. Trez está acompanhando-a enquanto é examinada, acredito que o Primale e Cormia estão lá também. Sinto em dizer, mas a condição dela parece ser bem séria.

— Maldição... — iAm fechou os olhos e deixou a cabeça cair para trás. Eles estiveram esperando más notícias pelo lado do s'Hisbe. Não pela Escolhida por quem seu irmão estava atraído. — Qual o problema com ela?

— Acredito que ainda não chegaram a um diagnóstico.

Merda. — Está bem, obrigado, cara, eu vou...

A Escolhida Layla apareceu na arcada da sala de jogos, com Qhuinn e Blay bem próximos a ela. — Perdoem-me, mas falavam de Selenas?

Deixando o mordomo responder àquilo, iAm dirigiu-se às portas ocultas debaixo da escadaria principal, e não se surpreendeu ao ver que os outros rapidamente vieram atrás dele.

Ao digitar o código para abrir a porta trancada, um celular tocou.

— É o seu de novo? — Qhuinn perguntou.

Layla silenciou o toque. — É só um humano ligando para o número errado.

— Quer que eu peça para V bloquear este número?

— Ah, não há motivo para incomodá-lo.

— Aqui, me dê que eu vejo...

Layla devolveu o celular às dobras de sua túnica. — Eles não vão ligar de novo. Vamos.

Após um sutil som de *biitip*, iAm abriu a porta e eles desceram uma escada curta até uma segunda porta trancada. Do outro lado dela havia um túnel subterrâneo que ia da mansão ao Centro de Treinamento, e mais além, ao Pit, onde V e Butch moravam com suas companheiras.

Com cada passo na faixa de concreto murada, de teto baixo, a tensão nos ombros de iAm aumentava, os músculos ao longo de sua espinha se apertava com tanta força que a dor reverberava o caminho todo até suas têmporas.

Quando emergiram no escritório, Tohr ergueu os olhos do computador. — Está tendo alguma convenção aqui esta noite?

— Selenas está doente. — Qhuinn murmurou.

O Irmão levantou-se. — O que? Eu a vi há algumas horas. Ela ia alimentar Luchas e...

Acabou que tiveram então sete pares de pés e shitkickers cruzando o corredor.

O Centro de Treinamento era uma enorme instalação subterrânea que incluía uma piscina olímpica, área para prática de tiro a alvo, uma academia de

personal trainer, um ginásio olímpico, salas de equipamentos e um complemento de salas de aula que eram usadas para o ensino de alunos antes dos ataques. Havia também extensas instalações médicas, com salas cirúrgicas e quartos de recuperação, e foi para lá que se dirigiram.

O fato de haver pessoas amontoadas em volta da porta fechada da sala de exames não era um bom sinal: Phury, Cormia, Rhage e Vishous estavam em modo de espera-ansiosa, perambulando, encarando o chão, se contorcendo.

— Oh, graças a Deus. — Phury disse ao ver iAm. — Trez vai ficar contente de te ver. Não conseguimos te contatar.

Provavelmente porque seu celular tinha tocado, mas ele ignorara a coisa, enquanto abandonava o condomínio e ia tentar encontrar Trez na shAdoWs.

— Eles estão tirando radiografias, — V disse. — Por isto estamos aqui fora. Trez não saiu de perto dela.

Layla franziu o cenho — Por que estão fazendo isto? Ela quebrou um osso...

Cormia se aproximou da outra Escolhida e tomou as mãos de Layla. Palavras suaves foram trocadas e então Layla engasgou e oscilou em seus pés. Quinn a apoiou, iAm decidiu que, fosse o que fosse, ele precisava entrar lá.

— Não vou esperar. — Disse ele, largando o gato e abrindo a porta.

De início, não conseguiu distinguir o que estava vendo. Quando a porta pesada fechou-se atrás de si silenciosamente, concentrou-se no que pareciam ser pernas de mesa na plataforma de exames. Só que... Era Selena. Suas panturrilhas e coxas esguias estavam encurvadas, separadas de forma anormal e rígidas em ângulos ruins, como se sentisse grande dor, e não era só a parte inferior do corpo dela que estava afetada. A posição da cabeça estava toda errada, e os braços dela estavam contorcidos contra o peito, mesmo os dedos pareciam garras.

Era como se ela estivesse tendo um tipo de convulsão.

A Dra. Jane movia uma grande peça de maquinário na posição sobre o ombro de Selena, e a enfermeira, Ehlena, seguia atrás dela para que os vários cabos não se emaranhassem. Trez estava ao lado da cabeça de Selena, as mãos trêmulas acariciavam para trás aqueles cabelos negros.

Ele nem olhou para cima. Não parecia estar consciente de que alguém mais entrara no quarto. Não parecia nem estar respirando.

— Okay, Ehlena, a placa? — A médica aceitou algo que tinha tamanho de uma folha de papel A4, mas, da grossura de um dedo. Cabos conectavam-se a

uma extremidade dele e iam até um notebook pousado sobre a mesinha rolante.
— Eu ou tentar pegar o cotovelo aqui.

A placa foi deslizada sob a junta, e então a Dra. Jane olhou para Trez. — Você quer segurar esta aqui também?

Ele anuiu e estendeu a mão, obedecendo-a — Não vou mexer desta vez.

— Estes são raios-X digitais, então não tem problema, okay? — A médica deu um apertãozinho rápido no braço de Trez. — Vamos para trás daquela partição agora.

Dra. Jane olhou para cima e pulou um pouco, como se ela, também estivesse tão concentrada na paciente que não tomara conhecimento de sua presença. — Oh, iAm bom, mas ouça, é melhor sair enquanto...

— Não vou a lugar algum.

— Eu não... — Trez praguejou, — não consigo manter isto firme.

Sem uma palavra, iAm cruzou o chão azulejado e estendeu a mão ao irmão, estabilizando os tremores — Deixe-me ajudar.

Trez não se assustou. Mas seus olhos se elevaram, e oh, Deus, aqueles olhos... Eram poços negros de tristeza.

E foi quando iAm soube que aquilo não ia acabar mal, mas MAL.

O macho não estava com medo.

Ele já estava de luto.

Trez não soube imediatamente quem era seu salvador. Não reconheceu a mão que se juntou à sua, mesmo que parecesse quase idêntica à sua. Não rastreou o novo aroma no quarto. Não foi até olhar para cima que descobriu...

iAm, é claro.

Como se pudesse ser mais alguém.

A imagem de seu irmão oscilava. — iAm, ela está...

Ele não conseguia dizer as palavras. Seus processos de pensamentos entraram em pane, como se tivesse tido um derrame, ou algo assim.

— Vamos segurar a placa, — iAm disse, — juntos.

— Você devia ficar atrás da coisa de chumbo.

— Não.

Trez não se surpreendeu com a insistência de iAm, e murmurou um obrigado, porque achava que sua voz não funcionaria melhor do que seu cérebro ou mão.

— Vamos ficar o mais imóveis que conseguirmos. — Dra. Jane disse. Então houve um breve som zumbindo da máquina e a Dra. Jane e Ehlena voltaram à maca.

iAm foi quem devolveu a placa, uma coisa boa, porque Trez teria deixado cair. Dane-se sua mão, seu corpo inteiro tremia.

— Obrigada. — Dra. Jane disse. — Acho que é suficiente. Quer deixar os outros entrar?

Trez negou com a cabeça — Posso ter um momento a sós com ela?

— Precisamos ficar para olhar os raios-X.

— Oh, é, eu sei. Eu só... — ao olhar para a porta, soube que aquelas pessoas tinham tanto direito quanto ele de estar ali. Na verdade, tinham mais.

— Trez, — Dra. Jane disse gentilmente, — faremos do jeito que você quiser.

Mas o que Selenia queria? Ele se perguntou, não pela primeira vez.

— Ouça, — Dra. Jane murmurou, — não parece haver motivo de emergência agora. Haverá tempo para os outros virem mais tarde... E se a condição dela mudar? Tomaremos diferentes decisões dependendo do que acontecer.

— Está bem. — Ele acenou na direção do irmão. — Mas, não iAm. Eu quero que ele fique.

Seu irmão anuiu e aproximou uma cadeira, mas não para uso próprio. Empurrou-a por trás dos joelhos de Trez, e as juntas, funcionais como eram, cederam imediatamente. Quando seu traseiro pousou no assento, pensou que se sentia mesmo meio zozzo. Provavelmente era uma boa ideia sentar-se.

Sem uma única palavra, iAm sentou-se no chão ao seu lado, e era incrível o modo como a mera presença do macho por perto já o acalmava.

Trez voltou a se concentrar em Selenia. Ela ainda não havia se movido da posição em que a encontrara, e todos aqueles ângulos contorcidos de seu corpo eram um pesadelo total.

De fato, a coisa toda parecia ser tão... Devastadora.

Pelo que Cormia dissera, a Doença do Aprisionamento atacava uma pequena parcela das fêmeas Escolhidas. Em toda a história, só uma dúzia, talvez menos,

foram acometidas, o que significava que a chance estatística de se ter o distúrbio eram muito baixas. Infelizmente, a condição era sempre fatal.

Maldição, ele não queria que nenhuma daquelas fêmeas adocessem, mas, por que ela?

De todas elas, em toda a história da Raça, porque Selenia tinha de ser uma das que morreria cedo assim?

E era uma forma horrível de morrer. Congelada em seu próprio corpo, incapaz de comunicar, presa em uma prisão desvanecente até que tudo escurecesse e você...

Ele fechou os olhos.

Merda, e se ela não o quisesse ali? Ele havia se vinculado, sim, e todo mundo o tratava com o respeito que um macho vinculado merecia naquela situação, mesmo que se perguntassem como havia acontecido sem eles saberem.

O problema era, ele e Selenia não estavam emparelhados. Em um relacionamento. Nem mesmo saindo juntos.

Inferno, eles não passaram mais do que dois minutos juntos há meses...

— Trez?

Com um susto, ele ergueu as pálpebras. Dra. Jane estava a sua frente, os olhos verde-floresta alertas e sérios. — Eu avaliei os raios-X.

Ele pigarreou. — Talvez os outros queiram entrar para isto?

Merda, ele devia se afastar para que Cormia ou outra pessoa segurasse a mão dela? Seria melhor? Seu corpo odiaria e sua alma também. Mas aquilo não era sobre ele.

Uma porção de gente entrou, mais do que havia antes, e ele acenou para Tohr, Qhuinn e Blay; e ficou contente de que Layla estivesse ali, junto com Cormia e Phury. Forçando-se a se levantar, ele ia dar um passo para trás, mas o Primale se aproximou e o fez sentar-se de novo.

— Fique onde está. — Phury disse, apertando seu ombro. — Você está exatamente no lugar onde precisa estar.

Trez soltou uma espécie de grasnido. Foi o melhor que pode fazer.

Dra. Jane pigarreou — Eu jamais vi algo assim. — Apontou para algo na tela do computador sobre a mesa. — É como se as próprias juntas tivessem se tornado ossos sólidos.

A imagem em preto-e-branco era o que parecia ser o joelho de Selenia e a Dra. Jane indicou áreas diferentes com a ponta da caneta dourada. — Em raios-X, os ossos são registrados como branco e cinza pálido, onde o tecido conectivo, tipo ligamentos e tendões não oferecem nenhuma espécie de contraste. Aqui, — desenhou um círculo em volta da junta, — deviam haver manchas escuras na junção entre o fêmur e a tíbia. Em vez disto, só há... Osso sólido. O mesmo ocorre com as juntas de seus pés, cotovelos...

Mais daquelas imagens piscaram na tela, uma após a outra, e tudo o que ele pôde fazer foi balançar a cabeça. Era como se alguém tivesse colocado cimento em todas as juntas.

— O que acho particularmente preocupante é isto, — uma nova imagem ficou visível, — este é o braço dela. Ao contrário das outras juntas, o osso crescido parece estar se espalhando e invadindo a musculatura. Se continuar, seu corpo inteiro...

— Pedra. — Trez sussurrou.

Oh, Deus, aquelas estátuas de mármore naquele lugar onde a encontrara.

Não era um pátio... Era um cemitério. Cheio de fêmeas que sofreram e morreram disto.

— A única coisa que sei é que isto remotamente se assemelha à uma doença humana chamada fibrodisplasia ossificante progressiva. É uma condição genética extremamente rara, que causa a formação de ossos onde há músculos, tendões e ligamentos, e como resultado, com o tempo, a restrição total de movimento, a ponto de pacientes poderem escolher a posição em que preferem ser paralisados. O crescimento dos ossos acontece esporadicamente e pode ser desencadeada por trauma ou vírus, ou ser espontânea. Não há tratamentos para a doença, e a remoção cirúrgica da área anormal só desencadeia novas gêneses. O que está acontecendo com Selenia é tipo isto... Só que parece acontecer no corpo inteiro de uma só vez.

Trez virou-se para as duas Escolhidas saudáveis no quarto. — Isto já foi tratado? Em algum momento do passado, alguém tentou descobrir um jeito de acabar com isto?

Layla olhou para Cormia e esta última disse, — Nós rezamos... É só o que podemos fazer. E ainda assim, os ataques ocorrem.

— Então isto é... Um tipo de episódio? — Dra. Jane perguntou — Não o terminal?

— Eu não sei quantos destes ela já teve. — Cormia limpou uma lágrima de seu rosto. — Geralmente há um período deles antes do ataque final do qual não se recuperam.

Dra. Jane franziu o cenho. — Então o corpo se desbloqueia? Como?

— Eu não sei.

Trez falou para a Escolhida. — Vocês ao menos faziam ideia de que ela estava doente?

— Ninguém sabia. — Cormia se inclinou contra seu *hellren* como se precisasse de apoio. — Mas, considerando a condição em que ela está agora... Acho que ela deve estar próxima ao fim da doença. Me parece que os primeiros episódios só afetam partes do corpo. Este atingiu o corpo inteiro.

Trez exalou, sentindo sua força escapar pela boca. A única coisa que o impedia de surtar era a possibilidade de Selenia estar consciente do que estava acontecendo, e ele queria parecer forte para ela.

Dra. Jane inclinou o quadril contra a mesa e cruzou os braços. — Não consigo imaginar como as juntas podem se recuperar deste tipo de estado.

Cormia meneou a cabeça, — Os ataques, os poucos que vi, vêm rápido e então... Não sei o que acontece. Horas, ou na noite seguinte, elas já conseguem se mover de novo. Após um período de tempo, elas recobram mobilidade, mas, sempre acontece de novo. Sempre.

— Elas também escolhem uma posição, — Layla disse baixinho, também, tomada de lágrimas. — Como os humanos dos quais falou, nossas irmãs sempre escolhem... Elas nos dizem como querem ficar e nos asseguramos de que...

Mais coisas foram ditas. Perguntas feitas. Explicações forjadas ao máximo das habilidades das pessoas. Mas ele parou de acompanhar.

Como um trem ganhando velocidade, sua mente, suas emoções, sua sensação de impotência total e todos os seus arrependimentos começaram a espumar ao longo de um caminho definido, ganhando velocidade e intensidade.

Ele odiava que o cabelo dela estivesse emaranhado e que não pudesse arrumá-lo.

Odiava que houvesse manchas de terra e grama em sua túnica, manchas verde brilhantes onde os joelhos tocaram o chão.

Odiava que as sandálias dela tivessem caído.

Odiava que não pudesse fazer uma fodida coisa para salvá-la.

Odiava o fardo que carregava com o s'Hisbe e tudo o que aquilo o fizera fazer contra seu próprio corpo... Porque, talvez, se seus pais não tivessem o vendido para a Rainha, ele não tivesse fodido todas aquelas humanas, e talvez assim tivesse sido minimamente merecedor dela. E então ele não teria perdido todos aqueles meses. E talvez tivesse visto algo, ou feito algo, ou...

Como a conversação ao seu redor, os pensamentos continuaram a percorrer seu caminho pelo seu cérebro, mas ele não conseguia acompanhá-los mais do que as outras coisas naquele quarto. Um rugido violento o dominou, invadindo-o como um tsunami, apagando tudo o mais exceto uma fúria que não podia ser contida.

Trez não teve consciência de estar se movendo. Em um minuto, segurava cuidadosamente a mão de Selená; no seguinte, estava à porta da sala de exames, então, atravessou-a, seu corpo explodindo para frente, mais impulso do que coordenação.

Correndo, correndo... Pelos solavancos em sua visão e as paredes que passavam pelo corredor de concreto, ele estava correndo.

E então houve um bocado de barulho. O saguão vazio ecoava com algum tipo de barulho imenso, como se o mecanismo de uma máquina grande tivesse travado ou estivesse triturando...

Alguém o segurou por trás antes que chegasse à porta da garagem, um agarre de aço travou-se ao seu redor.

iAm.

É claro.

— Larga, — veio o grito em seu ouvido. — Larga... Vamos, agora. Larga!

Trez meneou a cabeça — O que?

— Larga a arma, Trez. — A voz de iAm se partiu. — Preciso que largue a arma.

Trez sentiu-se congelar, só o que se mexia nele era a respiração entrecortada, e tentou entender o que seu irmão estava dizendo.

— Oh, Jesus, Trez, por favor...

Sacudindo a cabeça, Trez... Gradualmente se tornou consciente de que estava, de fato, com a .40 de alguém em sua mão direita. Provavelmente dele mesmo. Ele sempre carregava uma no clube.

— Largue-a por mim, Trez. — Com seu dedo no gatilho do jeito que estava, seu irmão obviamente não ousava tentar tomar controle da arma por medo de apressar um disparo. — Você precisa largar a arma.

Naquele momento, tudo se esclareceu: ele levantando-se de supetão, correndo rápido, disparando para fora da sala de exames e para o corredor. Correndo na direção da garagem enquanto sacava a arma.

Na intenção de explodir os miolos assim que saísse do Centro de Treinamento.

Ele tinha uma vaga ideia de que, talvez, se houvesse mesmo um Fade, ele e Selenia pudessem se reencontrar do outro lado e ficarem juntos, de um jeito que jamais fizeram na Terra.

— Trez, ela ainda vive. Não faça isto. Quer se matar? Espere até o coração dela parar, mas não antes disto. Nem um fodido minuto antes disto.

Trez visualizou Selenia caída naquela maca, e pensou, *Merda...*

iAm, como sempre, estava certo.

Os tremores retornaram assim que começou a baixar o braço, e ele o moveu lentamente, por medo de algum movimento disparar a .40. Mas, não precisava se preocupar com isto. Assim que o cano se afastou do alcance de sua matéria cinzenta, seu irmão retirou-a dele, desarmando-o tão rápido quanto uma respiração, armando a trava de segurança.

Trez ficou parado, entorpecido, enquanto iAm o revistava inteiro e removia mais algumas armas, e então permitiu-se ser levado de volta à sala de exames e ao grupo de pessoas chocadas que ainda estavam perto da porta.

Não antes de ela partir, disse a si mesmo. Não enquanto ela ainda estiver aqui.

Infelizmente, temia que isso não seria por muito tempo.

Capítulo DEZ

Paradise, filha de sangue de Abalone, Primeiro Conselheiro do Rei, encarou a tela de seu notebook. Ela tem utilizado a biblioteca do seu pai desde que ele começou a trabalhar todas as noites para Wrath, filho de Wrath, porque na velha mansão Tudor, o Wi-Fi era mais forte nesta escrivaninha. Não que um bom sinal estava ajudando no momento. Seu Hotmail estava cheio de mensagens não lidas, porque, com iMessage em seu telefone mais Twitter, Instagram e Facebook, não existia nenhuma razão para acessá-lo muito frequentemente.

— Aguarde um instante, como é chamado? — Ela disse em seu celular.

— “Nova turma de estágio”. — Peyton, filho de sangue de Peythone, respondeu. — Eu encaminhei para você, mais ou menos, uma hora atrás.

Ela sentou mais para frente na cadeira do seu pai. — Tem tanto lixo aqui.

— Deixa eu reencaminhar...

— Espere, eu consegui. — Ela clicou e então clicou novamente no anexo.

— Uau. Está em cabeçalho oficial.

— Eu te falei.

Paradise observou a data, a saudação personalizada para Peyton, os dois parágrafos sobre o programa, e a conclusão. — Merda... Esta assinada por um Irmão.

— Tohrment, filho de Hharm.

— Bem, se for falso, alguém vai entrar em sérios problemas.

— Mas, você viu no segundo parágrafo?

Ela focou nas palavras. — *Fêmeas?* Whoa, whoa... Eles estão aceitando fêmeas?

— Eu sei, certo? — Havia um exalar borbulhante e um barulho como se Peyton tomasse outra respiração. — Isto não tem precedentes...

Paradise releu a carta, desta vez com mais atenção. Palavras decisivas chamando sua atenção: *Aberta seleção para o programa de treinamento. As fêmeas e civis são bem-vindas a participar de teste de apresentação física para entrada. Sessões ensinadas pela própria Irmandade. Inscrição? Gratuita.*

— O que eles estão pensando? — Murmurou Peyton. — Eu quero dizer, isto deveria ser apenas para os filhos da *glymera*.

— Não mais, aparentemente.

Como Peyton começou a falar sobre o sexo frágil e o papel tradicional da mulher em casa e do homem no campo, Paradise encostou-se à poltrona de couro. Próximos à ela, troncos trazidos pelo *doggen* da casa crepitavam com chamas laranjas na lareira decorada com mármore, o calor batendo em um lado de seu rosto e metade de seu corpo. Ao redor, a biblioteca do seu pai brilhava com luz amarela, mogno polido e os detalhes dourados nas lombadas de sua coleção de livros de primeira edição.

A mansão que eles viviam era uma das principais de Caldwell, com quarenta outros quartos, equipadas com luxo igual a este aqui, se não ainda maior: belas sedas pendiam dos vitrais da janela de chumbo. Finos tapetes orientais estendidos através de chão polido. Pinturas a óleo de antepassados foram montadas até as escadarias e com destaque sobre cornijas e aparadores. A porcelana fina era estabelecida em uma mesa formal para todas as refeições, alimentos preparados e servidos pela extensa equipe.

Ela viveu aqui com seu pai por anos e anos, tutelada por outras senhoras da *glymera* em todas as coisas que faziam as mulheres aristocráticas perfeitas companheiras: Roupas. Entretenimento. Etiqueta. Ser a castelã de uma propriedade.

E o que era isso tudo? Sua festa de apresentação, que estava atrasada, assim como o programa de treinamento com a Irmandade, por causa das invasões de dois anos atrás.

Planos para ela seriam restabelecidos, no entanto. O que sobrou da aristocracia retornou para Caldwell em suas adequadas casas seguras, e como ela era maior de idade, tendo passado pelo menos quatro anos de sua transição, estava na hora de ela achar um companheiro.

Deus, como ela temia tudo aquilo.

— Alo? — Peyton disse. — Você ainda está aí?

— Desculpe, sim. — Ela empurrou o telefone longe de sua orelha por causa do barulho alto de algo crepitando. — O que você está fazendo?

— Abrindo um pacote de batata chips Cape Cod. — Crack. Crackzazzz. — Oh, droga, estas estão incríveis...

— Então o que você vai fazer?

— Eu ainda tenho 15 gramas sobrando. Então vou terminar isto e um pacote de chips. Então provavelmente vou dormir.

— Não, sobre o programa no Centro de Treinamento.

— Meu pai já me disse que estou indo. Está tudo bem, o que seja. Eu realmente não tenho feito nada nos últimos três anos, e teria me matriculado quando eles abriram a primeira instalação, mas... Bem, você lembra o que aconteceu.

— Sim, e seria melhor você parar de fumar. Eles não vão gostar disto.

— O que eles não sabem não pode prejudicá-los. Além disso, eu tenho direitos da Primeira de Emenda.

Ela rolou seus olhos. — Certo, primeiro, você não é humano, então a Constituição não se aplica à você. E, segundo, isto é sobre a liberdade de expressão, não sobre a liberdade acender um cigarro.

— Tanto faz.

Conforme Peyton tomou outra tragada, ela imaginou seu rosto bonito, seus ombros largos, e seus olhos muito azuis. Eles conheciam um ao outro por toda a sua vida, suas famílias tendo casamentos ocorrendo por gerações, como todos os membros da aristocracia faziam.

Era o segredo menos secreto na *glymera*, que os pais dele e o dela recentemente começaram a conversar sobre serem companheiros.

O barulho alto na porta de entrada trouxe sua cabeça para o presente.

— Quem está aí?— Ela disse, levantando-se e inclinando-se para ver através do vestíbulo.

Seu mordomo, Fedricah, andou a passos largos através do assoalho, e embora seu pai nunca atendesse a porta ele mesmo, ele, também, saiu de seu escritório privado do outro lado.

— Mestre? — O mordomo disse. — Você está esperando por alguém?

Abalone puxou seu paletó de volta no lugar. — Um parente distante. Eu deveria ter dito a você, minhas desculpas.

— Eu preciso ir. — Paradise disse. — Tenha bons sonhos.

Houve uma pausa. — Sim, você também, Parry. E você sabe que pode me chamar se tiver pesadelos, ok?

— Certo. O mesmo para você. Dia.

— Dia atrás em você.

Quando ela desligou, estava contente que seu amigo ainda estava por perto. Desde que os ataques tinham terminado e tantos haviam sido mortos, eles passavam horas ao telefone durante o dia. A ligação foi indispensável após os ataques, e principalmente quando ela e seu pai foram para Catskills, e ficaram durante meses naquele celeiro de estilo vitoriano.

Peyton era um bom amigo. Mas seria o certo acasalar com ele?

Ela não sabia como se sentia sobre este assunto.

Andando em volta da escrivania, ela foi até o vestíbulo, até que o seu pai a viu e sacudiu a cabeça. — Longe da vista, Paradise. Por favor.

As sobrancelhas dele estaladas. Este era o código para ela ir pelos túneis escondidos da casa. — O que esta acontecendo?

— Por favor, vá.

— Você disse que era um parente?

— *Paradise!*

Paradise voltou para a biblioteca, mas ficou no arco da porta, escutando.

O rangido suave da abertura da enorme porta da frente pareceu muito alto.

— É você, — seu pai disse em um tom estranho. — Fedricah, por favor, nos de licença.

— Mas é claro, mestre.

O mordomo foi embora, cruzando brevemente aquela parte do hall que Paradise podia ver. Depois de um momento, a porta da metade de trás da casa foi fechada.

— Bem? — Um macho disse. — Você vai me convidar a entrar?

— Eu não sei.

— Eu vou morrer aqui fora. Em questão de minutos.

Paradise lutou contra o desejo de pôr sua cabeça fora do arco e ver quem era. Ela não reconheceu a voz, mas a pronúncia precisa e sotaque arrogante sugeriam que era alguém da aristocracia. Que fazia sentido, considerando que ele era um “parente”.

— Você está vestindo vestes de guerra, — seu pai contrapôs. — Eu não as aceito em minha casa.

— São minhas associações ou minhas armas que o assustam mais?

— Eu não tenho receio de nenhum deles. Você foi espancado, se você se lembra.

— Mas, não derrotado, eu sinto muito em dizer. — Estalidos sugeriam sons de alguém segurando objetos de metal. E então houve um barulho, como se algo batesse na pedra da frente. — Aqui, então, estou nu diante de você. Estou completamente desarmado, e minhas armas estão à sua porta, não dentro de suas paredes.

— Eu não sou seu primo.

— Você é meu sangue. Nós temos muitos antepassados em comum.

— Poupe-me. E qualquer mensagem que seu líder deseja enviar para o Rei, o faça ele mesmo.

— Eu não estou mais afiliado com Xcor. De qualquer forma.

— Como?

— Os laços foram cortados. — Houve um suspiro cansado. — Eu passei todos estes meses desde a eleição que devolveu Wrath ao trono, tentando convencer Xcor e o Bando dos Bastardos para desistir de sua traição. Mesmo após súplicas e razões lógicas, extensos argumentos para um curso mais inteligente, entristeceu-me que não consegui dissuadi-los de sua insensatez. Finalmente, eu tinha de partir. Andei furtivamente longe de onde eles estão, e agora, temo pela minha vida. Eu não tenho nenhum outro lugar para ir, e quando falei com Salliah no velho mundo, ela sugeriu que eu parasse para uma visita.

Um primo distante, pensou Paradise. Ela reconheceu aquele nome.

— Por favor, — o macho disse. — Me tranque em um quarto se achar necessário.

— Eu sou um empregado leal do Rei.

— Então não vire as costas para uma vantagem tática.

— O que você está sugerindo?

— Em retorno pela segurança debaixo de seu teto, estou pronto para dizer a você tudo que eu sei sobre o Bando dos Bastardos. O que eles fazem durante as horas do dia. Quais são seus padrões. Onde eles se encontram durante a noite. Como eles pensam e lutam. Seguramente isto vale a pena o uso de uma cama.

Paradise não podia aguentar. Ela tinha de ver quem ele era.

Avançando para fora, ela enrolou seu corpo em torno do arco da porta e olhou sobre os ombros rígidos de seu pai. Seu primeiro pensamento foi que a

roupa de couro e a esfarrapada camisa de botão não condiziam com sua entonação. Seu segundo pensamento foi que seus olhos estavam fundos, eles estavam tão cansados.

Ele realmente parecia ter vindo das linhas de frente de uma guerra, algo doce e doentio manchando o ar que envolvia seu corpo quando entrou na casa.

O macho a notou imediatamente, e seu rosto registrou algo que ele rapidamente escondeu.

Seu pai olhou por cima do ombro e a encarou. — Paradise, — ele sussurrou.

— Eu posso entender por que você hesita, — disse o macho, seus olhos nunca deixando os dela. — Realmente, ela é preciosa.

Seu pai virou. — Você deve ir.

O macho caiu a um joelho e curvou sua cabeça, pôs uma mão sobre seu coração e ergueu a outra mão aberta em direção ao céu.

No Antigo Idioma, disse suavemente, — *Juro por este meio sobre nosso ancestral em comum que não trarei nenhum mal a você, sua filha de sangue ou qualquer coisa viva dentro destas paredes... Ou a Virgem Escriba pode cortar minha vida diante de seus olhos.*

Seu pai olhou para ela e cortou o braço no ar, uma ordem para ela sair e não voltar.

Ela levantou as mãos e assentiu com a cabeça, *Okay, okay, okaaaay.*

Movendo-se depressa, ela voltou para a biblioteca transversalmente aos painéis junto à lareira. Atingindo sob a terceira prateleira do chão até o ponto de gatilho oculto, ela apertou a alavanca e foi capaz de empurrar toda a carga de livros para fora e sobre a faixa bem oleada. Com um deslizamento rápido, ela surgiu para o corredor totalmente acabado que corria em um quadrado em torno do primeiro andar da casa, proporcionando acesso, visual e real, para cada quarto através de portas e ponto de vista ocultos.

Era como se fosse tirado de um filme de Alfred Hitchcock.

Trancando-se dentro da sala, Paradise foi para as escadas rasas que estavam por todo o caminho na parte de trás e, conforme subiu os degraus, ela desejou que pudesse ouvir o que eles estavam dizendo. Como de costume, porém, ela estava no escuro; seu pai nunca lhe dizia nada sobre nada.

Fazia parte de sua mentalidade antiga: fêmeas bem nascidas não precisavam ser incomodadas com coisas como parentes misteriosos há tempos perdidos, que

apareciam sem avisar e armados até os dentes. Ou, dizer, onde o chefe da família trabalhava, quanto ele ganhava ou qual era o seu patrimônio líquido. Por exemplo, quando seu pai foi nomeado Primeiro Conselheiro do Rei, isto foi tudo o que lhe foi dito. Ela não tinha nenhuma ideia como era o seu trabalho, o que ele fazia para o Rei e para a Irmandade. Diabos, ela nem sabia aonde ele ia todas as noites.

Ela acreditava que ele realmente pensava que estava poupando-a. Mas, ela odiava estar no escuro sobre tanta coisa.

No topo da escada escondida, ela foi para frente cerca de cinco metros e parou em frente a um painel de inserção. O trinco foi para a esquerda e ela o destravou.

O quarto dela era todo feminino e macio, da cama com babados, aos laços nas janelas e os tapetes bordados, que eram como chinelos, que você não tem de usar.

Passando pela porta, ela virou a fechadura, sabendo que seria a primeira coisa que seu pai iria verificar quando ele subisse; e se ele não viesse, seria porque ele estava com “seu convidado”. Ele faria Fedricah vir e testar a fechadura.

Em sua cama, ela sentou-se, tirou os sapatos, e caiu para trás no edredom. Olhando para o dossel, ela balançou a cabeça.

Trancada em seu quarto. Fora de qualquer ação.

Imediatamente após os ataques, era o único lugar em que ela queria estar, a única forma de sentir-se segura. Mas, as noites de terror se transformaram em meses de preocupação... Fazendo uma transição para uma desconfortável normalidade... Transformando sua vida em um dia após o outro.

De modo que agora ela se sentia presa. Nesta sala. Nesta casa. Nesta vida. Paradise olhou para a sua porta fechada, trancada.

Quem era aquele homem? Ela se perguntava.

Capítulo ONZE

Selena lentamente se tornou consciente de que não estava mais no Santuário. No entanto, ela não reconheceu onde estava. Seu cérebro demorou a processar ambos os sinais, do seu corpo e de seu ambiente, como se o ataque houvesse congelado, não só a carne, mas sua mente.

Aos poucos, no entanto, lhe ocorreu que não tinha mais a grama em seu rosto. Sem árvores ou templos ao longe. Nenhum som suave da água corrente das fontes.

Ela tentou mover a cabeça e gemeu.

— Selena?

O rosto que entrou em sua visão trouxe lágrimas aos seus olhos. Era de Trez... Era *Trez*...

Certo de que ela o havia conjurado de um sonho, ele estava exatamente em frente a ela, e ela o absorveu: sua suave pele escura, seus olhos negros e amendoados, seu cabelo preto cortado curto e sua presença ameaçadora, com seu peso e sua altura.

Seu primeiro instinto foi o de estender a mão para ele, mas uma explosão de dor a parou, fazendo-a ofegar.

— Dra. Jane, — ele gritou. — Ela está acordada!

Trez? ela disse. *Trez, espere, eu preciso te dizer alguma coisa...*

— Dra. Jane!

Não, não se preocupe com isso. Preciso...

— Ela não consegue respirar!

As coisas aconteceram tão rápido. Tudo de uma vez, uma máscara foi empurrada no rosto dela, e algo forçou seus pulmões a inflar. Vozes explodiram ao seu redor. Um sinal sonoro estridente indicava que um alarme estava parando...

Alguém tentou endireitá-la, e suas articulações gritaram em protesto. Oh, espere, era ela tentando se mover... Ela estava tentando se sentar para ver o que estava acontecendo.

— Ela está se movendo! — Isso era Trez, ela tinha certeza disso. — Seu braço se mexeu!

— Ela está em parada cardíaca. Você consegue endireitar seu tronco?

A dor que veio a seguir foi tão grande, ela gritou.

— Eu sinto muito, — disse Trez em seu ouvido, com a voz falhando. — Eu sinto muito, querida. Eu sinto tanto, mas preciso te endireitar.

Selena gritou de novo, mas ela não achava que registrou como som. E, em seguida, sua visão se embaçou, começando com a periférica e indo para o centro, como se uma névoa chegasse rolando de todos os lados.

De repente, ela estava olhando para o lustre médico, o que significava que de alguma forma ele tinha conseguido colocá-la de costas. Depois veio a pressão sobre seus ombros, coluna, braços. Sua visão entrava e saía, com manchas recuando e voltando quando grandes ondas de dor a torturavam.

— Não quero quebrar nada, — Trez disse entre dentes.

Então foi com as mãos no braço dela, forçando-o reto.

— Eu preciso chegar lá. *Agora.*

Dra. Jane apareceu no lado oposto da mesa, e em suas mãos estavam blocos do tamanho de sua palma com fios enrolados pendurados nas extremidades.

— Tire a túnica dela. — Dra. Jane olhou em outra direção. — Vocês, machos têm que sair ou ele não vai nos deixar chegar ao tórax dela.

Aquele alarme era tão alto agora, um som sólido e contínuo, não mais quebrado por intervalos.

— Afastem-se! — Dra. Jane ordenou.

Um raio atingiu o peito de Selena, levantando o seu tronco para cima da mesa, quebrando todas e cada uma de suas vértebras, estourando sua espinha fora de seu controle.

Quando ela bateu de volta no colchão fino da mesa de exame, houve uma breve, marcante pausa durante a qual as três pessoas ao seu redor, Dra. Jane, a enfermeira Ehlena, e Trez, todos a olhavam fixamente. Ela se concentrou em Trez, e foi quando ela viu uma quarta pessoa que estava em pé diretamente junto a ele, um grande corpo virado de lado, a cabeça escura inclinada para baixo e para o lado.

iAm.

Oh, bem, ela estava feliz que ele estava lá para Trez.

Selena abriu a boca debaixo da máscara, olhando diretamente nos olhos negros de seu Sombra. Se ao menos pudesse dizer a ele...

O caos se acendeu ao redor dela mais uma vez, seus pulmões socavam contra as suas costelas, as vozes se inflamando, as pessoas mudando de posição.

— Pare a respiração artificial, — Dra. Jane gritou. — Afastem-se!

Uma segunda corrente poderosa passou através dela, contorcendo seu torso. Desta vez não houve pausa. Com esse duro, poderoso impulso, seus pulmões voltaram imediatamente e aconteceu repetidas vezes.

— O que fazemos agora? — Perguntou Trez com a voz sufocada.

Oh, querida Virgem Escriba, ele estava chorando.

Trez, ela pensou para ele. *Eu amo você...*

Trez estava vivendo e morrendo através da máquina de sinais vitais que estava a cerca de trinta centímetros da cabeceira da mesa de exames. Um pequeno fio conectando Selena ao aparelho, a tela mostrando várias informações que não significavam muito para ele. A única coisa que ele entendia, entretanto, e isso estava malditamente claro, era que a linha amarela na parte inferior, supostamente, subia e descia em intervalos regulares quando seu coração batia.

Ela não estava subindo e descendo em um tranquilo e estável padrão, mesmo depois da coisa se descontrolar quando Dra. Jane colocou as pás no centro e na lateral do torso de Selena e enviou toda aquela carga elétrica no peito da Escolhida.

Plano. Estava novamente plano.

Ehlena continuou pressionando, apertando as mãos em um balão azul claro que forçava o ar para dentro da caixa torácica de Selena. E enquanto isso, Trez olhava para aquela linha amarela, desejando que pulasse, desejando que respondesse a uma batida do coração de Selena.

— Droga, *reaja...*

Algo roçou seu rosto e ele pulou para trás só para descobrir que Selena tinha realmente estendido sua mão, magra e pálida, em uma série de solavancos, como se as articulações estivessem enferrujadas.

— *Selena*, — ele disse, se abaixando assim ela não precisava se esticar. — *Selena*...

Ele beijou a mão dela, os dedos, e então a deixou roçar em suas bochechas. Seus olhos eram incrivelmente azuis, luminosos, brilhantes. E, por um momento, tudo se desvaneceu de modo que eram apenas os dois, as paredes da sala de exame, o seu equipamento e pessoal, até mesmo o seu amado irmão, desaparecendo para eles.

Seus lábios começaram a se mover sob a máscara de plástico transparente.

— Ok, ok, ok. — Ele não tinha ideia do que ela estava dizendo. — Você pode ficar comigo? Por favor, fique aqui, não vá.

Ela estava se mexendo, e isso era bom, certo?

— *Selena*! — Merda, seus olhos estavam rolando para trás. — *Selena*...!

— Estamos a perdendo!

Não houve nenhum pensamento consciente envolvido nele. No instante em que a Dra. Jane vociferou essas horríveis três palavras novamente, ele soprou sua forma separada e cobriu o corpo de *Selena* com suas moléculas, sua energia, sua alma, a rodeando por cima, pelos lados, por baixo. Ele atirou-se para dentro dela, empurrando através de sua pele, entrando profundamente, compartilhando tudo o que tinha na esperança de que pudesse, de alguma forma, fazer o que o carrinho de emergência não podia.

Que ele pudesse de alguma forma trazê-la de volta...

E então aconteceu.

Certo como se *Selena* o alcançasse com as suas mãos e pegasse o que ele tinha a dar, um puxão vital se trancou sobre sua essência, puxando-o, levando dele.

É isso mesmo, ele pensou. *Me use*...

— Eu tenho um batimento cardíaco! — Disse alguém.

— Ela está respirando!

Ele ouviu o comentário não como som, mas como os pensamentos dos outros, ele não parou, no entanto. Muito cedo. Não o suficiente tinha sido dado.

E ainda cedo demais, a sua força começou a enfraquecer, a sua energia drenada em uma descarga, não qualquer coisa que fosse gradual. Por mais que quisesse continuar a ajudando, ele sabia que tinha de voltar para sua forma física ou iria ficar preso como vapor, o que era uma sentença de morte.

Não até que ela se fosse, ele disse a si mesmo.

E ele poderia ajudá-la de novo, depois ele...

Trez aterrissou no chão de ladrilhos como se tivesse sido empurrado para baixo, todos os duros golpes e estalos ruins. Do seu ponto de vista, ele tinha um olhar mais de perto dos Crocs vermelhos da Dra. Jane, os azuis da Ehlena, e os joelhos de seu irmão quando o macho imediatamente se agachou ao lado dele.

iAm era todo ação, nenhum atraso, enganchando uma retenção sob os braços de Trez, e o arrastando de volta para a cabeceira de Selenia, levantando-o quando ele não podia ficar em pé, ajoelhar-se, ou mesmo manter seu tronco na vertical.

Nenhum indício do que a Dra. Jane e Ehlena estavam fazendo, as duas faziam suas rondas na forma prostrada de Selenia com todos os tipos de equipamento médico...

A porta do corredor se abriu. Manny Manello, o humano que era o médico parceiro da Jane, estava em trajes civis e completamente desalinhado, como se tivesse estado correndo para voltar ao Centro de Treinamento.

Sexo errado. Considerando que Selenia estava nua.

Os lábios de Trez se torceram para cima, suas presas de repente desceram, um rosnado filtrando para fora dele.

— O trânsito estava uma merda! — Manny disse. — Eu sinto tanto...

— Você precisa ir embora. — Dra. Jane gritou quando ela olhou para cima da verificação dos olhos de Selenia com uma luz. — A menos que você queira ser mordido.

Quando Manny lhe lançou um olhar que estava cheio de sobrelheira, Trez podia sentir a força vindo de volta para ele. E ele não foi o único que percebeu. iAm embrulhou seus braços pesados ao redor do seu tórax.

— Estarei fora em um segundo para uma consulta. — Dra. Jane disse a seu parceiro.

— Entendido. — Manny ergueu uma mão para Trez. — Desculpe, cara.

Você tinha de respeitar o seu tempo de resposta, Trez pensou quando o cara desapareceu.

— Ela tem dificuldade de locomoção em seus braços, das pontas dos dedos para os ombros, — Ehlena anunciou enquanto ia até a base da maca e pegava a perna de Selenia. — Encaixe do quadril. Joelho. Tornozelo. O mesmo.

— Sinais vitais estão estáveis, — Dra. Jane relatou. — Quero outra série de raios-X, logo que eu tenha certeza de que ela vai ficar com a gente.

Jane olhou para Trez. — Você a trouxe de volta. Você salvou a vida dela.

Como se ela ouvisse as palavras e as entendesse, Selena olhou para ele. Trez abriu a boca para responder, e não o fez. Como se alguém tivesse o desligado do mundo, tudo desaparecendo em preto e ele foi flutuando na inconsciência.

A única coisa que ele tinha consciência? Mesmo depois que ele fodidamente desmaiou?

O *bip bip bip* constante da máquina marcando as batidas do coração de Selena.

Capítulo DOZE

ESCOLA BROWNSWICK PARA GAROTAS, CALDWELL, NOVA IORQUE

Denzel Washington tinha razão em *O Gângster*.

Os melhores traficantes de drogas eram bons homens de negócio. E não era preciso de nada aprendido em Harvard para chegar lá.

Sr. C, *Forelesser* da *Sociedade Lessening*, não tinha nenhum fodido diploma emoldurado em sua parede. Mas, havia nascido e crescido nas ruas e era malditamente bom em produtos em movimento.

Enquanto o sol se punha do lado de fora da janela quebrada de seu escritório, ele continuava a contar seu dinheiro, as pilhas de notas de vinte amassadas, mantidas juntas com os elásticos que roubara das copiadoras na agência da FedEx. Não parecia muito, mas isso era algo que os filmes geralmente retratavam mal.

O Sr. C se inclinou e tirou outro punhado de notas amassadas da sacola no chão. Ele exigia que seus homens esvaziassem os bolsos a cada anoitecer, aqui na diretoria, e mesmo se lhe tomasse o dia todo, ninguém o ajudava a contar.

Àquela altura, após quase um ano no negócio, tinha uns cem traficantes trabalhando para ele, o número variava dependendo de seus esforços em recrutá-los diante da eficiência da Irmandade da Adaga Negra em matá-los. Sua ideia de concentrar toda a *Sociedade Lessening* em um só lugar, nesta escola preparatória abandonada, havia sido inteligente. Ele podia controlar os *lessers* como uma unidade militar, abrigando-os juntos, mantendo um cronograma, monitorando pessoalmente cada movimento e cada venda.

Havia uma montanha de reformas a serem feitas.

Logo após o Ômega vir a ele e promovê-lo a *Forelesser*, havia percebido que a promoção não valia merda nenhuma. A *Sociedade* não tinha dinheiro. Nem armas ou munição. Sem abrigo. Sem organização e sem planejamento. Tudo estava diferente agora: uma aliança incomum e desagradável havia resolvido o problema, e aquilo cuidava do segundo e terceiro. O quarto dependia dele.

Àquele ponto, tudo o que ele tinha de fazer era manter a merda fluindo. Certificar-se que andavam na linha. Rastrear a entrada e saída da grana. Começar a juntar alguns brinquedinhos de guerra. Depois que estivesse armado?

Iria detonar a Irmandade da Adaga Negra, e entraria para a história como aquele que finalmente havia conseguido fazer o seu trabalho.

Sr. C terminou a contagem bem na hora em que os últimos raios de luz eram drenados do céu, agora noturno. Levantando-se, guardou nos coldres duas .40 e um pouco da grana em uma sacola de ginástica. O total era quatrocentos mil dólares.

Nada mal para quarenta e oito horas de trabalho.

Ao sair, não viu motivos para trancar as coisas, porque havia como acessar o prédio por todos os lugares. A diretoria tinha as janelas mais esburacadas do que uma peneira e portas se soltando das dobradiças, e em maior escala, o terreno decrepito da escola apodrecida era rodeado por cercas de aço com mais seções quebradas do que inteiras.

O que mantinha as pessoas longe?

Os *lessers* que transitavam constantemente pela propriedade, sentinelas cujo único trabalho era afastar qualquer pessoa que se aproximasse demais.

Boas notícias? Dizia-se que o local era assombrado, então quando aqueles adolescentes vândalos tentavam invadir, alguns truques do Ômega cuidavam do problema. Bônus? Seus garotos gostavam de assustar aqueles tolos, e era melhor do que matar os putos. Livrar-se de cadáveres era um pé no saco, e ele não queria envolvimento da polícia humana.

Afinal, havia somente uma regra na guerra contra os vampiros: nenhum humano era bem vindo à festa.

Do lado de fora, Sr. C entrou em seu Lincoln Nav preto e manobrou sobre a grama morta e não podada. No crepúsculo, conseguia sentir seus garotos se movendo pela área, mesmo sem conseguir vê-los, o eco do sangue do Ômega neles, melhor do que chips de GPS enfiados em seus rabos.

Então, sim, ele sabia que um da sua equipe havia morrido na noite passada. Havia sentido a morte como um choque sob sua pele pálida pastosa. Fodida Irmandade. E o imbecil que havia sido morto estava com drogas e grana, de forma que perderam ali pelo menos quinhentos.

Em qualquer noite, ele tinha de vinte a vinte e cinco traficantes nas ruas por vez, cada um trabalhando por turnos de quatro horas. Os turnos eram críticos. Qualquer período mais longo do que dois mil e quarenta minutos, e os *lessers* teriam muito dinheiro com eles, dinheiro demais para perder, caso fossem pegos pela polícia ou mortos pela Irmandade. Revelariam coisas demais sobre eles.

Ele aprendera a administrar seus negócios em épocas antigas, quando ainda era humano e dava seus golpes na rua, tentando crescer.

E a verdade nua e crua? O Ômega fodidamente precisava dele. Não o contrário.

A rota que ele tomava até seu fornecedor era diferente a cada vez, e ele tinha cuidado de rastrear quaisquer carros atrás dele, em caso de estar sendo seguido pela polícia. Da mesma forma, não havia comunicação por telefone com seu fornecedor... Avanços tecnológicos por parte de agentes locais e federais tornavam isto muito arriscado. Planos eram elaborados e mudados nos próprios encontros, e então, se um dos dois não aparecesse, um arranjo de contingência previamente feito garantia que eles sabiam quando e onde voltariam a entrar em contato.

Nenhum de seus homens sabia a identidade de seu fornecedor, e ele precisava manter as coisas assim. Ele já fora um deles... A última coisa que queria era alguém tentando passá-lo para trás.

E o fato de seu fornecedor ser um vampiro?

Merda engraçada.

A negociação desta semana havia sido agendada para noventa minutos após o próximo pôr-do-sol, mas, não perto demais da pedreira. Levou-lhe bons quarenta e cinco minutos de viagem pela rodovia para chegar aos arredores, e aí teve de desacelerar. A estrada que levava ao estacionamento de cem acres era de mão única, tão movimentada quanto um abandonado caminho de bodes, e mantida tão conservada quanto uma casa de tráfico. Árvores e arbustos altos até os ombros transformavam a coisa em um túnel, e placas de sinalização de proteção ambiental brilhavam sob a luz de seus faróis.

Ele desligou a iluminação cerca de duzentos metros depois. Como seu fornecedor, ele havia modificado o SUV para operar às escuras, e seus olhos levaram somente um segundo para se ajustarem.

Obrigado, Ômega.

O desvio que procurava apareceu quatrocentos metros à esquerda, e ele pegou a estrada de terra ainda mais lentamente. No passado, quando humano e começando nesta merda de tráfico, seu coração sempre se acelerava quando dirigia. Agora, não somente não tinha nenhum equipamento cardíaco no peito, mas não havia como sentir-se excitado. Graças às modificações em seu chassis e na química cerebral, feitas pelo seu chefe, ele era capaz de enfrentar qualquer coisa que acontecesse, com ou sem reforço adicional, como armas e munição.

Então não, ele não estava preocupado. Mesmo que quase um milhão de dólares estivesse a ponto de mudar de mãos entre os dois elementos criminosos.

Quando finalmente chegou ao local do encontro, o Range Rover de seu “parceiro” já estava na clareira, tendo passado por cima das mudas e arbustos em uma manobra em K, para que ficasse com a frente virada para a rota de saída. Quando estacionou emparelhando as portas do motorista, ambos baixaram as janelas.

O vampiro, que tocava o lado importação do negócio, era tipo Drácula: cabelos pretos penteados para trás, olhos que eram como a mira laser de uma Glock, boca cheia de presas, com um ar de que gostava de machucar pessoas.

Mas, seu cérebro funcionava como o do Sr. C.

— Quatrocentos. — Sr. C falou, esticando a mão e oferecendo a sacola.

Quando a estendeu pela janela, o vampiro pegou e devolveu uma outra idêntica. — Quatrocentos.

— Quarenta e oito? — Sr. C perguntou.

— Quarenta e oito. Um quarenta e nove e quarenta?

— Ao pôr-do-sol. Noventa.

— Ao pôr-do-sol. Noventa.

Eles ergueram as janelas ao mesmo tempo e o vampiro acelerou, afastando-se sem quaisquer luzes acesas.

Sr. C imitou-o com eficiência e seguiu-o pelo caminho; no segundo em que eles chegaram à estrada asfaltada, o fornecedor virou à esquerda e ele foi à direita.

Sem testemunhas. Sem complicações. Nada fora de sincronia.

Para dois inimigos declarados em lados opostos da guerra, eles se davam bem para caramba.

Abalone, filho de Abalone, retomou forma em frente à casa histórica em uma das áreas mais abastadas de Caldwell.

Esta era a ducentésima septuagésima primeira vez que vinha até a bela mansão.

Era uma contagem tola, é claro, mas não conseguia evitar. Com a morte de sua *shellan*, e sua filha a ponto de ser apresentada à *glymera* para emparelhar, a posição dele como Primeiro Conselheiro de Wrath, filho de Wrath, era o único aniversário que ele tinha pelo qual ansiar.

Não havia uma só noite em que não se orgulhasse em reviver o legado de seu pai de servir ao trono. Ou pelo menos, geralmente era o que acontecia. No entanto, pela primeira vez, sentia como se estivesse falhando tanto com seu pai quanto com o Rei.

Aproximando-se da porta da frente, engoliu em seco e abriu-a com a chave de cobre que a Irmandade havia lhe dado há quase um ano. Ao empurrar a porta para entrar na mansão, respirou fundo e sentiu cheiro de sabonete Murphy Oil, cera de abelha e limão.

Era o cheiro da riqueza e da distinção.

O Rei ainda não havia chegado, e Abalone retirou o celular e verificou, para certificar-se que não perdera nenhuma chamada. Nenhuma. Aquelas três vezes que havia ligado para Wrath, deixando mensagens de voz não resultaram em nenhum retorno de comunicação do Rei.

Incapaz de permanecer imóvel, foi ao salão à esquerda, com a suave decoração amarela, o quadro de tamanho real de um rei francês, e as recém-organizadas cadeiras estofadas se alinhavam às paredes como se fosse a luxuosa sala de espera de um médico. Logando em seu computador na mesa próxima à arcada, não conseguiu sentar-se.

Wrath havia reassumido a venerável tradição de audiências com seus civis, e o que havia sido uma conexão vital entre os governantes da Raça e seus cidadãos, havia evoluído para uma mistura curiosa de velho e novo. Encontros agora eram agendados por e-mail. Confirmações eram enviadas da mesma maneira. Solicitações eram catalogadas em uma planilha do Excel que podia ser filtrada por data, assunto, família ou resolução. Era também possível pesquisar estatutos da

Antiga Lei, não em sua forma ancestral de tomos, mas como parte de um banco de dados criado graças à Saxton.

Mas, a interação cara a cara, continuava imutável e ancestral, nada além do pleiteante e o Rei, comunicando-se em privacidade, reafirmando aquele laço importante e fortalecendo o tecido da Raça.

Abalone havia criado, e mantinha atualizado, o registro moderno dos procedimentos, e o sistema estava se provando inestimável. Mas, com o crescente aumento do volume de requisições, o número havia mais do que quadruplicado só nos últimos três meses, ele estava começando a afogar-se na papelada e nos agendamentos.

Os atrasos eram inaceitáveis, um desrespeito tanto à Wrath quanto aos pleiteantes.

Portanto, estava se tornando evidente de que ele iria precisar de ajuda. Mas não fazia ideia de onde encontrá-la.

Confiança era um problema. Ele precisava de alguém em quem pudesse confiar irrestritamente.

O problema era que ele não sabia onde começar a busca, especialmente quando as únicas pessoas que conhecia eram aristocratas e a *glymera* não havia sido somente a fonte dos ataques de traição que quase tiraram Wrath do trono, eles foram destituídos de seu poder político.

Seria uma loucura assumir que os dissidentes haviam desaparecido magicamente.

E aquela era somente uma das razões que tornavam tão perturbadora, a aparição indesejável de Throe na soleira de sua porta, ao amanhecer.

Forçando-se a se concentrar, Abalone imprimiu os documentos da tarde e então foi até a sala do trono verificar se tudo estava onde deveria estar. Estava. No espaço que, antigamente, era usado para refeições, agora as audiências com Wrath eram feitas; mas, típico do Rei, tudo era discreto. Não havia assentos dourados, nem cortinas de veludo nem tapetes majestosos. Só algumas cadeiras e poltronas umas de frente para as outras, em frente à lareira que lançava chamas animadas no outono e inverno, e ostentava flores frescas do jardim, durante a primavera e verão.

As toras já estavam posicionadas e ele se aproximou para acendê-las.

O verdadeiro trono, o que havia sido do pai de Wrath, e de seu pai antes dele, ficava na mansão da Irmandade. Ou pelo menos era o que Abalone achava. Ele jamais estivera no complexo secreto e não tinha interesse em saber sua localização, ou visitar a instalação.

Algumas informações eram perigosas demais e não valia a pena conhecer.

E no fim, aquela era a única razão pela qual ele não havia chutado seu primo para a luz do dia, quando se tornou óbvio que o Rei estava impossível de ser contatado.

Mesmo se Throe seguisse Abalone? O macho não descobriria nada relevante, nada que pudesse prejudicar Wrath ou a Irmandade. Este local era guardado por Irmãos quando Wrath estava nas instalações, e o Irmão Vishous insistira em instalar vidros a prova de bala, proteção contra incêndio, malha de aço em volta da sala de jantar e cozinha, e outras medidas de segurança que Abalone não podia nem começar a imaginar.

A residência era agora tão fortificada quanto o Fort Knox.

Ele não tinha medo do Bando dos Bastardos chegar ali. Ou da Sociedade Lessening.

Além disto, Throe havia se retirado para um quarto de hóspedes e dormira como se para se recuperar de um ferimento mortal. Ele causara menos problema do que qualquer outro convidado teria causado.

Sim.

Quando os minutos continuaram a passar, Abalone perambulou pela sala de audiências.

— Você está bem?

Abalone girou tão rápido que seus sapatos Bally rangeram no chão polido. — Meu senhor...!

Wrath havia, de alguma forma, conseguido chegar não à casa, mas ao próprio cômodo, sem fazer barulho algum; e não pela primeira vez, Abalone viu-se admirando o macho. O Rei tinha quase dois metros e quinze e tão musculoso, que sua natureza de guerreiro era uma presença física que era de fazer alguém querer erguer as mãos para a cabeça e baixar a cabeça e se submeter só para deixar as coisas bem claras. Com os cabelos pretos cascadeando até os quadris, e óculos escuros escondendo os olhos cegos de todo mundo, exceto de sua amada Rainha, ele era tanto aristocraticamente bonito quanto brutalmente poderoso. E então,

havia as representações tangíveis de seu status exaltado: o anel de diamante negro no dedo médio de sua mão direita, e as densas tatuagens de sua linhagem que corriam a parte interna de seus braços.

O macho era sempre um pouco chocante, não importava quantas horas Abalone já houvesse passado em sua presença. Mas, aquilo parecia especialmente verdade em uma noite como esta.

O Rei se abaixou e libertou o cão guia, George, da coleira, e então olhou por sobre o ombro.

— Butch? Fique aí um minuto, ok?

— Pode deixar.

O Irmão com sotaque de Boston fechou as portas deslizantes e, quando os painéis se travaram no lugar, Abalone podia honestamente dizer que jamais pensara em si próprio como pleiteante a uma audiência com o governante.

As narinas de Wrath flamejaram. — Você tem algo em mente.

Por alguma razão, Abalone sentiu vontade de se ajoelhar — Eu tentei te contatar, meu senhor.

— É, eu sei. Eu estava passando um raro dia em Manhattan com minha *shellan*. Só recebi as mensagens há cinco minutos. Imaginei que, fosse o que fosse, seria melhor falarmos pessoalmente.

— Sim. De fato.

— Então o que está acontecendo?

Querida Virgem Escriba, isto deve ser semelhante a confessar uma traição a um companheiro, Abalone pensou. — Eu...

— Seja o que for, pode me dizer. E vamos resolver.

— Eu, ah, recebi uma visita esta manhã, minutos antes do nascer do sol. De um primo meu.

— E não eram boas notícias?

— Era... Throe.

Ao invés de recuar ou praguejar, o Rei riu suavemente, mais como um grande felino ronronaria diante da perspectiva de uma refeição. — E as bênçãos nunca acabam. Você não me disse que ele era parente seu.

— Eu não sabia. Recebi uma chamada telefônica de meu primo em terceiro grau. Acredito que o laço é por casamento. Se eu fizesse a menor ideia...

— Não se preocupe. Não se pode evitar o que está em sua árvore genealógica. — Novamente aquelas narinas flamejaram — Acho que ele não foi bem-vindo em sua casa, foi?

— Não, meu senhor. Eu o deixei entrar somente porque ele ofereceu informações do Bando dos Bastardos. Ele diz que não está mais com eles e está preparado para revelar sua locação, estratégia, posições.

O Rei sorriu, revelando presas tão longas quanto adagas. — Então certamente quero me encontrar com ele.

Abalone cedeu a seus instintos, se aproximou e ajoelhou-se no chão de madeira nu. — Meu senhor, o senhor deve saber que...

O Rei pousou a mão no ombro de Abalone, e aquela palma era tão grande que parecia engolfar o torso inteiro de Abalone. — Sua lealdade é a mim e somente a mim. Eu posso cheirá-la. Posso senti-la. Deixe de culpas. Ele está em sua casa agora?

— Sim.

— Então eu irei até ele.

— Não seria melhor enviar um emissário?

— Não tenho nada a esconder, e não tenho medo dele ou do bando de garotinhas de Xcor. Eles tentaram me matar uma vez, lembra? Não funcionou. Tentou me destronar? Ainda estou no trono. Eles não podem fodidamente me tocar.

Como se Wrath pudesse ler mentes, estendeu a mão do diamante negro e Abalone agarrou o que era oferecido, pressionando os lábios na gema sagrada, quente pela carne do grande macho.

— Butch. — Wrath chamou. — Chame a Irmandade. Temos de fazer uma visita social.

O Irmão respondeu do outro lado da porta, enquanto o Rei movia o rosto para baixo, como se buscando o olhar de Abalone. — Agora, Primeiro Conselheiro, quero que reagende as primeiras duas horas de minhas audiências.

— Sim, meu senhor. Imediatamente.

— E então, vamos à sua casa.

— O que desejar, meu senhor. O que desejar.

Capítulo TREZE

O que salvou Trez de seu cativeiro acabou não sendo uma pessoa. Na verdade, não foi nem mesmo um objeto.

Sua liberdade, quando veio, foi por cortesia de um tubo de ventilação localizado no canto superior direito da vasta suíte onde estava aprisionado.

Três noites antes de sua eventual fuga, estava deitado de costas, contemplando absolutamente nada, quando um sopro de ar gelado atingiu as joias em suas vestes e esfriou sua pele. Franzindo o cenho, olhou para cima e viu a grade parafusada na parede totalmente branca.

Câmeras de segurança de primeira geração vigiavam cada movimento seu, então sabia que seria melhor não demonstrar nenhum interesse específico. Mas o deixou pensativo. Sombras podiam se desmaterializar, e podiam até virar fumaça; o que permitia que viajasse vastas distâncias, permanecendo invisível ao chegar ao destino.

Ele havia tentado ambas as coisas muitas vezes, e falhara, e, de início, relegara qualquer plano de fuga ventilada à falha por conta disto.

Mas, na noite seguinte, por nenhuma razão específica, olhou para baixo, para o que tinham posto sobre seu corpo. As joias... As pedras preciosas brilhantes que ele achava estarem encrustadas sobre ouro. O metal tinha cor de prata. Ouro branco, certo?

A menos... Que fosse aço inoxidável. Que era a única coisa que neutralizava o poder de desmaterialização dos vampiros, mesmo os da linhagem Sombra.

Ele havia olhado pelo cômodo de mármore até a suíte de banho. Mesmo no banho, quando seu corpo era limpo de forma ritual... Eles o mantinham envolto em safiras e diamantes, colares de pedras preciosas incrustadas no pescoço, ombros, pulsos e tornozelos antes que entrasse na água. Assim que ele saía? A cota de malha de joias era posta sobre sua pele de novo.

Ele fechou os olhos. Porque jamais pensara nisto?

Levara-lhe mais duas noites, dois ciclos de amanhecer e anoitecer, antes de desenvolver um plano. O cronograma de alimentação, banho, exercício e estudos nunca era o mesmo, como se propositadamente manipulada a uma falta de

padrão, e as idas e vindas de iAm eram igualmente aleatórias, pois, não sendo O Consagrado, ele tinha certas liberdades de movimento, certas permissões de sair pelo palácio para se exercitar ou se alimentar, embora mesmo aquilo não fosse incondicional.

Durante suas deliberações, Trez foi enfático em não mudar nada em sua aparência, atitude ou hábitos, mas, internamente, sua mente criava, manipulava, testava teorias para as complicações ou falhas em potencial.

Ele havia antecipado esperar por mais tempo, mas o momento se apresentou inesperadamente, cortesia de uma bandeja de metal derrubada. Uma serviçal havia escorregado no chão de mármore recém-polido e, alimentos, pratos e pratarias espalharam-se por todo canto. iAm, sempre prestativo, havia se voluntariado para ajudar a lidar com a bagunça, e ele e a serviçal haviam partido em busca de materiais de limpeza no área de suprimentos.

A fechadura da porta da cela oculta fez clique.

E então chegou a hora.

Movendo-se rapidamente, Trez despiu-se, arrancando a cota fina e as joias de si mesmo, libertando-se dos zíperes, abrindo todo tipo de fivelas, cintos e fechos de segurança. Então, nu e sangrando pelo esforço, fechou os olhos e se concentrou.

Sua ansiedade era tamanha que quase falhou, especialmente ao ouvir gritos do outro lado de sua porta, as câmeras de segurança haviam reportado suas atividades com espontaneidade e exatidão.

Sua convicção de aquela ser sua única chance havia lhe fornecido ímpeto para buscar e retirar de dentro de si mesmo alguma força maior.

Bem antes de desaparecer no ar, s'Ex havia derrubado a porta, e eles se encararam por uma fração de segundo.

Então ele entrou e atravessou o tubo de ventilação.

Puf!

Ele seguiu pelo sistema de dutos mantendo-se na corrente que vinha contra ele, na esperança que o vento lhe mostrasse o caminho até o lado exterior. E estava certo. Momentos depois cambaleara na noite fria, expelindo-se acima de seu local prévio de confinamento, tão chocado por ter efetivamente saído que quase retomou forma e caiu do telhado do palácio.

Rapidamente recobrou a cabeça e fluiu, sem direção, sem planos adicionais, sem suprimentos, sem dinheiro.

Mas, a liberdade era inestimável... E eventualmente o levaria a cruzar o caminho de um vampiro que mudaria os rumos de sua vida...

— Trez? Camarada?

Trez disparou para fora de seu sono, do mesmo modo como disparara daquele sistema de ventilação, e por um momento, não tinha a mais fodida ideia de onde estava.

Mas, um piscar de olhos mais tarde, um par de olhos ametista diretamente em frente ao seu rosto trouxe tudo de volta: o Centro de Treinamento, Selena, o presente, não o passado.

— Selena.

Rehvenge esticou a mão, — Uou, calma. Eles estão quase terminando de banhá-la.

— Banhá-la... — Trez esfregou o rosto e olhou em volta, vendo uma grande extensão de parede de concreto.

Cristo, estava tão exausto, que colapsara no corredor do lado de fora da sala de exames, nos quarenta e dois segundos que levava para sentar o traseiro e respirar fundo.

Rehvenge grunhiu ao usar a bengala para ajudá-lo a se abaixar no chão de concreto. Estendendo as pernas, dobrou seu casaco de mink de corpo inteiro em volta das coxas, mesmo que não estivesse menos do que 20 graus Celsius.

— Minha Ehlena me chamou. — Rehv deu a Trez uma olhada de cima abaixo, e pela tensão em sua expressão, não gostou do que viu. — Eu teria vindo mais cedo, mas estava resolvendo uns problemas no norte.

— Como vai a sua colônia? Ainda psicótica?

— Como você está?

— Estou bem, Vossa Alteza.

— Não tente me foder, está bem?

— Desculpe. — Trez recostou a cabeça contra a parede fria. — Não estou em minha melhor forma.

Rehv olhou para a porta fechada da sala de exames. — Onde está iAm?

— No vestiário. Acho que foi lá para um banho.

— Soube que ele está aqui embaixo com você.

— Sim.

Houve um período de silêncio. E então Rehv disse, — Há quanto tempo nos conhecemos?

— Um milhão de anos.

O devorador de pecados riu fortemente, — Parece mesmo.

— É.

— Então por que não me contou?

— Sobre...? — Quando Rehv só ergueu uma sobrancelha, Trez deu um suspiro entrecortado. É claro que o cara queria saber sobre Selenia e o vínculo. — Ouça, nem eu mesmo queria tomar consciência do que sentia por ela. Eu só... Merda, sabe como eu era com as putas. Como diabos eu iria falar sobre isto com alguém como uma Escolhida? Mas, agora isto. Pelo amor da porra, tudo aquilo foi perda de tempo. Não que nós, necessariamente, terminaríamos juntos, mas... Talvez eu pudesse tê-la ajudado. Ou...

Embora, pelo que a Escolhida tinha dito, parecia que a doença ou distúrbio, ou fosse qual porra fosse, seguiria seu próprio curso, independente do que alguém fizesse.

— Eu tenho um pouco de experiência com isto. — Rehv murmurou. — Quando conheci Ehlena? Ela não sabia que eu era metade devorador de pecados, muito menos herdeiro do trono dos *Symphaths*. Eu, certo como a merda, não estava com muita pressa para revelar, mas não era como se pudesse esconder os traços em meus braços, ou meus impulsos, ou quem eu era. E lembre-se, eu tinha o mesmo trabalho noturno que você. Não exatamente boas notícias para uma fêmea. Lutei o quanto pude, e quando a verdade veio à tona? Eu sabia que ela ia me abandonar. Estava convencido disto. Por um tempo ela me abandonou, e não deixei de amá-la, de qualquer forma. Mas no final? Funcionou.

Trez desejou conseguir tirar alguma inspiração daquilo. — Selenia vai morrer.

— Talvez. Talvez não. Ouça, não sou fã de minha subespécie, mas temos alguns conhecimentos no norte. Deixe-me ver o que consigo descobrir para você.

Trez virou a cabeça e encarou o macho. — Você não precisa...

— Pare.

Trez teve de desviar os olhos. — Não me faça chorar. Eu odeio me sentir um marica.

— Você faria o mesmo por mim.

— Você já me salvou uma vez.

— Prefiro pensar que salvamos um ao outro.

Trez pensou na noite em que os dois se conheceram. Quando e onde, na cabana na montanha, a primeira estrutura que Trez encontrou quando finalmente saiu do ar... Também o lugar onde Rehv tinha de cumprir sua obrigação com aquela Princesa *Symphath* nojenta que andava chantageando-o.

Trez havia se escondido quando Rehv chegara e fodera a cadela em pé algumas vezes. Depois, ela havia deixado uma bagunça no chão, debilitado pelo veneno que usava na pele.

Cuidar do cara só parecera natural.

E em retorno? Ele e aquele bastardo de olhos ametista haviam se tornado meio irmãos. A ponto de que, quando iAm apareceu lá fora, os três haviam se aliado, a lealdade e gratidão de Trez fazendo ele e o irmão se ligarem ao devorador de pecados.

Se havia uma coisa que sabia sobre Rehvenge, após todos estes anos, era que ele era um macho de valor. Apesar de ser um cafetão e dono de casa noturna, um degenerado e execrado, ter o coração maligno, ser um filho da puta sádico... Ele era e sempre seria um dos melhores machos que Trez já conhecera.

— Então eu vou, — Rehv disse.

Com alguns gemidos, o macho se levantou, e quando ficou em pé com aquele casaco de mink varrendo o chão nu do Centro de Treinamento, ele pigarreou e não olhou para Trez. Não era uma surpresa, e um tipo de dádiva. Trez também não lidava bem com grandes emoções.

— Obrigado, — Trez disse asperamente.

— Guarde a gratidão para quando eu voltar com alguma informação relevante.

— Não é disto que estou falando.

Rehv se inclinou, oferecendo sua mão direita. — Tudo o que precisar.

Trez teve de piscar fortemente. Então passou a mão sobre os olhos. — Sua amizade é tudo o que preciso, meu amigo. Porque é praticamente inestimável.

Quando iAm saiu do vestiário masculino, verificou se os botões de sua camisa estavam corretamente abotoados. O banho de chuveiro durara no máximo cinco minutos, mas a água estava gelada e ele achou que sentiria um pouco mais com ela.

Difícil dizer, com o seu cérebro torrado como estava.

Ele parou ao olhar para cima e ver Trez e Rehv cumprimentando-se. Por alguma razão, o momento silencioso entre os machos levou-o de volta para a noite em que Trez escapara.

Tão estranho que os caminhos se cruzassem quando menos se esperava.

Rehv olhou em sua direção quando dos dois soltaram as mãos, — Ei, iAm.

— Ei, cara.

Como se estivessem em algum tipo de funeral, os dois executaram o cumprimento de tapinhas nas costas típico de machos quando havia sentimentos demais no ar. Um momento depois, Rehv saiu, sem olhar para trás, andando para o escritório, o casaco esvoaçando atrás dele, a bengala vermelha apoiando-o no chão para equilíbrio.

— Que bom que ele veio, — iAm disse, ao olhar para porta fechada da sala de exames. Achou que eles ainda estavam limpando Selenia.

Que porra de noite. Dia. Fosse o que fosse.

— É.

iAm verificou o relógio. Bem, quem diria. Era oito da noite. Já anoitecera. Eles estavam ali há, tipo, doze horas seguidas.

— Então você vai me contar o que há em sua mente?

iAm baixou o braço e olhou para o irmão. — Do que está falando?

— Vamos, cara. — Trez soltou uma imprecação exausta. — Você acha que não consigo te ler. Sério?

iAm andou alguns metros. Voltou. Andou de novo.

— Mais notícias boas, huh? — Trez murmurou.

— É.

— Desembuche. Pelo menos um de nós se sentirá melhor.

— Duvido.

— Como se a merda não pudesse piorar?

— A Rainha deu à luz.

— E...

— Não era.

Trez fechou os olhos e pareceu decair em sua própria pele. — Momento perfeito.

— É por isto que s'Ex estava te ligando. Ele me rastreou quando você não atendeu e, sim, aí está.

Trez exalou. — Sabe qual é minha maior fantasia? Não é nem pornô. Seriam boas notícias. Por uma vez em minha fodida vida, eu adoraria ter uma boa notícia.

— Eles estão em período de luto. — Quando Trez meneou a cabeça, iAm sentiu como o inferno de novo. — Temos uma semana, então...

— Então eles vão querer de volta o dildo vivo de carne e osso deles, huh?

Quando Trez olhou para a porta fechada da sala de exames, pareceu envelhecer diante dos olhos de iAm, a pele de seu rosto parecia se derreter da estrutura óssea por baixo, os cantos de seus olhos caíram, a boca relaxou.

— Trez...

— Diga a s'Ex que quero me encontrar com ele. Não posso sair agora por causa...

— Você não está pensando realmente em voltar, está?

O olhar de Trez não se desviou a porta fechada.

— Trez. Me responda. Não está pensando em voltar...

Quando o silêncio se estendeu, iAm praguejou. — Trez? Olá?

— Eu tenho de encontrar s'Ex. Mas só depois... — Trez pigarreou. — É. Depois.

iAm anuiu porque o que mais poderia fazer? Não havia como culpar o cara por este tipo de priorização.

Infelizmente, o s'Hisbe não seria tão compreensivo. Mas, era aí que iAm entrava. De jeito nenhum alguém iria forçar fisicamente seu irmão a partir, enquanto esta merda com Selenia ainda estivesse se desenrolando.

Ele não se importava com o que precisasse fazer: Trez ia ficar livre para cuidar de sua fêmea.

A Rainha que se fodesse.

Capítulo CATORZE

Layla se sentiu perseguida enquanto mantinha um pé no acelerador e ambas as mãos no volante da sua Mercedes azul pálida. Quinn comprou-lhe a E350 4MATIC, seja lá o que for que isto quer dizer, há cerca de três meses. Ele queria algo mais chamativo, maior, mais rápido, mas no fim, o pequeno sedan foi o que a deixou mais confortável. E ela escolheu a cor porque a lembrava das piscinas de banho no Santuário.

A fazenda estava nos arredores do Caldwell rodeada por colinas e vales, e ela amava estes campos graciosamente ondulados com espigas de milho em julho e agosto, que devem ser colhidos nos meses seguintes. Ela decorou toda a paisagem agora, uma rota que levava a uma subida bem específica, em um prado em particular, à uma árvore agora significativa.

Quando ela veio para a base da pequena colina, desligou as luzes e esperou o carro parar. Ela nunca se sentiu bem vinda aqui, mas depois de ver o estado em que Selenia estava e sabendo o que isso significava, seu coração estava ainda mais pesado do que o habitual.

Saindo do carro, ela colocou suas mãos na parte inferior das costas e arqueou os seios, tentando soltar os músculos que pareciam travados continuamente.

— Você chegou adiantada.

Com um suspiro, ela se virou. Xcor estava parado a poucos metros da parte traseira do carro, e ela podia dizer imediatamente que havia algo de errado com ele. Não era que seu rosto severo parecia diferente, do lábio leporino que o fazia parecer como se estivesse perpetuamente rosnando, até seus olhos astutos e sua mandíbula pesada, todas as características eram as mesmas. E não existia uma mudança em seu cabelo raspado rente a cabeça, ou seu longo casaco de couro preto, ou até mesmo seus couros ou suas botas de combate ou todas as armas que ela sabia que tinha, e que ele sempre escondeu cuidadosamente dela.

Ela não foi capaz de dizer o que tinha de errado com ele. Mas, seus instintos não mentiam, e nunca erraram.

— Você está indisposto? — Ela perguntou.

— Você está?

Ela colocou a mão sobre a barriga. — Estou bem.

— O que aconteceu ontem à noite? Por que você não veio?

Uma imagem de Qhuinn andando em torno da sala de bilhar com ela e Blay sentados no sofá vieram à sua mente. Então ela os imaginou na sala de exames do Centro de Treinamento, estando ao lado de Selena, enquanto era avaliada e más notícias eram dadas.

— Eu tive uma emergência de família, — ela disse. — Bem, duas, na verdade.

— De que tipo?

— Nada que lhe diz respeito.

— Há pouco de você que não me diz respeito.

Olhando na direção da árvore que eles normalmente se sentavam debaixo, Layla estremeceu. — Eu...

— Você está com frio. Vamos entrar no carro.

Em sua forma habitual, Xcor assumiu o controle, abrindo a porta para ela e saindo do caminho, em uma demanda silenciosa. Por um momento, ela hesitou. Apesar do ímpeto nobre para manter o Rei e os Irmãos seguros, ela soube em seu coração que ninguém aprovaria estas reuniões, estas palavras, estes momentos passados com o inimigo jurado da Irmandade.

A pessoa que conspirou contra Wrath não apenas uma, mas duas vezes.

Sentar-se no carro que Qhuinn comprou para ela com Xcor era uma ofensa à suas relações mais valiosas.

Exceto que ela estava protegendo aqueles que amava, lembrou a si mesma.

— Entre, — disse Xcor.

E ela entrou.

Fechando a porta, Xcor deu a volta para o lado do passageiro, bateu na janela e ela destrancou a porta, pensando na falsa mitologia humana sobre vampiros, onde os mortos-vivos tinham que ser convidados antes de poder entrar nos lugares.

Tão longe da realidade.

Xcor com o corpo de um soldado tomou quase todo espaço no sedan quando se sentou no banco ainda que para ela sobrasse espaço, mesmo estando grávida. Ela inalou para se firmar, e odiou o fato de gostar da forma como ele cheirava, mas o fez. De fato, ele sempre se esforçou para estar limpo quando se

encontravam, sua pele cheirando uma colônia temperada que ela desesperadamente queria achar sem atrativo.

Isto seria mais aceitável se ela ficasse focada no fato de estar sendo coagida a este contato, tão próxima, tão perto.

Porque estar aqui com ele por vontade própria...

Deus, por que ela estava tão pensativa esta noite...

— Dirija, — ele disse. — Por favor.

— O que? — Seu coração começou a bater. — Por quê?

— Não é mais seguro aqui. Temos que nos encontrar em outro lugar.

— Por quê? — A realidade de quão pouco conhecia e confiava nele a fez perceber exatamente como eram distantes. — O que mudou?

Ele a examinou. — Por favor. Para sua segurança. Eu nunca vou prejudicá-la, e você sabe, portanto digo que aqui não é mais seguro para nós.

Ela segurou seus olhos por um longo momento. — Onde nós devemos ir?

— Eu assegurei outro local. Vá para oeste. Por favor.

Quando ela não se moveu, ele pôs sua mão sobre a dela e apertou. — Aqui não é seguro.

Quando ele soltou a mão dela, seus olhos nunca desviaram dos dela. E um momento mais tarde, ela assistiu de uma vasta distância quando alcançou e bateu o botão de ignição para ligar o motor. — Certo.

Conforme ela colocava o carro em marcha, um sutil barulho soou. — Seu cinto de segurança, — ela disse. — Você precisa colocá-lo.

Ele obedeceu sem comentário, esticando o cinto longe, para estender acima de seu tórax volumoso, e então o clicando no lugar.

— A que distância? — Ela perguntou, enquanto uma pontada de medo fez seu coração acelerar novamente.

— Dezesseis quilômetros. — Xcor baixou a janela em uma rachadura e respirou como se tentando encontrar uma fragrância no ar. — É um local seguro.

— Você esta me sequestrando?

Ele recuou. — Não. Você é, como sempre, livre para ir e vir.

— Certo.

Ela esperou que ele estivesse dizendo a verdade. Rezou para que ele estivesse. E deixou o pensamento sobre o mortal jogo que estava jogando.

Isto tem de parar, ela pensou. Existia uma guerra contra os *lessers*. Ele era um traidor para o Rei.

Sua gravidez estava chegando à um estado avançado.

O problema era, que ela não sabia como cortar as cordas que os mantinham juntos.

Rhage foi o último dos Irmãos a materializar-se sobre o gramado de uma propriedade que parecia ter sido tirada diretamente de uma revista. Quando ele olhou para grande casa na proximidade, ouviu o narrador do velho programa do *Batman*: “*Enquanto isso, na mansão Wayne...*”

A mansão estilo Tudor era situada entre gramados bem cuidados, como se fosse boa demais para competir com nada menos que a Casa Branca, com luzes ligadas no interior, brilhando com luxo dourado suave como se talvez existissem gotas de ouro sólido em todas aquelas luminárias. Com eficiência rápida, um mordomo podia ser visto cruzando na frente de um banco com painéis de diamante, seu uniforme formal, algo que Fritz vestiria.

Eles provavelmente tinham o mesmo alfaiate.

— Nós estamos prontos para Sua Alteza Real? — V perguntou estranhamente.

Existia um murmurar de acordo entre os cinco deles, e então Vishous desapareceu no ar. O plano era para ele se juntar a Butch no novíssimo Range Rover do policial, que estava estacionado a mais ou menos seis quilômetros à leste com o Rei reclamando sobre todas as medidas de segurança no banco da frente. Os dois iriam trazer Wrath, dando ao grupo vários caminhos para tirar o macho daqui se a merda batesse no ventilador.

Rhage odiou que tivessem de trazê-lo aqui para encontrar-se com Throe, mas Wrath recusou enviar um representante, e o que eles podiam fazer? Amarrá-lo à uma fodida cadeira assim não viria sozinho?

— Para a sua informação... — Rhage desembainhou uma de suas adagas negras, — ... Não dou nenhuma garantia de que não vou fatiar este filho da puta.

— Eu o segurarei para você, — alguém tossiu atrás.

Um vento frio soprou do norte, espalhando folhas caídas sobre suas botas, e Rhage olhou por cima do ombro. Nada se movia à esquerda. Não tinha ninguém nos arbustos. Nenhum cheiro ruim no ar.

Mas ele ainda foi muito cuidadoso.

Bem, duh. Qualquer coisa que tinha de fazer com o Bando dos Bastardos era dificilmente uma noite em casa no sofá fingindo que ele não estava de fato assistindo *Scandal*.

Ou *The Real housewives of New Jersey*, se Lassiter tivesse o maldito controle remoto.

Dez minutos depois, o Range Rover virou a esquina e veio subindo pelo caminho, com os faróis iluminando toda a frente da casa assim como todo o grupo.

Butch dirigiu fazendo um círculo na frente da mansão de forma que o SUV ficasse de frente para a rota de fuga, e em seguida Wrath abriu a porta e saiu do banco do passageiro. Em seus shitkickers, o macho se elevou acima do teto do veículo, e diferentemente do resto deles, ele não usava qualquer casaco ou jaqueta.

Apenas uma camiseta preta sob o colete Kevlar obrigatório.

Pelo menos eles tinham isto.

Graças à Beth.

Rhage caiu em formação com os outros e eles protegeram Wrath com seus corpos conforme se moviam adiante. No momento em que chegaram à porta da frente, Abalone abriu as portas como se estivesse olhando pelas janelas para o gramado e esperando por sua chegada.

— Meu Senhor. Irmandade. Bem-vindos à minha casa.

Com o Primeiro Conselheiro se curvando profundamente, Rhage tinha de aprovar o cara. Applebottom, como eles o chamavam, era um dos poucos aristocratas que Rhage conhecia que não tinha só metade de um cérebro, mas um coração cheio, debaixo do terno elegante.

— Se todos puderem seguir nesta direção? — O sujeito disse, indicando com a mão.

Parte do pré-acordo para isto era que a reunião seria na biblioteca e uma das janelas seria arrancada no caso de Wrath ter de se desmaterializar. Throe, que

estaria esperando em uma sala de estar separada, seria trazido para dentro por um Irmão, e escoltado para fora por um.

E existia um par de outras ressalvas.

Uma vez dentro do quarto cheio de livros, Rhage fez uma rápida, mas completa, inspeção na sala, e disse, — Me deixe buscar o bundão.

— Tem certeza? — V perguntou.

— Eu não o comerei. Ainda.

Ele cortou qualquer conversação quando saiu para onde Abalone estava pairando no vestíbulo, parecendo estar em um debate interno se vomitava sobre seus sapatos ou se corria para o banheiro antes de perder a batalha.

— Então, onde esta seu primo? — Rhage deu ao cara um sorriso tranquilizante. Como se fosse embrulhar o bastardo em plástico bolha e nada mais. — Ali?

Abalone acenou em direção à porta fechada do outro lado. — Sim. Ele está na sala de estar masculina.

Rhage colocou uma mão no ombro do Primeiro Conselheiro. — Não se preocupe, Applebottom. Isso vai ser como tirar doce de uma criança.

Sentindo pena do pobre pedaço de merda enquanto ele exalava em alívio. — Sim, meu senhor. Obrigado.

Após outra rodada de perguntas se tudo estava certo, Rhage deslizou pela porta da sala de estar e a fechou atrás dele.

Throe estava em pé em uma sala de painéis, parecendo com o macho distinto que ele foi uma vez no Velho Continente, apesar de suas roupas serem comuns.

— Rhage? — O macho disse, avançando.

— Sim.

Throe teve a chance de esticar sua mão para um aperto, e foi isto. Rhage agarrou seu pulso, girando ele ao redor como uma bailarina, e o empurrou de cara na parede mais próxima.

— O que você está...

— Prendendo você, idiota. — Certo, então talvez o esmurrando fosse um pouco mais preciso. — Espalhe.

— Está me machucan...

— Se eu achar uma arma, vou usá-la em você. Fui claro?

— Você deve ser tão...

— De frente. — Rhage empurrou o cara de volta por sua cintura, e o girou como um peão, então o bateu de cara na parede. — Não, cabeça erguida.

Ele segurou o queixo do cara na palma da mão e puxou a bela face para cima. Depois deu ao surpreendentemente grande tórax uma mamografia, estapeando seu caminho para socar Throe forte o bastante para vomitar, fazendo o sujeito suspirar alto de dor.

— Eu imploro seu perdão!

— Não tem nada aí. Não é uma surpresa.

Abaixo das coxas. As panturrilhas. Voltando ao nível dos olhos.

— Aqui estão as regras. Se você fizer algum movimento em direção ao meu Rei, de qualquer forma, que eu não gostar? Você estará morto antes de pisar no chão. Estamos entendidos?

— Eu vim aqui em paz. Estou cansado de lutar...

— Nós estamos entendidos? Se você se quer espirrar na direção dele, tentar apertar sua mão, ou olhar duas vezes em seu fodido shitkickers? Eu vou te mandar para o necrotério.

— Você é sempre tão extremo?

— Este sou eu calmo, legal e pensativo, seu puto. Você não quer me ver zangado.

Rhage empurrou o cara em direção à porta, a abriu, e bloqueou uma mão atrás de pescoço de Throe.

— Eu posso caminhar sozinho, — o macho hesitou.

— Pode? Tem certeza disso?

Rhage mudou seu aperto no pescoço dele de forma que esmagou o rosto do macho em sua mão, conduzindo Throe pela conjunção dos olhos, nariz, e boca.

— Isto está funcionando melhor para você? Não? Huh, sua suposição deveria funcionar melhor.

Enquanto ele deliberadamente manteve Throe fora de equilíbrio, apreciou a rotina dançante de Fred Astaire enquanto passava por Abalone e entrava na biblioteca.

— Oh, isto já está indo tão bem. — V murmurou enquanto acendia o cigarro que tinha na mão.

— Pelo menos não tem molho de churrasco envolvido, — o policial tossiu.

— Ainda. — V exalou. — A noite é uma criança.

Rhage pigarreou. — Meu senhor e governante, Wrath, filho de Wrath, pai de sangue de Wrath, eu te apresento Throe, pedaço de merda.

Naquele momento, ele deu ao macho um bom empurrão na direção do tapete Oriental, dizendo *você sabe o que fazer*. E ele se colocou sobre seus joelhos que era onde aquele filho da puta pertencia.

Aos pés do único e verdadeiro Rei.

Capítulo QUINZE

— Não, eu cuido dela, obrigado.

Enquanto Trez falava, ele lançou um sorriso para Ehlena porque não queria que a enfermeira se ofendesse quando a enxotou. Mas, a verdade era que ele estava mais do que pronto para ser a pessoa que conseguiria tirar Selenia da sala de exame. Longe do Centro de Treinamento. Para... Algum lugar, qualquer outro lugar.

Embora isso não aconteceria. Apenas duas horas atrás ela perdera os sinais vitais, sendo atingida por dois bilhões de joules de carga elétrica na região peitoral, e então, de alguma forma conseguiu voltar da beira do precipício graças a ele arrancando uma respiração viva de sua alma.

Oh, você sabe, apenas outro dia na vida.

Ou era noite?

Quem diabos saberia.

— Você está pronta? — Perguntou para Selenia.

Parecia como algo saído do paraíso que ela realmente olhou em seus olhos e assentiu. Nunca teria adivinhado que a reconexão era possível, ou o fato que o corpo dela realmente se curvou, como se supunha, entre os agarres que ele colocou debaixo dos joelhos e ombros dela.

— Eu serei... Gentil. — No momento em que sua voz falhou, quis chutar seu próprio rabo. — Delicado e devagar.

Ela assentiu com a cabeça novamente, e então ofegou quando ele a ergueu da maca de exame e a moveu para fora de debaixo do multi foco claro que tinha sido puxado, perto do seu corpo.

— Em qual direção? — Ele perguntou novamente, embora já tivesse sido informado duas vezes.

Ehlena, quem estava a cargo de segurar a bolsa IV, liderou o caminho para uma porta. — Aqui.

No lado mais distante, o quarto de recuperação não era nada do que ele queria para sua fêmea. A cama era de hospital com grandes grades em ambos os lados, os cobertores finos, e os lençóis lisos e brancos. Havia um suporte de soro

instalado para pendurar a bolsa e uma grande quantidade de equipamentos de monitoração. Os travesseiros pareciam ásperos.

Então, novamente, ele poderia estar deitando-a em um colchão de penas feito à mão e até mesmo isso teria sido inadequado.

Selena estremeceu quando ele a colocou na cama com cuidado. E então, quando tentou puxar as cobertas debaixo dela, ela fechou os olhos e sacudiu a cabeça.

— Um minuto? — Ela gemeu, como se tudo a machucasse.

— Sim. Claro. Com certeza.

Eeeeeeeeeeeee agora ele não tinha nada para fazer. Olhando em volta, avistou uma cadeira e percebeu que se ao menos sua bunda estivesse nisso, não estaria encurralando-a.

Quando se sentou, e Ehlena deixou-os com qualquer paz insignificante que pudessem encontrar, ele pensou, merda, Selena estava tão quieta. Mas, pelo menos suas articulações estavam em ângulos seminormais, e estava respirando sozinha. E estava consciente.

Ainda estava muito pálida, entretanto. Quase como a cor dos lençóis. E embora seu cabelo tenha sido penteado, tinha nós nos comprimentos escuros.

— Me... Desculpe...

— O que? — Ele se levantou. — O que você disse?

— Desculpe...

— Sobre o que? Jesus, tipo, você se voluntariou para isso?

Quando ela começou a chorar, ele abandonou a cadeira e foi cuidadosamente até a cama, ficando de joelhos ao lado dela. Estendendo a mão, ele colocou a grade para baixo e pegou a mão mais próxima dele.

— Selena, não chore. — Havia uma caixa de Kleenex na mesinha ao lado da cama e a agarrou, podendo assim, tirar um lenço e secar suas bochechas. — Oh, não, não se desculpe. Você não pode se desculpar por algo como isso.

Sua inspiração era irregular. — Não queria que você soubesse. Eu não quis... Te preocupar.

— Eu queria que tivesse me dito.

— Nada pode ser feito.

Certo, aquilo não era uma faca bem entre suas malditas costelas. — Não sabemos disso. Manny vai conversar com alguns dos seus colegas humanos. Talvez...

— Eu amo você.

Conforme as palavras dela o atingiram como um bofetão de uma palma aberta, Trez tossiu, engasgou, estalou, e arquejou, ao mesmo tempo. Grande resposta. Apenas realmente fodidamente masculino, lembrando-o, absurdamente, daquele sintetizador em *Ferris Bueller* quando o merdinha estava no telefone com seus colegas de classe.

Qual era o seu maldito problema? A fêmea por quem estava apaixonado, aquela que queria acima de tudo no mundo, lançou as Três Grandes Palavras nele... E ele se transformou em uma função corporal gigante.

Tão romântico.

Então, novamente, pelo menos ele não se borrou em seu jeans Levi's.

— Eu... — ele gaguejou.

Antes que pudesse ir mais distante, ela apertou a mão dele e balançou a cabeça para trás e para frente no travesseiro. — Não precisa me dizer de volta. Quis que você soubesse. Importante... Você saber. Não há tempo...

— Não diga isso. — Sua voz aumentou estridente. — Eu preciso que você nunca diga isso. Há tempo. Sempre há tempo...

— Não.

Deus, seus pálidos olhos azuis estavam remotos quando ela olhou-o fixamente. Até mesmo seu rosto perfeitamente sem marcas, com sua beleza brilhando apesar de sua condição, aquele olhar fixo exausto a fez parecer idosa.

Era tão injusto. Ela naquela cama, ele ajoelhado em boa forma e saudável ao lado dela, sem nenhuma forma real para compartilhar a saúde que tinha em abundância. Claro, quando ela teve uma parada cardíaca, ele pôde trazê-la de volta, mas ele não queria só arrastá-la para longe do limite. Queria curá-la.

Ele queria... Anos com ela.

E ainda, da mesma maneira que o pensamento o bateu, ele percebeu que nunca iria acontecer: Mesmo que o destino dela mudasse, o dele não mudaria.

— Amo você... — ela respirou.

Por um momento, sentiu que ele mesmo atingiu seu próprio limite, seu coração e alma trêmulos, à beira de cair em suas palavras, seus olhos, seu tudo

que a fazia feminina e misteriosa e maravilhosa... Mas, então, ele se lembrou de que ela quase morreria, estava meio acordada na melhor das hipóteses, e provavelmente não tinha nenhuma ideia sobre o que estava dizendo.

E mais, Dra. Jane anunciou que ele salvara a vida dela. Que pode ou não ter sido verdade, mas, dado o drama, gratidão podia fazer alguém sentir algo que normalmente não sentiria.

Ou talvez atizar as chamas de afeto em uma emoção temporária que era muito mais forte.

— Não precisa me dizer de volta, — ela murmurou. — Precisava que soubesse.

— Selena, eu...

Ela levantou sua outra mão, a palma para cima. — Não precisa dizer mais nada.

Havia um silêncio ressonante, mas só no quarto. Em sua cúpula de cromo? Seu cérebro era fios vivos estáticos, todos os tipos de pensamentos e imagens tomando sua consciência como se sua massa cinzenta tivesse se tornado um macaco e estava lançando cocô por toda parte de sua gaiola.

Focando novamente nela, disse a si mesmo que se controlasse e tentasse ajudá-la.

— Gostaria de se alimentar? — Ele levantou sua mão livre, cintilando seu pulso. — Por favor?

Quando ela assentiu foi um alívio total, e ele cortou sua carne com suas presas antes de se esticar, levando sua veia para a boca dela. A princípio ela mal sorveu, tomando pouco, porém engolindo. Com um tempo, entretanto, ela começou a tomar algum controle, chupando nele, extraíndo o que ele tinha para dar, profundamente dentro dela.

Ele ficou duro.

Não podia evitar. Contudo, não era como tivesse algum apetite sexual. Estava muito distraído se preocupando com ela, perguntando-se se, a qualquer segundo, seu corpo iria falhar novamente.

Estável, Dra. Jane dissera a eles. Ela estava tão estável quanto alguém poderia estar cento e vinte minutos depois de um colapso molecular total. Mas, pelo menos, o segundo conjunto de radiografias tinha sido nada menos que milagroso. Considerando que nos primeiros existiam todos os tipos de osso no que

deveriam ter sido as partes móveis de suas articulações. Agora, de acordo com ambos os médicos, Jane e Manny, as coisas estavam mais “anatomicamente apropriadas”.

Ninguém sabia para onde fora o material ruim. Ou por que se foi. Ou quando voltaria. O que eles com certeza sabiam, era que onde uma vez não existira nenhum movimento, agora existia.

Depois de um tempo considerável, os lábios de Selenia relaxaram e suas pálpebras se abaixaram. Recolhendo seu braço, ele lambeu o ferimento perfurado, depois descansou seu antebraço no colchão e pôs seu queixo sobre ele.

— Como você me achou? — Ela perguntou com uma voz sonolenta. — Eu caí quando estava em cima do Santuário...

— Alguém apareceu e me disse.

— Quem...?

A *Virgem Escriba*, ele pensou para si mesmo enquanto ela soltava um ronco suave.

— Selenia?

— Sim? — Ela tentou despertar, erguendo a cabeça e forçando os olhos se abrirem. — Sim...?

— Quero que saiba algo.

— Por favor.

— Não importe o que aconteça, não vou deixar você. Se me quiser ao redor, não importa... Onde seja, vou estar bem ao seu lado. Se você quiser que eu esteja, é claro.

O olhar fixo dela vagou ao redor do seu rosto. — Você não sabe o que está me dizendo...

— O inferno que não sei.

— Vou morrer.

— Eu também. Mas, não sei quando e nem você.

Seus olhos luminosos arderam com uma emoção complicada. — Trez. Eu vi minhas irmãs passarem por isso. Sei o que...

— Uma merda que você sabe. Com todo devido respeito.

Ele levantou e foi até a base da cama. Puxando os lençóis e cobertores entre os colchões, ele olhou para baixo em seus pés.

— O que está fazendo?

Com uma mão gentil, ele inclinou um de seus tornozelos para cima, podendo assim olhar para a sola. — Não.

— Desculpe?

— Não vejo qualquer data de vencimento impressa aqui. — Fez o mesmo com o outro pé. — Nem aqui.

Ele abaixou as cobertas de volta. Aconchegou-as. Olhou fixamente para o corpo dela, e tentou deixar escapar o fato de que a mesma carne que desejou, potencialmente poderia ser o que os separaria para sempre.

Exceto, então, ele se lembrou das notícias que iAm acabara de lhe dar no corredor.

Merda, não era como se não tivesse seu próprio conjunto de obstáculos na estrada.

— Eu não deixarei você, — ele jurou.

— Não quis te contar sobre tudo isso. — Os olhos dela se encheram d'água, as lágrimas transformando aquelas íris azuis em pedras preciosas. — Não quis que soubesse e sentisse pena de mim.

— Não sinto pena de você.

— Não faça isso consigo mesmo, Trez. Só... Só saiba que eu amo você e me deixe ir.

Ele voltou até ela. — Posso ter sua mão?

Quando ela se virou rigidamente na cama e estendeu o braço, ele pegou a palma e a colocou entre suas pernas, no cume duro como pedra que estava empurrando para fora em sua braguilha. O contato o fez silvar, suas presas descendo com pressa, o quadril ondulando.

— Isso parece como piedade para você? — Falou entredentes.

Porra, ele tinha de recuar. Apenas estimulara esse movimento bruto só para provar um ponto, mas ao invés, ele se encontrou pronto para gozar, seu corpo todo de zero-a-cem em um nano segundo.

— Trez...

— Não estou dizendo que temos que ficar sexuais. De jeito nenhum. Mas, não estou aqui porque sinto pena de você, certo?

— Não posso pedir para você ficar.

— Você não está. Eu escolhi isso. Escolho... Você.

Assim que ele disse as palavras, percebeu, *puta merda, isso era verdade*. Pela primeira vez em sua vida, sentiu como se estivesse escolhendo algo, e de um modo estranho, isso era bom. Mesmo que isso fosse triste, uma situação triste, sentiu se liberar para tudo, *isso é meu*.

Essa... Situação... Era algo que ele iria tomar posse por quanto tempo durasse, onde quer que os levem.

Supondo que Selenia o quisesse aqui.

No silêncio que se seguiu, ele olhou em volta nas paredes vazias e soube que tinha de levá-la para fora do quarto do hospital. Claro, o lugar estava perto da equipe médica se ela tivesse um problema, mas era um inferno sobre o humor, um trecho deprimente de *Plantão Médico*.

Trez concentrou-se nela novamente. — Qualquer coisa que precisar, estou aqui por você, certo? Se me quiser.

Após um momento, ela resmungou, — Eu quero você.

— Certo, então. — Ele exalou apressadamente, e depois levantou o dedo indicador. — Uma coisa. Sem data de vencimento, fechado? Vamos entrar nisto como se você fosse viver para sempre.

A expressão dela mudou para descrença, mas, ele apenas balançou a cabeça. — Não. Essa é minha única regra.

Ele não era estúpido. Escutara o que as outras Escolhidas disseram, olhou as radiografias, vigiou as formas do seu corpo. Teve uma convicção interna de que a perderia, e provavelmente, mais cedo do que mais tarde. Mas o presente que ele podia dar a ela? A coisa mais importante, inferno, talvez a única coisa, que podia trazer para isso?

Esperança.

E ele não teve de acreditar que ela iria ser curada para sentir isso, compartilhar, ou viver isso.

Esteja presente. Ame-a até o fim. Nunca deixe seu lado até a última respiração dela.

Assim era como iria honrá-la, com seu coração e sua alma, mesmo que ele não fosse digno.

— Sem data de vencimento, — ele disse. — Vamos viver cada noite como se tivéssemos mil delas adiante.

Selena piscou para longe outra rodada de lágrimas. Em tantos níveis, ela não podia acreditar que Trez estava em pé perto de sua cama no hospital, encarando sua alma com uma espécie de objetivo que sugeria que sua vontade por si só poderia mantê-la viva e saudável durante todo o tempo que ele quisesse.

— Eu não acho que temos mil noites, Trez, — ela disse.

— Você sabe disso? Com certeza?

— Não, mas...

— Então por que desperdiçar um momento do tempo que realmente temos pensando assim? O que vamos conseguir? Seriamente, como isso irá ajudar...

— Você se juntará na cama comigo?

Ele limpou garganta. — Tem certeza?

— Sim. Por favor.

Ela admirou o quão suavemente ele se moveu, subiu no colchão alto, deslocando-se ao redor, ajudando-a a dar espaço para ele. E como se lesse sua mente, ele a arrumou em seus braços de forma que ela estava ao seu lado e sua cabeça em seu peito.

Suspiro. Irregular.

De ambos.

— Estou aliviada, — ela se ouviu dizer. — Quis que soubesse, mas...

— Shh. Você precisa dormir.

— Sim.

Fechando seus olhos, ela podia senti-lo em uma dimensão diferente agora, o sangue dele fazendo seu caminho através do sistema dela, fortalecendo-a depois do episódio. Em sua mente, ela calculou exatamente quando aconteceu o congelamento pela última vez. *Treze noites. E antes dessa? Dezesseis.*

Mas, talvez, se não estava oferecendo sua veia para ninguém, teria até mais um adiamento. E talvez a força que ele acabara de lhe dar através do seu sangue, iria ajudá-la a lutar contra quaisquer episódios, também.

— Eu me afastei, — ela disse, — por causa de tudo isso. Não por causa de você. Não me importo com seu passado. Só quero que saiba isso.

Trez começou a esfregar as costas dela, sua palma grande circulando. — Shh. Apenas tente descansar.

Selena ergueu a cabeça. — Você precisa me deixar dizer isto. Precisa ouvir e acreditar. Sei que você recuou porque pensou que eu... Te julguei ou algo assim.

Mas, me afastei por causa de tudo isso, não porque você esteve com muitos... Humanos. E nem por causa do seu noivado.

Ele fechou os olhos em um estremecimento. Então sacudiu a cabeça. — Eu preciso ser honesto com você. A última coisa que quero pensar justamente agora é...

— Eu não acho que você é sujo, Trez.

— Por favor. *Pare*.

Ela tomou sua mão e apertou, tentando chegar até ele, sentindo uma pressão para dizer tudo de uma vez, colocar tudo em cima da mesa. Sua teoria sobre as mil noites era boa para fins de saúde mental, e ele chegara à mesma conclusão que ela: Não tinha uma data e um tempo marcado nela. Mas, vivera nesta realidade desde o primeiro episódio muitas décadas atrás, e sua trajetória por sobrevivência era a de um carro saindo da estrada e deslizando em direção a uma vala.

Não existia vida passando por isso.

— Tenho de desabafar, Trez. Esperei muito tempo para conversar com você. Eu não perderei minha chance.

Vagamente, ela reconheceu que estava falando com mais ênfase, sentindo-se mais como ela mesma, se recuperando ainda mais graças ao presente da veia dele.

— Você é um macho digno, e acho que me apaixonei por você a primeira...

Trez explodiu para fora da cama, e por uma fração de segundo, pensou que continuaria indo, desatando porta afora e para longe dela e de sua enfermidade idiota. E por um momento, ele pausou na frente da saída.

Porém, depois ele apenas começou a andar em torno do quarto.

— Por que é tão difícil aceitar isso? — Ela pensou em voz alta. — Que você é um macho bom. Que você vale a pena...

— Selenia, você não sabe o que está falando.

— Você está rondando ao redor desse quarto como se estivesse sendo caçado. Então tenho bastante certeza que estou no caminho certo.

Ele parou e agitou a cabeça. — Olhe, isso é sobre você. Isso... — Ele acenou com a mão para frente e para trás entre eles, — é tudo sobre você. Estou aqui por você e suas necessidades, quaisquer que sejam. Vamos me manter fora disso, certo?

Selena se empurrou mais para cima no travesseiro. A tensão em seus cotovelos e ombros a fez friccionar os dentes, e precisou recuperar o fôlego enquanto a dor tomava seu tempo suave em desaparecer.

Mas, era melhor do que ser congelada duramente.

Quando os olhos dele se estreitaram com preocupação, ela disse, — Não, eu não preciso da Dra. Jane. Sério.

Enquanto ele esfregou o rosto, ela devidamente olhou-o pela primeira vez. Ele perdera algum peso ultimamente, suas bochechas se esvaziaram de modo que sua mandíbula parecia ainda mais pronunciada, seus olhos mais fundos, seus lábios mais cheios. E, ainda assim, ele permaneceu um enorme macho de sua espécie, seus ombros três vezes o tamanho dos dela, o peito e abdômen esculpidos com poder, cordas de músculos desciam por seus braços e pernas.

Ele era bonito. De sua pele escura até seus olhos pretos, do topo de sua cabeça raspada, até as solas dos seus pés calçados com botas.

— Você é tão digno, — ela murmurou. — E vai ter de aceitar isso.

— Oh, sério, — respondeu ironicamente. — Não estou tão certo sobre...

— Pare com isso.

Trez a olhou fixamente e então franziu a testa. — Sabe, não estou certo por que você continua com isso. Sem ofensa, mas você quase morreu naquele outro quarto. Tipo, há quanto tempo? Parecem dez minutos. Minha merda não é importante aqui.

Selena olhou para o corpo dele. Estava vestindo uma bata azul bebê de hospital que tinha pequenos espirais azuis escuros em um padrão de repetição. A coisa amarrava nas costas, e ela podia sentir os nós onde a alça do sutiã estaria se estivesse vestindo um, e mais para baixo, na parte inferior de suas costas.

Parecia estranho pensar que aquelas coisas em seu corpo agora estavam funcionando com uma normalidade relativa. E a realidade de que eles não se manteriam assim por muito tempo trouxe uma claridade atordoante.

— Sabe, — ela murmurou, — nunca considerei o fato de que poderia haver uma parte boa em ter uma doença mortal.

— E qual é? — Ele perguntou firmemente.

Ela virou o olhar de volta ao dele. — Faz você destemido a dizer coisas que realmente queira dizer. Honestidade pode ser assustadora, a menos que você tenha algo mais apavorante para mensurar contra isso, como a perspectiva de

morrer. Então lhe direi exatamente por que penso que a sua “merda”, como você chama, é importante. O que está te guiando, o que está causando, — ela fez um gesto circular, abrangendo seu corpo inteiro, — ou causou esse vazio dentro de você? Eu acho que você usou todas aquelas mulheres para tentar se livrar disso. Acho que você fodeu aqueles humanos por todos esses anos como uma distração, e o fato que você não quer reconhecer isso? Preocupa-me que você só irá me usar como uma forma muito melhor e maior de evitar a si mesmo. O que poderia ser ainda mais sedutor ou eficaz se você não quisesse lidar com suas próprias questões que uma fêmea específica com uma doença mortal?

— Jesus Cristo, Selena, eu não penso assim. De jeito nenhum...

— Bem, talvez deveria. — Ela inclinou a cabeça, outra conclusão batendo nela como uma tonelada de tijolos. — E direi a você mais uma verdade. Se eu tiver mil ou duas noites? Quero que elas sejam com você, mas, apenas de uma forma sincera. Eu não quero ser sua nova desculpa, Trez. Quero você aqui, quero você comigo, mas preciso que seja real entre nós. Não tenho energia ou tempo para qualquer coisa menos que isso.

No silêncio longo que se seguiu, ela esperou pela resposta dele. Mas não importa o quanto as coisas tenham ficado estranhas, não retrataria uma palavra.

Ela dissera exatamente o que estava em sua mente.

Uma forma de liberdade, na verdade.

Capítulo DEZESSEIS

Abalone não estava acostumado à violência. Não no mundo exterior e, certamente, não na casa onde sua filha dormia e praticava suas lições de canto e compartilhava suas refeições.

Quando Rhage fez a entrega expressa de Throe no chão à frente de Wrath, Abalone sufocou um arquejo com a palma da mão. Não era nada másculo demonstrar qualquer sinal de surpresa em frente à Irmandade, e ele rezava para que nenhum deles tivesse percebido.

Eles certamente não pareceram perceber. Estavam concentrados no macho de cabelos louros e roupas simples que parecia, por todas as intenções e propósitos, um tapete velho jogado diante dos shitkickers do Rei.

Wrath sorriu, expondo presas maiores do que os dedos de Abalone.

— Não espere que eu te ajude. — Quando Throe começou levantar-se de joelhos, o Rei lhe dobrou braços sobre peito. — E não peça pelo anel. Ficarei tentado a quebrar sua cara com ele.

Uma vez em pé, Throe limpou-se da poeira sobre seu corpo e endireitou os ombros. Não chegava nem perto do tamanho de Wrath, mas estava longe de ser mirrado, seu corpo era mais como o de um soldado do que esguio como uma vareta, que os machos de sua classe costumavam ter.

— Eu não fiz nada para merecer tocar o seu anel, — disse ele, em voz baixa e grave.

— Bem, quem diria, algo no que concordamos. — Os óculos escuros de Wrath se viraram para a direção da voz de Throe. — Então, meu garoto, Abalone diz que tem algo a dizer.

— Eu abandonei Xcor e o Bando dos Bastardos.

— E você quer um selo comemorativo... — Butch murmurou.

— Posso estampá-lo com o para-choque do meu carro? — Rhage disse em uma tossidela.

As sobrancelhas de Wrath baixaram até a ponte do nariz daqueles óculos escuros, como se não apreciasse a intromissão de seus rapazes.

— Grande mudança para você, não é?

— Os objetivos de Xcor divergiram dos meus.

— É mesmo.

— Já faz um tempo que vinha ocorrendo. — Throe olhou por sobre os ombros, e Abalone preferiria não ser objeto daquele olhar. — Como meu primo distante se lembra, não fui criado para ser soldado. Por circunstâncias alheias a meu controle, fui forçado a tirar vantagem da bondade dúbia de Xcor. Ele me pediu para retribuir com um período de serviço. Como já sabem, desde que me encontraram sangrando naquele beco muitos, muitos meses atrás, os métodos que ele usa para garantir lealdade não são de persuasiva natureza verbal.

Ah, sim, isto era verdade, Abalone se lembrava. Há algum tempo, Throe fora descoberto pela Irmandade, abandonado às portas da morte com uma punhalada na barriga, que não fora feita por um *lesser*. De fato, pelo que Abalone ouvira, o macho fora ferido pelo próprio líder do Bando dos Bastardos. Throe fora então levado pela Irmandade, que após obter informações, o soltara de volta ao mundo, com uma mensagem para Xcor.

Dizia-se que Layla alimentara o guerreiro quando estava à beira da morte, a Escolhida tendo oferecido sua veia a quem assumira ser um nobre soldado, ao invés de um dos inimigos do Rei.

Que baita confusão fora aquilo.

As narinas de Wrath se expandiram, como se avaliando o odor do macho.

— Então o que espera que eu faça com este furo de reportagem? Sem ofensa, mas sua situação e suas alianças não afetam em nada o meu mundo.

— Mas, saber o paradeiro do Bando dos Bastardos afetaria.

— E você irá me revelar... — disse o Rei, em voz enfatiada.

— Acha que estou mentindo?

— Já ouviu falar do Filho da Puta de Tróia? — V cuspiu. — Porque estou olhando para ele.

A mandíbula de Wrath se ergueu.

— Nos dê um endereço, se é o que quer. Mas, assim como suas alianças políticas, o covil do Bando dos Bastardos não está no topo de minhas preocupações.

— Então você é um tolo...

De uma só vez, os membros da Irmandade avançaram e, claramente, o grito poderoso de Wrath foi a única coisa que manteve o couro de Throe sobre seus ossos.

O Rei se inclinou para frente e baixou a voz a um quase sussurro.

— Faça um favor a si mesmo, puto, e vá com calma. Este bando de filhos da puta raivosos não escutam direito, nem mesmo minhas ordens, e eles não gostam de você mais do que eu gosto. Quer viver o bastante para ver outra noite? Repense sua atitude.

— Você devia se preocupar com Xcor, — disse Throe, imperturbável. — Ele é capaz de qualquer coisa, e os soldados que lutam com ele sofrem da mesma determinada devoção que seus machos têm por você.

Wrath riu, de certa forma, o som foi mais cruel e mortal do que a aberta agressividade que os Irmãos haviam acabado de demonstrar.

— Obrigado pela dica. Tentarei me lembrar disto. Abalone?

Abalone soltou um ruído e pulou para frente.

— Sim, meu senhor.

— Pretende manter este macho sob seu teto? Em nome da relação familiar?

— Não, eu lhe disse para partir esta noite.

— Não precisa se livrar dele por minha causa. Não me importa onde ele fica ou para onde vai.

Abalone franziu o cenho, e teve de se perguntar se estava sendo dispensado.

— Minha lealdade é a ti e a ti somente. Aos meus olhos, ele está maculado, não importa o que ele diga sobre suas alianças atuais.

Wrath fez um som evasivo no fundo da garganta e realinhou seu rosto na direção de Throe.

— Você diz que as prioridades de Xcor são diferentes das suas.

— Sim.

— E que não tem intenção de lutar pelos objetivos dele.

— Não, não tenho. Muito definitivamente não.

Houve uma pausa onde as narinas de Wrath se expandiram novamente, como se farejando a essência do macho.

— Muito bem, então. — Wrath acenou para sua guarda particular. — Vamos sair daqui. Tenho trabalho de verdade a fazer.

Ninguém se moveu. Nem os Irmãos. Throe. Certamente não Abalone, que sentia como se com os sapatos pregados ao chão.

— V, — o Rei chamou, — vamos sair daqui.

Houve um momento esquisito e então o Irmão Vishous e o Irmão Butch deram um passo a frente para alinharem-se nas laterais do Rei. Colados aos seus ombros, caminharam a passos lentos para fora, junto a Wrath, Zsadist foi na retaguarda do grupo.

Os outros ficaram para trás, claramente vigiando Throe até que o Rei deixasse a propriedade em segurança.

— Abalone, — Wrath disse, ao parar na porta da frente.

Ao ouvir o seu nome, Abalone correu para fora da biblioteca e atravessou o saguão, com o coração acelerado. Ele, há muito era consciente do quanto amava seu Rei, mas a ideia de que perderia seu trabalho também? Ajudar civis a conseguirem suas audiências e a ajuda que necessitavam era...

— Não, você não está demitido, — Wrath sussurrou. — Pelo amor da porra. O que eu faria sem você?

— Oh, meu senhor, eu...

— Ouça, Abalone. Quero que o deixe ficar aqui pelo tempo que quiser. Não estou acreditando em nada dessa baboseira. Ele pode ter mesmo se debandado de Xcor e os Bastardos, mas não confio nele, e sou um macho que acredita em manter os inimigos por perto.

— É claro, meu senhor. Sim, sim, é claro. — Abalone fez uma reverência, apesar do mal estar súbito que atravessou o seu corpo. — Farei qualquer coisa e tudo o que você desejar.

Novamente, como se o Rei fosse capaz de ler mentes, Wrath disse: — Eu sei que se preocupa com sua filha. Até que isto se resolva, não quer deixá-la em minha casa de audiências? Ela pode levar uma dama de companhia, e a segurança lá é monitorada vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana.

V se aproximou, — Temos dois túneis subterrâneos distintos que partem das suítes no porão, e enviaremos nosso *doggen* para cuidar dela. Ela estará perfeitamente segura.

Oh, querida Virgem Escriba, pensou Abalone.

Só então refletiu que Paradise *estava* ficando inquieta, e não por estar apaixonada ou ansiosa para emparelhar. Era uma fêmea jovem e vibrante com

tanta coisa acontecendo ao seu redor, e ainda assim, como uma aristocrata, suas opções eram limitadas.

Talvez tirá-la de casa por um tempo fosse mesmo benéfico.

E, certamente, ele não a queria por perto de Throe.

Dividido entre a preocupação paternal, seu dever para com o Rei e a tristeza por sua filha única estar realmente crescendo, ele se viu concordando por entre ataques de náusea. — Sim, por favor. Acredito que ela apreciaria.

— Eu me encarregarei pessoalmente da segurança dela. — Zsadist disse, inclinando a cabeça uma vez, como se fazendo um juramento. — Tenho uma filha. Sei o que está sentindo.

Sim, Abalone pensou. Ele ouvira falar que o Irmão Zsadist, apesar de seu aspecto mais temível, havia mesmo se assentado como homem de família e tido uma adorada criança.

De repente, Abalone se sentiu melhor e fez uma acentuada reverência diante do guerreiro cheio de cicatrizes. — Obrigado, senhor. Ela é o que tenho de mais precioso.

— Bom. Negócio fechado. — Subitamente, o rosto de Wrath mudou de direção, como se encarando por cima do ombro de Abalone, na direção da biblioteca. — Xcor é previsível em sua brutalidade, um verdadeiro veterano saído direto da cartilha do Bloodletter. Mas, o golpe final contra meu trono foi tático, envolvendo a lei e minha adorada Rainha mestiça. É assim que um aristocrata luta. Xcor não tirou um plano destes do rabo... O plano deve ter sido elaborado por Throe. É a única explicação. Então ele, de fato, pode estar farto de Xcor, mas mesmo que não estiver mentindo sobre tudo o que falou? Por enquanto, não dá para saber onde sua lealdade realmente está.

Abalone não queria, mas antes de se dar conta, suas mãos se estenderam e agarraram a mão do Rei. Trazendo o diamante negro do Rei aos lábios, beijou o anel.

E pensou de novo, *Graças a Virgem Escriba, o macho certo está no trono.*

— Minha lealdade é para com você, meu senhor, — ele sussurrou, — e somente a você.

Uma vez que Wrath já não estava mais na propriedade, sequer no mesmo código postal, era hora de mandar Throe se foder e bancar os Hardy Boys⁷ no endereço que o bastardo havia fornecido.

Rhage foi o último a sair da biblioteca e só por diversão, quando passou na frente de Throe, fez um súbito movimento de *Boo!* que fez o puto pular de susto e erguer os braços para proteger o rosto.

Marica.

Lá fora, no gramado, ele pegou seu celular e digitou uma mensagem de texto: *Tudo bem. Wrath e todos ok. Saímos para verif. outro local.* Fez uma pausa. E então digitou: *O que está vestindo?*

Estava guardando a coisa no bolso quando franziu o cenho e enviou uma segunda mensagem a outra pessoa. *Como vai? Precisa de algo?*

— Tudo bem, todos prontos? — Vishous perguntou.

Phury e Z anuíram quando Rhage sumiu com o celular e estalou os dedos da mão. — Quero que os Bastardos estejam lá. Preciso de um pouco de ação. Tenho de conseguir.

— Eu te entendo, — alguém murmurou.

Um a um, desapareceram e viajaram em amontoados de moléculas, na direção de um tipo bem diferente de vizinhança. Quando retomaram forma, estavam diante de uma rua sem saída, em um empreendimento imobiliário cheio de casas de duzentos ou trezentos mil dólares, provavelmente habitadas por pessoas que tinham filhos para criar, trabalhavam em empregos executivos nos degraus mais baixos da escada corporativa e desesperadamente queriam trocar seus BMWs usados por zeros quilômetros.

Yuppies⁸ em ascensão.

Me poupe.

Nenhum som se ouviu quando passaram do estado armado-passivo ao estado armado-até-os-dentes-e-prontos-para-o-ataque. A aproximação da casa em questão foi em várias frentes, os quatro se dividiram e se aproximaram da casa colonial na forma das posições dos indicadores de uma bússola.

Vestindo o capuz para que o cabelo louro não fosse tão gritantemente visível na escuridão, Rhage foi pelo canto traseiro esquerdo, desmaterializando-se na

⁷ *The Hardy Boys*: é como são chamados os irmãos adolescentes detetives amadores Frank e Joe Hardy, personagens fictícios americanos de histórias de mistério que apareceram em várias séries de livros para crianças e adolescentes.

⁸ *Yuppie*: jovem executivo, profissionalmente bem remunerado, e que gasta sua renda em artigos de luxo e atividades caras.

floresta, se aproximando sob a cobertura das árvores. Apurando seus instintos, se perguntou o que haveria sob aquele telhado, por trás daquelas paredes sólidas, se escondendo das vistas atrás das janelas escuras.

Nada o alertava de nenhuma presença. Não havia nenhum sinal de luz. Sem sombras se movendo do lado de dentro. Sem sons, do lado de dentro ou nas redondezas.

Fez um contato breve com Z, a quem podia ver com o canto do olho esquerdo, e Phury, que sabia estar à sua direita, ergueu-se... Então se desmaterializou para o telhado.

As telhas davam boa tração e ele ficou agachado, bem ciente do bom alvo que era, delineado contra o céu noturno. Não havia lua, o que era bom, mas ele se sentia um patinho de tiro ao alvo, ali em cima. Aproximou-se da chaminé, se debruçou pela pilha de tijolos e cimento e apurou os ouvidos.

Nenhum som.

Quando ouviu o assobio vindo de baixo, fechou os olhos e se transportou de volta ao chão.

Z, Vishous e Phury estavam juntos na retaguarda.

— Não há nada lá em cima. — Rhage sussurrou.

— Não vejo nada lá dentro. — Phury concordou.

V observou a casa. — Então temos de supor que é uma armadilha.

Sim. Era exatamente o que estava pensando.

— Você trouxe alguma coisa que sirva para desarmar qualquer merda que eles tenham montado?

V revirou os olhos diamantinos. — Eu sou uma porra de escoteiro. O que acha?

— Qual o plano?

Decidiram entrar por uma das janelas da cozinha. Portas eram óbvias demais, assim como a chaminé e qualquer plano que envolvesse a garagem.

Contornaram para a varanda dos fundos, V removeu a luva entrelaçada com chumbo, empunhou a adaga negra e se aproximou da janela que ficava acima da pia. Encostou a ponta da arma no vidro e moveu a lâmina em círculo; então, colocou os dedos brilhantes dentro do furo e removeu a seção para que não caísse.

Três...

Dois...

Um...

Silêncio.

Rhage olhou em volta, procurando ouvir algum som: passos na vegetação rasteira, o clique de uma trava de segurança sendo solta, um farfalhar de tecido.

Nada.

V deslizou a mão normal através do buraco que fizera e acendeu a lanterna portátil. Dentro, uma cozinha nada especial foi iluminada pela luz fraca: geladeira, forno, armários. Mais especificamente, não havia nada suspeito, caixas ou sacos com cabos visíveis, no meio do cômodo, ou luzes piscando, nem mesmo um painel de alarme, que seria tão óbvio.

— Pronto? — Perguntou V.

Rhage respirou fundo, testando o ar que vinha da casa. Os aromas eram de suor masculino, bebidas alcoólicas, fluídos de limpar armas... Uma pizza... Comida.

E era tudo recente.

— Vou primeiro. — Rhage disse. Com sua besta, ele era o mais provável a sobreviver a uma explosão de bomba: qualquer extremo de temperatura, dor ou agressão e sua outra metade assumia forma, em uma fração de segundos, provendo-o a um conjunto de escamas melhor do que qualquer coisa feita de Kevlar.

— Tenha cuidado, irmão. — Phury disse.

— Sempre. Ainda tenho muitas refeições para fazer.

Rhage desapareceu e voltou a tomar forma no linóleo. Hora de esperar. De novo.

Mas, não houve nenhum alarme sendo disparado. Nenhuma emboscada. Nada que gritasse ou mesmo sussurrasse ataque.

Deu um passo a frente. Outro. Um terceiro, esperando que uma mina escondida explodisse.

Sob seus shitkickers, o assoalho gemia e grunhia.

Só isto.

— Chega, Hollywood. — V ordenou pelo buraco da janela. — Vou entrar.

Vishous se juntou a ele, enquanto os gêmeos permaneciam do lado de fora, monitorando o exterior. Com movimentos rápidos e ensaiados, V colocou um fone

de ouvido e olhou ao redor. Tirou uma lata de spray aerosol e apertou a válvula, movendo em círculo.

— Está limpo, pelo que vejo.

Rhage olhou para a porta dos fundos. — Então, o teclado do alarme está lá.

O painel ADT não mostrava nenhum brilho em sua superfície, nenhum verde indicando livre. Nenhum vermelho indicando estar armado.

— Temos de vasculhar a casa toda. — V disse, de forma sombria.

Rhage anuiu. — Eu cuido do primeiro andar.

— Vamos juntos.

Com passos cuidadosos, seguiram para frente da casa, V com seus aparelhos, a pele de Rhage formigando, enquanto sua besta se juntava ao desfile de instintos.

A sala da frente era certamente onde os Bastardos passavam a maior parte do tempo. Havia alguns sofás dispostos em ângulos que formavam um círculo, e os aromas estavam mais fortes ali, a ponto de Rhage achar que os guerreiros baixavam as cortinas e realmente dormiam por ali, durante as horas do dia.

Sujeira cobria o chão: caixas vazias de munição, sugerindo que tinham tanto rifles quanto calibre 40. Garrafas vazias de uísque, Jack e Jim. Sacolas plásticas Hannaford cheias de embalagens amassadas de barrinhas de proteínas e frascos de Motrin sem as tampas e gazes cirúrgicas com manchas de sangue seco. Uma caixa aberta de pizza do Papa John tinha uma única fatia dentro, fria, mas não mofada.

— Eles não moram mais aqui. — V disse.

— E partiram às pressas, — Rhage murmurou ao cutucar outra sacola Hannaford com o bico de aço de seu shitkicker.

Não havia nenhuma mochila. Sacola. Mala. E embora ele não achasse que o Bando dos Bastardos fizessem o tipo da revista *Town & Country* por suas aparências pessoais, não havia nem mesmo uma meia perdida, botas reservas ou uma fodida escova de cabelo deixada para trás.

Quando Rhage voltou para a base da escada, sentiu o celular vibrar no bolso interior da jaqueta de couro. Mas não havia como ver o que era. Ele não ia se deixar surpreender nessa casca vazia de casa e, quanto mais ele e o irmão avançassem, maiores as chances de se depararem com algo que lhes custaria um braço. Uma perna.

Ou suas vidas.

Aquela era a realidade de seu trabalho e algo que aceitava, porque: um, ele não ia deixar ninguém atacar sua raça ou o Rei, fosse um bando de assassinos de cheiro fétido ou a turma imbecil de Xcor. E dois, não era como se ele soubesse fazer outra coisa.

Bem, outra coisa além de comer e foder e, Deus sabe que ele cuidava destas duas frentes muito, muito bem, no seu tempo de folga.

Inferno, mesmo em estado de alerta máximo para o que acontecia ali, no fundo de sua mente, já contava as horas até poder ter sua Mary fodidamente nua.

Noites como esta o faziam pensar com carinho em chupá-la por sete horas seguidas.

Forçando-se a se concentrar no momento, se aproximou da base da escada.

— Vou subir. — Ele disse ao irmão.

— Espere por mim.

Mas, é claro que não esperou. Ele só subiu, um pé após o outro após o outro. Provavelmente, uma decisão estúpida, mas jamais fora bom em esperar.

Simplesmente não fazia parte de sua natureza.

Capítulo DEZESSETE

Ao parar no canto do quarto de hospital de Selena, Trez sentiu-se... Merda, totalmente acuado.

Não queria ficar bravo com a fêmea. Pelo amor da porra, ela quase morrera à sua frente.

— O que? — Ela disse. — No que está pensando?

O lado bom era que ele andara observando, pelos últimos vinte minutos, mais ou menos, como as cores dela voltaram completamente, como os olhos estavam agora penetrantes como tachinhas e como o corpo, embora ainda imóvel, estava tão mais próximo do normal.

O lado ruim era que a pequena dissertação dela, sobre a natureza de seu vício em sexo e da tentativa dele de tentar agir corretamente com ela, não era nada que ele quisesse ouvir. E ele rezava a Deus que ela não insistisse no assunto.

— Selena, acho que você precisa descansar.

— Não me afaste, Trez.

Ele passou a mão pela cabeça. Desejou ter um cabelo longo até a bunda como o de Wrath só para ter algo o que puxar. — Ouça, não quero discutir com você.

— Então me diga que estou errada. Mesmo que não acredite. Mas, diga algo. Qualquer coisa.

Trez fez uma careta e negou com a cabeça. — Eu vou sair agora e...

— Trez...

— Não, não vamos fazer isto.

— Por que? Se temos mil noites, esta é uma conversa esquisita.

— Esta conversa é um diabo mais do que esquisita, querida. — Deus, ele podia ouvir o tom cortante na própria voz. Sentir o seu corpo se empertigando. — Sim, eu acho que vou voltar...

— Eu ainda estarei aqui quando voltar. — Ela apontou dele para ela com a mão e, por um momento, ele ficou tão grato pelo movimento que se esqueceu do que estavam falando. — A distância não vai nos ajudar a resolver isto.

O coração dele disparou. Como se temesse alguma coisa.

Mas, não era o que estava acontecendo.

Realmente. Não era.

— O que quer que eu diga? — Murmurou ele — Me diga o que, e como, que eu digo. Qualquer coisa para fazer isto acabar.

— O que está deixando de me contar?

— Nada.

Longa pausa.

— Tudo bem, — ela disse, derrotada.

Oh, ótimo. Aquilo o fez sentir-se tããããõ melhor.

Como é que eles haviam cruzado a distância entre o alívio pela sobrevivência dela a uma tensão como esta, tão rápido?

Ele não ia lhe dizer sobre as notícias do s'Hisbe. Ela tinha mais do que o suficiente para se preocupar, e ele não queria preocupá-la com o fato de que o carrasco da Rainha iria acorrentá-lo e arrastá-lo de volta para o Território a qualquer momento.

— Selena, ouça... — ele balançou a cabeça. — Se me envergonho do que fiz com aquelas humanas? Claro. Me arrependo? O tempo todo. Acredito que estou corrompido? De acordo com minha cultura, estou totalmente corrompido. Mas, você precisa saber que, às vezes, uma puta é só uma puta. Uma vagabunda não passa de uma vagabunda. Eu tinha um carro e lugar nenhum para ir com ele.

Ele desviou o olhar, encarando o chão.

O silêncio foi mais alto do que um grito.

— Acho que você está certo. — Ela disse.

Trez exalou de alívio. Graças a Deus ela estava acreditando...

— Você precisa mesmo sair.

— O que?

— Até conseguir ser honesto? Eu acho que precisa ficar longe. Porque ou você está mentindo a si mesmo ou está mentindo para mim. De qualquer jeito, precisa, como os Irmãos diriam, reorganizar suas merdas.

Ele negou com a cabeça.

— É. Uau. Não é como eu colocaria as coisas.

— Nem eu.

— Okay. Então. É.

Quando ela só o encarou, o quarto esvaziou-se do estoque de ar. Pelo menos no que lhe dizia respeito.

Trez pigarreou.

— Caralho... Vou embora então.

Ele saiu, pela porta que dava para o corredor, ao invés de correr o risco de cruzar com a Dra. Jane e Ehlena na sala de exames.

Sim, pois ele realmente não queria platéia naquele momento.

Ainda bem que iAm partira para ver como as coisas estavam na shAdoWs, The Iron Mask e Sal's. Naquele momento, seu irmão era a última pessoa que queria por perto.

Movendo-se com rapidez, caminhou pesadamente pelo corredor e parou antes de cruzar a porta envidraçada do escritório. Quando não ouviu qualquer voz, olhou em volta. Vazio.

Ponto para ele.

Ele foi até o armário de suprimentos e saiu pelo túnel sem dificuldades e, até mesmo desceu os degraus correndo. Digitou as senhas. Subiu degraus. A porta sob a escada se abriu, silenciosamente.

O som de um aspirador de pó ligado na biblioteca não o surpreendeu. Mas, a falta de qualquer Irmão por perto sim. Geralmente, àquela hora da noite, os que estavam de folga ficavam por ali na sala de jogos, assistindo a TV. Jogando sinuca. Bebendo.

Ele tirou vantagem do lugar vazio e foi até o bar. Ao examinar a prateleira de cima, parou um momento para considerar as opções e então escolheu um Woodford Reserve. E Grey Goose. E uma garrafa de vinho chardonnay que estava esquecida, sem gelo, sobre o balcão de granito.

Como se ele fosse realmente se importar com o que porra ia beber.

A escadaria principal foi fácil e não ficou surpreso de ver o escritório do Rei vazio, já que Wrath passava a maioria de suas noites em audiências com seus civis. Virou no corredor das estátuas, passou diante de todo aquele mármore e abriu a porta para as escadas que o levariam para o terceiro andar.

A suíte da Primeira Família ficava escondida atrás de um cofre bancário, mas seu quarto e o do irmão ficavam bem a vista, apenas duas portas de quarto normais lado a lado.

Apesar da discussão com Selena, ele não ia fugir para o Commodore. Ele queria estar por ali caso ela...

Sim.

Fechando a porta, ele colocou seus três novos amigos na mesinha de cabeceira e acendeu o abajur. As cortinas de veludo estavam abaixadas e, deixou-as assim ao seguir para o banheiro, já tirando as roupas. Com uma manivela no chuveiro, fez a água correr e cuidou de manter as luzes apagadas.

Não havia motivo para encarar seus olhos no espelho.

Esperou até a água esquentar, antes de entrar no box de mármore. Ele já tinha desconforto demais, muito obrigado.

Sabonete, por todos os lugares. Enxágue, por todos os lugares. Xampu, em sua cabeça, seguido por condicionador. Barbeador, na mandíbula, queixo, bochechas.

Então era hora de secar com a toalha e voltar, nu, ao quarto.

Enfiou-se sob as cobertas, por hábito, o cérebro cuidadosamente abdicando de todos os pensamentos, só a longa prática permitia-lhe beber na horizontal.

Quebrou o lacre da Grey Goose, tomou um grande gole e cerrou os dentes quando o ardor queimou garganta abaixo e acendeu suas entranhas como o estádio Fenway Park.

Como V diria.

Como diabos a noite tinha acabado daquele jeito?

iAm não perderia tempo indo à shAdoWs, The Iron Mask ou o Sal's. Foda-se. Havia pessoal mais do que suficientemente competente nos três locais para cuidar dos negócios. Ele só disse aquela mentira ao irmão porque ele não queria Trez ainda mais perturbado.

Materializou-se no terraço do condomínio deles, verificou o relógio e entrou. Andando em volta, acendeu algumas luzes, verificou a geladeira, mesmo sabendo que não havia muita coisa lá dentro, e fuçou em alguns armários.

Ele não comia desde... Sal's, na noite passada, na verdade. E ele não se alimentava há... Merda, ele nem sabia há quanto tempo.

Provavelmente era melhor resolver aquilo, mas como sempre, não tinha muito interesse em veias. Não que ele não apreciasse ou respeitasse a Escolhida que servia a ele e ao irmão. Ele só não gostava da coisa toda de sugar do pulso de alguém que lhe era estranho. É, é, dever, que fosse.

Provavelmente ele era muito mais apegado à cultura dos Sombras do que o irmão.

Em sua cultura, qualquer contato físico como aquele era sagrado. O que era um saco, porque a necessidade biológica o forçava a se alimentar cerca de seis vezes por ano, e a cada vez que o fazia, era um exercício de autodisciplina... E não por ele querer trepar com quem o alimentava.

Ele era, no auge de sua maturidade, ainda virgem.

Ele culpava seu celibato àquela merda toda com Trez e aos ensinamentos e tradições de sua espécie, os quais ele, às vezes sentia como se levasse a sério demaaaaais...

Uau. Ele estava tão ferido que estava falando sozinho.

Sobre merdas que ele já sabia.

Que nem eram tão interessantes assim, para começo de conversa.

Perambulou em volta. Verificou o relógio de novo e então olhou para o terraço. Onde caralho estava...

— É você?

iAm virou para a voz masculina que vinha dos quartos. Cruzou o corredor, com a .40 em punho, mas dada a inflexão? Não ia haver problema.

E não ia mesmo, ao cruzar a porta do que antes era seu quarto, ele viu s'Ex esticado na cama, os lençóis amarfanhados em volta de seu corpo nu, uma garrafa de dois litros de Ciroc aninhada entre os braços como um bebê.

— Achei que estivesse em período de luto. — iAm disse, ao guardar a arma.

— Estou. — s'Ex segurou a garrafa meio vazia. — Este é meu lenço.

— A Rainha não queria você no Território?

— Na verdade não. — O macho abanou a mão no ar. — Embaraçoso demais. Tudo bem foder comigo por trás de portas fechadas, mas ser vista comigo em público? Nada feito. É claro, tudo seria perdoado se as estrelas tivessem se alinhado de outra forma. Mas, não.

iAm se recostou no batente da porta e cruzou os braços.

— Está aqui há quanto tempo?

— Desde que você saiu... Foi na noite passada? Você precisa comprar mais bebidas. Quando pode trazer? E quero algumas fêmeas.

O primeiro impulso de iAm foi mandar o cara se foder. Naturalmente. Mas ele precisava de uma coisa do bastardo.

— Posso providenciar. — Ele disse.

s'Ex fechou os olhos e ondulou os quadris sob os lençóis.

— Quando?

— Antes, você precisa fazer uma coisa para mim.

Aquelas pálpebras se ergueram lentamente, e os olhos negros brilharam.

— Não funciona assim.

— Na verdade, funciona sim.

— Foda-se.

— Foda-se você. — iAm manteve o olhar firme — Preciso entrar no palácio.

s'Ex fechou a boca. Então, ergueu o imenso tórax, as cobertas caíram, se amontoando na altura da cintura. Sob a luz do banheiro, as tatuagens que cobriam cada centímetro de sua pele cintilaram como se fossem fluorescentes contra a pele escura.

— Jamais imaginei que ouviria você dizer isto, — ele murmurou. — Sem estar sob a ameaça de uma arma.

— O que preciso de você é uma garantia de saída.

— Então você quer roubar algo.

— Só quero acesso à biblioteca.

— Há muito material de leitura recreativa aqui no mundo humano.

— E eu preciso ir agora.

s'Ex olhou para ele por um momento. E então, bocejou como um leão, expondo grandes presas quando a mandíbula estalou.

— *Agora!* — iAm disse.

— O palácio está fechado para o período de luto.

— Você conseguiu sair.

s'Ex fez um ruído evasivo — Que tipo de informação está procurando?

— Não é relevante aos seus propósitos.

— O inferno que não é.

— Ouça, eu preciso ir agora, e tenho de voltar até o amanhecer. É uma emergência. Não estou pedindo para te bater.

s'Ex franziu o cenho.

— Como eu disse, o palácio está fechado.

— Então você vai ter de me infiltrar.

— Por que caralho você acha que vou te ajudar?

iAm sorriu friamente. — Me faça entrar e sair, e estará fodendo aquela sua Rainha.

— Nossa. E se eu quiser fodê-la, tudo o que tenho de fazer é me esgueirar até sua cama.

— Você acha que ela ainda te quer?

— Não dramatize. — s'Ex disse, sombriamente.

iAm deu de ombros.

— Tanto faz. O fato é que você jamais vai alcançar Trez a esta altura. E eu preciso tentar ajudá-lo.

E se Selenia morresse? Todo mundo ia perdê-lo. Merda, tudo o que iAm tinha a fazer era lembrar do irmão disparando para fora daquela sala de exames, correndo pelo corredor com uma arma apontada para a própria testa, pronto para apertar o gatilho.

s'Ex ergueu os olhos para ele por um tempo mais longo.

— O que diabos está acontecendo?

— Eu vou direto ao ponto. Seus interesses estão alinhados aos meus. Não quero meu irmão morto e nem você quer. Vamos lutar pelo que vai acontecer com ele no fim disto, mas agora? Você precisa me ajudar a fazê-lo superar uma certa crise.

— Defina crise.

iAm desviou o olhar.

— Alguém que ele gosta está doente.

— Mas não é ele, é?

— Não.

— Você?

— Eu pareço doente? — iAm encarou o olhar do carrasco de novo. — Ouça, você e eu temos um problema de gestão com ele. Você acha que gosto de confiar em você? Se houvesse qualquer outra opção, eu a escolheria. Mas, como você sabe em primeira mão, é preciso usar o que a vida nós dá. E eu preciso daquela maldita biblioteca.

O s'Hisbe tinha uma longa e destacada história de curandeirismo. E os Sombras, assim como os *Symphaths*, eram uma ramificação evolucionária dos vampiros, parecia lógico que esta Doença do Aprisionamento possa já ter aparecido antes em algum ponto do passado de sua raça, se fosse este o caso, estaria na biblioteca.

Se tivessem sorte, os curandeiros teriam algum tipo de tratamento... Neste caso, a segunda parada seria o extenso estoque de farmacologia do s'Hisbe. Os Sombras sintetizavam drogas de plantas e animais há séculos, titulavam todos os tipos de componentes para lidar com doenças e distúrbios, e assim como com a manutenção dos registros, os curandeiros eram meticolosos sobre seus testes e pesquisas.

Seu povo trouxera o racionalismo à medicina bem antes dos humanos se livrarem do misticismo e aceitarem o pensamento científico.

Talvez houvesse esperança. Ele tinha de descobrir.

— Eu não quero confiar em você. — iAm disse grosseiramente. — Mas, preciso. Da mesma forma que você precisa fazer isto para mim se quiser alguma chance de capturar Trez. Ele morrerá na hora que aquela fêmea morrer.

— Fêmea? — Quando iAm permaneceu em silêncio, s'Ex praguejou, — Vocês dois são um pé no meu saco, sabe disto?

— Sinto o mesmo sobre você e sua Rainha.

— Nossa. Você é um membro do s'Hisbe, não importa onde tenha escolhido viver.

Era, é claro, baboseira total sobre Trez voltar ao Território e entrar na linha com aquele mapa astrológico dele. Aquilo jamais aconteceria. Mas, iAm tinha de usar quaisquer recursos que houvesse, e s'Ex estava provavelmente bêbado demais para analisar muito profundamente a motivação ali envolvida.

E, quem diria, funcionou.

Praguejando, o enorme macho afastou as cobertas, levantou-se, e por um momento, iAm vislumbrou aquelas tatuagens. Cristo. A pele do carrasco era coberta da garganta ao tornozelo, ombro ao pulso, com marcações brancas, os únicos locais não marcados eram seu rosto, seu pau e bolas. Mesmo iAm ficou impressionado. A “tinta” era, na verdade, veneno que descoloria a pele. A maioria dos machos se orgulhava de ter suportado a dor e enfermidade causada por um

pequeno brasão de suas famílias no ombro ou pelo nome de uma companheira sobre o coração.

O fato de s'Ex ter sobrevivido a tudo aquilo era confirmação visível de que ele era durão. Ou um psicótico masoquista.

Saindo do quarto, para deixar o cara se vestir, iAm foi para a sala de estar. Ao se aproximar das portas de vidro, olhou à distância, para a paisagem noturna de Caldwell: a iluminação salpicada aleatoriamente espaçada dos arranha-céus, as alamedas gêmeas de faróis traseiros vermelhos e faróis dianteiros brancos, contornando as curvas do Rio Hudson, um avião ou dois piscando alto no horizonte.

Entrar e sair, disse a si mesmo. É como teria de ser.

E se houvesse um Deus, talvez ele pudesse encontrar algo que ajudasse Selená.

Capítulo DEZOITO

— Viro aqui? — Layla perguntou, ao se debruçar sobre o volante de seu sedã.

— Sim. Aqui.

Ela ligou a seta e, enquanto a Mercedes exalava aquele pequeno som de *chck, chck, chck*, lembrou-se de Qhuinn ensinando-lhe os ondes e quando daquele mistério que era dirigir um carro. Com certeza, jamais passara pela cabeça dele que, um dia, ela usaria as habilidades adquiridas para levar Xcor a algum lugar.

— Onde estamos indo? — Ela perguntou. Os faróis altos mostravam, agora, pouco mais do que uma faixa de terra com um bocado de árvores outonais amontoando-se ao longo da “estrada”. Um muro baixo de pedra parecia conter a invasão das árvores, embora o pouco de espaço que houvesse, parecesse vencido por espinheiros e mato alto.

— Não está longe. Faltam poucos quilômetros.

Seria aquele o seu fim? Ela se perguntou. Seria aquela, a noite em que sua paranóia se tornava bem fundamentada, em que Xcor tomaria controle da situação de um jeito que não somente a feriria, mas a seu bebê e Qhuinn, dois inocentes totais naquilo tudo?

Querida Virgem Escriba, ela precisava sair...

Os faróis varreram os arredores e, o que ela viu fez seu coração gelar, e o pé abandonar o acelerador.

Era um pequeno chalé, o qual, apesar do mato crescido, era muito charmoso. A porta da frente era pintada de vermelho e com as duas janelas panorâmicas e um par de mansardas no segundo andar, o lugar parecia de olhos arregalados e sorrindo. Havia também uma grande e frondosa árvore à esquerda com folhas douradas, da cor do nascer do sol que ela havia visto somente na TV ou em livros e revistas, assim como uma passarela de ardósia que levava diretamente à esta visão acolhedora.

— Gosta? — Ele perguntou, tenso. Como se temesse a resposta.

— Talvez seja ingenuidade, — ela sussurrou, — mas parece que nada de ruim poderia jamais acontecer aqui.

— É o chalé do zelador da casa principal. Ela fica no final daquela alameda ali, está abandonada, mas uma velha *doggen* morava aqui até o mês passado. — Ele olhou para ela — Vamos entrar.

Ela saiu sem desligar o motor, mas Xcor se inclinou e o fez, silenciando o ronronar, enquanto ela passava na frente dos faróis. Quando a iluminação foi cortada, ela percebeu que havia velas brilhando dentro da casa, ou ao menos, era o que achava que estava criando aquela luz dourada bruxuleante.

À porta, ela tocou a pintura. Era antiga, rachada, mas não descascada. *Vermelho cereja*, ela pensou. E sem dúvida, de alto brilho, quando recém-aplicada.

— Abra, — ele disse. — Por favor.

A aldrava era feita de bronze, e estava velha e gasta, mas polida nos lugares onde as mãos seguravam. Um rangido sutil foi ouvido quando empurrou a porta surpreendentemente pesada, mas o som era mais uma saudação rasgada, que algo sinistro.

Não eram velas. Era fogo.

A sala de estar era aberta e revestida de madeira avermelhada, a lareira feita de pedras de vários tamanhos, formatos e cores. O chão era nu, com tábuas largas que falavam conforme ela caminhava sobre elas, tagarelando como se sentissem falta de companhia. Respirando fundo, ela sentiu o cheiro doce do fogo e uma essência limpa, amadeirada subjacente.

Havia um sofá desleixado ao lado da lareira, posicionado de forma que alguém pudesse observar pela janela, quando sentado nele. Estava forrado por uma coleção de mantas, os tecidos jogados uns sobre os outros, os tons e cores tão variados que a aglomeração formava seu próprio e único padrão. Havia também uma grande poltrona acolchoada, alguns livros antiquados em prateleiras baixas e um tapete redondo de crochê que integrava tudo.

— Aqui fica a cozinha, — Xcor disse, ao fechar a porta da frente.

Ela passou por ele, o corpo imenso imóvel demais, os olhos se recusando a encarar os dela. O banheiro era modesto e equipado com um chuveiro, privada e uma pia. A escada para o segundo andar era íngreme e estreita e revestida com uma passadeira desgastada. E a cozinha do outro lado estava cheia de aparelhos antigos intercalados com trechos de balcões.

Layla se virou para ele. — Há quanto tempo é dono deste lugar?

— Como eu disse, a zeladora morreu no mês passado. Ela era uma *doggen* que cuidava de nós, sem família própria. — Ele se virou e começou a retirar seu casaco pesado. — A família que ela cuidava vivia na casa grande, mas foram assassinados nos ataques. Ela ficou na propriedade porque não tinha para onde ir. Os *lessers* não voltaram, então ela sobreviveu.

Xcor se virou e começou a se desarmar, os ombros largos flexionavam conforme removia o suporte que mantinha as adagas no lugar sob seu peito. Depois, desafivelou o coldre nos quadris, ela viu os cotovelos se movendo e então, a faixa de couro se soltou.

Por alguma razão, ela notou o corpo sob as roupas que ele vestia, o modo como os músculos se contraíam e relaxavam sob aquela camisa preta de algodão, como as calças se apertavam nas coxas, pernas, traseiro.

Ele estava falando com ela, lentamente, em sílabas medidas, mas ela não ouviu o que estava sendo dito.

Xcor virou-se. Olhou para ela. Silenciou.

— Você não quer ficar? — Ele disse, em voz baixa.

— Por que me trouxe aqui?

Ele pigarreou. — Não posso permitir que você, grávida, passe frio nas noites em que nos encontrarmos. Não agora, com a gravidez tão adiantada.

Subitamente, ela sentiu um jorro de calor. E não achava que era devido à lareira.

— Venha. — Ele deu um passo contra a porta, endireitando-se. — Está mais quente aqui.

Ela caminhou até ele. E continuou a caminhar.

Sentando-se na poltrona, recompôs sua túnica. Envolveu-se mais no casaco. Observou as chamas.

Xcor andou pela sala, fechando todas as cortinas antes de sentar-se no sofá.

— Obrigada, — ela ouviu-se dizer — Assim está bem mais confortável.

— Sim.

O silêncio se estendeu entre eles. Era estranho: no campo, com a vastidão do céu sobre suas cabeças e os campos ondulantes ao redor, ela não estivera tão consciente de sua presença. Mas, entre estas quatro paredes, a presença dele parecia amplificada, qualquer movimento dele, uma simples respiração ou piscada, era registrado e multiplicado.

Havia um curioso constrangimento entre eles, o crepitar alegre da lareira falhava em aliviar o peso crescente na casa.

— Você pretende consumir nosso acordo, — ela soltou. — Agora?

— Isto aqui é uma cidade fantasma, não é?

Quando V chamou do sótão da casa colonial, Rhage se inclinou para fora do banheiro da suíte principal. — Também não há nada aqui. Só essa porra de exagero de tons cor de rosa na decoração.

Voltando ao quarto, deu mais uma olhada nas coisas rosadas. A merda estava em todos os lugares, do tapete e cortinas, ao papel de parede e lençóis, e o cheiro de Xcor estava em todo o lugar. Claramente aquele era o quarto dele, e houve grande satisfação em saber que o fodido teve de dormir neste pesadelo carregado de estrogênio.

Como dormir em um maldito útero.

Rhage estremeceu ao sair para o corredor. — Me pergunto se ele anda sentindo uma vontade incontrolável de usar salto alto.

— Que imagem. — V saiu do buraco no teto e desceu pela escada dobrável. — Abandonado. Eles se mandaram e abandonaram este lugar.

Nada. Não havia absoluta e positivamente nada de suspeito ou ameaçador, sem armadilhas para eles, sem detonação de bombas, sem alarmes.

Também não havia nada pessoal no andar de cima, como a sala de estar, havia pilhas de lixo aqui e ali, mas sem roupas, armas, computadores ou telefones celulares.

Movendo-se rapidamente, desceram as escadas e recuaram pela casa vazia. Após se desmaterializarem para fora, pela janela aberta na cozinha, voltaram a se juntar a Phury e Z.

— Nada. — V disse.

Rhage tirou o celular para uma rápida verificação, e não havia resposta a nenhuma de suas mensagens de textos, franziu o cenho e voltou a guardar a coisa. Inquieto, remexeu do outro lado da jaqueta e tirou um pirulito, então, viu que era de laranja e trocou por um de uva. O papel roxo saiu com facilidade, como se esperasse por ser descascado, e então, ele enfiou a bola doce na boca.

— Está completamente limpo? — Phury perguntou. — Não pode ser.

Rhage tirou o brinquedo da boca. — Não me entenda mal... Acho que desarmar bombas e armadilhas é um saco, mas estava disposto a dedicar meu tempo a isto. Não entendo. Eles partiram porque Throe debandou e provavelmente os denunciaria? Eles devem saber que iríamos vir tão logo arrancássemos o endereço daquele puto.

Os olhos brancos de V se voltaram à casa vazia. — Perderam uma excelente chance.

— Nunca pensei que Xcor fosse estúpido... Ou preguiçoso. — Rhage deu de ombros. — Talvez eles estejam sem grana.

— Duvido que seja falta de recursos, — Phury murmurou. — Dá para ver que estão bem armados pela matança que executam no centro.

Após uma discussão rápida, decidiram voltar para relatar a Wrath que Throe não havia mentido. No entanto, antes de se desmaterializarem, Rhage falou com o pirulito na boca.

— Ouça, se importam se eu me atrasar um pouco?

— Sem problemas, a gente vai na frente e adianta o relatório. — V disse.

— Obrigado, meus irmãos. Só preciso de dez minutos.

Ele saudou os companheiros guerreiros, e então, um a um, todos desapareceram...

... Mas ao invés de retomar forma no quintal dos fundos da antiga casa de Darius, aonde Wrath conduzia as audiências com seus civis, Rhage se materializou em frente a uma casa grande, mas, muito menos opulenta, nos subúrbios. Um Volvo XC70 azul estava estacionado na aléia e, embora todas as cortinas estivessem baixadas, luzes eram vistas em cada janela ao redor da casa de três andares.

Rhage pegou o celular, buscou em Favoritos, e apertou “Verde-significa-vai”. Enquanto chamava, ele mudava o apoio do corpo, de pé para pé, com impaciência.

— Ei, — ele disse quando a chamada foi respondida. — Está bem?

— Ei, — sua Mary, sua perfeitamente linda e brilhante fêmea, soava mal. — Como você sabia?

Instantaneamente, a besta surgiu sob sua pele, pronta para despedaçar qualquer coisa ou qualquer um que ameaçasse a companheira deles. — O que aconteceu?

— Temos problemas com uma de nossas mães.

Os olhos de Rhage perscrutaram as janelas. — Posso ajudar?

— Onde você está?

— No gramado.

— Vou descer.

Rhage desligou o telefone e recompôs rapidamente a roupa, ajeitou o cabelo, assegurando-se de que a jaqueta estava em posição correta e puxou a calça de couro para cima.

O *Lugar Seguro* foi fundado por Marissa para atender às necessidades das vítimas de violência doméstica dentro da Raça. Embora humanos tenham um monte de programas e recursos para suas mulheres e crianças, vampiras fêmeas e seus filhos não tinham absolutamente nenhum lugar para onde correr até Marissa fundar aquele abrigo. Contavam com assistentes sociais treinadas, graças ao mundo humano, curso noturno ou à distância, e enfermeiras chefiadas pela Dra. Jane e Ehlena, as residentes podiam ficar, gratuitamente, por tanto tempo quanto precisassem até se recuperarem e se sentirem seguras.

Machos não eram permitidos lá dentro.

Pelo que sabia, havia pelo menos doze pessoas no abrigo, naquele momento, embora aquele número fosse variável, e graças ao Anexo Wellesandra, construído por doação de Tohr em memória de sua amada primeira *shellan*, sempre havia vagas.

A porta principal se abriu e Mary saiu, trancando a porta às suas costas. De braços cruzados, ela estremeceu ao correr pelo gramado, e custou-lhe toda sua força de vontade para não ser ele a cruzar a distância entre eles. Mas tinha de respeitar os limites da propriedade.

Abrindo bem os braços, caiu de joelhos quando ela chegou ao seu alcance, para poder abraçá-la e erguê-la do chão. Para ele, ela não pesava nada, mas oh Deus, era vital, seu corpo cálido contra o dele, os braços enlaçando e apertando o seu pescoço, seu aroma acertando-o como calmante e uma dose de café expresso ao mesmo tempo.

— Minha Mary, — ele suspirou. Dentro dele, sua besta ronronou de satisfação. — Minha garota Mary.

Ele começara a chamá-la daquele jeito há algum tempo. Não fazia ideia do motivo. Talvez porque, cada vez que o fazia, ela sorria.

Rhage tornou a colocá-la no chão, mas manteve-a abraçada contra si. Acariciando lhe os cabelos cor de coco, não gostou de sua palidez. — O que diabos está acontecendo?

O som que ela emitiu foi de exasperação. Exaustão. Tristeza. — Você se lembra daquela mulher e criança que resgatamos com Butch, cerca de dois anos atrás? Talvez dois anos e meio? A mãe era vítima há anos, assim como o filho.

— Sim, foram as primeiras atendidas pelo programa.

— Bem, a mãe não está bem. Ela não disse a ninguém que estava grávida quando chegou aqui. Escondeu tão completamente, que nenhum de nós fazia a menor ideia do que estava acontecendo. A gestação típica é de dezoito meses, mas pelo que Havers nos disse, alguns bebês podem morrer no útero e continuar por lá indefinidamente, o que não é possível com humanos. No entanto, Havers disse que já viu acontecer, em casos raros.

— Espere. O que? Está dizendo que ela...

— Sim. É terrível.

Rhage tentou imaginar uma fêmea carregando um feto morto dentro do útero. — Jesus.

— Ela ficou cada vez mais doente e mais fraca... Até perder a consciência e chamarmos a Dra. Jane e Ehlena. Jane tirou o feto, mas a mãe... — Mary balançou a cabeça. — A mãe não está se recuperando. Tem uma infecção que não está cedendo e não parece bem. Para piorar tudo, se recusa a ser tratada e nada a faz mudar de ideia.

O que significava que Mary é quem havia estado na linha de frente.

Rhage abraçou-a contra o peito e sentiu-se um imbecil por ter enviado aquela mensagem de texto, enquanto ela lidava com questões de vida e morte. — Há algo que eu possa fazer?

Ela se afastou e olhou para ele. — Na verdade, esta pequena pausa está me dando um novo fôlego. Sua vinda não poderia ter sido em melhor hora.

Ele pensou no que estava acontecendo na clínica com Selenia. A situação estava pesando sobre ele por alguma razão, mesmo que ele não fosse tão próximo a Trez.

Mas era um bom macho. Um verdadeiro durão, mas com bom coração.

— Bom, me avise. — Ele acariciou o cabelo da companheira de novo. — Se houver algo que eu possa fazer.

Quando ela se ergueu na ponta dos pés, ele a encontrou no meio do caminho, beijando seus lábios uma, duas vezes e de novo. Ela era, mais ainda do que seu coração ou seus Irmãos, a coisa mais importante em sua vida. Do instante em que ela falara com ele pela primeira vez, e ele fechara os olhos e cambaleara ao som daquela voz, se perdera para ela.

Sem ela, como sua bússola? Ele seria pior do que amaldiçoado.

— Eu te amo, — ele sussurrou, — agora e para sempre.

— Tentarei voltar para casa ao amanhecer, mas não sei se vou conseguir.

— Faça o que precisar fazer aqui. Eu te ligo, e você me atualize quando puder.

— Você é tão compreensivo.

Como se ela soubesse que estar longe dela durante o dia era um tipo de inferno para ele.

— Você faz o mesmo por mim, garota Mary. E seu trabalho aqui é muito importante.

Ela ergueu a cabeça, com o olhar sério. — Obrigada. Sabe, isto é... Muito gentil da sua parte.

— É a verdade. — Ele beijou-a de novo — Vá agora. Volte à sua paciente.

Sua Mary tomou-lhe a mão e apertou. — Eu te amo também.

Ele ficou onde estava, observando-a correr de volta para a porta da frente, tirar sua chave e voltar a entrar na casa. Um pouco antes de desaparecer, ela lhe deu um aceno.

Quando as portas se fecharam, ele imaginou-a fechando as trancas e ferrolhos, garantindo que todos estivessem seguros. Trabalhando para melhorar as vidas das fêmeas e das crianças lá dentro.

Após um momento, ele pegou o celular e verificou de novo. Nada. Trez ainda não tinha respondido.

Fora para Trez a segunda mensagem de texto que ele enviara.

Com um palavrão, desmaterializou-se para a antiga casa de Darius, e enquanto viajava, a imagem de Trez disparando para fora da sala de exames o incomodava, o consumia.

Merda, ele esperava que Selenia estivesse bem. Por algum motivo, isto era de importância vital para ele.

Capítulo DEZENOVE

O coração de Xcor estava acelerado quando se sentou de frente para Layla. Ela escolheu a poltrona no canto para se sentar e, em consequência, a luz do fogo alcançava apenas as pernas dela. No entanto podia imaginá-la toda, cada detalhe de seu rosto, sua garganta, conhecia seu corpo como o dele próprio.

A pergunta que ela lhe fez era como uma presença física entre eles.

— Então? — Perguntou. — Chegou o momento...?

O temor era evidente em sua voz, levantou a mão e acariciou seu rosto. Diferente dela ele estava totalmente iluminado e não queria que ela fosse capaz de vê-lo. Se já estava ansiosa, a visão dele não iria ajudar.

— Xcor.

— Não sou um animal.

— Desculpe?

— Eu nunca... A tomaria em sua condição atual. Isso seria animalesco.

A respiração dela foi audível inclusive sobre o crepitar do fogo. E não pela primeira vez, odiou a posição em que se encontrava. Estava sendo ativamente dominante sobre ela, obrigando-a a estar ali com ele, mantendo-a presa por um compromisso quando, obviamente, ela não o escolheria livremente, apesar do fato disto a colocar em perigo.

A Irmandade da Adaga Negra não perdoava inimigos como ele. E confraternizar com um conhecido traidor era uma ofensa capital de acordo com as Antigas Leis. Considerando que ele e seus Bastardos conseguiram colocar uma bala na garganta de Wrath no último outono? Isto não os colocava na categoria... De como eram chamados... Escoteiros?

— Nove meses.

— O que?

— Faz que nos encontramos.

Pensou novamente no início, quando ela lhe ofereceu seu pulso sob aquela árvore. E mais tarde, quando se desarmou e entrou no carro com ela. Ele a beijou então...

— Está excitado? — Perguntou.

Quando ele retrocedeu, seu corpo se moveu por vontade própria, seus quadris se elevaram antes que pudesse impedir o movimento.

— Você está?

— De verdade quer que responda a isto?

— Eu perguntei, não foi?

— Sim.

Houve uma longa pausa. — Você aceita que lhe pergunte isto?

Deixou cair uma mão e ficou em um canto escuro, dando-lhe todas as oportunidades para lembrar-se de exatamente com quem estava conversando. — Acho que teremos que mudar de assunto.

— Responda.

— Eu já o fiz.

Dado o som que fez em sua garganta, ele sabia muito bem que ela estava engolindo em seco e não se arrependia fazê-la se sentir incomoda. Depois de muitas noites repetidamente encontrando-se, toda semana, nunca foi para o seguinte nível. Ao menos, não enquanto ela estava em sua presença.

Quando estava somente com as lembranças dela? Todas as apostas subiam. Neste momento, no entanto, sentia-se no limite e queria cruzar a linha que não deveria sequer ser comentada. E dizia a si mesmo que era por causa da gravidez.

Claro que era...

— Quero ver.

Xcor ficou lívido, seu fôlego congelado no peito assim como seu coração. — Por quê? Tenho certeza que conhece a anatomia masculina, e em qualquer caso, não posso entender porque suas dimensões precisas seriam de interesse neste exato momento, por assim dizer, vamos.

— Mostre.

Franziu o cenho e olhou para as janelas. Tinha puxado as cortinas. Seus Bastardos foram lutar e não iriam regressar para a casa principal na propriedade até perto da madrugada. Mas, aconteciam lesões no campo e em algumas ocasiões, requeriam tratamento fora das ruas do centro...

Espere um momento. Ele *não* iria abaixar a calça. Assim que esta reflexão era desnecessária.

Xcor ficou em pé e se negou a olhar além do fato de que ele não queria se expor a ela.

— Devemos concluir este encontro agora.

— Por quê? Eu gostaria de vê-lo. É um pedido muito simples.

Nem sequer de perto, pensou. — Porque quer fazer isto?

— Pensei que quisesse fazer sexo comigo. Este é o ponto de tudo isto, não é assim?

Xcor aproximou-se dela, seu temperamento aparecendo, junto com o calor em suas veias. Apoiando as mãos nos braços da poltrona, inclinou-se, obrigando-a a encostar-se às almofadas.

— É minha intenção. — Respondeu. — Quando chegar o momento poderá olhar a vontade. Assim não vejo no que um show agora iria ajudá-la.

Uma onda de raiva substituiu o choque. Ela já havia demonstrado medo. Cortesia. Uma cortesia que o fez respeitá-la.

Isto era novo.

— O que te incomoda? — Perguntou. — O que já fiz para você neste estado?

Sem aviso e com uma força surpreendente, ela o empurrou fora do caminho e levantou-se da poltrona.

Layla andava ao redor, fazendo um círculo fechado em frente ao fogo e suas emoções eram tão fortes que vibravam no ar. Finalmente parou diante das chamas, colocando as mãos nos quadris como pensasse em discutir com ele.

— Minha irmã está morrendo. — Disse.

Xcor soltou seu fôlego em uma maldição. — Sinto muito.

— Sua vida está chegando ao fim. — As mãos de Layla foram para seu ventre inchado. — Nunca tive um amante. Apesar desta gravidez, sinto-me como se fosse virgem.

Xcor colocou seu peso sobre o braço acolchoado da poltrona. Estava quase colapsando. Por um lado, odiava pensar na mecânica de como concebeu a criança. Por outro...

Balançou a cabeça, jogando pensamento de lado. — O macho não a maltratou, verdade?

— Oh não. Eu gosto de Qhuinn. Ele é da família. Mas, como disse, o ato aconteceu em minha necessidade com a única finalidade de ter uma criança. Mal posso me lembrar do que aconteceu. — Ela o olhou, o resplendor vacilante deixando-a incrivelmente bonita. — Minha irmã está morrendo. E estou vida e não vivi. Por isso eu peço... Me mostre.

Não era para ser assim entre eles.

Layla não tinha a intenção de revelar esta verdade sobre si mesma para Xcor. Ou mesmo pedir-lhe que fizesse isto. Mas, desde que entrou nesta casa, seu cérebro funcionava em duas vias: uma ali com ele e outra de volta a sala de exames no Centro de Treinamento. Onde estava o corpo retorcido de sua irmã e todos horrorizados ao descobrir que outro deles foi infectado.

Paranóia a fazia se perguntar se tinha doença; se poderia passar para sua criança. Não sentiu nenhum dos sintomas, mas, quando Selenia sentiu? Layla era mais nova que a Escolhida... Era apenas uma questão de tempo?

Claro, havia uma boa possibilidade de estar realmente paranóica, ainda mais por causa de seus hormônios. Percebeu que seus pensamentos se complicavam mais a medida que a gravidez evoluía.

No entanto, não podia mudar a realidade, assim, era uma virgem que estava grávida e tinha medo de nunca descobrir o sexo. Sentia-se irritada pelo que lhe foi negado devido a seu destino. Agradecia pela criança e, no entanto, sentia-se sufocada pelo progresso natural de seu corpo.

E Xcor era o único que podia mudar isto. Alguns Irmãos não estavam acasalados e ela não pensava neles sexualmente. Além disso, não era como se estivesse a ponto de entrar em uma relação com alguns deles, de qualquer forma.

Xcor era sua única via para expressar a mistura tóxica de temor e anseio.

Limpou a garganta. — Precisa considerar isto melhor.

Abaixando o olhar, concentrou-se no quadril dele, na longitude avultada atrás do zíper da calça de combate. — E estou.

A forte inalação dele inflou o poderoso peito e deixou cair as mãos para se cobrir. As veias correndo entre seus dedos eram outro símbolo do poder de seu corpo e, de repente, se perguntou como seriam as mãos dele em seu sexo.

— Pense novamente. — Disse. — E reconsidere.

— Não.

— Não sou um brinquedo, Layla. Não fui feito para brincar e depois ser guardado a sua vontade. Uma vez que abre certas portas, elas dificilmente são fechadas. Você entende? Tenho toda intenção de tê-la, mas, vou me esforçar para honrá-la e respeitá-la por sua condição. Isto vai contra minha natureza, no entanto se me pressionar demais vou mudar isto. Especialmente quando se trata de sexo.

Quando as palavras dele flutuaram sobre o ar tenso, os olhos desceram por seu corpo, fazendo-a se sentir nua apesar de estar completamente vestida. E redonda pela gravidez.

— Apenas quero vê-lo. — Ouviu-se dizer. — Quero ver como é dar prazer a si mesmo. Gostaria de começar por aí.

Xcor fechou os olhos e estremeceu. — Layla.

— Está dizendo meu nome como um não?

— Não vou negar. — Ele gemeu, abrindo os olhos. — Mas, você tem de ter certeza de que quer isto. Pense mais um dia.

Neste momento, ele segurou seu membro, fechando o punho ao redor da ereção pesada.

— Amanhã à noite, então. — Ouviu-se dizer.

Mas, ela já sabia que o atraso não iria mudar nada, apesar de que entendia que em algum nível ele tinha razão. Estava a toda velocidade nisto, como se estivesse usando todo o sofrimento por Selenia e canalizando em algum tipo de expressão selvagem.

— Amanhã. — Afirmou. — Agora tem de ir.

Caminhando até a porta, se virou para olhá-lo. Ele possuía linhas afiadas, seus ombros apertados e altos, os antebraços cheios, as coxas pulsando como se fosse saltar adiante a qualquer momento.

— Xcor...

— Vá. — Ele gritou. — Saia daqui. Saia pelo *inferno* daqui.

Segurando a maçaneta, ela abriu a porta e saiu na noite fria. Em comparação com o calor da casa, o ar estava forte e gelado em seu nariz e seu casaco lhe ofereceu pouco conforto. Ela não prestou atenção à forte mudança...

Xcor fechou a porta atrás dela, e conforme ela estrondava no local com a batida, ela ouviu *clique* do mecanismo de bloqueio!

Ela precisava ir embora.

Ela iria embora.

Ao invés, ficou onde estava, respirando com a boca aberta e soltando ar até ser consumida pelo frio. Olhando ao redor, não havia indícios de ninguém pela propriedade, não havia sons de pessoas caminhando ou conversando, nem luzes se filtravam através das árvores.

Ela não queria ir embora.

Pisando com cuidado a fim de evitar galhos caídos que podiam delatar sua presença, ela foi para a janela da sacada. Uma fresta entre as cortinas lhe permitia ver dentro da sala acolhedora.

Onde estava?

Abruptamente Xcor apareceu à vista, o ritmo de um animal enjaulado, adiante e atrás. Seu rosto estava duro em uma careta, as presas alongadas, os músculos da forte coluna de seu pescoço tensos. Por último, girou ao redor da lareira e lançou o punho nas pedras como um morteiro.

Ela fez uma careta, mas ele não pareceu sentir nenhuma dor.

Estendendo as palmas ele apoiou seu peso contra a parede, inclinando seu corpo contra o fogo. O sangue escorria do dorso de sua mão e por entre seus dedos, duplos rios de sangue escuro desciam pela manga de sua camisa preta. Um momento depois, ele deixou cair sua mão ensanguentada. A princípio pensou que estava tremendo pela ferida. Mas, logo sua calça se moveu, sendo puxava para a esquerda e depois para a direita.

Seus ombros se agruparam e sua coluna vertebral se sacudiu.

Ele segurou a si mesmo.

Layla mordeu o lábio inferior e se inclinou mais perto, até que seu nariz bateu no vidro frio. O resplendor laranja cortava a silhueta negra do corpo de Xcor e ampliava sua postura, sua cabeça estava inclinada adiante.

Seu cotovelo se movia para trás e para frente.

Ele estava acariciando a si mesmo.

Fechou os olhos por um momento, apoiando-se na janela da sacada. Quando abriu os olhos novamente ele estava trabalhando mais rápido. E mais rápido.

Xcor virou a cabeça de lado e mostrou as presas. Afundando suas presas afiadas nos músculos altos do ombro, através da camisa; seu rosto uma careta de dor como se estivesse em uma agonia erótica.

E logo seus quadris foram para frente até as chamas, uma e outra vez até chegar a seu clímax.

Retrocedendo, ela... Tropeçou em um galho e caiu em nada além de ar. Entre sua grande barriga e sua distração, ela tentou se virar e se segurar em algo para evitar o chão duro. Aterrorizada pela segurança de sua criança, ela caiu, seu quadril levando a maior parte do impacto, seu braço apoiando-a.

A agonia foi imediata e espantosa, uma onda de náuseas se apoderando dela. Gemendo, ficou completamente imóvel. — Certo, certo... Certo...

Ela realmente tinha de sair dali agora mesmo.

Lutando para ficar de pé, fez seu caminho até o carro enquanto mantinha o braço contra o corpo. Quando chegou o momento de abrir a porta do motorista, teve de apoiar o braço machucado na janela de trás para ficar com uma mão livre e precisou recuperar o fôlego depois que se sentou atrás do volante.

Colocando a Mercedes em movimento, sentiu-se mais fraca, mas conseguiu dar a volta e entrar na estrada principal. Foi então que percebeu que sem a direção de Xcor, não tinha ideia de como chegar em casa.

Lágrimas de frustração se agruparam em seus olhos e ela sentiu inveja da capacidade de Xcor de golpear algo. Se pudesse, teria feito.

Mas ela já tinha quebrado o braço.

Ela não precisava de juntas arrebentadas.

Capítulo VINTE

iAm seguiu as instruções de s'Ex ao pé da letra, esperando durante uma boa hora e meia antes de se desmaterializar do apartamento no Commodore para os arredores do Território s'Hisbe. Quando recuperou sua forma na floresta, ele percorreu aproximadamente trezentos metros até o rio que circundava uma formação rochosa de granito no formato da cabeça de Lincoln, o presidente humano.

Ele encontrou o traje onde o executor disse que estaria, dobrado sob o queixo fendido do rosto improvisado. Conforme tirava suas roupas e colocava a indumentária tradicional *farshi* de um servo macho não acasalado das classes mais baixas, ele ficou surpreso ao descobrir que sentia-se completamente vulnerável sob a folgada veste cinza.

Claro que ele manteve seu punhal e arma de fogo junto ao corpo: Contar com s'Ex era necessário nesta situação, mas ele não confiava no filho da puta mais longe do que poderia atirá-lo.

O Território ficava ao norte de Caldwell, nas terras de transição entre os cumes do Parque Adirondack e a área plana nas cercanias de Plattsburg. Disfarçada como uma colônia de artistas, a propriedade de dois mil hectares quadrados era toda cercada por um substancial muro de concreto que era tão alto e robusto quanto um carvalho. Os poucos humanos nas comunidades adjacentes ao lote tinham, há muito, se acostumado com a presença dos “artistas” e pareciam ter um prazer perverso em proteger a santidade da propriedade e a “arte” que estava sendo feita em seu meio.

O que funcionava bem para o s 'Hisbe.

A ironia, é claro, era que a meros trinta e dois quilômetros ao norte, no outro lado da montanha, sabe quem estavam? Os *Symphaths*, que também estabeleceram sua presença.

A proximidade fazia sentido. Nenhuma das subespécies tinha enorme ânsia em fraternizar com qualquer outro; os devoradores de pecado não respeitavam humanos ou outros vampiros mais do que os Sombras, então quanto mais isolado melhor. Sendo assim, nunca houve quaisquer enviados ou enlances diplomáticos

entre as duas nações. Eles eram tão distantes quanto dois estranhos sentados lado a lado em um ônibus, querendo nada um do outro além de ser deixados em paz.

Ele não podia acreditar que estivesse voltando.

Deixando suas próprias roupas onde as que lhe foram fornecidas estavam escondidas antes, iAm partiu a passos largos. As correias de couro em seus pés eram mais como luvas do que como sapatos, e na medida em que viajava através do terreno áspero, ele sentia nuances de varas caídas, pedras fortuitas e terra irregular. A vantagem era o silêncio. Exceto por um ou outro estalo ocasional, ele era tão silencioso quanto o luar que caía dos céus.

Não demorou muito até que chegasse ao muro de contenção. Erguendo-se até muito alto, a enorme construção estava riscada por manchas de sujeira e vinhas ao acaso, e aqui e ali galhos caídos inclinavam-se em ângulos estranhos contra seu flanco.

No entanto, iAm não foi enganado por sua aparência supostamente deteriorada, e ao passo que se desmaterializou por sobre e para o outro lado disso, ele não lembrava quão larga essa coisa era.

Tomando forma novamente, ele levou um momento para se orientar. Fazia muito tempo desde que tinha posto os pés na terra de seu povo, mas, ele não devia ter se preocupado que qualquer coisa mudasse. Ao contrário da fachada que era mostrada ao mundo exterior, a antepara no lado Sombra estava imaculada, com seu concreto pálido, alvejado pelo sol e perpetuamente lavado, nem sequer lâminas de grama crescendo fora de lugar ao redor de sua base.

E nenhuma floresta desordenada. De jeito nenhum. As árvores que foram autorizadas a crescer estavam espaçadas como peças de xadrez em um tabuleiro branco e preto, cada uma com seu próprio lugar delimitado, tendo até mesmo seus galhos cortados para que ficassem dentro de seus limites. O gramado estava igualmente mantido limpo como um tapete. Apesar do outono ter conduzido a uma mudança de cor e inevitável queda de folhas dos galhos, não havia um único fragmento de qualquer coisa arruinando aquela vastidão.

iAm pensara muitas vezes que o Território era como um globo de neve, uma versão construída da realidade que existia dentro de uma cápsula artificial.

Essa impressão ainda permanecia.

Retomando seu passo, ele correu por sobre a grama marrom. Logo os primeiros assentamentos surgiram, unidades habitacionais que eram pouco mais que barracas feitas de madeira, pintadas de preto e que possuíam tetos forrados com painéis de estanho mantidos na cor prata. Tal como as árvores, os abrigos foram colocados em fileiras ordenadas, com nenhuma luz brilhando do lado de dentro, nenhum cheiro de cozimento, nenhuma conversa filtrando-se para fora deles. Este era o lugar onde os empregados do palácio residiam, e eles usavam as frágeis construções somente como local de dormir e fornicar. De outra maneira, eles eram alimentados, vestidos e banhados na ala de funcionários do grande enclave da Rainha.

Os muros do palácio surgiam há certa distância adiante, e eram muito mais altos do que a primeira barreira. Com sua cobertura de mármore branco e polido a um alto brilho, eles eram escrupulosamente conservados de ambos os lados, esfregados à mão durante o dia por encarregados da manutenção em escadas de dez metros de altura.

Assumindo que as coisas ainda fossem feitas assim. E, vamos lá, nada mudava por aqui.

Seguindo em paralelo à parede, ele manteve-se rente a esta até que chegou a uma porta de entrada marcada com símbolos.

Caminho certo na primeira tentativa.

Verificando seu relógio, iAm esperou. Passeou de um lado para outro. Perguntou-se onde s'Ex estava.

Ninguém estava por perto. Esta era a parte de trás do palácio, longe de onde os aristocratas e de classe média viviam na parte dianteira do Território; mas então, por causa do período de luto, era esperado que todos os cidadãos estivessem em suas casas, de joelhos, oferecendo seus respeitos ao céu noturno pela perda da Rainha.

Sendo assim, até mesmo uma abordagem frontal provavelmente teria sido boa.

O plano era que o executor abrisse a porta e o levasse furtivamente através do labirinto de corredores até a biblioteca. Como iAm estava usando os trajes de um servo, não haveria perguntas. S'Ex sempre teve livre acesso ao palácio e à seus funcionários, graças à sua posição como capanga principal da Rainha...

O golpe veio de trás e pegou iAm no crânio, fazendo com que soassem sinos tão alto em sua cabeça que ele teve a merda de um blecaute em uma fração de segundo.

Ele nem estava ciente de cair de cara no chão. E nem houve tempo para amaldiçoar o fato de que cometeu um erro ao confiar naquele macho ou tentar puxar uma de suas armas.

Tarde demais.

De volta à mansão da Irmandade, Selenia emergiu do túnel subterrâneo e teve de tomar fôlego para se reorientar no foyer principal. Parecia que tinha se passado cem anos desde que esteve no grande espaço.

Como as coisas tinham terminado assim? Ela pensou enquanto dava a volta na base da escadaria ornamentada.

Por um lado, ela não esperava estar viva, muito menos se movendo; ou sequer parcialmente se movendo. Por outro lado? Ela tinha ido de querer se apressar para dizer a Trez como se sentia sobre ele... A querer arrancar a cabeça dele, como os Irmãos diriam.

— ... Primeira Refeição agora. E continuando os preparativos, nós devemos...

Ao som da voz de Fritz, o mordomo, ela começou a subida. Suas pernas estavam fracas, seus músculos se esforçando para ativar articulações que continuavam duras e doloridas. A fim de manter o equilíbrio, ela teve de agarrar a balaustrada folheada a ouro com uma mão e então, quando mais perto do topo, com ambas as mãos. Sua túnica, que tinha sido limpa em algum momento, parecia pesar cem quilos.

Uma onda de alívio atingiu-a quando chegou ao segundo andar sem ser notada. Não que ela não gostasse de Fritz ou seu pessoal ou qualquer membro da Irmandade. Ela só sentia-se muito exposta. Parte do que lhe ajudara a lidar com sua doença foi mantê-la em sigilo. Então, quando ela estava ao redor dos outros podia fingir que era igual a eles, com uma longa expectativa de vida e prioridades que envolviam coisas normais como trabalhar, dormir e comer.

Agora? Todo mundo saberia.

Não havia privacidade na mansão; e isso estava bem. As pessoas eram adoráveis e apoiavam uns aos outros. Era só que... Tinha levado anos e anos para que ela chegasse a um acordo com sua doença.

Os outros seriam confrontados com sua realidade em pouco tempo, e ela não queria ser lamentada.

Indo para o início do corredor de estátuas, ela parou na discreta porta à esquerda. Abrindo-a com uma mão trêmula, ela enfrentou ainda outro lance de escada, e teve de esperar um momento para reunir sua força.

Ela acabou subindo mais lentamente do que na escadaria principal. Mas então, ali era menos imperativo correr e se esconder. As únicas outras pessoas que usavam esta escada eram as da Primeira Família, que viviam em um triplamente trancado e isolado espaço que ninguém, exceto Fritz, tinha permissão para acessar... E iAm e Trez.

A porta do quarto de iAm acabou por estar escancarada, uma luminária ardendo em um canto distante iluminando o asseado e desocupado espaço com suas antiguidades e tecidos finos.

A de Trez estava fechada.

Selena bateu, então encostou a orelha nos painéis. Quando não houve resposta, ela bateu novamente.

Talvez ele não tivesse subido para cá?

Ela sabia que ele tinha negócios no mundo humano, mas ele pareceu tão exausto quando deixou a clínica. Parecia apenas razoável que...

— Sim?

Engolindo em seco, ela disse:

— Sou eu.

Longo silêncio. Tão longo que ela se perguntou se ele tinha quebrado uma janela e se desmaterializado para fora do quarto apenas para evitá-la.

Mas, eventualmente, a voz dele ressurgiu:

— Você está bem?

— Eu posso...?

— Espere.

Um minuto mais tarde a porta se abriu, e ela teve de dar um passo para trás. Ele era tão grande... E estava tão desnudo; embora não era como se ele estivesse

mostrando qualquer coisa. Ele colocou um roupão, e a nua e escura pele de seu tórax revelava-se no V entre as lapelas.

Era impossível não imaginar como o resto dele se parecia sob isso.

— Você está bem? — Ele repetiu.

Por alguma razão, ela ficou frustrada por sua preocupação. O que era insano. Ele estava sendo cortês e solícito... Isso apenas a fazia sentir como se não fosse nada além desta doença dentro de si.

— Eu, ah... — Ela olhou ao redor. — Nós podemos fazer isso em particular?

Em vez de responder, ele moveu-se para um lado e indicou o caminho com o braço. Depois que atravessou o limiar, ela ouviu a fechadura da porta clicar ao ser trancada.

— Quero me desculpar. — Ela parou diante das janelas e se virou. — Eu sinto muito. Minhas emoções estão em carne viva nesse momento, e minha sinceridade fugiu de mim.

Trez cruzou os braços sobre o peito e inclinou-se contra a porta. A expressão dele era inescrutável, os olhos escuros severos, seu cenho franzido.

Quando o silêncio prosseguiu, ela pigarreou. Trocou o peso do corpo de um lado para outro. Preencheu seu tempo examinando a cama desfeita. As roupas pretas largadas sobre a *chaise*. Os sapatos tinham sido chutados perto do armário. A toalha tinha sido pendurada na porta que levava ao banheiro de mármore.

— Então... — Ela limpou a garganta. — É isso que vim aqui dizer.

Querida Virgem Escriba, seria assim entre eles?

— Quanto tempo? — Ele perguntou asperamente.

— Como assim?

— Quanto tempo você tem? Até o próximo... Seja lá o que for. Quando foi o último?

Há duas semanas... Ou, melhor dizendo, treze dias.

— Há um mês. Talvez mais tempo.

Os ombros dele relaxaram. — Eu queria ter perguntado isso antes.

Novamente, ele ficou em silêncio.

— Trez, eu realmente sinto muito...

— Não há nada pelo que se desculpar. As coisas são como são. Não estou insultado, e não vou tentar fazê-la mudar de ideia sobre como se sente.

— Você parece insultado.

— Eu não estou.

— Trez...

— Como você está se sentindo?

— Muito bem! — Ela disparou. E então conteve seu temperamento. — Sinto muito. Eu só... É como se você estivesse se afastando de mim.

— Eu não estou.

— Você não está conversando comigo.

— Então por que meus lábios estão se movendo?

— Como é que isso está acontecendo de novo? — Ela murmurou enquanto refletia sua postura, cruzando os braços sobre o próprio peito. — Só quero que as coisas sejam... Normais entre nós.

— Elas estão.

— Besteira! Você está aí em pé feito uma estátua; esse é meu trabalho, ok? Eu sou a pessoa que deveria estar se afastando. Por que você não pode ser sincero, e mandar que eu vá me foder, ou me dizer que fui uma vadia, ou...

— Você quer que eu seja honesto?

— Sim, droga! — Deus, ela estava soando cada vez menos como uma Escolhida. Amaldiçoando, usando a língua vernácula. Mas, então, ela estava se sentindo cada vez menos como uma Escolhida. — Olá? Você ia dizer alguma coisa?

— Você tem certeza?

— Pelo amor de... Olha, se você quer que eu vá...

— Não. Quero você deitada de costas, em minha cama, com suas pernas abertas e minha boca por toda parte sua.

Selena deixou de falar. Respirar. Pensar.

Ele ergueu uma sobrancelha. — Isso foi honesto o suficiente para você? Ou quer que eu volte a fingir que não estou pensando em sexo agora mesmo? Com você.

Certo, agora ela era aquela a ficar em silêncio. E ele riu rudemente.

— Não era o que você tinha em mente, hein? Eu não te culpo. — Ele girou a maçaneta da porta, abrindo-a e repetindo seu gesto de “por esse caminho”. — Se você quiser continuar conversando agora, sugiro que deixe que me vista e me encontre com você em território neutro.

Selena olhou para os quadris dele. Ela havia experimentado todo seu corpo apenas uma vez, quando ele tirou sua virgindade, e ela estava bem ciente de que ele era *phearsom*⁹.

Ele estava duro agora?

— Selena? — Um flash de aborrecimento vincou seu rosto. — Me deixe te encontrar lá embaixo. Na cozinha.

Inconscientemente, ela ergueu suas doloridas mãos para o cordão das próprias vestes.

Os olhos dele imediatamente seguiram o movimento.

— O que você está fazendo? — Ele exigiu.

Ela desatou o nó e deixou que a peça de seda escorregasse. Com cada fôlego que ela tomava a túnica descia cada vez mais por seus ombros, até que uma extensão de carne que ia de sua garganta até o sexo foi exposta. O olhar fixo de Trez, aquele escuro olhar fixo, foi descendo, ao mesmo tempo em que a essência dele surgia, enchendo o quarto com um tempero erótico.

Selena empurrou a túnica dos ombros, deixando o suave tecido escorregar para o chão.

— Você poderia fechar a porta? Eu gostaria de ter um pouco de privacidade.

⁹ *Phearsom* (adj.): Segundo o glossário do livro, termo que se refere à potência do órgão sexual masculino. Tradução literal seria algo como “digno de penetrar uma fêmea”.

Capítulo VINTE E UM

O pau de Trez tinha sua própria pulsação. E isto antes de Selena ficar totalmente nua à sua frente. Após aquela revelação? A maldita coisa passou a ter seu próprio padrão de pensamento.

Minha.

Ao ouvir a porta se fechar, Trez não soube se foi uma de suas mãos que a fechou, ou se simplesmente desejou que a coisa voltasse ao seu lugar.

— Tem certeza disto? — Gemeu ele, já dando um passo na direção dela. — Porque não vou conseguir parar.

— Sim. — Os olhos dela não se ergueram para encontrar os dele. Estavam travados em no quadril. — Oh, sim. Me deixe te ver.

Quando ele parou bem na frente dela, ele disse:

— E todas as humanas com as quais fiquei?

— Vai falar delas agora? — Ela abriu a faixa do roupão dele com uma das mãos. — Sério?

Ele impediu-a de abrir o roupão.

— Nada mudou em mim.

— Azar o seu, não meu.

— Na minha tradição...

— Que não é a minha.

— ... Eu estou corrompido.

— Por que é que você continua falando?

Com isto, ela livrou-se da mão que a segurava, tirou a faixa, abriu as laterais do tecido preto. O sexo dele estava totalmente ereto, se sobressaindo entre eles.

E foi a próxima coisa a qual ela tomou nas mãos.

Trez gemeu e jogou a cabeça para trás.

— Você está quente. — Ela suspirou ao se inclinar e beijar a pele sobre seu coração. — E duro.

— Selena, estou falando sério. — Ele tentou impedi-la de continuar as carícias. — Eu quero te respeitar...

— Você está perdendo tempo.

Com isto ela caiu de joelhos e assumiu o controle. Como era uma fêmea alta, sua boca ficava na altura perfeita e, Deus os ajudasse, ela a pôs para trabalhar, estendendo a língua rosada para lambar a cabeça. O toque aveludado o deixou trêmulo e, antes que seguisse o caminho dos roupões e caísse na porra do chão, se inclinou para frente e apoiou ambas as mãos na coisa mais próxima que conseguiu achar.

A escrivanhinha. Ou pode ter sido o capô de um carro. O trenó do Papai Noel. Uma geladeira.

Quente e úmida, ela abocanhou, a sucção e aquelas lambidas apagando o mundo, trazendo-o instantaneamente à beira do orgasmo.

Cerrando os dentes, ele gemeu — Eu vou gozar... Ah caralho... Eu vou...

Ele vagamente pensou em não desrespeitá-la ejaculando em sua bo...

Selena se afastou, abriu a boca e estendeu aquela língua mágica. Olhando para ele, de baixo para cima, começou a masturbá-lo com força ao mesmo tempo em que, preguiçosamente, lambia sua ponta.

Trez segurou, oh, talvez um segundo e meio. Quando sua liberação jorrou, ela tomou-a toda, engolindo, sugando, se afastando para lambuzar os lábios e rosto. Deus a ajudasse, ele continuou ejaculando, uma infinita urgência sexual travando o seu corpo, enquanto a marcava, sua essência cobrindo-a de uma posse que era primordial.

Defender. Proteger. Amar.

Tudo isto naquele local sagrado.

Minha.

Quando finalmente se esgotou, ela se sentou de volta sobre os tornozelos e então, com uma série de movimentos lânguidos e matadores, lambeu os lábios. Ergueu os dedos, capturou a trilha pegajosa no queixo, e sugou até limpar. Olhou para baixo, para os seios perfeitos.

Espalmando os pesos gêmeos, sorriu para o que caíra sobre eles, fazendo os montes e aqueles mamilos tesos brilharem. — Você me melecou.

— Onde você aprendeu a fazer isto? — Ele engasgou.

Pelo menos foi o que pretendia dizer. As sílabas saíram em um amontoado de sons incoerentes.

— O quê? — Ela suspirou, antes de erguer um dos seios e baixar a cabeça, com a língua para fora.

Ela lambeu a si mesma.

O rosnado que saiu da boca de Trez foi algo que, se estivesse em seu lugar, ele teria temido.

Selena não temeu. Ela só emitiu uma risada rouca. — Há algo mais que você queira marcar?

Liberdade.

Quando Selena se ajoelhou à frente de Trez, com o gosto dele em sua boca e sua essência sobre todo o seu corpo, se deleitou na sensação de liberdade sexual que a invadiu. A liberação pareceu inteiramente o oposto da sentença de morte sob a qual vinha vivendo e, ainda que sua falta de tempo fosse o que a impedisse de sentir qualquer estranheza ou preocupação consciente, ela sentia-se voando acima das amarras que há tanto tempo a prendiam ao chão, seu treinamento como *ehros* permitia-lhe entregar-se às correntes de sexo que se estendiam, grossas como cordas tangíveis, entre os corpos deles.

Sem saber quanto tempo lhe restava, e sob a frustração de ter perdido tanto tempo, sentia urgência de expressão pessoal, e abraçava cada desejo que tinha, na total intenção de satisfazê-los.

Todos eles eram com Trez.

Como se sentisse o mesmo, ele se inclinou e levantou-a do chão. Suas juntas protestaram pela mudança de posição, mas as reclamações não eram mais do que murmúrios contra a luxúria desenfreada que ela sentia por ele.

Ela precisava da penetração. Pelo corpo dele.

Trez levou-a a cama e deixou-a de barriga para baixo, suas mãos grandes e quentes acariciando-a do ombro até as costas das coxas, antes de erguê-la de quatro e afastar seus joelhos. Selena abaixou a cabeça, ela queria vê-lo, e olhou para além dos montes dependurados de seus seios, observando-o se aproximar dela por trás, com o sexo pulsando enquanto ele tomava posição para...

Não foi sua ereção que se esfregou nela.

Quando as mãos dele agarraram seu quadril, os polegares se enfiaram em sua bunda e afastaram, até o sexo dela se abrir totalmente para ele. E então ele veio com a boca, os lábios tocando-a, carícias úmidas sobre a umidade, sugando, devorando. Com dominação total, a língua dele lambeu de cima abaixo, penetrou, tintilou no topo do sexo dela até ela convulsionar em orgasmo, cada onda de prazer esfregando-a mais e mais contra o rosto dele.

Quando finalmente acabou, ele se afastou, os punhos apoiados nos lençóis de ambos os lados dela.

— Eu vou te foder agora, — ele falou por entredentes em seu ouvido.

— Oh, Deus, por favor...

Selena gritou alto quando ele a penetrou, esticando seu interior quase além do limite. A dor foi em uma medida perfeita, e então ele começou a bombear. Nada de movimentos lentos e regulares; eram violentos, puro poder, poder que a fez ver estrelas até perder a força de manter o corpo elevado da cama. Caindo de cara nos lençóis que tinham o cheiro dele, ela lutou para respirar e amou a sensação de sufocamento que sentia a cada arremetida que a fazia esfregar o rosto nos travesseiros.

Bang! Bang! Bang!

A cabeceira estava tendo a mesma experiência violenta que ela, batendo na parede, o som reverberando junto com os gemidos dele, que era todo animal.

Virando a cabeça para olhar acima do ombro, ela tentou vê-lo.

Trez estava magnífico, os peitorais e ombros elevados, os enormes braços esculpidos em músculos, o abdômen definido, enquanto os quadris arremetiam contra ela. Quando ele gozou, jogou a cabeça para trás como quando ela o dominou, e uivou, expondo as presas brancas longas e mortais, os tendões do pescoço saltaram nas laterais, os quadris bateram contra ela enquanto ele metia, metia e metia...

Ele gozou dentro dela.

E o sexo dela o ordenhou, provocando-o até ela sentir a umidade escorrendo pelas coxas.

Ele mal retirou o corpo de dentro dela e caiu para o lado, como se cada gota de força houvesse sido drenada dele. A cabeceira deu um último *bam!* quando ele se jogou e quicou, as mãos, braços, tórax e pernas relaxando de todo aquele esforço físico. A boca dele se moveu, os olhos escuros encontraram os dela e ali ficaram.

Ela não fazia ideia do que ele estava falando. E não importava. Sua bunda ainda estava para cima, o sexo formigando pelo modo violento como foi tratado, seu corpo tão saciado quanto a aparência dele. Correntes de ar, da ventilação acima, vinham do teto, tocando tudo o que estava exposto, fazendo cócegas, esfriando.

Aquele havia sido o melhor sexo de sua vida. Selvagem e rude, do jeito que lhe haviam contado, e para o qual fora treinada, do jeito que devia ser.

Antes de Selenia permitir-se deitar-se ao lado dele e deslizar para seu próprio sono, sorriu tão largamente que suas bochechas doeram.

Ela fora, pela primeira vez na vida, não só bem e verdadeiramente fodida, mas marcada pelo macho que amava. Mesmo com o futuro que tinha de enfrentar, era difícil não se sentir abençoada.

Capítulo VINTE E DOIS

iAm recobrou consciência, mas manteve os olhos fechados. O que o acordou foi a dor excruciante na parte de trás da cabeça; aquilo e o frio do chão sobre o qual estava deitado. Por um momento, considerou bancar o gambá e tentar descobrir onde estava pela audição, olfato e instintos, mas não havia motivo para isto.

Ele sabia exatamente onde o tinham posto.

Bastardo traidor fodido.

Levantou as pálpebras e viu uma grande porção de nada. Só que, estava deitado de bruços, um braço por baixo do tórax como se tivesse sido jogado...

Uma porta abriu no canto atrás de si. E ele percebeu não pelo ranger de dobradiças, mas pela súbita adição de vozes e passos na cela.

— Porque eu checaria suas marcas? — um macho perguntou. Não era s'Ex.

— É o protocolo.

Sim. Nada havia mudado.

iAm voltou a fechar os olhos e ficou perfeitamente parado, exceto por respirar superficialmente enquanto as pegadas se aproximavam.

Houve um engasgo. E então dedos apalpam suas costas, como se esticassem a pele onde havia sido marcado, como todos os machos eram, aos seis anos de idade.

— Isto não pode estar certo.

Os passos se afastaram apressadamente e, ele supôs que a porta voltou a ser fechada.

Erguendo a cabeça, sua visão borrou-se e voltou ao foco. Não havia mais ninguém na cela bem iluminada de seis metros por seis, as paredes branco brilhante, tão lisas que ele poderia ver seu reflexo escuro nos painéis de mármore.

Sua cabeça doía tão infernalmente que foi forçado a deitá-la de novo, a bochecha achando o exato ponto na pedra que havia sido aquecido pela temperatura de seu corpo desmaiado. Seu braço estava matando-o, sentia o membro anestesiado e dolorido ao mesmo tempo, mas, lhe faltava energia para se mover e tirar o peso do corpo de cima dele. Deitado ali, respirando, existindo,

ele não fazia ideia de quanto tempo havia se passado, o que iam fazer com ele, ou se ele ia descobrir que sua brilhante ideia de que estava vivo era um engano.

Do nada, veio-lhe uma imagem mental dele saindo do Sal's na noite anterior, saindo livremente do restaurante que amava, conversando com os garçons.

Pegou-se desejando poder rebobinar o tempo e voltar àquela encarnação de si mesmo, suas lembranças do jeito que a noite sentia-se fria em seu rosto, e como a fumaça dos cigarros dos garçons subiam espiraladas das pontas acesas, tão claro que, por um momento, pareceu impossível não poder retornar àquele lugar no tempo... Pisar nos sapatos que calçava então... Reassumir a vestimenta de sua pele, do mesmo modo como reassumia sua forma após se desmaterializar.

Mas é claro, o tempo não funcionava assim. E a memória era como um show de televisão da própria vida, uma tela de filme ao qual se podia testemunhar, mas, não interagir, mudar o curso ou redirecionar.

O desespero por Trez, grande motivador de sua vida, havia o levado de volta ao coração do inimigo que ele e o irmão dividiam.

E havia uma chance muito boa de que esta merda fosse vencê-lo.

Com um gemido, rolou para o lado e piscou algumas vezes. Suas armas, assim como a túnica que vestia, haviam desaparecido. E não havia mais nada na cela...

A porta abriu, o painel deslizou silenciosamente na parede. E quem entrou estava coberto da cabeça aos pés em camadas sobrepostas de tecido, o rosto coberto, o pé coberto, mesmo as mãos enluvadas.

Seria a Morte? Perguntou-se. Teria ele desmaiado e estaria sonhando...

Um sutil aroma foi registrado.

Mas não em seu nariz. Em todo o seu corpo.

Como uma corrente de eletricidade.

A porta foi fechada por trás da figura alta e coberta. E enquanto o macho se aproximava, iAm fez de tudo para assumir um tipo de postura defensiva.

Não conseguiu muito.

Uma mão enluvada se esticou; ele foi rolado de volta; e então sentiu o toque na base de sua coluna.

— Eu vou... Matá-lo... — iAm murmurou. — Machucá-lo.

De que forma, não fazia ideia. Mas ia lutar, isso era uma maldita certeza.

A figura recuou um passo. Inclinou a cabeça como se considerando o método de morte que seria usado.

No s'Hisbe, a maior parte dos prisioneiros eram primeiro torturados. Amaciados, iAm sempre pensara. Então eram massacrados, enterrados ou devorados por s'Ex e seus guardas, dependendo do crime.

Este último era uma tradição orgulhosa. Também simplificava a questão sobre o que fazer com o corpo.

iAm fechou os punhos e preparou-se para o que se abateria sobre ele.

Só que a figura simplesmente o observou por um longo momento. E então recuou para a porta e saiu.

Oh. Okay. Eles verificaram quem ele era, e viram que não havia motivo para matá-lo antes de capturarem Trez novamente. Aquilo seria um desperdício de recursos.

Merda.

Relaxando os músculos, ele tentou mover-se e rezou que as habilidades naturais de cura de seu corpo cuidassem da concussão rapidamente.

Ele ia precisar ser capaz de enfatizar suas palavras de resistência com mais do que um corpo inerte e membros feitos de chumbo.

Maldição, ele jamais devia ter confiado em s'Ex.

De volta em Caldwell, Paradise sentou-se na cama, sobre as pernas, olhos fixos no céu noturno do outro lado de suas janelas fechadas e trancadas.

— Então você vai mesmo? — disse ela, ao celular.

Peyton riu.

— Diabos, claro, está brincando? Estou morrendo de vontade de sair daqui. Desde os ataques estou trancado, e o fato de meus pais me deixarem entrar neste programa de treinamento é um milagre.

Ela olhou para as trancas na porta de seu próprio quarto, as quais, a propósito, estavam trancadas naquele momento.

— Me pergunto se meu pai me deixaria ir, — murmurou.

Houve uma pausa. Então uma risada.

— Oh, meu Deus, Paradise. Não. Uh uh. De jeito nenhum.

— É, você deve ter razão. Ele é realmente protetor...

— Aquele programa *não* é para fêmeas.

Ela fechou a cara.

— Com licença. O decreto da Irmandade dizia que seríamos bem-vindas se quiséssemos tentar.

— Okay, primeiro, “tentar” não significa “ser aceita”. Você sequer já fez uma flexão?

— Bem, tenho certeza que conseguiria se eu...

— Segundo, você nem é uma fêmea comum. Digo, olá, você é membro de uma Família Fundadora. Seu pai é o Primeiro Conselheiro do Rei. Você precisa ser preservada para procriação.

A boca de Paradise se abriu em choque. — Não acredito que acabou de dizer isto.

— O quê? É verdade. Não finja que as regras são as mesmas para fêmeas como você. Como, se um sujeito civil, que só por acaso use saias, quiser fazer uma tentativa, tudo bem. Seria uma perda que não significaria nada para a espécie. Mas, Parry, não sobraram muitas como você. Para machos como eu? Não queremos nos emparelhar com ninguém menos que vocês, e existem hoje quantas, quatro ou cinco de vocês?

— Esta é a racionalização mais machista que já ouvi. Vou desligar.

— Aw, vamos lá. Não fique assim.

— Vai se foder. Eu sou mais do que só um par de ovários no qual se pode colocar uma aliança.

Ela desligou e pensou em arremessar o celular contra a parede. Quando não conseguiu seguir o impulso, começou a se preocupar com todos os seus modos inatos que no fundo só reforçavam que Peyton estava certo.

Ela era mesmo só uma flor de estufa, não prestava para nada além de xícaras de chá, ter filhos e...

Quando seu celular começou a tocar de novo, ela jogou-o sob o edredom, deitou-se no chão e plantou a palma das mãos sobre o tapete de crochê. Esticando as mãos, equilibrou na ponta dos dedos dos pés.

— Certo, — ela disse, cerrando os dentes. — Para cima e para baixo. Cem vezes.

Ela conseguiu descer sem dificuldades, os braços mais do que famintos por obedecer. E quando seu nariz tocou o padrão de um vaso de flores que havia no tapete, ela sentia-se uma fera, pronta para arrebentar com tudo.

Subir foi... Aceitável.

Descer de novo para o tapete. Eeeeeee subir.

Mais ou menos. Os músculos em seus bíceps começaram a tremer; os cotovelos falsearam; os ombros gritaram.

Ela conseguiu três vezes. Ou, tipo, duas vezes e meia. Antes de cair no...

— O que está fazendo?

Com um ganido, Paradise levantou-se. Seu pai estava na porta do quarto, segurando a chave que ele usava para abrir todas as portas, e as sobrancelhas dele se ergueram tanto, que quase encostaram na linha do cabelo.

— Flexões, — ela disse, arfando.

— Para que?

Pergunte, ela pensou. Desembuche e diga, Eu quero me juntar ao programa do Centro de Treinamento da Irmandade...

Seu telefone tocou de novo.

— Não vai atender? — Seu pai perguntou.

— Não. Pai, eu tenho uma...

— Algo aconteceu, querida. — Ele fechou e voltou a trancar a porta. — E preciso ser franco com você.

Paradise dobrou as pernas e enlaçou-as com o braço.

— Fiz algo errado?

— Oh, não. Claro que não. — Ele meneou a cabeça ao olhar para ela. — Você é a melhor filha que qualquer macho poderia desejar ter.

Quando seu telefone parou de tocar, ela teve de se perguntar quanto dos pontos de vista de Peyton seu pai dividiria. E quantas vezes Peyton ia tentar ligar para ela de novo.

— Preciso que faça suas malas, — ele disse.

Paradise recuou.

— Por quê?

— Preciso que fique longe daqui por algumas semanas.

Um jato de frio atravessou-a.

— Por quê?

— Oh, amor. — Ele se aproximou e se ajoelhou. — Por nada. É só que, eu achei que poderia gostar de ter um emprego.

Agora foram as sobrancelhas dela que se ergueram.

— Sério?

Ela havia levantado o assunto alguns meses atrás, quando, após outra noite tomando lições de piano e fazendo bordados complicados e intrincados a fizeram sentir-se como se fosse enlouquecer. Mas, ele havia cuidadosamente negado, no interesse de sua segurança, um ponto que ela tanto respeitava quanto a deixava frustrada.

Era difícil discutir que o mundo não era um lugar muito perigoso para vampiros.

— O que mudou? — Então ela se lembrou do parente distante. — Espere, aquele macho vai continuar por aqui?

— Não é nada com ele. Além disto, meu cargo de Primeiro Conselheiro está ficando mais complicado e trabalhoso, e preciso de alguém em quem possa confiar para me ajudar com os negócios do Rei. Eu não posso imaginar ninguém mais apropriado do que você.

— Sério? — Ela disse, estreitando os olhos. — Não há nenhuma outra razão?

— De verdade. Prometo. — Ele sorriu. — Então o que diz... Gostaria de trabalhar comigo?

Com um súbito movimento de felicidade, ela agarrou o pai em um abraço. — Oh, obrigada! Sim! Estou tão animada.

Ele riu.

— Okay, mas você terá de se mudar para a mansão de audiências do Rei. Não se preocupe, não estará sozinha. Pode levar sua dama de companhia *doggen*, e a Irmandade tem a equipe completa no local...

Paradise ergueu-se e correu para o closet. Abriu as portas e começou a separar as peças de seu conjunto de bagagens Louis Vuitton.

— Estarei pronta em meia hora! Quinze minutos! — Ela abria gavetas, pegando roupas de baixo, sutiãs, camisetas. — Oh, o senhor chama Vuchie? Ela ficará tão animada!

Vagamente, ouviu o pai rir.

— Como desejar, minha senhora. Como desejar.

Capítulo VINTE E TRÊS

Rhage retomou forma no gramado da antiga mansão de Darius, e caminhou para a entrada da frente. No momento em que entrou na casa, ouviu uma série de suspiros, e olhou para a esquerda. No salão, havia um monte de civis amontoados em pé, em um grupo estranho, como se não se sentissem confortáveis sentados em todos aqueles móveis elegantes revestidos de seda, e os olhos que se arregalaram ao vê-lo.

É, sua reputação ainda o precedia.

Jesus, bastava ter sido um puto por alguns séculos, e as pessoas continuariam te julgando, mesmo depois de você se redimir e emparelhar adequadamente.

Era um pé no saco e, em uma noite normal, teria se aproximado e se apresentado, só para falar de Mary.

Esta noite, no entanto, se dirigiu às portas fechadas do que certa vez fora a sala de jantar. Batendo duas vezes, disse. — Sou eu.

Tohr abriu a porta com uma saudação, e Rhage entrou em uma sala mais cavernosa, mais vazia: Tudo o que havia ali eram algumas cadeiras, uma mesa com uma cadeira de escritório, e alguns assentos auxiliares, para serem usados em alguma audiência que tivesse gente demais para acomodar.

— Sem explosivos, — Wrath estava dizendo de uma das poltronas. — Nem armadilhas.

V estava em meio ao processo de acender um cigarro enrolado à mão, e ao tragar, o aroma de tabaco turco flutuou.

— Hollywood e eu repassamos a casa como um pente fino. Eles claramente estiveram lá. Tinham partido pelo que pudemos apurar. Mas, não se incomodaram de tentar nos foder.

Com sua mão da adaga, Wrath acariciou a cabeça do golden retriever que o ajudava a se locomover. George, sempre em adoração a seu dono, tinha o focinho voltado para o Rei, oferecendo livremente a garganta. — Então Throe não mentiu.

— Pelo menos não sobre isto, — V murmurou.

— Interessante.

Rhage olhou em volta para os rostos de seus irmãos. Z e Phury estavam em pé, juntos como sempre. Quinn estava próximo a Z, e então Blay e John Matthew, mesmo os machos não sendo membros, estavam ao seu lado. Butch estava do lado oposto ao Rei, com os braços pousados no apoio da poltrona onde apoiava seu peso; V estava atrás dele. Tohr estava perto da porta.

— O que fazemos agora? — Rhage perguntou.

— Esperamos. — Wrath se inclinou ainda mais e acariciou os pelos do cão. — Se ele começar a remexer na merda, vai se enforcar. A aristocracia terá de ser monitorada... Precisamos de uma fonte infiltrada. Alguma ideia?

Naquele momento, houve outra batida na porta. Tohr encostou o ouvido no painel e então abriu a porta. — Peça e receberá.

Abalone enfiou a cabeça pela porta.

— Meu senhor? Sinto muito me intrometer, mas posso, por favor, apresentar minha filha, antes de começarmos as audiências desta noite?

Wrath gesticulou para o macho se aproximar com a mão livre. — Sim, traga-a.

Abalone retirou a cabeça da fresta da porta e houve uma conversa sussurrada. Então reapareceu, puxando um projeto de fêmea. Com os cabelos louros, corpo magricelo e pernas longas, ela estava mais para o lado Princesa Ártica do sexo frágil.

Bela. Muito bela. Talvez até mesmo linda... Embora não chegasse aos pés de sua Mary.

Abalone levou a garota até se aproximar, uma mão guiando-a pelo cotovelo, seu orgulho de pai estufando o seu peito. — Meu estimado governante, grande Rei de toda...

— É, é, chega disto, — Wrath cortou, — Paradise, soube que está se mudando para a casa de minha *shellan* e seu irmão. Seja bem-vinda.

Quando ofereceu o diamante negro, Paradise fez uma reverência, as mãos tremendo tanto que pareciam tremular à luz do candelabro.

— Meu senhor, — ela sussurrou antes de beijar a joia.

Liberando a mão dele, ela endireitou-se e olhou para o chão, os ombros encurvados, pés travados.

— Quer conhecer meu cão? — o Rei perguntou.

George, sempre pronto para um carinho na cabeça, bateu com a cauda no chão, o som como o de alguém batendo corda no chão de terra.

— Pode fazer carinho nele, — Wrath disse. — Eu deixo.

A garota olhou rapidamente para o resto da Irmandade, os olhos baixados para os shitkickers. E foi quando até Rhage sentiu pena dela. Uma grande parte da aristocracia tratava suas fêmeas tão mal, que nunca eram admitidas na presença de machos de quem não fossem parentes, então esta era, sem dúvida a primeira vez que ela ficava em um ambiente com tanta testosterona.

— Vá em frente, George. Diga oi.

Ao incentivo de Wrath, o cão veio para frente e sentou a bunda peluda bem em frente a ela, com os ouvidos inquietos, e aquela cauda balançando de um lado para outro.

— É... É um garoto? — Perguntou ela, suavemente quando se abaixou no chão e estendeu a mão para todo aquele pelo.

— Sim. — Wrath olhou para cima. — Está certo, bando de imbecis, apresentem-se, está bem? E sejam educados.

Todos pigarrearam. Por fim, Phury deu um passo à frente e fez as apresentações. Provavelmente foi melhor assim... ele era o mais próximo de um cavalheiro que tinham.

— Que bom que está aqui, — o Primale disse. — Eu sou Phury... Nós amamos seu pai, a propósito. É um cara legal.

Eeeeeee isto fez Abalone quase levitar para fora de seus sapatos Bally.

Ela olhou para aqueles olhos amarelados e lhe deu um sorriso. — Oi.

— Aquele ali é meu gêmeo, — ele indicou Z, e Zsadist, sempre consciente de sua aparência ameaçadora com aquela cicatriz no rosto, continuou afastado, erguendo a mão quando Paradise recuou. — Zsadist é emparelhado e tem uma filha chamada Nalla. Ela é maravilhosa... Olha aqui uma foto dela.

Enquanto Phury estendia seu celular, a garota olhou para a foto. Olhou para Z. Voltou a olhar para a foto.

— Minha bebezinha, — Z disse, em uma voz profunda. — Ela tem dois anos, e parece com sua *mahmen*.

Instantaneamente a garota relaxou. Então Phury apresentou Vishous, que só acenou e Butch, que lhe deu um “Oi, como vai!” típico de Boston. John Matthew, Blay e Qhuinn foram os próximos e então Phury indicou Rhage.

— E o Brad Pitt ali é Hollywood.

Ele sorriu. — Prazer em conhecê-la.

O olhar de Paradise fixou-se nele, os olhos arregalaram, mas não de medo. Longe disto.

— É, ele é lindo, — alguém disse. — Até conhecê-lo melhor.

— Aww, vamos lá, — Rhage respondeu. — Não me difame.

A conversa brotou, com Wrath fazendo à Paradise algumas perguntas para encorajá-la a falar de si. Quando a garota voltou a atenção ao Rei, Rhage pensou na época antes de conhecer Mary. Sem dúvida ele teria dado em cima daquela inocente... E teria conseguido conquistá-la. Ele nunca falhava, já que controlava sua besta fodendo com tudo e com todos que passavam perto dele. O que era bom para ele. Não tão bom para as fêmeas que queriam manter sua virtude.

E ele não tinha dúvida de que Paradise era uma dessas.

Então sim, ele estava feliz de conhecê-la sob estas circunstâncias, quando não havia absolutamente nenhuma chance de ele dar em cima dela. Ele emparelhara com *sua* Virgem, do jeito que Vishous previra que ocorreria, e sua vida fora salva.

Por alguma razão, um sentimento de enjôo o transpassou.

Levou a mão até o bolso, tirou o celular. Verificou as mensagens de texto.

Trez, o pobre bastardo, ainda não tinha respondido. Parecia estúpido incomodar o cara de novo, dado tudo aquilo com o que ele já tinha de lidar, mas, era difícil não tentar contatá-lo de novo.

Rhage desejava que houvesse algo mais a fazer para ajudar o cara e sua Escolhida.

Ele realmente desejava.

Não havia como ligar a seta.

Quando Layla dirigiu sua Mercedes de volta à mansão da Irmandade, ela trazia seu braço machucado pousado no console entre os assentos, uma jaqueta sobressalente amontoadada por baixo para aumentar a altura e diminuir os balanços.

A dor era atordoante, o tipo de coisa tão forte que era sentido nas entranhas.

Então não, não havia como sinalizar direita ou esquerda.

Pelo menos não havia ninguém naquela estradinha rural tão tarde da noite.

Passaram-se horas, talvez dias até ela chegar à montanha da mansão, e o *mhis* foi um pesadelo. A distorção da paisagem de V, uma medida de segurança para manter sua posição em segredo, implicava em ver tudo borrado, como se uma neblina houvesse caído sobre a floresta. Exausta de tanto conter a vontade de vomitar, em combinação com a visão falha, significava que ela se sentia completamente perdida, e seu instinto foi se inclinar e se aproximar do pára-brisa... O que não ajudou.

Tudo aquilo só fez seu braço doer ainda mais.

Quando as luzes brilhantes da mansão finalmente entraram em foco, ela rezou, *rezou* para que os Irmãos estivessem todos lutando para que ela conseguisse chegar ao quarto sem ninguém vê-la. Contornando a fonte que já estava coberta para o inverno, ela estacionou perto do GTO roxo de Rhage e do brinquedo novo de Butch, uma Mercedes preta que parecia uma caixa de pão.

Ela teve de se contorcer para controlar o volante e empurrar a alavanca da marcha para estacionar o carro na vaga... E descobriu que tinha de se esticar ainda mais para apertar o botão Stop/Start para desligar o sedã. Daí foi questão de respirar superficialmente pela boca enquanto se recuperava do esforço. Olhando pelo espelho retrovisor, ela teve uma visão da entrada da mansão... E não fez ideia de como chegaria até lá. Muito menos de como se arrastaria até o quarto.

Não havia outra escolha. Ou ela fazia isto sozinha, ou teria de pedir para outra pessoa mentir por ela: não tinha como esconder o ferimento, não enquanto tão fresco. E ela não podia deixar Qhuinn descobrir o que acontecera.

Ou, pior ainda, o que ela andara fazendo quando caíra.

Maldição, esta situação era punição por sua vida dupla... Suas duas realidades opostas se chocando, nocauteando-a, expondo-a.

Potencialmente.

Hora de entrar.

Layla teve uma nova uma lição em termos de dor ao abrir a porta e tentar erguer-se do assento de couro, o braço gritando quando o osso quebrado se moveu.

Recuperar o fôlego. Vários deles.

E então de alguma forma, conseguiu sair do carro.

A mansão sempre fora assim tão longe da área de estacionamento?

Contornar a fonte não foi muita questão de botar um pé em frente ao outro, mas cambalear sobre os paralelepípedos tentando não desmaiar. Quando chegou aos degraus de pedra que levavam às portas do tamanho de catedrais, ela quis chorar. Em vez disto, subiu de uma só vez.

Ao abrir as portas do vestíbulo, percebeu que cometera dois erros: deixara o carro destrancado, e ela teria, de fato, de interagir com alguém... Não havia jeito de entrar na casa sem colocar a cara na frente da câmera de segurança e esperar ser atendida.

Olhando de volta para a Mercedes, não teve energia para voltar e fechá-lo. E tentar dar a volta para a entrada de serviço da garagem estava...

Foi onde as coisas acabaram.

Enquanto sua mente se debatia entre as suas opções limitadas, seu corpo desconectou-se sozinho da tomada da consciência: desligou e a gravidade fez sua mágica, o degrau se ergueu para saudá-la com um abraço duro, muito duro.

Que ela não sentiu.

Capítulo VINTE E QUATRO

Era quatro da manhã quando Assail guiou seu Range Rover blindado até a beira do Rio Hudson. A alameda onde estava era tão larga quanto um lápis e suave como uma corrida de obstáculos. Ao lado dele, Ehric estava calado, a .40 do macho pousada sobre as coxas, um dedo inquieto sobre o gatilho, pronto para atirar ao menor sinal de movimento ou barulho.

Um rápido olhar pelo espelho retrovisor mostrou-lhe que o gêmeo de Ehric, Evale, encontrava-se igualmente alerta e preparado para qualquer coisa.

Cerca de vinte metros adiante da “estrada”, era possível ver a clareira pouco profunda na margem. O procedimento era o mesmo todas as vezes: Ele pararia o SUV na linha das árvores e daria a volta de forma que, se algo imprevisto acontecesse, ele poderia sair rapidamente com o dinheiro ou as drogas. Então ele esperaria com seus rapazes, geralmente, cerca de dez minutos, antes que o barco de pesca ruidosamente aparecesse.

Seus primos usavam coletes à prova de balas. Ele não.

Eles estavam sóbrios. Ele não.

Nem isto era surpresa. Ele jamais se importara com qualquer tipo de proteção peitoral, e a outra coisa? A esta altura, teria de abster por vários dias para que a cocaína saísse completamente de seu sistema.

Ao continuar dirigindo, deixou sua mente vaguear, a imagem de outro tipo de baía, um tipo diferente de água, apresentando-se e se recusando a sumir.

Ele viu a praia. O oceano. Palmeiras. Tudo isto brilhando à luz da lua.

Viu uma fêmea caminhando sozinha ao longo do calor acariciante do mar, seus braços cruzados sobre o peito, a cabeça baixa, a aura de uma sobrevivente cheia de arrependimentos...

— Cuidado! — Ehric exclamou.

Assail forçou-se a se concentrar bem antes do Range Rover comer carvalho como Última Refeição... Ou, mais provável, seria o contrário.

Felizmente, a viagem acabou minutos depois, e ele conseguiu manobrar sem dificuldades, amassando o mato seco e curto até a grade imensa do SUV estar

virada para frente. Não havia faróis foi outra das modificações que ele havia providenciado junto com a blindagem.

O motor silenciou e seus dois passageiros saíram. Antes de se juntar a eles, retirou um vidrinho de dentro de seu casaco de lã. Um giro rápido. Colher na mão.

Sniff. Sniff.

E duas outras para a outra narina.

Após um rápido bufar para se assegurar que tudo estava onde devia, saiu do interior morno. Devolveu seu estoque para o local seguro, se envolveu ainda mais no casaco. O ar noturno estava muito frio, e folhas caídas eram trituradas sob suas botas ao se juntar aos primos.

Não houve conversa.

E ainda assim, a desaprovação pelo seu nível de consumo estava evidente pela tensão em suas mandíbulas.

Mas isto não importava a ele. Tanto fazia eles desperdiçarem o fôlego com palavras, ou simplesmente o fitarem com ar zangado, como agora, ele não tinha intenção de mudar seus hábitos.

O som de um único barco à motor vindo em velocidade baixa surgiu tão baixinho que, de início, não seria possível distingui-lo dos ruídos do ambiente da floresta e do rio. Mas, logo, o barco de pesca deu a volta para a curva da costa, lento e baixo para a água. Havia dois indivíduos sentados no casco aberto, ambos vestidos como pescadores acima de qualquer suspeita com seus bonés e coletes camuflados, somente as máscaras pretas indicavam algo nefasto. Também havia varas de pesca montadas em corrente, estendendo-se por trás da popa.

O capitão aproximou o barco humilde de frente, desacelerando o motor para que parasse com um beijo, e não um soco.

Os primos se aproximaram enquanto Assail manteve-se na retaguarda, com sua própria .40 a postos. Os aromas dos dois machos humanos os identificaram como diferentes, mas relacionados aos dois que vieram da última vez. E da vez antes daquela. E assim por diante.

— Onde estão os outros? — Assail exigiu.

Os homens pararam no processo de pegar três das cinco sacolas que estavam escondidas sob uma lona camuflada.

Assail sorriu fracamente diante de sua surpresa. — Acharam que eu não saberia?

— Eu sou irmão, — o da esquerda disse em um pesado sotaque inglês. — Ele é primo.

Assail inclinou a cabeça, aceitando a explicação. Na verdade, ele não se importava quem entregava seus produtos, contanto que fossem pontuais, pelo preço e qualidade acordados e sem interferência de agentes da lei humana.

Até agora, tudo bem com estes dois.

Momentos depois, Ehric e o irmão aceitaram as bolsas e se afastaram, um olhando para frente, outro para trás, para cobrirem todo o terreno.

— Um momento, — Assail pediu lentamente. — Se não se importam.

Os humanos pararam de novo, e ele sentiu a ansiedade deles de modo tão claro quanto uma reverberação na superfície de uma mesa, a transferência de energia viajando facilmente através do ar que separava seus corpos.

— O que mais tem aí embaixo? — disse ele, apontando para a lona. — Há mais duas sacolas, não há?

O mais baixo deles, o primo, arrumou a cobertura de volta no lugar e voltou-se para os controles do barco.

— O esquema mês que vem, — o outro disse, — o mesmo?

— Entrarei em contato com seus chefes.

— Muito bem.

Só isto, eles voltaram a seu caminho, ruidosamente contra a corrente vagarosa de água fria, com a propaganda de outra empresa na lateral.

Franzindo o cenho, Assail observou enquanto eles cruzavam o leito das águas e prosseguiam paralelamente à margem oposta.

Um momento depois, voltou ao Range Rover e quando bateu na janela da porta do passageiro, Ehric baixou o vidro.

— Sim? — O macho disse.

— Vou segui-los. — Assail acenou na direção do barco. — Eles estão negociando com outra pessoa. Quero descobrir quem.

Com um gesto curto de concordância, Ehric desmaterializou para o assento do motorista e engatou o SUV. — Eu também percebi. Ligue se precisar de ajuda.

Quando o Range Rover se afastou, Assail se virou e caminhou de novo para a água. Fechando os olhos, teve de lutar contra o efeito da cocaína para se acalmar, e levou um tempo até poder se desmaterializar no vento gelado. Quando retomou forma, alguns quilômetros abaixo do rio, esperou até o barco aparecer de novo.

Os homens não percebiam sua presença, já que ele se escondeu entre as árvores coloridas e contrastava com a vegetação marrom, observando-os passar.

Mesma velocidade de motor. Mesmo protocolo para entregar as mercadorias para ele. A questão era: quem era o próximo cliente?

E que tipo de drogas eles estariam vendendo?

O chefe deles havia concordado em lidar exclusivamente com ele nesta parte do estado de Nova Iorque. E embora a competição fosse boa para o capitalismo, não era bem-vinda em seu território; também desnecessária à declaração de renda deles. Seus pedidos eram suficientemente grandes e tão constantes que ele valia por vários negócios dignos de respeito.

Os bastardos.

De fato, era necessária honra entre os fora-da-lei. Para o bem de todo mundo. E ele havia elevado a sua parte da barganha, pagando cada vez mais. Mês após mês após mês.

Mas estava preparado para resolver este problema.

Prontamente.

Mortalmente.

Rhage, Tohr e V voltaram à mansão não muito depois de conhecer o motivo de orgulho e alegria de Applebottom, com Butch seguindo no Range Rover. Quando os três reassumiram suas formas físicas no quintal, uma luz brilhava entre a fila de carros e chamou a atenção deles.

Rhage foi até a porta aberta da Mercedes azul bebê. — Layla?

Só que não havia ninguém lá dentro, remexendo a bolsa ou juntando sacolas, antes de ir atravessar o gramado até a casa.

Ele fechou a porta. — Ela não...

— Layla! — Tohr gritou. — Oh, merda!

Rhage olhou na direção da entrada da mansão. A pesada porta do vestíbulo estava meio aberta, uma perna se estendia ao nível do chão, o tornozelo mantinha os painéis abertos.

Os três dispararam até os degraus. Enquanto Rhage abria mais o tremendo peso da porta, V, com seus conhecimentos médicos, pulou sobre o corpo colapsado e começou a checar os sinais vitais.

— Tohr, — Rhage disse, — chame...

Mas seu irmão já estava com o telefone no ouvido — Oi, Jane? Precisamos de você aqui no vestíbulo. Layla desmaiou. V, sinais?

Quando o irmão botou o celular na cara de V, Vishous disse à companheira, — Batimentos cardíacos estáveis, mas lentos. Assim como a respiração. Sem sinal visível de trauma.

— Ouviu isto? — Tohr disse, voltando a falar. — Bom, obrigado! — Ele encerrou a chamada, e imediatamente voltou a discar. — Ela está trazendo Manny e Ehlena. — De volta ao ouvido. Espera. Espera.

Ele estava, obviamente, ligando para Qhuinn...

Por alguma razão, o mundo ficou vacilante para Rhage: em um minuto, ele olhava para Layla, e pensava que não havia nada mais aterrorizante do que uma fêmea grávida caída em qualquer tipo de chão. No seguinte, o vestíbulo girava em volta dele como uma bola no fim de um barbante, sua cabeça, o ponto central da tontura, seu equilíbrio estranhamente não comprometido...

— Ele vai cair!

Huh. Acho que ele não estava tão firme quanto achou.

Quando sentiu uma mordida em seu bíceps, baixou o olhar e viu a mão de Tohr travar-se em seu bíceps, segurando-o.

Uau. Que másculo, Rhage pensou.

Uma rodada de sais vitorianos só porque uma fêmea está...

— Layla!

A aparição em pânico de Qhuinn bem perto dele lhe deu o estímulo para acordar de que precisava, sua mente clareou enquanto o macho abria seu caminho até chegar à fêmea que carregava seu filho. Blay, como sempre, estava logo atrás dele, pronto a fazer qualquer coisa para apoiar o companheiro.

— O que diabos aconteceu? — Qhuinn exigiu.

V começou a falar. Dra. Jane e equipe chegaram. Equipamentos médicos foram tirados de uma maleta preta antiquada.

Virando-se para Tohr, que ainda o amparava, Rhage ouviu uma estranha versão de sua voz dizer, — Estou tendo problemas para respirar, irmão.

Tohr voltou a cabeça para sua direção. — Qual o problema?

— Eu não sei. Não... Consigo respirar. — Ele massageou o peito com a mão livre. — É como se houvesse um balão aqui. Tomando todo o espaço.

Enquanto a equipe médica rolava Layla de costas, o pessoal da primeira fila praguejou. O braço dela estava no ângulo errado, a parte abaixo do cotovelo mostrando uma torção feia que deve ter acontecido quando ela desmaiou.

— Rhage? — Alguém lhe disse, — Olá?

Ele olhou para Tohrment, — O que?

Thor inclinou-se, — Quer tomar um pouco de ar fresco?

— Já não estamos do lado de fora? — Para responder a esta pergunta, olhou para o céu — Sim, estamos...

— Que tal darmos uma voltinha?

— Quero ajudar.

— Sim, eu sei disto. Mas, acho que sair para caminhar é uma boa ideia. Você está branco como papel, e se apagar agora, posso garantir que não vai ter ninguém para amaciar sua queda e não precisamos de mais pacientes agora.

— Huh?

— Vamos.

Quando seu irmão puxou o braço, Rhage começou a esfregar o peito. — Eu não sei porque não consigo respirar...

A última imagem que teve, ao se afastar, foi do rosto de Layla virado para o lado, os olhos abertos, mas, sem enxergar nada.

— Ela morreu? — Ele sussurrou. — Ela morreu?

— Vamos, irmão meu...

— Morreu?

— Não. Está viva.

Cada vez que piscava, via seu cabelo louro no mármore como líquido derramado, os lábios tão pálidos quanto o rosto, aqueles olhos verde-jade, opacos e imóveis.

— Mary? Sim, Mary, tenho uma situação aqui com seu garoto. Pode vir agora?

Quem estava falando? Oh sim, Tohr. Ao telefone. O Irmão havia sacado o telefone.

Rhage começou a balançar a cabeça. — Não, ela não pode vir. A mãe no Lugar Seguro. Ela tem de ficar...

— Está bem, obrigado. — Tohr desligou — Ela está vindo agora.

— Não, eles precisam dela...

— Irmão? — Tohr aproximou o rosto do rosto de Rhage. — Tenho certeza que você não sabe como está sua aparência agora. Faz o favor de sentar aqui... Sim, bem no chão. Bom garoto, está indo bem.

Os joelhos de Rhage seguiram as instruções, seu cérebro estava preocupado demais com o quanto sua *shellan* não precisava perder seu tempo precioso com ele. Mas, parecia que aquele ônibus já tinha partido do ponto.

Colocando a cabeça entre as mãos, Rhage se inclinou para frente e se perguntou se não teria algo errado com seus pulmões. Uma gripe vampírica de ação rápida. Uma infecção. Um veneno qualquer.

A grande mão de seu irmão fez círculos lentos em suas costas, e sob aquela palma pesada, a besta, em sua forma de tatuagem, surgiu e se moveu como se o pequeno ataque de Rhage tivesse deixando-a nervosa.

— Sinto-me estranho. — Rhage disse. — Não consigo... Respirar...

Capítulo VINTE E CINCO

Nos primeiros quilômetros, Assail se satisfazia em se desmaterializar no encaixe do barco. No entanto, por volta da quarta vez em que retomou forma, se impacientou pela chegada ao destino, a troca que seria feita, identidade do terceiro envolvido a ser revelada.

E havia outro motivo para ficar inquieto. Com o aumento da distância viajada, os dois homens se aproximavam cada vez mais da cidade de Caldwell, o que era uma ideia idiota.

Mesmo que já fosse noite avançada, o centro da cidade não era como o subúrbio e estariam rodeados por humanos por todos os lados; com certeza, dificilmente humanos com crédito com a polícia, mas, olhos curiosos eram olhos curiosos, e cada rato sem rabo, por mais ignorante que fosse, tinha um celular nos dias de hoje.

Ele até poderia ser capaz de se desmaterializar, mas, aquela dupla no barco não sabia executar aquele truque... E ele queria ser a pessoa a ensinar uma lição, não deixaria o Departamento de Polícia de Caldwell chegar na frente.

Desaparecendo de novo, foi forçado a retomar forma em meio às árvores plantadas à beira de um dos parques públicos da margem de Caldwell. E o barco continuou em frente.

Inacreditável.

Enquanto esperava para ver se indicavam a nova posição, e havia uma boa chance de que indicassem, porque não havia mais cobertura na costa, um comichão familiar começou a formigar na base de seu pescoço, desencadeando a necessidade por mais coca.

A necessidade vinha cada vez mais rápido ultimamente. A ponto de ele ser forçado a reconhecer sua sorte por curar-se tão rápido. Se fosse um mero humano? Já teria desviado o septo há meses.

Buscando em seu bolso, tirou o vidrinho. Só sentir a suavidade do frasco o fazia relaxar. Ele queria consumir a droga, mas não podia correr o risco de não conseguir se desmaterializar. O problema com o seu vício era que a necessidade por uma nova dose estava surgindo antes que o efeito da dose anterior tivesse

sequer começado a diminuir, a lombriga em suas entranhas se remexendo, remexendo, exigindo mais e mais enquanto seu corpo e cérebro lutavam para lidar com as velozes e enormes cargas da droga que consumia.

E de novo, a última coisa que queria era se colocar em dificuldades por estar nervoso demais para desaparecer.

Deus, ter isto em comum com a espécie humana com quem negociava era humilhante demais para descrever...

— Oh, só pode ser brincadeira. — Ele murmurou quando o barco finalmente demonstrou estar entrando em um lugar para aportar.

Mas não um lugar seguro. Certamente não um que ele teria escolhido.

A dupla pilotou a embarcação em direção à uma casa de barcos vitoriana. Claro que as janelas estavam escuras, mas havia luzes de segurança brilhando nas ripas que revestiam seu exterior, e sem dúvida uma patrulha do Departamento de Polícia, fazia turnos regulares no espaço que havia por trás da estrutura.

Mesmo assim, ele teria de entrar, caso eles entrassem.

E eles entraram.

Sem ideia do layout do interior do local, programou-se para retomar forma nas sombras entre aquelas irritantes luzes externas, suas roupas pretas mimetizando-o contra a lateral envelhecida da casa de barcos. Quando o barco entrou em uma das vagas, o som de seu motor patético ecoou, soando como um homem velho nos estertores finais de um ataque de tosse mortal.

Virando-se para uma das janelas, Assail concentrou seu olhar astuto através do vidro cancelado. A área interior era bem extensa e, assim que identificou o seu ponto, se desmaterializou e passou através da mesma entrada que os entregadores usaram. Teve o cuidado de reassumir sua forma física, encolhido em um canto apertado no extremo oposto, entre uma estante de suprimentos de tripulação, caída em montes, e uma floresta de dispositivos pessoais de flutuação cor de laranja pendurados em ganchos.

O motor foi desligado e o par conversava suavemente em idioma estrangeiro. Após silenciarem, o único som era a água se movendo e gargalhando por baixo do barco e através do escoramento das docas.

Assail odiava cheiro de peixe morto, flora decomposta e lonas úmidas no ar.

Após um tempo, a aproximação de algo no exterior chamou sua atenção, e então, uma luz amarela penetrou o interior. Localizando uma janela empoeirada,

olhou para fora, só para ver um caminhão do Departamento de Parques Públicos de Caldwell estacionando.

Bem, agora, isto está a ponto de ficar interessante.

Ou a entrega ia ser interceptada e chamariam a polícia... Ou algum humano que trabalhava para os parques estava tentando aumentar sua renda mensal através de suborno.

Descobriu que errou nas duas.

A porta principal rangeu ao ser aberta e, no instante em que uma figura masculina apareceu no umbral, o ar gelado que vinha de trás, espalhou o cheiro de *lesser* na casa de barcos.

E então, o *Forelesser* com quem Assail havia feito negócios, entrou com uma sacola de ginástica na mão.

Filho da Puta.

Como se atreve o bastardo a me passar para trás, pensou Assail, ao mesmo tempo em que suas presas se alongavam, por vontade própria. E como infernos aquele matador havia conseguido fazer contato com o fornecedor?

Formulando um plano para a emboscada, Assail sacou suas duas armas .40, e desejou ter tido o cuidado de colocar silenciadores. Não havia esperado usá-las na porra do centro de Caldwell, pelo amor de Deus.

— Me deixe vê-las. — O *Forelesser* declarou. — Abra as sacolas e me deixe vê-las.

Assail deu um passo à frente, pensando que poderia...

Cada um dos carregadores abriu uma mala e exibiu o conteúdo.

Não. Eram. Drogas.

Nada parecido.

Ao invés dos grandes tijolos selados em camadas de papel celofane, havia...

Armas. De grosso calibre, que se esfregavam, metal contra metal, umas contra as outras nas sacolas de ginástica.

Na escuridão era difícil determinar, exatamente, as especificações das armas, mas parecia haver uma variedade de metralhadoras ou rifles.

O lábio superior recuado de Assail voltou a ao lugar.

Embora estivesse preparado para interceder na eventualidade de uma negociação de drogas/dinheiro, não sentia mais tal compulsão.

Se o *Forelesser* quisesse usar seu lucro para comprar armas, era problema dele.

Deixando a casa de barcos do mesmo jeito que havia entrado, Assail dirigiu-se rio acima, em direção à sua casa envidraçada na península.

A única coisa com a qual se importava era se aquele *lesser* continuaria a vender seus produtos nas ruas e clubes de Caldwell em tempo hábil, confiável e honesto.

— Não, não, estou bem. Juro.

Enquanto falava, Rhage sentou-se à mesa de madeira maciça na cozinha da mansão da Irmandade. Os outros habitantes da casa estavam se reunindo para uma tardia Última Refeição, os *doggens* enfileirando-se para dentro e para fora da porta vai-e-vem, levando bandejas de prata do tamanho de tampos de mesas, cheias de todos os tipos de comidas recém-preparadas, molhos e vegetais.

Do outro lado, Mary encostou-se à ilha com topo de granito que ficava no centro da cozinha, com os braços cruzados sobre o peito, os olhos treinados fixos nele, como se avaliando um de seus pacientes do serviço social.

Contorcendo-se, ele quis se juntar aos irmãos e suas *shellans*, mas, pela expressão dela, aquilo não aconteceria tão cedo.

— Fritz? — Disse ela. — Vou preparar alguma coisa para ele, tudo bem?

O mordomo parou em meio ao processo de trazer um conjunto de mesa. — Eu ia fazer um prato na outra sala e trazer para cá...

— Eu quero cuidar de meu marido, — disse ela gentilmente, mas com firmeza. — Mas, se quiser... Mesmo que isto vá contra cada instinto autossuficiente de meu corpo, eu deixo as panelas e os pratos para você lavar.

O rosto velho e enrugado de Fritz assumiu a expressão de um cãozinho *basset* a quem tivessem negado frango com a promessa de mais tarde ter um bife: tanto preocupado quanto excitado. — Se houver qualquer coisa em que eu possa ajudar...

Três membros da equipe, em seus uniformes cinzentos e brancos, voltaram de mãos vazias da sala de jantar, o trio se dirigindo para o carregamento final que

era destinado a ser levado e servido nas várias mesas de apoio daquele enorme espaço iluminado.

— Na verdade, — sua Mary murmurou, — você acha que ele e eu podemos ter um pouco de privacidade aqui?

— Oh, sim, senhora. — Fritz de alguma forma se iluminou. — Assim que servirmos os pratos principais, eu mesmo levarei a equipe para o saguão. Eles ficarão mais do que satisfeitos em esperar lá.

— Obrigada. — Ela apertou levemente seu braço, o que o fez corar. — E só até a hora da sobremesa. Eu sei que vai querer a cozinha livre para ela.

— Sim, senhora. Obrigado, senhora. E eu pessoalmente limparei tudo após sua saída.

O mordomo fez uma acentuada reverência, pegou a última bandeja de prata, e tirou todo mundo dali. Quando a porta vai e vem parou, a adorada *shellan* de Rhage olhou para ele.

— Ovos? — Ela disse.

Diante daquela única palavra, o estômago de Rhage rugiu. — Oh, Deus, seria maravilhoso.

Mary anuiu e foi até a geladeira. Pegou uma bandeja fechada de ovos, um galão cheio de leite e uma caixa de manteiga; então, no armário, uma frigideira, uma grande tigela de misturar e vários utensílios recém-lavados.

— Então, — disse ela, ao partir o primeiro dos doze ovos. — Eu queria mesmo saber o que aconteceu lá.

Até aquele momento, Rhage fora bem sucedido em evitar a questão. Aparentemente, o indulto havia acabado.

— Estou bem, sério.

— Ok. — Ela parou em meio ao ato de quebrar um ovo e sorriu para ele. — Mas, como sua esposa, seu bem-estar é realmente importante para mim. Então, se tem alguma coisa te incomodando, não saber o que é faz eu me sentir excluída.

Ai. Só... Ai.

Quando ela começou a bater a mistura crescente de ovos, o som úmido o fez imaginar o conteúdo de sua própria cabeça.

Baixou os olhos para o tampo esburacado da mesa e deslizou o dedo em um dos veios da madeira de carvalho.

— A verdade é que eu não sei o que houve. Eu só me senti muito estranho e tive de me sentar. Mas, agora estou bem. Provavelmente foi só uma coisa passageira.

— Mmm, bem, me conte como foi sua noite.

— Não aconteceu nada demais. Fui até o esconderijo do Bando dos Bastardos e invadi...

— Não começou na clínica, com Trez e Selenia?

— Oh, sim. Mas, isto foi tipo, ontem, quando ela estava... Sabe, quando ela foi levada para lá. — Ele balançou a cabeça. — Não quero pensar nisto agora, se não se importa.

— Está bem, então esta noite você foi até o esconderijo do Bando dos Bastardos?

— Bem, primeiro passamos na casa de Abalone. O primo dele debandou das tropas de Xcor e nos disse onde ficava o esconderijo. De qualquer forma, eu e V invadimos o lugar.

— O que procuravam?

Ele deu de ombros. — Bombas. Armadilhas. Este tipo de coisa. Nada demais.

Ela emitiu outro som de *mmm* ao derramar o conteúdo da tigela em uma frigideira do tamanho do assento do banco do Hummer de Qhuinn. — E você ficou preocupado em se ferir lá?

— Não. Bem... Eu me preocupei com os irmãos, claro. Mas, faz parte do trabalho.

— Está bem. E então, foram para onde?

— Fui te ver. Daí à antiga casa do D., fizemos um relatório para Wrath e voltamos para cá. Era para eu me consultar com Manny para dar uma olhada no processo de cura daquele ferimento. V também.

— Está bem. — Ela foi até a torradeira com capacidade para seis torradas e carregou-a com o pão branco industrializado, total e plasticamente fantástico que era o favorito dele. — Então, você chegou aqui, e o que viu?

Ele piscou e viu o pé de Layla esticado para fora do vestíbulo. Então visualizou o rosto de Qhuinn ao se abaixar para a fêmea caída que carregava seu filho.

— Oh, você sabe.

— Mmmmm? — O cheiro de ovos sendo preparados acionou o botão do modo “Coma-agora” em seu organismo. — O que?

— Bem, você sabe o que aconteceu.

Quando Mary chegou, uma maca havia sido trazida da clínica e Layla havia sido carregada, o corpo transferido do chão para a maca, cuidadosamente, por Qhuinn e Blay.

Rhage caiu em silêncio e massageou o peito.

Pop! Fez a torradeira, e um momento depois, um prato com tudo feito exatamente do jeito que ele gostava, foi posto a sua frente.

Junto com uma caneca de chocolate quente, um guardanapo e talheres... Mas, o mais importante, sua adorável Mary.

— Esta é a melhor refeição de minha vida, — disse ele, só de olhar para a comida.

— Você sempre diz isto.

— Só quando você cozinha para mim.

Era engraçado. Como humana, sua Mary jamais conseguiria entender a reação de um vampiro macho, quando a fêmea com a qual era vinculado preparava comida com as próprias mãos, para ele. Esse tipo de coisa era um ato secreto, porque ia contra o âmagos do instinto masculino que era prover e satisfazer as necessidades de sua companheira, acima de tudo e todos, incluindo ele próprio, os irmãos, o Rei e todos os filhos que pudessem vir a ter.

Rhage era programado para alimentá-la primeiro e só então comer o que sobrasse. Mas, antes que ela mandasse Fritz e os *doggens* para fora, ela havia dito estar cheia, já que havia feito um lanche no Lugar Seguro uma hora atrás.

— Vai esfriar. — Ela disse, esfregando o braço dele.

Por alguma razão, os olhos dele se enevoaram e ele teve de piscar para afastar as lágrimas.

— Rhage? — Ela sussurrou. — Seja o que for, pode dizer.

Com um movimento rápido, ele negou com a cabeça. — Estou bem. Só quero aproveitar o banquete.

Ele ergueu o garfo e começou a alternar: uma garfada de ovos, uma mordida na torrada, uma garfada de ovos, uma mordida na torrada, gole, gole, gole de chocolate quente. E repetiu tudo até limpar o prato.

— Como a fêmea está? — Perguntou ele, ao limpar a boca e se recostar no espaldar da cadeira.

— Eu não sei, — Mary meneou a cabeça. — Simplesmente não faço ideia como isto vai acabar.

— É grave assim? — Quando ela estremeceu, ele disse, — Se houver algo que eu possa fazer...

— Bem, na verdade...

— É só dizer.

Ela estendeu o braço e tomou a mão dele, virando a palma para cima. Levou um tempo até ela falar, e quando ele já começava a se preocupar, ela disse:

— Quero que você imagine, apenas por um momento, que pode ter sido perturbador para você ver Selenia quase morrer e testemunhar a dor de Trez. Quero que considere que não é “só trabalho rotineiro”, para ninguém, ter de invadir uma casa onde jamais esteve, sem saber se algo irá explodir ou te emboscar ou matar você ou alguém que você ama. Quero que reflita que, ir até Wrath e não poder dizer-lhe que encontrou os Bastardos, ou que desarmou uma bomba, ou coletou algum tipo de informação, soa como fracasso para você. E finalmente, quero que entenda que, voltar para casa e ver Layla no chão, sabendo que está grávida, e o quanto se importa com ela, Quinn e Blay, é outro trauma. Acho que você teve um dia difícil, e suas emoções meio que entraram em pane.

— Eu não me sinto perturbado, minha Mary. Por nada disto. Estava tudo bem...

— Até você ter o ataque de pânico na frente da casa.

— Eu não tive um ataque de pânico.

— Você disse que não conseguia respirar. Que suas mãos e pés formigavam. Que estava tendo problemas para se conectar à realidade. Para mim soa sintomas típicos de um ataque de pânico.

Ele negou com a cabeça. — Eu não acho que foi isto.

— Está bem.

Rhage inalou profundamente e fitou o rosto de sua amada. — Você é a fêmea mais linda que eu já vi.

— Tenho certeza que não...

Ele tomou o rosto dela entre as mãos, acariciando com carinho. Enquanto seus olhos vasculhavam as feições familiares, ele não conseguia ter o suficiente

dela. Deus, nunca era o suficiente. Nem uma noite, um mês, um ano, uma década... Nem a eternidade que a Virgem Escriba tinha milagrosamente lhes concedido, jamais seria suficiente para ele.

— Você é a fêmea mais linda que eu já vi. — Ele acariciou os lábios dela com os seus. — Não sei o que fiz para merecer um destino com você, mas jamais, jamais vou te subestimar.

O sorriso que teve em resposta foi melhor do que o brilho do sol que ele jamais via, envergonhando até a bola de fogo que sustentava toda a vida, inclusive as daqueles que não suportavam seus raios.

Eles ainda estavam sentados daquele jeito, perdidos no olhar um do outro, quando os *doggens* vieram, para a sobremesa.

— Quer subir? — Ele disse em uma voz profunda e sombria, sua besta começando a surgir sob sua pele. — Estou pronto para a sobremesa.

O aroma dela chamejou. — Está?

— Mmm hmm.

— Quer que eu pegue um pouco de sorvete para você?

Ele estreitou o olhar na boca dela. — Nada disto. Eu quero chupar outra coisa.

— Bem, então, — ela sussurrou, colando a boca na dele, — vamos te alimentar.

Capítulo VINTE E SEIS

Suor frio.

Trez acordou suando frio, cada centímetro de sua pele encharcado, sua temperatura interior gelada a níveis árticos, o coração batendo tão rápido, que parecia que alguém havia enfiado a coisa em uma batedeira de bolos. Erguendo-se do travesseiro, gritou...

Cama. Ao invés de algo terrível e chocante... Tudo o que viu foi uma porção de sua cama, e tudo estava absolutamente normal, do abajur que brilhava próximo à ele, a suas roupas jogadas sobre a chaise, aos sapatos caídos obliquamente onde foram chutados no amanhecer passado.

Por um momento, ficou confuso. Virgem Escriba. Um lugar qualquer, místico. Selenia na grama, na clínica, congelada, congelada...

Um gemido suave quebrou o fio entre pesadelo e realidade.

Virando-se subitamente, viu Selenia deitada em sua cama, os ombros nus aparecendo acima dos lençóis, os cabelos negros espalhados na fronha branca, rosto e corpo virados para o outro lado.

Fechando seus olhos, ele cedeu, e desejou que tudo tivesse sido um sonho ruim.

Mas, então, voltou ao foco e se concentrou em sua fêmea, puxando o edredom mais para cima, para mantê-la aquecida, discretamente se inclinando para verificar se ela ainda estava respirando, se perguntando se deveria arranjar um pouco de comida para ela.

Como se sentisse sua presença, ela se revirou e, mesmo no sono, seu rosto se fechou em uma careta, como se o movimento causasse dor.

Caralho. O sexo fora selvagem, cru, violento. Depois do corpo dela ter enfrentado tudo aquilo.

Maldito fosse ele, pensou, ao passar a palma da mão pelo rosto. Como podia ter feito aquilo com ela? Devia ter se contentado em somente se masturbar até o pau ficar insensível.

Pior de tudo? Ele não sabia se poderiam realmente resolver as coisas entre eles. Ainda assim, se sentia um imbecil.

Estendendo a mão para a mesinha de cabeceira, pegou o celular e viu que horas eram. Quatro e quarenta e quatro da manhã.

Ele não iria dormir mais. Livrando-se dos lençóis, foi até o banheiro, fechou a porta, usou o banheiro e tomou um banho rápido. Então voltou, tirando seu par de fones de ouvido da gaveta da mesa de cabeceira, antes de voltar a se enfiar na cama.

Movendo-se lentamente, foi tão cuidadoso em voltar para a cama quanto fora para sair dela, manobrando seu peso de quase cento e quarenta quilos no colchão, sem deslocar Selenia como se fosse um trampolim.

Ao ele se reposicionar, deu uma rápida checada em sua fêmea e ficou aliviado ao descobrir que ela ainda dormia. O que meio que o aterrorizou. E se ela estivesse em coma ou...

Como se procurasse por ele, ela tateou pelo edredom.

— Estou bem aqui, — ele sussurrou.

Instantaneamente, ela parou a busca, e quando ele segurou sua mão, a palma estava quente, vital, do jeito que sempre estivera.

Ele levou um tempo para estudar os dedos dela, dobrando-os, medindo os movimentos, procurando por pontos de resistência. O que não era certo, ele pensou.

Era injusto tentar tirar informações do corpo dela sem seu conhecimento e consciência... E como forma de se desculpar, ele interrompeu-se, e alisou as unhas cor de rosa e os semicírculos brancos e curtos que ela aparava regularmente. Quando o sono a reclamou novamente, ele se sentiu... Devastadoramente sozinho. Mesmo que estivessem lado a lado, ele recostado na cabeceira da cama, com ela aninhada em seu corpo, não parecia estar conectado a ela. Disse a si mesmo que era uma simples questão de dormir e acordar. Aquela era a divisão... Nada tão assustador quanto o fato das ondas cerebrais serem lidas diferentes em uma tomografia computadorizada.

Era besteira, claro. E quanto mais tentava forçar-se a acreditar na mentira, mais preso se sentia... Então, para calar seu conflito interno, ele ligou o rádio na estação SiriusXM em seu celular, conectou os fones de ouvido e tentou ficar confortável. Ou confortável de alguma forma.

Ou... Pelo menos, não consumido pela necessidade de pular para fora de sua própria pele.

Naturalmente, porque sua sorte era uma bosta, a primeira coisa que ouviu no rádio, foi mais más notícias.

— Está brincando? — Ele murmurou alto quando a voz de Howard Stern inundou seu crânio. — Eric, o ator está m...

As sobrelhas de Selenia se contraíram como se considerasse acordar e ele fechou a matraca. Mas, não conseguia acreditar que mais um do Wack Pack¹⁰ se fora. Parecia cruel à luz de tudo o que ele estava passando.

Merda, era como se as notícias ruins estivessem fazendo um esforço concentrado para sair das sombras e encontrá-lo.

Selenia acordou lentamente, e o aroma do corpo de Trez foi a primeira coisa que notou. O som da voz dele foi em seguida. A sensação das mãos dele sobre as suas, a terceira.

Abrindo os olhos, ela o viu sentado ao seu lado na cama, os olhos negros, absorto em seu celular, as sobrelhas baixas como se houvesse recebido notícias perturbadoras através de uma mensagem de texto ou...

— Está tudo bem? — Ela perguntou.

Quando ele não respondeu, ela percebeu que ele tinha fios saindo do celular para seus ouvidos como se estivesse ouvindo alguma coisa.

No instante em que ela apertou sua mão, ele pulou tão alto que os fones caíram.

— Oh, meu Deus! Você está acordada.

— Sinto muito, não queria assustar...

— Merda, não sinto... Está bem? Precisa da Dra. Jane?

— Não, não... — Ela tentou fazer o cérebro funcionar. — Estou bem, é só... Parece perturbado?

Quando ele olhou para ela, o único som no quarto era o ruído dos fones.

Ela puxou as cobertas mais ainda para cima. — Há algo errado comigo?

— Oh, Deus, não. Eu, ah, não... Não é nada. — Ele olhou para o celular. — Só, um cara que era do The Stern Show morr...

Quando ele se interrompeu, os olhos arregalados, como se quase houvesse dito algo imperdoável.

— Morreu? — Ela terminou por ele.

— Eu, ah...

¹⁰ *The Wack Pack*: grupo de personalidades apresentadas no decorrer da história do "The Howard Stern Show", um talk show de rádio.

— Você ainda pode pronunciar a palavra, — ela deu um aperto na mão dele de novo. — De verdade.

Trez pigarreou e afastou o celular. — Está com fome?

— Na verdade não.

— Com sede?

— Não.

Ele mexia nos lençóis. O edredom. — Está quentinho aí?

Franzindo o cenho, ela sentou-se e encostou-se aos travesseiros. Olhando para ele, sorriu. — Estou contente de ter vindo aqui. Para conversar e... Fazer aquelas outras coisas.

— Está mesmo? — Os olhos dele, aqueles lindos olhos amendoados, se voltaram para ela. — Sério? Eu acho que fui violento demais no modo como...

O sorriso dela se estendeu. — Eu realmente, realmente, perdi minha virgindade agora.

Ele corou. Corou da verdade, uma mancha vermelha tingiu suas bochechas. — Me preocupa ter te machucado.

— Nem um pouco. Quando podemos fazer de novo...

O engasgo de Trez foi súbito e ruidoso, e ela teve de bater nas costas dele para ajudá-lo a respirar novamente.

— Está bem? — Ela disse, ainda sorrindo.

— Ah, sim. É que você tem um jeito de me surpreender.

Por um momento, ela se lembrou dele vindo a ela no Santuário. Mesmo paralisada na ocasião, ela soubera o instante em que ele chegara. Fora um milagre. Mas, como ele soubera?

— Como me encontrou? Lá em cima, no Santuário?

Ele meneou lentamente a cabeça. — Você não vai acreditar.

— Tente.

— A Virgem Escriba. Eu estava em meu clube, resolvendo uns assuntos, Rhage e V estavam comigo. De repente, aquela... Figura apareceu... Vestida de preto, iluminada por baixo do tecido, uma voz que eu ouvi aqui dentro, — indicou a cabeça, — ao invés de nos ouvidos. A próxima coisa que vi? Eu estava... Bem, de qualquer forma. Eu estava com você.

Agora foi a vez dela de mexer nas cosias. — Eu sinto muito.

— Por quê?

— Por você ter me visto assim. Sinto muito por tudo isto.

— Diabos... Como eu disse antes, como se fosse culpa sua estar doente?

— Eu sei, mas ainda assim. Eu queria... — ela tentou virar a cabeça para trás para poder olhar para o teto, mas o pescoço anda estava dolorido demais.

— Você está sentindo dor.

— Não é incomum. É como sempre me sinto. Eu... Bem, que seja.

Aparentemente, dois podiam fazer aquele jogo de evitar um assunto.

— Isto é tão forçado, — ela soltou.

— O que?

Ela teve de virar o tórax para poder olhar para ele de verdade. E vagamente, avaliou como era bela a pele escura dele contra os lençóis brancos, o contraste fazia ambos parecerem cintilar.

Selena tentou achar as palavras. — Eu sinto como se houvesse esta enorme... Não sei, distância ou algo assim... Entre nós. Não faz sentido, digo, você está bem aqui ao meu lado... Mas, há palavras nas quais estamos tropeçando, assuntos sobre os quais não queremos falar... Bem, isto é um saco. Porque agora? Esta é a melhor parte, digo, dá uma olhada.

Ela ergueu a mão livre com os dedos esticados, fechou-os e tornou a abrir.

— Acordada e flexível é tão melhor do que o jeito que eu estava antes, não é? — Quando ele simplesmente olhou para ela, sentiu-se tola. — Desculpe, acho que isto soa estranho.

Trez se inclinou e beijou-a, seus lábios demorando-se. — Não... — ele se afastou. — Isto... Eu sei o que quer dizer. Não é loucura e você está certa. Esta é a melhor parte...

— Você está tão quente.

Trez soltou outra tossida. — Maldição, fêmea. O que deu em você...

— Eu lhe disse a noite passada, ou céus, que horas eram? De qualquer forma, eu te disse antes, sou toda honestidade agora.

As pálpebras dele caíram. — Gosto de honestidade. Então, me deixe perguntar, se eu te pegasse no colo e te carregasse para o chuveiro, você...

— Me ajoelharia de novo sob o jato quente para ver se você é tão gostoso quanto eu me lembro?

O som que ele fez não foi uma tossida. Mas, também não foi nada coerente. Foi parte grunhido, parte rosnado, com um pequeno gemido no meio, como se estivesse se preparando para implorar...

Mais ou menos a coisa mais sexy que ele já ouvira.

— Isto foi um sim? — Ela falou lentamente.

Ele beijou-a novamente, com mais força desta vez. Por mais tempo também. Então ele a fitou, com olhos que ferviam. — Merda, estou morrendo aqui.

Quando Trez interrompeu-se de novo, ela sentiu-se atingida pela palavra de novo. Em se tratando deles, aquela era realmente, uma palavra matadora. Mas, era ela, e não ele.

— Sinto muito, — ela forçou-se a sorrir. — Vamos lavar nossas preocupações...

— Eu vou achar uma cura para isto, — ele disse, com seriedade. — Eu não vou deixá-la perder a luta, Selenia. Eu vou, literalmente, mover céus e terras para mantê-la ao meu lado... Para que não haja nada no meio de nós dois, nada além de nossa pele nua... Nossas almas.

Lágrimas subiram aos olhos dela, e ela as conteve, desejando que sumissem e não voltassem a aparecer. Estendendo a mão para o rosto bonito dele, passou as pontas dos dedos sobre suas feições.

— Eu te amo, Trez.

— Deus, eu te amo também.

Capítulo VINTE E SETE

Quando Layla acordou, estava deitada de lado em uma superfície muito mais suave do que o chão do vestíbulo. Em pânico, levou a mão à barriga.

Tudo parecia o mesmo, o inchaço firme, do tamanho que sempre fora... Mas, querida Virgem Escriba, teria ela machucado a criança? Ela conseguia se lembrar de sair do carro, da luta para caminhar até a entrada da mansão, e de lá ter perdido a consciência...

— Bebê, — ela murmurou, — bebê, está bem? Bebê?

Instantaneamente, os olhos azul e verde de Qhuinn estavam bem à sua frente. — Você está bem...

Como se ela se importasse com ela mesma naquela hora. — Bebê!

Com uma súplica, pensou, por que antigamente reclamara de estar grávida? Talvez aquilo fosse punição por ter...

— Está tudo bem. — Qhuinn olhou para o outro lado do quarto, se concentrando em alguém que ela não conseguia ver. — Bem, apenas... Okay, é... Bem.

Ela jamais se perdoaria.

O alívio foi tão grande, que lágrimas subiram aos seus olhos. Se ela tivesse perdido o filho deles por estar no encontro com Xcor? Porque andara bisbilhotando enquanto ele... Fazia aquilo com seu próprio sexo?

Ela jamais se perdoaria.

Com um pedido, ela se perguntou por que sequer pedira ao macho para fazer aquelas coisas. Era tão errado em diversas formas, adicionando ainda mais culpa quando ela já estava com a coisa atolada até a garganta.

— Oh, Deus, — ela gemeu.

— Você está com dor? Merda, Jane...

— Estou bem aqui. — A boa doutora ajoelhou-se ao lado de Qhuinn, parecendo cansada, mas alerta. — Olá, Layla. Que bom que voltou. Só para saber, Manny engessou seu braço. Havia uma fratura.

Houve algumas explicações sobre seu tempo de recuperação e quando o gesso poderia ser retirado, mas ela não prestou atenção em nada daquilo. Dra.

Jane e Qhuinn estavam escondendo algo dela: Os sorrisos de tranquilidade eram como fotografias da coisa real... Pareciam reais, mas eram falsos.

— O que não estão me dizendo?

Silêncio.

Quando ela lutou para se sentar, foi Blay que ajudou, gentilmente apoiando o braço bom e para lhe dar um pouco de impulso.

— O que? — Ela exigiu.

Dra. Jane encarou Qhuinn. Qhuinn olhou para Blay. E Blay... Foi o que eventualmente enfrentou o seu olhar.

— Há algo inesperado, — o guerreiro disse, — no ultrassom.

— Se me fizer perguntar “o que”, de novo, — ela disse, por entre dentes cerrados, — vou começar a jogar coisas, e que se dane o meu braço quebrado.

— Gêmeos.

Como se o tempo e a realidade fossem um carro que subitamente tivessem seus freios acionados, houve um metafórico som de freada em sua mente.

Layla piscou. — Desculpe... O que?

— Gêmeos, — Qhuinn repetiu. — O ultrassom mostrou que são gêmeos.

— E perfeitamente saudáveis. — Dra. Jane completou. — Um é significativamente menor, e seu desenvolvimento está atrasado, mas parece viável. Eu não vi o segundo feto nos ultrassons anteriores porque, Havers me contou que as gestações em vampiros são diferentes das humanas. Acontece que aparentemente outro óvulo fertilizado pode se implantar, mas não entra em um estágio de significativa embriogênese até muito mais tarde... Seu último ultrassom foi há dois meses, por exemplo, e eu não vi nada antes.

— Gêmeos? — Layla sufocou.

— Gêmeos. — Um dos três repetiu.

Por algum motivo, ela se lembrou do momento em que descobriu estar realmente grávida. Mesmo que a gravidez fosse o objetivo e ela e Qhuinn houvessem feito o que fizeram só para chegar lá, a confirmação de que sua necessidade vingara meio que a estonteava. Parecia milagroso, e avassalador... Uma alegria assustadora que ela não estava inteiramente certa de que não fosse derrotá-la.

Agora ela sentia o mesmo.

Tirando a parte da alegria.

Ela sabia de duas de suas irmãs que esperaram gêmeos, e uma das gestações não deu certo. Da outra, havia nascido um único bebê vivo.

Lágrimas começaram a se derramar de seus olhos.

Aquelas não eram boas novas.

— Ei! — Blay se inclinou, com um lenço. — Isto não é ruim. Não é.

Quinn concordou, embora seu rosto continuasse uma máscara. — É... Inesperado. Mas não é de todo ruim.

Layla colocou as mãos sobre o estômago. Dois. Havia dois bebês que agora, tinha de levar em segurança até a reta final.

Dois.

Querida Virgem Escriba, como isto acontecera? O que ela ia fazer?

Enquanto as questões corriam por sua cabeça, ela percebeu... Bem, inferno. Como muitas coisas na vida, aquilo estava fora de suas mãos. Uma impossibilidade manifestada; sua função, agora, era fazer o que pudesse para ajudar a si mesma e aos bebês descansarem, se nutrirem e ter os cuidados médicos necessários.

Esta era a única coisa que podia diretamente controlar. O resto?

Só cabia ao destino.

— Pode haver outros? — Layla perguntou.

Dra. Jane deu de ombros. — Acho altamente improvável, mas gostaria de enviar uma amostra do seu sangue para Havers. Ele tem muito mais experiência do que eu nisto, e após analisar o hormônio específico da gravidez vampira, ele crê que pode arriscar a dizer a sua situação. Ele disse, no entanto, que trigêmeos são virtualmente inéditos, e que o seu caso está no curso típico de gestação de múltiplos. A menos em casos extremamente raros de gêmeos idênticos como Z e Phury, o segundo embrião atrasa seu desenvolvimento até a gravidez estar bem avançada. Quase como se na espera para ver se as coisas estão indo bem antes de se juntar à festa.

Layla baixou os olhos para seu abdômen distendido, e jurou nunca, jamais reclamar sobre coisa alguma. Nem de tornozelos inchados, ou dos seios doloridos, ou de ter de ir ao banheiro a cada dez minutos. Sem. Mais. Chorarô.

Nunca mais.

O fato de ela ter perdido a consciência, caindo de cara em um chão de mármore, e ainda conseguir ter aquele bebê...

Aqueles bebês, ela se corrigiu em choque.

... Em seu corpo, em segurança, era um lembrete que as dores e os desconfortos eram menores em comparação ao cenário maior, o grande objetivo, a grande preocupação.

Que era dar à luz a eles no momento certo, e fazê-los sobreviver.

— Então você consente? — Dra. Jane perguntou.

— Desculpe, o que?

— Tudo bem eu enviar uma amostra do seu sangue para Havers analisar?

— Oh sim. — Ela estendeu o braço bom. — Pode tirar...

— Não, já coletamos a amostra.

Ah, o que explicava a bolinha de algodão colada na parte interna de seu cotovelo.

Seu cérebro não estava funcionando direito.

— Foi por isto que ela desmaiou? — Qhuinn perguntou. — Por causa do outro bebê?

Dra. Jane deu de ombros de novo. — As amostras dela parecem bem... E já estão estáveis há um tempo. Quando foi a última vez que se alimentou, Layla?

O problema não era se ela tinha tomado leite recentemente. — Eu...

— Podemos resolver isto agora. — Qhuinn anunciou — Blay e eu podemos ambos lhe oferecer nossas veias.

Dra. Jane anuiu. — É lógico pensar que, com o segundo bebê requerendo mais nutrição, suas necessidades calóricas e de sangue devem ser maiores do que tenha percebido. Eu acho possível que você tenha extrapolado seus limites e isto acabou por te esgotar.

Layla sentiu-se totalmente entorpecida e teve de forçar um sorriso. — Eu tomarei mais cuidado. E obrigada. Eu realmente agradeço seus cuidados.

— De nada. — Dra. Jane deu ao pé de Layla um leve aperto por cima das cobertas leves. — Descanse. Você vai ficar ótima.

Quando a médica saiu, Layla pensou nos estranhos anseios sexuais que vinha sentindo ultimamente, além do relativamente súbito aumento de seus sintomas físicos. Será que era pelo outro bebê...?

— Quer que eu traga algo mais confortável do que isto? — Qhuinn perguntou.

Ela forçou-se a voltar o foco. — Desculpe, mais confortável que...?

— Esta camisola de hospital.

Baixando os olhos, viu que não estava mais com suas roupas. — Oh, Bem. Na verdade, está um pouco mais frio aqui. Uma das minhas túnicas seria legal, mas não quero que se encrenque.

— Sem problemas. Eu levo suas coisas de volta para seu quarto e pego uma camisola e uma túnica... Enquanto isto, Blay, você pode lhe dar sua veia?

Como resposta, o pulso do soldado apareceu bem à frente dela. — Tome o quanto precisar.

Naquele momento, ela teve uma vontade avassaladora de lhes contar. Confessar. Livrar-se do estresse do último ano, não importando as consequências.

Ela só queria se livrar do fardo terrível que carregava. Assustava.

Atormentava.

Sem dúvida aquilo poderia aumentar as chances de ela carregar melhor aqueles bebês... Menos estresse era bom para fêmeas grávidas, não era? E agora havia duas vidas em risco, além da dela.

— Layla?

Ela engoliu em seco. Olhou para os dois ali em pé, próximos à cama, preocupados. Ela não queria trair a única família que tinha. Além disto, talvez se contasse a eles sobre Xcor, eles pudessem... Tornar o local mais seguro. Ou...

Layla pigarreou e agarrou as cobertas na cama como se fosse um rolo compressor entrando em uma curva fechada. — Ouçam, eu preciso...

Quando ela não terminou. Qhuinn quebrou o silêncio — Você precisa se alimentar. É o que precisa fazer.

Como se suas presas tivessem ouvido, elas se alongaram em sua boca, e ela se tornou consciente do fato de que, sim, ela estava morrendo de vontade de se alimentar de uma veia.

E não, ela não podia contar a eles. Só... Não era bom. Não havia uma boa solução para ela. Eles a odiariam por colocar arriscar sua vida e sua gravidez... E enquanto isto, Xcor ainda saberia onde eles vivem, porque a Irmandade jamais largaria aquele lugar. Aquela era a casa deles e eles a defenderiam quando ele atacasse depois que parasse de vê-lo.

Pessoas morreriam. Pessoas que ela amava.

Merda.

— Obrigada, — ela disse, roucamente, para Blay.

— Qualquer coisa por você, — ele respondeu, acariciando os cabelos dela para trás.

Ela tentou tomar o mais gentilmente que podia, mas Blay demonstrou nem ligar. Claro, quando ele e Qhuinn faziam amor, sem dúvida costumavam dar mordidas muito mais violentas.

Assim que começou a sugar da fonte familiar, absorvendo a nutrição que seu corpo precisava e só obtinha através desta dádiva de um macho de sua espécie, Qhuinn foi para onde suas roupas foram colocadas em uma cadeira no canto. Ao pegá-las, ele franziu o cenho e olhou para baixo. Então mexeu nas camadas de tecido como se procurando alguma coisa.

Um momento depois, ela fingiu estar concentrada no que estava fazendo. Ela não tinha ideia do que ele encontrara ou porque estava olhando para ela daquele jeito.

Mas dado o modo como ela vinha vivendo, ela tinha muito que esconder.

— Quando deve ir?

Diante da pergunta de Trez, Selenia se concentrou na tigela quente de mingau de aveia que ele havia acabado de fazer para ela. Como já passava muito do amanhecer, toda a equipe de *doggens* já estava recolhida em seus aposentos, então ela e Trez estavam sozinhos na cozinha enorme, sentados lado a lado na mesa de carvalho.

— Selenia. A que horas é sua consulta?

Ela devia ter ficado de boca fechada. Dois segundos antes, enquanto aproveitava aquela bela preparação de aveia Quaker, com acompanhamento farto de creme e açúcar mascavo, os dois flutuavam no brilho do que fizeram no chuveiro, em paz e relaxados.

E agora?

Acabou-se, como diziam.

— Primeira hora da manhã.

Trez verificou o celular. — Está bem, está bem. É quase oito. Então se terminarmos rapidinho, conseguimos chegar a tempo.

— Eu não quero ir. — Ela podia senti-lo encarando. — Não quero. Não estou com muita pressa de voltar para lá.

— A Dra. Jane diz que temos de fazer radiografias de suas juntas para monitorar...

— Bem, eu não quero. — Ela colocou uma colher cheia na boca e não sentiu gosto algum. Era só textura. — Sinto muito, mas estou bem agora. Não quero descer e ser cutucada e furada de novo.

A reticência dela era apoiada pelo fato de que agora estavam na parte boa, e ela não sabia quanto tempo ia durar. Já que nada poderia parar aquilo, por que eles precisariam sequer se incomodar com...

— Significaria muito para mim se você fosse ver a Jane.

Ela olhou para cima. Trez olhava para as janelas atrás dela, mesmo que as persianas estivessem baixadas e não houvesse nada para ver.

Os olhos dele pareciam atormentados. Como se soubesse que ela não iria à clínica... E que não havia nada que ele pudesse fazer sobre isto.

— Sabe do que tenho mais medo? — Ela ouviu-se dizendo.

Os olhos dele se voltaram para ela — O que?

Ela revirou sua aveia. Provou novamente, o que somente registrou como algo quente. — Tenho medo de ficar presa.

— Como assim?

— Não quero ficar presa aqui, — ela disse, em voz baixa. Então indicou o peito, os braços, as coxas sob a mesa. — Em meu corpo. Tenho medo dos episódios. Estou viva, sabe, trancada e... Quando acontece, é difícil ouvir e ver, mas, registro as coisas. Eu soube, quando você veio me buscar. Fez toda a diferença. Quando você estava comigo, eu não me sentia... Mais tão presa.

Quando ele permaneceu em silêncio, ela voltou a olhar para ele. Ele estava olhando de novo para as janelas, que não mostravam nada do dia lá fora, nem se estava nublado ou ensolarado, se estava chovendo, ou se havia um vento soprando as folhas outonais pelo gramado marrom.

— Trez? — Ela chamou.

— Desculpe, — ele voltou sua atenção. — Desculpe, me distraí por um momento.

Ele se virou na cadeira, apoiando os pés nos degraus sob o seu assento. Então pegou sua mão, a que não segurava a colher e abriu-a contra a própria palma.

— Você tem as mãos mais bonitas que já vi, — ele murmurou.

Ela riu. — Eu acho que está sendo tendencioso, mas, vou aceitar o elogio.

Ele franziu o cenho, as sobrancelhas se juntaram. — Eu posso imaginar como... — ele inalou longa e lentamente, — eu não consigo imaginar nada mais aterrorizante no mundo do que estar trancado em um local do qual não seja possível escapar; e estar aprisionado no próprio corpo? É inconcebível. É de foder a cabeça de qualquer um.

— Sim.

Houve um longo período de silêncio àquela altura, com ele sentado à frente de sua tigela, que esfriava, sem tocá-la, e ela brincando com a sua aveia, fazendo pequenos símbolos “S” com a ponta da colher.

A discussão que estavam tendo ressoava no ar entre eles, o argumento dele de que “é-para-o-seu-próprio-bem” guerreava com o dela “não-até-eu-ser-absolutamente-obrigada”. Não havia razão real para dizer as palavras em voz alta. Ela não ia recuar. E aquilo significava que a única opção dele seria jogá-la em cima do ombro e dar uma de homem das cavernas, arrastando-a até o Centro de Treinamento.

Finalmente, Selenia não aguentou mais e teve de mudar de assunto.

— Às vezes me pergunto... — ela estremeceu, — digo, e se todo mundo estiver errado sobre a morte? E se não houver Fade, mas ao invés dele, a gente só ficar presa no próprio corpo para sempre, consciente, mas incapaz de se mover?

Ótimo. Ela estava tentando aliviar o clima.

Bela. Tentativa.

— Bem, os corpos... — ele pigarreou, — Sabe... Apodrecem.

— Hmmm, tem razão.

— Embora, como pesadelo de pós vida para mim? Me preocupa um apocalipse zumbi. — Ele pegou a colher e começou a comer, ainda segurando a mão livre dela. — Seria um saco. Você morre e então passa a vagar pela Terra, fedendo por todo canto, em uma dieta Atkins que, tipo, jamais terminaria.

Ela ergueu a colher para interrompê-lo. — Espere um minuto, veja, você só teria fome, certo? Se encontrasse pessoas para comer, então, a vida seria bem boa para um zumbi.

— Não se a metade inferior de seu rosto caísse. Sem mandíbula, como se alimentaria? Então seria só fome e não poderia fazer nada para resolver. Um saco total.

— Canudos.

— O que?

— Bastariam canudos.

— Difícil passar um fêmur através de um canudo.

— E um processador. Canudos e processador. E está resolvido.

Com uma gargalhada ruidosa, Trez jogou a cabeça para trás e riu tanto, que foi sorte não acordar a mansão inteira.

— Oh, meu Deus, isso é tão insano. — Ele se inclinou e a beijou. — Tão fodidamente insano.

De repente ela sorria também... Tão forte que as bochechas doeram. — Totalmente insano. Deve ser por isto que chamam de humor negro?

— É. Especialmente se alguém levar a pior. — Trez ficou sério. — E, está bem, então não vá.

— O que? Levar a pior? Claro que não.

— Ver Jane. Se não quer ir, não vou te pressionar.

Selena exalou em um suspiro. — Obrigada. Eu realmente aprecio isto.

— Não precisa agradecer. Não é minha decisão. É sua. — Ele correu a colher pelo interior da tigela. — Acho que é importante que você tenha tanto poder de decisão quanto possível em cada aspecto de sua vida, especialmente na doença e no modo como lidar com ela. Acho que você se sente como se não tivesse escolha sobre tanta coisa... Destino... Que se abate sobre você, e isto torna as oportunidades de fazer escolhas especialmente importantes. — Ele olhou para ela, — eu posso ter a minha opinião, e pode apostar seu traseiro que te direi qual é, mas, a última coisa que quero é pressioná-la. Você já tem problemas suficientes para resolver. Não vou adicionar mais isto.

— Como você sabe... Deus, é como se soubesse exatamente o que estou pensando.

Ele deu de ombros e seus olhos assumiram um ar alheio. Então ele indicou a lateral da cabeça. — Só um chute. — Ele voltou a se focar nela. — Então, a questão é, aonde você quer ir?

— Desculpe?

— Aonde quer ir? A clínica está fora de questão... Então o quê?

Selena sentou-se de volta na cadeira. Agora era ela olhando as janelas. — Eu gosto do Grande Acampamento do Rehvenge, se é isto o que quer dizer.

— Seja ousada. Pense grande. Vamos lá, deve haver algum lugar excitante. O Taj Mahal, Paris...

— Não podemos ir a Paris.

— Quem disse?

— Ahh...

— Nunca encontrei nenhum Ahhh, não o conheço, não me importo do quão grande ele seja... Se estiver em nosso caminho? Vou matar o filho da puta.

— Você é tão adorável. — Selena se inclinou e beijou-o na boca. Então tentou forçar seu cérebro a surgir com alguma coisa, qualquer coisa. — Que sorte a minha. Finalmente consigo um passe livre... E não consigo pensar em nad... Oh! Já sei!

— Diga e realizarei.

— Eu quero ir ao Circle the World.

Trez se recostou também. — O restaurante?

— É. — Ela limpou a boca com um guardanapo. — Quero ir ao Circle the World para um jantar.

— É aquele que gira, no topo do...

— Do prédio mais alto de Caldwell! Eu vi na TV uma vez, enquanto fazia companhia à Layla em seu quarto. Dá para sentar perto da vidraça e olhar para a cidade toda durante a refeição. — Ela franziu o cenho ao vê-lo engolir em seco, e não por ter engolido uma colher cheia de aveia, — você está bem?

— Oh, sim, absolutamente. — Trez anuiu e estufou o peito ao dar uma de machão para cima dela. — Eu acho que é uma grande ideia. Vamos pedir para Fritz fazer a reserva para esta noite. Tenho um pouco de influência nesta cidade, então não vai ser um problema. E eles servem jantar até às nove e dez da noite.

Selena começou a sorrir, imaginando-se em uma das túnicas de Escolhida, os cabelos perfeitamente penteados, o corpo normal... E Trez do outro lado da mesa

brilhante que apareceu no comercial de TV, com o guardanapo tão branco, os pratos tão quadrados, a prataria brilhando a luz dos candelabros.

Perfeito.

Romântico.

E nada a ver com estar doente.

— Estou *tão* excitada. — Ela disse.

A próxima colherada de aveia que pôs na boca estava doce e cremosa e completavam o mais perfeito... Como os humanos chamavam? Desjejum?

Não fazia sentido. Mas, quem se importava.

— Então é um encontro, não é? — Ela percebeu. — Louvada seja a Virgem Escriba, eu tenho um encontro!

Trez riu, o som foi um estrondo em seu peito largo. — Pode acreditar que sim. E vou te tratar como uma rainha. *Minha* rainha.

Quando ambos voltaram a comer com vontade, ela pensou, uau, que cenário emocional estranho aquilo tudo era, vales profundos de desespero, seguidos por vastas paisagens, tão emocionalmente puras e belas, que ela sentiu-se honrada por tê-las. Era quase como se sua vida, com o tempo limitado que restava, tivesse sido amarrada como uma faixa de tecido, que poderia ser suave e normal, mas agora ondulava com grande ressonância.

Ela teria preferido o luxo de séculos. Mas, neste momento, agora, se sentia tão profundamente viva. De um jeito que não podia afirmar jamais ter sentido antes.

— Obrigada. — Disse ela, abruptamente.

— Pelo quê?

Ela baixou os olhos para seu prato de aveia, sentindo o rosto enrubescer. — Por esta noite. É a melhor noite que já tive.

— Você não viu nada, minha rainha.

— Ainda assim, é a melhor noite, — ela olhou dentro dos olhos escuros dele, — de minha vida inteira.

Capítulo VINTE E OITO

iAm acordou ao cheirar a sopa, e assim que seu cérebro se acendeu novamente, não houve nenhuma besteira do tipo “*Será que isso é um sonho?*” rolando com ele. Apesar do fato de que esteve apagado por causa de uma concussão, nem um segundo do que levou ao seu desembarque nesta cela no palácio da Rainha foi perdido por ele: Não a troca rápida de roupa na frente da quase réplica de Abraão Lincoln, nem a entrada pelos fundos do Território, nem o golpe na cabeça que se seguiu ao seu breve caminhar de um lado para o outro antes disso.

A sopa, entretanto, foi uma surpresa. Era algo que se lembrava de sua infância, uma mistura de abóbora e nata, especiarias e arroz.

E havia outro perfume na cela. O mesmo que encheu seu nariz quando aquele sacerdote tinha vindo para checar suas marcações.

Abrindo os olhos, ele...

Recuou.

Uma *maichen*, ou seja, uma criada, estava de joelhos diante dele, seu corpo e cabeça envoltos no pálido azul que correspondia à sua função, o rosto coberto por uma máscara de malha que mostrava absolutamente nada de seus olhos ou características. Nas mãos dela havia uma fina bandeja de madeira que continha a tigela, uma colher, uma jarra e um copo, assim como também um grande pedaço de pão.

Nenhum sacerdote. Ninguém mais estava com eles.

Ele inalou mais uma vez; então percebeu que a fêmea deve ter entrado com o oficial da corte antes e ele apenas não tinha percebido.

Ele se ergueu do chão. E foi então que percebeu que estava nu.

Que seja. Ele não quis fazer a *maichen* sentir-se desconfortável, mas se ela não gostasse da vista, podia partir.

Não que ela estivesse olhando para ele. Sua cabeça estava abaixada em submissão, como ela havia sido treinada.

S'Ex aparentemente estava disposto a dispensar algum cuidado a ele enquanto estivesse na prisão; ou pelo menos a mantê-lo vivo por enquanto. E por

um momento ele teve pena desta pobre fêmea cuja posição social era tão baixa que ela era enviada, sozinha, para machos potencialmente perigosos sem nenhuma consideração para com sua segurança ou seu sexo.

Mas, então, na hierarquia das coisas, ela era considerada como sendo algo essencialmente sem valor.

Triste. Mas ele tinha outros problemas com que se preocupar.

Sem dar atenção à *maichen* ou à sua situação de estar como veio ao mundo, ele se levantou e caminhou até o biombo no canto mais distante. As instalações de água ficavam atrás disso e ele fez uso delas, recebendo outro lembrete de que não estava mais no Kansas.

Quando se curvou sobre uma pia como as usadas pela plebe para lavar o rosto, ele teve apenas uma única manopla para ligar a torneira em vez de uma separada para quente e outra para frio.

Não era por ele ser um prisioneiro: Tudo isso de esperar-ter-água-quente estava entre as coisas com as quais ele teve de se acostumar fora do Território. Os humanos insistiam em alternar uma mistura de opostos para ter uma temperatura perfeita. Aqui no s'Hisbe? Toda água estava a 36 graus. De água para beber, à água para escovar os dentes, era uma única constante, nem quente nem frio.

Salpicando o rosto, ele pegou a toalha preta que estava em um suporte de parede e secou-se. Macia. Tão macia. Nada como as dos humanos, e ele era apenas um prisioneiro.

Ele recolocou o tecido úmido no suporte por hábito e caminhou para fora do biombo.

— Diga a s'Ex que eu quero vê-lo.

Prisioneiros normalmente não se davam ao luxo de fazer pedidos, mas ele não se importava. Ele também se recusava a falar no Idioma Antigo ou no dialeto dos Sombras. Devido a predominância da cultura humana, o inglês era ensinado nas escolas dos Sombras, e era esperado que até mesmo os criados tivessem algum conhecimento rudimentar da língua.

— E eu não vou comer isso. — Ele acenou com a cabeça para a bandeja. — Então você pode levá-la.

Só Deus sabia o que havia nessa merda, se seria uma droga ou algum tipo de veneno. Ele estava muito confiante de que seu tratamento ali não continuaria sendo tão bondoso. Eles iriam, muito provavelmente, puxar seus braços e pernas

para fora de seus soquetes em algum momento; embora não até que eles notificassem Trez acerca de seu cativeiro.

Merda. Ele nunca devia ter confiado...

A *maichen* colocou a bandeja no chão. Então estendeu a mão, pegou a colher, mergulhou-a na sopa e ergueu. Com a mão livre ela levantou a malha o suficiente para expor sua boca e provar a comida. Então ela fez o mesmo com o pão e a sidra de maçã fermentada que estava na jarra.

Permitindo que a malha voltasse para o lugar, ela sentou-se de novo sobre as solas dos chinelos de couro em seus pés.

Infelizmente o gesto não fez nada para diminuir as suspeitas dele. *maichens* estavam tão abaixo na cadeia alimentar que até mesmo a própria palavra recebia pouco respeito no começo das frases. Que ela pudesse ser envenenada ou comprometida? Ninguém se importaria.

O estômago dele, porém, ficou seriamente encorajado quando ela continuou a respirar.

Antes que pudesse se conter, ele foi até ela e a bandeja. *maichen* não olhou para cima, mas, então, ela o temia; por uma boa razão.

O cheiro de seu medo se misturava muito bem com aquela sopa picante.

Assim como o cheiro da pele dela.

Inalando pelo nariz, ele sentiu outro choque atravessar seu sistema, seus músculos se contraindo; assim como seu pênis.

O que não fazia nenhum sentido. Ali estava ele, enfiado na merda até o queixo, e seu sexo decidiu se interessar? Sério isso?

Não era à toa que chamavam essa coisa de “alavanca estúpida”.

Em pé erguendo-se sobre ela, ele pôs as mãos nos quadris e ficou atento à sinais de que ela fosse ter um treco. Quando ela continuou na vertical, ele esperou mais um pouco. Ela estava tremendo, mas, tinha estado desde que ele se levantou.

iAm ajoelhou-se no chão de pedra dura, espelhando a pose dela. Quase imediatamente os joelhos dele começaram a doer; outro lembrete de quanto tempo fazia desde que ele esteve em contato com seu povo. Tal maneira de se sentar era uma trivialidade aqui no Território.

Conveniente se você estava com a bunda de fora, também. Não te deixava completamente exposto.

Ele comeu rápido, mas não descuidadamente, e foi uma boa pedida. Seu cérebro precisava das calorias; seu corpo também, se ele estivesse indo forçar sua saída dali.

Esse era o plano.

— S'Ex. — Ele exigiu quando terminou. — Vá buscá-lo.

Com isso, ele empurrou a bandeja em direção à fêmea. Como era costume, ela se curvou adiante em reverência, sua fronte coberta quase terminando na tigela branca vazia.

Ela levantou a bandeja, endireitando o torso, e graciosamente ficou em pé sem cambalear ou deixar cair qualquer coisa. Saindo da cela, ela acionou a porta colocando a sola de seu sapato contra uma seção da parede. Um momento depois, porque a saída era claramente monitorada, alguém abriu a coisa remotamente; ou isso, ou a saída era de alguma forma acionada com pisadas.

E ela foi para fora.

Enquanto o painel se fechava com um som estilo *Star Trek*, ele sabia que teria sido inútil dominá-la e tentar usá-la como moeda de troca. S'Ex e seus guardas estariam mais propensos a negociar para salvar um cão.

Andando de um lado para o outro, ele lembrou-se de seu irmão ao lado de Selenia enquanto ela jazia naquela mesa de exame, sob aquela luz intensa, o corpo dela todo contorcido e uma expressão congelada no rosto.

Deus, ele nunca deveria ter feito isso. Fale sobre uma situação em que todos perdiam: Trez iria querer vir para tirá-lo dali, mas deixar aquela fêmea quando ela estava doente iria matá-lo.

Nada como jogar gasolina no fogo. Junto com mais ou menos uma tonelada de dinamite.

Trez quis dizer cada palavra que disse sobre Selenia e a liberdade dela de escolha.

À medida que atravessava a passos largos o túnel subterrâneo rumo à clínica do Centro de Treinamento ele estava cem por cento certo de uma, e apenas uma, coisa; bem, de duas, mas o fato de que estava apaixonado por ela era o básico. A outra coisa ele sabia com certeza que era Selenia, e apenas Selenia, quem decidiria

como sua condição seria administrada, e se alguém tentasse forçá-la a qualquer coisa? Ele estava indo atirá-los para longe como você apenas leu.

Mas isso não queria dizer que ele não estaria indo falar com a Dra. Jane.

Sobre sua rainha.

Deus, esse apelido para Selenia era tão engraçado. No momento em que ele tinha saído de sua boca, algo tinha clicado. Como se seu vocabulário tivesse se acasalado com essa palavra assim como seu corpo acasalou-se com o dela.

E ela seria a única rainha para ele. Não importando o que acontecesse com eles, ou onde ele terminasse, ela seria sua fêmea regente, e nenhuma outra suplantaria o lugar dela em seu coração, seu respeito ou na expressão vocal daquela palavra.

Arrastando a palma pelo rosto, ele forçou seus pés a continuarem em um ritmo de caminhada, embora uma grande parte dele quisesse correr a toda velocidade para a clínica. Não havia pressa, porém, pelo menos no que concernia à sua fêmea. Selenia estava lá em cima no quarto dele, nua na banheira, mergulhando seu lindo corpo em água morna e perfumada.

Ela não estava completamente livre da dor. Ela escondia a rigidez persistente e desconforto bem, mas os indicadores estavam nos estremecimentos sutis de sua face e na forma espasmódica como ela movia as mãos e braços. O banho e algumas aspirinas leves iriam ajudar, entretanto. E quando tivesse tido um bom e longo banho, ela iria para a cama dele para um descanso antes do “encontro” deles.

A alegria dela diante da perspectiva de seu jantar a dois era contagiante. Ele literalmente sentia o calor dentro de seus ossos, como se a felicidade dela possuísse uma magia cinética que, através de seu acasalamento, estendia-se para dentro de sua própria carne. Inferno, tudo que ele tinha de fazer era pensar sobre ela à mesa do café da manhã, sorrindo por sobre suas tigelas de mingau de aveia, ou pensar sobre o som de sua voz ficando excitada quando eles estavam... E ele ficava sublimemente em paz.

Nunca houve nada perto disso para ele. Nem mesmo o amor e compromisso que ele tinha para com seu irmão chegava perto do sentimento.

De uma forma doentia, ele supunha que a doença dela tinha sido algo bom para Selenia e ele. Trez não podia conceber como teriam cortado o papo furado entre eles tão eficazmente ou totalmente sem isso...

Isso foi um inferno de um perde-e-ganha, no entanto.

Quando chegou ao ponto de acesso ao Centro de Treinamento, ele digitou os códigos adequados, então passou pelo almoxarifado e pelo escritório de Tohr. O Irmão não estava atrás da escrivaninha, o que era uma boa coisa, e não uma surpresa. Era por volta de cinco da tarde, e Tohr estava, sem dúvidas, acordando em seu leito de acasalado com sua Autumn, prestes a preparar-se para a noite que vinha adiante.

O que tinha sido uma surpresa foi que a Dra. Jane estivesse disposta a vê-lo nesse horário estranho do dia. Com as horas ela tinha estado trabalhando ultimamente entre as lesões e enfermidade do irmão de Qhuinn, parecia que ela, Manny e Ehlena tinham estado de plantão constantemente.

Isso fez com que ele a respeitasse muito.

Passando pela porta de vidro. Descendo pelo corredor principal de concreto. Várias portas adiante à esquerda.

Entrando na sala de exames, ele...

— Oh, merda!

Saltando de volta para o corredor, ele levou a dobra de seu cotovelo até os olhos e rezou para que aquilo que tinha acabado de ver não tivesse sido queimado permanente em suas retinas.

Havia algumas coisas que você não precisava saber acerca das pessoas com quem você vivia, não importa quanto você os amasse.

Uma fração de segundo mais tarde, V abriu a porta, e o *ziiiiiip!* de quando ele fechou a frente de seus couros foi alto.

— Ela verá você agora. — Ele disse com total naturalidade.

Como se dois segundos atrás ele não tivesse estado batendo a sempre amada merda para fora de sua *shellan* enquanto ela sentava-se em sua mesa.

— Eu posso voltar depois? — Trez perguntou.

— Que nada, ela está pronta. Selenia está bem?

— Eu, ah... Sim. Ela está se movendo, está... Bem, eu estou levando-a para sair hoje à noite.

V puxou um cigarro enrolado à mão. — Não brinca. Para onde?

Em todas as suas rumações, Trez tinha estado cuidadosamente evitando pensar precisamente sobre seu lugar de destino. A ideia de sair em um encontro

era ótima, a comida seria de abalar... Havia apenas um problema com que ele teria que absorver e lidar.

— Aquele restaurante. — Ele apontou para o teto. — Você sabe, no centro da cidade, que, tipo, fica girando em círculos?

— Oh, sim. Bem lá em cima. — O Irmão exalou. — Uma vista dos diabos.

Uh-huh. Cinquenta-mais histórias. Ele tinha navegado no site para descobrir exatamente o quão ruim era. — Sim. Uma vista dos diabos.

— Deixe-me sabe se há alguma coisa que eu possa fazer. Por qualquer um de vocês.

V deu nele um tapinha no ombro e começou a se afastar a passos largos.

— Vishous.

O Irmão parou, mas não se virou. E à luz acima da cabeça dele, o tendril de fumaça de seu fumo enrolado à mão formava um elegante redemoinho no ar.

— Quanto tempo eu ainda tenho com ela?

O Irmão girou a cabeça, então seu poderoso perfil de cavanhaque foi cortado por um pálido filete daquela luz, e as tatuagens em sua têmpora pareceram mais sinistras do que o habitual.

— Quanto? — Trez repetiu. — Eu sei que você viu isso.

Houve um silvar sutil quando o Irmão inalou, a ponta do seu cigarro ardendo em um vívido laranja. — O que eu recebo não é tão específico. Desculpe.

— Você está mentindo.

Aquela sobrancelha escura ergueu-se. — Vou te perdoar pela ofensa. Uma vez.

Com isso, o macho voltou a se afastar a passos largos, aqueles ombros volumosos deslocando-se no ritmo dos quadris, e seu corpo de guerreiro não era exatamente o tipo de coisa que alguém, mesmo alguém do tamanho de Trez e com suas habilidades de Sombra, enfrentaria voluntariamente.

Especialmente com aquela mão incandescente dele.

Mas não haveria uma rixa entre eles. Não sobre esse assunto, pelo menos.

Os dois sabiam que ele mentia.

V era o Irmão com a inteligência, as visões místicas, aquele nascido diretamente do corpo da Virgem Escriba. Ele também era incapaz de sacanear alguém pelo motivo que fosse. Isso só não fazia parte de sua fiação interna; aquele cérebro incrível dele estava muito ocupado para se importar se tinha

ofendido ou não, ou se sua postura foi ou não apropriada, ou se ele tinha expressado as coisas de um jeito agradável para seu requerente.

Assim sendo, quando ele tinha se recusado a se virar? Quando tudo que ele fez foi mostrar seu perfil?

Ele tinha respondido a pergunta bem o bastante.

Vishous nunca iria, jamais voluntariamente magoar ou ferir um macho que ele respeitava. Isso estava ainda mais arraigado nele do que a coisa do eu-não-minto. E sim, Trez tinha ouvido falar que normalmente não havia uma cronologia nas visões de V sobre morte; mas, claramente, era diferente nesse caso.

Talvez porque o que tinha sido visto era menos sobre a morte da Escolhida, e mais sobre que acontecia com Trez após isso.

Existem duas fêmeas. E em ambos os casos, você está correndo contra o tempo.

— ... Trez? — A Dra. Jane disse, como se ela estivesse tentando chamar a atenção dele. — Você está pronto para falar comigo?

Não, ele pensou, enquanto V desaparecia através das portas de vidro do escritório. Ele não estava.

Capítulo VINTE E NOVE

— Você achou que ninguém iria perceber?

Ao sair da cela, *maichen* congelou. A voz por trás dela era tão profunda, tão baixa que as palavras eram rosnadas ao invés de faladas, e era a última coisa que estava esperando.

Som de passos, de um macho com o dobro de seu tamanho e três vezes o seu peso, rodearam o seu corpo e, através da malha que cobria seu rosto, ela olhou para cima, beeem para cima.

O rosto de s'Ex também estava coberto, mas, no carrasco era uma cota de malha, elos de prata nada delicados, que escondiam a expressão de seu rosto, mas não sua identidade.

O temor invadiu o seu peito, e uma sensação de vazio interno trouxe suor para suas axilas e ao vale entre seus seios bem formados.

— E você estava o alimentando?

Quando ela nem confirmou, nem negou a pergunta, o carrasco fez um gesto de frustração com as mãos, mas foi cuidadoso em não tocá-la ou em qualquer coisa que, mesmo indiretamente, estivesse em contato com o corpo dela, inclusive a bandeja, tudo o que ela continha, bem como suas vestes e até mesmo o piso de mármore onde pisava.

Era proibido a qualquer macho entrar em contato com ela, punível com a morte pelas mãos de s'Ex, o que significaria que ele, provavelmente, teria de cometer suicídio.

— Diga, — ele exigiu. — Você o envenenou?

— Não! Ele já estava sem comer há mais de doze horas...

— Desde quando você começou a se preocupar com os meus prisioneiros?

— Ele não é um prisioneiro comum, — ela ergueu o queixo — E você não está cuidando dele direito.

— Há milhares de outras pessoas para cuidar disto.

— Eu não sou uma destas milhares de pessoas que vivem aqui?

Ele se inclinou. — *Não* comece com isto de novo.

maichen removeu a malha tão rápido, que ele não desviou o olhar a tempo. Quando ele engasgou e se virou, escondendo o rosto atrás das dobras de sua manga, a voz dela se igualou à sua em autoridade.

— Você não pode me dizer aonde posso ou não posso ir.

— Coloque a máscara! — Ele gritou.

— Não coloco. Não aceito ordens de você. — Ela arrancou a manga dele para que não pudesse mais cobrir os olhos. — Entendeu?

O carrasco fechou os olhos com tanta força que a expressão de seu rosto inteiro se distorceu. — Você vai nos matar...

— Não há ninguém aqui. Agora, ordeno que me olhe nos olhos.

Foi tal a reviravolta, que ele se acovardou e demorou a entreabrir as pálpebras, como se seu rosto não quisesse obedecer às ordens de sua mente.

Quando finalmente olhou direito para ela, foi a primeira vez na vida que um macho viu seu rosto, e, por um segundo, o coração dela bateu tão forte que ficou de cabeça zonz. Mas, ao lembrar-se do prisioneiro, lutou contra a perturbação.

— Ele, — ela estendeu o dedo na direção da porta da cela, — não deve ser ferido de forma alguma. Compreende?

— Não é você quem decide...

— Ele é um inocente. Aquele é o irmão do Consagrado, não é dele o dever de servir ao trono. Eu vi a tatuagem...

— Você olhou para o corpo dele! — Uma série de palavras explodiu da boca de s'Ex, palavras desconhecidas que soavam como "Maldição do Caralho".

Não sabia o que significavam. Ela só conhecia o inglês formal.

s'Ex se inclinou na sua direção, e baixou a voz, — Ouça, fique fora disto. Você não sabe o que está acontecendo aqui.

— Eu sei que é injusto fazer um inocente pagar por algo que não foi responsável.

— Eu não vou arriscar minha vida por você. Estamos de acordo? E *não* vou alterar o curso de minhas ações para apaziguar qualquer dilema moral que você esteja alimentando neste momento.

— Sim, você irá. — Agora foi ela que se inclinou, e apesar do tamanho dele, s'Ex recuou. — Você sabe muito bem o poder que eu tenho. Você não vai ficar no meu caminho neste ou em qualquer outro desejo que eu tiver... E quando eu trouxer a próxima refeição, você e seus machos irão me deixar passar em paz. Não

confio o bastante em você para alimentá-lo adequadamente... Ou em segurança. E *não* diga a ele quem sou eu.

Com isto, ela voltou a colocar a malha sobre o rosto e começou a se afastar.

— Qual é o seu jogo? — s'Ex exigiu.

Ela fez uma pausa. Olhou por sobre o ombro. — Eu não sei o que quer dizer.

— O que você vai fazer? Mantê-lo aqui como um bichinho de estimação?

maichen estreitou os olhos por baixo da malha. — Não é da sua conta. Sua única preocupação é de que nada aconteça a ele. E traga-lhe uma cama apropriada.

Pelo menos ele esperaria com um mínimo de conforto enquanto ela planejava um jeito de libertar o pobre homem.

maichen dobrou o corredor e saiu do raio de visão dele antes de começar a tremer... Antes de precisar se apoiar na parede para conseguir se manter em pé.

Fechou os olhos e tudo o que pode ver foi o macho aprisionado, saindo pelo biombo, após se lavar.

O corpo dele era... De tirar o fôlego, sua forma nua prendia o seu olhar, seus pensamentos, sua respiração. Ombros largos, peito musculoso, tórax impressionante, parecia esculpido por um artista, ao invés de nascido de uma mortal.

E também havia as outras partes de seu corpo. As quais a faziam enrubescer tão ferozmente, que se preocupou que a malha derretesse em seu rosto.

Disse a si mesma que ela só ia ajudá-lo, e era verdade. Era.

Mas seria tolice ignorar esta ardente curiosidade. Talvez fosse até mesmo perigoso.

Pelas estrelas do céu, o que ela estava fazendo?

Quando Trez pulou na mesa de exames, sua cabeça quase bateu na luminária, e enquanto ele se abaixava para criar algum espaço, a Dra. Jane se aproximou.

— Aqui, me deixe tirar as luzes do caminho.

Com aquele probleminha resolvido, ele agarrou o colchão fino que jazia sob sua bunda, como se a ponto de iniciar uma descida de montanha russa.

E ele odiava montanhas-russas.

Dra. Jane trouxe um banquinho rolante e sentou-se, puxando as duas partes de seu jaleco branco para juntá-las e pousando as mãos nos joelhos. Olhando-o, parecia preparada para esperar o tempo que fosse necessário para ele reorganizar seus pensamentos.

Pigarreando, ele anunciou, — Ela não virá. Não quer ser examinada, já que está se sentindo bem.

— Dá para entender.

Ele esperou por mais, e lembrou a si próprio de ser civilizado porque ela era a *shellan* de V.

Quando a boa doutora não continuou, ele franziu o cenho, — Só isto?

— O que quer que eu diga? Que Manny e eu vamos forçá-la a vir? Não posso fazer isso... Não *quero* fazer isto.

Sem sentir nenhum alívio na declaração, Trez percebeu que queria que a Dra. Jane forçasse Selenia a descer.

Hipocrisia demais? Não era uma postura pró-livre-arbítrio de verdade, não é?

— Como posso saber que ela vai ficar bem esta noite? — Ele disse, tenso.

— Sem um episódio do aprisionamento?

— Sim.

— Não dá para saber. — Dra. Jane jogou o cabelo curto para trás. — Mesmo se a examinasse agora, não daria para dizer quando é que o próximo surto irá ocorrer. Eu não sei muito sobre esta doença, mas pelo que vi, isto faz parte do problema. Não há estágio *prodromal*.

— O que é isto?

— Você tem enxaquecas, certo? — Diante de seu movimento de concordância, apontou para seus próprios olhos. — E você sente uma aura, cerca de vinte ou trinta minutos antes do ataque de dor, certo? Bem, às vezes, pessoas que sofrem, sentem formigamento ou dormência em braços ou pernas; outros têm anomalias sensoriais, tais como sentir cheiro de coisas que não estão lá ou ouvir coisas. Com a doença de Selenia, não há sinal de alerta de que uma fase aguda está prestes de acontecer. O congelamento parece ocorrer de repente.

— Você falou com o babaca do Havers?

— Na verdade, ele nunca ouviu falar de tal doença. O mais próximo que chegou disto, foram sintomas relacionados com artrites. — Ela balançou a cabeça.

— Me pergunto se tivéssemos como fazer uma análise de DNA das Escolhidas, haveria algum gene recessivo escondido em algum lugar. Com uma população procriativa exclusiva, como elas sempre foram, é de se esperar encontrar exatamente este tipo de conjunto de doenças. Ela deu de ombros. — Mas, voltando à Selenia, eu queria poder te dizer quando é que vai acontecer de novo, ou mesmo os sinais aos quais ficar alerta. Mas não posso. Eu fiz um hemograma completo nela, e sua contagem de células brancas está ligeiramente mais elevado junto com os marcadores de inflamações... Mais nada além disto. Tudo normal. Tudo o que posso dizer é que, se ela está em pé e se movendo, teoricamente, suas juntas estão funcionando bem e elas darão sinais evidentes quando não estiverem.

Ele estalou os dedos, um a um. — Há algo que possamos fazer por ela?

— Não, pelo que sabemos até agora. Um dos desafios é não entendermos o mecanismo da doença. Minha suspeita é que, após o crescimento ósseo ser desencadeado por sabe-se lá Deus o que, o sistema imunológico dela, de alguma forma, reage e ataca o material ofensor, destruindo-o como se fosse um vírus ou uma infecção. E o mecanismo de defesa do corpo dela sabe quando parar, já que o esqueleto original permanece intacto após o ataque. Provavelmente há algo inato diferente sobre o crescimento ósseo, mas, não saberemos até fazer uma biópsia.

— Então porque ela tem de... — Merda, cada vez que ele piscava, via Selenia deitada na maca, o corpo naquela maldita contorção. — Porque ela continua combatendo a coisa e se recuperando?

— Minha aposta é que o sistema imunológico falha. Analisando, é uma série extraordinária de eventos a nível celular. Ao ver as primeiras radiografias, jamais teria imaginado que o corpo dela pudesse voltar a funcionar novamente.

Ele ficou quieto, olhando para o piso. — Eu quero levá-la para sair esta noite. Sabe, um encontro. — Quando a médica permaneceu em silêncio, ele ergueu os olhos. — Não é uma boa ideia, é?

Dra. Jane cruzou o braço sobre o peito e empurrou a cadeira para frente e para trás nas rodinhas, a versão sentada de uma marcha.

Porra. Ele devia ter tido esta conversa antes de sugerir a saída...

— Você quer que eu seja bem franca? — A médica perguntou.

Trez teve uma imagem do perfil com cavanhaque de Vishous delineado sob a luz do teto externo do corredor. — Preciso saber exatamente onde estamos.

Mesmo que isto o matasse.

Passou-se um minuto ou dois antes da Dra. Jane responder, e ele achou que ela estava imaginando cenários em sua mente.

— O caminho mais prudente seria ela ficar no complexo, para fazermos uma checagem total nela, envolvendo múltiplas biópsias, uma tomografia computadorizada, uma ressonância magnética no mundo humano e consultas com médicos, através dos contatos de Manny. E então nós provavelmente teríamos de iniciá-la no uso massivo de esteróides... Mesmo que seja mais palpite do que certeza, é de se imaginar que o processo inflamatório tenha algo a ver com isto. Poderia haver drogas a testar, talvez alguns procedimentos, mas, é difícil adivinhar de antemão. — Ela correu os dedos pelos cabelos curtos até a coisa se espetar em picos louros. — Teríamos de ser rápidos porque não sabemos quanto tempo nos resta, e tudo seria na base de tentativa e erro, provavelmente, mais com o objetivo de sobrevivência do que cura. Embora, de novo, seja só um palpite, nada concreto.

Ele fechou os olhos e tentou imaginar-se dizendo à sua rainha que, ao invés de ir a aquele restaurante pelo qual ela estava tão excitada, teriam de...

— Mas, não é o que eu faria, se fosse ela.

Trez ergueu as sobrancelhas e olhou para a médica — Então há outro jeito.

Dra. Jane deu de ombros. — Sabe, no final das contas, acho que a qualidade de vida deve ser considerada. Não sei o quanto conseguiríamos tratar ou desvendar desta doença, mesmo se examinássemos ela inteira. Me baseio no fato de que ela é, para usar um termo clínico, a “paciente zero” para nós. Ninguém jamais ouviu falar, apesar de uma minoria de suas irmãs padecerem deste mal há gerações. Há uma série muito complexa de coisas acontecendo, e eu só... Há muito a tentar entender. E para que? Você quer arruinar as últimas noites dela...

— Noites? — Ele exclamou. — Jesus Cristo, é só isto o que temos?

— Eu não sei. — Ela ergueu as mãos. — Ninguém sabe e este é o ponto. Você iria... Ela *iria*... Preferir passar o tanto de tempo que lhe resta vivendo, ou somente esperando por morrer? Eu lhe digo, se fosse minha escolha, eu escolheria viver. É por isto que não vou forçá-la a descer aqui, ou fazê-la sentir-se mal por não estar com pressa de se deitar em minha maca.

Trez exalou um fôlego que não estava consciente de estar prendendo. — Rehvenge foi para o Norte. Para as colônias. Ver se há alguma coisa na tradição *Symphath* que possa ajudar.

— Eu sei, Ehlena me disse. Estamos esperando ouvir notícias dele em breve.

Ele podia dizer pelo tom profissional na voz da fêmea que ela não estava botando muita fé. — O que acontece se Selenia entrar... Em situação... E estivermos fora, no jantar?

— Então você nos chama. Eu já te mostrei o brinquedo novo de Manny?

— Como é que é?

Ela se levantou e deu um tapinha na perna, — Venha comigo.

Dra. Jane a levou para fora da sala de exames, pelo corredor, e então para baixo, baixo, mais baixo, passando por salas de aula sem uso até a pesada porta de aço da garagem. Abrindo-a completamente, ela indicou a área além da porta com o braço.

— *Ta-da.*

Trez entrou em um ambiente onde o ar era mais frio, mais úmido. A enorme ambulância era tão brilhante quanto uma moeda nova, retangular como um LEGO, maior do que o Hummer de Quinn. Maior inclusive que as ambulâncias humanas que ele vira por aí em Caldwell.

Era um maldito trailer, um RV.

— Isto é merda séria, — ele disse.

— É. Uma das coisas que tem preocupado Manny e eu...

As portas traseiras do veículo se abriram, e o parceiro humano da Dra. Jane pulou para fora. — Achei mesmo ter ouvido vozes. — O homem soou grave assim que viu Trez, — Ei, cara, como está indo?

Os dois se cumprimentaram e Trez indicou o veículo. — Então vocês conseguiram isto, huh.

— Venha ver a parte de dentro.

Trez enfiou as mãos nos bolsos dos jeans e deu a volta para a traseira. Através das portas duplas ele viu... Uma ilha grande central com duas macas, uma ao lado da outra, rodeada por todo o tipo de equipamento médico armazenado em gabinetes envidraçados, que se alinhavam nas paredes laterais como prateleiras de livros com esteróides.

— É como uma sala de operações em miniatura, — Trez murmurou.

Manny anuiu e voltou a subir. — Este é o plano. Queremos ser capazes de tratar com rapidez ferimentos de campo potencialmente mortais. Às vezes, trazer os pacientes de volta para cá ou para o Havers é arriscado demais.

O médico começou a abrir e fechar armários e balcões, mostrando uma série de instrumentos esterilizados, curativos estéreis, mesmo um microscópio em um braço extensor que podia girar para qualquer uma das macas.

Ele acariciou o instrumento como se fosse um bichinho de estimação. — Este bebê aqui também é uma máquina portátil de raio-x, e temos tecnologia de ultrassom. Oh, e como um bônus, o RV é blindado.

— Contribuição de meu marido. — Dra. Jane olhou para o parceiro. — Então ouça, Trez vai levar Selena para jantar fora em um encontro esta noite.

— É uma grande ideia. Aonde vocês vão?

Trez fez um movimento circular com o dedo indicador. — Aquele no céu. Que fica rodando e rodando.

— Oh, sim, sei qual é, — o cara disse, — no hospital, chamamos de Central do Noivado, porque é onde os médicos levavam as namoradas para pedi-las em casamento. Muito romântico.

— É.

Trez olhou para a extensão da sala de operações móvel, tentando decidir se o fazia sentir-se aliviado ou deprimido como a merda. O lado bom, ele achava, era que com as luzes externas do veículo e o lendário pé de chumbo de Manny, eles conseguiriam chegar ao centro da cidade em dez minutos, especialmente com pouco trânsito.

Mas, e se não fosse tempo suficiente? E se Selena precisasse...

— Trez? — O médico disse.

Ele forçou-se a sair de seu estado de pânico — Sim?

— Que tal se eu for com vocês? Não, não como chofer, — ele completou quando Trez recuou. — Posso ficar estacionado nos fundos do prédio e só ficar por perto, caso precisem de nós. Esta coisa tem emblemas falsificados nas portas, no capô e na traseira, e tenho todo o tipo de documentação. Ninguém irá me incomodar, e eu posso levar um Irmão comigo caso precise me livrar de alguns humanos.

Trez piscou. — Deus, não posso pedir isso...

— Você não pediu. Eu ofereci.

Trez olhou para a ambulância novinha em folha. Ele não podia acreditar no que o cara estava pronto para...

— Trez? — Manny disse. — Ei, Trez, olhe para mim.

Trez virou os olhos de volta para o humano. Manny era bem formado para um não-vampiro, com um físico atlético que continuava a manter após emparelhar a irmã de V, Payne. Mas, a coisa mais impressionante nele? Sua confiança. Treinado no mundo humano, o antigo Chefe de Departamento de Cirurgia do Hospital St. Francis do centro da cidade, irradiava o tipo de atitude “ou-dá-ou-desce” que significava que ele se encaixava perfeitamente com os Irmãos.

— Deixa comigo, — o cara disse, com gravidade. — Eu cuido de vocês dois.

Manny estendeu a mão, e por um momento, tudo o que Trez pode fazer foi piscar. Mas então, aceitou o que lhe estava sendo oferecido.

A voz de Trez saiu entrecortada. — Não sei como posso te pagar.

— Simplesmente saia e aproveite sua mulher. É só o que me importa.

Quando Jane colocou a mão em seu ombro, Trez sentiu-se humilde diante do apoio. E esperançoso também de que Rehvenge pudesse aparecer com alguma novidade do território *Symphath*.

Após agradecer novamente a ambos, ele voltou ao Centro de Treinamento, a Dra. Jane manteve-se atrás com o parceiro, como se soubesse que ele precisava de um minuto para se recompor.

Deus, a cabeça dele estava a mil.

E era engraçado, ele não tinha nenhum impulso de beber até esquecer a raiva. Nenhum. Também não sentia necessidade de sair e foder centenas de mulheres desconhecidas. Tampouco tinha interesse em investigar aqueles pacotes de drogas que encontraram com aquele *lesser*. Ele nem mesmo queria subir até o terceiro andar da mansão para acordar o irmão e atualizar iAm da situação.

Ele estava curiosamente neutro. E aquilo o assustava.

Esta noite era para ser especial para sua rainha.

Tinha de ser.

Capítulo TRINTA

Foi por volta das seis da noite quando Selenia saiu do chuveiro no banheiro de Trez. Ela dormira como um bebê durante o dia todo e noite adentro, apenas ciente de Trez entrando e verificando-a de vez em quando. Como consequência, se sentiu melhor desde...

Santa Virgem Escriba, ela não soube por quanto tempo.

Enrolando-se na toalha, ela enrolou seu cabelo para cima e colocou o robe preto de Trez. O peso volumoso encolheu o seu corpo, caindo para o chão, o laço tão longo terminava quase emaranhando em seus pés. Mas se sentia tão bem em ter a coisa nela, o cheiro dele embrulhando-se ao redor dela como um abraço, as dobras oferecendo calor.

Em cima das pias duplas, ela pegou uma toalha de mão e enxugou a condensação no espelho. Debaixo das luzes, sua pele estava brilhando, um rubor em suas bochechas e uma vermelhidão em sua boca, todo o resultado do sexo que compartilharam.

E haveria mais hoje à noite. Ela sabia disso porque toda vez que Trez entrava no quarto, aquela especiaria sombria dele tinha sido uma promessa intensa do que estava por vir.

Desenrolando a toalha em sua cabeça, deixou seu cabelo escuro solto, os fios molhados pingando em suas costas. Ela fez o melhor que pôde para deixar os fios quase secos, esfregando a toalha em cima de tudo que podia alcançar sem se esforçar demais. Então chegou a hora de usar o secador de cabelo, exceto...

Sem secador de cabelo.

Procurando, ela verificou os armários debaixo das pias, mas, só achou uma carga inteira de papel higiênico, sabonete, xampu e condicionador. Navalhas. Toalhas de mão e de banho. Movendo-se para a área de armazenamento na parede, ela encontrou... Mais toalhas. As quais pareciam caras e tão suaves quanto pão fresco, mas, não fariam por ela o que precisava.

Completamente seco era o seu objetivo final. Agora, ligeiramente úmido, era sua segunda escolha.

Certo, ela podia estar em apuros aqui. Eles saíam às sete e trinta e seu cabelo, sozinho, levava mais ou menos oitocentas horas para secar...

Uma batida no lado de fora da porta a fez levantar a cabeça. — Oi?

— Isto é um “entre”? — Uma voz feminina perguntou do corredor.

— Sim? Por favor? — Apertando mais o robe de Trez, ela saiu do quarto adequadamente, depois parou assim que os painéis pesados se abriram. — Oh, oi... Ah...

Beth, a Rainha, entrou no quarto de Trez. E com ela Marissa, Autumn, Mary... Ehlena e Cormia. Bella. Payne. Também Xhex, que, com seu cabelo curto e seus couros, parecia um pouco fora de lugar no grupo.

Ou talvez fosse por causa de sua postura estranha, como se estivesse insegura sobre o que ela estava fazendo com o grupo.

— Há algo que precisa? — Ela perguntou para Rainha. E para as outras.

Embora estivesse ciente que apenas Cormia e Layla a visitaram, era um palpite justo que todos na casa estavam informados sobre suas dificuldades, ela realmente esperava que as fêmeas não fizeram essa viagem para oferecer condolências antes que realmente morresse.

Felizmente, Beth sorriu, em oposição às questões. — Precisamos que nos permita arrumá-la.

Selena levantou suas sobrancelhas e olhou para seus pés. — Sinto muito. Estou inadequada e não sei?

— Bem, nós ouvimos pela videira...

Marissa falou claramente. — Na verdade, meu *hellren* me disse. E ele ouviu de Vishous.

— Que você irá a um encontro, — Beth terminou. — E nós pensamos que você poderia gostar de um pouco de embelezamento.

Cormia colocou suas palmas para fora. — Não que você não seja bonita o suficiente.

Naquele momento, houve muitos *oh, não, completamente bonita, e só se você quiser*, e tudo que Selena pôde fazer foi colocar as mãos em suas bochechas. — Eu só iria colocar um vestido e arrumar meu cabelo.

— Chato. — Xhex disse. Visto que todas as meninas lhe lançaram um olhar, ela jogou as mãos. — Eu te disse que não sou boa nessas coisas! Deus, por que me fez subir aqui?

Beth se virou. — Selena, você sempre parece adorável, mas temos algumas roupas contemporâneas para você considerar, umas que talvez sejam um pouco mais...

— Você se parecerá com algo diferente de uma cortina de janela. — Xhex rolou os olhos. — Eu sei, eu sei, me calarei de agora em diante. Mas é a verdade.

— Pareço com uma cortina? — Selena disse, olhando para as peças nas janelas que acabaram de se fechar sozinhas. — Isso é ruim?

Beth avançou e tomou suas mãos, apertando-as. — Você confia em nós?

— Oh, claro, minha Rainha, é só que... Não sei, não consigo achar um secador de cabelo, e...

Marissa deu um passo à frente com uma bolsa de lona cheia com... Toda maquiagem concebível e utensílios de cabelo, o que quer que seja. — Não se preocupe, eu tenho toda a solução.

E foi assim que Selena acabou sentando em um tamborete no meio do banheiro de Trez com um grupo de fêmeas circulando-a com secadores, escovas de cabelo, algo chamado mousse, e modeladores de cachos.

No meio da maquiagem, seus olhos se encheram d'água.

— Oh, estou muito perto. — Autumn disse sobre o barulho dos secadores.

Selena levou uma mão para cima, na esperança de esconder suas lágrimas. A generosidade era tão inesperada. Literalmente sentiu como se a casa inteira estivesse a apoiando e seu macho.

Xhex, a intransigente, foi a pessoa que trouxe a caixa de Kleenex. E quando a mão de Selena tremeu tanto que derrubou o lenço que pegara, Xhex foi quem cumpriu a tarefa, retirando outro quadrado branco macio e enxugando levemente sob os olhos que vazavam.

Selena olhou em direção àquele olhar fixo de bronze e murmurou, — *Obrigada.*

Xhex apenas assentiu e continuou enxugando discretamente, seu toque gentil em desacordo com aquele rosto severo, traje masculino e a arma que usava no coldre em sua cintura apesar do fato que estavam todos seguros no complexo.

Selena não tinha nenhum pensamento em sua cabeça, apenas emoções muito grandes para manter em seu coração.

Quando os secadores foram finalmente silenciados, ela soube que estava na hora de recuperar sua compostura. Todo aquele som e fúria enquanto seu cabelo

era soprado por toda parte ofereceu uma espécie de proteção para se esconder, ainda que todas a viram chorar.

— Seu cabelo está tão adorável. — Cormia disse conforme corria seus dedos pelas ondas. — Acho que devíamos deixar solto...

— Obrigada a todas. — Selenia revelou. — Obrigada por isso.

Beth se ajoelhou na frente dela. — O prazer é nosso.

Uma mão pousou sobre o ombro de Selenia. Outra em seu antebraço. Mais em suas costas. E Xhex estava exatamente ao lado dela com aquela caixa de Kleenex.

Olhando no espelho, ela se viu cercada pelas fêmeas da casa, e nenhuma delas sentia pena dela, pelo que estava muitíssimo agradecida. Ao invés, elas estavam apoiando-a, fazendo o que podiam para mostrá-la que ela importava.

E por alguma razão, isso parecia indescritivelmente importante.

Provavelmente porque ficou claro para ela, pela primeira vez, que seria lembrada por estas pessoas depois que fosse embora, e ser lamentada por pessoas boas era o melhor legado que alguém poderia deixar para trás.

— Solto? — Ela se ouviu dizer. — Realmente? Acha que eu deveria usar meu cabelo solto?

— Permita-me apresentar-lhe meu pequeno amigo. — Com isso, Marissa mostrou uma varinha de prata que estava plugada na parede por uma corda preta. — E agora a guerra deve começar.

Selenia teve de rir. Olhando para Xhex, disse — Você já...?

— Usei um desses? — A fêmea empurrou seu cabelo curto. — Como se pudesse. Mas acho que devia fazer o que elas dizem. Você está olhando para o cérebro confiante da espécie quando se trata de estar gostosa.

— Então irei ceder. — Selenia se encontrou iluminando-se com a ideia de uma transformação. — Faça o que desejar comigo.

Beth sorriu. — Acha que isso vai ser bom? Espere até ver o vestido.

— Sinto muito. Eu tentei.

Quando Rehvenge se desculpou por nada que era sua culpa, e nada que era realmente uma surpresa, Trez sacudiu a cabeça. Eles estavam em pé no grande

hall da mansão, seus pés plantados na representação de mosaico de uma macieira fluorescente.

Ele colocou sua mão no ombro vestido de pele do macho. — Sericamente, Rehv. Obrigado por dar a isso uma chance.

Rehv colocou sua bengala vermelha no chão e caminhou ao redor. — Olhei em todos os lugares em nossos registros. Perguntei às pessoas...

— Rehv, escute, eu aprecio o seu esforço. Mas, honestamente, eu não esperava alguma resposta mágica. — Merda, sabia que estava acostumado à notícias ruins a essa altura. — Então não ataque a si mesmo em relação a isso.

Aquela pele longa alargando-se atrás do macho enorme conforme ele continuava a andar a passos largos ao redor. Eventualmente, ele parou sem energia. — Lembra-se da noite em que nos conhecemos?

— Como se eu pudesse esquecer.

— Sempre senti que era para acontecer. — O macho olhou fixamente para baixo em seus sapatos de pele de avestruz. — Eu não quero... Isso para você. Especialmente considerando o que mais está esperando por você.

Rehv era um dos poucos que sabia que ele era o Consagrado de volta ao s'Hisbe.

Deus, Trez pensou. Aquela bagunça no Território não estava nem ao mínimo em seu radar. Selena era o grande desinfetante de todas as suas outras preocupações, não só limpando sua ficha, mas purificando sua merda bruta.

— Irei ajudar Selena. — Ele se ouviu dizer. — Não irei a qualquer lugar enquanto ela está... Você sabe.

— Qualquer coisa que precisar, você tem. — Rehv veio. — Eu apenas...

Foi perturbador ver um macho tão grande, que era conhecido por sua arrogância impertinente, parecer tão derrotado.

Trez teve de cortar a compaixão ou isso iria deixá-lo para baixo. — Olha, você não tem de dizer mais nada. Francamente, prefiro que não faça. Não por nada, eu preciso ficar focado onde estou agora, Selena descera aqueles degraus e não posso ficar frustrado em minha mente hoje à noite.

— Compreendido. Mas vou te abraçar.

— Por favor não, oh, não, qual é, homem...

Quando foi envolto em pele, ele endureceu, e se sentiu como um idiota. Porra, o cara só estava sendo verdadeiro, mas, maldição, tudo que Trez queria

fazer era correr para a sala de bilhar. Talvez bater ele mesmo em sua cabeça com um taco de bilhar.

Até a maldita coisa quebrar.

Sua cabeça, não o taco.

— Uau, essa coisa é suave, — ele disse, acariciando o casaco.

Rehv recuou. — Irei subir para o quarto de hóspedes. Estou exausto e Ehlena esteve acordada o dia todo com Luchas. Acho que nós vamos dormir a noite inteira.

— Soa como o céu para mim.

Momento. Estranho.

— Você precisa parar de olhar para mim assim. — Trez esfregou seu rosto. — Ela não está morta ainda.

— Eu sei, eu sei. Desculpe. Deixarei você sozinho.

Rehv bateu-lhe nas costas e, em seguida, foi em direção à escadaria principal, subindo com a ajuda daquela bengala. E visto que Trez ficou onde estava, ele percebeu por que não caçara seu irmão para conversar sobre as coisas. Normalmente, ele e iAm já teriam se falado oito vezes, e ainda eram só sete horas da noite.

Mas, se Rehv sendo um bom sujeito conseguiu entrar em sua pele, Trez realmente não seria capaz de lidar com essa merda com seu irmão de sangue agora. Ele mal estava se segurando, um olhar nos olhos negros de iAm?

Ele tinha medo que não poderia colocar as coisas de volta nos escombros.

Às vezes, a honestidade era muito...

Oh, foda-se. Ele seriamente estava citando Muzak dos anos setenta agora?

Andando, andando, andando. Ele e Selena combinaram de sair às sete e trinta, e ele planejava ajudá-la até o carro. Isso tinha sido um grande estúpido não, no entanto: Uma boa hora atrás, ele foi até o terceiro andar para verificá-la, mas Xhex barrara sua entrada e informou-o que ele não era bem-vindo em seu próprio quarto. Então a guerreira lhe jogou um dos seus ternos pretos, junto com uma camisa preta de botão, sapatos pretos e meias de seda, e seu relógio *Audemars Piguet* todo preto.

E bateu a porta em seu rosto.

Fêmeas. Honestamente.

Mas, ele trocara suas roupas. Como um bom menino. E desceu até aqui para esperar.

Assim que a figura decorada de Rehv desapareceu acima, Trez tirou seu telefone e verificou suas mensagens. Esperava encontrar algo de iAm, mas, típico do seu irmão, o cara sabia quando ele precisava de espaço e estava lhe dando isso.

Ele disparou uma atualização rápida para o macho, contando-o que estava saindo com Selenia e que ele apareceria na base mais tarde quando voltassem. Então, entrou em contato com Big Rob e Silent Tom, e informou-os para encaminhar tudo que tivesse a ver com os clubes à Xhex, assumindo que ela poderia se livrar da coisa da maquiagem exagerada acontecendo em seu quarto. Ele estava quase guardando o telefone, quando viu que faltou uma mensagem.

De Rhage.

O Irmão alcançou e...

— Ei, estamos prontos para ir? Onde está a sua fêmea?

Falando em Hollywood. O Irmão em questão veio correndo abaixo a escadaria principal, as armas chiando como sinos de Natal humano nos vários coldres que ele ainda tinha amarrado em seu corpo.

— Acabei de ver sua mensagem, — Trez disse. — Desculpe por não ter respondido.

— Você tem merda em sua mente. Tá tudo bem.

Os dois bateram as palmas. Reviradas em cima. Ombros batidos. Recuaram.

— Olhe para você. — Rhage andou ao redor. — Parece ótimo.

Trez estalou fora seus punhos franceses. — Eu não posso envergonhar a fêmea.

— Parecendo assim, ela será sortuda em estar ao seu lado. — Rhage parou na frente dele. — Veja, isso é o que digo à minha Mary. Ela quer que eu adicione cor no meu guarda-roupa, tem sido uma coisa, tipo, pelos últimos dois anos.

Quando o Irmão estremeceu como se sua *shellan* tivesse sugerido que vestisse calcinhas debaixo de seus couros, Trez começou a sorrir.

— Você tem interesse no negro, Hollywood? — Ele disse.

— Ela quer combinar com os meus olhos. — Rhage apontou para os seus olhos incredivelmente azul-petróleo. — Tipo, seriamente. Digo, eu já tenho

água em mim o tempo todo com essas coisas. Por que precisamos de redundância.

— Então o quanto de cor tem em seu armário?

— Não quero conversar sobre isso. Muito deprimente...

Lassiter enfiou sua cabeça para fora da sala de bilhar. — Ei! Menino dragão, *Project Runway* está passando se você quiser vir assistir. Talvez pegar algumas dicas sobre suas tendências.

O olhar de Rhage estreitou, mas se recusou a olhar para o anjo. — Não há uma maratona de “*Uma galera do barulho*” que você tenha de assistir?

— Não odeie o Zack. Ele é como seu maldito irmão pequeno, rainha da beleza. — Lassiter vagueou, o ouro que ele tinha criava uma aura ao redor da sua cabeça loira-e-preta e seu corpo longo, ou talvez o brilho fosse realmente uma aura. — Então, para onde vamos? Seu clube, Sombra?

— Não.

— No baile do embalsamador, então? Com todo esse preto, é como se você estivesse interessado nas artes fúnebres...

Rhage moveu-se tão rápido que era impossível localizar. Em um momento, ele estava friccionando seus dentes ao lado de Trez; no próximo, ele estava cara a cara com o anjo, sua mão trancada na garganta de Lassiter.

Palavras foram ditas muito suavemente, Trez não podia segui-las, mas um momento depois o espertinho drenou o rosto e a atitude do anjo.

Rhage soltou o aperto e se afastou. — Então isso aconteceu, — ele murmurou quando voltou e começou a se recuperar. — Poderia muito bem continuar com essa merda. Estou montando espingarda com Manny hoje à noite.

— Oh, sim. — Trez respirou fundo. — Ei, obrigado por fazer...

— Mas, só porque ele me prometeu bife.

Trez arqueou uma sobrancelha. — Desculpe?

— Bife? Sabe, vaca? Carne? Paraíso em um prato? Eu sei que comeu algum antes.

— Estou familiarizado com isso, sim. Mas você virá para ajudar...

— O consumo de bife. É por isso que irei.

Houve uma pausa estranha. Durante a qual Rhage simplesmente olhou-o fixamente, como se estivesse fazendo uma declaração de que ele não seria uma zona de drama.

E, Jesus, essa era provavelmente a coisa mais útil que o Irmão poderia ter feito. Era como uma tábua de salvação saindo da zona sentimental de merda, e Trez se agarrou nisso.

— Bife, huh. Você irá pedir o serviço de entrega do Circle the World?

Rhage recuou como se tivesse sido estapeado. — Então, certo, claramente você não está ciente disso, o que é um lapso atordoante em sua educação formal, mas a melhor steakhouse em Caldie, a 518, é exatamente do outro lado da rua do arranha-céu que está o seu restaurante. Meu plano? Enquanto você e sua garota estão lá em cima se divertindo e andando em círculos, eu estarei no térreo comendo, tipo, um filet mignon, um rosbife enorme, um hambúrguer de carne Kobe, uma carne de corte nova iorquino.

— Parece bom. Qual deles você comerá? Já decidiu?

Rhage franziu a testa. — Todos eles. Com uma porção de purê de batatas. Veja, você tem de ter a proporção purê-carne correta. Faz toda diferença. E então há os pãezinhos. Conseguirei três cestas entregues.

Trez levantou seu dedo indicador. — Sabe o que você precisa? Uma refeição no Sal's. Você deveria ir comer na taberna do meu irmão.

— É italiana?

— Sim. Estou falando sobre o melhor na cidade...

— Merda, por que eu não...

— Puta... Que *pariu*...

Com a maldição que Lassiter latiu, Trez e Rhage olharam para o anjo. O imbecil não os notou, porém, seus olhos extraordinariamente coloridos focados para cima, como se a Segunda Vinda de Cristo tivesse chegado ao topo da escadaria principal.

Só então, um perfume revelador alcançou o nariz de Trez e disparou através do seu sangue, o impacto deturpando sua cabeça e seu corpo...

Diante disso, ele perdeu todos os pensamentos. Toda respiração. E toda sua alma.

Selena permaneceu no topo dos degraus com o carpete vermelho-sangue, sua mão adorável descansando no corrimão folheado a ouro, seu corpo mantinha-se rígido, como se ela não estivesse certa sobre seus sapatos, ou seu vestido, ou talvez até mesmo o seu cabelo.

Não havia absolutamente nada para se preocupar.

A menos que ela tenha um problema em ser uma arma de sedução.

Seu cabelo escuro longo descia ao redor dos seus ombros, caindo para baixo em suas costas. Enrolado da ponta até a base, era uma glória tão feminina, tão avassalador com o seu peso e o seu brilho, que ele empunhou suas mãos e soltou porque queria tocá-lo, acariciá-lo, cheirá-lo. Mas, isso não era a metade de tudo. Seu rosto era a única coisa que poderia possivelmente envergonhar as coisas, sua pele radiante, seus olhos cintilantes, seus lábios carnudos vermelhos como sangue.

E então existia o maldito vestido.

Preto. Corte simples. Com um corpete decotado e uma saia que terminava no meio da coxa.

Muito quente. No meio da coxa.

Selena estendeu um pé, um delicadamente calçado, em salto alto que estava conectado a um tornozelo pequenino e uma panturrilha perfeitamente curvilínea que o fez ranger os dentes.

Ele teve de engolir em seco quando ela começou a descer lentamente, cada passo que ela dava levava-a para mais perto dele poder tocá-la, beijá-la... Tomá-la.

Homem, aquele vestido era um *knockout* absoluto, nada além de um revestimento que seguia os contornos dos seus quadris, sua cintura, e seus seios, com um ajuntamento fora de um lado no meio dela e um segundo em seus ombros. Ela não usava joia de modo algum, mas por que usaria? Não existia nenhum diamante, nenhuma esmeralda, nenhum rubi, nenhuma safira que poderia chegar perto da sua perfeição devastadora.

Quando alcançou a parte inferior dos degraus, ela hesitou, olhando para a esquerda e direita, provavelmente para Lassiter e Rhage, eles estavam ainda no hall com ele? Quem sabia. Porra, quem se importava?

Selena alisou o... Isso era seda? Lã? Tafetá?

Papel de alumínio? Saco de papel?

Ela estendeu a mão e empurrou o cabelo. Em seguida, fez uma careta. — Você não gosta, né. Posso mudar. Eu iria vestir...

Algo o bateu na lateral.

— ... Vestido tradicional. Mas as meninas acharam que... — Ela olhou por cima do seu ombro para as fêmeas que permaneceram no topo dos degraus. — Eu posso mudar...

Lassiter amaldiçoou. — Caralho não. Não ouse. Você parece...

O lábio superior de Trez enrolou em suas presas baixas. Então ele estalou sua mandíbula na direção do anjo caído, como um Pastor alemão. Ou talvez um tubarão-touro fazendo um teste de mordida antes de atacar como uma motosserra a sua presa.

Lassiter pôs as mãos para cima. — Qual é, cara, eu iria dizer que ela parece um caso de caridade. Um árbitro de futebol. Uma imitadora de Martha Stewart. Você quer que eu continue? Eu poderia começar com os personagens idiotas da Disney. Há muitos deles.

Aquela cotovelada em sua costela veio novamente. Então Rhage se inclinou. — Trez, — o Irmão silvou. — Você tem de dizer alguma merda aqui.

Trez clareou a garganta. — Eu... Eu... Eu...

Ele estava vagamente ciente das fêmeas no segundo andar estourando em altos “toca aqui” e gritos de “acertamos em cheio”. Mas, sua rainha permaneceu preocupada.

Certo, ele precisava se recompor, antes que o cotovelo de Rhage o acertasse no fígado novamente e Selenia disparasse de volta para o seu quarto. — Você está... Eu estou...

Ele puxou a gola de sua camisa de seda, mesmo que a coisa estivesse escancarada.

— Você gosta? — Ela disse.

Tudo que podia fazer era acenar com a cabeça. Ele era literalmente nada, além de hormônios em um terno preto. Ela era bonita assim para ele.

— Realmente?

Mais movimentos com a cabeça. — Uh-huh. *Realmente*.

Selenia começou a sorrir. Então ela olhou de volta para as fêmeas, que pulavam para cima e para baixo e ofereciam seus dedos polegares para cima.

Sua rainha se virou para ele. Aproximou-se. Tomou suas mãos e esticou-se para sussurrar em sua orelha — A única coisa que elas não me deram foi roupa íntima.

Nua.

Ela estava n-n-n-n-ua debaixo disso.

Capítulo TRINTA E UM

Sem dormir.

Paradise conseguiu absolutamente, positivamente não dormir nada na bonita casa. A princípio foi porque ficou muito emocionada ao percorrer o lugar, cada sala, quarto e banheiro, maravilhada com a arte, o mobiliário, a decoração... Duas vezes. Então precisou escolher um quarto subterrâneo (escolheu o da esquerda) e desfazer as malas, desfazer e desfazer.

Sua amada *doggen*, Vuchie, desenhou uma plataforma no curto corredor de paredes de pedras entre as duas suítes subterrâneas, mas Paradise insistiu com sua acompanhante para ir pelo outro lado e se instalar no quarto real. Isto deu lugar a uma série de protestos, que terminou com sua empregada presa entre uma ordem direta e seu incômodo em permanecer em tal luxo; quase teve um ataque de nervos.

Por fim, no entanto, e como de costume, Paradise conseguiu sair-se com a sua.

Neste momento, ela havia se retirado ao “seu” quarto, colocou um pijama e descobriu felizmente que o wi-fi não requeria uma senha. Deitando sobre o edredom de veludo, verificou o Twitter, Facebook, alguns blogs, o *New York Post* e o *Daily News*, e continuou ignorando as mensagens de texto de Peyton. Quando suas pálpebras finalmente começaram a cair, colocou o telefone de lado e arrastou o edredom pela parte superior de seu corpo, a camiseta da Universidade de Siracusa e uma calça de yoga com os quais dormiu muitas e muitas vezes.

Eeeee foi quando a coisa de não-dormir chegou com força.

Apesar de ter fechado os olhos, sua mente continuava zumbindo com o que seu pai disse que estaria fazendo ao cair da noite para ajudar o Rei.

E logo estava o fato deste primo perdido há muito tempo, sozinho com seu pai de volta em sua casa. O que aconteceria se machucasse seu pai?

Assim, então, pensou enquanto ficava em pé diante do espelho do banheiro. Não fechar os olhos... Mesmo quando suas pálpebras descerem.

A boa notícia era que a espera terminou. E seu pai lhe enviou mensagens de textos dizendo que chegaria em quinze minutos, tão claramente que lhe fez passar o dia bem.

Era curioso, estava surpresa pelo tanto que queria vê-lo. Depois de tantos anos de rezar por um pouco de liberdade, encontrou que a experiência real foi marcada por um pouco de nostalgia.

— Mas, agora irei começar a trabalhar.

Virando-se de lado, pegou seu casaco azul marinho. Depois puxou sua blusa branca. Brincou com seu colar de perolas.

Quando deu um passo atrás, decidiu que parecia uma aeromoça da PanAm em 1960. Como aquelas em *“Prenda-me se for capaz”*.

— Ah vamos. — Ela arrancou o laço, prendeu o cabelo para trás com ele e guardou suas coisas. — Oh sim. Agora está *bem* diferente.

Não.

Soltar o cabelo talvez melhorasse a situação. Mas, de que iria adiantar, a quem queria impressionar de qualquer forma?

Bom, má pergunta para se fazer quando estava a ponto de começar em seu primeiro trabalho e não se tratava apenas de seu pai, mas do Rei de toda a Raça e sua guarda pessoal de assassinos.

Era o suficiente para fazer uma oração à Virgem Escriba.

Ao sair de seu...

— Por favor, senhora. Permita-me preparar algo para que possa comer.

Vuchie estava em pé justo dentro do quarto, vestida com seu uniforme cinza e branco, balançando peso entre seus sapatos bege. A *doggen* tinha o cabelo castanho, os olhos marrons e a pele branca como porcelana, bonita a sua maneira e provavelmente uns cinquenta anos mais velha que Paradise. As duas se conheciam desde que Parry podia se lembrar, como acontecia com muitas filhas de pais aristocratas a relação patroa/empregada delas tinha sido cultivada formando vínculos por toda vida. Em muitos casos, uma empregada era a coisa mais importante levada para a nova casa quando se vinculavam à um macho de privilégio ou criação similar.

Era seu vínculo com o passado. Sua lucidez. E muitas vezes, a única pessoa em quem se poderia confiar.

Cara, ela preferia muito mais essa realocação com sua empregada; por causa de um novo emprego e não algum antigo *hellren*.

— Estou bem, Vuchie. — Ela tentou sorrir. — Você está com fome?

— Senhora, você não teve sua Última Refeição ontem, também.

Parry não tinha intenção de dizer a verdade claramente, um amassado ou uma rusga, não deixaria nada interferir em sua nova postura de aeromoça. Este tipo de franqueza apenas levaria a uma briga que acabaria com ela de repouso na cama e, provavelmente, Vuchie chamaria seu pai pedindo reforço.

— Sabe o que eu gostaria? — Parry forçou um sorriso. — Que preparasse algo para mim e levasse ao escritório. — Ela se aproximou e segurou o braço de Vuchie. — Sim, vamos, vamos, faça isto.

— Mas... Mas... Mas...

— Estou tão feliz que concorde. *Adoro* quando estamos em sintonia.

Foi até a parte superior da escada curva de pedra, era muito bem decorada, atravessaram um retrato de tamanho natural de uma da família real francesa até onde estava o vestíbulo.

— É tão tranquilo. — Disse Paradise, mais calma.

O lugar, como resto da casa, estava muito bem decorado, antiguidades por toda parte, setas e veludo nas paredes e pisos, inclusive as cadeiras eram cobertas por ricos tecidos. Lembrou-a de artigos que leu na revista *Vogue* e *Vanity Fair* sobre Babe Paley e Slim Keith, os móveis eram perfeitos, os *objetos de arte* pequenos caprichos de jade, ouro e bronze, cores sóbrias, mas não fracas.

— Suponho que meu pai não está aqui, no entanto.

Como se fosse um sinal, as persianas automáticas se moveram por todas as janelas, o zumbido sutil fazendo-a saltar.

— Vou até a cozinha. — Disse Vuchie. — Preparar seu café da manhã.

Quando sua empregada saiu, Paradise quase chamou a mulher de volta. Pelo amor de deus, a *doggen* não era uma manta de segurança.

Decidida a enfrentar o que fosse sozinha, apesar de que não sabia o que iria fazer, se aproximou e sentou-se atrás da mesa do escritório e... Brincou com o mouse, o que a levou a uma tela protegida com senha que nem se incomodou em decifrar.

O wi-fi no subterrâneo era outra coisa. O computador ali? Era bloqueado e teria algo mais. Uma por uma ela abriu as gavetas, sem encontrar nada além de artigos de papelaria e artigos de papelaria... E sim, mais artigos de papelaria.

Ouviu vozes pela primeira vez. Profunda. Rouca. Muito masculina.

Então a porta se abriu. E ali estava um coro de muitos, muitos pés pesados calçados com botas cruzando o umbral.

O primeiro pensamento de Paradise foi se esconder debaixo da mesa.

Os membros da Irmandade da Adaga Negra estavam na casa, todos eles vestidos de couro negro, cada um deles armados brutalmente.

Eram maiores do que se lembrava das apresentações na noite anterior. E ela não os enquadraria na categoria de zero a esquerda de forma alguma.

— ... Bombeou algumas vezes sua cabeça. — Disse um deles.

Foi como uma derrapagem de pneus quando eles pararam em seco e a olharam. Graças a Deus que estava sentada. A mesa era uma espécie de barreira entre ela e todos os guerreiros.

— Ei. — Disse um deles, um com o sotaque de Ben Affleck. — Sua primeira noite, verdade?

Quando começou a assentir com a cabeça, seu pai passou pela porta aberta.

— Estou aqui, estou aqui! — Seu pai abriu caminho através do grupo. — Paradise, como está você?

Ocorreu-lhe que deveria ficar em pé e abraçá-lo com força. *Podia fazer isto*, disse a si mesma. *Poderia absolutamente e positivamente fazê-lo.*

De verdade.

Honestamente.

Deus havia vários homens na casa.

Gêmeos. Ela teria *gêmeos*.

Enquanto Layla estava na maca, esfregou seu ventre com a mão livre, a que não estava dentro do gesso que ia até acima de seu cotovelo direito. As dores de sua queda haviam desaparecido e o osso quebrado que Manny cuidou já estava colado novamente. O gesso iria desaparecer logo. *Gêmeos*.

Apesar de que teve todo o dia para se acostumar as notícias, ainda estava aturdida, e para piorar as coisas, ela e Quinn realmente não conversaram sobre isto.

Estava mais interessado na roupa que ela iria vestir. No momento que ela entrou na camisola de flanela e seu robe rosa favorito, dormiu. Foi bom o suficiente para colocar seu manto sobre ela e deixá-la sozinha.

Estava irritado com ela? Pensava que ela estava mentindo sobre onde ia de carro em seus passeios?

Maldição, como diriam os Irmãos...

Uma batida na porta a fez levantar a cabeça. — Sim?

Como se houvesse lido sua mente, Quinn colocou o torso forte no quarto.

— Ei. Apenas queria vê-la antes de sair esta noite. Como se sente?

Layla respirou fundo e tentou manter o rosto em branco.

— Estou bem. E você?

— Bem.

Uma longa pausa. Isso fez com que seu coração acelerasse.

— Então, obrigada pelo manto. — Ela acariciou o tecido. — Realmente apreciei. Acabo de acordar, mas vou devolvê-lo.

Depois de um momento ele entrou, apoiando-se na porta fechada. Seus olhos diferentes subiram por seu corpo algumas vezes, sutilmente.

— Então, como está? — Disse. — Você sabe, com a coisa dos gêmeos.

— Bem. Quero dizer, foi um choque... — Ela encolheu os ombros. — Mas, estou me ajustando. Estou feliz. Dois, uma benção. Claro.

— Bom. Sim. Uh, hum.

Silêncio. Que foi preenchido por ele colocando as mãos nos bolsos de couro e ela brincando com a ponta do maldito manto.

Além de romper em suor frio sob os lençóis de hospital.

— Há algo que precisa me dizer? — Perguntou Quinn.

Os golpes nos ouvidos eram tão fortes, que tinha quase certeza que ela respondeu com um grito. — Sobre o que?

— O que estava fazendo à noite?

Obrigou-se a segurar seu olhar. — Fui dar uma volta.

— Porque suas roupas estavam cobertas de folhas?

— Desculpe?

— Sua roupa. À noite. Quando as peguei, estavam sujas e havia folhas sobre elas. Se estava caminhando pelo pátio e caiu, porque estariam assim?

Ela abaixou os olhos apesar de fazê-la parecer culpada. Por outra parte, ela *era* culpada.

— Layla? — Ele amaldiçoou em voz baixa. — Olhe, é uma mulher adulta. Apesar de estar carregando meu filho, não tenho nenhum direito sobre sua vida ou o que esta fazendo, exceto em coisas relacionadas com a gravidez. Apenas quero me assegurar que esteja a salvo. Por seu bem. Pelas crianças.

Merda.

Agora era o momento, pensou. Agora... Tinha de ser o momento.

— Sinto-me presa. — Ouviu-se dizer.

Entre Xcor e a Irmandade. Entre o perigo e a segurança. Entre o desejo e a condenação.

— Imaginei isto. — Qhuinn assentiu. — Está dirigindo. Para longe.

— Caminho.

— Onde?

— Fora. — Em sua cabeça, ela tentou uma variedade de confissões, com substantivos e verbos, tentando encontrar uma maneira para descrever o que estava fazendo sem lançar merda para todo lugar. — Fora... Pelo campo.

Qhuinn cruzou o quarto e se endireitou de frente a uma pintura de salgueiro. — As pessoas fazem isto o tempo todo. Em suas cabeças. — Disse.

Nisto tem razão, pensou.

Queridíssima Virgem Escriba queria lhe dizer. Realmente queria... Mas a revelação ficou presa em sua garganta.

Pela primeira vez, começou a ficar irritada. Consigo mesma. Com Xcor. Com toda maldita coisa.

— Tropeçou e caiu enquanto estava caminhando? — Disse.

— Sim. — Ela respirou fundo. — Fui estúpida. Caí sobre uma raiz.

Tão perto da verdade. Estava ficando irritada.

Cara, isto estava matando-a.

— A maioria das mulheres... — Qhuinn foi para os pés da cama, colocou as mãos nos quadris estreitos e olhou para seus pés. — A maioria das mulheres tem alguém com quem passar por isto. Quero ser ele para você. Blay também quer. Nós não queremos defraudá-la.

Genial, agora sentia as lágrimas por ele duvidar que pudesse ser um apoio. — Você é incrível. Os dois são. Você é absolutamente incrível. É apenas que... Não há muito o que fazer.

Ao menos isto não era uma mentira.

— Mas, agora com gêmeos. — Ele negou com a cabeça. — Gêmeos... Pode acreditar?

— Não. — Ela esfregou o ventre. — Não sei como vão encaixar. Já me sinto enorme e ainda tenho quantos meses?

— Ouça, por favor, estou contigo. Estou aqui para você, com tudo o que precisar.

Um estridente alarme começou a soar ao lado, os dois franziram o cenho ao mesmo tempo e olharam ao redor procurando o ruído.

— Vem do quarto de Luchas? — Perguntou. — Oh Deus meu, será que...?

Ouviu-se um grito no corredor. Vários passos. A voz de Jane dando ordens.

— Merda, tenho de ir ver. — Disse Qhuinn enquanto girava e se lançava para a porta. — Tenho de ir ajudar...

Quando ele correu para o quarto de seu irmão, Layla sentou-se. Ficou em pé. Estabilizou-se. O que estava acontecendo ao lado era ruim. E ela estaria condenada se Qhuinn iria enfrentá-lo sozinho.

Capítulo TRINTA E DOIS

Ao sentar-se no banco de trás do gigante Mercedes, aquele que Fritz dirigia e estava, de fato, dirigindo, Selena sorria tão largamente que suas bochechas estavam insensíveis e sua mandíbula doía.

À frente do sedã, os arranha-céus de Caldwell brilhavam como as sentinelas míticas de algum reino de fantasia e ela se inclinou para a janela, tentando ver aquele para o qual se dirigiam, o mais alto dos gigantes, o ápice de todos.

— Mal posso *esperar* para ver a vista lá de cima, — ela se virou para Trez. — Estou *tão* excitada.

Quando ele não respondeu, mas só continuou a encará-la, ela sorriu ainda mais. O macho não desviara o olhar desde que ela descera as escadas, os olhos vagando, sempre vagando, nos lábios dela, nos seios, as coxas e pernas, de volta ao cabelo, rosto, garganta.

A excitação dele estava saliente à frente das calças pretas. E mesmo que ele tentasse, repetidas vezes, colocar o paletó, o braço ou uma mão no colo de forma casual, ela conseguia sentir o sexo dele tão claramente como se ele estivesse nu.

Ela se inclinou, se aproximando. — Me beija?

— Não confio em mim esmo.

— Que terrível. — Esticando-se, ela mordiscou o lóbulo da orelha dele, — Perigoso...

O grunhido que vibrou pelo peito dele foi a coisa mais erótica que ela já havia ouvido.

— Talvez devêssemos cuidar disto? — Quando ela pousou a mão sobre seu sexo, ele pulou e praguejou. — Isto é um “sim”?

Enquanto ele se apoiava no banco e jogava os quadris ao encontro da mão dela, ela olhou para a frente do carro, que, dado o tamanho, parecia estar em outro código postal. Fritz estava concentrado na estrada, seu rosto velho e enrugado, preocupado. *Talvez pudessem...*

Sem tirar aqueles olhos escuros dela, Trez remexeu com a mão na porta. Um segundo depois, houve um som de *whhhrrrring* e uma partição opaca se elevou, isolando-os do gentil chofer.

— Não temos muito tempo, — ela disse, ao afastar o braço dele.

— Não será preciso muito tempo.

Do bolso sobre seu peito, ele tirou um lenço branco dobrado e, com um rápido chacoalhar, liberou-o de seu rigor engomado.

Ao mesmo tempo em que ela liberou sua ereção.

Ela estava em meio a decisão de cair de boca nele, mas ele segurou seu rosto entre as mãos e beijou-a, a língua penetrando fundo, encontrando a dela.

Ele estava duro e quente, aveludado e grosso, e ela deslizou um agarre em volta de seu pau, bombeando. Quanto mais acariciava, mais doido o beijo se tornava, até a pélvis dele estar convulsionando contra ela, e seu peito arfando, e ela estava respirando com tanta dificuldade quanto ele.

Quando ele gozou, gritou o nome dela e baixou aquele lenço para conter sua explosão... E ela estava tão excitada, tão tonta com a sensação da boca dele sobre a sua e os movimentos de sobe e desce, sobe e desce da sua mão contra o sexo dele, que sentiu um intumescimento entre suas próprias coxas, uma resposta do próprio corpo ao que ela estava fazendo nele... Que era tão pouco perto do que realmente queriam.

Seu próprio orgasmo foi uma surpresa, e ela se entregou, absorvendo as garras afiadas do prazer, tornando-as mais fortes ao apertar as coxas uma contra a outra e esfregar. Enquanto isto, ela continuava as carícias rítmicas, apertando a ponta, trabalhado sua extensão.

Quando acabou, Trez caiu contra o banco, pálpebras baixas, lábios entreabertos, cabeça caída para o lado como se não tivesse força para endireitá-la.

— É isto o que chamam de rapidinha? — Ela sussurrou ao pressionar os seios contra o peito dele para beijá-lo.

Antes que ele pudesse responder, ela correu a língua ao longo de seu lábio inferior, então sugou-o. Afastando-se, ela disse, — Hmm? É?

— Cuidado, fêmea, eu posso arrancar este vestido que está usando.

— Isso seria ruim?

— Se outro macho te vir nua, sim. — Ele sorriu e correu uma das presas pelo lábio inferior. — Eu sou possessivo.

— Você ainda está duro, não está?

Com um rápido agarre na nuca dela, ele puxou-a para perto e beijou-a violentamente. Embora ela estivesse no controle da primeira parte, agora ele assumiu o controle, dominando o corpo dela, enfiando uma mão entre os joelhos, e acima para a...

Ela gozou contra os dedos dele assim que eles a penetraram, seu núcleo explodindo em ondas após ondas de prazer.

— Esta é minha rainha, — ela ouviu-o dizer através de uma vasta distância.
— Goze para mim...

Ela perdeu as contas do quanto ele a provocou com aquele toque talentoso, mas eventualmente, ela tomou consciência do carro fazendo uma curva longa que a fez escorregar no assento. Focando seus olhos vidrados pela janela escurecida, ela viu que saíam da rodovia, prontos para entrar nas complicadas artérias asfaltadas que levavam à incontáveis arranha-céus.

— Eu arruinei o seu batom, — ele disse com satisfação, enquanto se ajeitava.
— Você trouxe mais?

Agora foi a vez dela se sair com *huh-quê?* — Deixa eu ver se tem algo aqui. — Ela remexeu na pequena bolsa preta que Marissa havia lhe dado. — Sim, elas pensaram nisto.

Como se as fêmeas soubessem exatamente em que tipo de problema ela provavelmente se meteria, havia um pacotinho de lenços de papel, o delineador labial que haviam lhe ensinado a usar, e o fabuloso batom vermelho que havia passado.

— Tem um espelho ali. — Trez estendeu o braço e puxou alguma coisa do teto. — Ele acende.

Ela verificou seu reflexo e teve de rir, — É, você realmente arruinou o batom.

Um lencinho cuidou da mancha e então era caso de cuidadosamente fazer uma linha contornando sua boca, bem na hora em que o carro passou por um buraco na estrada que era quase, mas não completamente, regular.

— Droga, — ela disse, pegando outro lenço por ter acabado com uma linha cor de rosa no nariz. — Deixa eu tentar...

Trez segurou a mão dela e a baixou. Quando ela olhou para ele, os olhos dele, seus comoventes olhos pretos pareciam estar memorizando cada detalhe dela.

— Você não precisa disto, — ele disse, — gosto mais sem.

Selena sorriu timidamente. — Sim?

— Sim. — O olhar dele desceu para o seu corpo. E voltou a subir. — Isto é maravilhoso. Você está fantástica. É a fêmea mais linda na cidade hoje, e quando entrarmos no restaurante, os garçons vão derrubar as bandejas. Mas, quer saber o que eu mais gosto em sua aparência?

Quando ele pausou, ela se viu engolindo em seco. — O quê? — Sussurrou.

— Você mesma, minha rainha, a aparência com a qual nasceu. Pelo que me consta, a perfeição não pode ser melhorada, nem pelos homens, nem por Deus. Inclinando-se, ele beijou-a suavemente. — Só pensei que você gostaria de saber o que o seu macho está pensando quando olha para você.

Selena começou a sorrir, especialmente ao perceber que, às vezes, “eu te amo” pode ser expressado sem necessariamente usar estas três palavrinhas juntas.

— Vê? — Ela disse suavemente, — eu disse que esta ia ser a melhor noite da minha vida.

De carona na ambulância de Manny, Rhage comia Doritos direto do pacote, e discordava totalmente do médico. — Não, eu não sou um fã de Cool Ranch. Só como Original.

— Você está perdendo. — Manny deu seta para sair da rodovia. — Não acredito que você, dentre todo mundo, pode ser tão mente fechada quanto ao sabor de seus salgadinhos.

— Mas, este é o ponto. Por que melhorar uma dádiva de Deus?

Virando o pacote, ele olhou dentro e quis praguejar. Estava chegando ao fim dos grandes, restando nada mais do que os quebrados e aquele cósmico pozinho laranja. Não que ele não fosse comer tudo, jogando a coisa direto do saco em sua boca aberta. Mas esta era a parte não-divertida da experiência, a que não envolvia a destreza dos dedos.

Mastigando, ele voltou a focar na traseira do carro de ditador do terceiro mundo de Fritz. Aquele Mercedes era tão grande, tão preto e tão completamente escuro, que chamava mais atenção ao passar do que seria esperado. Só de

brincadeira, Rhage imaginou o que os humanos pensariam se soubessem que havia vampiros no banco de trás.

E que a coisa estava sendo guiada por um mordomo centenário com um pé que faria o piloto Jeff Gordon ter um ataque de ciúme.

— Viramos aqui? — Rhage perguntou ao se aproximarem da intersecção.

— É contramão.

— Como eu disse, viramos?

Manny olhou para ele. — Não, se não quisermos ser presos.

— Estamos em uma ambulância.

— Sim, mas eles não.

Oh, certo. Droga. — Sabe, eu realmente queria ligar as luzes desta merda.

Só que, no instante em que disse isto, sua costela afundou ao redor dos pulmões e ele acabou tendo de baixar a janela um pouquinho para deixar entrar um pouco de ar.

— Você sujou minha porta de nachos?

Rhage esfregou a mancha alaranjada com o antebraço — Não.

Eles continuaram grudados no pára-lama de Fritz igual a um selo em um envelope, virando a esquerda, afastando-se do rio, indo diretamente para o coração do distrito financeiro. Sem becos escuros. Sem caçambas de lixo. Sem lama, mesmo nos meses chuvosos. E sem o cheiro nojento dos restos apodrecidos de restaurantes xexelentos.

Aquela era a parte chique da cidade, onde pessoas vestiam ternos e corriam por todo canto, canalizados como gado no curral, a seus lugares de *Trabalho Urgente e Importante*.

O prédio que abrigava o restaurante onde eles estavam indo havia sido concluído um par de anos antes, e seus construtores alardeavam a enorme ascensão vertical como o prédio mais alto em Caldwell. Abarrotado com os quartéis-generais de grandes negócios, para ele, não passava de um gabinete cheio de humanos, cada um guardado em pequenos compartimentos.

Enfadonho.

— Você está bem?

Rhage olhou para o médico — Huh?

— Qual o problema?

— Nada.

— Então porque parou de comer? O pacote ainda não está vazio.

Rhage olhou para baixo. Verdade, ele deixara os restos onde estavam... E não tinha vontade nenhuma de terminar. — Ahhh...

— Está cuidando do peso?

— Sim. É isso.

Quando amassou o pacote, deixou manchas alaranjadas por todo o rótulo e embalagem, até a coisa parecer cheia de hematomas por maus tratos.

Então viu que a sua própria mão estava laranja. — Merda, não tenho como limpar.

— Tá brincando? — Manny jogou uma gaze para ele. — Podemos limpar e polir metade desta cidade com o que tenho aqui.

Rhage abriu o pacote e limpou-se; então jogou tudo na lixeira que havia entre os assentos.

Manny desacelerou ao chegarem ao prédio de vidro, então estacionou do outro lado da rua quando Fritz parou completamente diante da entrada iluminada, os faróis traseiros do Mercedes brilhando vermelhos.

Um momento depois, Trez saiu e deu a volta no sedã, o vento forte tremulando seu paletó antes de ele se abotoar, exibindo as .40 gêmeas que havia colocado no suporte sob seus dois braços.

Com um movimento galante, ele abriu a porta para sua fêmea, e Selena emergiu da traseira, os cabelos incríveis oscilando como uma bandeira negra para lá e para cá.

— Casal bonito. — Manny disse baixinho.

— Ela nem parece doente.

— Eu sei.

Trez enganchou o braço no dela, e acompanhou-a pelos degraus de granito acima e, quando outro casal saiu pela porta giratória, ambos os humanos pararam e os encararam.

— Manny.

— Sim?

— Você tem de fazer alguma coisa, cara. Você precisa descobrir que merda é essa e resolver isto para eles.

Manny ligou o motor, e o motor turbinado do RV acelerou, levando-os adiante, para contornar até os fundos do prédio.

— Você me ouviu? — Rhage exigiu.

— Sim, ouvi. — Manny respirou fundo — Sabe o que é o mais difícil de se aprender na medicina?

— Bioquímica?

— Não.

— Anatomia humana? Porque é nojento.

A seta fazia um som de *nuk-nuk-nuk* quando o médico anunciava ao mundo, ou pelo menos a esta rua, que virariam à esquerda de novo, em torno da base do arranha-céu.

— O mais difícil é entender que há situações onde não há nada que se possa fazer.

Rhage esfregou os olhos. Algo de seu subconsciente estava voltando a ele, algo que não queria.

— Rhage?

— Huh?

— Você fez um som engraçado aí.

Quando Manny voltou ao compartimento de serviços, ele executou uma elegante manobra em K de modo que a traseira do veículo ficasse colada ao prédio. Desligando as coisas, ele se virou no assento.

— Tem certeza que está bem?

— Oh, sim. Uh-huh.

— Você não parece bem. E veja só o que eu estou usando: jaleco. Sabe o que isto significa.

— Que você gosta de sair de pijamas em seus passeios?

— Que eu sou um médico e sei do que estou falando.

— Deixe de paranóia, grandão.

Houve um intervalo ínfimo de silêncio. Então Manny disse, — Não há nada que eu não faria para ajudá-los. Nada.

Agora foi a vez de Rhage virar-se. — É o que eu precisava ouvir, Dr.

— Só não coloque sua fé em milagres, Hollywood. É uma aposta perigosa.

— Aconteceu para mim e Mary. Na hora em que precisamos, um milagre aconteceu.

Manny olhou para fora, através do pára-brisa... E não pareceu estar vendo nada da rua escura à frente. — Eu não sou Deus. E nem a Jane.

Rhage voltou a encostar-se a seu assento. — É preciso ter fé. Eles só precisam ter fé.

Capítulo TRINTA E TRÊS

Quando a porta da cela voltou a se abrir, iAm virou-se. Mas, ainda não era s'Ex. E não era mais uma cama. Nem mais livros que ele não iria ler, ou cobertas que não usaria, ou travesseiros para os quais, não ligava a mínima.

Era a serviçal com outra refeição.

— Ah, qual é! — Exclamou ele, meneando a mãos. — Onde, caralho, está s'Ex?!

A fêmea não disse nada; simplesmente avançou com aquela sua bandeja enquanto a porta deslizava de novo para seu lugar, isolando-os juntos.

Quando ela se ajoelhou, ele quis gritar. E gritou.

— Eu não vou comer porra nenhuma! Jesus Cristo, qual o problema de vocês?

A única coisa que o impedia de marchar até ela, pegar aquela porra de comida e jogá-la do outro lado do quarto, era o fato de não ser culpa da *maichen*. A traição de s'Ex não tinha nada a ver com ela, e aterrorizar a maldita serviçal não ia deixá-lo nem um pouco mais próximo da liberdade ou de seu retorno para Trez.

Ela era uma vítima inocente, pega no meio desta merda, do mesmo jeito que ele.

Exalando em um rompante, ele baixou a cabeça. Levou-lhe alguns momentos até recobrar um mínimo de controle. — Desculpe.

Diante daquilo, a cabeça dela ergueu-se um pouco, e por um momento, especialmente quando seu aroma o atingiu, ele desejou poder ver os olhos dela.

Qual será o formato deles? Como seriam os cílios? Seriam as íris tão escuras quanto às dele...

Por que caralho ele estava pensando nisto?

Afastando-se dela, começou a perambular. — Eu tenho de sair daqui. O tempo está acabando.

Quando ela inclinou a cabeça para o lado, em sinal de questionamento, ele pensou, *Não. Não vou fazer isto.*

Ele indicou a bandeja. — Se quiser, deixe a comida aí que eu jogo na privada, para que não se encrenque por não me alimentar.

E foi quando ela falou — Não está envenenada.

Sem nenhum bom motivo, aquelas três palavras, em nada especiais, o fizeram congelar. A voz dela era mais profunda do que ele havia imaginado; toda a subserviência dela parecia combinar melhor com algum tom super feminino de alta oitava. E havia aquela tonalidade baixa e rouca... Que o fazia pensar em sexo.

Sexo rude. Do tipo que deixava as fêmeas roucas de tanto gritar o nome de seu amante.

iAm piscou.

De repente, sentiu vontade de cobrir o corpo nu. Que era, tipo, besteira, não era? Ele sabia que ela era uma fêmea o tempo todo e, não era como se jamais tivesse usado roupas na frente dela.

Cedendo ao impulso, ele foi para trás do biombo, na direção da pilha de toalhas que ficava perto da banheira embutida. Ao enrolar uma em volta dos quadris, sentiu-se como se desculpando por ter ousado andar com o pau ao vento.

Quando ele voltou, ela novamente provava a sopa e o pão.

— Pode parar. — Ele disse. — Não vou comer.

— Por quê?

De novo, aquela voz. Mesmo em poucas palavras desta vez.

— Tenho de sair daqui, — murmurou ele. Por uma muitos motivos. — Eu tenho de sair.

— Tem algo a sua espera?

Ele pensou em Trez e Selenia. — Só morte. Sabe, não é nenhum fodido grande problema ou coisa assim.

— Como é?

— Ouça, preciso que vá embora. E não volte até trazer s'Ex com você.

— Quem?

Eeeee ele parou de novo. Serviços jamais eram imperativas, mas era assim que ela soava. Então, de novo, as emoções dele estavam tão elevadas, que ele se sentia capaz de interpretar praticamente qualquer coisa agora... E pular para a conclusão errada.

— Eu voltei aqui para procurar ajuda, está bem? — Ele ergueu as mãos. — s'Ex me disse que me ajudaria a entrar no palácio, para que eu pudesse pesquisar nos registros dos curandeiros.

— Ajuda para quem?

— Para a companheira de meu irmão.

A cabeça da serviçal se ergueu argutamente. — Mas ele não é o companheiro da Princesa aqui? Ouvi dizer que ele era O Consagrado.

— Ele se apaixonou. — iAm deu de ombros — Acontece. Ou é o que dizem.

— E é ela quem está morrendo?

— Ela não está bem.

Ele voltou a perambular, podia sentir os olhos por trás daquela malha seguindo-o. — Então é por isto que eu preciso sair. Meu irmão precisa de ajuda.

— Ele está na cerimônia de luto. O carrasco.

iAm desviou o olhar e, então, voltou a andar pela cela. — Sim, eu sei, mas ele disse que teria liberdade suficiente para me encontrar no exterior. A viagem seria mais curta, agora que estou dentro do próprio palácio.

— Mas, esta é a questão. Ele partiu e ninguém sabe para onde ele foi. O palácio queria que ele participasse. O palácio... Insistiu que ele atendesse à Rainha. Ele está com ela agora.

Que sorte a dele. — Mas há intervalos nos rituais, não há? Não pode procurá-lo durante estes intervalos?

— Bem... Talvez eu possa te levar aos registros?

iAm voltou lentamente sua cabeça, — O que você disse?

Mais. Longa. Viagem. De. Elevador. Da. Vida. Dele.

Enquanto Trez permanecia em pé, ao lado de Selenia em uma câmara de tortura de paredes envidraçadas, encarava resolutamente as portas fechadas... E rezava para que algum tipo de fenda do tempo estilo Dr. Who, o tirasse daquela maldição naquela porra de minuto.

Com os globos oculares grudados na fileira iluminada de números acima das portas cromadas, ele queria vomitar.

... 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50...

O “44” ainda estava por ser iluminado, porque eles estavam na parte super-hiper-mega-expressa-e-rápida daquele alegre passeio.

— Oh, você precisa ver isto! — Selenia disse, virando na direção do fornecedor gratuito de vertigem. — Isto é tão divertido!

Um rápido olhar por sobre o ombro e ele quase gritou. Sua linda rainha não tinha apenas se aproximado do vidro, mas estava com as palmas das mãos apoiadas nele, e se inclinava para a vista cada vez mais alta.

Trez virou-se novamente. — Quase lá. Estamos quase no topo.

— Podemos descer e voltar a subir? Fico imaginando como é a descida.

Na verdade, talvez eles devessem voltar ao saguão. Ele tinha quase certeza que sua masculinidade havia ficado lá quando esta subida de foguete se iniciou.

— Trez! — *toc, toc, toc* em seu antebraço, — Olhe para isto.

— Ah, é... É incrível... Sim. Absolutamente.

Eles jamais chegariam aos quatrocentos e quarenta e quatro andares. Muito menos no nível cinco mil porrilhões onde o caralho do restaurante ficava.

McDonald's, ele pensou. Por que ela não queria ir ao Mickey D. ou ao Pizza Hut, ao Inferno do Taco Bell...

Bip!

Diante do som, ele preparou-se para um momento *Duro de Matar* onde algum supervilão em um elegante terno inglês explodiria o prédio todo.

Não. Bip! Quarenta e cinco. Bip! Quarenta e seis.

E, mais boas novas vieram quando aquela viagem aos céus se tornou mais lenta.

— Trez?

— Mmm?

— Tem algo errado?

— Só estou faminto. Oh, meu Deus, não posso *esperar* para chegar lá.

Ela enfiou o braço sob o dele e encostou a cabeça contra seu tríceps. — Você realmente sabe como tratar uma fêmea.

Claro que ele sabia. Por exemplo, tinha certeza absoluta de que não seria considerado nada romântico se deitar em posição fetal e sugar o dedão porque era um covarde em se tratando de altura.

Bing! E as portas se abriram.

Obrigado, menino Jesus, para usar uma frase de Butch.

Agora, ele disse a si mesmo, *controle-se, seu covarde e concentre-se na sua fêmea.*

Exibindo à sua rainha um sorriso Cary Grant cheio de presas, ele acompanhou Selenia para fora da armadilha da morte, para um lobby de mármore

que, por uma fração de segundos, levou-o de volta ao seu pesadelo no s'Hisbe: havia pedras pretas brilhantes demais nas paredes, chão e teto, com luzes embutidas no teto e nada mais.

— Trez?

Estremecendo, ele sorriu para ela — Está pronta?

— Oh sim.

Uma discreta placa em preto sobre preto, com uma seta indicava o caminho para o restaurante, mas seus sentidos aguçados de audição e olfato já havia lido aquela informação, obrigado. Ao se dirigirem para lá, um casal humano passou apressadamente por eles, os saltos altos da fêmea como um “Foda-se” expressado a cada passo que ela dava.

— ... Sem reserva? — Ela sibilou — Como pode não fazer a reserva?

O homem próximo a ela olhava para frente. Com o olhar de alguém preso perto de uma criança de três anos em um ônibus.

— Não acredito que não fez a reserva. E tivemos de sair deste jeito. Na frente de todo mundo...

Enquanto ela continuava marchando naquele mesmo tema, os olhos do homem se fixaram em Selena... E o pobre bastardo recuou em admiração como se um anjo vivo tivesse aparecido em sua frente.

Depois de Trez afirmar ao seu macho vinculado interior que uma entrada apropriada não incluía Filé ao Molho de Fodido Intrometido, lembrou que também ele, havia se esquecido de ligar antes para fazer a reserva. *Merda*. Ele se esquecera totalmente de pedir a Fritz para fazer a maldita ligação. E controle de mente funcionava em humanos, inclusive nos esnobes *maitres*, mas, isso não resolvia o fator indisponibilidade de assentos vazios.

Ahh...

— Sabe, eu ouvi que a comida aqui não é tudo isso, — ele disse, entorpecido.

— Tudo bem, estou aqui mais pela vista.

A entrada do Circle the World não era indicada por nenhum letreiro, como se, caso fosse necessário perguntar, você não devia estar ali. Tudo o que havia era um par de portas de vidro escuro, tão largas e altas como uma casa térrea.

Segurando as maçanetas negras, ele empurrou uma das portas e deixou Selena entrar.

Restrição total.

Aquela foi a primeira impressão do lugar: preto brilhante em todos os cantos, das mesas e cadeiras geométricas aos suportes quadrados que apoiavam o teto. Sem flores. Sem velas. Nada espalhafatoso. E a noite escura além de todas aquelas janelas? Também preta, de forma que não parecia haver divisão entre o céu e o interior.

O único toque de extravagância? As luzes LED ondulantes que se dependuravam daquele teto aberto em cabos negros, sua luz cintilante refletindo todo aquele alto brilho.

Oh, e havia uma soprano cantando em um canto, sua voz doce espalhando-se por todo o lugar.

— Eu nunca vi nada disto, — Selenia suspirou, — é como se houvessem estrelas por todo os lados.

Ele olhou em volta — É.

Está bem, cadê o cavalheiro em roupa de pinguim encarregado de mandar embora um monte de gente cheia de grana? Não havia nenhum *maitre* à entrada. Só nove metros de tapete preto levando à primeira fileira de mesas minimalistas.

— Estão olhando para nós.

Diante das palavras sussurradas, ele franziu o cenho e encarou os frequentadores. Bem, quem diria. Cada um dos humanos às mesas parecia haver parado de comer e olhavam na direção deles...

De repente, uma mulher se aproximou. Como a decoração, ela estava toda de preto, e mesmo o seu cabelo era um capacete liso e molhado de alto brilho.

— Como vão, — ela disse, com um sorriso amplo. — Bem-vindos ao Circle the World.

E agora iremos nos autodestruir em três... Dois... — É... Eu não liguei antes...

— Oh, Sr. Latimer, sim, ligou. Seu representante, Sr. Perlmutter nos avisou que nos agraciaria com sua presença. Temos imenso prazer em acomodá-los perto das janelas.

Pooooooooorra.

Obrigado, obrigado, Fritz, mordomo salva-vidas supremo... Que havia claramente cuidado das coisas.

Quando sua rainha ficou radiante, a mulher indicou o caminho através do salão aberto... E quando a seguiram, Trez percebeu que eles haviam entrado em

um vasto prato que girava lentamente: o restaurante inteiro se movia em volta do eixo central do elevador e do que devia ser o espaço da cozinha.

Eles foram diretamente à beira. A uma mesa para dois que tinha uma das suas generosas laterais diretamente contra o vidro.

Sob o qual a cidade de Caldwell inteira se estendia, cerca de cento e vinte mil metros abaixo.

Hora de sentar, ele pensou, rezando para que seu ataque de nervosismo não fizesse seus joelhos fraquejarem antes dele acomodar apropriadamente a sua rainha.

Ajudando Selenia a se sentar, ele manteve os olhos afastados ao ir para o outro lado da mesa e desabar em uma cadeira dura como pedra.

A *maitre* estendeu a mão pálida acima da mesa, em direção às malditas janelas. — Este será o tempero de sua refeição esta noite.

Não, o tempero será a náusea, queridinha.

Ela se voltou para o resto do local. — O interior foi desenvolvido para a noite ser o plano de fundo perfeito para saborear o que o chef servirá para seu prazer.

Quando estavam sozinhos, Selenia moveu-se para perto da janela — É... Incrível. As luzes dos prédios. São como estrelas cadentes.

Trez limpou as palmas suadas no guardanapo. Preparando-se, ele olhou para lá e viu que, bem, sim, era tão ruim quanto ele imaginara. Espiar pelo vidro absolutamente transparente, era como se nada o separasse de uma queda mortal, a ausência de bordas transformando mesmo uma fração de segundo de contato visual, em um passo aterrorizante para dentro do abismo.

Hora de levar o guardanapo à sobancelha.

— Trez? — Ela olhou para ele — Você está bem?

Controlando-se, ele estendeu a mão e tomou a dela.

— Já te disse como elas são lindas? — Ele murmurou.

O sorriso dela foi radiante. — Sim, mas eu nunca me canso de ouvir.

— Tão lindas, — passou suas palmas sobre as dela. Então se inclinou e pousou um beijo em sua pele. — Longas e adoráveis. Fortes também.

Quando finalmente olhou para cima, foi diretamente nos olhos dela, e foi quando as coisas melhoraram. Um momento depois, não estava mais preocupado com seu medo de altura, nem pensava sobre os humanos ao redor, e não dava a mínima para a vista iluminada que sutilmente os rodeava.

Com a mão dela nas suas e aquele lindo rosto encarando-o, foi transportado para longe de tudo aquilo.

— Eu te amo. — Ele disse, esfregando seu polegar na parte interna do pulso dela. — Ninguém poderia fazer isto comigo.

— Fazer o que?

— Me fazer esquecer meu medo.

Ela enrubesceu. — Eu não queria perguntar, mas porque não me disse que não gosta de altura? Eu achei que ia pular para fora da pele no elevador. Podíamos ter ido a outro lugar.

— Mas era aqui que você queria vir. Como se eu não fosse aguentar por você?

— Eu gostaria que nós dois aproveitássemos a noite.

Ele semicerrou as pálpebras — Eu me diverti no carro. Já estou imaginando a viagem de volta.

Quando o aroma dela se acendeu, ela exalou um som semelhante a um ronronar.

Mais tarde, muito mais tarde, ele se lembraria daquele momento entre eles... Do jeito que parecia que duraria para sempre, se esticando no divino infinito. Todos os detalhes permaneceriam com ele, também, do brilho nos olhos dela, ao brilho de seus cabelos, do jeito que ela sorria para ele ao rubor nas faces.

As lembranças eram especialmente preciosas, quando eram tudo o que restava de um ser amado, para se apegar.

Capítulo TRINTA E QUATRO

— O que foi? O que... O que é este alarme?

Layla estava bem atrás de Qhuinn quando ele entrou de supetão no quarto onde o irmão estava internado e começou a falar. Por cima do ombro dele, viu a Dra. Jane em pé, ao lado da cama, e Luchas deitado imóvel, com o camisolão do hospital erguido até a cintura, as cobertas afastadas do corpo rígido, os travesseiros caídos no chão.

Um dos equipamentos médicos foi empurrado até a cama e enquanto Ehlena digitava algo no teclado, a Dra. Jane aplicava um par de placas diretamente sobre o peito de Luchas.

Houve um som espremido seguido de uma pequena explosão, e na cama, seu torso convulsionou para cima.

E ainda assim, o alarme continuava soando, uma nota única, o equivalente mecânico a um grito.

— Luchas! — Qhuinn gritou. — Luchas!

Layla achou melhor detê-lo, então passou os braços ao redor do tórax largo, pressionando sua barriga contra ele. — Fique aqui, — disse ela, em um resmungo. — Deixe-as fazerem...

— Afastar! — Dra. Jane gritou.

A cama balançou quando o tórax de Luchas convulsionou novamente, e quando voltou a cair, o coração da própria Layla trovejou. Ela não podia acreditar que estava novamente presenciando aquilo. Ontem foi Selenia, agora era...

Bip. Bip. Bip.

— Consegui uma pulsação. — Dra. Jane largou o que estava em suas mãos, jogando as placas na direção da máquina. — Preciso que você...

Ehlena obedeceu imediatamente aos comandos, à medida que a médica falava, entregando seringas cheias de medicação uma após outra, antes de encaixar uma máscara de oxigênio sobre o rosto de Luchas e ajustar ainda mais equipamentos.

Cerca de dez minutos, ou podem ter sido dez horas, mais tarde, Dra. Jane se aproximou:

— Preciso falar com você. — Indicou o corredor mais adiante, — aqui fora, por favor.

Ao saírem do quarto, a Dra. Jane fechou rapidamente a porta, antes que esta se fechasse sozinha:

— Qhuinn, não tenho como amenizar isto. Para ele sobreviver, vou ter de amputar parte da perna, e tem de ser agora. A infecção está acabando com ele e é a fonte dos problemas. Inferno, mesmo se eu cortar abaixo do joelho, já pode ser tarde demais. Mas, se quiser lhe dar uma chance, é o que temos de fazer.

Qhuinn nem piscou. Não praguejou. Não discutiu. — Está bem. Pode cortar a maldita perna.

Layla fechou os olhos e pousou a mão na a base da garganta, em angústia.

— Está bem. Quero que fique fora daqui. Não precisa assistir a cirurgia. — Quando Qhuinn abriu a boca, a doutora o interrompeu. — Não, não é uma escolha, se o pior acontecer, eu te deixo entrar para se despedir. Fique fora.

Desta vez a porta se fechou sozinha, se encaixando no lugar.

Fechando brevemente os olhos, Layla não conseguia imaginar o que estavam fazendo lá dentro. Mas havia uma porção de equipamentos cirúrgicos com eles, como se a Dra. Jane já estivesse preparada para isto.

E dada a velocidade da resposta de Qhuinn, ele também.

— Ele vai me matar, — disse ele, rudemente. — Se sobreviver.

— Você não tinha escolha.

— Eu podia deixá-lo morrer.

— Poderia viver com sua consciência se fizesse isso?

— Não.

— Então não havia escolha. — Ela colocou as mãos no rosto e tentou visualizar, em sua mente, Luchas naquela cama. — Deus, como isto foi acontecer?

— Talvez eu deva dizer a ela para parar.

— E então o que?

— Não sei. Não sei de porra nenhuma.

Eles ficaram no corredor por uma eternidade, e Layla tentou não ouvir os sons do outro lado daquela porta, especialmente quando houve um sutil *whrrring* que se parecia muito com uma serra elétrica em miniatura, sendo ligado. Ao passo que ela permanecia imóvel, Qhuinn perambulava para frente e para trás, cabeça

baixa, olhos grudados nas botas, mãos nos quadris. Depois de um tempo, ele parou e olhou para ela.

— Obrigado. Sabe, por não me deixar sozinho.

Aproximando-se dele, ela abriu bem os braços e ele se aproximou, inclinando-se para pousar a cabeça no ombro dela. Enquanto esperavam juntos, ela o abraçou porque era tudo o que podia fazer.

Mas, não parecia suficiente.

Aproximadamente dez quarteirões à frente e cinquenta andares abaixo do Circle the World, Xcor estava em pé, rente a uma úmida parede de tijolos.

O *lesser* que ele e Balthazar haviam rastreado estava atrás e à esquerda de onde estava, o fedor do corpo dele subia em ondas, ao sabor de uma brisa que carregava um forte cheiro de resíduos industriais, misturado à sujeira.

Seu corpo ansiava por uma briga, tudo o que acontecera com Layla na noite anterior, fizera os seus demônios interiores atormentarem-no tanto, e deixaram-no em um humor tão insuportável, que os seus soldados o largaram no porão, sozinho durante as horas do dia.

Era melhor arriscar-se à luz do sol do que lidar com o mau-humor dele.

Pelo menos ele tinha ali a expectativa de uma boa matança.

Ao seu sinal, Balthazar se desmaterializou acima do asfalto úmido, se tornando uma das sombras do prédio, do outro lado da rua. A noite estava clara acima, mas a luz do luar adicional era uma complicação desnecessária. O centro de Caldwell já tinha iluminação suficiente para ler um livro, mesmo ali onde estava, naquele beco estreito.

Caso ele se tornasse magicamente alfabetizado.

Permanecer nas sombras não era somente parte do mito vampírico, mas uma realidade muito prudente para todos eles. Com movimentos praticados, sacou a foice de seu suporte, liberando a arma da tira que a prendia às suas costas. Balthazar, por outro lado, que preferia armas mais convencionais, trazia uma adaga dupla, e as lâminas pálidas iluminaram-se enquanto ele as mantinha próximas às coxas.

Ouviram sons de passos passando por eles. Rápidos, múltiplos, mas não correndo.

Dois machos humanos, com as mãos nos bolsos, pés se movendo rapidamente, desceram o beco. Eles não prestaram atenção ao passarem, e, provavelmente isto foi o que lhes salvou as vidinhas inúteis.

E então foi questão de esperar.

Um som de passos únicos agora, em uma velocidade muito maior. Acompanhado do fedor que precedia os mortos-vivos.

Quando o *lesser* apareceu, dobrando uma esquina e entrando no beco onde estavam, também não prestava atenção neles. Tinha dinheiro nas mãos, soma pela qual parecia obcecado, contando, recontando, enquanto andava.

Xcor saiu de seu esconderijo. — Quantos paus teve de chupar para receber essa grana?

O *lesser* rodopiou, enfiando o dinheiro em um casaco folgado. Antes que pudesse responder, Balthazar saiu de sua posição, saltando no ar e chegando ao chão com as adagas já nas mãos. O assassino gritou quando aquelas lâminas o penetraram no ombro e garganta, provando que, embora não possuísse alma ou coração, o sistema nervoso central dos bastardos registrava dor de forma bem eficiente.

E foi quando as balas começaram a voar.

Xcor estava se virando, preparado para lançar sua adorada foice em um gesto largo assim que Balthazar se afastasse, quando um estouro soou próximo a ele. E então outro.

E então vários deles.

As descargas eram rápidas demais até mesmo para automáticas.

O primeiro tiro que levou foi no ombro. O segundo na coxa. O terceiro raspou seu ouvido, deixando uma ardência que parecia um semáforo piscando em vermelho brilhante na lateral de sua cabeça.

Balthazar também foi atingido.

Não restava alternativa além de correr e rezar. Seriam humanos? Improvável, mas não impossível. Não poderiam ser *lessers*; eles eram tão pobremente armados, que o armamento mais pesado que traziam aos becos era nove milímetros, e ainda assim, muito poucas.

Um rápido movimento de esquiva à direita e ele e Balthazar entraram em uma rua mais estreita, temporariamente fora da área do massacre. Aquilo mudaria tão logo o atirador, ou atiradores, aparecesse na esquina por onde tinham vindo.

— Esquerda! — Balthazar comandou.

Precisamente, havia mais uma alternativa no labirinto de ruas para escolher, e eles se desmaterializaram no beco seguinte, ironicamente ultrapassando o par de humanos que haviam visto antes. Os dois homens também estavam indo o mais rápido que podiam, obviamente haviam ouvido o tiroteio. Mas a velocidade deles era bem mais lenta.

Então, quando a metralhadora dobrou a esquina, eles já tinham uma boa cobertura.

Gritos, do fundo da garganta e cheios de terror, explodiram quando a próxima rodada de fogo se abateu sobre eles, a maioria dos impactos atingindo os humanos.

— Esquerda! — Xcor disse, liderando a fuga.

Sua coxa estava ficando entorpecida, mas não perdeu tempo olhando para baixo para medir o dano. Faria aquilo mais tarde, se sobrevivesse.

Outra bala passou perto, o som assobiando em seu ouvido, alto o bastante para se sobrepor até mesmo a seu fôlego entrecortado e o trovejar de seus passos.

Balthazar estava ao seu lado, o grande corpo em uma corrida desenfreada.

Mais disparos atingiram uma caçamba de lixo, quando passaram por ela. O muro. O asfalto. De vez em quando havia pausas, como se a arma ou armas estivessem sendo recarregadas... Ou talvez houvesse dois deles trabalhando juntos, um recarregando enquanto o outro atirava.

Continuar a correr. Era tudo o que podiam fazer.

Nenhum dos becos por onde passavam oferecia um lugar relevante para se esconder; de fato, não havia nem portas para arrombar.

Era estritamente questão de esperar até acabar a munição que os atiradores tinham. Supondo que ele e seu guerreiro não fossem derrubados antes.

Quando as rodadas seguintes chegaram a eles, ele soube, sem olhar para trás que deviam ser *lessers*, e não humanos que os perseguiam.

Somente *lessers* podiam correr tão rápido, por tanto tempo... E aparentar ter energia suficiente para continuar a ir.

Era possível, notou no fundo da mente, que ele e seu soldado estivessem em problemas.

Capítulo TRINTA E CINCO

— A conta já está paga.

Trez parou em meio ao processo de tirar a carteira do bolso.

— Como é?

— Já está paga. — O garçom sorriu e fez uma reverência. — Foi um prazer servi-los.

Jesus, se ele não soubesse que o cara era humano, acharia que alguém da equipe de Fritz os seguira até ali. O serviço fora fenomenal a noite inteira.

— Aproveitem seus cappuccinos.

Trez olhou para Selena. Seus olhos estavam fixos na paisagem de novo, mas ela já não sorria. Seu perfil perfeito estava vincado de linhas sombrias.

Esticando a mão, tomou as mãos dela entre as suas, sentindo um pico de medo crescer em seu peito. — Você está bem?

Sem pensar, enfiou a mão por dentro do casaco e segurou o celular.

— Oh sim. — Só que ela não olhou para ele.

O ruído suave de conversa ao redor deles havia diminuído e os passos largos dos garçons haviam desaparecido de sua proximidade.

— Selena, o que há?

— Eu não quero que acabe.

— Nós podemos vir aqui outras vezes.

— Sim. — Ela apertou a mão dele. — É claro.

Enquanto o restaurante continuava a girar, girar e girar, os fundos do Commodore tornou-se novamente visível, a imensa altura do prédio salpicada por luzes aleatórias, incluindo algumas na cobertura.

Provavelmente Rehv já estava lá.

Trez baixou o olhar para o café no qual não tocara. O creme estava temperado com canela, da qual ele jamais fora muito fã. Ele o pedira somente porque sua rainha não parecia querer ir embora.

— Foi muito gentil da parte deles, — ela murmurou, — pagar pelo jantar.

— Eu vou cuidar disto quando chegar em casa.

— Você devia aceitar a gentileza.

Trez procurou o que podia ver do corpo dela, buscando por sinais de que estivesse tendo problemas que requereriam uma ligação rápida para Manny e Rhage, que aguardavam lá embaixo.

— Selena?

Ela assustou e olhou para ele. — Desculpe?

— Quer pedir outra sobremesa?

— Não. — Ela deu mais um leve aperto na mão dele, antes de soltá-lo e dobrar seu guardanapo antes de pousá-lo na mesa — Vamos?

Ele afastou a cadeira para ajudá-la, tão rápido que os quatro pés arranharam o chão brilhoso. — Aqui, deixe-me...

Mas sua rainha se levantou sozinha com um movimento elegante, o corpo perfeitamente estável, perfeitamente tranquilo. Pelo menos fisicamente. Ele podia sentir o peso em seu humor.

Acompanhando-a para fora, ele tomou consciência dos olhares ao redor, novamente em cima deles, comentários sussurrados sendo feitos por trás de bordas de taças de vinhos e quadrados de guardanapos, enquanto os humanos tentavam reconhecê-los como celebridades. Havia certa satisfação no fato de que a galera da primeira fila jamais conseguiria.

Junto às grandes portas de vidro, ele abriu um dos lados para ela, e quando ela atravessou, parou e olhou por cima do ombro, como se temesse se esquecer de alguma nuance da aparência, cheiro ou som do lugar.

— Nós sempre poderemos voltar, — ele repetiu.

— Oh, sim.

— Ela lhe deu um sorriso e continuou indo para aquele espaço aberto minimalista onde os elevadores ficavam. Adiantando-se, ele apertou o botão e esperou ao lado dela, colocando a mão em sua cintura.

— Então aonde quer ir em seguida? — Ele perguntou.

— Quer dizer, hoje? Estou meio cansada...

— Não, amanhã à noite.

Ela olhou para ele. — Eu...

— Vamos. Dê-me um próximo destino para que eu tenha como organizar as coisas para amanhã.

As portas dos elevadores se abriram, e ele levou-a para dentro... E ele estava tão focado nela que mal notou aquela horrível parede de vidro que se abria para o lobby. Pressionando o botão do térreo, ele acariciou o ombro de Selena.

— Então...? — Quando ela não respondeu, ele se inclinou e beijou a lateral de sua garganta. — Esta não é a única noite que vamos ter.

— Como pode saber? — Ela encontrou o olhar dele. — Eu não quero arruinar tudo, mas como você sabe?

— Porque eu não vou aceitar de outra forma.

Virando-a para encará-lo, ele deliberadamente pressionou os quadris contra o corpo dela e cobriu os lábios dela com os seus. — A menos que esteja enjoada de mim. Ou seriamente nada-impressionada por eu ser um covarde vertical.

Os olhos dela pareciam muito azuis e muito assustados ao encontrar os dele — Barco.

Ele havia esperado outra coisa. — Como é?

— Eu, ah, eu quero sair em um passeio de barco no rio.

— Rápido ou lento?

— Ambos?

— Você vai ter.

— Simples assim? — Ela sussurrou. — Você pode realizar qualquer coisa?

Ele encostou a boca no ouvido dela e sussurrou. — Volte para o meu quarto e vou te mostrar como sou talentoso.

Enquanto o aroma dela mudava, ele acariciou-a com o nariz, beijando-lhe o pescoço, mordiscando-lhe a veia. Ele não estava sendo justo, é claro. Sabia que ela estava sendo praticamente distraída, e ele queria mesmo que estivesse. Na verdade, ele não podia garantir a noite de amanhã ou mesmo o próximo amanhecer, mas, como memórias eternas, a ilusão deles tendo todo aquele tempo teria de durar pelo resto de tempo que tivessem.

Beijando-a, abraçando-a e sentindo o corpo dela contra o seu, ele discretamente tirou o celular e ergueu-o às suas costas. O texto para Manny e Rhage foi curto e grosso: *lpc obr*.

Indo para casa. Obrigado.

O elevador chegou ao térreo direitinho, e os beijos ajudaram-no também a se distrair. E então saíram do prédio, para a fria e tempestuosa noite de outono.

Fritz estava com o Mercedes do outro lado da rua, e o *doggen* trouxe o carro para frente do prédio assim que os viu.

Sem demora o mordomo saiu e abriu a porta.

Trez queria ter aberto a porta para ela.

No momento em que ela deslizou para o interior cálido, o último som que ele esperava ouvir na presença dela, captou sua atenção:

Pop-pop-pop.

Tiros.

Porra.

Trez pulou no sedã com ela, se levantando entre os assentos. — Tire-nos daqui! Agora!

Fritz não hesitou. Engatou a ré e acelerou tanto que Trez quase acabou dando uma de odorizador no para-brisa traseiro. Recobrando-se rápido, cobriu Selenia com seu corpo, para prender o cinto de segurança dela. Puxando a faixa sobre ela, ele tinha acabado de encaixar o troço quando a força centrífuga o jogou contra o lado oposto do banco, batendo a cabeça, mas ele não ligou a mínima. Apoiando o pé no vão dos pneus, a mão no teto e na porta, equilibrou-se para não cair sobre Selenia enquanto terminavam a manobra que os colocaria no lado correto do caminho.

O que os deixava na contramão da rua de mão-única pela qual haviam vindo.

— Vamos em frente. — Fritz gritou acima do ruído dos pneus.

O rugido do motor do Mercedes-Benz e a explosão que se seguiu, lembrou a Trez a decolagem de um avião. Enquanto seu corpo era sugado contra o banco, ele olhou para Selenia.

Os olhos dela estavam arregalados. — Qual o problema? O que está havendo?

Os prédios de ambos os lados da rua de três vias eram aço, vidro e concreto pálido e começaram a piscar, mais rápido, mais rápido, mais rápido. Olhando para cima e adiante, Trez verificou que na rua, os pára-choques dos carros estacionados os encaravam como pais desaprovadores, enquanto iam na direção errada.

— Nada aconteceu! — Ele gritou acima de todo aquele barulho. — Eu só estou realmente ansioso para vê-la nua...

As sobancelhas de Selena se ergueram ainda mais, — Trez, eu ouvi alguma coisa..

— ... Porque estou desesperado para te possuir!

— ... Que pareceu um tiro!

Ambos gritavam acima do motor, alternando as falas, enquanto Fritz fugia como um morcego do poço do inferno para longe das balas.

E então a diversão começou de verdade.

Eles haviam passado por dois quarteirões, quando as viaturas de polícia começaram a aparecer. E diferente do Benz? Os carros azuis e brancos com o giroflex estavam do lado certo da rua.

— Eu vou pela calçada, — Fritz gritou — Vai sacolejar um pouquinho...

Aquele mordomo maluco filho da puta, virou o volante à esquerda e subiu o meio-fio, colidindo com um hidrante, que prontamente explodiu à sua passagem, enviando um jorro de água a elevar-se no ar. E então, pela graça de Deus, o Benz pousou como um cavalheiro, seus amortecedores de primeira qualidade, suavizando o que sem dúvida teria sido um baque e tanto.

Virando-se, Trez olhou pelo para-brisa traseiro. As viaturas manobravam e desembestavam atrás deles quando Fritz bateu em uma parede de expositores de jornais, mandando caixas plásticas vermelhas, amarelas e verdes pelos ares à passagem deles. As coisas frágeis se quebraram quando bateram na calçada, folhas de papel flutuaram como pombas libertadas de gaiolas.

Quando se voltou para Selena, preparou-se, tentando pensar em um jeito de tranquilizá-la...

Ao contrário.

Selena vibrava de excitação, suas presas visíveis, graças ao enorme riso que borbulhava dela ao se apoiar na porta.

— Mais rápido! — Ela gritou para Fritz. — Vamos vai rápido!

— Como quiser, ama!

Um novo rugido daquele pedaço massivo de engenharia alemã sob o capô enviou-os inclinando não só calçada abaixo, mas diretamente aos limites das leis da física.

Selena olhou para ele. — Esta é a melhor noite do mundo!

— Está bem, hora de ir.

Rhage meneou a cabeça para Manny. — Me pergunto o que eles comeram no jantar. — Ele verificou o celular de novo e desejou realmente ter ido à churrascaria. Ele só mentira a respeito para tranquilizar Trez. — Ele não disse nada sobre entrada ou sobremesa. Digo, vamos lá, ele podia ter dado alguns detalhes. Só recebemos oito letras do cara.

— Na verdade, foram seis.

— Foi o que eu disse.

Os Doritos haviam deixado de fazer efeito há uma hora. Mas também, às vezes ele podia dizer o mesmo de uma refeição completa com três pratos.

Manny ligou o RV e guiou, a ambulância passou por cima de um buraco, e então ganhou velocidade. — É melhor eu correr. Fritz tem o pé pesado.

— Tipo, eles comeram rosbife? Eu vi, em uma revista, uma foto de um prato de rosbife que servem lá em cima...

Bum!

Bem na hora em que se depararam com uma encruzilhada de becos, algo grande apareceu na frente deles e caiu sobre o capô. Quando Manny pisou no freio, um peso massivo rolou.

— Jesus Cristo, era um cervo? — O médico gritou.

— Talvez um alce.

Rhage sacou ambas as armas e estava a ponto de pular quando a chuva de balas começou. Sons altos e metálicos de “pings” ricochetearam no RV e racharam o espesso vidro.

— Oh, pelo amor da porra, — Manny exclamou. Então gritou através do para-brisa para os atiradores. — Eu acabei de comprar esta coisa!

Rhage bateu a maçaneta da sua porta, mas não conseguiu abrir. — Me deixe sair!

Ping-ping-ping. — De jeito nenhum, você vai acabar se matando!

— Somos um alvo fácil aqui.

— Não somos não.

Repentinamente, cerca de doze centímetros de placas de metal cobriram cada centímetro quadrado de vidro que lá havia no RV. Instantaneamente, o som dos tiros foi abafado até uma batida distante.

Rhage observou em relativo silêncio. — Você é um gênio.

— Harold Ramis é.

— Quem?

— Você nunca viu *Recrutados da Pesada*? Meu filme favorito de todos os tempos. Eu baseei esta coisa no veículo de Bill Murray.

— Eu sabia que gostava de você. — Rhage olhou rapidamente para o telefone. Não havia Irmãos nos arredores, o que era bom, dado o tiroteio. — Só há um problema... Não podemos ficar parados aqui. A polícia humana logo vai cercar...

Uma tela de LED do tamanho de uma TV se ergueu verticalmente do painel, ocupando a maior parte do espaço, agora bloqueado, do para-brisa. E em sua superfície lisa havia uma reprodução esverdeada em HD da rua em que estavam... Então, tiveram uma imagem muito boa dos atiradores enquanto a dupla de dedos de chumbo correram diante de seus faróis. Os dois ostentavam armas de canos longos, aparentemente AKs, cada descarga causava um brilho súbito na boca dos canos enquanto continuavam a atirar.

Eles não pararam ao passar pelo veículo de Manny.

— Aqueles são *lessers*, — Rhage murmurou. — Correm rápido demais para humanos. Além disto, só *lessers* seriam tolos o bastante para fazer este tipo de balbúrdia. Deixe-me sair daqui, porra.

— Você não vai atrás deles...

Rhage estendeu a mão e agarrou a frente da camisa do homem, puxando-o para o espaço entre os assentos. — Me. Deixe. Sair.

Manny manteve seu olhar. Praguejou. — Você vai se matar.

— Não vou.

— Como pode estar tão certo?

— Eu tenho truques que ninguém supera. — Ele indicou a janela — Abra-a e eu poderei me desmaterializar por entre as frestas das placas de metal. A menos que você tenha malha de aço em algum lugar.

Manny começou a murmurar todo tipo de coisas vis ao procurar pelo botão requisitado e o pequeno pedaço de vidro transparente desceu uns cinco centímetros.

— Assim que eu sair, acelere. — Rhage demandou. — Precisamos de você no rabo de Trez. Sem brincadeira.

Fechando os olhos, ele se concentrou e...

... Se desmaterializou para fora, retomando forma ao lado do RV e então dando uma batida na porta. Os atiradores passaram por eles, no encalço de sua presa, o que o punha em posição perfeita. Quando o motor foi ligado, e a pequena clínica portátil de Manny se afastou, começou a correr. O cheiro no ar lhe dizia que estava certo; era uma dupla de *lessers* com alguns brinquedos bem caros... algo que não tinham visto há quanto tempo?

Não desde que Lash, aquele bastardo, era o *Foreless*.

Com coxas bombeando e armas a postos, ele diminuía a distância quando as sirenes surgiram às suas costas. De repente, foi iluminado por trás, e não de uma maneira boa. Com duas automáticas nas mãos, eles pensariam que ele era o maldito problema, ao invés da solução que tentava acertar as contas com os inimigos.

Certamente, uma voz de macho projetou-se de um falante de alta resolução vinda do beco. — Departamento de Polícia de Caldwell! Pare! Parado ou atiro!

Deus! Maldição.

Humanos: o remédio da natureza para um momento que de outra forma, seria bom.

Capítulo TRINTA E SEIS

De volta à sua cela no palácio, iAm ocupava-se traçando um caminho no chão de mármore polido, indo para frente e para trás entre a nova plataforma de dormir e a prateleira de livros.

Quanto mais tempo era deixado sozinho, mais se tornava convencido de que a *maichen* havia feito a oferta de levá-lo aos escritos dos curandeiros guiada somente por um ímpeto impotente de compaixão. Mas, inferno, mesmo que ela estivesse falando sério, e surgisse de novo com algum tipo de plano, não era como se ele fosse aceitar a sua ajuda. Já havia tanta gente enfiada naquela bagunça e ele não tinha certeza de que ela sabia ao que estava se voluntariando: ele era prisioneiro do carrasco, o que significava que, mesmo que muitos tivessem acesso a ele, só havia um filho da puta com as chaves de sua fuga.

E não era aquela humilde fêmea.

E se fosse sério? Mesmo que não o estivesse ajudando a sair para o mundo exterior, mas à biblioteca? O sistema de monitoramento logo entregaria os dois... E então a morte súbita seria o melhor que ela poderia esperar.

O mais provável era um longo e sofrido período de tortura, durante o qual ela rezaria para estar...

Quando a porta abriu, ele verificou se seu sexo estava coberto antes de se virar.

Era a serva, e ela trazia roupas nas mãos. Quando a porta deslizou de volta para o lugar, ela enfiou algo perto do batente para impedi-la de se fechar totalmente e foi na direção dele.

— Vista isto. Não temos tempo...

— Espere, o que...

— Vista! A equipe de segurança está mudando de turno e é exigido que eles façam uma prece obrigatória de tristeza e recordação pela criança. Tenho de te levar pelo corredor agora...

— Não posso deixá-la fazer isto...

— Você quer ajuda, certo. Para a amada de seu irmão, certo.

iAm cerrou os dentes. Cruz, conheça a caldeirinha. — Porra!

— Eu não sei o que esta palavra significa.

Ele aceitou o que ela oferecia, mas continuou a discutir enquanto vestia as peças. — E como vamos voltar?

— Eu vou distraí-los. Você vai precisar de um pouco de tempo na biblioteca... A menos que saiba exatamente o que está buscando?

O manto pesado cobriu as pernas dele, — Que tal aqui?

Sem aviso, as luzes se apagaram. — Eu ativei o sistema circadiano.

Ah sim, a alternância entre luz e escuridão sem a qual não é possível dormir.

Clique!

Uma pequena lanterna iluminou o caminho até a plataforma de dormir, e ela rapidamente arrumou os travesseiros e cobertas de forma que parecesse haver alguém ali. Então, ela correu de volta e espirrou algo no rosto dele.

Ele tossiu quando o forte cheiro de lavanda misturado a algo cítrico inundou lhe o nariz. — O que infernos...

Mais spray. — Este é um uniforme de serviçal. Ninguém questionará, mesmo se nos encontrarem juntos, mas seu cheiro é muito másculo. Isto deve encobrir o suficiente para passarmos. Agora, encurve-se... Você é grande demais para o manto. Não podemos deixar seu pé aparecer ou eles vão descobrir. Vamos *lá*.

Ele seguiu-a até a porta, mas antes que ela abrisse, ele agarrou-lhe o braço a fez voltar-se.

— Você não deveria estar fazendo isto.

— Não temos tempo...

— Vai acabar sendo morta.

— Seu irmão precisa de ajuda. Para a companheira dele. Você tem outra solução para sair daqui e ver aqueles escritos?

Quando ela tentou se virar, ele puxou-a de volta. — Qual o seu nome?

— *maichen*.

— Não, esta é sua casta. Qual o seu nome?

— É este. Agora, venha... Chega de falar. — Ela disse, com urgência. — E não se esqueça de se encurvar.

Com isto, ele saiu da cela e foi para o corredor. Ao olhar para a direita e para esquerda, ela cutucou-o com a lateral do cotovelo.

— Se abaixe, — ela sibilou, — por aqui.

Dobrando os joelhos, ele curvou os ombros e a seguiu, tentando imitar cada um dos movimentos dela. Ela era rápida e decisiva pelos corredores, virando esquerdas e direitas em uma sequência que o deixou tão confuso que ele se sentiu perdido em um labirinto. Inacreditavelmente, não encontraram ninguém, mas aquela era a natureza do luto para o s'Hisbe. Todos se trancavam.

Talvez ela pudesse só levá-lo a uma saída pelos fundos depois de tudo isto?

É, mas o que aconteceria a ela?

— As fitas de segurança, — ele disse.

— Cale-se.

— Quando voltarmos, precisa cuidar dos arquivos de vídeo de monitoramento ou eles saberão o que fez.

Ela não respondeu, só se apressou, levando-o por vários corredores.

De acordo com a tradição s'Hisbe, de que a simplicidade elevava a alma, havia pequenas sinalizações em todos os lugares no palácio, nada além de placas sutis sobre os umbrais, para ilustrar o acesso à várias salas, depósitos e saídas. Gradualmente, seus anos no palácio lhe voltaram e ele ficou surpreso ao ver que sabia onde estavam: Ela estava levando-o para a biblioteca pelo caminho mais longo, mas era esperta. Ali eram os fundos do palácio, onde, caso encontrassem alguém, provavelmente seria um serviçal.

O que, considerando o seu disfarce, tornava a rota bem melhor.

— Por aqui, — ela disse, pegando a última direita e parando em um dos quadrados do piso de mármore, cujo veio corria ao contrário da direção prevalecente de todos os outros. Colocando a mão na parede, ela acionou a porta, que deslizou prontamente.

Quando entraram na escuridão, luzes sensíveis a movimentos se acenderam, iluminando pilhas sobre pilhas de volumes encapados em couro. O ar era seco e vagamente empoeirado, mas a biblioteca estava um brinco, o chão polido a um brilho de espelho, as prateleiras brilhando. Não havia cadeiras ou mesas se alguém quisesse ler alguma coisa... Era esperado que você pegasse o volume de seu interesse, e o levasse aos seus aposentos para ler por lá.

Merda, como eles iriam encontrar qualquer coisa ali?

— Os registros medicinais foram transferidos, — ela sussurrou, movendo-se para a frente.

Ele seguiu-a de novo, e não se incomodou em tentar encolher sua estatura: não havia ninguém em volta para vê-lo, e esta parte do palácio não era monitorada.

O sistema de catalogação, tal como era, estava anotado em numerais pretos nas laterais das prateleiras. Mas, de novo, era vago, e presumia que você já saberia onde encontrar o que buscava.

Eventualmente, ela parou e indicou uma fileira de pilhas. — Foram realocados para cá.

Franzindo o cenho, ele se aproximou. O sistema de numeração nas lombadas não ajudava porra nenhuma, então ele tirou um dos volumes aleatoriamente e abriu a capa. Quando finalmente entendeu algumas palavras do Idioma Antigo no dialeto Sombra, descobriu que era um tratado sobre fratura em ossos.

Descendo uma fileira, ele tirou outro tomo aleatório. Algo sobre visão.

Mais além, chegou em gravidez e parto.

— Doenças, — ele murmurou. — Estou procurando por doenças. Ou defeitos congênitos. Ou... Genes recessivos...

— Eu te ajudo. — *maichen* começou a tirar os volumes. — O que pode me dizer sobre esta doença?

— A chamam de Aprisionamento. Elas congelam... Elas ficam... É como se os seus ossos crescessem espontaneamente... Supostamente é fatal...

Deus, ele não sabia o suficiente sobre o que estava falando.

Enquanto os dois percorriam seu caminho prateleira abaixo, as categorias e organização dos volumes começaram a se tornar mais claras. Como todos os vampiros, os Sombras não tinham de lidar com vírus humanos ou câncer, mas havia muitas outras coisas que os atingia... Embora não tanto quanto as que os *Homo sapiens* tinham de combater. Com cada livro aberto, ele se conscientizava da passagem do tempo, e ficava mais preocupado com a *maichen* ser pega do que com qualquer coisa que pudesse acontecer com ele mesmo.

Rápido, mais rápido com a leitura, a devolução, o pegar outro da prateleira.

Tinha de haver algo aqui, ele pensou. Tinha de haver.

O corpo inteiro de Trez estava rígido ao manter-se apoiado contra o interior do Benz. Fritz ainda prosseguia pela calçada... O que seria ótimo se o *doggen* fosse um mero pedestre. Espremendo o sedã do tamanho de um iate que singra oceanos, em uma alameda de concreto construída para acomodar quatro ou cinco pessoas lado a lado?

Não era tão ótimo...

Selena exclamou uma espécie de yeeee-haw! Quando viraram outra esquina e mandaram pelos ares outro conjunto de caixas do *Caldwell Courier Journal*.

Ele estava honestamente feliz de que ela estava se divertindo.

Ele só fodidamente desejava que estivessem assistindo este filme de ação, em vez de atuando nele.

— Fritz! — Gritou acima do som do ronco do motor. — Vai na direção do rio.

— Como desejar, amo!

Sem aviso, Fritz jogou o carro para a esquerda e mandou-os voando na direção de um calçadão que contornava outro dos arranha-céus. O Benz subiu os degraus como um homem usando gesso nos joelhos, a subida desarticulada, empurrada e sacolejada sendo o tipo de coisa que fazia dos dentes bater e os rins pedirem misericórdia. Mas daí eles estavam novamente na área plana, que dava às pessoas todo o tipo de escolha, como por exemplo, para qual dos quatro diferentes pontos de entrada usar como acesso.

Fritz, naturalmente, escolheu a rota mais reta.

Através da porra do lobby.

Painéis de vidro explodiram quando o S600 chocou-se contra uma parede envidraçada, estilhaços voaram adiante e para os lados, antes de pousarem no chão escorregadio e costearem a distância como neve pela superfície congelada de um lago.

Pela janela oposta, Trez deu uma boa olhada no vigia noturno que pulava em pé, atrás de uma fileira de mesas no lobby. Parecia falta de educação não cumprimentar o pobre bastardo, então Trez deu uma de Rainha Elizabeth e acenou com a mão quando cruzaram o interior e saíram do outro lado.

Esmaga!

O segundo turno com o vidro foi tão escandaloso quanto o primeiro, quando foi estilhaçado pela lataria do Benz ao explodirem de volta para a noite.

— Acho que devemos ir pelo ar. — Fritz disse. — Segurem-se.

Pode crer, grandalhão.

Trez enrijeceu ao se aproximarem da beira da escada e então...

Gravidade zero, ou tão próximo disto quanto era possível sem fazer uma manobra acentuada a nove mil metros de altura, aconteceu quando se elevaram, a viagem se tornou super suave e relativamente quieta, nada além do ruído do motor atingia seus ouvidos.

Tudo isto mudou ao passarem voando pela calçada e pousarem na rua asfaltada. A suspensão absorveu tanto do impacto quanto foi possível, mas fagulhas se espalharam quando a carroceria do carro raspou no asfalto.

— Por favor, me desculpem. — Fritz disse, olhando pelo espelho retrovisor e falando diretamente a ele. — Amo, sinto terrivelmente, mas preciso retornar para casa...

— Fritz! Se concentra a estrada, camarada.

— Oh, sim, amo...

Guinchaaaaaando quando o mordomo corrigiu o curso e evitou, por pouco, bater na lateral de uma fila de carros estacionados.

— Como eu dia dizendo, amo, preciso retornar para casa. — O mordomo continuou sem perder tempo. — A preparação da Última Refeição precisa ser supervisionada.

Como se aquilo fosse somente uma partida de vídeo game que se pudesse pausar? — Ah, Fritz...

De repente, o Mercedes apagou as luzes interiores e exteriores, ficando em escuridão total. Naquele momento específico, do alto do céu, uma luz flamejante cortou pela estrada, brilhando sobre eles por uma fração de segundos.

— Helicóptero, — Trez murmurou. — Fantástico.

Virando-se no assento, olhou pelo para-brisa traseiro. Luzes azuis e vermelhas piscavam e se aproximavam rapidamente, mas os policiais estavam cruzando o caminho deles, ao invés de segui-los... O que lhes daria vantagem por somente um quarteirão antes que o Departamento de Polícia mudasse a rota.

Merda, como iriam escapar desta?

Antes que se desse conta, Fritz levava-os para o rio, mas não pela estrada. Ao invés de tomar uma das rotas legais, ele pulou outro meio-fio e saltou diretamente abaixo da rodovia elevada. Pilastras do tamanho de carvalhos

corriam pelas janelas, o *doggen* brincando de se esquivar, jogando para a esquerda e direita como um maratonista em uma corrida de obstáculos.

Não havia ninguém atrás deles, mas não conseguiriam manter esta fuga indefinidamente. A Northway, que estava agora acima de suas cabeças, ia voltar a ficar plana...

E claro, a descida começou a acontecer, e naquela velocidade, Trez se convenceu de que eles iriam virar purê na fusão horizontal do asfalto.

Só que, não. Fritz moveu o carro bruscamente por baixo, percorrendo uma beira da calçada até as estradas que corriam paralelas ao rio Hudson. De alguma forma, ele conseguiu fazê-los passar por uma brecha entre as grades de segurança e então, simples assim, eles estavam em uma rampa de desvio que os levaria à autoestrada na direção correta.

Na direção contrária a da cidade.

Trez esperou por uma fila de viaturas com as luzes brilhando como no Quatro de Julho vir atrás deles.

Em vez disto, viu uma frota daqueles caras de azul indo para o outro lado da Northway, na direção do lugar onde havia acontecido toda a ação.

Fritz desacelerou e voltou a acender as luzes. Postou-se na fila de tráfego. Flutuou para longe, a modestos cento e dez quilômetros por hora.

— Como *diabos* fez isto? — Trez disse, com verdadeiro respeito.

— Humanos são fáceis de serem despistados. Tendem a perseguir luzes, como gatos perseguem um laser. Sem luz? Dá uma vantagem séria... Bem, isto e possuir o dobro da potência que eles.

Trez virou-se para sua rainha. — Você está bem?

Selena estendeu a mão e ergueu a boca para um beijo. E outro. — Que noite! Esta foi a coisa mais excitante que já aconteceu comigo!

Adrenalina rapidamente transformou-se em luxúria quando ele correspondeu ao seu beijo e pressionou-a contra o assento. Lambendo-a na boca, ele acariciou um dos seus seios com a mão.

— Devemos pedir a ele para acelerar de novo? — Trez murmurou contra sua boca — Porque eu não acho que posso esperar...

— Chegaremos logo, — ela murmurou, sorrindo. — E eu gosto de antecipação. Estou faminta por você desde que começamos a rodar.

Trez grunhiu no fundo da garganta ao tocar o botão para erguer a partição —
Fritz?

- Sim, amo?
- Um pouco mais rápido, se não se importa.
- Com todo o prazer, senhor!

Capítulo TRINTA E SETE

Um pouco depois de Xcor e Balthazar passarem correndo pelo labirinto de ruas, Xcor foi golpeado por algo tão grande e tão forte, que ficou totalmente aturdido enquanto ia pelo ar, o mundo girando, enquanto ele permanecia estável, ou, mais provavelmente ele era o que dava voltas.

No ar, se preparou para um desagradável impacto, mas por alguma razão absolutamente estúpida, aterrissou sobre suas botas de combate. Era uma espécie de buraco, não era uma benção que iria durar, considerando o impacto. Para evitar que caísse no chão, saltou para frente, tentando continuar a corrida.

Algo estava muito mal. Suas pernas não funcionavam direito.

Lutando para se manter em pé, era vagamente consciente de Balthazar gritando seu nome e logo, de repente, seu soldado estava justo ao seu lado, segurando seu braço e o arrastando para trás.

No fundo de sua mente, sentiu uma presença sair do enorme veículo parecendo um vampiro. E logo o som dos impactos de bala soou. *Pings* agudos foram substituídos por ruídos menores batendo nos ladrilhos, no asfalto e nas pedras.

Os *lessers* encontraram a SUV.

O que significava que ele e Balthazar tinham um segundo ou dois de maior cobertura e Balthazar aproveitou bem. Com um forte puxão, Xcor sentiu todo seu corpo sair da pista.

E logo, um momento depois, ele estava atrás de uma grande estrutura.

Não, um veículo de segunda ou algo. De fato, era uma caixa quadrada gigante com algum tipo de escrita na lateral.

P... O... D... S...

Seu cérebro hiperativo traçou as formas das letras vermelhas, mas o padrão não significava nada para ele. Estava registrando com clareza?

Estavam a ponto de conseguir um tiro limpo.

Levantou a pistola ao mesmo tempo em que Balthazar o fez.

Obrigou seus pulmões a diminuir o ritmo, esperou... Esperou... Esperou...

A chuva de balas ficou mais forte e mais forte enquanto os atiradores caminhavam até eles. Os assassinos estavam presos entre os ruídos e a perseguição e nenhum deles se incomodou em parar quando chegaram até a grande estrutura que funcionava bem e seguiram adiante. Em comum acordo, Xcor pegou o da esquerda enquanto Balthazar pegava o da direita.

Duas balas. Não duas mil.

Duas muito bem posicionadas balas de quarenta milímetros nas costas jogaram os atiradores para frente, de cara no asfalto sujo.

— Peguei. — Balthazar gritou, trocando suas armas por adagas.

Xcor teria discutido, mas estava começando a sentir a gravidade de suas feridas. Bali saltou, suas lâminas movendo-se. Golpeou o mais próximo, uma grande explosão de luz girando na rua ao meio-dia. Com uma pausa, ele saiu e apunhalou o segundo atirador. Retrocedendo a um segundo de iluminação, o soldado conseguiu esquivar das adagas e agarrar duas AK's antes de...

... Uma RV sair a toda velocidade do beco para golpear Xcor.

Balthazar virou-se correndo para o esconderijo, golpeando seus ombros no bloco de metal e os dois olharam para frente, congelados no lugar quando saíram no caminho.

Mas a diversão e os jogos não haviam terminado ainda.

Acalme-se.

Precisavam se acalmar...

... Devagar...

Desmaterializar fora do centro era a única maneira de sair dali: Sirenes dos carros de polícia dos humanos aumentavam de volume cada vez mais forte e logo faróis apareceram no final do beco, a brilhante iluminação fazendo sombras em tudo.

— Vá. — Xcor ordenou, sabendo que seu soldado estava em muito melhor forma que ele.

— Não nesta vida.

— Ficar aqui comigo pode ser sua queda.

— Então vamos morrer juntos.

Quando Xcor inalou e exalou profundamente, tentando diminuir seu ritmo cardíaco e sua pressão arterial, o cheiro de metal quente e pólvora tocaram seu

nariz junto com o diesel do carro e o persistente cheiro desagradável do suor dos assassinos e as incinerações.

Suas pernas o estavam matando, ambas. A este ritmo, a dor iria aumentar tanto que teria que se sentar ou desmaiar.

Merda.

Os carros de polícia se aproximaram a toda velocidade, um... Dois... Três, depois uma sucessão, as luzes e as sirenes se desvanecendo enquanto passavam.

Haveria mais. E os próximos viriam mais devagar, para fazer reconhecimento do lugar de modo que pudessem persegui-los.

— O quanto está machucado? — Balthazar exigiu.

Ele queria mentir. — Minhas pernas são um problema. Uma está no último momento e a outra provavelmente quebrada.

— Quando foi a ultima vez que se alimentou? De uma mulher, quero dizer.

Meses e meses. Desde que conheceu Layla. Seu sangue puro lhe manteve por um tempo recorde e quando a força finalmente começou a desvanecer, tomou das veias dos cervos que caçava nos bosques sem dizer a seus homens que recorria a tais animais.

Mas Bali sabia. Todos eles deviam saber.

— Há muito tempo, de fato. — Seu soldado se queixou.

Xcor olhou ao redor, não queria levar a conversa adiante. Do outro lado do caminho havia uma escada de incêndio, mas não tinha força para se arrastar até ali a uma velocidade suficiente e não seria capaz de se desmaterializar.

— Vá. — Disse para Balthazar.

— Pode fazê-lo.

— Não tenho força para levá-lo de volta...

Balthazar apontou para cima. — Ali. O teto. É para onde tem de ir.

Latidos de cães. Ao menos dois deles. Na entrada do beco.

Ah, sim, os seres humanos tinham narizes dignos de uma busca. Diferente dos patéticos que tinham em seus rostos.

— Você consegue. — Disse Balthazar. — Apenas até ali. Não mais além.

Xcor traçou o caminho até a escada de incêndio, além da série de janelas, uns quinze metros. Poderia ser pior, supôs.

— Agora.

Fechando os olhos, sabia que não iria funcionar. — Eu quero que vá embora. É uma ordem.

— Não vou...

Xcor levantou um braço cansado e golpeou o soldado no rosto. Com voz cansada ele disse: — Os outros precisam que cuide da organização. Deve ser você. Vá, e leve as armas com você. São valiosas. *Vá!* Alguém deve liderá-los!

Balthazar continuava amaldiçoando enquanto desaparecia... E os cães se aproximavam cada vez mais do lugar onde estava Xcor. Com o fresco aroma de seu sangue recém derramado e cada vez caindo mais seria encontrado em questão de segundos.

Desta vez, quando suas pálpebras se fecharam, era de puro esgotamento, não por qualquer tipo de esperança de se desmaterializar.

Exceto que, justo quando seria capturado, enquanto levantada o cano da pistola e sabia que estava a ponto de perder a vida com um tiro...

A imagem de Layla veio a ele tão claramente como se ela estivesse diante dele.

Se tirasse sua vida, nunca colocaria os olhos sobre ela novamente.

Quando uma profunda sensação de perda golpeou o centro de seu peito, foi então que soube o que estava negando durante tanto tempo.

Frente à realidade de que poderia lhe ser negado um último encontro com esta mulher, uma última oportunidade de ouvir sua voz, sentir seu cheiro no ar da noite, sentindo sua presença física... O macho vinculado a ele gritou de raiva ante tais crimes.

Assim quando um pastor alemão dobrou o canto do bloco de metal, seu condutor segurando sua coleira curta, no mesmo instante que o humano gritou algo como “Parado” ou uma idiotice assim...

Xcor desapareceu.

Apenas o desejo de ver sua mulher novamente lhe deu forças para lançar-se no ar da noite, jogando seu maltratado corpo no teto que Balthazar lhe mostrou.

Quando o policial abaixo deixou escapar uma exclamação de surpresa e outro chegou, uma conversa se seguiu e Xcor caiu no nada, aterrissando duro no teto plano do edifício.

— Graças a Virgem Escriba. — Ouviu alguém murmurar.

Gemendo Xcor rodou sobre as costas. Zypher estava em pé sobre ele. Balthazar também.

— Ele está muito machucado.

Isto foi o último que ouviu antes da perda de sangue e as lesões o arrastarem para a inconsciência.

Um quarteirão a mais, Rhage tinha sua própria lista de problemas graças à todos os malditos humanos que inundavam os becos. Com as mãos sobre a cabeça e de costas aos rapazes de azul que se aproximavam, sentia-se irritado. E entediado.

A verdadeira festa, com estes assassinos, como diria Bill Murray já havia acontecido, e Manny Manello fazia aquela coisa de avaliação médica procurando por balas. Enquanto isso, ele estava preso ali na cidade com seis rapazes franzinos.

— Não se mova.

Como nos filmes, pensou enquanto rodava os olhos. — Como disser oficial.

Com seu ouvido agudo triangulou sua posição com precisão. E não havia nada diante dele no beco. Não havia carros, não havia transeuntes noturnos ou outros policiais.

Apenas Deus sabia aonde Manny iria acabar. Ou o que estava acontecendo com Trez e Selenia. Não havia tempo para isto.

— Eh, oficial?

— Não se mova.

— Não se ofenda, mas tenho de ir.

Assim de fácil, já que o policial sequer se moveu ele logo se desmaterializou.

Estava sorrindo em seu estado molecular enquanto viajava para fora, imaginando OMFG's. Fez algumas coisas que poderiam ser inaceitáveis. Havia apenas uma regra na guerra com a Sociedade Lessening: não dê o primeiro golpe na luta idiota. Quer dizer que, era de interesse de todos que os humanos não soubessem que os vampiros eram mais que um mito de Halloween e *The Walking Dead* era nada mais que um programa de televisão.

Às vezes, no entanto, não se tem opção. E apesar de acabar de dar o maior espetáculo de Frick e Frack, era melhor do que perder tempo apagando a memória deles quando Trez e Selena poderiam precisar de Manny.

Abrindo seu caminho adiante, voltou a formar-se três quarteirões mais perto do rio no telhado de uma garagem com luzes de neon. Assim quando Manny acelerou pelo beco em seu tanque blindado, com várias viaturas de polícia atrás dele, Rhage fez as luzes de Xenon nas vigas brilharem, dando ao bom doutor um descanso para seguir adiante.

Logo, com calma e muito deliberadamente, entrou na ambulância e abriu fogo contra os veículos. Ele não era idiota, no entanto. Sua Mary uma vez foi humana, assim ainda abria exceções a toda esta coisa de mortal. Assim que mirou os pneus dianteiros e os motores. A primeira unidade rapidamente perdeu o controle e tombou, o que significava que a segunda com certeza poderia passar adiante. Mas ele se livrou desta merda, inutilizando-a.

— Buh... Adeus.

Alcançou Manny novamente pelo efeito fantasma, dois quarteirões abaixo e se materializou no assento do passageiro da mesma forma que deixou o veículo. Manny deu um grito de alarme, mas não perdeu seu foco. Continuou movendo-se pelas ruas.

— Temos que sair daqui. — Disse o bom doutor.

— Para a ponta do rio. Sei exatamente o que fazer.

— Há policiais por toda parte.

— Vou dizer quando der a volta. — Rhage puxou o telefone e começou a enviar mensagens de texto. Um quarteirão depois, gritou. — Agora! Muito bem!

Rhage caiu de lado bem apertado quando Manny os lançou a noventa graus e pisou no acelerador novamente.

— Eles têm um helicóptero sobre nós. — Anunciou Manny.

Efetivamente, a grande tela mostrava uma imagem preciosa de uma brilhante esfera de luz lançando uma luz sobre eles.

— Duas ameaças mais acima, à esquerda.

— Eles vão se aproximar de nós a...

— Faça!

Eeee assim que desceram a estrada, o foco de luz se extinguiu.

— Um quarteirão mais. — Murmurou Rhage, lançando-se para frente, rezando para... — Calma!

Mais a direita na baía, ele tocou um painel e uma porta se abriu lentamente, revelando uma garagem enegrecida do tamanho de uma pequena casa.

— Vamos!

— Merda, como fez isso?

— Agradeça a V!

Assim simples, a RV de Manny, junto com todas suas coisas, seringas e bisturis e os dois filhos da puta no assento da frente, foi coberta e ficou dentro da garagem coberta na baía.

Manny desligou o motor, mas não soltou o controle do volante. Como se esperasse ter de dirigir novamente. — O que faremos agora?

Rhage desceu o vidro da janela e ouviu os sons dos carros de polícia que passavam na parte de fora. — Relaxamos.

Seu celular soou e ele atendeu. — Bom trabalho, meu Irmão.

A voz de Vishous estava clara como água. — E você pensou que nunca iríamos precisar disto.

— Graças a Deus pelo controle remoto.

— Pelo meu telefone. Boom! Vocês estão bem?

— Sim, mas acho que vamos ficar aqui por um tempo a menos que alguém venha nos buscar.

— Que demônios aconteceu?

— Tire-nos daqui e contarei a caminho de casa.

— Estarei aí em vinte. A menos que tenhamos que nos preocupar com a polícia?

— Oh não. — Rhage fez um *gesto* sem importância com a mão. — Está tudo bem. Não há policiais ao redor.

Quando desligou Manny o olhou. — Está louco? Este telefone pode ser rastreado pela polícia.

— Precisariam do exército.

Com uma maldição, Manny bateu a cabeça contra o encosto de seu assento algumas vezes. — Maldição! Nem sequer tive a oportunidade de usar este mau garoto e está todo destruído.

— Bom, pelo menos pode brincar com alguns botões. E esta foi uma boa chance de comprovar se é à prova de balas. — O telefone de Rhage tocou avisando uma mensagem de texto neste exato momento. — Oh bom, Trez e Selenia chegaram em casa de forma segura. Suponho que já estavam fora da cidade quando a diversão começou.

— Isso é um alívio. — Manny respirou fundo, mas logo amaldiçoou. — Como vamos conseguir tirar esta coisa daqui? Cada estação de polícia da cidade vai ter uma descrição dela.

Rhage olhou a seu redor no interior e encolheu os ombros. — Pouco a pouco, se tivermos que fazê-lo.

— De alguma forma não inspira confiança.

— Você nunca viu seu cunhado com uma chave de fenda. Este filho da puta pode desmontar qualquer coisa.

— E como é para montar novamente?

— Muito bom.

— Está mentindo para mim para que não comece a chorar como uma menina?

— Oh não. Não mesmo.

Rhage se contorceu em seu assento e tocou a tela de seu telefone.

— Comprovando as estradas? — Manny disse arrastando as palavras.

— Tem algo que possamos comer aqui?

— Não, a menos que goste do sabor de coisas esterilizadas.

Rhage acomodou-se em seu assento e reclinou-o. — No pior dos casos...

— Não, você não pode comer minha RV.

— Está fora dos limites também?

— Sim!

Fechando os olhos, disse para o médico. — Sem graça.

Capítulo TRINTA E OITO

Na biblioteca do palácio, iAm deslizou para fora o último volume da última prateleira na última linha de textos de cura. Quando ele abriu a capa de couro, o grito em sua cabeça foi tão alto, ele não conseguia se concentrar para ler a tabela de conteúdo.

— Aqui, — disse *maichen*. — Permita-me.

Mesmo que o marcasse como um marica, deixou-se cair para trás em sua bunda, o chão duro mordendo através da cobertura fina do uni de criada azul pálido.

Ele já sabia o que *maichen* ia encontrar. Ou não.

A falha em seu raciocínio, quando ele partiu para esta tolice, era que ele nunca tinha ouvido falar da doença. Não era como se ele fosse um s'Hisbe, com um extenso conhecimento do que afligia as pessoas e como corrigi-lo, mas algo parecido com o que Selenia tinha? Os Sombras teriam visto isso como um defeito e ficado longe como da peste, assim teria havido alguma consciência comum sobre o assunto.

Ele deveria saber. Mas quando se tratava de seu irmão, ele era susceptível de fazer qualquer coisa para salvar o filho da puta.

— Será que ele tem uma doença similar? — *maichen* perguntou.

— O quê?

— Você acabou de dizer que faria qualquer coisa para salvar seu irmão?

Ótimo, ele estava falando em voz alta agora. — É melhor voltarmos.

Ela fechou o volume. — Eu sinto muito, não encontrarmos...

— Venha, vamos.

iAm levantou-se e ofereceu-lhe a mão. No processo de revisão do último livro com todas essas palavras inúteis, ela também havia se sentado no chão.

Seu rosto mascarado levantou para cima, como se estivesse olhando para a palma da mão.

— Precisamos ir, — ele murmurou, desejando que ela simplesmente colocasse o maldito livro de volta e saísse com ele.

Quando ela finalmente estendeu o braço, a manga pesada deslizou para baixo, expondo-lhe o pulso fino e sua mão longa e fina. Que tremia.

Ele amava a cor de sua pele. Mais escura do que a dele.

— Eu não vou te machucar, — ele disse asperamente antes de tocá-la.

— Eu sei, — ela sussurrou. Conforme ele fez contato, seu corpo estremeceu, eletricidade lambendo-o, viajando a partir da conexão ao seu coração e fazendo o ritmo vital bater ainda mais rápido. E ele não tinha certeza, mas pensou que ela sentiu o choque, bem como, a túnica que a cobria, que foi deslocada drasticamente, como se ela tivesse pulado.

Não havia tempo para pensar em nada disso, apesar de tudo.

Tomando o livro de sua mão livre, ele substituiu-o na ranhura que tinha sido criada e começaram para a longa jornada de volta para a saída. Ele tinha ido cerca de quinze metros, quando percebeu que não tinha deixado cair seu domínio sobre ela ainda.

Ele teve de forçar-se a deixar a mão dela.

Quando chegaram à porta oculta, ele deu um passo para o lado e deixou as coisas abrirem no caso de haver algum tipo de rastreador ou controle de segurança em jogo.

Fora no corredor, ela disse, — Agache-se, lembra? Você é muito alto e muito grande.

iAm ficou com o programa. — Obrigado.

Deixando-a assumir a liderança, ele encontrou-se observando a forma como ela andava, a mudança de seu corpo sob a túnica que a camuflava quase completamente. Como ela era lá embaixo? Como era o seu rosto?

Assim que os pensamentos o atingiram, ele deixou-os cair. Agora não era o momento de perder nem uma fração de segundo em qualquer coisa assim.

Eles tinham percorrido cerca de cinquenta quilômetros, tanto quanto ele poderia dizer, quando um conjunto de guardas da prisão vieram para eles. De debaixo da malha que cobria o rosto, iAm rastreou sua abordagem, preparando-se para uma luta e fugir. Típico da equipe de segurança de s'Ex, eles estavam de preto, eram musculosos como seguranças, e suas armas eram óbvias na cintura, os punhais de lâminas longas em seus quadris prontos para o alcance. Seus rostos estavam descobertos, e ele não conseguia se lembrar se isso significava que eles estavam em pé de guerra.

Merda, se tivessem sido descobertos?

À frente dele, *maichen* não piscou. Ela parou, colocou as duas mãos na frente de seu coração em um campanário, e baixou a cabeça em súplica. Permanecendo em seu lugar, iAm copiou exatamente a pose, os músculos das suas coxas apertadas quanto ele forçou as pernas a permanecer meio flexionadas.

Os guardas olharam sobre eles, e iAm rezou para que o truque da lavanda perfumada fizesse seu trabalho. Se eles sentissem o cheiro de qualquer coisa perto da agressão bombeando em suas veias...

Mas não, eles apenas acenaram e continuaram.

Mais de cem metros ou mais depois, ela chegou a uma abrupta parada e ele quase se chocou com ela. — Nós estamos aqui, — disse ela, olhando para cima e para baixo do hall.

Ele esperou que ela abrisse a porta de sua cela. Quando ela não fez, ele se inclinou para ela e disse baixinho: — Não é culpa sua. E muito obrigado.

Sua cabeça abaixada, e a voz que saiu de trás de sua máscara parecia sufocada. — Eu sinto muito. Sobre tudo isso.

— Você, não se preocupe com isso. E não quero que venha me ver mais. Troca de deveres, mas não se envolva nisso. Já temos pessoas suficientes nesse pesadelo.

— Eu quero fazer mais. Deixe-me ajudá-lo a se libertar...

— Não.

— Eu não quero que você seja um prisioneiro.

— O quê?

— Eu não quero que você seja mantido lá para sempre.

— Não será por muito tempo, eu prometo. — Embora ele tinha necessidade de sair daqui o mais rápido possível. — Agora, *por favor*, vá!

Quando ela continuou a hesitar, ele foi quem acionou a porta da prisão para abrir, tomando-lhe a mão e colocando-a na parede.

As luzes estavam acesas dentro, não fora. E s'Ex estava na plataforma da cama, com as costas contra a cabeceira da cama, com as pernas esticadas e cruzadas nos tornozelos.

Em uma das mãos, ele tinha uma pedra de amolar. Na outra, ele tinha um punhal.

Com lentos, certos golpes, ele estava afiando a lâmina.

Ele não se deu ao trabalho de olhar para cima. — Imagine minha surpresa quando vim pessoalmente verificar você.

iAm colocou o seu corpo na frente de *maichen*, bloqueando-a completamente. — Isso não é culpa dela. Eu a obriguei.

— Isso é uma mentira. — O carrasco olhou para cima, seus olhos negros brilhando. — Mas, se você fez ou não, é o menor dos seus problemas.

Conforme Fritz estacionou em frente à mansão da Irmandade, Selena estourou fora da parte traseira do Mercedes antes que o carro até mesmo parasse. A investida súbita era uma expressão de sua emoção, algo que ela estava segurando, e era bom.

Só que ela estava de salto alto, e o desembarque correu mal: quando um pequeno ponto ao redor da lateral de seus sapatos prendeu os paralelepípedos, a gravidade a agarrou e ela jogou os braços, deslocando seu peso fora de forma...

Trez a pegou em seus braços com um poderoso impulso, capturando-a antes que ela pudesse cair e varrendo-a contra o peito enorme.

Ele segurou-a como se ela não pesasse nada.

Colocando os braços em volta do pescoço dele, ela se inclinou para trás e sorriu tão amplamente, que provavelmente parecia uma lunática. Ela não se importava.

— Isso foi incrível!

Trez sorriu quando subiu os degraus até a porta para o vestíbulo. — Isso foi algo, com certeza.

Esticando em torno do tríceps de Trez, ela chamou o mordomo, — Fritz, nós podemos fazer isso de novo amanhã à noite?

O mordomo seguiu em seu rastro. — Mas é claro, senhora! Qualquer coisa para ser útil. Devo comentar, no entanto, que o carro deve exigir alguma atenção antes de quaisquer novas excursões.

Provavelmente certo, e talvez fosse por isso que o *doggen* tinha estacionado paralelo à porta da frente, ao invés de com os outros veículos do outro lado da fonte. Poderia a coisa até mesmo dar ré ainda?

Houve uma pausa rápida quando entraram no vestíbulo, e em seguida, eles foram acolhidos no caloroso interior da mansão, por um dos funcionários exuberante de Fritz.

— Se vocês me desculparem, — o mordomo disse, — tenho de cuidar da preparação das últimas refeições, como referi.

— Obrigado por nos trazer de volta inteiros. — Trez murmurou.

— O prazer é meu de fato.

À medida que o *doggen* saía para a sala de jantar, Trez começou ir para as escadas, seus passos largos atravessando o mosaico no chão e Selenia começou a sorrir por um motivo diferente do que pura adrenalina.

Mas, ele não a levou até seu quarto. Seu macho caminhou ao redor da base da grande escadaria do lado esquerdo, levando-os para a porta ornamentada do banheiro.

— Abra a porta para mim, — ele rosnou.

Ela olhou para cima e saboreou a visão do rosto dele. Com pura necessidade sexual cerrou sua mandíbula e estreitou os olhos, transformando-o em uma versão animalesca de si mesmo.

A resposta dele para o passeio de carro, ela pensou.

Estendendo a mão, ela agarrou a maçaneta de bronze e liberando o bloqueio, abriu caminho para dentro.

Uma sala tão linda, com seu banheiro particular, seu ar com cheiro doce, e especialmente o mármore venoso vermelho, pêssego e rosa que cobria as paredes e os pisos. Cetim vermelho e pêssego caíam de ambos os lados do espelho sobre a pia, como se a coisa fosse uma janela para olhar para fora, e o rodapé aveludado em torno da bacia era vermelho sangue com franjas ouro margeando. Castiçais a gás antiquados queimavam incessantemente toda a sala, a luz amarela suave como a de velas.

— Você vai querer usar essa fechadura, — disse ele, curvando-se para que ela pudesse chegar à coisa. Deslizando para casa. Dando-lhes um pouco de privacidade.

Havia um longo banco contornando a parede oposta, e ele trouxe-a para si, segurando-a com uma mão enquanto empurrava todos os tipos de almofadas de seda e tapeçaria no chão. Esticando-a, ele ronronou no fundo da garganta enquanto acariciava os ombros, cintura e pernas dela.

— Eu pensei sobre isso a noite toda, — disse ele.

Arqueando-se, sentiu a carícia do vestido se movendo para cima sobre as coxas dela enquanto varria suas palmas mais e mais alto.

— Oh, Deus! — Ele respirou enquanto olhava para o sexo dela.

— Você já esqueceu? — Ela sorriu quando baixou as pálpebras. — Que elas me deram tudo, exceto calcinhas?

— Mmm, não, eu me lembro.

Ele moveu em torno dela, puxando-a para frente para que pudesse abrir as pernas dela ao redor de seus quadris. Inclinando-se sobre ela, colocou a boca no lado do pescoço e, em seguida, sacou sua língua para cima até que mordiscou o lóbulo da orelha dela.

— Você sabe o que é o mais difícil?

Ele pontuou a questão com um golpe de sua pélvis, a excitação em seu sexo nu empurrando através do tecido fino da calça. Conforme ela suspirou, seus dedos vagaram sobre o corpete do vestido.

— Hmm? — Ele murmurou, beliscando-a de novo, como se para castigá-la. — Você sabe?

— Eu tenho uma boa ideia, — ela gemeu.

— Não é isso. — Ele empurrou em seu núcleo mais uma vez, acariciando-a com sua ereção. — Acredite ou não...

— O-o que...?

Ele colocou a boca ao lado da orelha dela. — Não é rasgar seu vestido com meus dentes. Quero levá-la para a Última Refeição depois disso, e por mais que eu respeite os Irmãos... — Trez beijou o seu caminho até o ombro dela. — Eu teria de matar todos eles, se te vissem nua. E isso é muito para limpar.

— Então o que você vai fazer?

— Sente-se para mim.

Ela estava tonta quando fez o que ele pediu, mas era de paixão, calor... Necessidade. — Agora... O quê?

— Nós cuidadosamente nos livraremos deste. — Agarrando a bainha, ele puxou o tufo preto por cima da cintura dela... Sobre os seios. — Pooooooooooooorra.

Quando ele jogou a seda no chão, apenas olhou para o que tinha revelado. — Oh, isso é o que eu quero.

Com as palmas das mãos acariciando para cima e para baixo as coxas dela, ele baixou a cabeça para um dos mamilos, sugando-o, cuidando dela, sua cabeça escura contrastando com a pele pálida dela. Deixando cair a cabeça para trás, ela deu-lhe o acesso que ele queria, espalhando os joelhos ainda mais.

O som que ele fez foi todo másculo, e o agarre dele no quadril dela era áspero enquanto a puxava para frente.

— Me dê, — ele exigiu. Houve um *zip!* rápido enquanto ele liberava a si mesmo e, em seguida, o rosnado estava de volta. — A noite toda. Pensei sobre isso a noite toda.

Ele empurrou dentro dela com um impulso do quadril, e ela agarrou os pulsos dele, arqueando-se novamente. Com movimentos duros, se deixou ir e ela aceitou tudo o que ele lhe deu, um poderoso impulso reunindo liberação imediatamente. Tão quente, tão selvagem... O ponto culminante do atencioso jantar, a louca volta para casa, a antecipação constante que ela tinha quando estava perto dele.

Arrastando-o de volta para a sua boca, ela agarrou-se ao poder dele, em busca de seus lábios e sugando a sua língua dentro dela até que o ritmo das penetrações tornou isso impossível. Mais rápido, mais forte e, em seguida, o orgasmo a atingiu.

E foi exatamente como cambalear através desses painéis de vidro, ganhando velocidade para, em seguida, uma quebra espetacular.

Só que era o seu corpo desmoronando.

Em uma forma maravilhosa.

No momento em que ela estava começando a flutuar para baixo, ela encontrou o pulso dele em seus lábios. — Tome de mim, — ele resmungou. — Eu quero sentir seus dentes em minha carne.

Instantaneamente o calor aumentou novamente e ela empurrou o braço para fora do caminho. Conforme suas presas desceram em uma urgência, ela chiou e bateu na lateral da garganta dele, bem na veia grossa que corria até seu coração.

Trez gritou o nome dela e apertou-a contra ele, inclinando a cabeça e incentivando-a a tomar mais, ter tudo o que precisava, com o quadril apertado contra ela, sua ereção jorrou quando ele gozou profundamente dentro do corpo dela.

Sua liberação chamou outra dela, levando-a até a borda novamente.
E o tempo todo, ela nunca se sentiu mais segura ou mais amada.

Capítulo TRINTA E NOVE

Quando a porta da cela foi fechada fortemente atrás dele e *maichen*, iAm arrancou a touca e atirou-a.

— Deixe-a ir.

s'Ex moveu as poderosas pernas para fora da plataforma da cama e ficou em pé. — Sabe qual é o meu maior defeito? Eu não recebo ordens muito bem.

— Ela não é parte disso. É entre você e eu.

— Sim, veja, você ainda está errado. Você e eu somos, na verdade, apenas coadjuvantes no drama real, mas isso não vem ao caso.

O executor andou para frente, e iAm colocou as suas mãos para fora, protegendo *maichen*.

— Pare.

— Ou o quê?

— Vou te matar.

s'Ex parou bem na frente dele e olhou para baixo de seu nariz. — Realmente.

— Sim. — iAm enrolou os punhos e sentiu suas presas saírem. — Se é uma questão de você ou ela sair daqui com vida, garanto que ela será a única ainda em seus pés, quando a porta se abrir. E não me importo se eu morrer no processo.

s'Ex franziu o cenho e olhou para a criada. Dirigindo-se a ela, ele disse: — Irmão errado. Você sabe disso, certo?

iAm se inclinou para o lado e bloqueou o contato visual. — Então, nós estamos fazendo isso?

— Você seria um idiota em lutar comigo. Considerando que vim para te tirar daqui.

iAm recusou-se a se distrair. — Você está dando o primeiro soco ou eu?

— Você ouviu o que eu disse? Eu vim aqui para levá-lo para a porra da biblioteca, mas estou supondo que é o lugar de onde vocês dois estão voltando. Ou será que estamos balançando por lá para o caminho da saída?

No silêncio que se seguiu, iAm considerou as palavras do carrasco para frente e para trás, marcando as sílabas para significado. Em seguida, franziu o cenho. — Eu não entendi.

— Se você não se importa, precisamos fazer isso agora, porque tenho de estar de volta à corte em cerca de vinte minutos.

Que diabos foi isso?, iAm se perguntou.

s'Ex revirou os olhos. — Eu disse que ia levá-lo dentro e fora, não é?

— Você me colocou aqui! Você tinha me batido na cabeça...

— Não, idiota. Um dos meus guardas fez isso. Venho trabalhando nos bastidores e tentando te soltar. Você não deveria estar nessa maldita cela. Aquele não era o nosso acordo.

Piscada.

— Nós fomos para a biblioteca, — *maichen* interrompeu. — Não tivemos sucesso. E estou indo também. Eu quero ter certeza que ele saia vivo disso.

s'Ex e iAm ambos olharam para ela e gritaram: — Não.

— Está vendo? — Disse o carrasco, que passava à sua volta para a porta. — Nós podemos concordar com alguma coisa. Agora, podemos fazer isso.

E o desgraçado não estava falando sobre a luta.

Putá.Merda. Parecia que sua confiança não tinha sido tão descabida como ele tinha pensado.

iAm olhou para *maichen*. Com uma voz suave, ele sussurrou: — Não nos siga.

— Você não pode dizer a ela o que fazer, — disse s'Ex enquanto desbloqueava a saída. — Agora vamos continuar, a menos que queira apodrecer nessa cela?

iAm balançou a cabeça para a criada. — Não.

— Eu estou esperando, — disse s'Ex.

— *maichen*...

— Vou segui-lo se eu quiser, — foi tudo o que ela disse enquanto passava por ele e se juntava à s'Ex no corredor.

O cabelo de iAm estava em chamas enquanto os seguia, ainda vestindo o uniforme de criada que tinha furtivamente emprestado. — Não terei isso em minha consciência, se você se matar por um motivo idiota.

Enquanto desciam pelo corredor, ela não prestou atenção à sua reclamação. Duh. Ela não parecia ter um cérebro em sua cabeça.

Ou talvez fosse ele... Porque se encontrou não querendo deixá-la.

O que era louco.

s'Ex guiou pelos corredores, tomando um caminho diferente do de *maichen*. Por todo o caminho, iAm estava preparado para uma emboscada, um confronto, uma traição que ia foder com ele.

Mas quinze ou vinte minutos mais tarde, ele estava fora do palácio, passando aposentos vagos dos criados... E em pé na frente do muro que separava o Território do mundo humano.

iAm olhou para o carrasco. — Você só está me deixando ir? — Ele sussurrou para a escuridão.

— Como eu disse, esse foi o nosso acordo, não foi? — Quando iAm não respondeu, s'Ex balançou a cabeça. — Com isto chega ao final nós três. Pelo menos até depois do luto, quando eu tenho de buscar seu irmão.

— Será que eles não notaram que eu parti?

— Por que alguém se importaria? Eu despacho marginais regularmente, e já apaguei a memória de sua marca em qualquer um que tenha tido conhecimento da mesma. — s'Ex olhou para *maichen*. — Apesar de tudo isso teria sido muito mais fácil se você não tivesse insistido em transformar essa cela em uma loja de móveis.

iAm estendeu a palma da mão. — Eu não esperava que você fosse honesto.

— Foda-se você também. — s'Ex sacudiu a mão que foi estendida a ele. — Agora vá.

Só assim, a saída foi aberta para ele. Ele nem sequer teve de se desmaterializar sobre a barreira.

iAm fez uma pausa e olhou de volta para a criada.

No silêncio que se seguiu, s'Ex soltou uma maldição. — Eu não aprovo nada disso entre vocês dois. Mas, você sabe como fechar as coisas depois que ele sair.

E com essa observação, o carrasco se afastou, suas vestes negras ondulando atrás dele.

Era tão estranho, iAm pensou quando foi deixado sozinho com a mulher. Ele estava a dois metros da fuga que precisava, mas não conseguia se mover.

— Posso ver seu rosto, — ouviu-se dizer, — antes de eu ir? — Quando ela não respondeu, ele estendeu a mão e passou-a por baixo do tecido que cobria a cabeça dela e arrastou para baixo dos ombros dela. — Eu tenho de ver como se parece ou você vai assombrar os meus dias.

Ele tinha a sensação de que ela ia fazer isso de qualquer maneira.

— Eu... — a voz dela tremeu, — ... Eu não sei.

iAm balançou a cabeça se sentindo como um idiota. — Eu sinto muito, isso não é da minha conta. — Ele cedeu a um impulso e curvou-se ao nível da cintura dela, como se ela fosse muito mais do que uma serva. — Obrigado novamente.

Girando, ele caminhou através da porta aberta.

— Amanhã à noite, — ela desabafou. — Você pode me encontrar?

Ele congelou, um pé dentro e um pé fora do Território. — Onde?

— Eu não sei. Em algum lugar. De algum... Jeito.

iAm franziu o cenho, e pensou onde tinha encontrado Trez na montanha entre o s'Hisbe e a Colônia *Symphath*. Essa cabana ainda tinha de estar lá; a maldita coisa tinha cem anos de idade, quando Trez estava abrigado nela.

E, merda, sabia que Rehv não usava mais.

— Você conhece a Montanha Black Snake?

— Sim, — ela sussurrou.

— No meio do caminho até o lado leste, no início da trilha Lightning Strike, há uma cabana. Vou chegar lá primeiro e acender o fogo de dentro. Você pode desmaterializar a partir daqui e encontrar a luz. Encontre-me lá à meia-noite.

Ele podia imaginá-la mordendo o lábio inferior enquanto hesitava.

— Eu nunca vou te machucar, — prometeu.

— Eu sei.

— Eu tenho de ir. — Ele olhou para ela com tanta força, tentando ver sob aquelas vestes. — Pense nisso. Eu estarei lá e vou esperar uma hora. Se você não for, entendo perfeitamente.

Ela não era “importante” aos olhos do s'Hisbe, mas ainda assim, as fêmeas tinham razão de ser cautelosas, não importava seu posto quando se tratava de deixar o território.

Especialmente se eles não tinham poder relativo.

— Adeus, — disse ele antes de se virar e cair em uma corrida.

Momentos mais tarde, quando se desmaterializou, ele sabia que nunca iria vê-la novamente. E, no entanto, mesmo que isso fosse tudo exceto determinado, ele estaria naquele lugar na montanha amanhã à noite.

Na hora.

Talvez até mesmo virgens como ele tinham raias românticas.

Quando Trez e Selenia finalmente conseguiram sair do banheiro no térreo, era muitíssimo mais tarde do que meia-noite. Na verdade, quando ele checkou seu telefone, ficou surpreso ao descobrir que eram três da manhã, e eles haviam explodido umas boas três horas lá.

Ele não conseguia pensar em uma maneira melhor de passar o maldito tempo.

As pessoas tinham, obviamente, começado a voltar para casa para o dia, vozes derivavam fora da sala de bilhar.

— ... Toneladas de balas! — Hollywood estava dizendo. — Como se estivesse chovendo chumbo!

— Minha pobre clínica móvel. — O tom de Manny era menos do que entusiasmado. — Viagem inaugural e olha o que aconteceu com a maldita coisa.

Bem, pelo menos os dois tinham chegado em casa com segurança. Jesus, ele ainda não tinha pensado sobre eles, o quão egocêntrico era isso?

— E este imbecil me falou que não havia polícia, — V cortou. — Para a evacuação. Inacreditável, andei em uma convenção desses emblemas.

Trez pôs o braço em volta de Selenia. — Você quer participar da festa?

— Precisamos contar a nossa parte!

Beijando-a na testa, ele conduziu-a através do foyer e da arcada para o reino de mesas de bilhar, sofás e um wide-screen grande o suficiente para acolher um cinema drive-in.

— Veja isso, estamos na CNN, — alguém disse quando a TV ligou.

Com certeza, na tela enorme, imagens da câmera de segurança do Mercedes correndo estilo *“Duro de Matar”* através do lobby estava em um loop infinito. Então veio a declaração de um policial que estava envolvido na perseguição. E uma testemunha de algum lugar ou outro.

Trez acenou um olá para Rhage e Manny. Levantou a palma da mão para V e Butch. Esgueirou-se com sua mulher ao lado de Z e Bella.

— Muita cobertura, — alguém disse com tristeza.

— Merda, — alguém respondeu.

Mesmo o entusiasmo de Selenia diminuiu rapidamente, como se estivesse vendo por si mesma que parecia tudo muito real.

Quando a porta interna do vestíbulo foi aberta Trez estava vagamente consciente de uma corrente de ar frio atirando para a sala. E, em seguida, um momento depois, uma mão pousou em seu ombro.

Quando ele se virou, iAm estava atrás dele.

— Oh, hey, cara. — Ele foi abraçar seu irmão, só para recuar. — Que *porra* de cheiro é esse?

— Nova lavagem de mãos no trabalho.

Trez seguiu através do abraço. — Livrar-se disso. Faz você cheirar como uma velhinha. O que é? Lavanda?

— O que aconteceu com o Merc? A coisa está batida à merda.

Trez apontou para a tela. — *Isso* aconteceu.

iAm focou em Selena ao invés, traçando seu perfil e vestido com uma surpresa que ele cobriu rapidamente.

— Tivemos um encontro, — Trez desabafou.

Selena olhou por cima, e quando viu quem era, ela estendeu os braços. — Olá, — ela disse quando abraçou o irmão dele. — Eu acho que quebramos o centro de Caldwell.

Engraçado, iAm era o único homem que ele não tinha vontade de matar se tivesse contato com sua fêmea. Imaginou que o macho vinculado reconhecia que iAm nunca, jamais passaria dos limites em pensamento, muito menos ação.

iAm sorriu um pouco. — Pelo menos sei por que o Benz precisa de cinquenta mil dólares em funilaria. Você quer uma bebida enquanto me sirvo?

Trez sacudiu a cabeça. — Não, estou bem.

Exceto quando seu irmão foi até o bar, Trez desculpou-se e seguiu o rapaz. — Hey, escute, só quero pedir desculpas por ter ficado incomunicável... Whoa!

Conforme a garrafa que iAm tinha pego deslizou para fora do alcance do macho, Trez pegou a coisa antes de bater no chão e foi quando viu o quão mal as mãos de seu irmão estavam tremendo.

— Jesus, iAm você está bem?

— Oh sim. Absolutamente.

— Aqui, — ele disse, dando a vodka de volta. — Você tem certeza de que precisa fazer a sua própria bebida?

— Positivo.

— Espera aí, deixa eu te dar um copo. — Ele veio ao redor do bar e agachou para a prateleira quanto iAm estalou a tampa da garrafa quadrada. — Suco de cranberry, certo?

— Não.

— Puro? Você não costuma beber vodka assim.

— Eficiência, meu irmão. É tudo sobre eficiência hoje à noite.

Trez segurava o copo para fora e observou conforme iAm derramava uma medida saudável da *relax-o-matic* transparente lá. Ele ficava esperando o nível parar de subir, e quando isso não aconteceu, ele se encontrou ignorando o choque que sentiu.

iAm era o moderado dos dois.

Ele bebeu tudo isso e seu nível de álcool no sangue ia estar em território coma. Então, novamente, essas tinham sido umas muito fodidamente longas 24 horas.

— Como estão as coisas no restaurante? — Trez perguntou enquanto transferia a propriedade do copo

— Ah bom. Sim. Bem.

— Os clubes?

— Também.

iAm bebeu a merda como se fosse água, derrubando toda a carga em uma longa, sessão aberta no pescoço.

Trez amaldiçoou. — Estou tão arrependido.

— Por quê? — iAm murmurou.

— Você sabe por quê.

O grunhido que veio em resposta poderia significar uma série de coisas. — Escute, eu tenho de ir me deitar. Terminei.

— Sim, eu acho que nós vamos fazer o mesmo.

— Como ela está?

Trez olhou por cima do ombro e tentou olhar de volta para o seu irmão, mas seus olhos se recusaram a se mover. Traçando a graciosa curva das costas de Selenia, ele a viu nua no banheiro, suas pernas abertas, seus pesados seios nus à sua boca, suas mãos. Então ele imaginou-a rindo descontroladamente na parte de trás do Benz. Lembrou-se dela olhando para a noite, enquanto eles jantavam.

— Ela é incrível, — disse ele com a voz rouca. — Absolutamente surpreendente.

— Isso é bom, irmão. Isso é bom. — iAm agarrou a garrafa de vodka e enfiou-a debaixo do braço. — Escute, eu tenho de ir deitar, mas estarei bem ao lado se você precisar de alguma coisa, ok?

— Obrigado.

Conforme iAm se virou e não olhou para trás, era difícil não sentir cada grama da carga que Trez era para esse macho.

Um dia, ele prometeu, ele iria encontrar uma maneira de compensar tudo isso.

Capítulo QUARENTA

Não havia como escapar.

Enquanto permanecia em pé, em meio ao grupo na sala de jogos, Layla tinha inteira consciência de que, se tentasse escapular para pegar seu carro para um pequeno passeio, seria bombardeada com perguntas às quais não poderia responder com facilidade. Afinal, a condição de Luchas lá na clínica continuava estável, mas, ainda era séria. Quinn continuava com ele, com Blay ao seu lado, e ela só tinha subido para pegar algo para comer.

Sair da propriedade seria errado.

Especialmente para se encontrar com alguém como Xcor.

E talvez fosse melhor assim. Ela estivera a ponto de ultrapassar limites na noite anterior, limites que a levariam a um território que, após muita reflexão, sabia que não poderia lidar. Querida Virgem Escriba, ela não sabia onde estava com a cabeça, e esta separação forçada era uma coisa boa, mesmo que não quisesse o sofrimento de Luchas.

Na enorme tela da TV acima da lareira, imagens de um tiroteio e carros guinchando piscaram como saídas de um filme.

Inacreditável o que tinha acontecido no centro da cidade. Graças a Deus ninguém tinha se ferido.

— Então onde está o seu RV estiloso agora? — alguém perguntou à Manny.

— Ainda está perto do rio. Tivemos de deixá-lo no depósito do V, — o médico esfregou os olhos, como se sentisse uma dor de cabeça infernal. — Buracos de balas para todos os lados... E eu atrolei algo grande com ele.

— Um Lesser? — Um dos Irmãos perguntou.

— Não. Quando saí para verificar, havia sangue vermelho nos faróis dianteiros e por toda a lataria. Então ou era humano ou um de vocês... E já que estão todos aqui, e sem ferimentos, deve ter sido humano.

— Ou um Bastardo.

— Talvez. Sim. Fosse quem fosse, tenho certeza absoluta que saiu ferido.

Layla franziu o cenho — Alguém foi atingido?

— Nenhum de nós, não se preocupe, — alguém respondeu.

Uma premonição estranha a afligiu.

Sem dizer mais nada, saiu da sala. Após certificar-se de que ninguém havia notado sua saída, ela tirou o celular do bolso do casaco de lã que havia emprestado da Dra. Jane e enviou uma breve mensagem de texto. Assim que enviou, deletou as palavras e certificou-se de que o celular estava em modo de vibração, antes de sumir de novo com o dispositivo.

Perambulando perto da porta da frente, manteve a mão no bolso, sobre o corpo fino do celular e esperou uma resposta. Quando se passou dez minutos e nada veio, voltou a verificar se não havia desligado o dispositivo sem querer...

— Ei, olá.

Virando-se, viu Qhuinn e Blay emergirem das portas ocultas do túnel sob as escadas.

Enrubescendo, ela disse, — Eu já ia descer.

— Ele está descansando confortavelmente. Dra. Jane diz que seus sinais vitais melhoraram. Está fora de perigo imediato.

Blay interrompeu, — Então vamos para a cama. Antes que a gente caia.

Qhuinn bocejou tão amplamente que sua mandíbula estalou, — Dra. Jane está quase desabando lá embaixo também. Acho que já está acordada há quarenta e oito horas. Ela vai nos chamar imediatamente se algo mudar.

— Me avisem se precisarem de alguma coisa? — Disse ela.

— Acho que por ora estamos bem. Obrigado por tudo. De verdade.

Trocaram abraços junto com desejos de “bom-descanso”, e ela deve ter feito um belo trabalho ao tentar agir normalmente, porque momentos depois, eles foram juntos para o segundo andar.

Sem perceberem sua preocupação.

Layla olhou para a sala de jogos. Tirou o celular e verificou a hora.

Três da manhã.

Ainda sem resposta à sua mensagem.

Antes mesmo de saber claramente o que estava fazendo, ela esgueirou-se pela sala de jantar e cozinha. Os *doggens* trabalhavam duro preparando a Última Refeição, e Fritz mal ergueu os olhos com um aceno respeitoso, quando ela passou por ele.

Ninguém notou quando ela saiu para a garagem. Ou quando foi até a porta trancada do lado oposto. Após digitar a senha no teclado, houve um breve som de *bip* quando a tranca foi liberada.

Momentos depois, estava atrás do volante de seu carro e acelerava.

Ao prosseguir montanha abaixo, o *mhis* a retardou, e o atraso fez seu coração bater ainda mais forte. Mas, chegou à base da montanha, e quando tomou para a rodovia rural, pôde acelerar de verdade.

Não havia muito tempo.

Deus, deve ser assim com os viciados, pensou apaticamente ao agarrar o volante com força suficiente para sentir os nós dos dedos arderem.

A ânsia pela droga, ou bebida... Ou no caso dela, por Xcor... Era irresistível. E não havia prazer algum em ceder, só uma culpa latejante e uma ressoante auto aversão por haver novamente negado seus melhores impulsos e sucumbido ao que poderia matá-la.

Ou pelo menos, arruinar sua vida.

Mas, que a Virgem Escriba tivesse pena de sua alma, era incapaz de não ver se Xcor estava bem.

Na casa de audiências do Rei, Paradise sorriu para o macho mais velho à frente de sua mesa. — Oh, de nada. Fico feliz de ter conseguido agendar seu atendimento para esta noite.

— Você foi de muita ajuda. — Ele lhe fez uma reverência, com o chapéu na mão — Fique bem até o amanhecer.

— O senhor também.

Quando ele saiu do salão, ela voltou a se sentar na cadeira e fechou os olhos. Última reunião da noite. Wrath tinha atendido entre duas e quatro pessoas por hora, nas últimas oito horas, o que lhes deixava com, no mínimo, dezesseis, no máximo, trinta pessoas. E para cada um deles, ela tinha tido de seguir o protocolo que seu pai havia estabelecido: a inscrição, o registro se já tinham visto o Rei antes, oferecimento de comida ou bebida antes de serem convocados, ela havia lhes dado um bom dia e digitado os dados das anotações que seu pai havia lhe

dado sobre a discussão e qualquer decisão que tivesse sido feita ou permissões que haviam sido concedidas.

Ela não estava só exausta. Estava acabada. Tanto a aprender, tantos nomes e assuntos, árvores genealógicas e linhagens, e não havia espaço para erros.

Além disto, ela tinha de recepcionar todos e distraí-los com uma conversaço enquanto esperavam, especialmente se viessem sozinhos.

Não que aquilo fosse requisição de seu pai para o trabalho. Mas, sentia que era importante.

Talvez por causa de sua roupa de aeromoça.

Mais provavelmente pelo seu treinamento na *glymera*.

— Um monte de cadeiras vazias aqui.

Ela arregalou os olhos e pulou. — Peyton! Jesus, não sabe bater?

— Eu bati. E um dos Irmãos me deixou entrar... O que quase me fez mijar nas calças. — Ele olhou de volta para o espaço aberto do salão. — E você não tem uma porta na frente da sua mesa ou eu teria batido também. Desculpe se te assustei.

Afastando o mouse para o lado, ela ativou a proteção de tela de bolhas multicoloridas transparentes. — O que você quer?

— Você não respondeu a nenhuma de minhas mensagens. Ou telefonemas.

— Estou puta da vida com você.

— Parry, vamos. Deixa disso.

— Eu tenho uma pergunta para você. — Ela desviou o olhar da planilha Excel, na qual vinha trabalhando, para os olhos azuis dele. — Como se sentiria se lhe fosse negado o poder de escolha só por ter cabelos louros?

Ele ergueu as mãos. — Não importa, não estamos falando de cor de cabelo...

— Estou falando sério. Pare de discutir e me responda.

— Eu iria ao mercado comprar tintura para tingi-lo de preto.

Meneando a cabeça, Paradise pegou uma agenda de afazeres e marcou algumas coisas que já havia feito.

— Não entendo porque isto é tão importante, — Peyton murmurou. — De qualquer forma, por que quer estar na guerra? Aristocratas serão mortos lá, sabe? Por que não ficar a salvo...

— Atrás de uma mesa, certo? Ou, mais provavelmente, em um belo vestido dentro de uma grande casa. Certo?

— Não é errado proteger o sexo frágil.

— Não é hora de voltar para sua casa?

Ela podia senti-lo olhando para ela do alto de sua estatura. — Não se lembra dos ataques, Parry? Não se lembra como foi? Pessoas foram massacradas em suas próprias casas. Eles tiveram pedaços de seus corpos arrancados enquanto ainda estavam vivos. Encontraram os pais de Lash sentados à mesa de jantar, os corpos mortos arranjados naquelas cadeiras como se fossem jantar. Por que quer fazer parte disto?

Paradise sustentou o olhar dele de novo. — Não quero!

— Então por que estamos brigando?!

— Por que *eu* quero escolher. Eu quero ser capaz de assumir o risco que eu quiser... E não me ataque com a lembrança daquelas mortes como se não me lembrasse de cada detalhe do que aconteceu. Membros da minha família foram mortos também. Eu não posso querer me vingar? Ou disto também só é capaz quem tem um pau?

Ele apoiou as mãos na mesa e se inclinou para ela, — Machos não podem dar à luz.

Ela levantou-se de sua cadeira e encarou-o de frente — É claro que não. Eu gostaria de ver um de vocês tentar passar por esta experiência. Chorariam como uma cadelinha em dez minutos.

O olhar de Peyton baixou para a boca dela por uma fração de segundo, e a distração a surpreendeu.

Em todos aqueles anos de amizade, aquilo era algo que jamais havia acontecido.

E nem havia sido sequer cogitado, na verdade.

— Está bem, — ele disse, de forma sombria. — Vá em frente.

— Como é?

— Junte-se ao programa. — Ele varreu a mão sobre a mesa — Saia de trás desta mesa, inscreva-se e tente passar no teste físico.

— Talvez eu o faça...

Naquele momento, seu pai entrou. — Oh, olá, Peyton. Como vai, filho?

Imediatamente Peyton endireitou-se. — Senhor, estou bem, senhor. Obrigado.

Quando os dois se cumprimentaram, ela teve certeza que seu pai desconhecia as entrelinhas do que se passava no salão, e muito certamente Peyton não. Seus ombros ainda estavam erguidos, como se ainda estivesse discutindo com ela em sua mente.

— ... Gentileza vir e apoiar Paradise, — seu pai sorriu para ela. — Especialmente nesta primeira noite. Devo dizer, que superou minhas expectativas, minha querida. Vai ser uma ótima maneira de manter-se ocupada antes de sua apresentação à *glymera*.

— Obrigada, Pai. — Ela disse, fazendo uma reverência.

— Bem, preciso ir. Peyton, talvez queira fazer-lhe companhia até o amanhecer?

Aqueles afiados olhos azuis se voltaram à ela. — Você não está mais em casa?

— Não precisa se alarmar, — seu pai interrompeu suavemente — Ela está totalmente acompanhada e adequadamente servida. Agora, se me dão licença, devo ir.

Verificar o “visitante”, sem dúvida.

— Os Irmãos saíram em escolta ao Rei para fora da propriedade, — seu pai disse, ao dar a volta na mesa para abraçá-la. — Os *doggens* farão a limpeza por mais uma hora, pelo menos. Me chame se precisar de alguma coisa.

— Chamo.

E então ele se foi.

— Eu não acredito que ele está deixando você aqui. — Peyton disse.

— Não é bem escolha dele.

— O que quer dizer?

— Nada. — Ela passou uma mão pelo cabelo, bagunçando-o. — Você não precisa ficar. De fato, prefiro que não fique.

Ela podia sentir o peso de seu olhar, e quando ele não respondeu, ela o encarou, — O que?

Aqueles olhos dele estavam semicerrados de um jeito que ela jamais vira. — Você nunca foi tão...

— Desagradável?

— Não, — ele murmurou. — Não isso.

— Bem, então o que? — Quando ele não respondeu, ela balançou a cabeça.
— Vá para casa, Peyton. Só vá para casa, e prepare-se para ser o valentão da classe no Centro de Treinamento. É o papel que você nasceu para interpretar.

Com aquilo, ela passou por ele e deixou o salão. Ela não se importava com o que ele iria fazer, se ia sair... Ou se ficaria em pé lá ao lado de sua mesa até os *doggens* varrerem-no para fora, junto com a poeira do chão.

Ela estava farta.

Daquela noite. E dos machos, em geral.

Capítulo QUARENTA E UM

— Não. Aqui. Coloque-o junto à lareira...

Xcor soltou-se do apoio sobre seus braços. — Eu não sou um inválido.

Conforme ele mancava através da sala da cabana que tinha comprado para Layla, ele guardava para si o fato de que estava gelado até os ossos e tinha, na verdade, apreciado o calor das chamas que ferviam em torno dos troncos na lareira.

— Sua perna está quebrada, — disse Zypher.

Enquanto ele se acomodou em cima do sofá, uma náusea afiada ameaçou esvaziar seu estômago, mas ele enterrou essa resposta, bem como, engoliu a bile.

— Deve curar.

— Há mantimentos aqui.

Ele não sabe quem disse isso. Não se importava. — Onde está o licor?

— Aqui.

Quando uma garrafa de só Deus-sabe-o-que apareceu diante dele, ele pegou o que foi oferecido, abrindo a tampa, e trouxe a boca aberta para os lábios. Era vodka, a mordida branca queimando o fundo de sua garganta e acendendo um segundo conjunto de chamas em suas entranhas.

Tinha sido uma viagem para casa muito, muito longa, com ele desmaterializando quilômetro a quilômetro, porque eles não tinham meios de transporte motorizados à disposição. E agora, tudo o que ele queria era ficar sozinho, e temia, uma vez que todos estavam aqui e se preocupando com ele, que ia tomar mais energia do que ele tinha para fazer seus soldados irem em paz.

— Você estava quase morto, — disse Balthazar de perto da porta.

Ele bebeu mais do espírito. — Você também...

— Alguém está aqui, — disse Syphon pela abertura da janela. — Um carro.

Imediatamente, todas as armas foram tiradas dos coldres e apontadas sobre o vidro, com exceção de sua. Sob o casaco fino, seu braço estava pendurado mole, a articulação provavelmente deslocada.

E ele não estava colocando para baixo a vodka.

— Quem é? — Ele perguntou, pensando que era possivelmente o *doggen* tinha procurado para contratar.

— É uma fêmea, — alguém respirou. — E não da classe serva.

Instantaneamente, Xcor deslucou-se ao redor e mostrou suas presas. Mas, ele não precisa de confirmação visual. Havia apenas uma mulher que sabia sobre este lugar, e que viria em um carro.

— Deixem-nos, — ele ordenou. — Agora.

Quando seu Bando apenas ficou em um semicírculo, paralisado pelo que estava fora da fodida janela, ele lançou rosnado de um leão. — Deixem-nos!

Zypher pigarreou. — Ela é deslumbrante, na verdade, Xcor...

— E ela será a última visão de vocês se não saírem daqui!

Um por um, os soldados, de má vontade, desmaterializaram... De tal forma que, quando sua mulher bateu à porta, ele estava sozinho.

Buscando mais fortificação da garrafa, bebeu duro; então saiu do sofá, se aproximou e abriu os painéis amplos.

No segundo em que Layla olhou para ele, ela exclamou: — Você está ferido!

O choque no rosto dela era tanto que ele olhou para si mesmo e suas roupas manchadas de sangue. — Sim, parece que estou. — Engraçado, agora que estava diante dela, ele não sentia mais dor. — Você não quer entrar e se aquecer perto do fogo.

Como se não houvesse nada de errado. Como se ela não o tivesse ignorado quando deveria tê-lo encontrado à meia-noite, para que pudesse dar a ele sua decisão.

Ele sabia a resposta, no entanto. Sua ausência anterior foi toda a resposta necessária, ela tinha claramente chegado à razão.

Layla entrou, seus olhos indo para cima e para baixo de seu corpo. — Xcor, o que aconteceu?

— Nada. — Ele fechou-os dentro. — Eu pensei que você indicou que não poderia fugir.

— Eu vi o que aconteceu no centro. E eu tinha de...

— Tinha o quê? Vir aqui para ver se eu tinha morrido e, portanto, libertar você de sua obrigação? — Quando ela não respondeu, ele riu e voltou para o sofá. — Perdoe-me, mas preciso sentar.

Ele estava ciente do olhar dela rastreando-o. E, sem dúvida, os ouvidos aguçados dela pegaram o gemido que ele fez o seu melhor para se esconder.

— Você deve ir a um médico.

Xcor riu e tomou outro gole da garrafa. — Você acha que isso merece atenção? A Irmandade da Adaga Negra deve ter um padrão diferente para lesões do que nós. Eu tive muito, muito pior acontecendo em cima de mim no decorrer dos séculos. Isto não tem qualquer consequência, nada que não deverá ser curado após a queda da noite.

— Quando foi a última vez que você se alimentou?

De repente, seu corpo ficou imóvel. — Você está oferecendo?

Quando ela ficou ocupada olhando em toda parte na cabana exceto para ele, ele riu de novo. — Vou levar isso como um não. Além disso, você já ajudou e incentivou o inimigo uma vez, e todos nós sabemos o quão bem isso acabou.

— Por que você está sendo desagradável comigo?

Ele bebeu novamente, engolindo em seco. — Porque eu sou assim. E sou um canalha, lembra? Um bastardo que a forçou a vir à minha presença, noite após noite, enquanto você fica pesada com uma criança de outro macho.

— Você está com dor.

— Na verdade, agora que você está aqui, eu já não estou.

Isso a acalmou por um momento.

E então ele ficou chocado quando ela andou para frente, se aproximando do sofá... Porque, conforme se aproximava, ela empurrou para cima a manga de seu braço direito.

— O que você está fazendo? — Perguntou ele.

— Eu vou dar-lhe a minha veia. — Ela parou diante dele. Perto o suficiente para agarrar. Perto o suficiente para que, se ele quisesse, poderia puxá-la para seu colo.

Encontrando seus seios com as mãos, a boca. — Você está pior do que pensa.

— Oh, sim, — disse ele asperamente. — Você está certa. Mas, não se trata de meus ferimentos.

Ela colocou seu pulso para ele. — Você foi atingido por um veículo da Irmandade, não foi?

— Então você acha que me deve isso? Mudança interessante na afiliação.

— Você não nega, então.

— Eu não consigo entender onde você está indo com isso, fêmea. Você não estava confortável em ser uma traidora antes. O que mudou?

— Você não os atacou hoje à noite, não é? Você teve a chance quando a luta aconteceu, de ir atrás dos membros da Irmandade, mas vez de ordenar os seus soldados que atacassem Manny e Rhage, ou os outros Irmãos que estavam lá, você deixou o teatro sem ferir qualquer um deles.

Sim, ele pensou. Ele tinha imaginado que a RV seria dos Irmãos.

Ele tinha pegado aquele cheiro se desmaterializando fora daquilo e nenhum outro grupo de vampiros poderia permitir tal luxo.

Xcor rachou um riso duro. — Você não ouviu sobre autopreservação? Se fui ferido tão mal como você acha, eu saí para me salvar.

— Besteira. Eu conheço sua reputação. Você teve uma oportunidade essa noite e não a pegou. De fato, você teve a chance de atacar o nosso complexo por quase um ano e não fez nada.

— Devo lembrá-la da natureza do nosso arranjo aqui? — Ele perguntou em um tom aborrecido. — Você aparece, sacia meus olhos, e eu não mato todos eles.

— Uma promessa dada à uma fêmea que nunca iria pará-lo. Você é filho de Bloodletter.

Oh, mas uma promessa para você, ele pensou consigo mesmo.

A voz dela tornou-se forte. — Você não está indo atrás deles, está? Não esta noite. Não amanhã à noite. Não daqui a um ano. E não porque estou vindo te ver, caso contrário, você teria matado um ou mais deles nas ruas esta noite. Isso seria fora do âmbito do nosso acordo, não seria?

Quando ele olhou para ela, os olhos dela eram tão astutos que se sentia diminuído em estatura, e não porque estava sentado e ela estava em pé sobre ele.

— Por alguma razão, eles não são mais um alvo para você, certo? — disse ela. — Certo?

Conforme Layla ficava acima de Xcor, ela falava em voz alta tudo o que tinha percebido e formulado em sua cabeça durante o trajeto entre o Complexo da Irmandade e a cabana.

Era como se ela estivesse andando em uma ladeira íngreme e de repente tivesse chegado à uma clareira no mato que lhe mostrava uma vista da qual ela tinha sido uma parte, e ainda desconhecia.

— Responda! — Ela exigiu.

Ele arqueou uma sobrancelha. — Você disse que sou um homem sem honra, que a promessa de uma fêmea não iria restringir minhas ações. Por que você quer que eu lhe dê qualquer resposta quando não sou confiável.

— O que mudou? Eu sei que não tem nada a ver comigo, mas algo mudou.

— Desde que é tão boa em preencher as minhas respostas, acredito que devo apenas sentar e permitir que você mantenha ambos os lados desta conversa.

Como ele continuou olhando para ela, com o rosto tão calmo e composto como uma máscara, ela sabia que ele não ia dar mais nada a ela. E, talvez ele estivesse certo: Ela não podia confiar no que ele dizia.

Ela, no entanto, depositou fé em suas ações.

— Toma de mim, — disse ela, estendendo-lhe o pulso. — E cure.

— Você é uma fêmea perversa. E sobre sua criança?

— As fêmeas podem alimentar com segurança um macho, desde que não tome excessivamente.

Ela tinha alimentado Quinn e Blay até cerca de um mês atrás, quando tinham mudado para Selenia, o que fora um excesso de abundância de cautela. E, de qualquer maneira, ela mesma tinha tomado uma veia umas meras 12 horas atrás, então estava muito mais forte.

E ele não estava.

— Você não está se alimentado corretamente desde que tomou minha veia, aceite-a.

Os olhos dele afastaram para o fogo. — Claro que tenho.

— Você está mentindo.

— Por favor, faça uso desse seu carro e volte para a Irmandade.

— Não.

Os olhos dele se estreitaram com um clarão quando olhou para ela. — Você está tentando minha paciência.

— Porque estou certa sobre tudo isso...

Só assim, ele estava em seus pés, e mesmo mancando, ainda conseguiu pressionar-se contra ela, obrigando-a a recuar um passo ou cair fora de seus saltos. E outro.

E outro.

Até que ela estava contra a parede.

E mantida lá pelo corpo dele.

— Você pode querer repensar a sua conclusão, Escolhida.

Layla encontrou dificuldades para respirar, mas, não porque ele colocou qualquer pressão direta sobre o peito dela. — Eu sei outra coisa.

— E o que poderia ser.

Ela se lembrou de ouvir por acaso o que Blay e Qhuinn tinham dito sobre a noite anterior, sobre como Rhage, V, e os gêmeos tinham saído para onde o Bando dos Bastardos tinham ficado.

— Eu sei que você teve mais uma oportunidade para matá-los. Sei que eles foram para a casa que você estava vivendo, e você não deixou nada para trás que poderia prejudicá-los. Você poderia ter um ou outro soldado emboscando-os lá, ou criar algum tipo de ofensiva, e não o fez.

Com isso, ele se separou dela.

Foi doloroso vê-lo mancar ao redor, ver suas ensanguentadas roupas rasgadas, testemunhar a sua exaustão.

Severamente, ela disse: — Então, não estou exatamente alimentando mais o inimigo, estou?

Eventualmente, ele parou diante da lareira. Colocando uma mão sobre o quadril, olhou para as chamas e pareceu curiosamente derrotado.

— Basta ir, — disse ele.

— Por que você escolheria esconder o que, para mim, é uma boa notícia? — A ideia de que ele não poderia estar tentando matar a Irmandade ou Wrath já seria um tremendo alívio. — Por quê?

— Se não tivéssemos o nosso acordo, você não teria a obrigação de vir me ver.

Layla sentiu um calor estranho sobre ela, e estava vagamente consciente de que eles estavam, uma vez mais, se aproximando de algum tipo de divisão. Todas as noites, até agora, tinha sido uma dança definida pelo papel do manipulador e da vítima.

E tinha havido uma perversa segurança para ela na posição em que estava.

Isso significava que ela poderia se esconder por trás de fazer um dever para a Irmandade.

Isso significava que ela poderia fingir que era forçada a isso.

A verdade... Era muito mais complicada do que isso.

Uma imagem dela da noite anterior, em pé onde estava agora diante da lareira, a fez querer tirar o casaco; se tinha estado quente antes, agora ela estava em chamas.

Xcor olhou por cima do ombro. Conforme a luz bruxuleante irradiava sobre suas características, sua deformidade facial parecia ainda mais proeminente. E ainda que pudesse parecer feio para alguns... Não parecia para ela.

Ela tentou imaginá-lo sem suas roupas.

— Então, — ele provocou. — Será que você ainda viria aqui? E não se preocupe em ferir meus sentimentos. A própria mulher que me fez nascer não me queria. Estou bem familiarizado com desrespeito feminino.

Depois de mais silêncio, ele cortou seu braço através do ar. — Eu acredito que é a sua resposta, então...

— Eu o faria, — disse ela com força. — Gostaria de vir para ver você.

Ela encontrou-se colocando as mãos na barriga inchada, e desejando que pudesse poupar dessa realidade seus filhos não nascidos.

Os olhos dele queimaram em estado de choque. Então se estreitaram. — Por quê?

A voz dele era estridente, uma demanda que a desafiou a falar alguma outra verdade.

— Não sei por quê! — Ela encolheu os ombros. — Mas, raciocínio não muda o fato, não é?

Houve outro longo silêncio.

Quando Xcor falou em seguida, era tão baixinho que ela não tinha certeza do que ele disse. Mas soou como, “Eu não estava procurando ser transformado”.

Ela não se preocupou em pedir-lhe para repetir o que quer que fosse. Sem dúvida, se ele tinha a intenção que ela ouvisse as palavras, teria dito mais alto.

— Tome minha veia.

Ao emitir a ordem, ela sabia que não havia como voltar atrás. Tendo cruzado este limite sem fingimento e onde tudo era uma questão de escolha, ela estava muito consciente de que o destino dela estava mudando. Mas, pelo menos, não foi por alguma decisão aleatória e irrelevante como ir para a esquerda ou direita.

Isto era consciente. Tão consciente que era como se este quarto aconchegante nesta pitoresca casinha tivesse sido preenchido com cores e infundido com aromas mais vivos do que seu nariz poderia inalar. A audição dela,

também, estava tão aguçada a um ponto de dor, cada crepitar do fogo ou respiração de sua boca ou seu ressoar ecoando em algum grande desfiladeiro.

Desta vez, quando ele veio para ela, não era rápido e não era com agressão.

Seus olhos estavam sobre ela, mas, estavam desconfiados, como se o predador estava agora com medo de sua presa.

Pisando ao lado dela, Xcor ofereceu seu antebraço. Quando ela apenas olhou, ele disse: — Eu os vi uma vez fazer isso. Um gesto cavalheiro para uma fêmea de valor?

— Sim, — ela disse asperamente. — Isso é feito desta forma.

Depois que ela escorregou seu próprio braço no dele, ele a levou até o sofá e se sentou com ela nas almofadas desgastadas. Então ele se virou e saiu da sala.

— Onde você está indo? — Ela gritou.

Capítulo QUARENTA E DOIS

— Você tem as mais belas mãos.

Trez estava em sua cama com Selenia ao lado dele, ambos estavam nus e totalmente expostos. O sexo tinha sido tão pesado, as cobertas estavam no chão, sua pele quente só agora começara a esfriar com as correntes de ar sutis do quarto escuro.

— Você mencionou isso antes, — disse ela com um sorriso.

Ele fez um *mmmm-hmmmm* na parte traseira da garganta. — Eu gosto delas em mim. Eu gosto de olhar para elas. Eu gosto da sensação delas.

Alisando a palma da mão sobre a dela, sentiu o contato por todo o corpo. Tão calmo, pensou. Isto era tão tranquilo.

— Eu gosto de ver as estrelas, — disse ela, depois de um tempo. — Através da janela ali.

— Sim.

Como era apenas antes das cinco horas da manhã, as persianas estavam prestes a descer para o dia. Com o Outono comandando o tempo, não só a luz do sol, como o amanhecer estava chegando mais tarde nos dias de hoje.

— Você sabe, eu nunca tive isso antes, — ele se ouviu dizer.

Ela se virou de lado, apoiando a cabeça em cima da mão que ele estava segurando. E, como ela sabia que ele sentiria falta do contato, deu-lhe a outro para brincar.

— Isso o quê? — Ela perguntou.

— Esse tipo de calma.

Durante todos esses anos de orgasmos vazios, desejava que tivesse sabido que tão profunda comunhão estava esperando por ele. Isso teria feito aquela excessiva ingestão de alimentação não nutritiva, totalmente desnecessária.

— Você quer um pouco de música ou algo assim? — Ele perguntou abruptamente, no caso de ele ser o único a desfrutar da calma.

— Não, isso é... Perfeito.

Com isso, ele teve de virar ao redor e beijá-la na boca. Em seguida, se ajeitou contra os travesseiros, retomando esse novo tipo de trabalho de mão... Onde ele

traçava cada um de seus dedos com os dele, esticando-os e puxando-os para fora, antes de brincar com as pontas, fortes e contundentes.

— Eu amo as estrelas, — disse ela, como se estivesse falando para si mesma.

— Eu tenho uma ideia sobre essa noite.

— Tem?

Ele jogou para fora um outro *mmmmm-hmmmm*. — É uma surpresa. Vamos precisar adiar o nosso passeio de barco, apesar de tudo.

E ele provavelmente, iria querer um valium. Mas ela ia adorar.

— Trez?

— Sim?

— Eu quero que você faça algo para mim.

Ele sorriu na escuridão. — Será que isso envolve a minha língua, por acaso? Basta citar a parte do corpo, minha rainha.

— Não.

A mudança na voz dele o deteve. E por uma fração de segundo ele queria dizer, *Por favor, não. Podemos falar sobre isso mais tarde. Vamos deixar as horas do dia para a fantasia de sempre.*

Mas, como sempre, ele não poderia negar-lhe qualquer coisa. — O que é?

Selena demorou um pouco para responder, o que provavelmente significava que ela estava escolhendo as palavras com cuidado.

Ele tentou manter a calma. — Leve o seu tempo.

— As minhas irmãs. — Ela hesitou. — Aquelas que já faleceram... Elas foram colocadas em um cemitério. Você sabe, exatamente onde você me achou.

Aquela cerca viva, pensou. A única pela qual ele tinha olhado através para ver aquelas estátuas de mármore... Agora, que ele temia não eram feitas de mármore.

— Sim, eu me lembro.

— Não deixe que me levem lá para cima. — Ela levou a mão dela para longe da dele e sentou-se. Quando olhou para ele, seu cabelo preto longo, bonito estava derramado sobre seus ombros, cobrindo um de seus seios, tocando a pele das coxas. — Eles vão querer. Deveria escolher uma posição... Você sabe, quando chegar a hora, podem me colocar em qualquer posição que deseje. Em seguida, passam gesso sobre o cabelo, rosto e corpo. É um ritual. É por isso que são todas diferentes lá em cima, em diferentes poses, quero dizer.

Trez esfregou o rosto. O que não fez nada para aliviar a dor cortando o seu peito. — Selenia, não vamos falar sobre isso...

Ela agarrou seu braço. Forte. — Prometa-me. Eu não vou ser capaz de defender a mim mesma quando essa hora chegar. Preciso que você faça isso por mim.

Mais uma vez, ele não poderia negar-lhe qualquer coisa, e como um macho vinculado, isso não só parecia certo, mas saudável. Exceto que este pedido? Isso o quebrou ao meio, quando assentiu.

— Tudo bem. — Ele limpou a garganta. — Ok, vou ter certeza disso.

Ao mesmo tempo, o corpo dela relaxou e ela soltou um suspiro. Então, quando voltou a deitar ao lado dele, ela balançou a cabeça. — Eu sei que isto é contra tudo o que me foi ensinado e todas as tradições do meu serviço... Mas uma parte minha está paranóica que elas estão presas lá dentro.

— Eu sinto muito... O quê? Quer dizer, as suas irmãs?

Ela assentiu com a cabeça. — Como sabemos de fato que o *fade* é real? E se tudo o que disseram que é verdade não é? Tal como acontece com todos os outros no Santuário, sempre tentei evitar o cemitério. Eu odeio o silêncio e a quietude interior, e, Deus, aquelas pobres mulheres, algumas as quais eu conhecia, compartilhávamos refeições e trabalhávamos juntas à serviço da Virgem Escriba. — Ela amaldiçoou baixinho. — Elas estão presas naquele cemitério, não apenas congeladas em seus corpos, mas esquecidas pelo resto de nós porque não podemos ficar como nos sentimos quando estamos com elas. E se elas podem nos ver? E se elas podem nos ouvir? E se o tempo apenas estende-se até para sempre com elas presas... — Selenia estremeceu. — Eu não quero isso. Quando eu ir, quero ser livre.

Seus olhos voltaram para a janela, para as estrelas cintilantes tão acima.

— Cada espécie tem uma versão de uma vida após a morte, — disse ele. — Os seres humanos têm Céu. Vampiros, *Fade*. Para Sombras, é o Eterno. Não podemos estar todos errados, e cada um é uma versão do mesmo. É o que parece fazer sentido, que há algo depois de tudo isso.

— Mas não há nenhuma garantia e você não vai saber até que seja tarde demais. — Ela pareceu recuar em si mesma. — Você sabe, quando estou aprisionada, posso ouvir coisas... Quando estou no lugar onde meu corpo está apenas... Fora do meu controle, posso ouvir e cheirar, posso ver. Minha

consciência está comigo, eu estou lá, mas não posso fazer nada. Como eu já disse antes, não há maior pânico do que o que se sente quando seu cérebro está funcionando e nada mais está.

Não se desespere, ele disse a si mesmo. *Não se atreva a se desesperar.*

Você junta a sua merda e esteja lá para ela. Aqui e agora.

Como ela ficou em silêncio, ele se colocou naquele lugar que ela havia descrito, a par de tudo, mas incapaz de responder ou falar ou reagir.

Alcançando mais, ele acariciou seu longo cabelo para trás. E então, estava beijando-a, suavemente, lentamente. Um momento depois, ele rolou em cima dela e encontrou seu sexo com o dele. À medida que a penetração aconteceu, conforme tinha aquele familiar, e ainda surpreendente, aperto dela nele, ele deu-lhe sua promessa através do ato físico.

Às vezes, o mal contra o qual você luta não é nada no qual possa bater, atirar ou desmembrar. Algumas vezes não é possível nem mesmo machucá-lo.

E isso era realmente muito terrível.

Conforme seus quadris balançavam, ela colocou os braços ao redor dele, que manteve o ritmo doce e cuidadoso para que pudesse beijá-la o tempo todo.

No meio, ele sentiu o cheiro de água da chuva nas lágrimas.

Ambos estavam chorando.

No piso abaixo, no ginásio do Centro de Treinamento, Rhage estava correndo como se estivesse sendo perseguido por sua própria besta.

A esteira não estava sentindo isso. Ele tinha certeza de que o grito vindo do cinto, que era alto o suficiente para que pudesse ouvir sobre a música que estava explodindo em seus ouvidos como se a merda fosse heroína, significava a máquina estava indo quebrar a qualquer momento. Mas, ele não queria dar um passo largo o suficiente para mover-se para a próxima ao lado da porta.

Quando a coisa começou a cheirar como um *lesser*, no entanto, ele sabia que a decisão tinha sido tomada por ele. Saltando para os trilhos laterais, ele puxou o cartão vermelho *Parar* e a desaceleração foi instantânea. Ou isso, ou esperar pela parada programada de sua saída da máquina.

Recuperando o fôlego, ele enxugou o rosto com uma das toalhas brancas ásperas. As coisas eram praticamente uma lixa, mas todos eles preferiam desta forma. Fritz tinha tentado, ao longo do tempo, mudar as antigas para algo mais suave, mas ele e seus irmãos sempre protestaram. Estas eram toalhas de ginásio. Eles deviam ser finas e ásperas, o equivalente atalhado de coiotes.

Quando você está suando como um porco e não consegue sentir as solas dos seus pés de esforço, você não quer dar palmadinhas para no suor com um Spitz Alemão¹¹.

Ele tinha realmente corrido trinta e oito quilômetros?

Merda, quanto tempo tinha estado aqui em baixo?

Estalando fora de seus Beats, ele percebeu que não só tinha seus pés dormentes, mas seus músculos da virilha estavam em chamas, e o ombro que tinha ferido umas boas cinco noites atrás estava dobrado solto.

Ele acabou estacionando em um dos bancos de madeira que desciam do outro lado da sala. Quando sua respiração gradualmente voltou para ele, sentiu como se estivesse cercado por seus irmãos, embora estivesse sozinho. Fosse a impressão no banco que ainda estava marcado pela carga de duzentos e oitenta quilos que Butch tinha colocá-lo lá ontem, ou o haltere em que Z vinha treinando, ou a barra de queixo em que Tohr tinha levantado, ele podia imaginar cada um dos lutadores com ele, ouvir suas vozes, vê-los passar, sentir seus olhos sobre ele enquanto conversavam.

E tudo isso deveria tê-lo feito se sentir mais conectado, em vez de menos.

Mas, a realidade era que se mesmo no espaço de quarenta por sessenta estivesse espremido, apertado com todos esses grandes corpos, ele ainda teria se sentido isolado.

Passando a toalha sobre o rosto novamente, ele fechou os olhos e foi transportado para um lugar diferente, um tempo diferente... Para uma memória que sabia agora era o que estava tentando colocar para atrás, desde que ela tinha ameaçado a ressurgir...

A casa branca de fazenda de Bella. Aquela varanda dela era tão estilo Nova Inglaterra, tão aconchegante que faria você ou vomitar... Ou se sentar e comer uma torta de maçã. Ele saiu por aquela porta da frente, a cabeça pendurada como

¹¹ Raça de cachorro, popularmente conhecido como Lulu da Pomerânia.

se tivesse sido decapitado e apenas a cartilagem do pescoço estivesse mantendo sua bola de basquete no lugar.

No andar de cima, naquele quarto, sua amada Mary tinha apenas lhe dito para das o fora.

Embora, é claro, não tinha sido tão bruta.

A vida dele tinha terminado quando ele saiu daquela casa. Mesmo que tenha estado ostensivamente vivo, ele tinha sido um macho morto caminhando...

... Até que de repente ela explodiu fora dessa porta em seus pés descalços.

Eu não estou bem, Rhage. Eu não estou bem...

— Por que você está pensando assim, amigo. — Ele esfregou a toalha áspera com força sobre seu rosto mais uma vez. — Basta soltar essa merda... Vamos lá, pense em outra coisa...

Exceto que seu cérebro não queria ser redirecionado. E a próxima memória foi ainda pior.

Um quarto de hospital, mas não aqui no Complexo, ou mesmo na clínica de Havers. Um quarto de hospital humano, e sua Mary estava na cama.

Merda, ele ainda se lembrava da cor da sua pele. Errada, toda errada. Não apenas pálida, mas começando a ficar cinza.

Para salvá-la, ele tinha feito a única coisa que pôde pensar, a única jogada Ave Maria que tinha: Procurou a Virgem Escriba. Tinha deixado aquele hospital humano e ido para casa, para o seu quarto, e abaixou-se em diamantes lapidados até que os joelhos estivessem machados de vermelho com sangue.

Ele tinha orado por um milagre.

Com uma maldição, ele se esticou no banco, inclinando o tronco para trás na madeira implacável, mantendo ambos os pés no chão em ambos os lados.

Sua Mary não estava voltando para casa hoje. Ela estava hospedada no Lugar Seguro.

A mãe daquela criança tinha sido levada de volta para Havers. Depois de entrar em coma.

A equipe decidiu manter a jovem na casa durante o dia, e Mary queria ficar com a garota.

Deus, ele lembrou da angústia da luz do dia, quando Mary tinha estado doente no hospital. Não fora seguro para ele estar com ela durante as horas de

sol, e tinha estado aterrorizado de que ela iria morrer quando ele não pudesse chegar até ela.

Talvez eles pudessem conduzir essa criança para ver sua *mahmen* se a merda chegasse a isto. Como uma pretrans, ela poderia sair até ao meio-dia.

Olhando para o teto, ele pensou em Trez e Selena. No encontro deles. Na sua fuga do centro da cidade. Na diversão que eles tiveram em evadir a polícia humana.

Isso valia tanto a pena lutar. Tudo.

Sua Mary não estava voltando para casa hoje, e ele não sabia como estaria passando pelas próximas doze horas até que a veria pessoalmente de novo. E, mesmo sabendo que poderia chamar ou enviar uma mensagem, ou vê-la pelo Skype a qualquer momento durante o tempo que ele quisesse.

Aquela menina estava provavelmente perdendo sua *mahmen*.

Trez estava, provavelmente perdendo Selena.

Rhage tinha certeza que todos eles estavam orando por um milagre assim como ele. E talvez fosse com isso que ele estivesse tendo problemas.

Por que ele tinha tido sorte? Tohr não tinha. Bem, sim, o irmão tinha encontrado Autumn, o que foi uma bênção sem medida. Mas, tanto quanto ele amava aquela fêmea, perder Wellsie quase o tinha matado.

Ele simplesmente não entendia. A menos que a Virgem Escriba entrasse em cena novamente, ou alguém encontrasse uma cura...

Por que ele e Mary foram poupados?

Quando o seu cérebro começou a dar um nó sobre aquilo, ele teve de diminuir os pensamentos. Ele não queria ficar louco aqui sozinho.

Sim, ele pensou ironicamente. Porque ele era muito melhor em compartilhar isso com seus entes queridos.

Tempos assustadores. Tempos assustadores.

Se a morte acontece em três... Ele pensou entorpecido. Quem iria ser o terceiro?

Capítulo QUARENTA E TRÊS

Conforme Xcor se afastou do cômodo principal da cabana, Layla estava preparada para segui-lo do lado de fora e fazê-lo se alimentar sobre o gramado se fosse necessário. Mas, assim que estava prestes a se levantar do sofá, ela ouviu o som de... Chuveiro.

Continuando através do impulso vertical, ela atravessou e ao virar a esquina para ficar na frente da porta fechada do banheiro.

— ... Porra... — Ele murmurou no lado mais distante.

— Xcor?

— Deixe-me. Voltarei em um momento.

Com outra maldição lançada para fora através das aberturas em torno do batente da porta, ela pegou o trinco, e abriu a coisa.

Xcor estava em pé diante da pia, a camisa pela metade e meio fora, o tronco torcido em um ângulo errado quando ele tentou puxar a camisa sobre sua cabeça sem prejudicar o ferimento de bala em seu lado.

— O que você está fazendo? — Perguntou ele. Através das dobras de tecido preto.

Por um momento, tudo o que ela pôde fazer foi olhar para o abdômen com nervuras, os músculos estriados através da barriga e o corte tão profundo que fazia sombra. Mas então, havia o quadril dele, oco e que se projetava para fora de debaixo de sua pele, sua calça de combate pendurada tão baixas que a única coisa que a estava mantendo no lugar era os grandes músculos das coxas.

Ele era incrivelmente poderoso. Mas também muito magro.

Balançando-se em foco, ela disse: — Eu vou ajudá-lo a tirar isso.

— Eu posso lidar com isso, só... — Quando virou novamente, ele soltou um gemido de dor.

Ignorando-o, ela fechou a porta para que o pouco calor que estava saindo do chuveiro ficasse no banheiro. — Pare. Você só vai se machucar.

— Eu estou bem, — ele retrucou.

No instante em que ela colocou a mão em seu braço, ele estava silencioso.

— Deixe-me ajudá-lo, — ela sussurrou.

A boa notícia foi que ele tinha conseguido tirar a maior parte da camisa sobre a cabeça. Portanto, não havia nenhuma maneira que ele veria suas mãos tremerem enquanto ela pegou e gentilmente puxou para cima, avançando pelos braços, revelando aos olhos dos fãs de músculo o que corria pelo lado de seu torso e, em seguida, as protuberâncias maciças de seus peitorais.

A respiração ofegante dele, dentro e fora, o peito subindo e descendo em uma batida que ficava mais rápida conforme ela levantava a camisa sobre seus braços.

Pesados braços. Braços grossos que se estreitavam nos cotovelo e, em seguida, nos pulsos, mas eram abundantes em todas as outras partes.

Quando aquilo que o cobria se soltou, tudo o que ela podia pensar era que ele era um assassino. Um assassino sério cujo corpo refletia o trabalho que fazia.

— Espere por mim lá fora. — Ele se recusou a encontrar os olhos dela. — Não vou tomar de você quando estou imundo.

— Isso aí é um corte ruim.

Quando ela tocou a pele quente e pálida sob a irritada listra vermelha na lateral do corpo dele, ele se encolheu. Mas a voz dele manteve-se forte. — Deve estar curado ao cair da noite.

— Só se você se alimentar.

O grunhido que ela teve em resposta era um dispensa se ela já tinha ouvido um. E ele seguiu-o com: — Se você não sair, vai ver muito mais do que o meu peito.

— Você está pior ferido em sua perna. — Ela olhou para a mancha de sangue cada vez maior sobre a calça.

A mãos dele foram para o zíper da braguilha. — Então?

Como se ele estivesse lhe dando uma última chance.

— Então? — Ela encolheu os ombros. — Você honestamente acha que vou te deixar ficar sob a água quente sem ajuda? Você está branco como um lençol. Sua pressão arterial está obviamente baixa. Você está sujeito a desmaiar.

— Oh, pelo amor de...

Agora ele olhou para ela. E, com eficiência rápida, ele liberou o aperto na cintura. A parte superior das calças caíram. A parte inferior ficou presa no lugar sobre aquelas coxas.

Mas algo foi revelado.

E estava... Ereto.

Xcor levantou uma sobrancelha. — Você pode parar de encarar. Acho difícil acreditar que você está apreciando a vista.

Ela tentou desviar o olhar. Ela tentou. Mas seus olhos tinham uma mente própria.

— Você é tão grande, — ela respirou.

Ele recuou. Como se isso fosse a última coisa no mundo que esperava que ela dissesse. E quando ele falou em seguida, sua voz tinha mudado.

Agora, ele implorava. — Layla... Escolhida Layla... Você precisa sair.

Conforme Xcor ficou completamente nu na frente da mulher, ele não conseguia se mover. E não apenas porque sua calça de combate havia se firmado acima dos joelhos e o transformou em um manco.

Os olhos verdes de Layla estavam incrivelmente grandes enquanto se concentraram no sexo e se fixaram lá.

Poderia esta noite ir mais longe fora dos trilhos, ele se perguntou.

Espera, possivelmente ele não deveria oferecer esse tipo de abertura para Fates.

Enquanto isso, seu pênis estava amando a atenção. A maldita coisa chutou como sugerindo que ela deveria agitar e fazer amigos.

Ele cobriu o rígido comprimento com ambas as mãos, esticando-o e deitando sobre seu abdômen inferior. — Layla.

Em vez de fazer a coisa razoável e se afastar dele com horror e nojo, ela inclinou-se e agarrou o cóis da calça de combate. Antes que ele pudesse jogá-la fora, sua calça caiu de suas coxas e se reuniu em torno de seus tornozelos.

— Venha, vamos para o chuveiro.

Ela não deu a ele uma chance de protestar. Um segundo depois, seu corpo golpeado e ferido estava sob a água quente caindo, ossos doloridos e cicatrizes curando, ambos gritaram e suspiraram com o impacto. Com um chocalho da cortina, ela deu-lhe a privacidade que ele queria, exceto pelo *som* metálico sobre o vaso sanitário que sugeriu que ela não tinha partido, mas sim fechado a tampa e se sentado.

Não havia nenhuma razão para não seguir com o sabão e o xampu, e tentou ser rápido sobre isso. Infelizmente, a bala que tinha passado de raspão por seu

pulmão estava ardendo como se houvesse ácido da bateria sobre a sua carne. E o sabonete não ajudou no fato.

A outra razão para ser rápido era que ele estava ciente tanto de sua nudez quanto de sua excitação. Quanto mais eficiente ele fosse, mais cedo poderia se vestir.

Nenhuma roupa, no entanto. Ele não tinha roupas limpas.

Fechando os olhos na derrota, ele lavou a espuma do cabelo, inclinando a cabeça para trás. O que foi um erro. Arremetidas da água atingiram seu pênis, e maldição se não parecia com mãos, as mão dela.

Ou talvez a boca dela...

A liberação não foi inesperada. Foi, no entanto, indesejável. Conforme sua ereção vibrou e seu orgasmo rolou através dele, ele cerrou os dentes...

— Você não tem de esconder isso, — ela disse em uma voz rouca. — Eu posso ver a sua sombra.

— Então, desvie o olhar, — ele gemeu quando seu quadril rolou com as ejaculações.

— Eu não consigo.

Cedendo contra o azulejo, ele sabia que tinha perdido qualquer vantagem que acreditava ter na situação. Aquela fêmea tinha adivinhado a terrível verdade sobre ele. Ela sabia que seus objetivos tinham mudado. E ela parecia disposta a manter o que quer que fosse esta relação, em condições que dariam a ambos alguma honra e dignidade.

Mas pelo menos ela não sabia que tudo estava baseado nela.

Que sua vida... Patética como era... Estava baseada nela agora.

Se isso viesse à tona, seria a ruína dele.

Xcor girou a torneira com uma manivela, determinado a pôr fim a tudo isso e mandá-la embora, só para que pudesse devolver suas defesas corretamente no lugar. Bem quando ele estava indo rasgar a cortina e colocá-la em torno de si, o peso pesado de uma toalha foi jogada sobre o cabo da cortina.

— Para sua modéstia, — disse ela.

Ela estava rindo dele?

Sem se importar em secar-se, ele cobriu sua parte inferior do corpo e empurrou a cortina para trás. Ela estava de fato no banheiro, a lã que usava camuflava sua forma alterada pela gravidez.

Sem uma palavra, ela puxou a manga de volta e colocou seu braço para fora.
Havia um desafio em seus olhos.

— Tudo bem, — ele retrucou, irritado consigo mesmo. Com ela. Com este novo território em que tinham entrado.

Abaixando-se de joelhos, porque ela estava certa, ele estava terrivelmente tonto, colocou suas presas na carne dela.

Faminto. Ele estava faminto por ela.

E, ainda assim, a atingiu tão gentilmente quanto possível.

No primeiro gosto, ele gemeu, balançando seu corpo, seu peso batendo no armário sob a pia. O sangue dela era um vinho escuro que o deixou sedento ao invés de saciar a garganta seca, e entre suas pernas, seu pênis chutou novamente e novamente.

Ele estava tendo um orgasmo na toalha, o prazer correndo em suas veias, seus ossos, sua carne...

Minha.

A partir das profundezas dele, o desejo de levá-la aumentou de forma tão violenta, que ele começou a agir sobre isso, seu corpo a ponto de saltar para cima e arrastá-la para o chão para que pudesse montá-la.

Grávida ou não, ele estava indo ter o seu sexo e deixar a sua marca dentro dela.

Rompendo o contato, afastou-se dela, apoiando os pés contra esse armário, a porcelana fria da banheira atrás dele mordendo seus ombros enquanto ele ficou rígido em uma tentativa de controlar a si mesmo.

— O que está errado...

— Vá! — Ele gritou.

Dentro dele, sua besta sexual estava rondando e pronta para tê-la, e juntamente com a sua sede de sangue, ele sabia que não conseguiria controlar o par de instintos juntos.

Ele estava susceptível a mastigar o pulso dela ao mesmo tempo em que a fodia asperamente.

— Xcor, você não tomou muito...

Rangendo os dentes, ele fechou os olhos e se rosnou. — Dá o fora daqui! Se você quiser que a sua criança viva... Saia! Vou te atacar! Vá!

Isso chamou a atenção dela.

Como, sem dúvida, o fato de que ele ainda estava tendo um orgasmo sobre si mesmo, a toalha agora perdida, os jatos chutando para fora e marcando suas próprias coxas e barriga enquanto seus músculos da perna tremiam com a força que ele estava exercendo, para certificar-se de que não iria saltar sobre ela.

— Vá!

Uma fração de segundo depois, ela estava fora do banheiro; um momento depois disso estava fora da casa. E ela estava com tanta pressa, que deixou as duas portas abertas, então ele viu os faróis do carro dela acender e os observou circular o gramado desalinhado na frente antes de listar para baixo da estrada.

Não foi até quando ele não podia nem ver suas lanternas traseiras vermelhas nem ouvir o estalar de seus pneus que ele aliviou-se um pouco sobre o suporte.

Segurando seu pênis, ele começou a acariciar seu membro enquanto imaginava os olhos dela nele, e ouvia de novo o tom estranho que tinha usado quando ela tinha pronunciado que ele era muito grande.

Ele não tinha interesse em se masturbar.

Mas, o que ele realmente não queria era que o seu lado racional o abandonasse completamente, de tal forma que fosse atrás dela durante a noite, parando-a em algum lugar inseguro apenas para que pudesse fazer o que não queria fazer com ela.

Não, desta forma ele iria ficar onde estava.

Oh, Deus... O jeito que ela tinha lhe olhado, ele pensou enquanto começou a gozar novamente.

Capítulo QUARENTA E QUATRO

— Ele me disse que precisava de uma parka.

Na noite seguinte, quando a escuridão caiu sobre o Complexo e as persianas se levantaram, Selena olhou para trás e para frente entre as duas capas que Fritz levou até ela. Uma era vermelha, a outra negra; ambas eram de lã e relativamente largas.

— Oh, sinto muito, senhora. — Virou-se para armário da sala que dava para a garagem. — Que tal um destes?

Desta vez, ele lhe ofereceu uma escolha entre um casaco de cintura larga que parecia ter sido feito de biscoitos e um muito mais largo. Ambos eram negros e tinham pequenas etiquetas que diziam: PATAGONIA.

— É uma noite relativamente leve, — disse Fritz. — Talvez o mais curto dos dois?

— Sim, acho que tem razão.

Deslizando dentro da coisa, foi surpreendida pela luz e depois de puxar o casaco rapidamente para cima, procurou dentro dos bolsos.

— Isto é fantástico.

O mordomo sorriu. — Meu prazer. Luvas?

— Acho que vou manter minhas mãos aqui.

— Como quiser senhora.

Ao sair da cozinha, sentiu-se como se estivesse borbulhando. Trez se negou a dizer-lhe algo sobre onde iriam e o desconhecido era como um vinho embriagante, fazia sua cabeça zumbir e seu corpo flutuar.

Ela vacilou diante da porta para a sala de jantar. Os sons, os cheiros do café da manhã eram óbvios e suaves, as vozes que conhecia bem, os cheiros que faziam seu estômago rugir. E, no entanto, deu a volta e se dirigiu para a outra saída da cozinha, a que se abria de lado para uma grande escada.

Todo o mundo foi amável na noite anterior, todas as mulheres lhe deram atenção e um apoio incrível.

Não queria incomodá-los novamente e realmente não queria uma relação extra.

Sentia-se um pouco cansada e queria guardar todas suas forças para uma nova oportunidade.

Quando entrou no vestibulo, viu Trez e Manny em pé e muito próximos do lado do mosaico de macieira no chão. Conversavam com atenção, cada um mais sério que o outro.

Seu coração parou. O médico estava insistindo que ficasse em casa? Ou iria levá-la para a clínica pela primeira vez?

Olhou para trás e considerou suas opções. Não ficaria sob a terra, ainda que...

— Precisa cuidar dela. — Manny advertiu.

— Eu o farei. Juro pela vida do meu irmão.

Oh...

Manny tirou algo do bolso. Um tipo de chaveiro.

Pendurando-o na frente do rosto de Trez disse. — Ela nunca foi dirigida por ninguém mais.

— Então porque está entregando para mim?

— Por que você tem de ir com estilo. Está levando sua mulher para sair e não pode ser em uma BMW qualquer.

— Você é um esnobe com carros.

Selena franziu o cenho. Carro? Falavam sobre...

Trez deu a volta como se houvesse percebido seu cheiro no ar e no instante em que a viu, começou a sorrir. — Ei, pronta, minha rainha?

Caminhando através do vasto espaço, ela lhe devolveu o sorriso. Deixou o cabelo solto novamente, porque sabia pela forma que a olhava, brincava com ele e o acariciava, que ele preferia assim.

O coque das Escolhidas supunha-se que poderia lhe dar um diabo de uma dor de cabeça depois de algumas horas.

Ficou na ponta dos pés, beijou-o na boca e logo ficou ao lado dele, encaixada perfeitamente sob seu braço. — Estou *tão* pronta.

Manny aplaudiu Trez e logo disse em voz baixa. — Nós acertamos.

— Obrigado, homem.

Logo o médico lhe piscou, caminhou para a cozinha e para todas as pessoas que ali estavam.

— O que significa isto? — Perguntou Selena quando Trez abriu a porta para o vestíbulo. — Isto de acertamos?

— Nada.

Inclinando-se para frente, abriu a segunda porta e o frio da noite entrou fazendo cócegas no nariz dela e colorindo as bochechas.

— Demais? — Perguntou.

— O que?

— Muito frio? Você estremeceu.

— Adoro.

— Bom, quero ir de cima abaixo.

Estacionado justo de frente as escadas de pedra estava um maravilhoso carro preto, com rodas negras e algum tipo coisa na parte da frente.

— Querida Virgem Escriba, o que é isto? — Disse.

— É um Porche 911 turbo.

— Oh meu...

Descendo, ela se aproximou da máquina, tirando a mão do bolso e passando os dedos de lado. Suave, brilhante, frio como o gelo.

— Mas tem um teto, não? — Disse.

— Tem alguns truques.

Ao abrir a porta, ela sentou-se do lado do passageiro. — É o novo bebê de Manny. Ele o conseguiu há algumas semanas e é o mesmo modelo e marca do seu último, mas por dentro é diferente. Isto foi o que disse, em todo caso.

Por dentro cheirava a couro, o perfume do humano e o cheiro de Payne.

Trez sentou-se ao volante e fechou a porta. Quando virou uma chave, um grande grunhido se colocou em marcha, uma vibração sutil passou pelo interior.

— Olhe isto. — Ele apertou outro botão. — Para cima.

Como por magia, tudo o que estava sobre sua cabeça se afastou, retraindo-se em uma serie de dobras no compartimento traseiro.

— Pensei que quisesse ver as estrelas. — Ele sorriu e ligou o aquecedor. — Tem uma tela, então não precisa se preocupar com o vento.

Inclinando-se para trás, viu... O céu de veludo com suas luzes piscando.

Deixando escapar um grito de alegria, lançou os braços ao redor do pescoço dele e o puxou para lhe dar um beijo. — Isto é incrível!

Ele riu. — Não posso acreditar que nunca viu um conversível antes.

— Nunca ando de carro. A menos que esteja com você.

— Bom, coloque o cinto. Esta cadela vai voar.

Quando ele pisou no acelerador, o carro saltou para frente como um cavalo galopando e ela não pôde deixar de olhar o céu noturno e sorrir com tanta força que suas bochechas doeram.

Inclusive com o *mhis*, estava bem rápido, disparando pela montanha até que chegaram a uma estrada na parte inferior. Virou à esquerda.

— Aonde vamos? — Perguntou enquanto ele pisava no acelerador novamente e ela era absorvida pelos contornos de seu assento quando o motor rugiu.

— Já verá. — Olhou. — Quente o suficiente?

— Perfeitamente sim!

Era forte e estimulante, um torvelinho de ar frio ao redor de sua cabeça, com o ar quente a seus pés, o carro rugindo e apoiando-se nas curvas da estrada. Antes de perceber, seu coração estava acelerado e fazia seu estomago se contorcer, sentiu o octano em suas veias.

— Espero que seja uma longa viagem! — Gritou.

— O que?

— Esqueça!

Ela perdeu a conta dos minutos e dos quilômetros, mas pouco a pouco percebeu que a paisagem florestal aumentou, salpicada de casas humanas. Logo, havia lojas, bairros com casas, um parque e muitos edifícios de apartamentos apareceram.

— Onde estamos? — Perguntou enquanto diminuía a velocidade para parar em um semáforo vermelho.

— Fora de Caldie.

— Vamos ao centro novamente?

— Não. — Ele sorriu. — Mas, estamos quase em nosso destino.

Um pequeno carro mais baixo e de cor amarela parou junto a eles e ela sentiu o condutor olhar para cima. Música pulsava dentro do outro carro e o motor estava acelerado.

— Está tendo uma espécie de espasmo. — Perguntou. — Nos pés?

— Não, está acontecendo em outro lugar. — Trez murmurou.

Quando o semáforo ficou verde, o pequeno carro explodiu adiante, seus pneus gritando, um cheiro desagradável de queimado deixando seu rastro.

— O que foi tudo isso? — Perguntou.

— Espere.

Efetivamente, um carro com luzes azuis e brancas saiu de um estacionamento e foi em perseguição. Mas não atrás dela e Trez.

Trez negou com a cabeça. — O pequeno merda deveria saber que nunca deve fazer isto por esta rua. Além disso, está louco em andar com este carro. — Ele se aproximou e lhe tocou. — Está pronta?

— Oh sim. — Olhou ao redor e não viu mais que algumas empresas unidas entre si por um teto comum e um estacionamento. — Chegamos?

— Quase.

Na realidade, era um pouco adiante, além das lojas com a palavra *Outlet* destacada. E logo apareceram algumas casinhas de madeira em uma pequena colina com...

Estacionamentos. Lotes vazios enormes para estacionar como os jardins do Santuário. Exceto do outro lado do carro. — O que é isto?

— Bem vinda à Storytown.

Selena se inclinou adiante. No outro extremo havia um sinal luminoso indicando a entrada, era alto e largo e desafiava a compreensão. Mas o que viria depois disto? Era ainda mais surpreendente. Vastos mecanismos que alcançavam até o céu e se iluminavam como um arco-íris, todas as luzes intermitentes como se fossem brinquedos feitos por gigantes.

Trez girou o carro de Manny por todo o asfalto e rugiu através da superfície, em direção à porta do lado esquerdo no que parecia ser uma zona de faturamento. Quando parou ante uma entrada lateral, tiveram que esperar um momento antes que um homem com uniforme azul marinho soltasse algo e os deixasse passar.

— Ei Senhor Latimer.

Trez estendeu a mão e ofereceu a sua. — Pode me chamar Trez.

— Sou Ted. — Estreitaram a mão e o homem assentiu com a cabeça à Selena. — Iremos cuidar muito bem de vocês esta noite. Por aqui.

— Certo. Obrigado, homem.

— Sem problemas.

Quando ele pisou no acelerador, Selena se viu abrumada por todas as luzes de neon. — O que é este lugar. Isto é... Mágico.

— E é todo nosso. Não há ninguém mais aqui, apenas eu e você.

— Como é isto possível?

— Um dos meus garotos da segurança é irmão do chefe da segurança aqui. Conversaram com os proprietários e eles estão me fazendo um favor.

Quando encontraram um segundo guarda, Trez parou o carro e desligou o motor. — Gostou daquela louca viagem pelo centro ontem à noite, não?

— Oh sim, sim, muito.

Inclinou-se e a beijou. — Espere para ver, minha rainha.

iAm observava de uma torre alta de segurança no centro do parque de atrações quando Trez manobrou o Porche através da porta e parou no segundo ponto de segurança.

— Quer binóculos?

Olhou por cima do ombro para Big Rob. — Não. Estou bem.

O gorila da shAdoWs silvou enquanto colocava novamente o binóculo perto dos olhos. — Você tem olhos impressionantes para ver tão longe.

iAm encolheu os ombros e tomou outro gole de sua caneca térmica. Dentro, o café era forte e quente o suficiente para queimar a língua. Assim como gostava. Ele não estava dormindo, mas, estava em coma esta manhã, quando seu irmão o acordou com esta ideia brilhante por volta das dez horas. O plano era louco, claro. Quem demônios alugava todo um parque por três horas?

Especialmente quando a maldita coisa fechou na temporada anterior? Trez o fez. Bem assim.

E iAm ajudou o garoto a resolver tudo.

Fazer com que tudo isso acontecesse para Selena levou uma quantidade incrível de dinheiro e algumas ligações telefônicas que sinceramente foram difíceis. Mas, graças à Big Rob que estava ali e o irmão dele, Jim, também conhecido como Jimbo e a esposa do proprietário que acabou de perder seu pai com câncer no verão anterior, conseguiram preparar tudo: O pessoal foi chamado

de suas folgas e as máquinas que estavam paradas foram ligadas novamente. Inclusive as tendas de comida estavam funcionando... Graças aos garçons do Sal's.

A alegria no rosto de Selenia e o orgulho de seu irmão, evidente inclusive dali da torre, fazia com que valesse a pena.

E sabe, era impossível desprezar os seres humanos esta noite. Pelo amor de Deus, os proprietários não guardaram o dinheiro deste aluguel, eles doaram à Sociedade Americana de Câncer. Às vezes as pessoas surpreendem. Estes realmente o surpreenderam.

— Então, quem é ela? — Perguntou Big Rob. — Quero dizer, ouvi que ele tinha uma namorada, mas, não sabia que estava... Sabe, doente. Eles estão juntos há muito tempo?

— O suficiente.

Houve um silêncio espesso. — Ele não vai voltar ao trabalho, não é?

— Não por um tempo.

— Vocês, rapazes vão nos vender?

— Não sei. Não chegamos tão longe.

iAm olhou para o relógio novamente. Oito e meia. Perfeitamente a tempo para sua saída programada para as onze e meia. O centro cirúrgico de luxo de Manny estava estacionado no centro, a zona ainda estava fervendo pela festa do dia anterior, para mover a coisa, mas tinham um bom plano de contingência para Selenia. Manny ainda tinha uma velha ambulância normal e a coisa estava em estado de alerta, perto do parque de diversões esperando e o bom doutor e a médica estavam de prontidão.

— Posso entender porque ele não disse nada. — Big Rob murmurou enquanto deixava cair o binóculo. — E não é por nada, mas uau, ela parece estar em outro mundo.

— Ela também é uma boa pessoa.

— Ela sabe o que ele fez... Você sabe. Uma mulher de classe assim, quero dizer...

— Para ser honesto, acho que esta merda é a última coisa em sua mente.

— Sim. Claro. Quero dizer, sim.

iAm olhou para o rapaz. — Não se preocupe, está tudo bem. Pode ir para o clube.

O humano assentiu com a cabeça. — Eu devo ir.

À medida que o homem vacilava, iAm estendeu a palma. — E quanto aos planos futuros com os negócios, nós cuidaremos de todos, prometo. Não importa o que aconteça.

Big Rob estremeceu. — Obrigado homem. Mas, tenho de dizer, gostamos muito de trabalhar para você. Além disso, não sei se Silent Tom conseguiria passar por uma entrevista. Quase o mataram há cinco anos, quando ajudou Trez.

— Sim, acho que disse menos de doze palavras pelo tempo que o conheço. Dirija com segurança.

— Obrigado. Ligue se precisar de algo.

Big Rob colocou o binóculo na mesa e parou um último momento, olhando para onde Trez e Selenia caminhavam entre os carros bate-bate e uma lanchonete. Balançando a cabeça, dirigiu-se para a saída e fechou a porta atrás de si quando se foi.

iAm olhou o relógio novamente.

Três horas.

E então o quê? Que demônios faria à respeito de *maichen*?

O que aconteceria se Trez e Selenia precisassem dele... E estivesse fora se encontrando com esta mulher?

Jesus, depois de toda uma vida de celibato, era uma surpresa descobrir que fazia arranjos para se encontrar sozinho com um membro do sexo oposto. E não era para conversar.

Não, ele não estava com ânimo para conversar.

Esfregando os olhos, imaginou a mulher envolta em todas aquelas túnicas de cor azul claro e a vontade de entrar sob elas o levava ao limite obsessivo. Diabos, se não fosse pela exaustão, provavelmente teria passado todo o dia olhando o teto sobre sua cama pensando no que iria fazer com ela. Como sempre, foi dormir com uma ereção e acordou com uma também.

Não fez nada a respeito. Masturbar-se, de alguma forma, parecia muito real.

E pela mesma razão, não disse nada à seu irmão sobre sua viagem ao s'Hisbe ou sobre a fêmea que conheceu ou o "encontro" que o marcou.

Comparado com o que Trez enfrentava, tudo era tão pequeno, como batatinhas. E havia também um mundo de sonhos em tudo isso, e se surpreendeu ao descobrir que queria manter tudo no lugar.

Talvez porque deixava as coisas menos intimidantes?

Mas, vamos, ele não pensava que estava indo. Como poderia partir...?

Não, ele não iria. Pela primeira vez em sua vida, ele não pensava que poderia confiar em si mesmo para não ir diretamente para cima de uma pobre mulher, como um animal. E inferno, ela provavelmente estava tendo segundos pensamentos, também. Encontrar-se com um homem desconhecido no meio do nada? Estaria louca por fazer algo assim.

Sobre tudo porque ela tinha de saber o que estava na mente dele.

Não, disse a si mesmo. Nenhum deles iria aparecer na cabana à meia noite. Isto era o melhor para todos.

Realmente. Era.

Capítulo QUARENTA E CINCO

— Ele já está morto! Deuses, já morreu... Pare!

Não, Xcor pensou. Ele não iria parar.

Enquanto continuava a apunhalar o *lesser*, sangue negro espirrava em seu rosto, peito e antebraço. Sangue negro empoçou-se no asfalto frio do beco. Sangue negro entrou nos olhos dele.

Ainda assim, continuou o ataque, seu ombro guiando a lâmina para diversos pontos, exceto o peito vazio, enquanto Zypher gritava, puxava-o, amaldiçoava-o.

Mas, foi tudo em vão. Enlouquecido, era uma besta descontrolada, sua mente flutuando acima do esforço, levando-o somente a matar, matar, *matar...*

O puxão que finalmente o fez largar a presa foi como um reboque de caminhão, força suficiente para separá-lo da carcaça mutilada e gosmenta.

Ele não gostou da realocação involuntária. Virando-se, golpeou o ar com a adaga, quase acertando a garganta de Zypher. O soldado recuou para fora de seu alcance, ao mesmo tempo em que desembainhava sua própria arma, preparado para lutar.

Preso entre uma estocada e um recuo, Xcor arfou, com grandes nuvens de vapor saindo de sua boca. Ele havia saído da deserta casa de fazenda, sem nenhum deles, rumando desenfreadamente para o palco do conflito, seminu e totalmente enlouquecido.

E havia sido para o bem de seus próprios soldados.

— Qual o seu problema?! — Zypher exclamou. — O que te aflige?

Xcor exibiu as presas — Me deixe em paz.

— Para poder se matar?

— Me deixe!

O eco de seu grito repercutiu acima e para fora do beco, as palavras ricocheteando entre as paredes de tijolo dos prédios, antes de sumirem na escuridão como morcegos libertados de uma caverna.

O rosto de Zypher era pura fúria. — Eles têm armas, lembra? Ou a noite passada é uma lembrança muito vaga para você?

— Eles sempre tiveram armas!

— Não desse tipo!

Xcor baixou o olhar para o *lesser*. Mesmo quase desmembrado, ainda se movia, erguendo os braços em câmera lenta, pernas convulsionando em uma mistura de vísceras e óleo preto.

Rosnando para a coisa, gritou, e então lhe deu a punhalada final. A claridade foi tão forte, que ele ficou cego pelo brilho, suas retinas reviraram com o reflexo. Mas adaptou-se logo, cada piscada clareava a visão um pouco mais.

Ele precisava mais. Precisava encontrar mais... Precisava de outra coisa também.

— Me arrume uma prostituta. — Ele resmungou.

Zypher recuou — O que?

— Você ouviu. Me encontre uma. Traga-a para o chalé.

— Humana ou vampira?

— Tanto faz. Só certifique-se de pagar bem para que ela esteja disposta.

Ele esperava perguntas. Não houve nenhuma.

Zypher só inclinou a cabeça. — Como quiser.

Xcor afastou-se, preparado para caçar, lutar e matar. E, antes de correr, olhou por sobre o ombro. — Loira. Eu a quero loira. E deve ter cabelos longos.

— Eu sei a quem chamar.

Com um aceno, Xcor correu pelo beco, seus shitkickers trovejando sobre o asfalto irregular. Farejando a brisa, seu cérebro filtrou os cheiros de fumaça de diesel misturado à restaurantes xexelentos, e mendigos humanos, sem teto e sem banho, misturado com peixes apodrecendo no rio.

Sua ira contra si próprio aguçava cada sentido que possuía...

— Ei, cara, quer um bagulho?

Parando seus passos, voltou-se e soube pelo cheiro que invadiu suas entranhas que não era um humano ali nas sombras.

O inimigo a quem buscava o havia encontrado, o *lesser* ainda não sabia com quem estava falando.

— Sim. — Disse ele — Eu gostaria de um bagulho.

— Filho da puta estrangeiro, — disse o *lesser*. — O que você quer?

— O que você tem?

— Só coisa boa. Heroína pura em pó, colombiana, não essa merda mexicana que...

Xcor não permitiu que o discurso de venda chegasse à uma conclusão. Com uma estocada cruel, se inclinou à frente lançando sua adaga em um arco, e atingiu o *lesser* em cheio no rosto, na altura dos olhos. Instantaneamente, o morto-vivo ergueu as mãos, dobrando-se em dois, uivando de dor... E Xcor tirou vantagem disto, recuando sua bota direita e chutando-lhe o crânio como se fosse uma bola de futebol, mandando o morto-vivo pelos ares até o outro lado do beco.

Saltando alto no ar, pousou sobre o *lesser*, rolou-o e prendeu suas mãos sobre a cabeça, com uma de suas mãos. O fedor era leite azedo e suor fétido, e o cheiro adocicado reforçou seu instinto de matar.

A raiva que não vinha conseguindo conter desde que Layla tinha ido embora, voltou novamente. Colocando sua adaga no suporte, fez um punho com a mão dominante e atingiu várias vezes o rosto pálido do *lesser*, até as feições praticamente se liquefazerem com os golpes, os ossos quebrarem, a mandíbula cair frouxa. A cada inalação ele erguia o braço, a cada exalação, o punho descia, o ritmo regular de sua respiração guiava os golpes.

Era melhor Zypher arranjar tudo depressa.

Ele precisava foder até seu humor melhorar.

Sentada na beirada da cama, as mãos de Layla tremiam ao segurar o celular entre as mãos. Ela já havia lido a mensagem, e não só uma vez. De fato, vinha lendo as palavras desde que havia acordado, ao anoitecer, com o som do celular vibrando na mesinha de cabeceira.

Não venha mais me ver. Eu jamais voltarei ao chalé ou à casa de fazenda de novo, ou consentirei estar em sua presença. Não tenho interesse em nada do que tem a me oferecer.

Xcor deve ter ditado aquilo em seu iPhone. Ele jamais havia lhe enviado nada via mensagem de texto antes, e ela sempre suspeitara que ele não sabia ler ou escrever.

De todas as maneiras que ela havia imaginado o término da relação deles, de todas as maneiras que havia imaginado a separação deles, não era para ser assim. Não por ela ter tirado a roupa dele e depois tê-lo obrigado a se alimentar dela.

— ... Olá?

Ela pulou, e o celular voou de suas mãos, caindo no tapete. Quando Qhuinn se aproximou para pegar a coisa, ela entrou em pânico e se levantou rápido da cama para chegar lá primeiro. Ou tentou se levantar.

Com sua barriga, não conseguia se mover rápido, e ela prendeu a respiração quando ele se inclinou para pegar o celular.

— Você está bem? — Ele disse — Parece pálida.

Não olhe para ele. Não olhe para a tela...

— Oh, meu Deus, está chorando?

— Não. — Ela estendeu a mão — Não estou.

Me dê o celular, me dê...

Qhuinn veio até ela e ergueu seu rosto, — O que está havendo?

Quando o polegar dele acariciou sua bochecha, ele colocou o fodido celular no lugar dele, sobre a mesinha de cabeceira. Com a tela virada para baixo.

— Eu bati na porta e ninguém respondeu, — disse ele — Fiquei preocupado.

Com um tremor, ela fechou os olhos, seus nervos tensos ainda vibrando pelo seu quase flagrante. — Só estava lendo uma história triste online. Acho que estou mais emotiva do que pensava.

Ele se sentou próximo dela. — Aconteceu merda demais nos últimos dias...

Antes que pudesse se conter, explodiu em prantos e encostou-se no amplo peito dele.

Enlaçando-a com braços fortes, ele abraçou-a gentilmente e deixou-a chorar, botar tudo para fora... E o fato de ele ter erroneamente assumido que as lágrimas eram só porque estava grávida de gêmeos e com sobrecarga hormonal, a fez chorar ainda mais.

Ela chorou pelos meses e meses de mentiras e decepções; chorou por todas as idas àquele prado; por ela ter se esgueirado para fora e para dentro da casa; por usar o carro que Qhuinn havia comprado para ela para fazer aquilo.

E mais do que tudo, chorou devido a uma sensação de perda tão poderosa, que era como se alguém houvesse morrido na sua frente e não houvesse nada que pudesse ter feito para salvá-lo.

Imagens de Xcor golpeavam-na, das suas tentativas de fazer-se apresentável, tentando estar sempre limpo, mesmo recém-saído da batalha... Seu jeito no chuveiro, delineado enquanto seu corpo gozava por trás da cortina... A derrota que havia pendido sua cabeça enquanto olhava para o fogo como se alguma parte

vital de si próprio estivesse exposta, sangrando, enfraquecendo-o, transformando-o.

Ela tentou dizer a si mesma que era melhor assim. Chega de vida dupla. Sem mais falsidade. Sem mais esconder o celular ou se preocupar se suas fugas seriam descobertas.

Chega de Xcor...

— Eu vou chamar a Dra. Jane. — Qhuinn disse, preocupado, enquanto ia até o telefone.

— O que? Não, eu estou...

— Seu peito está doendo muito?

— O que? — Disse ela, fungando — O que está...

Ele apontou para seu tórax. Baixando o olhar, viu que ela mesma havia agarrado a frente de sua camisola de flanela, o tecido suave jazia embolado entre seu punho apertado.

Era a origem de suas lágrimas, ela pensou.

Vinham de seu coração.

— Honestamente, — ela sussurrou, — estou bem. Só tinha de botar para fora... Sinto muito.

A mão de Qhuinn parou sobre o telefone. E mesmo quando ele finalmente recolheu o braço, ela teve certeza que ele não estava convencido.

— Eu acho que preciso comer alguma coisa, — ela disse.

Era a última de suas preocupações, mas ele imediatamente entrou modo de solicitude, ligando para Fritz ao invés da médica, pedindo por uma variedade de comida.

A preocupação dele para com seu bem-estar, e toda sua atenção só a fez voltar a chorar.

Querida Virgem Escriba... Ela estava de luto, não estava?

Capítulo QUARENTA E SEIS

— Está bem, então entramos aqui.

Selena agarrou a mão que Trez ofereceu e andou até a beirada da primeira cápsula de uma fileira de seis. As pequenas gôndolas em formato de ervilha estavam montadas em um par de trilhos e continham dois assentos lado a lado com uma barra de segurança que se erguia acima do capô pouco alto. Após Trez se juntar a ela, um operador uniformizado lhes deu um aceno de um painel de controle do outro lado da plataforma.

— Isto vai por aquele caminho? — Ela perguntou, apontando para a montanha a frente. — Vamos subir ali?

Trez teve de pigarrear. Duas vezes — Ah, sim. Vamos.

— Oh, meu Deus, é tão alto!

— Eu, ah... É. É sim.

Ela virou-se para ele quando a barra de segurança desceu e travou-se sobre suas pernas. — Trez, sério, você vai odiar isto.

Houve um tranco e então começaram a se mover para frente no trilho, um sonzinho de *chk-chk-chk* foi emitido enquanto as rodas a giravam em velocidade crescente.

— Você, no entanto, vai amar. — Ele disse, beijando-a — Acho que é melhor se segurar.

Ao iniciarem uma subida quase vertical, suas costas pressionaram o assento acolchoado e suas mãos agarraram a barra de metal frio. Por um momento, ela desejou ter pegado as luvas que haviam lhe oferecido antes de sair de casa, mas então, esqueceu todo o desconforto.

Mais alto, mais alto, mais alto... Impossivelmente alto.

Voltando-se para o lado, ela riu. — Oh, meu Deus, estamos subindo tanto!

E eles só estavam a meio caminho do topo.

O *chk-chk-chk* se tornou muito alto e os trancos, mais fortes, até ela sentir como se alguém empurrasse seus ombros. A brisa ficou cada vez mais fria e mais violenta também, seu cabelo esvoaçava, a parka a desafiava a manter o seu tórax aquecido.

— A vista é incrível, — ela suspirou.

Não tão alto quanto eles estiveram na noite passada, mas sem chão entre ela e a toda aquela altura, sem painéis de vidro para impedir uma queda, nada além do trilho e a crescente distância do chão, ela sentia-se flutuando.

E as luzes do parque eram magníficas. Brilhantes e multicoloridas, estavam lá embaixo por todos os lados em que ela olhava, acentuando os contornos de vários dos brinquedos, refletindo nos espelhos e brilhando nos topos vermelhos e amarelos e azuis dos estandes e barraquinhas.

— É como se o céu estivesse invertido e as estrelas estivessem lá embaixo.

— É. Oh, uh-huh... É. Eu acho que chegamos ao topo... Oh, é. Uau. Uh-huh.

Abruptamente nivelaram e tudo silenciou, exceto o vento que golpeava seus ouvidos, a viagem se tornando suave e gentil ao fazerem uma curva fácil.

Um olhar rápido para o macho, e ela viu que, apesar de sua pele escura, estava pálido como um fantasma.

Ela soltou uma das mãos e cobriu a dele. — Trez, acho melhor nos mantermos no chão após isto, ok?

— Oh, não, tudo bem... Estou bem, estou legal.

Uh-huh. Certo. O maxilar dele estava tão fortemente cerrado que ela se preocupou com seus dentes de trás, e o pescoço estava enrijecido acima da gola da jaqueta de couro. De fato, a única coisa que se movia no corpo inteiro dele era o joelho direito. Estava oscilando para cima e para baixo, para cima e para baixo, cima-baixo, cima-baixo-cima-baixo-cima-baixo.

— Lá vamos nós, — murmurou ele. Como se preparando para levar um soco na cara.

Ela olhou para frente bem a tempo de não ver absolutamente nada a sua frente. Havia somente o ar aberto, como se os trilhos tivessem sumido.

— Onde estão...

Whoooooosh!

De repente eles estavam a uma velocidade suicida, sem peso e voando, lançados impetuosamente para baixo, baixo, baixo.

Selena riu como se estivesse louca, soltando as mãos e jogando os braços para cima. — *Siiiiiiim!*

Tão veloz, o ar golpeava por entre seus cabelos, estapeava lhe o rosto, empurrava-a contra o assento; então bruscamente à direita, à esquerda, *zum-zum-zum*, subindo outra subida gigante quando o *chk-chk-chk* voltou e então...

— Oh, meu Deus! — Trez berrou.

Para o alto e em volta, para que o mundo virasse e ficasse de ponta cabeça antes de se endireitar de novo. E outro looping e então um que os inclinou para o lado.

Era como aquela volta para casa de novo, somente mais vívida e indomável e maravilhosa.

— Eu podia fazer isto para sempre! — Ela gritou quando outra sequência se aproximava. — Para sempre!

— Oh, Cristo, não de novo!

Quatro vezes.

Seguidas.

E por insistência de Trez.

Quando o pequeno carro dos horrores voltou novamente à plataforma, ele estava preparado para continuar a tortura.

Selena estava extasiada e fazia tudo valer a pena... Mesmo os loopings intestinais da montanha russa.

Que tornava suas próprias tripas uma bagunça efervescente.

— Vamos de novo, — ele disse, tentando abanar a bandeira. Mesmo que àquela altura alguém tivesse de remover cirurgicamente suas mãos da barra de segurança.

— Não, eu acho que já é suficiente.

— Está brincando? Eu adorei essa merda...

— Terminamos, — ela chamou o operador.

— Eu tirei fotos de vocês, — o macho humano disse, enquanto baixava a alavanca e um motor que não estava às vistas parou subitamente. — Estão sendo reveladas.

Está beeeeem, hora de sair. Sim.

— Trez?

Soltando seu agarre da barra, ele observou seu salvador de metal se erguer e se encaixar no lugar apropriado acima de suas cabeças. — É, estou saindo. — *Agora mesmo*, — lá vou eu.

Quando Selenia se levantou e se apoiou na barra em busca de equilíbrio, ele se sentia pronto a segui-la. Andar até ela, e até o operador. Pegar aquelas fotos que ele nem sabia que alguém iria tirar.

Em vez disto, ele só permaneceu sentado, respirando com muita dificuldade. Mas, vamos lá, ele não era um marica. Forçando-se a ficar em pé, descobriu que suas pernas estavam dormentes do meio da coxa para baixo, mas, em um cambalear confuso, de alguma forma, conseguiu sair do carrinho e foi para a plataforma sem passar muita vergonha.

Apesar do fato de Selenia ter de apoiá-lo não ter sido, exatamente, uma declaração de reafirmação de sua verticalidade.

— Oh, obrigada, — ele ouviu-a dizer ao operador. Então olhou para ele, — Ei, vamos até aquele banco olhar as fotos.

Antes que se desse conta, estava sentado em um pedaço de aço fundido, frio e gelado e olhando para as fotografias de Selenia se divertindo e ele com a cara de alguém com as bolas presas em um torno. Enquanto isto, a mão dela acariciava suas costas, correndo o couro da jaqueta em um círculo lento.

— Aqui está, senhora.

— Muito obrigada, — ela ofereceu-lhe algo. — Porque não toma isto?

Ele estava enjoado demais para responder de novo que estava tudo bem. Apenas aceitou o que ela oferecia, colocou na boca e obedeceu ao comando de beber.

— Oh, isto é bom. — Suspirou quando finalmente baixou a garrafa de refrigerante.

— Ginger Ale. A Dra. Jane indicou.

Cerca de dez minutos depois, ele conseguiu se concentrar apropriadamente no que, supostamente, estava olhando. — Você é tão linda, — disse ele, ao fitar a imagem dos dois juntos.

— Não tenho certeza disto, mas te digo uma coisa, aquele foi o ponto alto da minha vida, bem ali. Como se sente?

Ele esfregou o dedão sobre a foto do rosto dela. — Você está tão viva. Olhe para você, seus olhos estão incríveis.

Uma a uma, ele estudou as fotografias. Haviam sido tiradas após a segunda subida, quando se tinha a sensação de falta de peso e o vento rugia e não se ficava muito convencido de que aquela merda iria terminar bem quando chegasse ao fim.

Ele podia praticamente sentir a agitação percorrendo o corpo de Selena, a excitação, o prazer, a vibrante força vital transformando-a em um contido relâmpago de alegria.

Já ele? Jamais se sentira tão pálido, sua pele escura sem cor como a merda...

Quem diria.

— Devíamos fazer um calendário destas, — ele anunciou, — metade delas, mais ou menos.

— Você parece bem melhor. Menos verde. Você estava meio verde.

— Eu encararia aquela filha da puta milhões de vez se você quisesse.

Ela se inclinou, virou o rosto dele para sua direção, e beijou-o — Você sabe o que acabou de provar?

— O que? Que mesmo verdadeiros machões precisam de saquinhos de vômito às vezes?

— Não. — Ela beijou-o de novo — Que é possível dizer “eu te amo” sem usar palavras.

O peito dele estufou. Ele não conseguiu evitar. — Veja só. Sou um Casanova... Quem diria.

Terminando seu Ginger Ale, ele jogou a garrafa vazia na lixeira que ficava a um metro e meio de distância e colocou as fotos no bolso interno de sua jaqueta.

Levantando-se, ele lhe ofereceu o braço. — O que acha de comer algo nutricionalmente deficiente, mas totalmente gostoso? Estamos falando de produtos químicos de verdade e tudo totalmente ultra processado. O tipo de coisa que humanos geralmente gostam de comer, mas tem de tomar sal de frutas quando chega em casa?

— Soa delicioso. — Ela aceitou a oferta. — Estou ansiosa para ver o que servem aqui.

Trez acenou para o atendente, e então considerou que talvez fosse melhor fazer umas poses de fisiculturista só para retificar sua prejudicada imagem de macho.

A área de alimentação ficava atrás e à direita, e conforme eles contornavam a base daquela montanha-russa, ele olhou para cima, muito para cima, para a geringonça de metal que mantinha os trilhos no ar. Cara, que bom ele não ter tido esta vista antes de subir lá.

Quanto mais pensava nisto, mais seu chique ameaçava retornar, o suor inundava as palmas das mãos e a área acima do lábio superior, mas as boas novas vieram na forma de distração do estande de cachorro-quente que estava aberto só para eles.

Aproximando-se do balcão, ele abraçou Selena bem forte, captando o aroma dela além do xampu e sabonete que ela usara antes de saírem da casa.

Uma fêmea humana de corpo roliço e sorriso simpático se aproximou, largando seu exemplar da revista *People*. — Em que posso servi-los?

— Deus do céu, tem tanta coisa. — Selena disse.

O cardápio era iluminado em painéis vermelhos com letras amarelas, oferecendo o tipo de coisa que certamente era deliciosa ao ser ingerida, mas que causaria problemas ao ser digerida. Mas, como havia dito a ela, era para isto que existiam os antiácidos.

— O que vai pedir? — Ela perguntou.

— Vou de Especial Coney Island, — ele anunciou. — Com uma Coca-cola grande, muito gelo.

— É para já, — a atendente disse — Senhora, já sabe o que vai querer?

Selena franziu o cenho — Eu queria mesmo um hambúrguer. Mas, queria experimentar o cachorro-quente.

— Pode comer um pouco do meu.

— Ótimo. Eu quero um hambúrguer com queijo e batatas fritas.

— Sem problema. — A mulher apontou para outra seção do menu, — Quer alguma coisa nelas?

— Como é?

— Em suas batatas. Tipo chili, queijo, pimenta jalapeño... A lista está bem aqui.

Enquanto Selena considerava o segundo turno de suas opções, Trez aproveitou a oportunidade para estudar o deslumbrante perfil de sua rainha. Aqueles lábios dela eram quase irresistíveis e quanto mais olhava para eles, mais o

ardor residual de toda aquela descarga de adrenalina evoluía de luta ou voo para pura e inegável luxúria.

Com um movimento discreto, ele precisou reposicionar seu órgão.

Mal podia esperar para levá-la para casa. Tirar a roupa dela.

Seus olhos desceram até os seios. A jaqueta Gucci que ela usava havia aderido sobre aquelas curvas que ele amava tanto...

— Trez?

— Huh?

— Você tem dinheiro? Eu não pensei em trazer human...

Ele interrompeu. — Você não vai pagar nada. — Tirando a carteira, ele disse à garota — Quanto?

— É por conta da casa.

— Deixe-me dar uma gorjeta então.

— Ah, está bem. Eu sei por que você está...

Trez adiantou-se, colocando cem dólares sobre a fórmica e empurrando-o adiante. — Pegue. Por ser tão gentil conosco.

Os olhos da mulher se arregalaram. — Tem certeza?

— Absoluta.

Primeiro, ele não queria deixá-la terminar o que estava falando e fazer Selena sentir-se como um caso de caridade. Segundo, a humana havia saído em uma noite fria somente para algumas horas de trabalho. As festas de fim de ano se aproximavam. Sem dúvida ela aproveitaria aquele dinheirinho extra.

— Uau. Obrigada.

Quando a mulher se afastou para preparar os lanches, ele pôde sentir Selena olhando para ele com respeito, e aquilo o fez sentir-se todo estufado de novo na região peitoral.

Por falar em seu cartão de macho, dane-se dar uma de Arnold. Do jeito que ela olhava para ele? Fazia-se sentir-se grande como uma montanha.

Alguns minutos depois, seguiram para uma mesa de piquenique pintada de azul berrante e sentaram-se lado a lado.

O ar estava frio, a comida, fumegando, os refrigerantes estavam espumantes e doces. Manusear os pães super-recheados era difícil, com ambos inclinando as cabeças e usando guardanapos, mas até aquilo era um tipo de diversão. E a conversa, quando conseguiam mantê-la, era sobre o sabor e o tempero e a língua

queimando... O passeio de montanha-russa... O que iriam fazer em seguida... Se iam comer algodão-doce ou sorvetes com calda quente, de sobremesa.

Era magnificamente, belamente, ressonantemente normal.

E ao se sentar com sua fêmea e talvez limpar o canto da boca dela com seu guardanapo, ou dividir seu refrigerante com ela, ou rir quando ela sugerisse irem ao carrossel em seguida, porque só ficava a meio metro do chão, ele banhou-se nas lembranças, até elas permearem sua mente, corpo e alma com um brilho que nunca havia sentido antes.

Só por estar com ela. Sem fazer nada especial. No meio do parque de diversões.

Era um milagre.

Uma bênção indescritível.

Franzindo o cenho, percebeu que, não fosse pela realidade pairando nas proximidades deste momento perfeito, espiando-os por trás, como um tipo de sombra maligna... Ele bem poderia estar passando este tempo com ela, com sua metade de cérebro preocupada com a abertura da shAdoWs, ou imaginando como andariam as coisas no s'Hisbe, ou obcecado com o que quer que estivesse pinicando seu rabo àquela altura.

Ele jamais teria aproveitado isto, como um macho rico, de cujos bolsos os diamantes caíam simplesmente porque tinha toneladas deles em casa.

Raridade vinha de mãos dadas com a reverência.

— Eu podia me sentar aqui para sempre, — ele disse, enquanto engolia seu último pedaço — Este é o meu paraíso.

Selena olhou para ele e sorriu — O meu também.

Capítulo QUARENTA E SETE

Um pouco antes do primeiro civil chegar para sua audiência com o Rei, Paradise entregou uma pasta ao seu pai, com visível orgulho. — Eu organizei a agenda de audiências. Penso que vai achar que facilitou as coisas para você e para o Rei.

Seu pai sorriu ao abrir a capa e viu as planilhas listando cada nome de civil, linhagem familiar, assunto corrente e qualquer histórico que Wrath precisasse abordar.

— Isto é tão... Útil, — disse ele, ao percorrer as colunas com o dedo indicador.

— Eu achei que melhoraria o modo como as coisas estavam sendo feitas.

Ele olhou para cima — E melhorou.

— Em seguida, — ela pegou a segunda das muitas folhas de papel, — há um dossiê para cada assunto, bem mais detalhado.

Abalone fez uma careta ao revisar as anotações, e então folheou os relatórios. — Como descobriu tudo isto?

— Eu tenho minhas fontes, — ela sorriu. — Está bem, algumas informações eu peguei das páginas deles no Facebook, e outras coisas de alguns amigos.

— Isto é... Eu não sabia que ele havia emparelhado. — Seu pai entregou-lhe a pasta — Ele?

— Ano passado. Foi uma coisa discreta. — Paradise baixou a voz, mesmo estando sozinhos. — Houve comentários de que ela estava grávida.

— Ah, então agora ele quer validar o emparelhamento.

— Ela está quase dando à luz. Se eu fosse Wrath pouparia o pobre macho da indignidade de responder a muitas perguntas sobre a data real, e só lhe daria o respeito que ele quer prover ao seu filho.

— Está tentando fazer o trabalho de seu pai? — A voz de Wrath exclamou.

Quando o Rei Cego em pessoa apareceu na arcada do salão, Paradise pulou. — Não foi minha intenção, oh, não, eu...

O Rei sorriu. — Estou impressionado com a sua linha de pensamento. Continue o bom trabalho, Paradise.

Com isto, ele e seu cão dourado atravessaram para a sala de jantar.

— Não consigo sentir meus pés, — ela murmurou.

Seu pai abraçou-a. — Você está superando todas as minhas expectativas.

Ela recuou e empurrou o cabelo para trás do ombro. — Estou gostando. De verdade.

— Você está me enchendo de orgulho.

Para esconder o seu rubor, ela sentou-se atrás do computador que já sentia como sendo seu. — Como estão as coisas em casa? Com...

— Bem. Estou muito bem, embora sinta sua falta.

— Eu podia voltar.

— Não, não, é melhor ficar aqui. — Ele enfiou a pasta embaixo do braço. — Você e Peyton se divertiram ontem?

— Ele saiu logo depois de você.

Abalone franziu o cenho. — Espero que não tenham brigado.

— Ele tem um jeito antiquado de ver as coisas.

— Ele vem de uma família tradicional.

Ela pegou uma das canetas Montblanc que havia encontrado na mesa. Batucando-a na palma da mão, puxou a saia azul marinho mais para o joelho. — Ah... Pai.

— Sim?

Respirando fundo, abriu a gaveta de cima e tirou o formulário de inscrição para o programa do Centro de Treinamento. — Pai, você me deixaria fazer algo assim?

Quando lhe entregou o papel e os olhos dele começaram a ler as palavras, ela se adiantou em completar: — Não estou dizendo que quero entrar em combate ou coisa assim. É só que, eles estão aceitando fêmeas, e eu...

— Lutar? Isto é... Isto é para *lutar*.

— Eu sei. Mas, veja... — ela se levantou e apontou para uma parte no preâmbulo, — eles dizem que podem treinar fêmeas.

— Paradise.

Eeeee eis que o ponto de vista dele estava basicamente expresso na maneira que havia dito o nome dela: uma combinação de “fala sério” com “não parta meu coração”.

— Você não foi feita para isto, — ele disse.

— Porque sou uma fêmea, certo? — Ela contrapôs amargamente. — O que significa, no máximo, trabalho de escritório... E somente até estar emparelhada.

— Isto é *guerra*. Você entende o que é na realidade? — Ele balançou o formulário. — Isto é morte pronta para acontecer. Não é um filme de Hollywood ou fantasia romântica.

Ela ergueu o queixo — Eu sei disto.

— Sabe?

— Não sou tão ingênua quanto você acha. A família que perdeu nos ataques era meu sangue também, Pai. Meus amigos morreram. Eu sei o que é.

— Não, Paradise, não vou permitir. — Ele se abaixou e jogou o formulário no lixo. — Não é para você.

Sem mais uma palavra, ele se virou e saiu, de alguma forma conseguindo fechar a porta oculta na cara dela, mesmo que os painéis continuassem em seu bolsões nas paredes.

Throe se materializou a cerca de oitocentos metros da casa para onde Abalone ia todas as noites.

O localizador GPS que Throe havia colocado no bolso externo do casaco de pele de camelo do macho, havia funcionado como um sonho. E a vizinhança abastada era admirável.

Nada mal, nada mal mesmo.

Caminhando com passos casuais, analisou as casas enquanto seguia na direção aonde o sinal de seu celular o enviava. Na verdade, o termo apropriado para as residências ali seria mansões. Estes lugares eram grandes demais para serem meras casas: vários andares, espaçosos, afastados da rua, todos com uma iluminação noturna dramática enfatizando seus exteriores, como se os humanos ricos que morassem ali não aguentassem pensar que seus status pudessem ser ignorados durante as horas noturnas.

Enquanto prosseguia, teve de controlar a frustração. Sentia falta da luta, mais do que imaginara. De fato, a falta de derramamento de sangue, de qualquer tipo, era uma chocante insatisfação. Quando se juntara ao Bando dos Bastardos,

ficara horrorizado com toda aquela agressão e violência. Mas, após vários séculos, o clima de guerra passara a ser o que considerava normal.

A mansão de pedra que vinha a seguir era afeminada, uma versão modernizada e melhorada da pilha medieval de rochas onde o Bando dos Bastardos morava no Antigo Continente, e ele parou em frente, avaliando. Figuras se moviam dentro, atravessando janelas emolduradas por camadas pesadas de tecidos enquanto as luzes de dentro iluminavam reflexos de ouro e prata na parede.

E, subitamente, não pensava mais no antigo covil de Xcor.

Ele se lembrava de onde viera, suas verdadeiras origens de privilégio e riqueza.

Na busca por vingar sua irmã, ele se vendera ao diabo. Agora, do outro lado da barganha, estava pobre, sozinho e sem nenhuma perspectiva.

A única coisa que o movia, era a sua ambição.

Pelo menos havia combustível suficiente para movê-lo pelos meses de inverno que chegariam.

Throe voltou a andar, o frio cortando através do casaco de couro que vestia, ainda manchado da matança que executara noites atrás.

Antes que tudo mudasse.

A casa que era o seu alvo apareceu à esquerda, do outro lado da rua. Era grande e histórica, uma mansão federal branca com estrutura óssea de verdadeira beleza, cuja manutenção somente os muito abastados poderiam bancar em uma velha propriedade: Nada de tinta descascando ali. Sem arbustos altos demais. Sem telhados ou pórticos danificados.

Ao contrário das outras, não havia como espiar para dentro.

As cortinas estavam todas fechadas e eram tão pesadas que não dava para ver nem luzes através delas. Não havia carros na entrada, mas esperou, escondendo-se atrás de uns arbustos, então captou a visão de dois indivíduos se aproximando da porta da frente... Mesmo sem terem chegado à casa de nenhum jeito motorizado apropriado.

Porque eram vampiros que haviam se desmaterializado no lugar.

Dez minutos depois, teve outra visão. Quinze minutos depois daquilo, mais duas.

Eram discretos e nem todos usavam a porta da frente... Sem dúvidas, para evitar suspeita.

Throe verificou o celular, apesar de saber que a locação estava correta. Sim, Abalone estava ali.

Mantendo-se nas sombras, ficou um pouco mais, não por ter qualquer plano específico de invadir, pelo contrário, ainda tinha de formulá-lo. Sua ambição, por mais forte que fosse, ainda não era um motor em funcionamento, ele tinha de reconhecer o terreno, descobrir fraquezas, definir estratégias.

Um carro virou a esquina e desceu a rua.

Quando passou pelo poste de luz do outro lado da rua, viu que era um Rolls Royce, preto com o típico capô claro da marca.

E lá estava ele, sem um automóvel.

De fato, sua falta de perspectivas era um problema.

Como ele ia arregimentar recursos? Perguntou-se. Como ia se sustentar enquanto construía alianças?

A resposta, quando veio, foi tão óbvia, que era como se o destino iluminasse um caminho em meio a escuridão para ele. Sim, pensou, aquele era o caminho...

Um momento depois, voltou às acomodações mais generosas de Abalone com um sorriso no rosto.

Capítulo QUARENTA E OITO

Em seu leito de hospital, Luchas entrava e saía da consciência, ondas de dor atravessavam seu corpo, deixando-o quase sem sentidos. Quando já não aguentava mais, remexeu a mão que ainda tinha dedos. Encontrando a campainha para chamar ajuda, pressionou-a com o polegar até seu ouvido registrar um *bip*.

A porta foi aberta e a Dra. Jane entrou, — Luchas?

— Minha perna... — ele gemeu. — Dói.

Ela se aproximou, verificou os equipamentos, o acesso intravenoso e só Deus sabia mais o quê. — Eu vou te dar algo para a...

— A infecção... — balbuciou ele, virando a cabeça de um lado para outro. — Minha perna...

Seu plano havia sido definhar, mas, ao invés disto, parecia ter decidido se matar se enfiando em uma fogueira: primeiro com os pés, seguidos pelo seu tornozelo quebrado e a panturrilha.

Em um jorro súbito de loucura, ele se sentou e começou a afastar os lençóis. A Dra. Jane segurou os seus ombros e tentou deitá-lo novamente, ao mesmo tempo, em que alguém entrava no quarto. Qhuinn, era o seu irmão.

— Luchas, *Luchas*, pare...

Era Qhuinn, se aproximando, tentando prender suas mãos, e forçá-lo a deitar. Não era uma luta justa. Ele estava fraco, tão fraco... E então pôs-se a levitar, uma súbita sensação de leveza substituindo a sensação de ardor que antes havia lá embaixo.

Olhando para o lado, viu Dra. Jane retirando uma seringa do tubo plástico transparente enfiado em seu braço.

O rosto de Qhuinn apareceu acima do seu, aqueles intensos olhos incompatíveis. — Luchas, relaxe. Estamos com você.

— Minha perna...

A droga executava a sua mágica, acalmando-o como se seu corpo tivesse sido afundado em uma banheira morna. A dor ainda estava lá; ele só não se importava mais com ela.

— Está piorando, — ouviu-se dizendo. — A infecção... Achei que estaria morto a esta altura.

— Luchas...

Algo sobre a aparência do irmão foi registrada, algo sobre seu tom de voz, a tensão em sua boca e olhos.

— O quê? — Luchas disse — O quê?

Qhuinn olhou para a Dra. Jane como se esperasse pela proverbial cavalaria que viesse salvá-lo.

— Luchas, — disse o irmão — Eu precisava salvá-lo.

Salvá-lo? Mas, qual era o ponto disto tudo. Ele queria morrer. — O quê?

— Eu a autorizei amputar a perna. Para salvar sua vida.

Luchas ficou silencioso. Devia ter ouvido errado, a tradução apropriada do que fora falado deve ter sido atrapalhada pelos analgésicos que lhe deram.

— Era a única chance. Estávamos te perdendo.

— O que você fez comigo? — Disse ele lentamente — O que você...?

— Acalme-se.

Luchas elevou-se dos travesseiros, um indescritível horror fazendo todo o seu sangue sumir da cabeça. Olhando para a parte inferior de seu corpo, viu que os lençóis finos revelavam os contornos da coxa, joelho, panturrilha e pé de sua perna esquerda... Mas, somente a coxa e joelho da direita.

Com um berro, procurou pelo que devia estar ali, puxando os lençóis, arrancando-os como se, de alguma forma, escondessem o que não estava mais lá.

— O que você fez? — Virou-se para o irmão, agarrando sua camiseta, puxando, apertando com os dedos que lhe restavam. — Que porra você fez?

— Você ia morrer.

— Porque eu queria! Como pôde?

Ele bateu em Qhuinn, o punho voando de forma ineficaz, a mão arruinada estapeando.

Qhuinn não se defendeu. Ele só permitiu que batesse... Não que o ataque tenha sido forte. E Luchas não durou muito. Logo sua energia se exauriu, e ele caiu de volta no travesseiro, o peito magro arfando para cima e para baixo, sangue escorrendo de seu acesso intravenoso, os olhos entrando e saindo de foco.

E, ainda assim, o membro que não estava lá, doía.

— Saia, — disse ele de forma entorpecida. — Não quero te ver de novo.

Virando o rosto para a parede, ouviu uma conversa sussurrada, e então a porta se abriu e fechou suavemente.

— Como está seu nível de dor agora? — Dra. Jane perguntou.

— Por que ela dói...? — Murmurou ele. — Vocês a arrancaram.

Deus, agora estava ainda mais aleijado, mais uma parte do que ele havia sido, e havia tido, se perdera.

— É chamado dor do membro fantasma. Mas, a sensação é muito real.

— Foi você... Foi você quem a cortou?

— Sim.

— Então saia daqui também. Eu não autorizei...

— Você estava morrendo...

— Eu não quero ouvi-la. Saia.

Houve uma pausa, então ele detestou o modo como ela olhou para ele, cheia de gentileza, preocupação, cuidados.

— Com o tempo, Luchas, você vai se sentir melhor...

Ele virou a cabeça — Você me negou minha morte. Você mutilou o meu corpo como uma açougueira, sem minha permissão. Então, me desculpe se não tenho interesse *nenhum* em nada do que tenha a me dizer.

A médica fechou os olhos brevemente. — Mandarei Ehlena aqui com alguma coisa para você comer.

— Não se preocupe. Você só adiou o inevitável. Eu mesmo vou terminar o serviço.

Luchas mexeu no acesso intravenoso enfiado em seu braço, puxando-o até a coisa sair, o líquido claro e sangue vermelho espirrando para todo canto...

Pessoas vieram correndo por cada porta que havia ali, correndo em pânico, agarrando-o, falando alto. Lutou contra elas, se contorcendo e empurrando, lutando para se manter em pé, apesar da perna e pé perdidos.

Alguém deve ter lhe dado outra injeção, porque, de repente, seu corpo relaxou. Mesmo que o cérebro ordenasse todo tipo de movimento, nenhum membro correspondia.

Quando seus olhos reviraram, ele viu a imagem de Quinn parado na porta, seu corpo amplo, forte e saudável, bloqueando o caminho.

Bem podia ser a porta para o Fade que o macho bloqueava.

— Eu odeio você! — Luchas gritou. — Eu te odeio!

De volta à casa de audiências do Rei, Rhage estava na sala de jantar, em pé com as costas apoiadas nas portas fechadas, os braços cruzados sobre o peito. A maior parte da Irmandade estava na sala, atulhando o ar com energia cinética demais.

Wrath estava sentado em sua poltrona, as pernas cruzadas com o tornozelo sobre o joelho, a cabeça do cão em seu colo. — Ele está atrasado. Aquele filho da puta está atrasado.

Rehv anuiu do local onde estava, na frente da lareira e esfregando as mãos, como se sentisse frio. — Ele virá.

— Tenho pessoas para ver.

Hollywood verificou o relógio de pulso. — Quer que eu vá buscá-lo? Posso jogar um laço de corda nele e arrastá-lo para cá pelo pau...

A campainha da porta soou com um toque, e V entreabriu a cortina da janela do outro lado. — Falando do diabo.

— Me deixem recebê-lo. — Rhage murmurou ao sair.

— Ele não está sozinho. — V rosnou.

— Nem eu.

Fechando a porta, atravessou o salão. — Paradise. — Quando a garota ergueu os olhos da mesa, ele sorriu para ela. — Vou fechar sua sala por um segundo. Me faz um favor e fique aqui até eu te chamar?

Os olhos bonitos e grandes dela ficaram ainda maiores. — Está tudo bem?

— Sim, mas quero que fique aqui.

— Está bem. É claro.

Ele piscou para ela — Boa garota. E tranque a porta depois que eu sair, está bem?

— Claro.

Encostando a porta, ele esperou até ouvir a fechadura de bronze ser trancada pelo lado dela, e então foi até a porta da frente. Abrindo-a, deu um olhar de cima abaixo em Assail. O cara era tão bem vestido quanto Butch, roupas de alfaiataria, tudo combinando, ajustando-se como se a merda houvesse sido

desenhada em seu corpo. Por trás dele, um par de caras idênticos estavam parados, lado a lado. O fato de que também usavam folgadas roupas pretas, duh.

Ele só podia imaginar o poder de fogo que havia escondido sob aqueles casacos.

— Pensei que viria sozinho, — disse ele.

— Seu Rei queria conhecer minha equipe. Aqui estão, meus primos.

Rhage se inclinou. — Esta não é sua equipe inteira, é?

— Posso te garantir que estes dois são os únicos que uso.

Rhage deu um passo para trás e indicou para entrarem no vestíbulo. — Preciso revistá-los.

— Estamos armados até os dentes.

— Não brinca.

Quando os três entraram um após o outro, Rhage apontou para uma imensa bandeja de prata na mesa, sob um espelho dourado. — Coloque-as ali. E certifiquem-se de se livrarem de todas as armas. Se eu achar algo, vou ficar muito puto.

Clink... Clink... Clink... Clank... Clank...

Rhage não queria ficar impressionado, mas, tinha de lhes dar algum crédito. Belas armas e muitas lâminas afiadas.

— Você primeiro. — disse para um dos gêmeos.

O outro deu um passo à frente. — Comece por mim. Meu irmão é um pouco agitado.

— Com é? Será que não li o memorando onde te nomearam o chefe, saco de bosta? — Ele meneou a cabeça na direção do Sr. Impaciente para que se aproximasse e o revistou. — Pronto, agora quer um pirulito por ter sido tão corajoso? Agora você, com a sua lista de exigências, venha aqui.

Ele despachou o número dois, e então se aproximou de Assail, que estivera assistindo ao show como uma cobra.

— Belo perfume. — Hollywood murmurou ao jogar os braços do cara para cima, e começar a apalpar um tórax surpreendentemente musculoso. — Onde conseguiu estes, toma bomba?

— Você é sempre assim, rude? — Assail perguntou, em um tom enfasiado.

— Você é a segunda pessoa a me perguntar algo assim nas últimas quarenta e oito horas. — Ele chutou os chiques sapatos italianos do cara para afastar mais

as pernas. — Se tem um problema comigo, registre uma queixa no setor de departamento pessoal.

— Quanto profissionalismo.

Rhage endireitou-se após revistar a parte inferior do corpo do cara. — Para sua informação, Vishous, filho de Bloodletter é nosso chefe de RH. Ele prefere reclamações feitas pessoalmente. Boa sorte com isto.

Terminado com os três, ele dirigiu-se até as portas fechadas da sala de audiências, sabendo que o seguiriam. Abrindo bem as portas, afastou-se para o lado e viu os filhos da puta entrarem um atrás do outro.

— Assail. — Wrath resmungou. — Nos encontramos de novo.

— E desta vez, sem tiros, — o traficante respondeu.

— Por enquanto. — Um dos Irmãos murmurou.

Os olhos de Assail passaram pela multidão reunida. — Bela proteção você tem aqui.

Wrath deu de ombros. — Eu tinha a escolha de colecionar eles ou bibelôs de porcelana. Foi uma escolha difícil.

— A que devo a honra desta intimação de comparecimento?

— Rehv? Explique você, já que conhece o assunto.

O devorador de pecados se afastou da lareira e sorriu como se estivesse a ponto de devorar algo. — Temos motivos para acreditar que você esteja participando do mercado de drogas em Caldwell.

Assail não hesitou. — Eu jamais escondi meus negócios.

— Já viu isto antes?

Quando Rehv jogou um pacote no ar, Assail pegou a coisa e analisou. — Heroína.

— O símbolo é seu, não é?

— Quem disse?

Rhage falou. — Encontramos alguns destes com um *lesser* no clube que por acaso pertence a um amigo nosso.

Wrath sorriu friamente ao abaixar a mão para acariciar o pelo dourado do seu cão-guia. — Então você pode ver como isto nos coloca em uma situação estranha. Você está usando um inimigo para distribuir seu produto. Não está?

De novo, Assail não demonstrou qualquer reação. — E se estiver, qual o problema?

— Você está enchendo o bolso deles de grana.

— E...? Daí?

— Não seja fodidamente ingênuo. Com que porra você acha que irão gastá-lo?

— Noite passada, — Rhage disse, — nos metemos em um fogo cruzado entre o Bando dos Bastardos e alguns *lessers*. Adivinha o que os mortos-vivos estavam ostentando? AK-47. É a arma com maior poder letal que já vimos nesta cidade desde os ataques.

Assail deu de ombros e ergueu as mãos. — E o que isto tem a ver comigo? Sou um homem de negócios...

Wrath endireitou-se na poltrona. — Seu *negócio* está pondo em risco a vida de meus garotos. E isto me tira do sério, imbecil. Então o seu *negócio* passa a ser meu.

— Você não tem o direito de me impedir.

— Se vocês três não conseguirem sair daqui vivos, acho que será fim de jogo, não acha?

Em uníssonos, cada irmão na sala sacou uma adaga. Rhage preparou-se para algum tipo de explosão, mas, Assail continuou tão frio quanto um pepino. Ele não se agitou, não piscou, não tentou justificar. Talvez o filho da puta não tivesse sistema nervoso central.

— O que você achou que iria acontecer, — Wrath disse, — quando eu descobrisse? Achou que eu só ia deixar a porra desse conflito grande correr solto?

Houve um grande período de silêncio.

Finalmente, Assail baixou a cabeça. — Está bem. Eu vou parar negociar com eles.

As narinas de Wrath se expandiram como se avaliassem o aroma do macho. Um momento depois, disse, — Bom, agora dá a porra do fora daqui. Mas, saiba que se eu encontrar qualquer merda destas em um *lesser* sequer, vou atrás de você e não vai ser para conversar.

Rhage franziu o cenho, mas quando Wrath indicou a saída, abriu a porta e observou os três saírem, irem até as armas misturadas na bandeja e sanarem sua deficiência de ferro. Então, saíram pela porta e da propriedade.

— Ele mentiu. — Wrath disse, de forma sombria.

— Sabia que estava fácil demais. — Rhage murmurou. — Por que permitiu que fossem?

— Quero que vão atrás dele. — Wrath indicou Rhage e V. — Os dois. Se matarmos Assail agora, não encontramos o seu fornecedor e não temos como garantir que a Sociedade Lessening perca todo o acesso ao produto. Siga aquele filho da puta, descubra onde ele consegue aquela merda, e então faça com que o inimigo não tenha nada para vender em Caldwell. — O Rei inclinou-se para frente em sua cadeira. — E então, ponham uma bala no peito de cada um daqueles três.

— Sem problemas, meu senhor. — Rhage olhou para V, que acenou de volta. — Considere feito.

Capítulo QUARENTA E NOVE

Movendo-se rapidamente, mas não rápido demais, *maichen* percorreu os corredores vazios do palácio, em direção à câmara ritual da Rainha. De tempo em tempo, passava por guardas, outras serviçais, mesmo um Prime ou dois. Ninguém prestou atenção alguma nela.

Porque estava escondida sob o disfarce de seu humilde *álter ego*.

Se qualquer um deles soubesse quem estava sob aquele manto azul pálido, seria uma grande comoção.

Ao invés disto, quando chegou ao seu destino, os guardas parados à esquerda e à direita mal olharam para ela. Eles estavam exaustos, no final de seus turnos, e era por isto que aquele horário havia sido bem escolhido.

— Limpeza para a Rainha. — Disse ela, com uma reverência respeitosa.

Eles abriram a porta, e ela esgueirou-se para dentro.

O espaço sagrado era todo de mármore preto, do chão ao teto, e não havia nada que diminuísse o perturbador efeito de estar rodeada por toda aquela brilhante *escuridão*: não havia tapetes, móveis, somente alguns armários embutidos no canto onde a comida era armazenada e substituída. A iluminação vinha de lamparinas com chamas nos pavios, os óleos especiais sendo consumidos lançavam um brilho verde esbranquiçado.

Ela não olhou em volta. Ela há muito havia aprendido a não fazer isto.

Havia algo aterrorizante no quarto, especialmente se passasse um tempo considerável nele. Quanto mais se sentasse em seu confinamento, mais se perdia o senso de orientação, até não ter mais certeza se as quatro paredes e tudo embaixo e acima havia desaparecido e você se localizava no meio de uma grande noite escura, suspensa sem gravidade, em outra dimensão que não se sabia se jamais te libertaria.

Ela odiava aquele aposento.

Mas, havia sido compelida a ir ali.

Sua mãe, a Rainha, sentava-se no centro de tudo aquilo, virada para o norte, vestida de negro que cintilava e caía no chão à sua volta, cascadeando desde sua cabeça encoberta, para se unir com o mármore.

Até que parecesse que as pedras haviam se tornado líquidas e tentavam consumi-la.

Sua mãe estava imóvel, nem respirava.

Ela estava em plena meditação do luto.

Aquilo era bom.

maichen foi até o canto e abriu uma das portas do armário sem fazer nenhum ruído. Nenhuma das refeições que haviam sido deixadas ali mais cedo foi tocada. Outro sinal positivo.

Em menos de uma hora, à meia-noite, o Sumo Sacerdote, AnsLai, se apresentaria ali junto com o Astrólogo Chefe e executariam rituais, onde fragmentos de meteoritos seriam esmagados e consumidos em chás sagrados, como modo de comungar com as estrelas que determinavam tudo para os Sombras. Então haveria derramamento de sangue e a cópula ritual. Após isto, a Rainha seria deixada novamente para se afastar das coisas terrenas, e encontrar consolo para seu sofrimento.

Sofrimento?

Era difícil acreditar que a fêmea realmente sentisse qualquer coisa por aqueles a quem dava à luz.

Agora, certa de que o ritual estava ainda em progresso, de fato, *maichen* recuou até a porta. Antes de atravessá-la, olhou para a mãe. Sua vida inteira, ela vira a fêmea somente em ocasiões formais, quando *maichen* era trazida para ser exibida na corte cheia de nobres bem vestidos, mais como um vaso precioso ou obra de arte. Preservada para aquelas exposições, que eram para o bem do Território, ela vivia em aposentos sagrados, cercada de guardas.

Ela jamais havia sido visitada pela fêmea que, imediatamente após o parto, havia a entregado para uma equipe especialmente treinada, naquela suíte de quartos que era uma prisão.

Era assim a vida da Princesa do s'Hisbe.

Mas, ela havia encontrado um modo de fugir.

E andara vagando pelo palácio desde então, disfarçada de serviçal, uma sacerdote menor, mesmo um astrólogo.

maichen esgueirou-se e energicamente se afastou.

Nada como descobrir que s'Ex, o amante favorito da mãe, tinha um encontro com duas fêmeas humanas, quem ele, evidentemente, havia trazido escondidas,

provavelmente pela entrada traseira. *maichen* não tinha intenção de descobrir o segredo dele, mas ela havia descoberto que havia uma fresta no alto do muro, e aprendera que, caso se desmaterializasse ali, poderia viajar pelo sistema de aquecimento e dutos de ar-condicionado.

Por um período, aquilo não passou de um jogo para passar o tempo, e não havia descoberto nada com sua espionagem. Mas, uma noite, aquilo mudara, quando, em sua forma Sombra, ela havia olhado para baixo através de uma das frestas, e tivera sua primeira e única visão do ato sexual.

Embora... Bem, havia uma porção de partes de corpos.

Ela não tinha muita certeza do que tinha visto.

Ela deve ter feito algum barulho ou algo assim, porque s'Ex havia congelado e olhado para cima, encontrando seu olhar, mesmo enquanto as humanas continuavam a se mover e se esfregar nele...

s'Ex viera à sua cela logo depois, e eles fecharam seu pequeno acordo. Em troca de não revelar o que havia visto e de não mais usar os sistema de ventilação, seria permitido a ela sair dos aposentos, desde que ficasse dentro do palácio e sempre se disfarçasse.

A indiscrição de s'Ex bem podia lhe custar a vida: os Sombras acreditavam que o sexo era um ato sagrado. E a Rainha teria ficado furiosa de saber que certas partes do corpo dela haviam sido, tecnicamente... Expostas... Às partes de corpos de *humanas* por conta dos deslizes de s'Ex.

Supostamente, aquele macho deveria ser somente dela. Todo mundo sabia daquilo.

E aquelas mulheres humanas? Era mais ou menos como estar com ovelhas naquela cama dele.

Conforme *maichen* caminhava, percorrendo corredores, seu estômago começou a revirar. Conforme ia crescendo, lhe havia sido concedida uma privacidade relativa, de forma que ela podia mandar todos os atendentes para fora de seus aposentos... E ela havia exercitado este privilégio mais uma vez aquela noite: antes de ir verificar se a mãe estava, de fato, em ritual de luto, havia dito às suas servas para saírem do quarto, já que estava exausta do estresse e desejava um pouco de privacidade enquanto executava a sua parte do ritual.

Nenhuma delas havia questionado. E ninguém voltaria até o amanhecer. Seria fácil usar o sistema de tubulação para escapar para o mundo. Encontrar com o irmão de seu destinado.

E...

Bem, ela não sabia o quê.

Estrelas do céu, ela ia mesmo fazer aquilo? Ela não estava exatamente certa de saber onde ficava a cabana que ele havia mencionado.

Não, isto era tolice. Estúpido. Descuidado...

Uma imagem de iAm em pé, nu à sua frente, transpassou-a. Quando seu corpo começou a se esquentar de dentro para fora, ela percebeu que, apesar de tudo o que sua mente estava lhe dizendo, sua carne ia fazê-la ir.

Ela iria... Deus a ajudasse... Estava indo.

E lidaria com as consequências, quais pudessem ser, mais tarde.

Capítulo CINQUENTA

Trez precisava admitir: em se tratando de Storytown, ele só era bom nos brinquedos de criancinhas. Coisas como Xícaras Malucas, e o Rabo do Dragão, que eram passeios em que não se elevavam do chão e mal causavam uma brisa no rosto, e a porra do carrossel, com sua música de elevador e aqueles cavalos e unicórnios de assento duro, empalados, subindo e descendo.

Falando em empalação e movimentos repetitivos...

— Está pronta para ir para casa? — Ele perguntou.

Selena olhou para ele. — Estou. Foi tão divertido.

— Eu sei, certo? Melhor noite da minha vida.

Ela se inclinou para o corpo dele, dando-lhe um apertão. — Isto não é totalmente verdade. Achei que você ia enlouquecer naquela montanha-russa.

Ele parou. Virou-a para ele. Afastou o cabelo do rosto dela. — Eu estava com você. Então foi perfeito.

O beijo era para ser um daqueles gestos de “eu-venci-a-discussão”, uma afirmação rápida de que estava certo no que dizia. Mas ele vinha desejando-a a noite inteira e, antes de perceber, ele teve de erguê-la, os seios espremidos contra seu peito, os quadris agarrados por suas mãos, a língua acariciando a dela.

— Quer sair daqui? — Ele resmungou de novo.

— Sim, — ela disse, contra a boca dele.

Provavelmente já era mesmo hora, pensou, com uma rápida verificada no relógio. — É, já são onze e quinze.

Mesmo que seu pau estivesse ansioso para mandar ver, ele não quis perder a caminhada até onde o carro estava estacionado. Com o braço em volta dos ombros dela, e os passos sincronizados, percorreram os caminhos de volta por todos os brinquedos onde andaram, passaram pela mesa azul de piquenique onde comeram o cachorro quente e hambúrguer, pela barraquinha de algodão doce onde haviam comprado um cone grande açucarado azul, estilo cabelo da Marge Simpson, que ofereceram um ao outro, aos pedaços.

— Faltou um bichinho de pelúcia... — disse ele.

— Comprar um? Oh, eu não preciso...

— Não, ganhar um para você. Tipo, em um estande de tiro ao alvo.

Ela lhe deu um olhar por sob as pálpebras. — Eu sei como pode se redimir. Lembra-se de comer aquele algodão doce?

— Sim...

— Sua língua pareceu muito jeitosa...

Enquanto todo tipo de imagens sagradas do corpo dela nu com as coxas separadas o atingiam, teve de se perguntar se não haveria um motel no caminho para casa.

— Deus, queria que fosse verão... — ele grunhiu.

— Oh?

— Daí eu poderia te levar para um canto escuro e baixar essas suas calças.

— Você poderia fazer isto agora, sabe.

Ele parou. — Está frio demais.

— Está? — Ela pegou as mãos dele e puxou-o — Olhe ali. Não há luzes. Estaremos abrigados.

Estariam mesmo, o Centro de Visitantes, cujas luzes estavam apagadas, pois o parque estava fechado e só abria para eles, era uma instalação em forma de estrela, com entradas múltiplas irradiando do corpo central, criando bolsões de escuridão densa e privativa.

— Ninguém vai ver, — ela sussurrou, contra a garganta dele.

Sem nenhuma luz exterior, o canto para o qual ela o levou estava preto como carvão, e o sexo dele despertou antes mesmo do cérebro. Virando-a para encará-lo, beijou-a com força e pressionou-a contra a divisória pintada, as mãos explorando sob a parka e em busca dos seios. Seus mamilos ficaram eriçados ao beliscá-los por cima do sutiã e blusa, provocando e acariciando-os enquanto enfiava as suas coxas entre as dela.

— Porra, eu quis fazer isto a noite toda. — Ele disse antes de tomar os lábios dela de novo.

Ela estava quente e fluida sob suas mãos e contra seu corpo, pronta, tão fodidamente pronta, assim como ele. Ele queria-a totalmente nua, havia algo fodidamente excitante na ideia dela nua e ele totalmente vestido; além disto, seria capaz de tomar seus mamilos nos lábios. Mas, estava frio demais para isto e, além disto, tinha em mente uma rapidinha naquele lugar escondido, desde que

ninguém mais pudesse vê-la naquele estado, toda gloriosamente desnuda e gostosa como o inferno.

O macho vinculado nele poderia resolver despedaçar algum pobre Bom Samaritano humano com as presas.

Não exatamente o final romântico para a noite que ele tinha planejado.

Suas mãos desceram até a cintura das calças dela e rapidamente desabotoaram, baixaram o zíper e fizeram deslizar. Elas eram apropriadas para serem usadas com botas, ainda bem, então uma das pernas deslizou pelo sapato dela, sem enroscar, como um sonho.

— Quer que eu tire as calcinhas? — Ela perguntou com a respiração pesada.

— Não, vou te foder com elas.

E assim fez. Ele agarrou o traseiro perfeito dela e suspendeu-a do chão, enroscando-a ao redor de seus quadris. Acariciou-a por trás, sentindo como estava pronta, como estava quente, como estava desesperada.

Ele queria passar a noite toda ali. Ao invés disto, afastou a delicada peça de seda para o lado e...

— Oh, Deus, *Selena*... — ele sibilou.

Úmida e quente, apertada e vital, a penetração o abalou e o manteve firme ao mesmo tempo. Quando começou a se mover, segurou-a pelo traseiro e puxou-a para frente e para trás. O cabelo dela estava em seu rosto; o aroma em seu nariz; ela era uma maré esmagadora na qual ele desejava se afogar.

Mais rápido. Mais forte.

Ela gozou primeiro e ele amou aquilo, os movimentos internos rítmicos ordenhando-o ainda mais. E, então, ele também se jogou na montanha-russa onde queria andar por toda a eternidade, seu pau espasmando por dentro dela, o orgasmo levando-o a uma união de almas.

Ao acabarem, ele arfou contra ela até começar a se preocupar por estar sufocando-a. — Sinto muito.

— Mmmm. — Ela buscou sua boca, sugando seu lábio inferior e mordiscando-o — Mais.

Instantaneamente, ele ficou pronto de novo, mas, mesmo quando seu quadril já começava a ondular, teve de parar. — Em casa. — Ele grunhiu. — Precisamos fazer isto em casa.

— Ainda preocupado com o frio? — Ela murmurou, correndo uma presa pela mandíbula até a jugular dele. — E aqui estou eu, me sentindo tão quente.

Trez gemeu e cambaleou nas botas. — Sou guloso. Quero mais acesso a você do que consigo aqui.

O riso dela foi como uma carícia sobre sua pele nua. — Então, definitivamente, me leve para sua cama.

Foi difícil ajudá-la a voltar a vestir aquelas calças. Particularmente ao se ajoelhar no chão e ficar cara a cara com o sexo dela.

Cerrando os dentes, de alguma forma, ele conseguiu vesti-la e guardar o próprio pau atrás do zíper sem dar uma de homem das cavernas para cima dela. Então saíram apressados e deselegantemente das sombras, com cara de “não estou fazendo nada demais”, antes de trazê-la de volta para o seu lado.

— Isto foi tão incrível, — ela sussurrou. — Ainda consigo senti-lo dentro de mim.

Trez começou a andar engraçado. Era isto ou quebrar um órgão que seria impossível engessar.

Ao chegarem ao carro, já estava calculando o tempo estimado exato de viagem até seu quarto, assumindo que ele fosse a duzentos e cinquenta quilômetros por hora.

Ei, era um Porsche, certo?

Abrindo a porta para ela, ele ajudou-a a sentar e fechou a porta, e então correu para o para o lado do motorista. No segundo em que sua bunda atingiu o assento, ligou o motor.

— Oh! Frio! — Ela gritou.

O aquecimento estava ligado quando ele desligara tudo, e agora aquele sopro poderoso estava fazendo-os congelar. Ambos se inclinaram para frente, apertando vários botões e alavancas...

Música explodiu pelo sistema de som do carro, graças à estação de rádio Sirius, e antes que ele pudesse desligar a coisa, começou a tocar a música “Hold You Down”, do DJ Khaled.

— Espere, — ele disse. — Não, deixe tocar.

Saiu do carro, e voltou novamente para o lado dela, abriu a porta e estendeu-lhe a mão. — Dance comigo.

— O que?

— Dance comigo, minha rainha.

Arrancando-a do assento, levou-a para frente do Porsche, para a luz dos faróis, puxando-a para bem perto. Juntos dançaram, os corpos se movendo lentamente com os dedos entrelaçados, a batida transformando o estacionamento e a área aberta do parque de diversões em um salão de baile particular.

— Para sempre... — ele murmurou contra ela, cantando. — Eu te abraçarei...

Trez baixou a cabeça até pousá-la sobre o ombro dela, de modo que seu corpo muito maior estava todo em volta dela, envelopando-a, protegendo e amando-a.

Juntos, dançaram de um lado para outro, à luz dos faróis.

Da torre de segurança, iAm observou o irmão retirar novamente Selena do carro e levá-la para frente do veículo. Não havia como saber a música que estava tocando, e também não importava. Só observar os dois juntos, se movendo como um só, ao som da música, abraçando-se tão fortemente, era suficiente.

iAm precisou esfregar os dois olhos para poder clarear a visão.

Era malditamente difícil olhar.

Virando-se para o outro lado, perambulou em volta do espaço apertado e pensou no quanto Trez devia ter odiado subir tão alto, com nada além da visão panorâmica e a queda para o chão no que se concentrar. O macho sempre odiara altura, a ponto de ter sido um milagre conseguir convencê-lo a comprar um apartamento no décimo oitavo andar do Commodore.

Ele estava observando a montanha-russa quando, alguns minutos depois, seu celular vibrou no bolso da jaqueta de couro. Ele tirou a coisa.

Hora de ir. Era só o que a mensagem dizia.

Quase imediatamente uma segunda chegou, de seu irmão: *Muito obrigado.*

Trez nunca escrevia palavras completas em mensagens de texto. Então, ele realmente devia estar sendo sincero.

iAm hesitou na resposta. Então mandou : *Feliz em ajudar. Vj vc em casa.*

la guardar a coisa no bolso de novo, quando hesitou, pensando em enviar um: *Prcls rslvr umas coisas.*

Era uma mensagem que já enviara um milhão de vezes nos últimos anos. E de fato, estava sendo sincero. Ia verificar o restaurante e os clubes, como estavam funcionando, se alguém precisava de alguma coisa.

Era exatamente o que precisava fazer em seguida. E exatamente o que o impediria de ir àquela maldita cabana.

Hora de ir.

Sem ninguém mais ao redor para testemunhar o ato, ele estava livre para se desmaterializar para onde estacionara o BMW X que ele e o irmão dividiam. Um momento depois, o Porsche foi liberado pelo portão lateral e ele o seguiu a uma distância discreta, pelo estacionamento vazio de dois acres... Assim como Manny, em uma ambulância convencional.

Em todo o caminho de volta ao Complexo da Irmandade, iAm manteve em mente aquela imagem de seu irmão e Selena, os dois dançando na frente do carro, como um casal de adolescentes.

Que pena estarem em um livro do John Green.

Quantas noites mais eles teriam, se perguntou.

Merda, ele se sentia mórbido pensando assim, mas havia um relógio correndo. Com cada hora que passava, era mais provável que Selena tivesse outro surto.

E, então, que porra ele ia fazer com o irmão?

Jesus Cristo, Trez ia ficar incontrolável.

Com pensamentos felizes como estes inundando sua mente, perdeu a noção do tempo, e antes de perceber ter cruzado qualquer distância, eles subiam a elevação coberta de *mhis* até a mansão, Manny havia desviado, para entrar com a ambulância pela entrada dos fundos.

Com sorte, Selena jamais saberia das precauções que haviam tomado em relação à ela.

Teria sido broxante. Como poderia não ser?

iAm foi cuidadoso em manter distância ao se aproximarem da última curva em frente à mansão, dando à Trez tempo para levá-la para dentro. Quando finalmente entrou no gramado, foi até a fonte e estacionou ao lado do GTO de Rhage.

Que não ia ficar lá fora muito tempo. O Irmão sempre o levava para garagem nos meses de inverno.

O Porsche de Manny estava na base da escada, com a capota erguida, a chave sem dúvida em vias de ser devolvida ao médico para que também pudesse levá-lo para a garagem do Centro de Treinamento.

iAm desligou o BMW. Saiu e trancou mesmo sem ser necessário.

E ficou parado ali fora.

Olhando para o céu, viu a respiração que saía de sua boca se elevar e desaparecer. Aquela imagem de Trez e Selena dançando, era como um cão com os dentes fincados em sua matéria cinzenta, a memória se recusava a esmaecer; e não era, ele estava envergonhado de admitir, só porque pensava em tudo o que o irmão estava arriscado a perder, ou por ele se preocupar com como recolheria os pedaços do triste bastardo do chão quando as coisas terminassem mal.

Ao invés isto, ele se perguntava...

Merda, ele estava se perguntando qual seria a sensação. De abraçar uma fêmea junto a seu corpo. Ter o cheiro dela em seu nariz e as mãos dela em seu ombro, cintura, quadril. Ele queria saber como era erguer o rosto dela para o seu e...

Okay, ele precisava parar com aquilo.

Porque nada daquilo iria acontecer com ele. Não agora. Não em meia hora, se fosse para aquela cabana. Não daqui uma semana ou um mês...

Como se fosse um sinal, a brisa gelada aumentou de intensidade. Como se o universo quisesse destacar todo o frio e solidão que ele enfrentava.

O som da porta do vestibulo sendo aberta chamou sua atenção. Ele gostava de Manny, mas não precisava do cara saindo para manobrar o carro, encontrando-o ali.

Não era o bom médico.

Trez saía da casa. Descia os degraus correndo. Cruzava o gramado.

Merda.

iAm colocou a mão sobre o celular caso precisasse ligar... A quem porra fosse. — Ei, ela está...

Ele não chegou à parte do “bem”.

Seu irmão o agarrou em um abraço de urso. — Muito obrigado por esta noite.

De início, iAm não soube como responder. Ele e seu irmão não se abraçavam com frequência.

— Eu fiquei tão feliz por você estar lá. Significou muito para mim.

iAm pigarreou — Eu, ah...

Trez apertou mais o abraço.

Cautelosamente, iAm colocou os braços ao redor de Trez. O movimento pareceu esquisito, mas, quando finalmente abraçou o cara em retorno, sentiu o irmão estremecer.

Sinto muito, cara, ele disse, em sua mente. *Eu não queria isto para você.*

O vento frio continuava a soprar, e após um longo momento, eles se separaram.

Trez havia tirado a jaqueta, então enfiou as mãos nos bolsos das calças — Eu recebi sua mensagem. Me sinto mal de ter jogado tudo isto nas suas costas.

— Tudo bem.

— Não está, não.

— Trez, você precisa ficar ao lado dela e tomar conta de sua fêmea. Esta é a coisa mais importante. O resto é só conversa.

Aqueles olhos escuros se focaram em algo acima do ombro esquerdo de iAm. Ou talvez o que quer que estivesse acima de seu ouvido.

— Eu realmente não sei porque você está aqui fora, perdendo tempo comigo. — iAm murmurou.

— Você merece muito mais do que isto.

— Acontece que eu gosto do meu emprego no Sal's.

Seu irmão fitou-o fixamente. — Não é o que quero dizer, e você sabe.

iAm juntou-se ao clube de *Enfiadores de Mãos nos Bolsos Anônimos*. — Chega de falar. Volte para sua fêmea.

Trez era um teimoso filho da puta, capaz de atos tremendos de negação. Mas iAm, como sempre, convenceu-o.

O macho se virou, mas, andou somente metade do caminho até a entrada da mansão, antes de parar e olhar por sobre o ombro.

— Não desperdice sua vida inteira comigo, okay? — Trez balançou a cabeça.

— Eu não valho a pena, e você merece muito mais do que isto.

iAm revirou os olhos. — Pare de pensar. Volte a andar.

— Pergunte a si mesmo o que será de você quando eu me for. Se for honesto, não acho que vá gostar da resposta mais do que eu gosto. E poupe-me dos seus “tudo-vai-ficar-bem”. Nenhum de nós é tão ingênuo.

— Por que está se distraíndo com isto? Sério, Trez.

— Não é uma distração. É o tipo de merda que te come vivo quando se ama alguém.

Dito isto, Trez continuou a andar, subindo os degraus de pedra e desaparecendo através da porta do vestíbulo.

Am fechou os olhos e se apoiou no SUV. Ele não precisava daquele pequeno monólogo do irmão na sua cabeça naquela hora. Ele realmente não precisava.

Capítulo CINQUENTA E UM

As mãos de Selenia estavam rígidas.

Em pé, perto do balcão da cozinha da Irmandade, ela tentava abrir uma lata de Coca, e viu que seus dedos se recusavam a agarrar o lacre direito. Ao invés de puxar a aba de metal para liberar, eles tropeçavam no topo.

Enquanto todos os tipos sinais de aviso soavam em sua cabeça, controlou o pânico, lembrando a si mesma que havia passado três horas no frio, sem luvas.

Fazendo alguns exercícios de abrir e fechar as mãos, ela soprou-as, então balançou os braços. Estalou os dedos. Tentou não começar a procurar por outros problemas em outros lugares do corpo.

Pessoas com a sua doença ainda podiam ter início de hipotermia.

Ela encarou a lata de novo, seu coração trovejando enquanto observava a uma grande distância, ao tentar o lacre de novo. Ela olhou para suas mãos e dedos desapaixonadamente, como se fizessem parte do braço de outra pessoa, se movessem pela ordem do cérebro de outra pessoa.

Crack! Fizz!

Ela exalou e teve de se apoiar no granito para se firmar.

— Você está bem?

Encobrimo o alívio, sorriu quando Trez entrou, vindo da sala de jantar. — Só estava pegando um refrigerante. Estou com sede.

— Como está o seu estômago?

— Muito bem. E o seu?

Quando ele se aproximou, ela teve a impressão de que ele também escondia alguma coisa. E foi um choque descobrir que, apesar de seu discurso de ser a grande mantenedora da verdade após seu último Aprisionamento, ela queria que ele mantivesse o seu segredo, do mesmo modo que queria manter o dela: eles tiveram uma noite tão maravilhosa; a última coisa que precisavam era arruiná-la com uma conversa pesada que só exporia problemas que não podiam ser resolvidos, e questões não iam ser respondidas até que fosse tarde demais.

— O estômago está bem.

Ela forçou um sorriso. — Gostaria de subir?

— Seria ótimo.

Pegando o refrigerante, ela aceitou a mão que ele ofereceu a ela e saiu com ele pela sala de jantar e para o saguão. A casa estava essencialmente vazia, os Irmãos no trabalho, Wrath atendendo aos civis, Beth, Marissa e Mary no Lugar Seguro, Bella de babá do P.W. e de Nalla lá em cima no novo berçário, os *doggens* cumprindo suas funções.

Tudo aquilo ia continuar, ela pensou, quando se fosse. Todas as portas se abrindo e se fechando, cardápios seriam planejados e consumidos, pessoas viveriam suas vidas.

Querida Virgem Escriba, ela queria ficar com eles. Ela não queria partir para o que bem poderia ser um nada absoluto, uma completa dissociação de quem ela era e o que lhe importava agora e de como se sentia e o que pensava.

Desapareceria. Não restaria nada.

Ela havia sido treinada, na verdade, programada, para acreditar na vida após a morte, para servir à Mãe da Raça e aderir às tradições que nem estabelecera, nem se voluntariara para seguir. E tudo aquilo, sem questionar.

Chegando agora, ao fim da vida, ela desejava ter questionado, desafiado e elevado a voz.

Tanto tempo desperdiçado.

Quando começou a subir as escadas com Trez, pegou-se imaginando por que, se existe um Fade e as pessoas continuavam lá em cima; por que então a Virgem Escriba demandava que tudo na Terra fosse registrado no Santuário? Por que todos aqueles volumes e volumes de vidas vividas... Se após a morte as pessoas ainda existiam, só que de forma diferente?

Era preciso preservar somente o que era perdido.

Seu coração começou a trovejar, um súbito terror a dominou...

— Oh, merda. — Trez suspirou.

Claramente ele leu sua mente. — Não sei o que estou pensando. Provavelmente besteira...

Ele estendeu a mão livre para o corrimão e oscilou.

— Trez! Qual o problema?

— Merda. Porra. — Ele olhava para ela, mas, seus olhos estavam fora de foco. — Pode me ajudar a chegar ao quarto? Não consigo ver...

— Querida Virgem Escriba, vou chamar a Dra. Jane!

— Não, não, é só uma enxaqueca, — ele endireitou-se com a ajuda dela. — Não tenho muito tempo. Tenho de subir para um quarto escuro e deitar.

— Vou chamar a Dra. Jane...

— Não, como já te disse, tive essas crises a vida toda. Eu sei o que está por vir. Vai ser o inferno por oito horas, mas não pode realmente me machucar.

Selena tentou apoiar o máximo do peso dele que conseguia, enquanto cambaleavam até o patamar do segundo andar e então seguiam para a porta que levava ao terceiro andar. Seu corpo grande se movia com lentidão, e a certa altura, ele desistiu totalmente de tentar enxergar, aqueles olhos dele se fecharam.

De alguma forma, ela conseguiu levá-lo ao quarto e à própria cama.

— A escuridão vai ajudar, — ele disse, colocando o antebraço sobre o rosto. — Pode aproximar aquela lixeira?

Andando pelo quarto, ela apagou todas as luzes, exceto a do banheiro e certificou-se de que houvesse um recipiente perto da cama. — Quer que eu tire suas roupas?

— Okay. Sim.

Não era exatamente a experiência pela qual ela estivera ansiando, mas então, seu humor já estava arruinado mesmo antes daquilo. E quando ela cumpria a tarefa, ela foi oh, tão cuidadosa com ele, ajudando-o com a jaqueta, então tirando as botas e meias e livrando-o das calças.

— Eu vou ficar de camiseta. Não tenho energia para tirar, — ele pegou a mão dela e a fez sentar-se ao seu lado. — Não é a maneira que eu imaginei terminar a noite.

Ela beijou a palma da mão dele. — O que mais posso fazer por você?

— Só me deixe deitado aqui pelas próximas seis ou oito horas. E não se preocupe, como eu disse, tudo isto da dor de cabeça à náusea, é normal. Infelizmente.

— O que causa estas crises?

— Estresse.

— Quer que eu ligue para o iAm?

— Merda, não. Ele já tem muito problema na cabeça. Na verdade, acho que é por causa dele que fiquei assim.

— Tem algo errado com ele?

Quando Trez silenciou, ela quis pressionar, mas ele estava doente.

— Você não precisa ir, — ele disse.

— Não quero te perturbar.

— E não vai. — Ele esfregou sua mão com as dele, e os lábios, a única coisa que estava à mostra, abriu-se em um sorriso. — Amo suas mãos. Eu já te disse isto, não? São tão suaves e macias... Dedos longos...

Um pouco mais tarde, ele exalou um gemido suave, sua boca contorcendo, o corpo tenso. E então, começou a engolir.

— Preciso que você saia, — ele murmurou. — Desculpe... Não quero que veja isto...

— Tem certeza...

— Por favor. *Agora*.

Era a última coisa que queria fazer, mas levantou-se. — Estou por perto, okay? Não vou sair da casa. Me chame se...

Ele se inclinou para o lado e buscou o balde. Pairando por sobre a coisa, abriu os olhos e fitou-a com um olhar esgotado. — Você precisa sair agora.

— Eu te amo, — ela disse, correndo para a porta. — Queria poder ajudar.

Ela não teve certeza se ele ouviu esta última parte, ao se esgueirar para fora, e bem quando fechou a porta, os sons dele vomitando a fizeram estremecer.

Por uma fração de segundo, pensou que podia acampar no corredor em frente à porta. Mas, então, enquanto debatia aonde iria se sentar no chão, percebeu que não conseguia largar a maçaneta.

Sua mão havia congelado no bronze.

— É claro que não vou parar. Não seja burro.

Enquanto falava com seus primos na cozinha da casa de vidro, Assail estava em um péssimo humor, e afundava cada vez mais na ira diante do interrogatório de Ehric.

— Mas o Rei...

— Não tem nenhum direito de interferir nas questões de comércio que concerne a humanos, — ele convenientemente evitava pensar ou comentar a questão sobre o conflito de interesses. — E não tenho intenção nenhuma de obedecer àquela ordem dele.

— Então o que vai fazer?

— Ele vai nos vigiar. É o que eu faria se fosse ele. Quero que vocês dois avisem meu sócio. Nós suspenderemos as operações por um breve período e faremos um reconhecimento.

— Está bem.

Após os dois saírem, ele ficou na cozinha de forma que, qualquer Irmão que estivesse vigiando a casa o tivesse em visão plena. Retirando o seu vidrinho de cocaína, descobriu que estava, de novo, quase vazio, mas pelo menos havia o suficiente para um “tiro”.

Quando terminou de inalar, dirigiu-se ao escritório do outro lado de sua casa. Ali também havia janelas de vidro, e ele acendeu a luminária da mesa para que pudessem mantê-lo sob vigilância. Sentando-se, olhou para a pilha de papéis que produzira. Contas de investimento. Contas de corretagem. Grana nos Estados Unidos e no estrangeiro.

Aumentando, aumentando, aumentando.

A fortuna ao seu dispor havia tido uma guinada há cerca de um mês, o dinheiro lavado nas Ilhas Cayman transferido para contas mais legais entre o Reino Unido e Suíça.

Tanto dinheiro, e todo montante acumulando juros, dividendos e apreciação.

Quando começara no negócio das drogas, logo após chegar à América, vindo do Antigo Continente, há cerca de um ano, ele já vinha bem estabelecido até para seus próprios padrões. Agora, havia o dobro daquele montante em suas várias contas.

Pegando uns papéis aleatoriamente, olhou para o relatório de fechamento de mês. O relatório diário que ficava em seu computador era ainda mais recente.

A despeito de sua riqueza, a ideia de Wrath estar se metendo em seus assuntos o enfurecia até a medula.

Mas, não por um motivo que ele pudesse admitir a qualquer um.

Sem isto... Ele não tinha nada.

O que havia começado como uma extensão de seus negócios europeus, havia crescido até se tornar a *razão de seu viver*, o único propósito que tinha na vida, o único motivo que o fazia sair da cama ao anoitecer, se vestir e sair pela porta.

Para ser justo, ele sempre gostara de ganhar dinheiro.

Mas desde o último inverno...

Praguejando, ele se inclinou em sua poltrona de couro e colocou a cabeça entre as mãos. Então sem olhar, ele remexeu no bolso da jaqueta e pegou o celular.

Ele há muito, havia memorizado o número de Sola. Mas não tinha ligado. Não desde que ela se mudara com a avó, de Caldwell para Miami. Não desde que ela saíra dali exatamente para fugir do tipo de vida criminosa que ele levava.

Em seu telefone, acionou o teclado digital numérico. Como havia feito tantas vezes antes, ele apertou a sequência de dez números, um após o outro, os dedos seguindo o padrão conhecido.

Não, ele não tinha ligado. Mas, regularmente, fazia isto: dez dígitos que estavam longe de serem aleatórios para ele, discados em seu celular... E deletados antes de apertar o botão verde.

Se o Rei tirasse seu modo de vida? Então, ele não teria porra nenhuma para fazer, exceto encarar o fato de que a única mulher que desejava, estava totalmente fora de seu alcance.

Mulher. Não fêmea.

Ela era humana, não vampira. Inferno, ela nem mesmo sabia que vampiros existiam.

E aquele era o problema. Mesmo que ele parasse com o negócio das drogas? Não era como se pudesse ir até Miami, aparecer na frente da porta dela, e chegar tipo, *Ei! Vamos retomar de onde paramos!*

Não ia acontecer... Porque cedo ou tarde, a espécie dele ia descobrir e então para onde eles iriam?

Por alguma razão, a imobilidade e silêncio de sua casa de vidro pesaram, lembrando-lhe exatamente quão sozinho ele estava, e ficaria se parasse com os negócios. Inferno, seus primos não iam ficar contentes em vê-lo sentado por aí, lamentando a fêmea por quem não estavam apaixonados, ele os perderia também.

Deus, ele era bem patético, não era?

Resumindo, o que ele iria fazer?

Com a cocaína borbulhando em suas veias, seu cérebro fez uma matemática básica baseada em uma ideia totalmente absurda.

Que ainda assim, oferecia-lhe uma bela solução para tudo aquilo.

Endireitando-se em seu assento, franziu o cenho e olhou em volta da sala, seus olhos vagando enquanto seu cérebro desenvolvia o plano. Quando não achou mais falhas, deletou os dígitos de Sola da tela de seu celular e discou para Ehcric. Quando caiu no correio de voz, imaginou que eles ainda estariam desmaterializados.

Um segundo depois, seu celular tocou e ele atendeu, sem se importar em cumprimentar. — Já entregou o símbolo para ele?

A resposta de Ehcric foi abafada pelo vento que soprava rio abaixo. — Acabamos de chegar.

— Espere por ele. Não revele sua posição.

Assail continuou com as instruções e, ao final de tudo, a resposta de Ehcric foi perfeita, — Como quiser.

Assail encerrou a chamada e voltou a afundar-se na cadeira. Respirando fundo, praguejou. Aquilo ia dar um trabalho danado. Mas, era a única solução que parecia haver.

Além disto, o fato de que isto o consumiria por um futuro considerável? Era exatamente o que queria. E se não funcionasse? Bem, então estaria morto e não se importaria com mais nada.

Nem mesmo com a mulher por quem ansiava com cada centímetro do seu corpo e todo o seu coração bastardo e sombrio.

A mãe dela havia acertado com aquele nome dela.

Marisol havia mesmo lhe roubado a alma.

Capítulo CINQUENTA E DOIS

iAm não queria que as palavras de Trez o atingissem mais do que a brisa gelada, quando estava em pé no gramado. Ele planejava entrar, comer algo rápido e esquecer que toda a interação ocorrera. Cuidar de seus negócios. Ir aos clubes e ao restaurante. Cuidar de papelada, assumir o controle, tomar algumas decisões concretas e sólidas.

Ao invés, estava preso no saguão, olhando para cima, para o teto alto que havia sido pintado por algum grande artista. Ele achava que a intenção da pintura era inspiradora: heróis em garanhões veneráveis, guerreando nas nuvens, guerreiros celestiais que eram bravos e fortes e estavam ao lado dos justos.

Mas, toda aquela glória não era o motivo de ele estar em modo de pausa.

O destino de Trez era um jogo de cartas, uma coisa delicada e complicada que teria de ser resolvido pelos dois. Cada movimento que iAm fizesse, teria de ser cuidadoso, deliberado e calculado com o objetivo de sobrevivência.

A sobrevivência de seu irmão.

Ele era um virgem de centenas de anos por causa disto.

Inferno, ele não havia sequer olhado para uma fêmea, tipo, nunca.

Enquanto Trez fodia com elas nos clubes, ou assistindo pornô na TV, ou falando sobre o que havia feito em cima da mesa, no banco traseiro do carro, do lado de fora da porra do estacionamento, iAm jamais teve interesse em nada daquilo.

Ele havia sido um fodido filho da puta.

Um filho da puta *não* fodido, melhor dizendo.

E sim, ele tentara a coisa toda pelo lado gay, imaginando que talvez, pudesse se sentir atraído por homens e machos.

Não.

O que o levava ao ponto de, se não fosse pelo fato de ter de lavá-las todas as noites, ele teria se perguntado se sequer tinha bolas.

“Pergunte a si mesmo o que será de você quando eu me for. Se for honesto, não acho que vai gostar da resposta, mais do que eu gosto.”

Sem estar consciente de ter tomado uma decisão, iAm virou-se e atravessou o vestíbulo. Na varanda da frente da imensa mansão cinzenta, ele parou sob o vento...

... E saiu voando.

Em uma jornada rumo ao seu destino, pedaços do passado o atingiam: Trez escapando do palácio. iAm sendo mantido preso até prometer trazer o macho de volta... Que era a última coisa que ele realmente tinha intenção de fazer. A caçada louca.

A cabana na Montanha Black Snake.

Quando iAm retomou forma, teve uma náusea momentânea ao pousar na estrutura envelhecida, com seu tapume áspero e irregular, suas telhas de cedro e aquela chaminé de pedras que se erguiam do teto como um dente podre. Parecia... Exatamente igual. Bem, não exatamente igual, com as janelas diferentes, arbustos crescendo ou árvores tendo caído ou crescido demais.

Não, por uma fração de segundo, não soube sequer se estava ali agora mesmo ou se tinha voltado ao passado.

Sacudindo-se, andou até a porta da frente. As dobradiças rangeram ao abrir a casa e, pelo menos ele estava melhor preparado para o que viu.

Precisamente o mesmo. Da disposição desleixada dos móveis, ao cheiro de fogo velho, aos esboços dependurados pelas paredes.

Ele fechou a porta atrás de si e circulou, as botas fazendo o assoalho nu estalar e gemer. Perto da lareira de pedra, encontrou um generoso suprimento de toras, achou que os últimos caçadores que usaram o lugar tentaram ser bons cristãos e passaram a bênção adiante.

Suas mãos tremiam ao jogar toras na lareira e agulhas de pinheiro por baixo. Tirando o isqueiro que sempre trazia consigo após ter trabalhado com diversos fogões temperamentais, acendeu a coisa, abanou, e avivou as chamas.

Disse a si mesmo que era perda de tempo e calor. Ela não viria. Não havia jeito de ela vir.

Ele só ficaria por ali por cerca de meia hora, bancando a testemunha para os pensamentos sombrios de seu cérebro que enveredavam em território perigoso, e então apagaria o fogo e voltaria para Caldie.

Os clubes. Ele iria aos clubes primeiro, e então...

O som daquela porta rangendo ao se abrir deixou-o rígido.

O aroma da *maichen* invadiu o interior da sala.

Virando a cabeça em sua direção, ele ergueu os olhos. Lá na porta, estava ela em carne e osso, suas vestes revoando no vento gelado que soprava por trás.

Ela não passava de um fantasma... E sua vitalidade era comovente.

Quando ele olhou para ela, soube exatamente porque ambos tinham vindo.

Capítulo CINQUENTA E TRÊS

Selena andou lentamente pelo longo túnel que levava ao Centro de Treinamento. Um passo de cada vez, da base da escada curta que levava à passagem subterrânea à porta que abria para o armário do escritório. Cada vez que tinha de digitar uma senha para atravessar alguma porta, esperava que a sua consciência a fizesse mudar de ideia. A reviravolta ocorrer. A urgência de dar meia volta se manifestar.

Ao invés disto, acabou não só emergindo na área de trabalho de Tohr, mas, atravessando as portas de vidro e saindo para o corredor de concreto que ficava mais além.

A clínica ficava cerca de vinte e sete metros abaixo, e havia uma coleção de portas anunciando todo tipo de destinos alternativos que se apresentavam: salas de levantamento de peso, ginásio, vestiário.

Seus pés não pararam diante de nenhuma delas.

Não, eles a levaram direto ao único lugar que ela resolvera jamais retornar voluntariamente.

Sua batida foi suave, uma oportunidade para que não houvesse resposta ou por não haver ninguém lá (ponto!) ou por estarem ocupados ajudando a outra pessoa (triste, mas também um alívio) ou tão imersos no trabalho que não a ouviram (o que era como deixar uma mensagem de voz para alguém com quem você nem queria mesmo falar).

Dra. Jane abriu a porta. E fez um recuo estilo *uou-ei!* — Selena, oi.

Ela ergueu a palma da mão, desajeitadamente — Oi.

Houve uma pausa. E então a médica disse, — Está aqui em visita social ou precisa...

— Você deve estar bem ocupada, certo.

— Na verdade, depois de trabalhar quase três dias diretos, eu só estava atualizando os prontuários médicos. — A fêmea lhe deu espaço — Entre, se quiser.

Selena se preparou, pisou na soleira. Tentou desesperadamente não olhar para a maca de exames.

Enquanto isto, a Dra. Jane se afastou e sentou-se em um banquinho rolante, ajustou o jaleco e cruzou as pernas. O uniforme que usava por baixo era azul. Os Crocs eram vermelhos.

Os olhos dela eram verde-floresta. E estavam muito sérios.

Selena começou a perambular, mas, para todo lugar que olhava, só o que via eram gabinetes de aço inox com portas de vidros com instrumentos de tortura dentro. Aturdida, olhou para a porta para o corredor, que estava se fechando sozinha, lenta e silenciosamente.

Como a tampa de um caixão.

— Ei, — Dra. Jane disse, — eu estava mesmo a ponto de esticar as pernas. Quer vir comigo dar umas voltas no ginásio?

— Oh, Deus, sim. Obrigada.

As duas saíram juntas, passando várias portas e muitos, muitos metros de corredores. Ao chegarem ao destino, a Dra. Jane abriu a pesada porta de aço e ligou as luzes do teto.

— Eu sei que é estranho, mas adoro este lugar. — Jane disse. — A madeira com esta bela cor amarelo-mel e tudo cheira a desinfetante cítrico. O que é meio doido porque odeio produtos químicos no ar, ou nas coisas.

Quando a médica iniciou a caminhada em volta das quadras de basquete, Selena teve quase certeza que ela ia a passos lentos de propósito.

Elas seguiram pelo lado curto, embaixo da cesta, e para a curva à esquerda para ao longo das arquibancadas, antes de Selena dizer alguma coisa.

— Eu acho... — Lágrimas inundaram seus olhos e ela percebeu que estava morrendo de medo.

— Temos todo o tempo que precisar. — Dra. Jane disse, suavemente.

Selena limpou os dois olhos. — Tenho medo de falar sobre isto. Como se, caso eu falasse...

— Você está tendo algum sintoma?

Ela não conseguia falar. Mas, viu-se acenando — Eu acho... Sim.

Dra. Jane emitiu um som de *mmm-hmmm* — Quer me dizer quais?

Selena estendeu a mão, a que ficara congelada na maçaneta, e estendeu os dedos. Ao flexionar, abrindo e fechando, sua mente caiu em uma corrida desenfreada de *Será que pioraram? Será que melhoraram? Estão na mesma?*

— Suas mãos? — Quando tudo o que ela fez foi anuir de novo, a Dra. Jane perguntou — Mais algum lugar?

Pelo menos desta vez ela conseguiu negar com a cabeça.

— Você se lembra, — a médica disse, — se quando um ataque veio antes, se teve algum prodromal?

— O que é isto?

— Algum tipo de sinal de alerta?

Selena esfregou os olhos de novo e limpou as mãos nas calças. Trez possuía seu corpo não mais do que meia hora antes. Com uma onda de agonia, ela quis voltar àquele momento, de volta ao tempo antes de sua doença se manifestar.

— Eu não sei. Não me lembro de jamais ter notado algo. Mas, antes... Eu costumava ignorá-lo o máximo que podia. Eu não queria pensar nisto. — Ela olhou para a médica. — Eu sinto muito não ter voltado para vê-la, sabe, depois que eu...

Dra. Jane fez um gesto no ar. — Deus, garota, não se preocupe com isto. Não há regras e você tem de fazer o que sente que é certo. As pessoas precisam controlar as próprias vidas.

— Há alguma coisa que pode fazer por mim? Qualquer coisa... Que eu devesse fazer?

A médica levou um tempo para responder. — Eu vou ser direta com você, está bem?

Ah, sim. Não havia nada a fazer. — Eu agradeceria.

— Nas últimas quarenta e oito horas, muitas pessoas procuraram uma solução. Manny contatou seus colegas humanos. Eu falei com Havers. Rehv foi ao território *Symphath*... E recebi uma mensagem de texto de iAm dizendo que iria ao s'Hisbe.

— Nada?

— Havers só sabia de pacientes que enfrentam episódios isolados, artrites que afetam mãos ou joelhos, quadris ou ombros. Nada com sintomas sistêmicos tão severos como os que você apresenta. Ele trata os pacientes com anti-inflamatórios e analgésicos, mesmo que tenha testado algumas drogas humanas, não teve nenhum resultado relevante na prevenção ou cura. E nem os *Symphaths* ou os Sombras tinham conhecimento neste assunto.

Manutenção. Era o máximo que poderia esperar.

— Pode me dizer quanto tempo eu tenho?

Dra. Jane negou com a cabeça. — Posso analisar seus marcadores inflamatórios. Mas não tenho realmente nada com o que compará-los... E os ataques vêm rápido, pelo que entendo. Isto sugere um surto súbito, como um terremoto.

Elas continuaram a circular o ginásio, descendo, descendo, descendo até o canto oposto, onde havia uma porta onde estava escrito: SALA DE EQUIPAMENTOS E PT.

— Acho que devíamos voltar para você verificar minhas... Sabe, — Selena circulou o ar próximo a ela com a mão, — coisas inflamatórias.

— Podemos, se quiser. Mas, acho que a coisa mais importante é fazer seja lá o que te deixe mais tranquila e calma.

— Está bem. Está certo.

Um momento depois, sentiu a Dra. Jane pegar sua mão e apertar. E ao encará-la, se surpreendeu ao ver emoção no rosto da médica. Essa tristeza austera, uma dor que ia fundo.

Selena fez a outra fêmea parar. — Não é culpa sua.

Aqueles olhos verde-floresta fitaram a cavernosa extensão do ginásio, sem focar em nada — Eu só... Quero ajudar. Quero te proporcionar o restante de seus muitos, muitos e muitos anos de vida. Quero que você viva. E o fato de não encontrar uma solução... Eu sinto tanto, Selena. Sinto tanto... E vou continuar lutando. Vou continuar tentando, buscando...

Pareceu a coisa mais natural do mundo passar o braço ao redor da mulher e abraçar.

— Sinto muito. — Dra. Jane soluçou.

Mais tarde, Selena iria perceber...

... Que aquela era a primeira de suas despedidas.

maichen havia demorado para encontrar a cabana. A Montanha Black Snake havia sido fácil. Lado leste do pico também não havia sido um problema. E detectar o aroma do fogo deveria ser simples, porque mesmo quando em forma molecular, seu olfato era forte e não havia nada mais claro do que fumaça em

uma noite de outono. Ainda assim, havia sido difícil. Ela havia viajado pelo ar, buscando, buscando...

Estava a ponto de virar e voltar, uma tristeza dolorida dominando-a por dentro... Mas então aquela fumaça havia se erguido pela brisa e ela havia disparado em seu encalço, rastreando a força do aroma, focando em sua fonte.

E lá estava a cabana que ele havia mencionado.

Ela havia se aproximado como uma Sombra, permanecendo em sua forma de energia, sobrevoando o chão sujo, contornando a estrutura pequena e simples... Certificando-se de que era, de fato, ele e somente ele.

Retomando forma, se aproximou da porta e bateu. Quando não houve resposta, ela abriu.

Ele estava perto da lareira, agachado, avivando as chamas.

Instantaneamente, o corpo grande levantou-se, e a luz tremeluzente criava uma aura detrás dele.

Quando ela entrou, o vento bateu a porta e a batida a assustou.

— Está frio aqui, — ele disse, rudemente, — estou tentando aquecer.

Vê-lo era suficiente para fazê-la esquecer-se de tudo o que a cercava. Ela podia estar em um deserto, no oceano, em uma calota polar e não teria registrado coisa alguma.

— Aproxime-se, — ele acenou com a mão. — Do fogo.

O corpo dela obedeceu sem hesitação, só que foi até ele que ela andou, não para as chamas. E quando parou ao seu lado, ele se afastou como se não quisesse oprimi-la.

— Deixe-me arrumar um lugar para você se sentar.

Antes que ela pudesse dizer que não se incomodasse, ele foi até uma plataforma de dormir e puxou o acolchoado do topo com alguns cobertores. Com mãos firmes, arrumou tudo e então voltou a se afastar.

O sexo que emanava dele era irresistível.

Por mais frio que estivesse tentando se mostrar, mais respeitoso que estivesse sendo, ela podia sentir a necessidade nele.

Sim, ela percebeu... De fato, era por isto que ela havia arriscado tanto para vir aqui.

Ela também o desejava. Mesmo que isto fosse criar uma crise. Mesmo que fosse irresponsável. Mesmo que não fizesse sentido.

Ela seguira as regras a vida inteira. Mas não havia responsabilidade ou dever que lhe fosse tão impossível resistir, e seu tempo de relativa liberdade estava se esgotando.

Baixando-se para o sofá improvisado, ela cruzou as pernas sob seu manto pesado. — Por favor. Sente-se comigo.

— Tem certeza que quer que eu faça isto? — Ele se avolumou à sua frente, seu rosto sombrio absorvendo aquela luz lúdica.

— Sim, — ela sussurrou.

Ele ajoelhou-se, seus olhos semicerrados se movendo pelas vestes que a cobriam do topo da cabeça até a sola do pé.

— Você me deixará vê-la? — Disse ele, em voz profunda.

maichen engoliu em seco. Então ergueu as mãos para a malha que cobria seu rosto, mas, para segurar a máscara no lugar. — Tenho medo.

— Do que?

E se ele não gostasse do que visse?

— Eu já sei que você é linda, — disse ele, como se pudesse ler sua mente.

— Como?

Ele tocou o centro do peito amplo. — Eu te vejo aqui. Eu te conheço... Aqui. Você é muito bonita para mim, não importa sua aparência.

Profundamente consciente de tudo o que não lhe contara sobre si mesma, ela sussurrou, — Nós não conhecemos um ao outro.

— Isto importa para você?

— Não.

— Nem para mim. — Ele franziu o cenho e olhou para o fogo. — As últimas noites, com tudo o que aconteceu comigo e meu irmão... Foram uma revelação. Não quero mais perder tempo. Quero viver a minha vida, ao invés de pairar pelo pesadelo da zona neutra dele, esperando o machado descer.

— Seu irmão... Ele jamais voltará ao Território? Dizem... Que ele se recusa a cumprir o seu dever, mesmo que a Rainha tenha decretado que após o luto...

Ela teve de parar. A ansiedade era grande demais.

Ela supostamente devia se emparelhar intocada.

E isto não ia acontecer.

Mas, o que o Consagrado poderia fazer a ela? Ambos estavam sendo forçados ao emparelhamento, e a tradição ditava que ele era essencialmente propriedade dela.

Um protesto dele será como uma cadeira discutindo com quem se senta sobre ela.

iAm negou com a cabeça. — Depois de Trez perder Selena, o jogo acaba... E francamente, aquela Princesa? Ela não vai querer o que vai sobrar dele, não a menos que ela curta necrofilia. Ele vai estar morto, estando em vida, ou em um túmulo.

maichen baixou a cabeça. Ela jamais deixara de saber sobre o emparelhamento que a aguardava. Ele fizera parte da sua criação, a espera pelo Consagrado que havia sido destinado pelas estrelas para ser seu companheiro procriador, e que com ele e através dele, ela asseguraria que a linhagem de sua mãe continuaria a governar o s'Hisbe.

Predestinada. Escrito nas sagradas estrelas.

Ela havia aceitado o que era seu dever do mesmo jeito que aceitava tudo em sua vida, de sua casta à solidão, à perpétua sensação de que estava perdendo tanto, embora não por sua própria escolha.

Ela pigarreou. — Eu imagino que a Princesa poderia libertá-lo, se pudesse. Ela não ia querer ninguém sofrendo, muito menos alguém que perdeu uma fêmea de valor.

— Você a conhece?

— Eu já a servi.

— Como ela é? — Antes que ela pudesse responder, ele ergueu a mão. — Na verdade, não preciso saber...

— Acho que ela diria que está tão presa na armadilha como seu irmão. Acho... Que ela também é uma prisioneira do destino.

Ele esfregou o rosto. — Isto realmente me faz odiá-la menos. Acho que nunca pensei em como tudo isso seria para ela.

— A ela foi revelado qual seria o seu destino, do mesmo modo que como a ele. Ela não teve nenhuma escolha nisto.

iAm solto um riso ríspido. — Talvez eles possam mandar a Rainha se foder. Se ambos se recusarem a jogar o jogo, pode ser que seja o fim. Não que isto impeça meu irmão de perder sua amada.

— Mas, as estrelas revelaram os destinos deles.

Aquele olhar escuro voltou à ela. — Você crê nisto? Digo, acha realmente que o alinhamento de um punhado de planetas desinteressados, a um milhão de anos-luz deveria ser usado como um mapa para a vida das pessoas? Eu não.

— É assim há gerações. — Ela disse, em voz fraca.

— Isto não o torna correto. De fato, torna tudo ainda mais ofensivo. Pense no quanto foi arruinado.

O peito de *maichen* se contraiu quando ele disse em voz alta as coisas que ela andara pensando desde que aprendera que, há muitos anos atrás, o macho com quem ela iria emparelhar achara seu destino tão desagradável que fugira do Território sob ameaça de morte e sob punição de expulsão.

— Chega deste papo, — ele disse. — Não foi por isto que viemos. Foi?

Os olhos dela se cravaram nos dele sob a malha. — Não, não foi.

O olhar dele voltou para suas vestes, como se em sua mente, ele já estivesse despindo-a.

O coração dela começou a martelar de novo, as mãos começaram a suar. — Eu preciso que saiba que eu jamais... Eu não...

— Nem eu.

Ela recuou. Não pôde evitar. Ele era tão másculo, tão belo, tão...

— Mudou de ideia? — Ele interpelou. — Não é nada sexy, é?

— Como é possível? — Ela se espantou. — Você é tão *phearsom*.

Houve uma pausa. E então, sem aviso, ele jogou a cabeça para trás e riu. O som saiu tão inesperado e... Cativante... Que ela quase se afastou, surpresa, de novo.

Quando ele voltou a olhar para ela, sorriu pela primeira vez. E tirou-lhe o fôlego.

— Este foi o melhor elogio que eu já recebi.

Ela sentiu-se sorrir sob a malha... Mas, então, ele ficou sério de novo, e ela também.

Não haveria retorno, ela pensou. Se ela não saísse agora, antes de ele tirar seu capuz... Ela não sairia até tudo acabar.

As mãos de *maichen* se ergueram para sua máscara, sua decisão tomada.

Agarrando a barra da malha, começou a erguê-la. Ansiedade fazia seu coração falhar batidas, mas, ela não parou... Ela não pararia.

Os planetas não deveriam governar as escolhas dos vivos ou o legado dos mortos, ela pensou quando o ar mais frio atingiu sua garganta, sua mandíbula... Sua boca.

Ela estava escolhendo isto.

Ela escolhia ele.

Capítulo CINQUENTA E QUATRO

iAm sentia-se como se suspenso no tempo enquanto o rosto da *maichen* ia sendo revelado centímetro a centímetro. Os lábios dela eram cheios e profundamente vermelhos, a pele suave e ligeiramente mais escura do que a dele, as maçãs do rosto altas e salientes...

Ele parou de conseguir formular qualquer pensamento quando os olhos dela se revelaram.

Olhos profundos e cílios espessos, eram de um brilhante verde iridescente. Mas, então, ela estava emocionada e aquele era um dos sinais disto, uma característica dos olhares dos Sombras.

Talvez os dele estivessem assim também.

E então os cabelos. Profundamente ondulados, flutuavam de sua cabeça e caíam pelos ombros e as costas. Era tão longo que não dava para ver onde terminava.

Ela era, bem simplesmente, a coisa mais extraordinária que ele já havia visto.

Ela era tanto exótica, porque ele vivia entre humanos por tantos anos que perdera as feições de seu povo, quanto completamente normal, porque sua beleza e cores eram naturais.

— É um crime você andar coberta, — ele sussurrou.

O rubor que subiu pelo pescoço dela fez as presas dele se alongarem, e as mãos se curvarem de necessidade de tocá-la.

— Verdade? — Ela suspirou.

— Juro pelo meu sangue.

Como se o olhar dele lhe desse coragem, ela afastou a malha, e continuou a se despir, liberando a fivela de bronze na clavícula e deixando a primeira camada de tecido deslizar pelos seus ombros.

Ela era de constituição delicada, mas, também era toda fêmea, e por mais que ele tentasse não se apegar à aparência de seu corpo, seus olhos se recusavam a se desviar.

Aquela veia pulsando na lateral do pescoço dela era um convite a uma mordida.

O volume de seus seios era uma súplica por um toque.

O aroma do sexo dela, um chamado a ser respondido.

iAm engoliu a imprecisão que quis escapar de sua boca. Ela era demais, linda demais, vibrante demais. Seu coração estava pulsando e seu pau estava duro como pedra dentro da calça.

Ele deveria ter tomado um drinque antes de ir para lá.

Ou seis.

— Você tem fome, — ela sussurrou.

— Sim.

— Você gostaria de tomar minha...

Ele não acreditava onde ela estava tentando chegar, — Sua veia?

— Se quiser.

Oh, fodido fosse ele, *sim*. — Eu imploraria por tal...

— Não precisa.

Ele esperava que ela lhe oferecesse o pulso, mas quando ela ergueu o queixo expondo a garganta, ele sentiu-se real e verdadeiramente muito estúpido.

iAm sabia que devia perguntar se ela tinha certeza, pressioná-la a repensar sua decisão. Tudo ia acontecer rápido demais se encostasse as presas nela.

Ao invés disto, ele gemeu, — Por favor, me diga seu nome.

— É *maichen* eu já lhe disse. É o único nome que sinto ser meu.

Ele cerrou os dentes. — *maichen*, preciso que saiba... Não acho que consigo parar. Se começar isso.

— Eu sei. É por isto que te quero em minha garganta. Sem retorno.

Os olhos dele reviraram e seu tórax ondulou. — Mas, você não tem um pai em sua casa? Alguém que se importará por você...

Ele sabia que os padrões eram diferentes para membros da classe dos serviçais, não se esperava virgindade das fêmeas, já que elas eram requisitadas para qualquer serviço que lhe demandassem. Mas, ainda assim...

— Está certa disto? — Ele disse.

Sua ereção gritava para ele calar a porra da boca, mas, sua consciência ainda era mais forte do que aquela viagem alucinante.

— Estou.

Aqueles olhos iridescentes estavam firmes, fortes, certos.

Hora de parar de falar.

iAm tomou-a, inclinando-se para a frente, agarrou a nuca dela, curvando-a para trás, apertando-a nos braços e pousando a boca sobre sua carne. Ele jamais tomara de uma fêmea deste jeito, e não mordeu de imediato. Ele estava subjugado pelo aroma dela, pela pele suave sob seus lábios ao estender a língua e lambe-la sua veia.

Ele queria acariciá-la mais, mas, quando as mãos dela seguraram seus ombros e ela se arqueou para ele, não pode esperar. Ele sibilou e perfurou sua pele.

À mordida, ela gritou, mas ao invés de empurrá-lo, puxou-o para ainda mais perto.

O sangue dela foi uma explosão em sua boca, gosto de vinho encorpado e promessa de uma intoxicação que começou a dominá-lo no instante em que ele engoliu. Sugando-a, ele passou a mão pelo seu corpo, encontrando a curva da cintura e o contorno de seu quadril. Mais, ele tomou mais enquanto sua pelve convulsionava para frente, buscando aquela junção vital dela que ainda estava coberta por camadas de tecido.

Zonzo e totalmente focado ao mesmo tempo, ele deitou-a e montou em seu corpo, como um animal selvagem protegendo sua presa. Mas, ele queria dar a ela também. Movendo um de seus braços para cima, colocou o próprio pulso sobre a boca dela, esfregando-o em seus lábios.

Aceitando, ela tomou sua veia também, enquanto ele tomava a dela, completando um círculo que explodiu com o calor entre eles.

Antes de saber o que estava fazendo, ele começou a erguer o manto dela, puxando cada vez mais alto, a barra, as camadas, o peso. As coxas dela eram macias e flexíveis, e se abriram para ele, dando acesso ao que ele queria mais.

Sem calcinhas. Sombras não as usavam.

Quando ele esfregou a mão sobre seu sexo, ela gemeu e sugou mais forte o que ele lhe provia, e ele queria que ela o drenasse até a secura. Mas, não o contrário. Forçando-se a liberar a veia dela, ele lambeu os pontinhos feridos para fechá-los e então desceu os lábios, passando pela graciosidade de sua clavícula. Chegando aos seios, ele pegou o topo do manto com as presas e rasgou, o tecido cedeu até...

— Oh, Doce Jesus, — ele arfou.

Os seios dela eram firmes e eretos, adornados com mamilos pequenos que ele não passou muito tempo olhando. Não, buscou-os com a boca, idolatrando-os enquanto ela continuava a tomar de seu pulso.

E ainda assim, ele queria mais dela.

Bem quando ele estava faminto por baixar ainda mais a cabeça, mesmo sem ter ideia do que estava fazendo, ela liberou a veia dele e o libertou. Sem lhe dar chance de selar as mordidas, ele subiu novamente e segurou com as mãos, os dois lados do que começara a rasgar.

Riiiiiiiiiiiiiiiiiiip.

Com aquilo, as vestes de baixo se abriram em duas e ela ficou nua na sua frente.

A pele escura banhada pela luz do fogo ondulava, e o corpo dela estava marcado com manchas vermelhas do sangue dele, e não é que aquilo o fazia querer colocar outras coisas dele nela?

Para que todos soubessem que ela era dele.

Vagamente, no fundo de seu cérebro avariado, sentiu-se surpreso de que as histórias que ouvira e que assumira ser ficção, aqueles contos de machos se vinculando à primeira vista, eram de fato, total e absolutamente verdade.

Ele havia visto o rosto dela há apenas alguns momentos, e agora tinha passado pelo buraco de minhoca, se perdido e se encontrado ao mesmo tempo, empanturrado e faminto por mais, tudo ao mesmo tempo.

— Minha, — ele rosnou.

Nua diante dos olhos de seu amante, *maichen* havia esperado sentir-se autoconsciente ou envergonhada. Somente a fêmea que a banhava havia visto o que iAm estava olhando.

Em vez disto?

Livrou-se dos mantos que envolviam suas mãos, e ergueu-as para oferecer os seios. — Seus, — ela ouviu-se dizer. Então, moveu-as para baixo e tocou o sexo exposto — Seu.

O lábio superior dele se recolheu e ele emitiu um grunhido que era tanto reverente quanto um pouco malévolo.

Então ele tirou o casaco, a camisa. Os sapatos e calças.

A luz do fogo moveu-se sobre a pele dele, lançando sombras sobre o contorno dos músculos que marcavam os braços, peito e abdômen.

Sua ereção era enorme.

Estava tudo tão fora de controle, esta série extraordinária de eventos, e a culminação ainda estava por vir. O que aconteceria depois, ela se perguntou? Ela fora nominalmente instruída sobre o ato sexual, em preparação para seu emparelhamento, o médico havia lhe dado algumas orientações anatômicas sobre como as coisas iriam acontecer, e teve aquela vez quando flagrara s'Ex com aquelas humanas. Mas, nenhuma destas trocas estranhas havia feito nada para explicar como seria elétrico. O quanto ela iria ansiar pela união. Como se sentiria desesperada.

Plantando as mãos nos dois lados de seu corpo, ele suspendeu-se sobre o corpo dela e lentamente colou seus lábios nos dela. O contato foi leve e fugaz, deixando-a faminta por mais, mas, então, ele gradualmente deitou-se sobre ela, seu peso impossivelmente erótico, seus contornos firmes marcando-a.

O sexo duro dele esfregando-se em seu núcleo.

Ela começou a se arquear sob ele, flexionando as pernas, buscando por algo que nem sabia o que era.

— Deixa comigo, — ele disse. — Eu cuido disto.

Mas, não cuidou. Ele só a beijou e tornou tudo pior, lentamente lambendo-a na boca, esfregando-se contra seus seios, a parte interna de suas coxas... Tudo sem penetrá-la.

— Porque espera? — Ela gemeu.

— Preciso me certificar de que você esteja pronta, senão vai doer.

Os olhos dela se arregalaram — Não vai doer. Vai?

— Quanto você... Ah, sabe sobre...?

A boca dela começou a se mover e ela achou que estava falando, e ele estava anuindo, dizendo algo em resposta. Mas, ela não fazia ideia do que estava sendo dito de nenhuma das partes.

Exceto que as mãos dele se moveram para baixo, para o meio deles, esfregando mais o sexo dela, explorando. O prazer que despertou nela foi como a luz do fogo, quente e pelo corpo inteiro, levando-a a outro nível de consciência.

Então houve uma pressão em seu núcleo, mas, nada doloroso. Só um empurrão, um empurrão gentil que a fez ceder internamente.

Quando a mão dele reapareceu ao seu lado, ela percebeu que era a ereção dele penetrando-a, não os dedos.

Movendo o quadril para acomodá-lo melhor, ela tornou-se consciente de um choque comprimindo, uma barreira cedendo e, então, a união foi tão profunda que ela sentiu como se ele estivesse penetrando-a com o corpo inteiro. Bom, tão bom... Ela se deleitou no quão próximo ele estava, seu contato pele a pele aquecendo-a por dentro e por fora, uma vida inteira de proibição de toques sendo apagadas.

E, então, ele começou a se mover. Lento de início, com impulso crescente, ela foi transportada junto com ele em um prazer cintilante e crescente.

Acariciando as costas dele com as mãos, ela amou a sua virilidade, e o conhecimento de que este macho, em específico, era o primeiro a tomar seu corpo.

E então uma barreira se quebrou e tudo se tornou muito mais vívido, uma pressa urgente empurrando-a para cima, para aquele corpo dele.

Sua boca se abriu e ela gritou, mas, não de dor.

Ele gritou também, e houve uma pulsação dentro de seu núcleo.

Mas, não era o fim. Ele não parou. Ele continuou, bombeando contra ela, nela, sobre ela.

O médico não havia dito que seria tão bom.

Não mesmo.

Capítulo CINQUENTA E CINCO

Ele entrou em sua vida usando um boné de beisebol do Syracuse e calças jeans esburacadas.

Paradise estava em sua mesa, digitando coisas no sistema, preenchendo solicitações no e-mail, acomodando visitantes nas cadeiras, quando outro vento gelado atravessou o salão. Àquela altura, ela já havia se acostumado às mudanças de temperatura, havia mais ar gelado, a cada vez que a porta da frente se abria e fechava com a chegada de um novo visitante.

Então ela não olhou realmente para cima até sentir uma grande presença perto de sua mesa.

Quando ergueu o olhar, tinha um sorriso profissional no rosto, mas, prontamente perdeu a expressão.

A sua frente havia um macho de cerca de dois metros de altura, com ombros tão largos quanto uma porta, e um maxilar tão pronunciado quanto uma flecha. Ele tinha um tipo de jaqueta, embora estivesse frio o bastante para um casaco apropriado, e sem luvas.

E então havia o boné laranja e aqueles jeans.

— Posso te ajudar? — Ela perguntou.

A aba daquele boné estava tão abaixada que ela não conseguia ver os olhos, mas podia sentir o seu impacto.

— Estou aqui para o programa de treinamento.

A voz dele era muito profunda e surpreendentemente baixa. Dada a forma física, ela teria esperado uma voz mais alta.

— O programa de treinamento?

— Para os soldados da Irmandade da Adaga Negra.

— Oh sim, eu sei, mas não é... Digo, não é aqui. Nesta casa.

Quando ele olhou em volta, ela tentou ver seus olhos. — Eu sei, — ele disse. — Quer dizer, preciso de um formulário de inscrição, e pensei que aqui poderia conseguir um.

— Os formulários foram enviados por e-mail. Gostaria que eu te encaminhasse?

— Eu, ah... — Ele olhou em volta de novo. Enfiou as mãos nos bolsos daqueles jeans, — Você tem um formulário impresso?

— Eu posso te enviar a coisa toda agora mesmo... Qual seu endereço de e-mail?

Quando ele concentrou o olhar na parede atrás de sua cabeça, ela decidiu que seu cabelo era escuro. Escuro e muito curto.

— Eu não tenho um endereço de e-mail, — ele disse, suavemente.

Paradise piscou. — O hotmail é gratuito.

— Tudo bem, — o macho disse, recuando um passo. — Eu vou encontrar outro modo de conseguir um.

— Espere. — Ela abriu a gaveta da mesa. — Aqui. Leve o meu... Digo, este aqui.

Ele hesitou. Estendeu um braço longo. Aceitou o que ela havia tirado anteriormente da cesta de lixo.

— Obrigado. — Ele olhou para baixo e franziu o cenho, pelo menos ela pensou ter visto um franzir. — Este já está preenchido no topo?

Quando ele lhe devolveu, ela praguejou. — Desculpe. Eu... Deixa eu imprimir um novo.

Clicando no mouse, ela logou em seu e-mail, achou aquele que Peyton, o Imbecil, havia encaminhado, abriu o anexo e apertou imprimir.

Quando a máquina atrás da mesa acordou e começou a emitir ruídos, o macho depositou o formulário sobre sua mesa. — Você vai participar do programa?

Ótimo. Como se ela precisasse de mais um Sermão de um completo estranho.

Ela pegou o papel de volta. — Fêmeas são permitidas entrar, sabia. Está no e-mail. Nós podemos nos juntar...

— Eu acho que deviam. Mesmo que escolha não lutar, acho que fêmeas deviam ser treinadas, nunca se sabe quando ou sob qual circunstância será necessário se proteger. É lógico.

Paradise só ergueu os olhos para ele — Eu... — ela pigarreou, — concordo com você.

Quando a impressora silenciou, ela virou a cadeira e pegou os papéis quentes do alto da HP. Não havia necessidade real de grampo ou cliques de papel, ou de qualquer forma juntá-los, mas ela abriu outra gaveta e remexeu em seu conteúdo.

— Você pode entregá-lo aqui, — ela disse, ao entregar-lhe. — Depois de preencher, posso entregar aos Irmãos.

Ele dobrou o formulário uma vez e colocou por dentro do casaco. — Obrigado.

E então tirou o boné e fez uma reverência a ela.

Quando ele se endireitou, ela deu uma boa olhada nele, e arquivou-o na gaveta “Oh Meu Deus!” de sua mente.

Talvez fosse mais adequado “Oh Meu Fodido Deus!”.

Os olhos dele eram de um perfeito azul celeste, profundos com sobrelhas e cílios escuros. Seu rosto era fino, porque ele era um pouco magro demais, mas, aquilo só evidenciava a estrutura óssea máscula. E a boca era...

Se ele não tivesse atraído sua atenção antes, ele meio que a deixaria de quatro agora.

Graças a Deus pela cadeira.

— Qual o seu nome? — Ela perguntou quando ele se virou para ir embora.

Ele colocou o boné de volta — Craeg.

Ela levantou-se e estendeu a mão. — Eu sou Paradise, — bem, você provavelmente já sabe disto, porque você viu que eu preenchi...

Ótimo, ela estava balbuciando.

— Prazer em conhecê-lo, Craeg, — ela disse, quando ele não fez nenhum movimento de se aproximar.

Ele anuiu uma vez, e então saiu, deixando-a de mão estendida.

Enrubescendo, ela voltou a se sentar, e percebeu que *oooooh*, cerca de cinco pessoas haviam testemunhado toda a conversa. E estavam agora folheando revistas *People* e *Time*, tentando parecer ocupados. Um dos machos mais velhos até mesmo ergueu um *Caldwell Courier Journal* e cobriu o rosto.

Bem, ela podia brincar de parecer ocupada também.

Digitando bem ruidosamente em seu teclado, ela tentava disfarçar o rubor de corpo inteiro que a acometia.

Ela nunca o vira antes. Tipo, nunca. Talvez ele tenha acabado de chegar do Continente Antigo, só que, quais eram as chances disto? A grande maioria da

população estava em Caldwell há quanto tempo? Além disto, ele não tinha sotaque. Então ele devia ser... Bem, um estrangeiro, obviamente. Mas, tinha de ser membro da aristocracia se ouvira falar do programa de treinamento, certo?

Olhando para a arcada pela qual ele saíra, ela se viu desejando que ele viesse entregar o formulário preenchido em mãos.

Quem seria ele...

— Paradise?

Ela pulou. E concentrou-se no pai, que aparecera do nada. — Sim? — Percebendo que sua voz soou perto do normal, e que ela supostamente estaria brava com ele, ela pigarreou. — O que posso fazer pelo senhor?

Como se ele fosse somente outra pessoa com quem ela lidava.

— Eu só queria perguntar como você está?

Sua aparência não era agressiva. Pelo contrário, ele parecia preocupado... *Maldição*. Ela queria manter-se com raiva dele.

Ela suspirou. — Estou bem, Pai.

— Você está fazendo um trabalho maravilhoso. Verdade. Tudo está correndo tão bem. O Rei está tão satisfeito... E eu estou muito orgulhoso.

Vê, isto era bem a cara dele. Era impossível ficar puta quando era confrontada com este... Esta sinceridade, sua versão de um pedido de desculpas.

— Posso te trazer algo para comer ou beber?

— O senhor não é um *doggen*, Pai.

— Talvez precise de uma pausa?

— Não. — Ela revirou os olhos. Levantou-se. Foi na direção dele. — Você me deixa louca.

Ela lhe deu um abraço porque aquilo era o que ele estava querendo. Então ela recuou. — Oster, filho de Sanye é o próximo.

Quando ela indicou o cavalheiro em questão, e o civil ficou em pé, seu pai lhe deu um aperto na mão e então reassumiu seus deveres oficiais.

Seguindo seu exemplo, ela sentou-se de novo. Olhou para o computador à sua frente. E ainda sentiu-se engaiolada.

Mas, o que ia fazer? Mesmo que ele, tecnicamente, não pudesse impedi-la; ela era maior de idade, e não havia nenhuma especificação no formulário que dissesse que uma fêmea deveria apresentar o consentimento de um macho mais velho para aprovar a inscrição, ela ainda assim, sentia-se paralisada.

Era difícil se rebelar contra seus pais quando só havia restado um.
E ele era tudo o que ela tinha no mundo.

Selena odiara quase tudo no exame, a coleta do sangue, o procedimento de radiografia. E sentia-se mal por isto. Não era como se a Dra. Jane estivesse sendo menos do que perfeitamente gentil e muito paciente. Mas estar em um daqueles camisolões de hospital, sendo furada e cutucada, virada e fotografada, era como ter a contagem regressiva de alguma espécie de detonação acontecendo bem na sua frente.

Além disto, ela odiava o antisséptico falso de limão que eles usavam em todo lugar.

E o fato de que estava com frio, mesmo depois de colocarem um cobertor sobre suas pernas.

E então havia aquela luz brilhante pendurada sobre sua cabeça.

Mas, na maior parte, não era o ambiente externo que era difícil de lidar. Era o grito interno que ela achava que tinha de dominar por força de vontade.

— Okay, acho que este é nosso último Raio-X, — a Dra. Jane disse, de sua mesa.

Na tela do computador, uma imagem fantasmagórica do joelho de Selena estava centralizada, mas, ela se recusava a olhar.

Ela tinha de ficar deitada até a Dra. Jane voltar e mover o braço do raio-X para fora do caminho. Então, se sentou, a médica pegou a placa sob sua perna e afastou-a.

— Então... Agora o que? — Selena perguntou.

Ela estava entorpecida. Com frio. Suada.

Mas, mais do que tudo, ela se sentia rígida. E não só nas mãos.

— Deixe-me avaliar atentamente estes raios-X com Manny. E então, volto para falar com você.

Selena baixou as pernas pela borda da maca e ficou em pé. Flexionou uma e então a outra, seu cérebro em uma espiral de *Melhor? Pior? O mesmo?*

— Quando? — Ela disse, rudemente.

— Porque não conversamos perto do alvorecer? Trez pode vir com você, se quiser...

O barulho veio de fora do quarto, e ambas olharam para a porta do outro lado. Quando o som se repetiu, a Dra. Jane correu, e Selena também.

No final das contas, ela não estava paralisada ainda, e parecia uma boa hora para se lembrar disto.

As duas correram pelo corredor e ouviram atentamente. O Centro de Treinamento estava silencioso, com os Irmãos se exercitando em campo, e não havia, felizmente, ninguém ferido nos leitos.

O barulho veio de novo, e elas correram, avançando mais duas portas.

Dra. Jane abriu a porta.

A médica teve de se abaixar quando algo veio voando do quarto. Uma bandeja. Era uma bandeja de metal, e ela quicou no chão de concreto, como se a coisa estivesse realmente feliz por se libertar de lá, e tentasse ficar a uma distância extra.

Lá dentro, Luchas estava descontrolado, na cama. Metade dele parecia estar amarrado, mas, uma mão e braço estavam livres e ele os usava para destruir qualquer coisa que alcançasse. Bateu em alguns equipamentos de monitoramento com o pedestal do intravenoso, fez o mesmo com a mesinha rolante que tinha um tipo de comida sobre ela, e agora agarrava a cabeceira da cama, como se tentasse destruí-la.

— Luchas. — Dra. Jane disse, com uma tranquilidade admirável. — O que está...

— Vai se foder!

Selena recuou. Ela estivera ali para alimentar o irmão de Quinn ao longo dos últimos meses, e ele sempre fora um perfeito cavalheiro.

— Luchas...

— Foda-se isto! — Ele soltou a cabeceira da cama e agarrou a mesinha de cabeceira, empurrando tão forte que a coisa desceu, as gavetas explodindo, como se fosse sua forma de sangrar. — Vão se foder!

Dra. Jane recuou e murmurou. — Tenho de pegar um sedativo. Não entre lá.

Quando a médica saiu correndo, Selena ficou parada na soleira.

— Está olhando o que? — Ele gritou com ela. — Que porra você quer?

Havia uma mancha vermelha na cama. Os lençóis, de um lado, estavam um pouco mais do que metade baixados, manchados... Ele estava sangrando. De algum tipo de ferimento...

— Sua perna, — sussurrou ela, ciente da infecção que o atacava. — Cuidado com sua perna...

— Eu queria morrer! — Ele cuspiu. — Eu estava tentando morrer!

O rosto dele era uma cópia retorcida das feições que ela conhecia bem, sua pele branca demais, tensa quase a ponto de se partir sobre a estrutura óssea que, sem dúvida, era invejável antes de ter sido torturado pela Sociedade Lessening.

— Eles arrancaram minha perna para me salvar! — Ele afastou os lençóis. — Para me salvar!

O coto estava cuidadosamente enfaixado em camadas de gaze cirúrgica, mas, por baixo não parecia bem... O sangue escorria, manchando tudo.

Ele começou a arranhar o que restava e foi quando ela teve de se envolver.

Marchou pelo quarto, segurou as mãos agitadas e prendeu-as contra a cama, na altura da cabeça dele.

Luchas. Ficou. Maluco.

Gritou, se contorceu, praguejou.

Tudo o que ela fez foi balançar a cabeça e deixá-lo se esgotar... O que não levou muito tempo.

Quando ele parou de lutar, ela disse. — Você tem tanta sorte. Tanta maldita sorte.

Aquilo o fez se calar. Provavelmente do jeito que um confronto direto não teria feito.

— O que? — Ele berrou.

— Eu estou morrendo, — ela disse, sinceramente, — e se alguém tivesse de tirar parte de minha perna para me salvar? Para que eu pudesse continuar aqui com aqueles que eu amo? Não pensaria duas vezes. Então sim, eu acho que você tem muita sorte.

Ele ainda respirava com dificuldade, mas, a tensão abandonou seu corpo. — Morrendo?

— Receio que sim, — ela o soltou e deu um passo para trás. — Não desperdice o tempo que tem. Eu sei que está ferido, e não duvido que esteja

bravo agora. Mas, pessoalmente, eu trocaria de lugar com você em um piscar de olhos.

A Dra. Jane voltou, e parou quando viu que o local não estava em chamas ou algo assim.

— Eu vou me vestir. — Selenia disse, ao se dirigir à porta. — Estou com frio com esta camisola. Precisa de ajuda para limpar?

Dra. Jane olhou de um para outro, claramente se perguntando o que fora dito ou feito para mudar as coisas. — Ah, não, eu cuido disto.

— Está bem. — Selenia anuiu para a médica e então olhou de volta para Luchas. — Cuide-se bem.

Ela sentia os olhos dele sobre si ao sair para o corredor. Continuou a senti-lo mesmo ao voltar para o consultório, para se vestir. Quando voltou a entrar no túnel, ela começou a ficar paranóica de que fosse ter um ataque no meio do caminho até a casa principal, e ficaria ali esquecida sob as luzes fluorescentes. Ou talvez acontecesse na escada para o saguão... Ou...

Okay, melhor parar com isto.

Ela tinha o bastante com o que se preocupar sem buscar mais problemas.

Capítulo CINQUENTA E SEIS

Ele não conseguia tirar os olhos dela.

Deitado nu em frente ao fogo que aquecia, o corpo de iAm estava entrelaçado ao de *maichen*, suas pernas enfiadas entre as dela, os quadris colados, os sexos próximos, mas, não unidos. Ela estava com a cabeça pousada sobre o braço dobrado; a dele estava um pouco erguida.

— Quero te ver de novo. — Sussurrou ele.

Ele queria dizer o quanto precisava de mais um pouco daquele tempo especial, daquele refúgio completo contra toda aquela merda que não podia mudar, e não faria diferença se estivesse em Caldwell. Estar ali era como se brevemente desse um passo para o lado, alterasse seu caminho, e pudesse respirar. Não era um desvio permanente e não queria que fosse; de jeito nenhum abandonaria o irmão.

Mas, era suficiente para lhe dar um novo fôlego.

— É difícil eu conseguir sair de lá, — ela beijou as pontas dos dedos dele, — restam somente mais alguns dias enquanto ainda será fácil. Após o período de luto, ficará muito mais difícil.

— Amanhã à noite, então. À meia-noite.

maichen anuiu. — Estarei aqui.

Ele olhou ao redor da cabana decrepita. — Não, venha para Caldwell. Me encontre na cidade.

Diante da hesitação dela, ele disse, — Eu tenho uma casa lá. É particular. Ninguém saberá... E poderei deixá-la mais confortável.

Ele a queria em uma cama. No chuveiro. Talvez em cima do balcão da cozinha.

Para persuadi-la, iAm abaixou a cabeça e tomou a boca dela, acariciando os lábios dela com seus próprios, lambendo-a toda por dentro. — Siga o sinal do meu sangue e me encontrará.

O som que ela emitiu do fundo da garganta, foi todo rendição, e antes que se desse conta, ele a rolou de costas e montou-a de novo. O fato de que eles tinham

mesmo feito sexo, era tão monumental, que ele não podia nem pensar nisto enquanto estava com ela.

Era um marco muito grande.

Guiando-se para dentro dela, ele gemeu e abaixou a cabeça para o pescoço dela. Com grandes impulsos ondulantes, penetrou-a, encontrando um ritmo cada vez mais intenso. Seu corpo sabia exatamente o que fazer, e foi um choque, chegar ao orgasmo e descobrir que estava feliz por ter esperado por esta fêmea em particular.

Também era loucura pensar que uma parte dele começava a planejar um jeito de libertá-la do s'Hisbe.

Então, agora ele tinha dois naquela lista.

As unhas dela se enterraram em suas costas e as coxas enlaçaram seu quadril, enquanto ela alcançava seu próprio clímax, os movimentos internos ordenhando-o e desencadeando outro golpe agudo de prazer, ao gozar de novo.

Ao final, ele desabou sobre ela de novo.

— Desculpe, — ele murmurou, tentando juntar forças para fazer qualquer outra coisa além de respirar. — Pesado.

— Não, eu gosto de seu peso. — Ela acariciou lhe a pele. — Você é mesmo tão poderoso quanto aparenta.

— Não quero ir embora.

— Eu também não.

Eventualmente, ele se viu na terra da falta de escolhas. Primeiro, o fogo havia se apagado e estava ficando frio, mas, mais importante, ele não queria que ela se metesse em problemas por ausentar-se de suas obrigações.

Pelo menos ele não teria de se preocupar sobre ela e o amanhecer que se aproximava.

Ele ficaria psicótico.

Afastando-se dela, deslizou para fora de seu sexo e percebeu, merda, ela estava recoberta por sua essência.

— Qual o problema? — Ela perguntou, aqueles olhos iridescentes olhando para cima, para ele.

— Devíamos limpá-la, — mas a maldita cabana não tinha água encanada. — Da próxima vez, faremos isto em Caldwell.

— Eu tomarei cuidado. Há uma fonte termal nos limites do Território. Posso me lavar lá.

— E suas roupas? — Quando estendeu o amontoado de tecido para ela, praguejou. A merda estava toda amarrotada. Rasgada. Coberta de poeira. — Maldição.

Ele devia ter pendurado as roupas dela. No que inferno estava pensando?

Levantando-se, ajudou-a a se vestir, arrumando as roupas que iam por baixo do manto, abotoando a camada de cima com a fivela de bronze, arrumando o capuz e malha de cobertura facial.

— Deixa que eu faço isto, — ele disse, ao começar a cobrir os cabelos e rosto.

Ele odiou cobri-la, seu estômago se contorceu e a boca ficou seca: aquilo tornava o fato de ele estar enviando-a desprotegida de volta ao Território, ainda mais evidente. E então ele deu um passo para trás e olhou para o que estivera tão bem composto e intocado quando ela chegou, e que agora era uma bagunça excitada.

Ele meio que sentiu como se tivesse tomado algo que não era dele para tomar, arruinando-a no processo.

— Eu deveria voltar com você, — ele disse. — Me certificar de que...

— Isso seria mais difícil para mim. Ficarei bem. Eu me tornei bem competente em me esconder depois de todos esses anos.

E assim não havia mais nada a ser dito, nenhuma combinação de palavras poderia ser dita para fazê-lo sentir-se melhor sobre nada daquilo.

Com uma súplica, ele tomou o braço dela e acompanhou-a até a porta. — Tenha cuidado. Aquele é um local perigoso.

— Terei.

Quando ela ia fazer-lhe uma reverência, ele a impediu. — Não. Não faça isto. Somos iguais, você e eu.

Por um momento, ela só olhou para ele. Ele podia sentir o olhar dela através da malha que cobria os olhos. — Não somos, — ela disse. — Infelizmente, não somos.

Com isto, ela saiu pela porta e desapareceu antes que ele pudesse pará-la. E quando o ar gelado golpeou seu corpo nu, ele sentiu dor... E não do tipo física.

Após vestir-se novamente, certificou-se de que o fogo estava totalmente extinto e então saiu da cabana. Ao fechar as portas e se afastar, pensou que era

completamente bizarro como tanta coisa de sua vida havia acontecido naquele local aleatório: encontrar seu irmão, conhecer Rehv... E agora, esta noite.

Desmaterializando-se, ele retornou rapidamente à mansão da Irmandade, retomando forma no gramado. Ao olhar para a grande construção de pedra, com as gárgulas góticas acima das torres, as janelas em formato de diamante, e todas as sombras que se amontoavam nos cantos, ele percebeu estar avaliando a segurança e sua posição defensiva.

Então, sim, ele estava pensando em trazer *maichen* para cá.

Só que então, que tipo de vida ela teria? Ele ainda preocupava-se com Trez e Selena. E o que aconteceria se a única maneira de manter seu irmão livre do s'Hisbe fosse desaparecer pelo mundo, sem jamais parar no mesmo lugar por muito tempo?

Ela viveria esta vida de fugitiva? E se o s'Hisbe a encontrasse com eles?

Ela seria morta em um piscar de olhos.

Era outra situação sem escapatória.

Bem o que ele precisava.

A bunda de Rhage estava dormente.

Mas, também, ele estava sentado em uma rocha, vigiando através da floresta a casa de vidro de Assail há quanto tempo? Horas. E tudo o que o cara fizera fora atirar um punhado de documentos sobre a mesa.

Pelo menos o traficante tinha uma bela cadeira na qual se sentar.

Rhage conferiu o relógio. O amanhecer não tardaria. — Estamos perdendo tempo aqui, pessoal.

No momento em que estava prestes a pegar o celular, para ver como estava V no rastreio dos dois primos, o Irmão materializou-se ao seu lado, e o Range Rover no qual a dupla de traficantes havia saído, apareceu na curva da casa.

— Aonde eles foram? — Rhage perguntou.

— Ao centro. Foram até uma casa de barcos no rio. Ninguém apareceu para encontrá-los, até onde vi. É totalmente possível que um deles tenha se desmaterializado de lá por um curto período de tempo para ir para outro lugar. Não dá para saber.

Enquanto V esfregava os olhos como se estivessem cheios de areia, Rhage perguntou — Meu irmão, quando foi a última vez que dormiu?

V deixou o braço cair e se endireitou como se estivesse fazendo um difícil cálculo matemático — Foi... Ah... Eu digo, é... Foi...

Rhage olhou para a porta da garagem, que estava se fechando. — Eles estão recolhidos para o dia. Vamos sumir.

— O que Assail fez?

— Além de encher as fuças de cocaína?

— Ele não saiu, então.

— Nada. Além de brincar com seus papéis e fazer duas chamadas que não duraram trinta segundos cada, permaneceu sentado. — Ele deu um tapinha no ombro de V. — Vamos pegá-los amanhã à noite.

V ainda praguejava ao saírem e viajarem para casa, através do frio ar da noite. Ao chegarem ao gramado à frente da mansão, viram iAm encarando a fachada da casa como se esperasse que o Godzilla aparecesse para esmagar tudo com o pé e varrer tudo com o rabo.

— Ei cara, está bem? — Rhage perguntou.

iAm pulou. — Oh, merda!

Quando o vento mudou de direção e trouxe o aroma do macho, Rhage ergueu as sobrancelhas. O Sombra estava coberto do cheiro de uma fêmea; e não o tipo de aroma que se compra em lojas.

Oh, o cara havia se dado bem.

Naquele tempo todo em que conhecia o cara, jamais vira iAm prestando nenhuma atenção particular às fêmeas. Ou aos machos. Pessoalmente, Rhage sempre pensara que o pobre bastardo sofria da Síndrome de Phury: aquela condição onde um irmão estava tão fodido que o outro caía em um buraco negro tentando salvá-lo.

Infelizmente, não parecia que Trez sairia de sua queda livre tão logo. Mas, claramente, iAm havia resolvido parar de se foder.

Fodendo outra pessoa.

Bom para ele, Rhage pensou. Era hora de o macho ter um descanso.

— Então, — V disse, ao acender um cigarro enrolado a mão — Como foi a sua noite, Sombra?

Evidentemente, ele também havia sentido o cheiro.

— Boa. — iAm disse.

— Mm-hmm. — V exalou. — Fez alguma coisa interessante?

— Não. Vocês?

— Nada. — Rhage replicou quando os três começaram a se dirigir para o vestibulo. — Só negócios, como sempre.

Na verdade, a noite com Assail havia sido extremamente frustrante, mas, mais que isto, ele estivera esperando notícias de Mary sobre a fêmea que havia sido levada para a clínica de Havers em coma. Nada. Nenhuma notícia. Estaria ela viva? Morta?

Maldição, ele só encontrara aquela *mahmen* uma vez; na noite horrível em que resgataram ela e o filho daquele macho violento. Mas, a situação estava preocupando sua Mary, pesando sobre ela; e isto significava que também estava em seu radar.

Além disto, sua *shellan* não vinha para casa há duas noites. E ele estava começando a ficar desesperado. Celulares não eram substitutos para o contato de verdade. Pelo menos não o tipo de contato que necessitava dela.

Ao chegarem no vestibulo, Rhage pôs a cara diante das lentes da câmera de segurança. Um segundo depois, a tranca foi liberada e eles entraram no saguão. A Última Refeição estava se iniciando, os *doggens* ocupados traziam comida à sala de jantar, pessoas se juntavam na arcada, mais membros desciam as escadas.

iAm parecia prestes a escapar, seus olhos grudados no tapete vermelho que subia as escadas até o segundo andar, como se, em sua mente, ele já estivesse a meio caminho de seu quarto. Fora das vistas.

Sem dúvida rapidamente indo para o chuveiro.

Mesmo que tivesse acabado de olhar para o celular e ver que a coisa estava em modo de vibração, Rhage pegou o celular de novo, e verificou de novo se havia perdido alguma coisa...

Lassiter saiu da sala de jogos, os cabelos louros e pretos trançados em um cordão espesso que descia pelos peitorais. Ele tinha uma caixa Yoo-hoo em uma mão, uma luva de Starbust na outra e havia tanto ouro no cara, que seu corpo parecia ter quilate próprio.

— Alguém mais assistiu *Real Housewives of New Jersey*?

Pessoas se viraram para encarar o cara.

— Como é que você permanece um convidado nesta casa? — Alguém perguntou. — Ainda não foi embora?

— Eu vou chamar um táxi para ele, — alguém mais murmurou. — Ou talvez a gente deva jogá-lo montanha abaixo.

— Tenho um lançador de batatas, — disse Butch. — O buraco é pequeno, mas podemos forçar um pouco que ele acaba entrando.

— Oh, não vou embora. — Lassiter sorriu. — Vamos lá, como se eu fosse perder toda essa comida grátis e a TV a cabo... Espere um minuto. — Aqueles brilhantes olhos de cor estranha se estreitaram em iAm... E então ele gritou — Puta merda, você transou!

No silêncio congelado que se seguiu, Rhage bateu na própria cabeça. — Anjo, sua noção de tato é ainda pior do que a minha, camarada.

Capítulo CINQUENTA E SETE

— E então, o que tem em mente, Primeiro Conselheiro?

Abalone fez uma reverência quando Wrath se dirigiu a ele. — Obrigado, meu senhor. — Ao entrar na sala de audiências, fechou a porta deslizante atrás de si. — Muito obrigado.

— Deve ser sério para você nos fechar aqui, — o Rei murmurou.

— Meu senhor... — ele pigarreou, — procuro servi-lo. De todas as maneiras.

— Isto eu já sei. Então o que há?

Não pela primeira vez, Abalone desejou poder olhar nos olhos do macho. Mas, talvez fosse melhor que aqueles óculos escuros escondessem tanto. Ele preferia manter seu cólon sob controle.

Notou as presenças de Phury e Zsadist, assim como a realidade da hora. Eles não tinham mais do que cinco ou dez minutos antes de poderem retornar ao complexo com Wrath. Mas, isto não podia esperar.

— Meu senhor, aprecio que tenha deixado Paradise ficar aqui. É muita generosidade de sua parte...

— Mas, quer que ela volte para casa e não gosta de ter Throe por lá.

Abalone fechou os olhos. — Sim, meu senhor. Ela é... A separação é mais difícil do que antecipei. E, por favor, saiba que não é que eu sinta que ela esteja em perigo aqui. Ela provavelmente está mais segura do que...

— Eu te coloquei em uma situaçãozinha de merda, não foi? — Wrath interrompeu. — Não é justo pedir para que banque a babá de um imbecil qualquer como ele, às custas de sua própria vida pessoal. Peço desculpas.

Abalone piscou. De todas as maneiras que achou que aquilo ocorreria, Wrath pedindo desculpas não estava nem perto de entrar na lista. — Meu senhor, por favor, sou eu quem está falhando com o senhor...

— Quer que nos livremos dele?

Phury falou. — Rhage adoraria fazer isto.

— Meu senhor, o senhor é tão...

Wrath ignorou-o e focou nos guerreiros. — Então quais os planos? Vocês querem ir para lá agora com ele fazer a evacuação?

Os olhos de Zsadist mudaram de amarelo para preto. — Vamos acabar com ele...

— Espere, espere. — Abalone ergueu as mãos. — É melhor eu falar com ele primeiro.

Wrath meneou a cabeça. — Não sozinho, não vai. Você é valioso demais para mim. Diga a Paradise para ficar aqui mais uma noite enquanto limpamos tudo para vocês.

E foi assim que, mais ou menos dez minutos depois, ele acabou se desmaterializando para sua casa, flanqueado por um par dos guardas pessoais do Rei.

Quando retomou forma em frente às pesadas portas frontais estilo Tudor, olhou para as janelas brilhantes e se perguntou onde Throe estaria, o que estaria fazendo... O que estava procurando. A criadagem havia dito que o macho tinha dormido o tempo todo naquela primeira noite, e que não parecia provável que acontecesse de novo. Desta forma, Abalone havia tido o cuidado de trancar todas as portas antes de sair, e havia muitos *doggens* com olhos vigilantes por lá.

Alinhando os ombros, olhou para os Irmãos que estavam, um de cada lado seu, como um par de aparadores de livros de Sun Tzu.

— Eu gostaria de ser o primeiro a falar com ele.

Phury anuiu. — A casa é sua. Você é quem deve desconvidá-lo.

Abalone abriu a fechadura de cobre com a chave, e não sentiu nem um pouco do conforto habitual ao cruzar a soleira, nenhuma tranquilidade quando seu amado mordomo se aproximou atravessando o saguão para tirar seu casaco.

— Mestre, — o *doggen* disse, com uma acentuada reverência. — Posso servir seus convidados na Última Refeição?

— Eles não vão ficar muito tempo. Onde está Throe, posso saber?

— Ele passou o dia em seu quarto. Eu tenho ido lá verificar... A porta permaneceu fechada e ele não desceu para as refeições. A única vez que bati, no início da tarde, respondeu que estava descansando.

Abalone não hesitou. Subiu as escadas, mantendo a chave de cobre na mão. Ao chegar ao topo, continuou avançando, passando pelas portas até chegar ao segundo melhor quarto de hóspedes.

Parecera uma honra não-merecida colocar o macho no melhor quarto de hóspedes, mesmo que Throe não soubesse disso.

— Throe, — Abalone disse, asperamente. — Preciso falar com você.

Diante da falta de resposta, ele bateu com força com o nó dos dedos na porta fechada...

A porta se abriu sozinha, revelando uma luz fraca no interior. Estava a ponto de entrar quando uma mão pesada segurou-o pelo ombro.

— Permita meu irmão, — Phury disse, gentilmente. — Não sabemos o que pode haver ai.

Z entrou com uma arma baixada contra a coxa. Um momento depois, após aqueles passos pesados percorrerem o quarto todo, ele disse, — Tudo limpo.

Abalone se apressou em entrar. De fato, o quarto estava vazio; a cama estava até arrumada. Não havia sinal de que qualquer pessoa sequer tivesse estado ali.

Exceto pela janela levemente aberta do outro lado do cômodo.

Na verdade, um dos painéis reforçados com malha de aço havia sido forçado e deixado entreaberto.

— Ele não era um prisioneiro aqui, — Abalone disse ao se aproximar e reposicionar a cobertura. — Por que fugir?

— A pergunta mais importante, — Phury disse, — seria: como podemos ter certeza de que ele realmente partiu? Esta é uma casa grande. Há muitos lugares para se esconder...

— Talvez isto explique as coisas. — Z se aproximou da mesa no canto e pegou um envelope selado. — Tem seu nome escrito.

O Irmão trouxe a carta e entregou à Abalone.

Com mãos trêmulas, Abalone abriu o envelope e retirou uma única folha de papel que havia sido dobrada ao meio. O papel timbrado era o seu próprio, com a gravura de uma casa no topo:

Caro Abalone, filho de Abalone,

Perdoe-me por não lhe agradecer pessoalmente. Sua hospitalidade foi muito apreciada, assim como sua generosidade. Em reconhecimento à posição difícil que minha presença sem dúvida lhe colocou, buscarei abrigo em outra parte.

Espero ansiosamente que nossos caminhos voltem a se cruzar, primo meu.

*Até lá, muito obrigado de novo por me abrir as portas de sua casa,
e até lá, eu permaneço,*

*Seu parente de sangue,
Throe*

— O que diz? — Phury perguntou.

Quando as persianas automáticas começaram a baixar para o período do dia, Abalone entregou-lhe a carta. — Nada importante. Eu concordo. Preciso fazer uma busca na casa, mas temo que levará tempo demais para que possam retornar em segurança ao complexo.

— Então ficaremos aqui com você o dia todo. — Phury disse enquanto lia a carta. — Mas, até sabermos que você e sua equipe estão seguros? Não vamos sair daqui.

Z riu de modo tenso. — Acha que vamos querer voltar e dizer a Wrath que cortaram sua garganta porque não fizemos nosso trabalho? Não é o tipo de relatório que eu iria querer fazer ao Rei.

Phury devolveu a carta e colocou a mão sobre o ombro de Abalone de novo. — E nos deixe fazer o trabalho sujo, é mais seguro para todo mundo. Onde fica seu quarto?

— No fim do corredor.

— Vamos, te levaremos lá e então vasculharemos os aposentos dos criados. Depois disto, vamos passar um pente fino nesta casa até saber que não ficou para trás nada além desta carta.

Abalone anuiu. — Obrigado, senhores. Muito obrigado.

— Estou deliciada por você ter me procurado. E desculpe ter te deixado esperando.

Throe sorriu para a fêmea que se dirigia a ele e indicou o sofá confortável no qual estava sentado desde que havia chegado à propriedade. — Não foi difícil. Estou aquecido e seco. Na verdade, você foi a anfitriã mais graciosa que poderia ser.

A fêmea aristocrata sorriu, exibindo dentes brancos como os diamantes que trazia no pescoço. Nos pulsos. Nos dedos e orelhas. Na residência modesta do zelador de sua imensa propriedade, ela parecia uma modelo que se apresentara para a sessão de fotos errada.

— Meu companheiro está doente, — ela disse, em tom grave. — Tenho de cuidar dele.

Vestida daquele jeito, em um vestido curto em estampa de leopardo, era de se perguntar exatamente que tipo de necessidades o *hellren* dela teria.

Aquilo dificilmente era o tipo de coisa que uma *shellan* usaria para enfiar um velhote na cama.

Mais provavelmente, Throe pensou, ela se vestira daquele jeito para encontrá-lo.

— Sim, eu me recordo da doença dele. — Ele disse, suavemente. — Sinto muito.

— Isto me aflige também.

— Como poderia não afligir?

— Eu logo serei uma viúva.

Ao anuir em solene simpatia, deliberadamente permitiu que os olhos vagassem sobre ela, dos lisos cabelos escuros até os pés apetitosos.

Da última vez que tinham se encontrado, também havia sido aqui, mas havia muito menos roupas envolvidas; em ambos, além de seus companheiros Bastardos. Ela havia se deitado diante da lareira, e ele e os soldados avançaram sobre sua pele nua, se alimentando e fodendo. Aquilo havia sido há cerca de um mês, a mais recente das sessões que aconteceram pelo ano anterior em intervalos regulares.

— Será só você esta noite? — Ela perguntou, de um jeito rouco.

— Sim, e devo lhe dizer que dividimos nossos caminhos, Xcor e eu. Estou abandonando a luta dele.

— É mesmo? — Ela ronronou — E onde está ficando?

— No momento, estou procurando um local.

— Mesmo?

— Sim.

Ela se aproximou, cruzando a sala pequena para ficar ao alcance dele. — O amanhecer se aproxima.

Ele novamente vagueou o olhar pelo corpo dela — É mesmo. Bem, então acho melhor ir.

— Tão cedo? — Ela fez beicinho.

— É mais seguro. — Vagamente, ele correu as pontas dos dedos pelos quadris dela, pela barriga... Descendo para a junção das coxas. Pressionando através do vestido, acariciou levemente seu sexo. — Assim, temo que seja melhor pararmos por aqui...

— Talvez você e eu possamos fazer um acordo, — ela disse.

— Oh? — Disse ele.

— Meu *hellren* é muito mais velho que eu. Ele é meu verdadeiro amor, é claro.

— É claro.

— Mas, por causa de sua idade avançada há algumas necessidades que ele não é mais capaz de atender regularmente.

— Acredito que você já conheça minhas habilidades neste quesito.

A fêmea sorriu de um jeito feroz. — Sim, conheço.

— E me parece justo que, se me oferecer pousada e refeições, você seja compensada da maneira que achar apropriada.

A fêmea colocou um de seus pés calçados em sapatos de salto agulha no braço do sofá e ergueu a barra do vestido até a cintura, expondo a ele, seu sexo nu. — Talvez primeiro, você possa refrescar minha memória quanto à seus talentos.

Throe ronronou no fundo da garganta e se inclinou para ela, estendendo a língua para lamber em volta de sua fenda. Quando ela arremeteu o quadril na direção dele e jogou a cabeça para trás, ele sugou o seu clitóris...

E então parou. Recostou-se no sofá. — Eu só tenho um problema.

— Sim? — Ela gemeu, endireitando novamente a cabeça.

— Não posso ficar aqui no chalé. Não se o Bando dos Bastardos vier te... Visitar. Certamente em uma propriedade tão grande, deve haver outras acomodações disponíveis?

Ela franziu o cenho. — Você é da linhagem de Bluerme, não?

— Sim. Pelo lado materno.

— Então você é um parente distante de meu *hellren* e, desta forma, seria rude de nossa parte não te oferecer abrigo. É claro, se for ficar na casa principal, teremos de te arrumar roupas adequadas.

Throe sorriu para ela. Era um acordo perfeito.

Afinal, ela e seu marido haviam apoiado a guerra política contra Wrath, e de jeito nenhum estariam felizes com a debandada do Rei contra o Conselho.

Ele conseguira abrigo, além de uma base de operações.

— Isto seria aceitável, — ele disse, deslizando as mãos pelos quadris dela e puxando-a de volta para sua boca.

Contra o sexo dela, ele murmurou, — Agora, permita-me demonstrar minha gratidão pela sua generosidade.

Capítulo CINQUENTA E OITO

— Eu trabalho sozinha. — A prostituta dizia ao recolher as roupas. — Não tenho um cafetão. Se me quiser de novo, sabe onde me achar.

Xcor olhou para a área de estar do chalé, observando a fêmea se vestir com uma eficiência e rapidez que só perdia para a velocidade do som.

A loira partiu sem nenhuma despedida, tendo feito seu trabalho e recebido seu pagamento de dois mil dólares. Quando a porta se fechou atrás dela, ele ergueu os olhos para o fogo que morria na lareira. Ele havia pagado para fodê-la de todas as formas e posições que quisesse e era exatamente o que havia feito. Repetidamente. Ele havia também tomado de sua veia.

Pela qual teve de pagar os outros dois mil dólares.

Graças à sua audição aguçada, ouviu-a do lado de fora, caminhando por sobre as folhas. E então a voz atravessou as paredes finas da estrutura que ele havia comprado para outra.

— É, estou saindo agora. É. Ele era feio, mas trepava como um animal...

Foi a última coisa que ouviu, então ela deve ter se desmaterializado.

Seu corpo ainda estava nu quando se sentou no chão diante da lareira, joelhos para cima, cotovelos apoiados, braços caídos. O suor esfriava em sua pele, as presas ainda alongadas pela alimentação, o sexo flácido, encolhido e vermelho de tanta ação a que foi submetido.

O cheiro de tudo o que havia feito empestava o ar, cada respiração em seu nariz era um lembrete das coisas que seu corpo havia feito.

E com quem.

Baixando a cabeça, esfregou seu cabelo comprido demais, vagamente pensando que devia cortá-lo.

Imagens rodopiavam em sua mente, ele virando a fêmea de quatro e comendo-a como um cão. Suas bolas haviam batido contra o sexo dela, enquanto fodia sua bunda e ele havia gozado tantas vezes que, ao sair dela, havia deixado pingando.

Ele havia tentado fazer tudo tão sujo quanto possível, e tinha até mesmo beijado a fêmea. Pelo corpo todo.

Ele queria macular cada pedaço de sua pele com a experiência. Mudar seu corpo. Alterar sua mente.

Apagar a lousa totalmente.

Ao invés disto, ao se sentar sozinho no chão duro, viu que havia feito o oposto. Layla era a única coisa em que conseguia pensar: seu rosto adorável e tímido, aqueles olhos verdes tão inteligentes e gentis, o corpo do qual ele só havia tido impressões. A sessão com a prostituta havia somente diminuído a luz ao seu redor, de forma que a iluminação oferecida por aquela a quem ele amava, brilhava ainda mais forte, no contraste.

Como estratégia, aquilo havia sido um fracasso total.

Então ele tinha de encontrar outra. Ou tentar isto de novo, sim, ele tentaria de novo com outra, ou com a mesma ou mais três ou quatro. O dinheiro era escasso, mas Balthazar e Zypher eram tão sedutores que Xcor tinha certeza que podiam negociar em seu lugar.

E sempre havia o álcool para ajudá-lo.

E a guerra, que era uma excelente drenadora de energia.

O que não podia fazer era ceder à quase sufocante necessidade de telefonar para Layla para ouvir sua voz, e implorar para ela vê-lo apesar do que havia lhe dito.

Aquilo só seria mais uma morte para ele.

Bloodletter havia lhe ensinado que, parte da força era a eliminação da fraqueza, e vezes sem fim, com a repetida exposição àquela Escolhida, suas emoções o haviam castrado: Ele estava fazendo escolhas e distraíndo-se com coisas que comprometiam a integridade de seu guerreiro interior.

E de alguma forma, ela havia descoberto e lhe mostrara aquela verdade.

O conhecimento dela sobre tudo o que ele sacrificara por causa dela havia sido o que o despertara, e somente um tolo não perceberia o caminho que estava trilhando; ele precisava alterar o destino do que ela se tornara para ele, desviar daquela situação insustentável com ela, proceder com entusiasmo de volta à clareza que uma vez possuía.

Senão o que seria o futuro deles? Mais encontros às escondidas aqui? Até que, eventualmente, um Irmão a seguisse devido a alguma pequena gafe que ela tivesse dado ou alguma suspeita sobre a qual ela não tivesse consciência? Seus

soldados e ele precisavam de um local seguro para descansar e se recuperar durante as horas do dia, e ele não podia comprometer isto.

Onde ele estivera com a cabeça? Ao trazê-la aqui?

Ele e seus Bastardos não tinham dinheiro para se mudar de novo tão logo, o aluguel da propriedade era um fardo grande demais agora que Throe havia partido.

Pelo menos Xcor sentia que podia confiar nela. Ela tivera nove meses para delatar o local nos prados onde sempre se encontravam, e ele ainda sabia onde o Complexo da Irmandade ficava. Era uma *troca* mútua... Se ela divulgasse este lugar, havia de saber que sua reação seria um ataque direto à mansão sagrada da Irmandade.

Onde, se as fofocas fossem reais, o primogênito do Rei dormia em seu berço.

Não, ela não diria nada...

Bing!

O som de seu celular tocando o fez virar a cabeça. O aparelho celular estava no chão perto da porta, no emaranhado de suas calças.

Pulou em pé e correu pelo espaço, suas mãos parecendo atrapalhadas ao remexer pelas camadas de tecido, e lutando contra o fecho do bolso, retirou o aparelho.

Ele não havia tido resposta nenhuma dela quanto à mensagem que havia convertido de voz para texto para lhe enviar.

Digitando uma senha de quatro dígitos no teclado numérico, desbloqueou o aparelho e vasculhou pelas mensagens de texto. Seu analfabetismo era tão grande que tinha de usar um aplicativo conversor de texto-para-áudio para conseguir receber as mensagens de seus soldados e dela.

Mas, sabia o suficiente para ver que, o que recebera não era da Escolhida.

Ele afastou o celular sem ouvir o que era.

O fato de ter caminhado e parado em frente à porta de entrada, como se estivesse perdido, o emputeceu.

Ele não podia, não iria permitir que esta castração continuasse. Havia coisas demais em sua vida que eram mais destrutivas do que deixar uma fêmea que não era dele, só para começar: sua mãe havia odiado sua aparência e o havia abandonado por causa de seu lábio leporino; ele havia suportado abusos inimagináveis no campo de treinamento do Bloodletter; e então seguiram-se os

séculos de depravação nesta guerra, seu ódio desenfreado pelo mundo o definia, o guiava.

Este assunto com Layla não iria derrotá-lo.

Forçando seus pés adiante, entrou no banheiro e ligou o chuveiro. O sangue que a puta havia lhe fornecido o provia de uma força física que ele não sentia desde...

Não, ele não podia mais pensar em Layla.

Ele tinha de esquecê-la. Desligar suas emoções.

Era como uma morte, disse a si mesmo. E as Destinos sabiam que ele conhecia isto bem demais, e conseguia lidar definitivamente com o conceito.

Entrando sob o jato de água gelada, pegou o sabonete e começou a lavar sua pele, mas, então parou.

Não, ele precisava manter o fedor em sua carne.

O propósito do banho era somente acordá-lo da letargia pós-alimentação que confundia seu cérebro. Depois disto, ia até seus soldados.

Era hora de voltar a focar e renovar seus esforços na guerra.

E reassumir o curso natural de sua vida.

Capítulo CINQUENTA E NOVE

Trez voltou ao mundo da maneira cambaleante e ruidosa que era a única coisa questionavelmente positiva sobre ter as enxaquecas. Após a grande tempestade de dor e náusea, havia sempre um período de pós-agonia flutuante, quando ficava tão fodidamente grato por não ter mais aquele machado invisível enterrado em seu cérebro, que só queria abraçar o mundo.

Abrindo os olhos, piscou algumas vezes e olhou para a porta aberta do banheiro. Onde estava...

— Está acordado?

Ao som da voz de Selenia atrás de si, ele ergueu o torso do colchão e virou a cabeça. — Ei.

Ela estava na chaise, lendo em um Kindle, o brilho da tela iluminava seu rosto com uma luz suave.

— Como se sente? — Ela colocou o aparelho de lado e se aproximou dele.

— Melhor. — Mais ou menos. Agora estava preocupado com ela de novo. — Como você está?

Será que nada havia mudado enquanto ele esteve apagado? Por quanto tempo ele...

— Não, nada mudou. E você esteve apagado por oito horas.

Ah, então ele falava em voz alta.

Ele pegou a mão dela e tentou ser sutil sobre o modo como testava os movimentos dos dedos e pulsos, conforme ela se sentava no colchão ao seu lado.

— Tem algum motivo específico por você estar evitando me olhar nos olhos?

— Perguntou ele.

— Está com fome?

— Não, especialmente quando você está evitando minha pergunta.

Ele estava sendo direto demais, mas, amenidades sociais e baboseira não estavam no topo de suas habilidades até em suas melhores noites.

— Eu, ah, fui ver a Dra. Jane.

Agora o sangue dele ficou gelado nas veias. — Por quê?

— Eu só queria que ela me examinasse.

— E?

— Ela fez uns exames e...

Naquele ponto, sua audição pareceu ter chegado ao fim da capacidade e ele não conseguiu ouvir. — Desculpe, pode repetir?

Talvez se ela repetisse as palavras, as coisas de alguma forma pudessem atravessar os alarmes que dispararam em seu crânio.

— ... Quando estivéssemos prontos para ir vê-la.

Trez sentou-se totalmente. Esfregou o rosto. Olhou para ela, enquanto ela olhava para o tapete. — Descer até a clínica, quer dizer?

— E encontrar a ambos. Manny também vai estar lá.

— Está bem. Sim. — Ele olhou para o banheiro. — Preciso de um banho primeiro.

— Não tem pressa.

Certo, mas não era isso que ele sentia. Ele saiu da cama, foi ao banheiro, ligou o chuveiro, usou a privada, e pôs-se sob o jato. Mãos rápidas com o xampu e o sabonete e nem se preocupou com barbear-se.

Saiu. Secou-se. Voltou ao quarto com uma toalha ao redor da cintura.

Ela ainda estava sentada no mesmo lugar.

Quando passou por ela para ir ao closet embutido, a mão dela agarrou-lhe o pulso.

Quando ela finalmente ergueu os olhos para ele, seu olhar era firme como uma rocha, mas, intenso o bastante para queimar um buraco em sua nuca. E por alguma razão, a combinação o aterrorizou.

— Preciso falar com você antes. — Disse ela.

Fechando os olhos brevemente, Trez caiu de joelhos em frente a ela, e no fundo de sua mente, pensou, *Não, não, eu não quero ouvir. Seja lá o que for, não quero ouvir...*

As mãos dela, aquelas belas mãos, se ergueram para o rosto dele e traçaram as sobrancelhas, bochechas, mandíbula. Quando um de seus polegares se esfregou no lábio inferior dele, ele beijou-o.

— Luchas perdeu a cabeça esta noite.

Trez franziu o cenho e balançou a cabeça. — Desculpe... O que?

— Na clínica. Ele só... Perdeu a cabeça. Eles cortaram um pedaço da perna dele para salvá-lo... Acho que ele vai sobreviver. Mas, não está feliz com isto.

— Oh. Está bem. Sim.

Mesmo sendo cruel, tudo o que podia pensar era: “E daí, Selena?”.

— Ele queria morrer. Ele ficou tão bravo porque não o deixaram morrer.

O que isto tem a ver conosco, ele gritou dentro de sua cabeça. *Que merda isto importa...*

— Eu não quero ir, — ela disse. — Não quero te deixar. Ou em algum nível, nem mesmo sei como... Digo, quando minha hora chegar, literalmente não consigo imaginar.

Trez engoliu em seco através de uma garganta tão apertada quanto um torno.

Antes que pudesse responder, ela sussurrou. — Estou com medo.

— Oh, minha rainha...

— Por você. — Quando Trez recuou, porque era a última coisa que esperava que ela dissesse, ela tomou seu rosto entre as mãos. — Ver aquele ódio em Luchas, aquela ira contra o mundo e contra todos... Me preocupa que depois que eu me vá, você se sinta daquela forma.

Forçando-se a manter-se calmo, ele disse, — Ouça, eu...

— Não minta para mim ou para si mesmo. Seja lá o que vá dizer aqui, precisa ser verdade.

Bem, aquilo o calou na hora.

— Imaginar que você vai sentir tal fúria me assusta mais do que qualquer coisa que possa acontecer a meu corpo ou alma. Mesmo que haja vida eterna ou que não haja nada no final, o que me preocupa de verdade é você. — Os olhos dela se afundaram nos dele. — Eu quero que você me prometa... Quero que me jure pelo seu coração e pelo meu.. que vai continuar. Que ficará aqui com iAm e os Irmãos e deixará que eles cuidem de você. Que não vai deixar esta ira te destruir. Não consigo... Não vou conseguir te ajudar, então você terá de deixá-los cuidar de você.

— Selena, primeiro de tudo, você não vai a lugar algum...

— Minhas mãos começaram a enrijecer. Meus pés e tornozelos também. Acho que não temos muito tempo, Trez.

Enquanto falava, Selena acariciava as sobrancelhas de Trez quando ameaçavam se franzir. Ela havia ensaiado as palavras por horas em sua mente,

tentando encontrar a combinação certa, de forma que ele não rejeitasse a mensagem.

Era muito importante. Ela tinha de dizer aquelas coisas, ele precisava ouvi-las.

— Vai ser muito mais difícil eu passar por tudo isto se estiver preocupada com você.

Ela podia sentir as emoções dominando-o, e não foi com surpresa que viu os olhos negros dele brilharem verdes em seu rosto escuro, e ela queria infernalmente poupá-lo disto, mas não podia.

— Preciso que jure para mim, — ela disse, — aqui e agora, que não vai se afastar do mundo, que você vai...

Trez ficou rapidamente em pé e começou a perambular, mãos nos quadris, cabeça baixa, como se tivesse tentando se controlar um pouco.

— Trez, quero que continue a viver depois que eu partir. — Quando ele começou a negar com a cabeça, ela cortou. — Porque é a única coisa que vai me ajudar a enfrentar tudo isto.

Ele ergueu as mãos — Tudo bem, está bem. Eu vou continuar vivendo. Agora, posso me vestir para podermos descer à clínica...

— Trez. Não minta para mim.

Ele parou e virou na direção dela, seu corpo magnífico cheio de tensão, os músculos das coxas e ombros ondulado sob sua pele suave e sem pelos. — O que quer que eu diga?

— Que vai aceitar a ajuda das pessoas. Você vai precisar... Eu precisaria se fosse você.

— E vou! Chega! Eu vou até mesmo procurar Mary... Vou usar a porra de uma placa no peito escrito “em processo de luto”, pelo amor da porra. Está satisfeita? Agora podemos parar de falar sobre esse maldito assunto?

Diante dos gritos, ela fechou os olhos em exaustão. — Trez...

— Você diz que não consegue imaginar-se partindo, certo? Bem, não consigo nem mesmo pensar nisto. Eu não penso a respeito... Me *recuso* a construir isto em minha mente, — ele apontou o dedo para a cabeça, — uma realidade onde você não vai estar aqui. Então, eu não somente não consigo projetar que porra vou sentir, mas, certo como o inferno, não posso jurar sobre uma hipótese.

— É melhor que comece a pensar sobre isto, — ela disse asperamente. — É melhor começar a se preparar. Estou te dizendo agora que o fim do jogo está chegando.

Ele pareceu murchar na frente dela, mesmo que continuasse com a mesma altura e peso. — Não fale assim.

— E quero que encontre outra fêmea, em algum momento no futuro. Eu quero que você... — diante disto, sua voz se partiu com uma dor tão grande que seria capaz de jurar que deixaria uma mancha de sangue no centro de sua blusa. — Não quero que passe mais novecentos anos dormindo sozinho.

Quando ele permaneceu em silêncio, a devastação nele era tão grande, que recuou uns passos e caiu na chaise.

— Eu achei que me amasse... — ele disse em uma voz que não parecia dele.

— Eu amo. Com todo o meu...

Ele esfregou o peito. — Então é disto que se trata. Por que quer que eu saia e encontre outra fêmea...

— Trez, me ouça, — mas ele se foi, havia se retraído para algum lugar em sua mente que ela não podia alcançar. — Trez, eu te amo mesmo, e este é o ponto...

— Então porque você alguma vez me pediria para encontrar outra? — Os olhos dele estavam despedaçados ao se voltarem para ela. — Porque você iria querer isto? Alguma vez? É uma violação de tudo o que eu pensei que sentíamos um pelo outro.

— Trez...

— Eu me vinculei a você. Você sabe disto. Por que alguma vez diria a um macho vinculado que ele tem de sair e fazer sexo com outra pessoa?

— Você está perdendo o ponto...

Merda, não era assim que era para ser. Ele devia lhe dar seu juramento... E levar sua permissão junto ao coração para que, daqui um zilhão de anos, quando seguisse adiante dela e quando tudo o que significavam um para o outro não estivesse tão cru, não se sentisse culpado se encontrasse alguém para ser feliz.

Era a coisa certa a fazer.

— Talvez você devesse ir embora, — ele disse, em uma voz entorpecida.

— *O que?*

Ele esfregou os olhos. — Apenas saia. Saia daqui de vez. — Ele indicou a porta. — Eu estava preparado para enfrentar absolutamente tudo com você, mas,

isto não. Você não quer o meu amor, tudo bem. Entendo. Foram noites doidas para você, e grandes emoções parecem ter um jeito de contaminar tudo o mais, e fazer as coisas parecerem mais importantes do que são na verdade. Mas, não pode mais ficar aqui comigo.

Ela balançou a cabeça, como se talvez isto fizesse as palavras dele terem sentido. — Do que está falando?

— Não te culpo. A Dra. Jane te disse que salvei sua vida, então você deve ter sentido um bocado de gratidão, que pode ter confundido com amor. Entendo...

— Espere, o que... Não entendo o que está dizendo.

— Mas, não posso ficar perto de você. Você diz que não quer que eu me destrua? Tudo bem, então, um bom começo seria sair agora.

Selena foi tomada por um pânico oscilante que fez sua nuca formigar. — Trez, você não ouviu o que eu disse. Você está entendendo tudo errado. Eu te amo...

— Não diga isto, — ele cortou. — Não ouse dizer isto para mim de novo...

— Eu vou dizer o que quiser, — ela cortou de novo. — É com sua audição que estaria preocupada se fosse você.

— Ah, meus ouvidos estão funcionando perfeitamente, querida. É só que a fêmea que eu amo e idolatro mais do que qualquer coisa no mundo inteiro me disse que quer que eu saia para foder com outras. Talvez, antes de morrer, você devesse escrever ao Hallmark para sugerir esta merda como mensagem de cartão do dia dos namorados, é realmente romântico pra caralho.

Agora foi ela quem se levantou. — Eu não quero isto! Não quero nada disto! — Sua voz se elevou a um tom histérico, mas não pode evitar. — Pensa que estou *feliz* em dizer estas coisas, pensar estas coisas? Só Deus sabe quantas noites tenho de vida e passei esta noite aqui, sentada nesta porra de poltrona, olhando para alguma bosta de livro que não estive realmente lendo, imaginando você enforcando-se no banheiro depois que eu morrer! Ou se embebedando e batendo o carro em uma árvore! Ou voltando à vida de fodas sem sentido, não por mais uma década, mas, um século!

Ela circulou um dedo próximo à cabeça. — Estes pensamentos... Eu não os quero! Você acha que *quero* dizer isto a você? Jesus Cristo, Trez, eu te amo! Não quero que você jamais fique com outra fêmea, *nunca*! Quero que você se sente em um canto e lamente a minha morte até a sua própria morte... Não quero que

jamais veja o sol ou a lua, ou que desfrute de uma refeição, ou que tenha um dia de bom sono! Quero te assombrar pelo resto de sua vida, até que qualquer lugar que você vá e qualquer pessoa com quem fale, tudo o que possa ver seja o meu fantasma... Porque então saberei que não vai me esquecer!

Ele ergueu as mãos — Selenia, eu...

— Você quer saber o que a morte é? Eu te digo o que é... A morte é quando os vivos se esquecem de você! Se esquecem de seu cheiro e aparência, do som de sua voz, da sua risada! Mesmo que haja uma vida após a morte, minha morte vai ser você seguir adiante, sem mim, até que não consiga mais se lembrar da cor de meus olhos ou dos meus cabelos...

E no fim, foi ela que acabou dando uma de Luchas.

De repente, sua visão ficou branca e ela perdeu o controle sobre a forma como se inclinou para o abajur mais próximo, derrubou-o da mesa de cabeceira, e arremessou-o do outro lado do quarto, direto à fileira de janelas, enviando-o com tanta força que a cúpula de seda, atingiu o lustre que se dependurava do teto.

Tudo quebrou, cacos de vidro voaram para todos os lados, de forma que Trez teve de erguer o braço para proteger os olhos.

Ela explodiu em prantos. — Não quero que siga em frente sem mim.

Enquanto sua alma se partia em duas, ele pulou em pé e se aproximou. Quando tentou abraçá-la, ela lutou contra ele, esmurrando-o com os punhos fechados.

— Você vai encontrar outra pessoa, — ela gemeu. — Você vai se apaixonar por outra pessoa e ela lhe dará um filho e te abraçará quanto tiver sonhos maus e te fará jantares. — As lágrimas caíam tão fortes e tão pesadas, que ela não podia respirar. — E ela vai ser melhor que eu porque ela vai... — Selenia se jogou contra ele, — ela vai ser sortuda o bastante por estar viva.

Trez a abraçou contra o peito e acariciou suas costas.

Lá estava. A verdade nua e crua. O mal que ela tinha tentado esconder e maquiar, por que queria ser uma fêmea de valor ao invés da patética maldição pegajosa que na verdade era.

E, ainda assim, ele estava com ela. Alma-a-alma, corpo-a-corpo, destemido e totalmente determinado a amá-la através daquilo tudo.

Eventualmente, ela tomou consciência da batida do coração dele.

Bum. Bum. Bum.

Tão firme e forte.

Respirando fundo, ela recuou. Quando ele secou as lágrimas dela com os polegares, ela disse roucamente, — Uau, me saí bem, hein?

Capítulo SESSENTA

Quando Selena falou, Trez riu. E ela sorriu.

Ambos estavam uma bagunça, o rosto dela inchado e vermelho vivo pelos gritos e pelo choro, o antebraço dele sangrava dos cacos de vidro que o atingiram, seus corpos tremiam ao ficar parados próximos um ao outro.

— Você ensaiou tudo aquilo? — Ele perguntou, acariciando o cabelo dela para trás.

— Ah sim. Tipo, por horas.

Ele guiou-a para a cama e ambos se sentaram, antes que caíssem em cima dos cacos de vidro que cobriam o tapete. — E em sua mente, como as coisas se desenrolavam?

Selena se inclinou em busca da caixa de lenços de papel que havia perto do despertador. Ela lhe ofereceu um lenço, e então pegou um para ela.

Depois de ambos assuarem o nariz, ela respirou fundo de novo. — Em minha mente tudo ia tão bem. Você ficava emocionado pela minha magnanimidade. Se sentia humilde pela pureza de meu amor. E, então, eu ficava toda lacrimosa, estilo *Sintonia de Amor*... Nada assim.

Quando ela indicou o próprio rosto, ele inclinou-se para ela e beijou-a. — Você está mais linda do que nunca para mim.

Ela revirou os olhos. — Ah, vamos lá, fale a verdade. Eu acabei de te dizer que quero que adote o celibato por minha causa pelo resto de sua vida.

— E nada me faria mais feliz.

— Trez, seja realista. Isto foi totalmente mesquinho de minha parte.

— Acha que eu penso diferente? — Ele estremeceu — E se fosse eu a morrer? Eu não ia querer que você sequer olhasse para outro macho, imagine ficar nua com ele. — Ele não conseguiu evitar um gesto de desgosto ao tentar imaginar aquele pesadelo. — Oh, merda, não. De jeito nenhum. Hum-hum.

— Sério?

— Cem por cento sério. Definitivamente sério.

Quando ela olhou para o tapete, o sorriso mais bonito iluminou seu rosto.

Cara, era bom falar a mesma língua.

Mas, então a expressão dela se desvaneceu.

Eles ficaram quietos por um tempo estranhamente longo. E, então, ele sentiu que sabia no que ela estava pensando.

— A vida pode ser muito longa, — ela disse. Como se estivesse imaginando o tempo que havia diante dele... E como as coisas podiam mudar.

— Sim, pode ser. — Ele sentiu como se tivesse vivido três vidas somente nas duas últimas noites. — Mas, minha memória é mais forte do que o tempo. Quando se trata de você, minha memória será a minha parte imortal.

— Se isto passar, — ela pigarreou, — se você realmente encontrar outra pessoa, quero que saiba... Eu jamais usaria isto contra você. Te amo demais para culpá-lo disto.

— Não vai acontecer.

Selena pegou outro lenço de papel, mas, não usou. Ela só dobrou o frágil quadrado de papel ao meio. E então de novo. E uma terceira vez.

— Não quero que congele em um cemitério que você mesmo construiu. — Ela finalmente disse. — Acho que nisto resume tudo o que estou tentando dizer. Meu maior medo é ficar presa em meu próprio corpo para sempre? Trancada? Temo por você, pela sua dor, também. Sim, claro, há uma parte de mim que quer que você abaixe a cabeça e deixe os anos passar, mas uma parte ainda maior de mim não quer este tipo de prisão para você. Eu acho... O que estou tentando dizer é que se você se sentir mal, sabe, em algum ponto, porque algo aconteceu e você achou engraçado ou se comer uma boa refeição e gostar... Se houver um filme que queira ver ou se ficar feliz com um presente que alguém te der, somente saiba que eu te amo naquele momento. Talvez você possa até fingir que são presentes meus, do outro lado. — Ela sorriu tristemente, — um beijo meu para você.

Oh merda, agora ele sentia-se enlouquecendo de novo.

— Pode me prometer isto, Trez? Que deixará as boas coisas acontecerem, mesmo depois que eu partir? — Ela correu os dedos pelo rosto dele. — Mesmo que estas coisas ocorram porque outra fêmea está ao teu lado? A única coisa pior do que eu morrer, seria se nós dois morrêssemos, ainda que este seu coração grande e forte continue a bater em seu peito.

Ele fechou os olhos. — Não quero falar sobre isto.

— Nem eu.

No silêncio que se seguiu, ele foi novamente confrontado pela realidade de que não havia nada pelo que lutar, ninguém contra quem gritar, ninguém a quem pudesse esfaquear com uma adaga para parar tudo aquilo.

— Você quer descer para ver a Dra. Jane agora? — Disse ele.

— Eu preferiria que você me respondesse.

Trez juntou as mãos dela entre as suas. — Se isto lhe traz paz à mente, sim, está bem. Eu prometo que... — Okay, ele não conseguia dizer aquilo na realidade. — Eu vou seguir em frente.

Ele beijou-a suavemente, e então se levantou e entrou no closet. Ele não fazia ideia do que havia vestido, mas cobriu o que tinha de cobrir e se lembrou até de passar desodorante. Quando saiu, seu estômago parecia ter sido dragado.

— Está pronta para ir à clínica?

Ela olhou ao redor do quarto como se buscasse por alguma coisa. Ou talvez só quisesse adiar o inevitável por mais um pouquinho.

— Sinto muito pela janela, — ela exalou.

— Está bem. A persiana continua no lugar, para impedir que o vento e o frio entrem.

— E o abajur.

— Como se eu me importasse.

Ela anuiu e se levantou. Ela usava justas calças jeans pretas e uma blusa branca larga.. e ele se sentiu impactado pelo modo como ela ficava linda em roupas normais, sem toda aquela formalidade de Escolhida. E era engraçado, o linguajar dela também relaxava, se tornando mais coloquial.

Maldição, ele pensou... Ele realmente adoraria poder ter filhos com ela.

A viagem até a clínica pareceu infinita, e Selenia não tinha certeza se isto era bom ou ruim. Por um lado, estava pronta para receber as notícias para poder lidar com elas, fossem quais fossem. Por outro, ficaria contente em viver na zona da ignorância mais um pouquinho.

Trez segurou sua mão o caminho todo até o Centro de Treinamento, sem soltá-la nem mesmo ao digitar as várias senhas ou quando passaram pelo depósito de suprimentos. Descendo pelo corredor até a sala da Dra. Jane, ela

pensou em todas as portas nas quais poderiam entrar ao invés daquela a qual estavam destinados.

Quando chegaram ao consultório, ela olhou para ele. — Eu não poderia fazer isto sem você.

Ele se inclinou e tocou a boca dela com a sua. — A parte boa é que não será preciso.

Juntos, entraram no consultório. Instantaneamente, Selena sentiu dificuldades de respirar, aquele aroma químico e todo aquele brilho afetaram-na novamente. E a sufocante sensação piorou quando a Dra. Jane e Manny se endireitaram da tela do computador na mesa e compuseram idênticos sorrisos profissionais.

— As notícias são ruins, então? — Disse ela. Quando ambos os médicos começaram a negar, ela os interrompeu. — Por favor. Respeitem a mim e a meu tempo o suficiente para não desperdiçar palavras tentando amenizar tudo isto. Diga-me o que meu corpo lhes disse.

— Nós detectamos algumas alterações nas articulações — Dra. Jane recuou uns passos — Em todas as radiografias que tiramos.

Bem... E não é que aquilo a afetou? Mesmo que ela não esperasse resposta diferente.

Os dois médicos se alternaram em explicações, e Trez anuiu como se entendesse tudo da conversa. Ela, no entanto, estava focada na tela do computador, onde havia duas imagens lado a lado, uma que havia sido tirada após a ocorrência do último episódio... E a outra que havia sido tirada há algumas horas. Separadas por meros dois dias... As articulações exibiam uma névoa cinzenta nos espaços entre os ossos.

— Como se estivessem se inflamando, — a Dra. Jane disse. — Talvez seu corpo esteja reagindo contra a doença?

— Quanto tempo? — Trez perguntou.

— Não temos ideia. — Manny reajustou o contraste do monitor, como se buscando por algo. — Gostaríamos de sugerir que viesse para tirarmos mais radiografias a cada seis horas a partir de amanhã. Deste jeito poderíamos mapear as alterações.

— Está sentindo dor agora? — Dra. Jane perguntou.

— Não.

— Porque podemos aliviá-la, se for preciso.

Trez falou em voz alta. — Não existem medicações que possamos tentar?

Querida Virgem Escriba, o cérebro dela parecia ter travado.

— Bem, conversamos sobre isto, — Manny olhou para Jane. — E estamos em um dilema.

Dra. Jane assumiu. — Uma das coisas que pensamos em usar foi anti-inflamatórios. Esteróides orais podem ser problemáticos, porque suprimem o sistema imunológico e não está bem claro qual extensão um episódio está sendo impedido precisamente pelas defesas do próprio corpo dela.

— Sua contagem de células brancas no sangue está alta demais, — Manny interrompeu. — Então, definitivamente algo está acontecendo neste momento.

— E injeções de esteróides nas articulações, mesmo que somente nas maiores de seu corpo, não passariam de soluções parciais. — Jane correu uma mão pelos cabelos curtos. — Parece lógico começar com NSAIDs... Pensei em prescrever Motrin.

— Não há muitos efeitos colaterais, — Manny completou.

— Eles aliviarão a dor até certo ponto, mas, também funcionam como anti-inflamatórios que não afetariam o sistema imunológico.

Selena fechou os olhos e desejou estar em outro lugar. Desejou ser outra pessoa.

Pensar que o Complexo inteiro estava cheio de pessoas que não tinham medo de não acordarem no próximo pôr-do-sol.

Não que ela quisesse tirar deles aquela benção. Não mesmo.

Ela só queria fazer parte daquele clube.

Houve um pouco mais de conversa, mas seu cérebro havia partido do consultório e daquela discussão clínica. Ao invés disto, estava de volta ao quarto de Trez, revivendo a briga, que em última instância o aproximaram ainda mais.

Trez tinha razão. Eles haviam vivido uma vida inteira nas últimas quarenta e oito horas.

— ... O que acha? — Ele perguntou a ela.

— Desculpe? — Ela murmurou.

— O que acha? Gostaria de tentar as pílulas? — Quando ela permaneceu em silêncio, ele se inclinou. — Você está bem? Precisa de um pouco de tempo?

— Eu preciso fazer um jantar para você, — ela disse. Então estremeceu. — Sinto muito, sim, claro. Tentarei o que quiserem me dar. Mas, depois de eu começar a tomar as pílulas... Quero fazer um jantar para você ao anoitecer. No Grande Acampamento. Sem mais ninguém em volta.

Trez sorriu um pouco. — Está bem. Quer planejar o encontro de hoje, por mim está ótimo, minha rainha.

Ela respirou fundo e acenou para os médicos. — É o que quero fazer. E depois, quero o meu passeio de barco.

Ambos os médicos disseram tudo bem, cuidando das coisas, estendendo as mãos e tocando as mãos dela, seus ombros... E ela realmente apreciou o contato. Fazia-a sentir-se como se não fosse alguma máquina que estavam consertando à distância, mas, alguém a quem eles amavam e com quem se importavam. Alguns minutos depois, um frasco cor de laranja com tampa branca foi posto em sua mão e instruções foram dadas, instruções as quais ela não escutou.

Mais acenos. Mais agradecimentos. Então, ela e Trez saíram.

Ela esperou a porta se fechar atrás deles. — Você entendeu o que eles disseram? Como eu devo tomar isto? — As pílulas emitiram um ruído ao chacoalharem dentro do frasco e ela olhou para baixo. — Oh, tem um rótulo.

— Eu me lembro de tudo, — ele disse, passando o braço ao redor dos ombros dela. — Vamos.

Ele levou-a de volta ao escritório. Passaram pelo depósito. De volta ao enorme túnel que cheirava umidade.

— Posso dizer uma coisa?

Ela olhou para ele. — É claro. E prometo que não vou jogar mais abajures... Bem, não que haja algum por aqui agora, mas, ainda assim.

— Você pode jogar o que quiser. — Ele parou e virou-a para encará-lo, acariciando o cabelo dela para trás. — Você é a pessoa mais corajosa que eu conheço.

Ela riu em uma explosão. — Está bem, pare de fazer piadas sobre o defunto, está certo?

— Falo sério. E não diga isto.

— Você vive com a Irmandade. Eles são os seres mais corajosos da raça.

— Não, — ele sussurrou.

Quando baixou os olhos para ela, a admiração que seu rosto expressava era... Simplesmente devastadora. Mas, ainda estava errado. — Trez, estou aterrorizada com tudo isto. — Ela ergueu as pílulas, — estou assustada em tomar isto. Estou com medo de ir dormir...

— Você é muito corajosa...

— Estou com medo de te fazer o jantar, — ela ergueu o dedo indicador, — e para sua informação, você também deveria estar. Eu não consigo fazer nem torradas. Que é só pão. Em uma torradeira. Quão difícil é isso?... E ainda assim, queimei pacotes e mais pacotes da coisa.

Ele balançou a cabeça. — Coragem não significa não ter medo. — Ele baixou a boca para a dela e a beijou. — Deus, eu te amo tanto. Te amo tão profundamente. Te amo para sempre.

Enlaçando os braços ao redor dele, ela abraçou-o com força, e talvez tenha aproveitado para secar algumas lágrimas na camisa dele. — Está bem, você acha que eu sou corajosa... Bem, você é o macho mais romântico que já conheci, vi, ou ouvi falar.

Agora foi ele quem riu, e o som profundo soou tão bem contra o ouvido dela — É. Hã-hã. Certo.

Colando o corpo contra o dele, ela disse, — Não há nada mais romântico no planeta do que amar alguém com todo o seu coração, mesmo quando sabe que ela está partindo.

Ele parou. — De que outra maneira um macho poderia amar uma fêmea de valor como você, além de completamente? Totalmente. E sem um único arrependimento?

Enquanto estavam naquele túnel, a meio caminho do Complexo e meio caminho da casa principal, ela pensou ser apropriado que para ambos os lados o caminho parecesse infinito. Eles só tinham aquele ponto central do aqui e agora, e tinham de fazer valer a pena.

— Não preciso de uma cerimônia de emparelhamento, — ela disse.

— Não?

— Estamos vivendo nossos votos neste exato momento.

— Então está dizendo que não vai se emparelhar comigo?

— Está pedindo? — Ela provocou.

— Quer que eu peça de joelhos?

Caindo ao chão, ele tomou as mãos dela. — Selenia, você aceita ser minha *shellan*? Minha única e eterna? Não tenho um anel, mas te levo para comprar um, é o que os humanos fazem. Além disto, não sei, meio que quero te comprar algo caro.

O primeiro instinto dela foi o que ela havia sido treinada a ter... Deferimento e recato diante daquela atenção, do prazer.

Mas, como Trez diria, “Que se foda”.

— Eu adoraria isto. Eu adoraria tudo, uma cerimônia, um anel, a coisa toda. — Abrindo totalmente seu coração, ela deixou o amor entrar. — Tudo!

— Esta é minha rainha, — murmurou ele. — É disto que estou falando.

E foi assim que ela acabou... Noiva.

Quando se abaixou para beijá-lo, parecia completamente bizarro que os dois continuassem indo e voltando entre tais emoções incrivelmente opostas. Mas, esta situação parecia amplificar os altos e baixos, afunilando sentimentos e experiências através de um megafone até que tudo fosse grande demais para ser contido.

— Então, um anel? — Ela disse contra a boca dele.

— Sim, um anel.

Ele correu as mãos em volta das coxas dela e acariciou para cima e para baixo. — E talvez um pouco de algo que não se pode comprar em uma loja.

— E o que isto seria? — Ela murmurou.

— Oh, você sabe. Vou ter de te mostrar lá em cima...

Capítulo SESSENTA E UM

— É, eu ouvi a discussão de vocês durante o dia.

Enquanto falava, iAm olhava pelo espelho da pia de seu banheiro. Seu irmão estava atrás dele, na porta que saía para o quarto, todo vestido de preto, parecia ter saído de uma revista.

Certamente pronto para levar sua fêmea para um novo passeio.

— Pareceu uma discussão séria. — iAm sondou.

— Foi séria no começo, — Trez entrou e sentou-se na beira da Jacuzzi, — mas superamos. Eu a pedi em emparelhamento.

— Parabéns.

— Obrigado.

Pegando a lata de espuma de barbear, iAm apertou o botão e espalhou-a pelo rosto e queixo. — E como ela está?

— Bem.

iAm sabia que o macho estava mentindo. Os indícios estavam por todos os lados, mas, sobretudo, no modo como o irmão não o olhava nos olhos.

— No que está pensando, Trez?

Trez estalou os nós dos dedos um a um. — Ela não quer que seus restos fiquem... Tipo, junto de suas irmãs, lá em cima. Ele apontou para o teto, mas, querendo dizer o paraíso lá em cima. — Então, sabe, quando chegar a hora, estou pensando em...

Quando a profunda voz se partiu e não conseguiu continuar, iAm esqueceu a lâmina de barbear e se virou, ajeitando a toalha presa no quadril e sentou-se ao lado do irmão. — Merda.

Trez esfregou o rosto. — É, isto resume tudo. De qualquer forma, estou pensando em construir uma pira funerária para ela. O povo de Rehv faz isto. Deste jeito, ela estará... — pigarreou, — ela estará livre. Ela quer ser livre no final. Sabe.

iAm meneou a cabeça. — Odeio que isto esteja acontecendo com você.

— Eu também. Acho que nasci sob o signo errado em mais de uma forma.

— Há algo que eu possa fazer?

— Não, nada. Apenas me ouça e me perdoe se eu disser a coisa errada ou ficar puto. O estresse está me deixando fodidamente louco.

Eles ficaram sentados lado a lado em silêncio; porque às vezes aquilo era só o que se podia fazer por alguém a quem se amava: Certos caminhos precisavam ser trilhados sozinhos. E aquilo era uma merda.

Ele queria perguntar quanto tempo. Mas, aquela era a pergunta de um milhão de dólares, a que ninguém tinha a resposta.

— Vai ter uma cerimônia? — iAm perguntou.

— Acho que ela não ia querer. Não sei direito como as Escolhidas fazem seus funerais...

— Eu estava falando do emparelhamento.

— Oh, é. Ah, sim. Eu acho. — Trez deu um tapa no joelho e se levantou. — Tenho de ir. Vou levá-la para sair esta noite e comprar-lhe uma aliança. Quero colocar uma estrela do céu no dedo dela. Então ela vai me preparar um jantar no norte, na casa de Rehv.

— Parece ótimo, — iAm olhou para o irmão. — Ouça, sei que não é da minha conta...

— Tudo é da sua conta. Você é meu irmão de sangue.

— Selenia sabe o que está acontecendo no s'Hisbe? Sobre sua... Situação com a Princesa?

Trez deu de ombros. — Eu lhe contei. Já faz um tempo. Mas, não vou pensar nisto agora.

Deus, só faltavam algumas noites para o fim do período de luto. E então...

Um pesadelo por vez, iAm pensou. Seu irmão estava certo.

— Ouça, — iAm disse. — Estou à um telefonema de distância. Se precisar de qualquer coisa, me chame.

— Obrigado, cara.

Eles fizeram um cumprimento, e Trez deu-lhe um sorriso morto. — Você está parecendo o Papai Noel.

Depois disto, o irmão saiu.

iAm ficou sentado lá por um tempo, a beira irregular da banheira e a moldura de mármore fazia seu traseiro parecer como se alguém estivesse espancando-o repetidas vezes.

E o mais triste era Trez estar mais preocupado com o funeral do que com a cerimônia de emparelhamento.

Por um momento, ele considerou cancelar seu próprio... Encontro. Ou o que quer que fosse ter com *maichen*. Mas ele poderia facilmente esperar o telefonema na companhia dela.

Na companhia dela nua.

Ao se levantar e se aproximar das pias, pegou sua Gillette de oito lâminas e começou a des-papainoel-izar a si mesmo. A culpa que sentia por se afastar para algumas horas de sexo, enquanto seu irmão sofria assim, era suficiente para fazê-lo ter vontade de vomitar.

Sua vida inteira havia sido a serviço do macho, e pensar em si mesmo e no que queria para sua própria merda, era como exercitar um membro que ficara imobilizado por décadas: parecia desconfortável, inseguro, improvável de poder sustentar qualquer peso.

Mas, ele se sentia um pouco como Trez... Como se houvesse um tempo limitado para aproveitar o que podia, antes que tudo mudasse e nada para melhor.

Trez podia não querer pensar nisto. Mas, seu tempo de ser reclamado pelo s'Hisbe chegaria, quer ele quisesse ou não. Seus pais haviam sido destituídos de sua posição e de seu sustento ganho essencialmente por vender Trez à Rainha. Não havia alavancas a serem puxadas naquela frente; mesmo se sua mãe e pai fossem torturados e mortos? Se fosse isto o que tivesse sido trazido à tona há nove meses? Não teria sido motivador para Trez ou para ele. E o s'Hisbe deve ter percebido, porque não fizera nenhuma ameaça naquela linha a eles.

Impossível se importar por duas pessoas que haviam permitido que você passasse a vida inteira enjaulado; só para que eles pudessem subir de posição para Principais na corte.

Uma coisa que ele tinha certeza? Quando a hora do ritual de emparelhamento chegasse, a Rainha levaria as coisas à um outro nível. O que significava que ambos, ele e Trez, teriam de proteger um ao outro.

Provavelmente seria uma boa ideia encorajar que qualquer encontro futuro fosse feito nas cercanias de casa. Ou, preferencialmente, no próprio Complexo da Irmandade.

Merda, Trez ia odiar aquilo.

— Hmmmm.

Quando Trez ronronou, Selena girou no closet. Ele havia se materializado por trás dela, os braços cruzados sobre o peito, o corpo inclinado contra o batente da porta.

— Bem, olá, — disse ela.

— Eu *adorei* o que está vestindo.

— Eu ainda não me vesti.

— Exatamente.

Ele se aproximou, virando-a de frente e puxando-a para perto. — Me dê.

Seu beijo foi forte, os quadris impulsionando-se contra ela, sua ereção, um indicador muito bom de que corriam o risco de perder a hora.

Ela riu e empurrou o peito sólido dele. — Não deveríamos estar na joalheira em meia hora?

— Quem se importa?

Como se ela fosse dizer não?

Enlaçando os braços em volta de seu pescoço, ela deixou-se relaxar. Ou... Relaxar o máximo que conseguia. Mesmo com as pílulas, as quais já tomara duas doses, suas juntas doíam, a batalha em seu corpo chegara ao ponto onde sua mente estava afetada, as sensações deixaram de ser uma ficção paranóica, mas um verdadeiro e insistente arrastar.

As boas novas? O desejo que sentia era tão grande e penetrante que se sobrepunha a tudo o mais.

Trez pegou-a no colo e carregou-a de volta à cama. Deitou-a de costas, beijou-a profundamente, as mãos acariciando os seios e brincando com os polegares sobre os mamilos, esfregando a pelve. Quando ela começou a se contorcer sob seu peso, ele abandonou seus lábios e começou a descer lentamente pelo seu corpo, parando para lambar e sugar, em direção ao seu sexo.

Ela gritou o nome dele ao contato, abrindo-se toda para ele, absorvendo as sensações da boca molhada em seu núcleo. O orgasmo foi uma linda série de contrações, o prazer vibrava através dela, preenchendo-a por dentro.

E o tempo todo, ele a observava, seus olhos voltados para cima de onde estava, as mãos espalmando seus seios.

Ela esperava que ele parasse, para ela ter tempo para se vestir.

Não. Ele continuou, lambendo o topo de seu sexo, circulando a língua em volta da área, dando-lhe toda oportunidade de ver o que fazia com ela, exibindo-se ao lambê-la, a língua rosada movendo-se rápido...

Golpeando os travesseiros, ela contraiu-se contra o calor e as sensações dele. E ele ainda continuou.

Em algum lugar, no fundo de sua mente, ela percebeu que ele não estava somente lhe dando prazer, mas armazenando lembranças em sua mente: o olhar dele não saía de cima dela, seu brilho iridescente captando o rosto dela, a garganta, os seios, a barriga.

— Trez... — ela gemeu, arqueando o corpo.

Quando finalmente abandonou seu núcleo, ele ergueu-se sobre seu corpo e rasgou as próprias roupas. Quando a camisa caiu no chão e as calças foram tratadas sem preocupação nenhuma ao arrancá-la, ela sorriu.

Ela estava tão pronta para ele.

Ele trouxe os joelhos dela para cima com as mãos escuras, dobrando suas pernas e movendo-as gentilmente para os lados. E então, agarrou sua ereção e trouxe a cabeça junto ao centro da necessidade dela. Acariciando-a, subiu e desceu, umedecendo-se enquanto fitava o ponto onde os dois estavam prestes a se unir.

Pressionando, recuou e voltou a ela de novo, as mãos fazendo o serviço mais do que os quadris. E, a cada vez que saía, mordida o lábio inferior, as presas comprimindo a carne que havia cultuado.

Por algum motivo, ela pensou em seu treinamento como *ehros*. Ela havia sido preparada para seu dever, tinha tido até curiosidade sobre o ato, mas, estas experiências com ele, a escolha de tê-lo, a alegria de entregar-se não por alguma obrigação a que fora treinada, mas porque o amava e somente a ele, era tão maior e mais gloriosa do que qualquer coisa que seu status poderia tê-la preparado a vivenciar.

Eventualmente o controle dele falseou e ele gemeu, enterrando-se nela até a base. Apoiando-se nas mãos, moveu-se sobre ela, os olhos traçando o rosto dela até baixar a cabeça e beijá-la.

Logo, seus movimentos se tornaram rápidos e fortes, e ela estendeu os braços, acariciando a parte baixa das costas dele, seu traseiro, os quadris.

Quando ele começou a gozar, ela ficou imóvel e sentiu-o gozando.

Durou o maior dos tempos, a respiração arfante, seus grunhidos, o som de seu nome sendo arrancado dele como se sua alma se despedaçasse. E, ainda assim, seus quadris se moveram e seu sexo golpeou, e então de novo ela estava gozando com ele.

Quando caiu sobre ela, enroscou os braços em volta dele. Ele era tão grande, que ela mal conseguia enlaçar suas costas, muito menos juntar as mãos em suas costas.

Ele estava arfando nos cabelos dela. Na garganta.

— Eu te amo tanto. — Foi tudo o que ele disse.

Capítulo SESSENTA E DOIS

Maichen espiou dentro da câmara ritual e verificou a mãe antes de tentar deixar o palácio de novo. A Rainha estava sentada imóvel, em posição de luto, suas vestes agora vermelhas, após terem sido trocadas pelos criados, diferentes das que usara na noite anterior.

Tudo parecia bem para outra escapada.

Andando pelo mármore nas pontas dos pés, ela se dirigiu ao armário no canto, abriu a porta e...

— *Você acha que eu não saberia que é você,* — ouviu as palavras no dialeto Sombra.

maichen congelou.

— *Você enganou a todos, mas, não a mim. Conheço minha própria carne.*

Fechando a porta do armário, *maichen* caiu em postura de saudação, posicionando ambas as mãos nos ombros, de forma que os braços se cruzassem sobre o peito, e então se abaixou de joelhos e prostrou o torso.

— *Minha Rainha.*

— *Eu te concedi liberdade dentro palácio.*

— *Obrigada, minha Rainha,* — disse ela, para o chão de mármore.

— *Não abuse de minha bondade.*

— *Não abusarei, minha Rainha.*

— *Eu acho que já abusou.*

— *Minha devoção, como os meus serviços, são seus e somente seus.*

— *Posso ter outra de você, se eu quiser. Você é tão substituível quanto qualquer coisa neste meu mundo. Jamais se esqueça de que eu sou o sol em volta do qual esta galáxia gira, e posso alterar seu destino em um piscar de olhos.*

A cabeça da mãe virou-se para ela, as vestes vermelhas esvoaçando ao seu redor, como se ela fosse um tipo de criatura maligna. E então, AnsLai, o Sumo Sacerdote, e o Chefe Astrólogo, entraram no quarto através de uma porta oculta, do outro lado do cômodo.

Por baixo de suas vestes, *maichen* começou a tremer, e para sua autopreservação, bloqueou sua mente repetindo a palavra *maichen* vezes sem

conta em pensamentos. Se sua mãe ou aqueles dois conselheiros entrassem em sua mente em busca de memórias recentes, temia não somente por sua própria vida, mas pela vida de iAm.

Como sua mãe havia descoberto?

— *Devo pedir licença e continuar a idolatria, Vossa Santidade,* — disse ela, como se não passasse de uma criada.

— *Faça isto. E reflita sobre a fragilidade da vida enquanto estiver em estado de reverência.*

maichen saiu do quarto sagrado e se esgueirou pelos corredores até sua própria cela. Ao se fechar lá dentro, respirava com dificuldade, os pulmões ardiam e sentia as mãos tremendo ao tirar o capuz da cabeça.

Ela fora poupada, percebeu, somente porque sua mãe achava mais valiosa a aparência de propriedade do que a punição da filha que havia saído para passear: se soubesse que a Princesa havia se comprometido ao interagir com pessoas comuns, ou mesmo os Primaries, a Rainha não gostaria nada.

Por um momento, *maichen* contemplou ficar em seus aposentos, mas, não ia conseguir mais noites como aquela. O luto acabaria logo, com uma cerimônia s'Hisbe onde os Primaries e a população geral se juntaria à “dor”, até agora particular, da Rainha.

Depois daquilo? Especialmente dado que sua mãe sabia de suas perambulações pelo palácio e o fato de que ela estava para se emparelhar? Sair do Território seria impossível.

Provavelmente, ela acharia difícil até mesmo sair de seu quarto.

Ela tinha de ir ver iAm, especialmente se fosse a última vez.

Apagando a luz do teto, tirou as joias de sua garganta e pulsos e deixou-os em sua cama. Como na noite anterior, ela informara aos criados que precisava de privacidade e os convocaria quando precisasse.

Então, tinha algum tempo.

Fechando os olhos, ela...

... Se desmaterializou, encontrando as frestas de ventilação e usando-as para ganhar acesso ao exterior.

Ela não desconhecia onde ficava Caldwell. Ela havia visto mapas. Mas, a realidade de encontrar a cidade e localizar uma moradia específica lhe pareceu loucura.

Mas, então, ela se concentrou no eco dentro de si mesma, seu próprio sangue. Estava muito mais alto do que esperara, um verdadeiro farol que a guiava pelos densos prédios da metrópole, aqueles altos pináculos de vidro e aço, que eram uma floresta construída pela humanidade, em meio a uma paisagem de asfalto e tijolos e algumas restritas áreas verdes.

Seguindo o sinal, viu-se se dirigindo a certo terraço entre muitos outros, em uma as construções mais altas; e à sua chegada, não reassumiu forma. Continuou como uma Sombra na varanda, por trás de uma parede de vidro.

Mais além, dentro do espaço de morar, iAm pareceu instantaneamente consciente da sua presença. Adiantando-se, ele abriu um dos pesados painéis, deslizando-o para o lado.

— Você veio, — disse ele.

Elevando-se de um amontoado solto de moléculas, ela tornou-se corpórea. Foi somente ali que a fria brisa do rio, vinda de mais abaixo, penetrou suas vestes, esvoaçando-as para frente e para trás enquanto a gelava até os ossos.

— Entre. — Ele lhe disse. — Vamos esquentá-la.

Ela não sabia o que responder ao cruzar a soleira e os ventos serem extintos quando ele fechou-os lá dentro juntos.

— Qual o problema? — Perguntou ele.

Como ele podia interpretá-la tão bem, mesmo usando a malha, ela não sabia.

E de fato... Precisava lhe contar a verdade. Mesmo que fosse estragar tudo entre eles, como poderia não estragar? Ela havia o seduzido e havia sido ele a tomá-la primeiro, não o irmão. Ela também era a fêmea que, ele mesmo admitira, odiava há tanto tempo, a razão pela ruína da vida de seu irmão.

— *maichen?*

Ela estudou-o por um longo tempo, tentando achar as palavras. Como ela começaria? E porque perderia as horas do dia fantasiando sobre ele, quando devia estar se preparando para revelar-se?

Ele precisava de mais um momento para pensar.

— Não é nada, — disse ela, mantendo a voz baixa ao começar a andar em volta. — Que lugar lindo.

Pelo menos isto era verdade. Tudo era ouro e cor de mel no chão e branco por todo o resto, os móveis discretos no grande espaço aberto, a vista expansiva e espetacular.

— Você está com fome? — Ele perguntou, de muito perto.

Pulando, ela olhou por sobre o ombro. Ele estava parado atrás dela, o corpo dele parecendo preparado para algo.

Para sexo.

Mas não, ela disse a si mesma. Eles precisavam conversar. Ela tinha de se revelar para ele; do contrário a paixão, pelo lado dele, seria uma manipulação insincera da qual ela seria culpada.

— Você está... — ele grunhiu suavemente ao colar-se contra seu corpo, — com fome?

Por baixo do capuz, ela umedeceu os lábios.

Os quadris dele ondularam contra suas vestes, o que era sem dúvida uma ereção muito dura e muito grossa empurrou pelo tecido que separava seus corpos.

Haveria tempo mais tarde, disse a si mesma. Ela lhe contaria tudo depois.

A culpa era forte. O desejo era mais forte ainda.

— Estou, — ela sussurrou, — mas não de comida.

Como se ele tivesse lido sua mente, a luz que vinha do teto se apagou, efetivamente eclipsando-os de quaisquer observadores exteriores.

— Eu vou tirar isto, — ele falou por entredentes, como se odiasse seu capuz.

Subitamente, ela estava livre para respirar, ver, cheirar.

O som ronronado que saiu do peito dele foi como o de um animal, mas suas mãos foram suaves ao tocar a veste externa dela. E lá se foi o peso, o capuz acima, e o tecido mais leve que usava por baixo também desapareceu.

E ela ficou nua na frente dele.

Suas mãos a cultuaram quando ele passou-a sobre os ombros dela e desceram para os seios. Juntando-os e elevando-os, provou um mamilo e o outro, lambendo, sugando... E oh, foi tão bom. As pernas dela ficaram bambas, e como se pressentindo isto, ele tomou-a nos braços e carregou-a para fora da sala iluminada e arejada, passando por um corredor, e dentro de um quarto com um colchão grande e elevado que se provou tão suave como uma nuvem.

— Era assim que eu queria passar a noite passada, — disse ele ao deitá-la.

Havia uma luz vindo de um cômodo menor, talvez com instalações sanitárias, e graças à iluminação indireta, ela podia se deleitar com a natureza obsessiva da

expressão dele: Ele a olhava com concentração tão extasiada, que ela se sentiu linda sem ele ter precisado dizer uma palavra sobre isto.

Suas mãos grandes varreram as pernas dela. — Eu quero conhecê-la inteira.

— Eu ofereço meu corpo a você, — disse ela, roucamente. — Faça o que quiser comigo.

Rhage estava a meio caminho do Rio Hudson, dirigindo-se ao outro lado de Caldwell em seu GTO, quando aquela sensação de sufocação e cabeça zonga o atingiu como uma tonelada de tijolos.

Engolindo de volta um jato de bile, abriu a janela e desligou o aquecedor. Não ajudou. Cerca de um quilômetro e meio depois, quase teve de parar no acostamento da estrada.

— Controle-se, imbecil.

Fodido marica. Que diabos havia de errado com ele? Ele não estava ferido, não via a hora de encerrar o caso com Assail e os primos idênticos, e a caminho de ver sua amada *shellan* em seu carro favorito. A vida não poderia estar melhor.

Ele só precisava se controlar.

Tentando isto, apertou o agarre no volante e começou a batucar seu coturno livre, aquele que não estava pisando no acelerador.

Tão perto agora. Ele estava tão perto.

Talvez ele só precisasse abraçar sua Mary por um tempinho.

A clínica de Havers havia sido transferida para este novo local, novinho em folha, e Rhage só havia estado ali duas vezes: uma, quando teve um ferimento abdominal que não dava para esperar chegar à clínica da Irmandade. Outra, quando Mary havia precisado de uma carona após atender uma fêmea e seu filho pequeno. Talvez uma terceira vez. Não conseguia se lembrar.

Quando finalmente pegou o desvio, praguejou pela sua dificuldade de respirar. Do jeito que estava indo? Ia precisar de tratamento.

Talvez fosse um vírus. Vampiros não pegavam os vírus humanos, ou câncer, graças a Deus, mas, podiam ser infectados por gripes e resfriados que afetavam membros da espécie.

Sim, devia ser isto.

Tinha de ser.

Quando os faróis do GTO finalmente cruzaram uma estrutura de concreto pequena, despretensiosa e maçante, ele sentiu aquilo amainar, o que foi uma surpresa bem-vinda. Pelo menos não teria de encontrar sua Mary todo esquisito.

Saindo, deu a volta e abriu o porta-malas do carro roxo escuro.

A visão da sacola de ginástica de Mary, que ele havia preparado, trouxe de volta os sintomas: sua cabeça girou e as mãos suaram, como se não estivesse em pé no vento gelado com nada além de calças de couro e uma regata.

— Chega desta besteira, — ele pegou as alças e ergueu a sacola; então voltou a fechar o carro. — Você *precisa* ficar frio.

Aproximando-se do prédio baixo, ele entrou em uma ante-sala nada especial e identificou-se. Um momento depois, o elevador se abriu para ele. Como muitas coisas que tinham de operar nas horas diurnas, por necessidade, as novas instalações de Havers eram completamente subterrâneas, a parte superior não passava de um cenário para manter visitantes casuais longe de problemas potenciais.

Como humanos. *Lessers*.

Descendo Terra adentro, saiu para uma sala de espera. Ao emergir em uma área de recepção, se perguntou como ia encontrá-la...

— Oh, Deus, você está aqui.

Sua Mary veio até ele como se estivesse sendo perseguida, e quando ela pulou em seus braços, ele deixou a maldita sacola cair, fechou os olhos e abraçou-a tão forte que era de se admirar que ela ainda conseguisse respirar. Mas, como ela havia dito: *oh, Deus...*

O cheiro dela, seu toque, seu corpo, o jeito que os braços dela se enroscaram em volta de seu pescoço e apertavam extremamente forte, era como água no deserto, preenchendo-o, ensopando-o da nutrição que ele dolorosamente sentira falta, devolvendo-lhe sua força e poder.

— Senti tanto sua falta, — ela disse em seu ouvido. — Tanto, tanto, tanto.

Sem querer colocá-la no chão, ele se curvou e pegou a sacola dela; então a carregou e a sacola de roupas para o canto oposto, longe dos olhos da recepcionista.

Que estavam focados neles como se a fêmea estivesse escrevendo diálogos românticos em sua mente.

Que fosse, ele não ia se irritar com isto, mas também não queria exatamente espalhar esta reunião aos quatro ventos.

Sentando sua Mary no colo, correu as mãos pelos seus braços e então a buscou para um beijo, fundindo sua boca com a dela, como se tentando solidificar a reconexão. Mas, ele não confiava em si mesmo, então interrompeu o beijo cedo demais.

Mais contato boca-a-boca e ele poderia montar nela ali mesmo, em público.

Oh, eeeeeei, Havers, como vai?

Sua Mary sorriu e correu os dedos pelos cabelos dele. — Eu sinto como se não te visse há um ano.

— Eu também, mas, para mim pareceu uma década.

É, e daí que ele fosse um cãozinho carente por ela. Foda-se.

— Você está bem? — Ela perguntou.

— Não, estou longe de estar bem. Não como. Não durmo e sinto como se tivessem colocado pó de mico no meu protetor esportivo.

Ela riu. — Ruim assim? Céus, eu não deveria me sentir lisonjeada, deveria?

Inclinando-se, ele disse suavemente. — Eu estou com tendinite na mão esquerda.

— De fazer o que? — Ela murmurou.

— O que você acha? — Ele acariciou o pescoço dela com o nariz. Mordiscou sua veia. — Eu tive de fazer algo para me ocupar em nosso leito conjugal. E no chuveiro. E uma vez na despensa.

— Na despensa? Lá embaixo?

— Fizeram batatas baby para a Última Refeição. Elas me fizeram lembrar de você nua.

Mais daquela risada e ele fechou os olhos, deixando a alegria ressoar em seu crânio oco.

— Como é possível? — Ela perguntou.

— Elas parecem peitos.

— Não parecem!

— Eu não disse que parecem *bons* peitos. — Ele beijou sua clavícula. — Ou os seus peitos, que, entre parênteses, são os mais perfeitos que eu já vi. Na minha vida. Ou no pós vida. Ou no que quer que venha depois dele.

— Você está tão desesperado porque está cheio de carboidratos.

— Elas não são amido? Na verdade, me masturbei duas vezes na despensa. Porque depois que cuidei das coisas da primeira vez, percebi que estava perto das latas de pêssego em calda... — ele rapidamente subiu a mão pela coxa dela. — E você pode imaginar do que elas me fizeram lembrar.

Ohhhhhhh, é, ele pensou, ao sentir o aroma dela mudar, sua excitação sobrecarregando o ar ao redor deles.

Subitamente, ele recuou. — Ei, você tem um minuto?

Ela pigarreou como se sentasse recuperar o foco. — Sim, claro. Há algo errado?

— Eu só quero te mostrar algo no carro.

— Você está com o GTO?

— Eu tinha de trazer suas coisas, então quis levá-lo para passear.

— Que gentil. — Levantando-se, ela se espreguiçou de um jeito que o fez ter vontade de espalmar seus seios. — Na verdade, eu adoraria tomar um pouco de ar fresco por uns segundos. Posso fazer um intervalo.

Ao passarem pela recepção, ele colocou a sacola no balcão. — Tudo bem se deixarmos isto aqui por uns dez minutos?

Quando a recepcionista anuiu, parecia que algo havia lhe tirado a voz. E aparentemente seu equilíbrio, porque quando foi se sentar de novo, quase caiu da cadeira.

Já no elevador, Mary sussurrou para ele. — Acho que ela gosta de você.

— Quem?

— A recepcionista?

Inclinando-se, ele disse de volta. — Ela bem podia ser um aspirador de pó, pelo que me consta. E eu digo isto com todo o respeito.

Quando as portas se abriram, aquele pequeno sorriso secreto no rosto de sua Mary lhe pareceu um presente de Deus.

Eles subiram e logo que chegaram lá fora ele abrigou-a com seu corpo ao colocar o braço em volta dela e guiá-la até o GTO. Por um golpe de absoluta sorte, havia estacionado o carro em uma área escura, longe das luzes de segurança, e aquilo era perfeito.

Abrindo a porta do motorista, ele puxou o banco para frente e apontou para o banco traseiro.

Mary franziu o cenho, mas se abaixou e se arrastou para o banco. Ao se juntar a ela, fechou a porta e ficou realmente contente dos vidros terem sido recentemente filmados.

— O que é isto? — Ela perguntou. — O que está acontecendo?

Pegando a mão dela, ele colocou-a sobre sua rígida ereção. — Isto.

— Rhage! — Ela riu um pouco mais. — Você me trouxe aqui só para...

Ele começou a beijar a boca dela e colocou a mão na cintura dela. — Engenharia de resultados. Você sabia disto quando se emparelhou comigo.

Quando ela correspondeu ao beijo, ele e sua Besta ficaram ambos em clima de “graças-a-Deus-porra”, e ele se moveu rápido, porque não queria que fossem pegos; não porque tivesse algo contra sexo em locais semi-públicos, mas porque não queria ter de rasgar a garganta de algum inocente filho da puta que estivesse por ali em busca de um simples curativo e acabou tendo uma visão plena do que estavam fazendo.

Por falar em peitos.

Ele baixou as calças folgadas dela pelas pernas e puxou-a para seu colo esfregando-a em seu quadril.

E então era hora.

Quando ele ondulou com força, Mary soltou uma súplica, quando a cabeça bateu no teto do carro.

— Oh, merda, desculpe, — ele gemeu.

— Como se eu me importasse! — Disse ela, tomando a boca dele com a sua.
— Eu preciso tanto de você.

Capítulo SESSENTA E TRÊS

Trez estacionou o Porsche de Manny em frente à joalheria Marcus Reinhardt. Era a joalheria mais antiga da cidade, e já esteve nas páginas do *New York Times*, e até no *Robb Report*, pelo seu amplo estoque.

E vasta variedade de quilates.

Olhando para Selena, ele disse, — Está pronta?

— Eu nunca tive um anel.

— Sério?

Ela meneou a cabeça. — Existiam joias no Tesouro... — ela interrompeu-se. — *Existem* joias no Tesouro, mas, como uma Escolhida, não nos adornávamos exceto por uma pérola... Que nem era nossa de verdade.

Destravando a porta, ele disse por sobre o ombro, — Acho que isto é outra pena.

Mas, ele ia consertar isto esta noite. Saindo na frente, abriu a porta dela, e quando a bela mão dela se estendeu, ele a tomou e cedeu à urgência de se inclinar e beijá-la. Então, puxou-a cuidadosamente em pé e ofereceu seu cotovelo.

Quando ela aceitou, teve a sensação de que ambos estavam tentando ignorar como o gesto não era somente o mais longe possível de cavalheirismo educado, mas algo que necessário.

Ela não estava mais andando muito bem.

Antes de chegarem à porta, a coisa emoldurada em ferro abriu-se. — Sr. Latimer, saudações.

O homem estava vestido em um terno formal e tinha cabelos bem arrumados na cabeça, assim como barba perfeitamente feita. Junto com seu sotaque aristocrático, e o fato de que tinha um bolso quadrado de três pontos, ele era mais ou menos o elenco central do local especializado em anéis de noivados que custavam de seis a sete dígitos.

— Obrigado por nos esperar. — Trez disse, ao cumprimentá-lo. — Esta é minha noiva, Selena.

— É um prazer. Senhora.

Está bem, era de admirar aquela reverência.

Dentro, tudo estava preparado para uma demonstração particular e, Trez de repente se sentiu fodidamente bem sobre tudo aquilo. Os estojos com os conteúdos de pedras preciosas brilhavam sob luzes especiais, como se estivessem aplaudindo a chegada de Selenia. O champanhe gelava em um balde prateado de gelo, e um par de taças de cristal aguardava ao lado.

— Posso te oferecer um pouco de Veuve Clicquot? — Perguntaram à ele.

— Acho que por enquanto não, — disse ele. — Selenia?

Ela ergueu o queixo como se determinada a divertir-se. — Eu aceito um pouco, por favor.

— Para mim também. — Tez emendou.

Pop! Fizz! Serviram e entregaram.

Ele juntou as taças. — Vamos em frente.

O Sr. Reinhardt levou-os para uma sala privada que tinha uma câmera de vídeo montada no canto do teto. — O Sr. Perlmutter nos deu suas especificações, e tomei a liberdade de preparar uma bandeja com algumas opções.

Eeee... Lá vieram os gelos.

Em fendas aveludadas, anéis de diamantes estavam pousados como garotos bonzinhos, ansiosos por serem escolhidos para responder uma pergunta.

A inalação de Selenia foi como uma carícia nas costas dele.

— Vê algo de que goste? — Trez perguntou.

Ela experimentou cada um deles, colocando os anéis no dedo e virando o pulso de um lado para o outro sob a luz. O *golpe de misericórdia* foi ela colocar anéis em tooodos eles, seus dez dedos ornados com cerca de vinte pedras espetaculares.

— Quanto custa todos eles? — Perguntou indolentemente ao bebericar seu champanhe.

— Alguns milhões, — disse o Sr. Reinhardt.

Ao ouvir isto, Selenia empalideceu e baixou as mãos. — O que?

— Alguns milhões, — o joalheiro repetiu.

— Quanto custa este daqui? — Ela perguntou. E, então, quando ele lhe informou o preço do quadrado em seu mindinho, ela exclamou, — Querida Virgem Escriba.

Houve um momento desconfortável onde Trez desejou fazer Selenia calar a boca. — Não estou preocupado com o preço...

— Deveria estar! — Ela começou a tirar os anéis em um ritmo furioso. — Não passei muito tempo aqui deste lado, mas, aprendi uma coisa ou duas sobre o dinheiro humano...

— Pode nos dar um momento? — Trez disse, suavemente. — E pode levar os anéis, se estiver preocupado com a segurança.

— Suas credenciais foram bem verificadas, Sr. Latimer. — O homem ficou em pé. — Fique o tempo que precisarem.

No segundo em que a porta se fechou atrás do cara, Selenia se virou para ele. — Trez, não quero que você gaste todo este dinheiro comigo.

— Por que não?

— É um desperdício. Não é como se eu fosse usar a coisa por séculos.

Ele exalou como se tivesse levado um chute no peito. — É... Uau. Você realmente não está entendendo direito as coisas, se acha que estou levando o tempo em consideração, — ele segurou as mãos dela. — Eu quero te fazer feliz. Eu quero... Só quero esta experiência com você, está bem? Aqui, agora, — ele se moveu em volta da mesa, — este é o nosso infinito. Está acontecendo aqui, agora. Então vamos te comprar a maior porra de anel deste lugar e um par de brincos para combinar. Vamos só mandar o fato de você estar morrendo para o inferno, está bem?

Ela piscou rápido. — Oh, Trez...

Ele pegou um dos anéis que ela havia jogado de volta à bandeja de veludo e encaixou-o pela unha de seu dedo anelar. — Vamos lá, diga comigo.

— Diga o que?

— Foda-se, morte.

— Trez, não seja ridículo...

— Ei, na longínqua chance do Grande Ceifador estar ouvindo, acho que ele precisa saber o quanto a gente odeia a bunda dele. Vamos, minha rainha, diga comigo. “Foda-se, morte”.

Ela ergueu a mão livre para esconder um sorriso scandalizado — Você está louco.

— Diga algo que eu não sei, e pare de enrolar. “Foda-se, morte!” — Quando ela apenas murmurou as palavras, ele meneou a cabeça. — Não. Mais alto. “Foda-se, morte!”

Selenia começou a rir. — Isto não é engraçado.

— Não poderia concordar mais. — Ele sorriu e acenou para ela, com o anel ainda encaixado no topo do dedo dela. — Juntos agora... Como se ele pudesse ouvi-la.

— Foda-se, morte! — Ela falou. Então, começou a sorrir largamente. — *Foda-se, morte!*

Ele deslizou o anel para o lugar certo e se sentou, observando o brilho. — Sabe, eu gostei mesmo deste aqui.

Selena olhou a própria mão e viu a pedra preciosa do tamanho de uma uva, em formato de pêra. — Oh... Cara. É tão grande.

— É o que ela diz.

Quando ambos começaram a rir, ele puxou-a pela nuca e beijou-a. — Quer experimentar mais alguns?

Ela negou com a cabeça. — Não, este é perfeito. Eu quero este.

Estendendo sua linda mão, ela fez o que as fêmeas fazem com anéis, mordiscando os lábios e sorrindo para si mesma.

Deus, eu a amo, ele pensou, você é uma perfeita, perfeita fêmea de valor.

— Tem certeza que não é caro demais? — Disse ela.

— Não importa o preço, — ele beijou-a de novo, — é seu.

iAm despiu-se verdadeiramente rápido. Assim que estava como veio ao mundo, quis cair de boca em *maichen*... Mesmo que não fizesse a mais remota ideia do que fazer com uma fêmea da cintura para baixo, ele estava totalmente disposto a descobrir.

Não aconteceu.

A questão foi que, ao chegar perto dela, seu sexo esfregando-se contra ela ao se posicionar sobre ela...

Foi mais ou menos só até onde conseguiu ir.

— Preciso de você, — ele gemeu, quando ela correu as mãos pelas suas costas e desceu pelas laterais.

— Então me tome.

iAm forçou-se a parar. — Mas, você está bem? Depois da noite passada?

Deus, ele não podia ter o suficiente dos olhos amendoados, e daqueles cabelos pretos cacheados dela espalhados pela franha do travesseiro, e sua pele resplandecente. Ela era uma revelação constante, uma que o chocava de todas as maneiras certas, cada vez que olhava para ela.

— Estou bem, — disse ela. — E estou forte, graças à sua veia generosa.

Ele realmente amava o sotaque dela, o dialeto falado no Território tingia seu Inglês com sons de lar...

Não, não lar, lembrou a si mesmo. Caldwell era lar.

Enfiando a mão entre eles, posicionou seu pau e impulsionou lentamente com o quadril, querendo certificar-se de não forçar nada.

Em resposta, as unhas dela se afundaram em sua pele, e ela arqueou, os seios, as pontas tesas, — iAm...

Seu quadril assumiu controle, entrando e saindo, a fricção subindo-lhe à cabeça como se tivesse passado a noite bebendo. Mais duro, mais rápido... Até ela gozar, se contorcendo contra ele, tencionando sob ele, uma de suas mãos batendo na cama e agarrando o edredom com força.

Ele só continuou a se mover, gozando uma vez atrás da outra. E então, saiu dela e acariciou a si mesmo, gozando em cima do sexo dela, barriga, seios.

Então quando estava entregue, fazendo aquilo, uma parte dele se recusava a reconhecer o significado.

Ele não estava marcando sua fêmea.

Ele só... Não, não estava.

Porque se estivesse marcando-a, se isto fosse algo mais do que somente uma intensa sessão com uma fêmea que por acaso ele estava fodida e verdadeiramente atraído?

Então isto podia colocá-lo em uma situação muito difícil. Especialmente quando seu irmão se recusaria a retornar e cumprir seu dever no Território, e iAm então teria de fugir para evitar o machado que cairia sobre a cabeça do único familiar que lhe importava.

Mas, de novo, disse a si mesmo ao cair contra o corpo nu dela, ele não estava marcando-a, nem nada assim.

Não.

Nem a pau.

Capítulo SESSENTA E QUATRO

Eles voltaram para casa de mãos dadas.

Enquanto dirigia o Porsche de volta ao Complexo da Irmandade, Trez manteve contato com sua rainha, acariciando a mão dela com o polegar, brincando com o novo anel dela, puxando sua mão para um beijo.

— Todo mundo tem sido tão gentil, — ela murmurou, a cabeça recostada no encosto do banco, as luzes chamejantes dos postes nas junções da rodovia lançavam um toque azulado em seu rosto.

— Sim. Boas pessoas.

Pensou em seu irmão. Rhage. Rehvenge. E até mesmo recebera uma mensagem de texto de Tohr... Que havia trilhado um caminho diferente do seu. E então, havia a Dra. Jane. Manny. Ehlena.

— Todos tentando tanto ajudar, — disse ela.

— É.

— Dra. Jane e Manny estão trabalhando todas as horas do dia, tentando encontrar soluções.

— É, — ele beijou a sua mão de novo, — estão mesmo.

— E Rehvenge foi até o seu povo.

— Foi.

— E iAm que foi ao Território...

Trez virou a cabeça para ela. — *O que?*

Ela virou a cabeça para encará-lo, os olhos sonolentos e de pálpebras pesadas. — iAm foi aos Sombras... — Subitamente ela franziu o cenho. — Ai, isto dói.

Balançando-se, ele soltou o agarre. — Desculpe. Eu... O que você disse?

Quando ela repetiu pela terceira fodida vez, seu coração começou a trovejar. Mantendo a voz deliberadamente calma, ele perguntou, — Você sabe quando ele foi?

— Não, a Dra. Jane só mencionou de passagem quando fui vê-la. Você estava com enxaqueca. Trez, o que há de errado?

— Nada. — Ele ergueu a mão dela para outro beijo. — Nada demais.

O resto da viagem foi uma experiência meio *Sybil*¹², uma parte dele conectada com Selena, a outra metade caçando iAm e gritando na cara do macho algo como “*Que porra estava pensando, seu filho da puta, arriscando-se assim?*”

Ou algo assim.

— ... Trocar antes de irmos para lá?

— Desculpe? — Ele entrou à direita, pela saída que subia a montanha. — O que você disse?

— Eu queria mudar de roupa. Esta coisa de cozinhar vai fazer uma sujeira.

— Você poderia cozinhar nua. Só estou dizendo... Limpar-se depois seria fácil, porque eu poderia te levar direto para o chuveiro. Além disto, eu poderia lambar os respingos que caíssem... Sabe, em qualquer lugar.

Ela riu. — Pode fazer frio.

— Então eu poderia manter minhas mãos em você o tempo todo.

— Eu não passaria nenhum tempo cozinhando.

— Não subestime o poder do delivery, — ele se inclinou e beijou seu ombro, — mas, tudo bem. O que quiser.

Quando a grande mansão cinzenta apareceu, ele estacionou o carro na frente dos degraus como Manny havia pedido, e então deu a volta para abrir a porta de sua fêmea. Quando ela estendeu a mão, o diamante refletiu as luzes de segurança da casa e brilhou como um arco-íris.

— Eu adorei tanto ele, — ela disse.

— Que bom. Esta era a intenção.

Uma vez lá dentro, levou Selena para o quarto deles. Fritz e os *doggens* haviam trazido roupas dela para o seu closet, e ele tinha de admitir que amava as coisas dela misturadas às suas.

Graças a Deus ela precisava se trocar, ele pensou, enquanto agia tão despreocupadamente quanto conseguia.

— Então, ouça, vou ao quarto ao lado, — ele disse, mantendo a voz regular.

— Por um segundo. Sabe, falar com iAm.

— Está bem, — ela disse, sorrindo.

12 *Sybil*: livro escrito pela jornalista estadunidense Flora Rheta Schreiber, publicado em 1973, e trata sobre uma mulher chamada Shirley Ardell Mason. Sua história é o mais famoso caso de personalidade múltipla já registrado.

No instante em que saiu das vistas dela, ele alongou as presas e mandou para o inferno o fingimento de que estava tudo bem. À porta do irmão, não se incomodou em bater; simplesmente abriu-a.

— iAm! — Rosnou ele, mesmo que duvidasse que o cara estivesse ali.

Sem esperar por uma resposta, tirou o celular e ligou para o cara. Um toque, dois toques...

— Sim? Trez? Qual o problema?

— Que *porra* você estava pensando?

Houve uma pausa. — Como é que é?

— Você foi à porra do Território? — Tentou manter a voz calma. — Estava louco, caralho?

— Trez...

— Que porra está fazendo?

— Não vou discutir isto por telefone.

— Então arraste seu traseiro para casa agora.

Ele desligou e andou ao redor. Então, forçando-se a se controlar, acalmou-se e voltou ao quarto. — Ei, Selena?

— Sim? — Ela disse, do closet.

— Eu vou demorar um pouquinho. Não muito. Se quiser, pode ir na frente, e vou em seguida?

Ele sabia, no fundo de sua mente, que não estava pensando direito; ela não podia ficar sozinha, mas, ele via tudo vermelho, seu cérebro estava travado pelo movimento idiota do irmão.

Colocando a cabeça para fora do closet, ela sorriu e disse algo que ele não entendeu. Pelo seu sinal de anuência, no entanto, ela ia mesmo na frente. Ele se aproximou e beijou-a, então fechou-se no quarto de iAm.

Pareceu passar uma hora até seu irmão aparecer, mas devem ter sido cinco ou dez minutos. E quando o cara entrou no quarto, Trez percebeu vagamente um aroma estranho nele: era uma fêmea. Tanto faz.

— Que *inferno*, iAm? — Ele exigiu. — Como se eu não tivesse problemas suficientes?

— Você precisa se acalmar. Eu fui lá porque queria ver se havia algum registro do Aprisionamento nos diários dos curadores. Foi só uma viagem rápida...

— Como. Com quem você fez um trato?

— Sozinho.

— Mentira.

— Trez, sem ofensa, mas porque está perdendo tempo com isto? Eu consegui voltar...

— Foi com s'Ex? Você usou s'Ex? — Quando iAm não respondeu, ele ergueu as mãos. — Ah, vamos lá! Só pode ser brincadeira.

— Acalme-se...

— Me acalmar?! Você não pensou que seria uma verdadeira fodida insanidade se entregar ao carrasco da Rainha? A quem passei os últimos nove meses subornando com toneladas de prostitutas? Isto não lhe pareceu irresponsável, considerando que eles me queriam de volta?

— Quer saber? Não vou fazer entrar nesta. Não vou...

— O caralho que não vai! Você nos expôs ao ir lá! Eles poderiam ter te usado como refém...

— Não usaram...

— ... Para me carregar de volta para lá e servir à porra da Princesa! Você me disse que eu tinha até o fim do período de luto... Só faltam três dias e tenho merda demais para lidar aqui! Não preciso que você dê uma de maluco...

— Trez, sei que você está atarefado com Selena. Eu entendo. Mas, seu tempo está acabando...

— Acabando? E se eles te prendessem lá? E se Anslai tivesse vindo a mim tipo, “estou com seu irmão, hora de emparelhar”? Pensou por um momento em que tipo de posição me colocaria? Entre você e uma vida de fodas obrigadas... Ou não estar aqui para Selena no fim da vida dela! Que caralho...

Por alguma razão, a mudança abrupta na expressão de iAm se registrou: o macho congelou no lugar e estava olhando acima do ombro de Trez, sua expressão instantaneamente empalidecendo.

Trez se calou e fechou os olhos. Mesmo antes de se virar, soube o que encontraria na porta do quarto.

É. Selena havia aberto a porta e estava parada na soleira, pálida como um fantasma.

— Você vai se emparelhar? — disse ela, em uma voz fraca. — Em três dias?

iAm praguejou em voz baixa. Isto não precisava ter acontecido.

E, pior, quando Selenia se aproximou, seu andar estava estranho, como se seus joelhos ou talvez o quadril a incomodassem.

— O que você... — ela parou na frente de Trez. — Você vai emparelhar com aquela fêmea em três dias?

Hora de ir, iAm pensou. Isto definitivamente só dizia respeito aos dois...

— Não, — Selenia disse quando ele ia passar por ela. — Fique.

Como se ela o quisesse por perto, para confrontar as insinceridades que seu macho pudesse ter para com ela.

— O que está acontecendo? — Ela exigiu.

Embora Trez estivesse descontrolado há apenas alguns minutos, o cara parecia agora tão composto quanto um objeto inanimado: — Não é importante.

— Não foi o que ouvi. E, antes que me acuse de estar bisbilhotando, os dois gritavam tão alto, que consegui ouvir no quarto ao lado.

Trez esfregou seu cabelo curto e perambulou em volta. — Selenia...

— Você vai se emparelhar?

— Isto não nos afeta.

— É claro que afeta.

Quando houve um silêncio tenso, iAm decidiu “foda-se”. — Ele foi vendido pelos nossos pais quando éramos crianças para a Rainha do Território, como um companheiro para o trono. Foi decretado pelo seu mapa astrológico. Ele fez tudo o que pôde para escapar, e a razão de ele estar bravo comigo é porque sou seu calcanhar de Aquiles. Ele só está desesperado porque foi por pouco, provavelmente porque a coisa real pela qual ele se preocupa é você, e não pode fazer nada sobre isto.

Quando ambos olharam para ele, ele deu de ombros. — Que é? Andei assistindo ao programa do *Dr. Phil* com Lass lá embaixo, quando não conseguia dormir.

— Isto é verdade? — Selenia perguntou.

— Sim. — Trez se aproximou e sentou-se na cama. — Eu não te contei porque, honestamente e como ele disse, não importa o que eles façam em três dias, não vou emparelhar com alguma fêmea que não conheço e não vou me importar para lhe dar o sucessor na linha do trono. Não vai acontecer, e isto seria verdade mesmo que você não estivesse em minha vida, e se você fosse ou não viver mais cem dias ou milhares de anos.

Ele bateu as mãos como se estivesse fechando uma porta. — E é isto.

Selena ficou quieta por um tempo. — Você deveria ter me dito.

— Eu não gosto de pensar nisto.

iAm revirou os olhos. — Verdade.

— E, Selena, estou falando sério. Não vou fazer isto nem em setenta e duas horas ou em sete milhões. — Trez desviou o olhar. — Você viu nossos pais enquanto estava lá?

iAm meneou a cabeça. — Eu só estive no palácio, — *em uma cela*, — e eles perderam sua posição, de forma que estão do outro lado daqueles muros. Eu, certo como a merda, que não ia procurar por eles. Estão mortos para mim. Não ligo a mínima para eles.

— Eu também. — Trez olhou de volta para Selena. — Esta é minha vida aqui. *Aqui* é minha vida... Estas pessoas, este lugar, meus negócios... Sobretudo você. Não vou deixar ninguém tirar isto de mim, especialmente porque algum astrólogo olhou para as estrelas no céu e decidiu que elas significavam algo.

Selena envolveu os braços ao redor de si. — Eu realmente queria que tivesse me contado.

— Eu teria contado, se fosse importante.

— E seus negócios... Você ainda vende fêmeas por lá?

iAm olhou para a porta. Começou a recuar para ela.

— Elas vendem a si mesmas, — Trez explicou. — Eu lhes proporciono um meio de fazer isto, então elas são responsáveis por si próprias. Elas escolhem quem, quanto, por quanto tempo. Meu trabalho é mantê-las a salvo.

— Enquanto ganha dinheiro em cima delas.

— Elas pagam ao clube.

— Mas, você é dono do clube.

— iAm, — Trez disse, cortante. — Eu quero que fique.

Ele fechou os olhos. — Não é o que quero.

— Não. — Selena falou. — Se ele não tem nada a esconder, deixe-o dizer em frente a uma platéia.

Ótimo. Bem o que ele estava querendo. Nota A para ele como mediador.

Não.

E *maichen* continuava no condomínio.

— Na verdade, eu tenho de ir. — iAm olhou de um para outro. — Eu jamais tive um relacionamento, então não tenho nenhum conselho para dar a vocês. Mas, Selena, acho que precisa saber de duas coisas: Um, a vida inteira dele foi definida pela sua revolta contra o s'Hisbe e nosso país. E dois, ele não esteve com mais nenhuma fêmea desde que ficou com você, ano passado. Ele foi fiel a você, mesmo quando não estavam mais juntos. Então, não o crucifique por achar que as mulheres humanas que trabalham para ele estão de alguma forma com ele. Estou fora.

Ele não lhes deu chance de puxá-lo de volta para seu drama. Ele já tinha o bastante de drama próprio. Ele deixara *maichen* nua em pelo em sua cama e se preocupava de que fosse embora antes que ele voltasse.

Correndo para o saguão, disparou pelo vestíbulo, saiu para a noite, e se desmaterializou para o Commodore.

Quando reassumiu forma no terraço, puxou de volta a porta de vidro e correu pelo corredor para os quartos.

— *maichen!* — Ele chamou.

Bem quando dobrou a porta do quarto, ela disse, — Sim?

Ele respirou fundo quando a viu reclinada contra os travesseiros, seus ombros nus emergiram da cobertura do edredom.

— Oh, graças à porra, — ele disse.

— Você está bem? — Ela sentou-se. — iAm?

Chutando seus sapatos, ele não respondeu. Não conseguiu. Havia muita coisa a dizer sobre coisas que não podia mudar e odiava.

Em vez disto, afastou os lençóis e se enfiou na cama, totalmente vestido. O corpo dela estava quente, nu e dócil quando ele se posicionou coração a coração.

Quando os braços o enlaçaram e ela lhe acariciou a nuca, ele estremeceu, e percebeu que, em todos os anos que vivera naquele planeta, esta era a primeira vez que tinha um lugar para ir ao sentir que o mundo era um lugar de merda, e que não havia nada além que tortura a ser enfrentada.

Isso era tão melhor até do que fazer sexo.

Este momento onde ele buscava e encontrava refúgio? Fazia-o entender porque os Irmãos se iluminavam cada vez que suas *shellans* entravam na sala, e porque aqueles machos dariam suas vidas por aquelas fêmeas.

— Obrigado, — ele ouviu-se dizer.

-
- Por quê? — *maichen* sussurrou.
- Por estar aqui.
- Selenia não está bem? — Ela perguntou. Porque havia contado o porquê de precisar sair.
- Não muito. Mas, ela e meu irmão estão brigando.
- Por quê?
- Não há nada como sua noiva descobrir que você está comprometido com outra, enquanto ela está morrendo. É uma conversa *tão* maravilhosa para se ter.
- maichen* ficou imóvel. — Isto precisa acabar.
- A merda com Trez e a fodida da Princesa? Concordo... Se tiver alguma ideia a respeito... Me conte. — Ele disse, cruamente.

Capítulo SESSENTA E CINCO

Foi fácil demais escapar de sua própria casa.

Assail simplesmente abriu a janela do andar superior e partiu de suas instalações com toda a pompa e circunstância do ar escapando pela noite.

Ele andara rastreando os movimentos dos Irmãos em sua floresta com as câmeras de visão noturna, as formas imensas dos machos se moviam como Tiranossauros Rex pela propriedade, suas presenças escondendo-se por entre as árvores.

Depois que o sol se pôs, ele havia mantido as proteções ilusórias no lugar, efetivamente preservando a vaga aparência de seu interior como esteve à luz do dia. Daria aos Irmãos algo para fazer quando tentassem entender onde e quando haveria a reaparição noturna dele e dos primos.

Que não ocorreria até ele cumprir uma missão específica.

Com entusiasmo, viajou ao leste, a um local previamente arranjado em um shopping abandonado aproximadamente oito quilômetros distante da área do centro da cidade.

O carro de aluguel da Hertz estava estacionado nos fundos de um prédio que tinha uma placa apagada que dizia BLUEBELL'S BIRTHDAY BOUTIQUE, SOMENTE ENTREGAS pendurada acima de uma reforçada porta com a pintura descascada.

Ehric baixou a janela do motorista quando Assail retomou forma. — Vai dirigir?

— Sim.

Quando o primo saiu e Assail assumiu o lugar do macho atrás do volante, Evale falou do banco do passageiro, — O que quer que a gente faça?

— Nada.

Ele engatou o carro e avançou, movendo-se com velocidade, mas obedecendo as leis de trânsito. Havia avançado poucos quilômetros quando a cocaína que havia inalado duas horas antes começou a perder o efeito.

Mas, ele não ia tomar outra dose. Precisava estar focado o suficiente para se desmaterializar, se fosse necessário.

Ele levou os três e o trivial Ford Taurus através dos subúrbios espalhados e mais além da área do metrô, na área rural que formava uma orla em volta das Montanhas Adirondack. Conforme avançava, as estradas se estreitavam, a linha amarela no meio e as linhas brancas nos ombros cresciam mais débeis, os faróis falhavam em iluminá-las. E, ainda assim, ele continuou em frente, sem ninguém atrás dele, sem carros ou caminhões em seu encalço.

Alguns quilômetros adiante, chegou à fazenda de gado leiteiro que procurava. Como a Bluebell's Birthday Boutique, ela também era abandonada, e o sedã sacolejou pelo caminho enquanto transitava do asfalto para uma estrada de terra que avançava pelos campos de mato alto. Cruzando pelas sarças e pés de milho emaranhados, dirigiu todo o caminho até a beira da floresta e encontrou abrigo entre as bétulas e bordos que retinham poucas de suas folhas. Com círculos rápidos, ele virou o carro alugado de forma que encarasse o caminho de volta e esperou, deixando o carro ligado. Ele odiava que os faróis permanecessem acesos, mas não havia nada que pudesse fazer.

A presença dos Irmãos tornara impossível sair com o Range Rover.

— Ele está atrasado. — Ehric disse, um pouco depois.

— Ele virá, — havia muito a perder para que o *Forelesser* não aparecesse. — Ele não vai falhar conosco.

E realmente, momentos depois, uma forma escura se aproximou pelo campo, seguindo seu caminho. Sem faróis. Então ele soube que era aquele a quem aguardavam.

— Vocês sabem aonde ir, — disse suavemente, ao abrir alguns centímetros a janela de trás.

Dito isto, os primos se desmaterializaram para fora do banco de trás... E o *Forelesser* chegou, parando o carro. Como sempre, Assail e seu sócio baixaram as janelas ao mesmo tempo.

— Onde está o seu Range Rover, vampiro?

— Na loja.

— Fala sério, porra. Está sendo seguido?

— De certa forma.

O *lesser* franziu o cenho, as sobrancelhas escuras caíram sobre os olhos escuros. Por um momento, Assail sentiu falta do Antigo Continente, onde era possível reconhecer um *lesser* não só pelo cheiro, mas porque estavam na

Sociedade Lessening tempo suficiente para sua cor ter empalidecido. Não no Novo Mundo. Não, aqui na cultura descartável dos humanos americanos, os mortos-vivos não duravam tempo suficiente para seus pigmentos clarearem.

— ATF?¹³ — O *lesser* exigiu. — Ou Departamento de Polícia?

Como se durante seus anos como humano, ele frequentemente fosse incomodado por estas duas organizações.

— Pela Irmandade da Adaga Negra. E o Rei Cego, Wrath.

O morto-vivo jogou a cabeça para trás e riu. — Que seja, meu amigo, problema seu.

— Não, receio que o problema seja seu, parceiro.

Sem aviso, Assail inclinou-se para fora de sua janela e esfaqueou o *lesser* no olho, usando a adaga que mantinha discretamente posicionada na coxa. Quando o *Forelesser* gritou, Assail torceu a faca para soltá-la e cortou sua garganta. Sons gorgolejantes e copiosa quantidade de sangue negro encheu o interior do SUV do *lesser*, e Assail foi forçado a recuar de forma esquisita a parte superior de seu corpo, para não ser atingido pela sujeira.

Ehric se rematerializou com seu primo e fizeram um trabalho rápido ao executar uma busca no veículo enquanto Assail vigiava em volta, certificando-se de que não houvesse testemunhas. Quando o *lesser* engasgou e agarrou a segunda boca que havia sido rasgada em seu pescoço, Ehric emergiu com três AKs e muita munição. Sem conversa, as armas e munição foram colocadas no porta-malas do Taurus, os primos abriram as duas portas de trás e entraram no veículo.

Assail esticou a mão pela janela e puxou um dos braços do *Forelesser*. Encontrando um pedaço não manchado na manga, limpou sua adaga, voltou a guardá-la no coldre... E extraiu uma faca de caça serrada de seu cinto.

Foi rápido arrancar completamente a cabeça.

Ele deixou o corpo onde estava, atrás do volante do SUV, as mãos e pés ainda se movendo, a mão direita se levantando para agarrar o volante.

Ia ser meio difícil dirigir, considerando que não havia cérebro e nem visão para direcionar as coisas.

Não, ele carregava a CPU pelo cabelo.

¹³ *Bureau of Alcohol, Tobacco, Firearms and Explosives* (Departamento de Álcool, Tabaco, Armas de Fogo e Explosivos): organização de aplicação de leis federais, parte integrante do Departamento de Justiça dos Estados Unidos.

Dando a volta para o banco do passageiro na frente, abriu a porta e colocou a cabeça ainda piscando, ainda se movendo, na caixa de papelão da Amazon.com que havia sido forrada com sacolas para não vazar.

Então ele voltou para trás do volante do Taurus. Antes das luzes interiores se extinguirem totalmente, espiou pela aba da caixa e encontrou os olhos revirados, chocados.

— Você era um bom parceiro, — Assail murmurou. — É uma pena termos de cortar relações.

Com isto, ligou o sedã e se pôs na estrada de novo.

Capítulo SESSENTA E SEIS

Trez se deixou cair para trás na cama de seu irmão, seus braços caídos para os lados, os olhos focados no teto acima. Porra, essa sua maldita maldição nunca iria parar de persegui-lo. Ali estava ele, tentando fazer o certo por uma fêmea que sempre tinha importado para ele... E essa merda s'Hisbe estava, como sempre, como uma corda em seu pescoço.

— Você esteve... Sem uma fêmea? — Selena perguntou. — Desde...

Ele levantou a cabeça e olhou fixamente através do quarto vazio para ela. — Por que eu estaria com uma? Desde que eu tive você? Ninguém era interessante.

Houve uma longa pausa. — Realmente?

— Realmente.

Ela colocou as mãos ao rosto. — Isso é... — Ela balançou a cabeça. — Consideravelmente fantástico, na verdade.

Empurrando contra o colchão, ele se apoiou nos cotovelos e olhou para ela. — Você se lembra do que me disse? Depois... Bem, você sabe, quando estivemos lá em baixo na clínica pela primeira vez? Que estava preocupada que você era apenas outra obsessão para eu mergulhei dentro?

— Sim.

— Bem, se você era? Mergulhei em você antes mesmo de nos ligarmos. Você provavelmente não se lembra disso, mas... — Ele balançou a cabeça. — Eu costumava esperar por você no hall de entrada todas as noites.

— O que?

— Sim, patético. Eu sei. Mas veja, você vinha aqui para alimentar V ou Rhage, ou Luchas, e eu ficava na porta da frente apenas no caso de você subir do Centro de Treinamento, ou descer a ele de outro lugar na casa. Uma noite, merda, posso me lembrar claramente como qualquer coisa, você finalmente fez uma aparição. Corri para baixo da grande escadaria, você estava, tipo, no hall de entrada quando ganhei sua atenção. Olhei para você, e pensei... “Esta é a fêmea mais incrível que eu já vi”. — Ele deu de ombros e sentou, se endireitando. — Você me pegou ali e desde então, minha rainha. Eu estava obcecado por você, para o bom ou o não tão bom, muuuito antes que eu soubesse que você estava doente.

Ela sorriu um pouco. — Eu não fazia ideia. Quer dizer, eu sabia que, quando estivemos juntos em cima na casa de Rehv e você... Bem, eu sabia que... Hum, você gostava de mim.

Ele piscou e a viu nua, naquela cama dela, no Acampamento. — Sim, eu estava afim de você na época. Bem afim. — Fazendo uma careta, ele disse: — Olha, não tenho lidado muito bem com tudo isso. Eu devia ter lhe contado os detalhes do lance do s'Hisbe, mas fiquei preocupado que isso fosse enlouquecê-la e fazer com que não quisesse ter nada comigo. Eu perdi anos da minha vida aprisionado naquele palácio, e arruinei toda a existência do iAm... E, ainda por cima, eu não ia perder a chance de tentar algo com você por causa de toda essa porcaria. E, quanto aos meus negócios? Eles não são legais, de acordo com as leis humanas, mas eu sempre acreditei que as pessoas têm o direito de ganhar a vida da maneira que quiserem, contanto que não façam mal a ninguém. É por isso que, ao contrário de Rehv, eu não permito que sejam vendidas nas minhas instalações. As mulheres humanas são protegidas quando estão sob o meu teto, elas praticam sexo seguro, e ficam com noventa por cento do que recebem. Os dez por cento que eu pego vão para o pagamento de minhas contas de energia elétrica e dos seguros. Então, bem... É assim que eu vejo as coisas.

Ela respirou fundo. — Estou muito feliz que você está sendo honesto.

— Há mais alguma coisa você queira saber? Como eu disse antes, não falo sobre os meus pais, porque eles não são nada, além de biologia para mim e iAm. Eles nunca se importaram com o nosso bem-estar. Eles nunca estiveram lá para nós. Durante todo o tempo, foi só iAm e eu, e isso foi o suficiente para nós dois. E, é por isso que eles não significam nada.

Selena se aproximou, hesitante, e caiu de joelhos ao seu lado no chão. — Obrigada.

Seus olhos estavam tão claros, tão azuis quando olharam fixamente nele.

— Pelo que, — disse ele com a voz rouca. — Eu não gosto de lhe mostrar debilidade. Odeio isso.

— Isso só me faz te amar mais. — Ela sorriu. — Na verdade, essa honestidade nesse momento? É a coisa mais atraente sobre você.

Ah, merda. Ela iria fazê-lo precisar de Kleenex desse jeito.

— Eu te amo tanto. — Quando sua voz quebrou, ele a clareou. — Mais do que até mesmo meu irmão.

— Isto é algum tipo de garantia.

— Sim, é.

Ficaram assim por um longo tempo, ele olhando para baixo, ela olhando para cima, e, no silêncio, ele percebeu que tinham atingido a parte muito mais real do que eram como indivíduos e que estavam juntos. Era o núcleo de base deles, suas falhas, entendidas e reais, sobre a mesa, nada escondido, nem a doença, nem tudo o que ele não queria que ela soubesse... E sua eternidade ainda estava intacta.

O amor deles só havia sido reforçado.

— Você tem sido, — ela sussurrou, — a melhor parte da minha vida. Você é um milagre, quase compensa minha doença.

— Eu não sou essa enorme bênção.

— Sim, você é.

Ele acariciou a bochecha dela com os nós dos dedos. Roçou os lábios dela com os seus. — Então... Você quer ir cozinhar meu jantar?

Ela assentiu com a cabeça, e quando ele ofereceu a palma da mão para ajudá-la a se erguer, ela colocou a mão na sua, aquela com o diamante nela.

Sua mão bonita, com seus longos dedos finos e seu pequeno pulso.

No início, ele não entendeu por que, quando se levantou e foi puxar, seu agarre soltou. — Oh, desculpe, que desleixado...

Ela não estava se movendo. Selenia estava exatamente na mesma posição de quando colocou a mão na sua, seu antebraço para cima, a cabeça inclinada para que ela pudesse encontrar seus olhos, seu corpo sobre os joelhos.

A única coisa que mudou era o terror em seus olhos.

— Oh, não... — disse ele. — Não, não, não agora...

Ele ajoelhou-se ao lado dela, mas ela não virou a cabeça para ele. Em vez disso, seu corpo começou a tombar para o lado como se estivesse sólido, caindo, caindo...

— *Não!* — Ele gritou.

A próxima coisa que Trez soube, estava na clínica.

Ele não tinha ideia de como tinha chegado lá com Selenia em seus braços, mas, de alguma forma ele deve tê-la pegado do chão no quarto de iAm e passou por todas as escadas e através do túnel e para fora do armário de abastecimento.

Ele estava vagamente consciente de pessoas em sua passagem. Lassiter, que provavelmente tinha saído da sala de bilhar. Tohr, que estivera atrás da mesa no escritório. Outro irmão que estava mancando.

Mas, nada disso importava.

Dando as costas para a porta na sala de exame, ele invadiu o local sem bater, seu coração trovejando, o seu ouvido disparando, seu cérebro atolado com aquela palavra que ele repetia uma e outra vez para si mesmo.

Nãonãonãonãonãonãonãonãonãonãonãoo...

Isso não poderia estar acontecendo agora, depois de terem tido esse momento transcendental. Não agora, quando eles deveriam ir e, junto dele, a teria dançando nua em volta da cozinha de Rehv. Não agora, sem ele ter levado ela para aquele passeio de barco.

Era muito cedo, muito cedo...

De repente, se deu conta que Dra. Jane estava em pé na frente dele, seus olhos verde-floresta trancados nos seus, sua boca se movendo.

— Não posso te ouvir, — ele disse a ela. Ou, pelo menos, ele pensou que era isso o que disse.

Porra, este zumbido em seus ouvidos não estava ajudando. Quando a médica apontou para a mesa de exame, ele pensou, *Certo, tudo bem*. Ele colocaria Selenia lá.

Movendo-se através do piso de cerâmica, se aproximou do lugar que precisava chegar e se abaixou, com a intenção de endireitá-la. Exceto, não... Seu corpo não mudou para acomodar o reposicionamento.

Quase o matou colocá-la de lado.

Agachando-se para que ela pudesse vê-lo, ele pegou sua mão, aquela que ainda estava estendida para ele, a única com o seu anel nela. — Está tudo bem, minha rainha. Está tudo bem, você saiu dessa da última vez, você vai fazer isso de novo. Você vai sair dessa.

Ele nunca olhou para longe de seus olhos apavorados. Nem quando as máquinas foram conectadas nela, e o IV iniciou, e os raios-X foram tirados. Nem enquanto os dois médicos e Ehlena trabalharam intensamente, administrando medicamentos e tomando-lhe o pulso e a pressão arterial. Nem quando ela começou a chorar, gotas de cristais formando e deslizando na ponta do seu nariz e ao lado de seu rosto.

— Estou com você, minha rainha. Eu não estou indo a lugar nenhum. Fique comigo. Você saiu disso muitas vezes antes, e a mesma coisa vai acontecer hoje à noite. Acredite em mim, vamos lá... Você tem de acreditar em mim...

Ele teve de abrir a boca, porque estava respirando com tanta força que o nariz não podia acompanhar as demandas. E ele continuava tendo de engolir, era isso ou correr o risco de precisar se inclinar para o lado e vomitar no azulejo.

Este não pode ser o fim, pensou.

Eu não estou preparado.

Eu não posso dizer adeus.

Eu não posso deixá-la ir hoje à noite.

Este não pode ser o fim...

Capítulo SESSENTA E SETE

Assim que Rhage olhou para a casa de vidro de Assail, seus instintos lhe disseram que aquilo estava completamente errado. Mesmo nada tendo mudado desde que ele e V tinham chegado. Na parte interna, fosse a cozinha, aquela sala de estar do tamanho de um campo de futebol, ou o escritório, tudo estava exatamente igual; exceto pelo fato de que não havia ninguém por ali.

— Talvez Assail esteja fazendo as unhas, no andar de baixo, — Rhage murmurou. — Talvez um lilás. Ou vermelho cereja.

— Mais cedo ou mais tarde, — V resmungou, — se ele continuar no negócio, terá de sair de carro. Você não consegue transportar a quantia de dinheiro ou drogas com a qual ele lida sendo um fantasma.

— A menos que todos tenham tomado uma overdose juntos.

Ambos tinham que assumir que Assail e seus rapazes estiveram entrando e saindo desde o anoitecer, e não havia nada que pudessem fazer para impedir. Entretanto, V tinha instalado pequenas câmeras antes que partissem ao amanhecer, e não houve atividade durante o dia; nenhuma mochila deixada para ser pega lá fora, nada entregue.

Então, como V disse, não havia como eles estarem movendo algum produto. Como se tivessem coreografado, ele e seu irmão pegaram os celulares ao mesmo tempo.

AH911

De Phury.

Sem hesitar, ambos se desmaterializaram, voltando e atravessando o rio e tomando forma, novamente, na porta dos fundos na casa de audiência. V digitou o código e ambos adentraram a cozinha, assustando o *doggen* que estava perto do forno.

O fato de que a governanta de Paradise, Vuchie, não parecia alarmada era um bom sinal. Também não havia nenhum apito alto sinalizando que o alarme tivesse sido disparado.

No entanto, eles sacaram as armas e marcharam para a sala de jantar, empurrando a porta de vai-e-vem, no canto dos fundos... Bem a tempo de ver Assail tirar uma cabeça de uma caixa de papelão, segurando-a pelos cabelos.

— Achei que vocês gostariam de participar da festa, — Phury sussurrou pelo canto da boca, — ele acaba de aparecer.

— Eu deveria apresentá-los, — Assail estava dizendo, — para meu sócio. Meu *Ex-sócio*.

Os olhos castanhos do morto-vivo vaguearam pela sala, os lábios negros, manchados de sangue ofegavam vagarosamente como um peixe que tivesse sido deixado ao sol, no fundo de um barco.

Vários Irmãos, em pé por ali, xingaram.

E, assim que George rosnou perto da cadeira de Wrath, o Rei se abaixou e confortou o cão. — Como sabemos que não é só outro assassino fora das ruas?

— Porque estou dizendo à vocês.

— Sua credibilidade não é algo pelo que alguém juraria a vida.

— Mas, eu juro. — Assail guardou a cabeça e depositou a caixa no chão. — Eu sei onde todos os *lessers* estão.

Todos ficaram em silêncio.

Wrath se inclinou para frente, na cadeira, seus óculos focados no traficante. — Jura?

— Sim.

As narinas de Wrath flamejaram conforme ele captava o odor do macho. — Ele está dizendo a verdade, rapazes.

As sobrancelhas do traficante se enrugaram em concordância. — Claro que estou. Você me informou de que não era para eu fazer negócios com a Sociedade Lessening. E é o que tenho feito: obedecer sua ordem. Se a Irmandade for e erradicá-los de onde eles estão, não precisarei mais provar que concordei com suas ordens enquanto eu continuar com minhas coisas. Portanto, temos os mesmos interesses, e se você precisa de fortes reforços para lutar lado-a-lado, eu, aqui, me voluntario, assim como meus primos.

— Estou tocado por sua magnanimidade.

— Não tem nada a ver com você. Como eu disse, sou um homem de negócios. Não há nada que não faria para proteger meu empreendimento e está muito claro para mim que você e os aqui reunidos são capazes de acabar com o

que é precioso para mim. Entretanto, tomei as medidas necessárias para garantir que eu possa continuar, apesar de isso estar se tornando uma grande inconveniência e meu fluxo de caixa sofrer enquanto sou forçado a restabelecer minha rede, nas ruas.

Conforme o ar da sala se enchia de sussurros, Rhage passou o olhar por seus Irmãos. Ele estava tão fodidamente pronto para uma bela guerra, para uma chance de se vingar daqueles bastardos mortos-vivos pelo que eles fizeram durante os ataques.

Esta era uma benção inesperada.

— Pelo que eu entendo, — Assail apontou para a caixa, — aquele que é o *Forelesser*. Ninguém me viu atacá-lo e, propositalmente, não o devolvi para seu Criador. Ainda temos um tempo, antes que sua ausência seja notada.

V falou. — Então, onde fica esse antro de perversidade?

— Brownswick Escola para Moças. Seu campus foi abandonado há algum tempo e eles estão vivendo nos dormitórios.

— E tentando aprender como fazer longas contas de divisão, — alguém murmurou.

— Ou tentando escrever a versão de *Our Bodies, Ourselves*, na visão de um caça-vampiros, — outro alguém disse.

Assail interrompeu aquele papo-furado. — Soube da localização deles muitos, muitos meses atrás. Afinal de contas, é importante que alguém saiba das particularidades da vida de seu parceiro de negócios. Meus primos investigaram os arredores esta noite e confirmaram que ainda estão no lugar. Imagino que vocês desejarão fazer um bom reconhecimento da propriedade antes de coordenar qualquer ação.

Imediatamente, todos os Irmãos começaram a falar, voluntariando-se para o serviço; mas, Wrath levantou a mão, silenciando-os.

— Vai nos deixar ficar com isso, — ele perguntou, acenando em direção à caixa. — Ou é uma lembrança a ser colocada no console de sua lareira?

— Assim como a informação que forneci, é seu para fazer o que quiser.

— Onde está o resto do corpo?

— Na Estrada 149. Há uma fazenda de leite abandonada. Caminhe pelos pastos ao sul, para a floresta, e vocês encontrarão o resto do corpo e sua SUV lá.

Wrath se recostou e cruzou suas longas pernas, apoiando o tornozelo sobre o joelho da outra perna. — Este é um desfecho muito melhor do que se tivéssemos de matar você.

— Não estou satisfeito com isso.

— É melhor do que um caixão, — Rhage disse.

O traficante olhou ao redor. — Isso é verdade. — Com isso, Assail girou sobre os calcanhares e se dirigiu à porta. — Você sabe onde me encontrar caso queira outras informações ou necessite de apoio para a ação.

Butch deixou o macho sair, acompanhando-o até a porta da frente da casa.

Ninguém disse nada até que o Irmão tivesse voltado e reunido com todos novamente.

— Se esse for o *Forelessor*, — Wrath disse, — o Ômega saberá instantaneamente.

— Mas, ele os substitui a cada quinze minutos, — V disse. — E não foi nenhum de nós a matá-lo. Talvez ele simplesmente eleja o próximo e pronto.

— Talvez. — Wrath assentiu em direção à caixa. — Livrem-se disso quando forem verificar os restos do corpo.

— Eu posso ir, — Butch ofereceu. — E tirá-lo do jogo de maneira permanente.

V balançou a cabeça. — Você não pode se desmaterializar. Muito perigoso...

De uma só vez, todos os celulares dos presentes tocaram, os *pings*, *bongs* coletivos, e zunidos como se alguém tivesse colocado um episódio do *Vila Sésamo* para rodar.

Conforme cada um alcançava seus bolsos, Rhage se perguntou sobre o que diabos podia ser. Tohr estava fora de serviço, em casa. Rehv detestava celulares. E Lassiter tinha sido forçado a desistir das mensagens de texto em grupo, depois que V tinha desabilitado a função no Samsung do idiota. Além disso, teria havido um coral da canção de Denis Leary, “I’m an Asshole”, já que este era o toque que todos tinham atribuído ao anjo.

— Oh, merda! — Alguém disse.

Rhage teve de ler duas vezes o que fora enviado. Então, ele deixou cair os braços ao lado do corpo e fechou os olhos.

— É melhor alguém me dizer que merda está acontecendo... O porquê de toda essa gêmeção, — Wrath disse bruscamente.

— É Selena, — Rhage se ouviu dizendo. — Ela está paralisada.

Sentado na cama desarrumada em seu apartamento no Commodore, iAm se encontrou verificando a túnica de *maichen*, à procura de qualquer coisa que estivesse fora do lugar, enrugado ou torto. Ele não a enviaria de volta para o Território parecendo como se ela tivesse tido um bom sexo.

Mesmo que ela tenha, de fato, tido.

— Amanhã à noite...

— Sim.

— Ótimo. — Merda, ele não tinha certeza se iria esperar tanto tempo. — Isso vai ser apertado.

Fazendo sinal para ela vir mais perto, ele arranhou o capuz em suas mãos para que o colocasse sobre a cabeça dela, a malha indo para o lugar certo. Ele odiava cobrir suas feições mais uma vez. Era como se ele estivesse a aprisionando, embora ela fosse livre para ir e vir quando quisesse.

Relativamente livre, nesse tempo.

— Até amanhã, — ela disse, sua bela voz abafada.

Ele estendeu a mão e pegou a dela. Ele pretendia apertá-la e deixá-la ir, mas se encontrou não sendo capaz de liberar seu aperto.

— *maichen*. — Ele respirou fundo. — O que você diria se eu lhe oferecesse um lugar aqui? Aqui em Caldwell, quero dizer. Se eu cuidasse de você e a mantivesse segura aqui na cidade.

Isso definitivamente não seria neste condomínio, com toda a certeza; s'Ex, sem dúvida, vai voltar a usar as quatro paredes e o teto como um fodido palácio assim que o luto acabasse.

Oh espere. Isso era quando eles iriam querer Trez.

Que Seja.

Seria em outro lugar.

Conforme ela hesitou, ele disse, — Você não teria que servir ninguém. Você poderia ser livre.

Você poderia ficar comigo, pensou.

O que era, claro, loucura, mas o tempo parecia malditamente curto, ultimamente, e ele simplesmente não queria esperar por nada. Especialmente por algo que estava na tabela do *sinta-se-bem* ao invés da *você-está-ferrado*.

— Você estaria segura, — ele repetiu. — Por minha vida, vou te proteger. E há um mundo inteiro aqui fora, com coisas para você fazer e lugares para explorar, escolas para participar. Os seres humanos são na sua maioria idiotas, mas eles te deixam sozinho.

Em um piscar de olhos, a fantasia girou para fora como uma linha de ouro, imagens dele cozinhando para ela no Sal's, apresentando-a com orgulho aos seus garçons, talvez levá-la para a Mansão para uma refeição.

Ele ignorou a coisa toda de *correndo-pra-longe-do-s'Hisbe*.

— iAm, — ela sussurrou.

Merda. Aquele tom dela disse tudo.

E ele não iria ouvi-lo. — Você pode ter uma vida real aqui fora. Você é muito melhor do que apenas uma empregada para outras pessoas. Você poderia realmente viver.

Comigo, ele terminou para si mesmo.

Oh, Deus, ele estava perdido por causa dela. E, ao mesmo tempo em que ele tinha finalmente conseguido transar, era muito mais que isso. Em sua alma, ele, de alguma maneira, a *conhecia*.

Na mesa do quarto, o seu telefone apitou com um texto.

— Pense nisso, — disse ele. — Eu sei que é muito... Por isso não me dê qualquer tipo de resposta no momento. Vá para casa, e esteja segura. Vejo você amanhã.

Ele a acompanhou para fora da sala de estar e passaram pelas portas deslizantes de vidro. Um momento depois, ela tinha ido embora como se nunca tivesse estado ali, e por um momento, ele se perguntou se não estava imaginando tudo isso.

Parecia apenas surreal.

Ele realmente se apaixonou aqui?

Fechando as portas, tinha a intenção de voltar para o quarto e sua cama, principalmente para que se s'Ex aparecesse, não houvesse um monte de sentimentos estranhos. Em vez disso, ele apenas ficou ali, encostado nas portas

deslizantes, olhando para a noite, seu cérebro meditando sobre todos os “e se” e “talvez”.

O som de seu telefone tocando no quarto o reorientou, e ele caminhou para a coisa, indo até o final do corredor e passando pela porta, foi para a mesa de cabeceira, estendendo a mão para a tela brilhante.

Pegando o celular, aceitou a chamada. — Rhage? Está tudo bem?

— Trez precisa de você. Agora.

— É sobre...

— É. Ela está na clínica.

iAm fechou os olhos. — Diga-lhe que estou a caminho.

Quando desligou, ele saiu da fodida cama bagunçada e correu para as portas de vidro. Depois de sair no ar frio, ele tentou se desmaterializar, mas seu coração batendo forte e suas emoções dispersas ficaram no caminho de seu foco.

Foi apenas por imaginar Trez sozinho tendo de lidar com uma tragédia que ele foi capaz de juntar sua merda, e um momento depois, ele estava nos degraus da frente da mansão da Irmandade. Estourando no vestíbulo, demorou o que pareceu uma eternidade para um *doggen* atender a porta, e iAm mal disse duas palavras para o macho quanto ele começou a correr.

Foi um caso de completa inclinação para baixo, para o Centro de Treinamento, e quando ele finalmente saltou para fora do armário e atravessou o escritório...

iAm derrapou até parar no corredor.

Devia haver... Umas quarenta pessoas do lado de fora da sala de exame, alguns sentados no piso duro, outros andando por aí. V estava fumando enquanto Butch estava batendo um pé como se alguém tivesse ligado o tornozelo em uma tomada. Phury estava ofegando como um louco; Z estava completamente imóvel. Bella estava balançando Nalla em seus braços. Payne estava embaralhando cartas incessantemente. John Matthew estava de mãos dadas com Xhex. Qhuinn tinha o braço em torno de Blay. Autumn estava segurando Tohr ao redor de sua cintura como se ela fosse a única coisa mantendo-o de cair no chão de concreto. Rhage estava sozinho, em pé, distante dos outros. Mesmo Wrath estava lá com Beth e P.W. e George.

Todas as Escolhidas estavam presentes. Cada uma delas, incluindo Amalya.

E Rehvenge estava mais próximo da porta, dentro do espaço da clínica.

iAm fechou os olhos. Não conseguia acreditar que todos tinham aparecido.

Quando ele começou a andar em frente, as pessoas o abraçaram, pegavam suas mãos, apertavam seus ombros. Ele fez o seu melhor para responder e agradecê-los, mas sua cabeça estava girando. Quando chegou à Rehv, ele apenas balançou a cabeça.

— O que aconteceu?

— Ela entrou em colapso, ou o que você quiser chamar isso, há cerca de 20 minutos atrás. Eles estão trabalhando nela. Ele está chamando por você.

Naqueles olhos de ametista tinha um brilho de vermelho neles.

iAm poderia ter tido um minuto para se recompor, mas ele já tinha perdido quanto? Só Deus sabia o que estava acontecendo lá dentro, e só havia uma maneira de descobrir.

Caminhando para dentro, ele se encolheu. Selenia estava sobre a mesa, mais uma vez, mas vê-la toda contorcida foi uma facada no coração.

Trez estava à direita dela, na sua cabeceira, seus olhos olhando para os dela. Seus lábios se moviam enquanto ele falava com ela suavemente de encontro a um cenário de equipamentos médicos apitando e fios e tubos. As roupas que ela estava usando foram cortadas, e um fino lençol branco estava espalhado sobre ela.

Acenando para Ehlena, Jane, e Manny, iAm se aproximou e se agachou. Trez pulou e, em seguida, olhou em volta, como se tivesse esquecido que havia mais alguém no quarto.

— Você está aqui, — o macho disse.

— Sim, eu estou.

Trez se virou para Selenia. — Olha quem está aqui, é iAm.

Aquela voz normalmente forte estava débil e sufocada, como se fosse canalizada através de um sintetizador.

— Oi, Selenia, — iAm disse.

Quando os olhos dela se encontraram com os seus, se forçou a sorrir contra uma maré de tristeza e medo. Ela estava apavorada. Totalmente apavorada.

Por que ela não estaria.

Trez começou a murmurar novamente e iAm olhou para Manny, levantando uma sobrancelha questionando. O curador sacudiu lentamente a cabeça.

Merda.

Capítulo SESSENTA E OITO

Trez esperou por um milagre.

Durante as próximas seis a oito horas, ele esperou e orou e falou até que perdeu a voz. Ele até cobriu sua amada com sua energia não uma, mas, duas vezes. E, ainda assim, ela permanecia onde estava, presa dentro de seu corpo congelado, seus sinais vitais enfraquecendo lentamente... Os olhos começando a fechar de vez em quando.

Só para que eles se abrissem em um estalo e seu suspiro passasse através de seus lábios cada vez mais pálidos.

Mais tarde, ele iria se lembrar desse momento em que alcançaram o ponto sem volta.

Foi quando a equipe médica desativou os alarmes que, haviam no início apitado com advertência de vez em quando, mas que tinha posteriormente começado a apagar constantemente.

— Agora é... — Quando sua voz falhou, ele limpou a garganta, — ... O momento para mais exames de raios-X?

Jane parou ao lado dele e falou em voz baixa. — Trez, gostaria de conversar com você.

Manny concordou. — Talvez no corredor.

— Não, não vou deixá-la. — Ele alisou o cabelo de sua amada para trás e ficou aliviado quando seus olhos se focaram nos dele. — Eu não vou deixar você, minha rainha.

iAm se inclinou e disse em seu ouvido: — Você quer que eles conversem comigo?

Passou um tempo antes de Trez responder. Ele não queria ouvir o que eles iriam dizer. Mesmo que em seu coração, ele já soubesse... Ele sabia que as coisas não estavam mudando desta vez... Ele só não queria as palavras pronunciadas no ar.

Mas, aquela rotina de sobressalto e medo que continuava a acontecer com ela o estava desgastando.

— Sim, por favor, — ele disse educadamente. — Obrigado.

O grupo, incluindo Ehlena, foi para o quarto ao lado.

E se deu conta que ele e Selenia estavam sozinhos um com o outro. Inclinando-se para ela, ele acariciou seus cabelos e roçou sua boca com a dele.

Merda, seus lábios estavam tão frios.

Ele queria fechar os olhos dele, mas estava apavorado que perderia alguma coisa. Em vez disso, deixou passar algumas batidas do coração.

“Eu quero ser livre. A coisa que mais me assusta é ficar presa no meu corpo.”

— Selenia, — disse ele em uma voz que era tão fina quanto sua pele. — Selenia, você pode se concentrar em mim? Você pode me ouvir?

Ela piscou duas vezes, que era o código que tinham estabelecido para “sim”.

— Eu preciso saber... — Ele engoliu em seco. — Eu preciso saber se você quer ir... Você quer partir?

Em resposta, os olhos... Os magníficos olhos azuis dela... Se encheram de lágrimas, e ele começou a chorar também. Com um sentimento de profunda dor, levantou a sua mão livre e roçou a umidade do nariz e da bochecha dela. Ele deixou as lágrimas dele aonde estavam.

— Minha rainha, é a hora de você partir? Me diga se for.

Seu olhar nunca deixou o dele.

Ela piscou uma vez. E depois... Outra vez.

Oh, Deus.

— Será que eu entendi corretamente? — Disse. — Você quer que isso... Termine?

Os dois estavam chorando para valer agora. E ela não teria que piscar novamente, porque ele sabia em seu coração e alma o que ela queria, e ainda assim, ele esperou o sinal mais uma vez. Este era um daqueles momentos em que se tinha de fazer tudo corretamente.

Ou ele nunca seria capaz de viver consigo mesmo.

— Está na hora? — Ele sussurrou.

Ela piscou uma vez... E, em seguida, novamente.

Nesse momento ele fechou os olhos e percebeu que seu corpo balançava como se um peso enorme tivesse sido colocado sobre seus ombros, e não estivesse bem equilibrado.

Quando abriu os olhos, iAm e os médicos estavam de volta no quarto. Um olhar para o rosto austero de seu irmão, e ele sabia que o que tinha sido dito não tinha sido marcado por nenhum otimismo.

Conforme iAm se aproximou, o macho teve o cuidado de saudar e sorrir para Selena, o que Trez realmente apreciou. Em seguida, ele se inclinou e sussurrou: — Não há nada que possam fazer. Os anti-inflamatórios não estão funcionando, e os últimos raios-X exibiram uma mudança que o primeiro episódio não teve. As articulações, ou o que deveriam ser as articulações, estão aparecendo branco brilhante nas chapas, com o tipo de intensidade que o metal teria. Esse não era o caso de antes. Seus sinais vitais não estão bons e ficam cada vez piores, mesmo quando eles usam suas coisas para ajudar com a respiração e o coração lento. O sentimento deles é que... Isso é o fim.

Trez assentiu, e depois levou um momento para apreciar o rosto de Selena. — Ela está pronta para ir, — ele engasgou. — Ela me disse isso. Existe alguma coisa que... Nós possamos...

Manny o interrompeu. — Nós podemos ajudá-la. Se ela tem certeza.

— Ela tem.

iAm inclinou-se perto novamente e sussurrou algo mais.

Trez respirou fundo. — Selena, você quer ver suas irmãs? Phury? A Directrix? Estão todos aqui. Eles estão lá fora.

Em resposta, ela fechou os olhos. Uma vez. E, em seguida, os manteve dessa maneira até que ele sentiu uma nova espiral de pânico atravessar por ele.

Mas, ela os abriu novamente. Ela ainda estava com ele.

Agora, as lágrimas dela estavam vindo cada vez mais rápido, e ele desejou que pudesse se concentrar o suficiente para tentar entrar em sua mente, mas, ele não podia. Ele estava muito torcido, muito emocional, muito cheio de dor. E ele entendeu o que ela queria de qualquer maneira.

— Você não quer que eles te vejam desta forma. — Piscar. — Você os ama, no entanto, e quer que eles saibam que você vai sentir a falta deles. — Piscar. Piscar. — Você quer que eu diga adeus por você.

Piscar. Piscar

— Certo, minha rainha.

Em seguida, houve esta estranha pausa.

Mais tarde, quando ele obsessivamente revisasse cada coisa que aconteceu, cada hora que passou durante a crise, cada detalhe do quarto e das pessoas, cada contração do rosto dela e cada palavra que falou para ela, ele iria insistir nesse momento. Foi, ele imaginava, um pouco como olhar para o cano de uma arma pouco antes de você levar um tiro.

— Eu te amo, — disse ele. — Eu te amo para sempre.

Ternamente, ele acariciou o rosto dela e rezou para que ela pudesse sentir o seu toque. Ele não sabia se ela podia ou não; havia um alarmante aspecto cinzento se infiltrando em sua pele.

Alternando as mãos, de modo que sua direita estava segurando a dela, ele bateu levemente no ar em torno dele, procurando por...

iAm como sempre, estava bem ali, agarrando a palma da sua mão com força, o firmando.

Ele não iria fazer isto, a menos que seu irmão estivesse o segurando fora do chão.

— Ok, — Trez disse para quem estava escutando, — estamos prontos.

Manny foi até a mangueira do soro, uma seringa cheia de líquido na mão. — A primeira dose é um sedativo.

Trez sentou para frente na cadeira que ele tinha recebido. Colocando a boca junto à orelha dela, ele disse: — Eu vou te amar para sempre...

Ele repetiu as palavras, até que não tinha certeza de quantas vezes ele havia dito elas. Ele só queria que fossem a última coisa que ela ouvisse.

— Esta é a última dose, — disse alguém. Talvez fosse Manny, talvez não.

Trez começou a dizer as palavras mais rápido. E mais rápido.

— Eu te amo para sempre euteamoparasempreeuteamoparasempre...

Momentos depois, ele parou.

Ele não tinha certeza de como soube isso exatamente.

Mas, ela se foi.

Recostando na cadeira, ele olhou em seus olhos ainda abertos. Eles estavam tão bonitos como sempre tinham sido... Mas, não havia vida neles, no entanto.

Aquela faísca mística que a animava tinha ido embora.

E sua alma, já não possuindo um lar viável, tinha partido com ela.

O silêncio e quietude da morte era um vazio por si só, um buraco negro que sugava nele tudo e todos ao seu redor, e tão poderosa era a atração, que as vidas

dos outros ficaram suspensas também, momentaneamente prejudicada por essa tremenda força contagiosa.

Trez abaixou o rosto na mesa de exame e libertou as duas mãos que o tinham sustentado, a dela e a do seu irmão. Em seguida, passou os braços em volta de seu amor, e chorou sobre ela com tanta dor, que todo o vidro no quarto explodiu, as portas dos armários de aço estilhaçaram, soltando-se de suas estruturas... Até mesmo a tela do computador e o lustre médico acima racharam, transformando-se em cacos.

Inconscientemente, ele tinha se preparado para este terrível momento desde que a tinha encontrado do lado de fora do cemitério, no Santuário, preparando-se, experimentando a dor como se testasse o quão quente um queimador do fogão era ou o quanto um cheiro era tóxico.

A realidade era indescritivelmente pior do que ele havia previsto, mesmo em seus momentos mais pessimistas.

Na realidade, ele era apenas mais um pedaço de vidro no quarto.

Totalmente quebrado, além do conserto.

Capítulo SESSENTA E NOVE

Bem, agora ele sabia como era ver alguém que você ama ser atropelado por um carro, iAm pensou enquanto observava seu irmão soluçar.

As emoções de Trez deixaram a clínica em um gelo profundo, o ar tão frio, que a respiração saia da boca das pessoas em uma névoa e fazia com que o que estivessem vestindo se transformasse em trapos metafóricos. Olhando para cima, iAm notou que os três profissionais médicos estavam igualmente *em extremos*. Muitos esfregavam os olhos com os dedos. Ehlena estava tirando um lenço do bolso de seu uniforme. Jane estava secando o rosto com a palma das mãos.

iAm se sentou ajoelhado e massageou as costas de seu irmão. Ele não tinha certeza se o contato era irritante ou o ajudava, o mais provável era que fosse um nem-aqui-nem-ali que não tenha sido sequer notado.

Eventualmente, Trez deu um suspiro trêmulo e se recostou.

Havia uma mesa ao alcance do seu braço, e sobre ela, tinha uma pilha de toalhas dobradas brancas e azuis. Pegando uma, ele estendeu em direção a seu irmão.

Trez estava fora de qualquer capacidade de Kleenex neste momento.

O cara esfregou o rosto e tomou uma série de respirações profundas. Depois, se recostou na cadeira que estava usando e olhou fixamente para frente.

— Eu quero fazer os preparativos, — disse ele com a voz rouca.

— Você terá isso, — iAm respondeu. À medida que a equipe médica deu um levantar coletivo de sobrancelhas, ele disse, — Tenho tudo o que ele precisa. Coloquei no vestiário dois dias atrás.

Isso havia sido algo que tinha feito antes de ir para o Território, apenas no caso de não voltar.

Apesar de que foi meio estúpido. Se tivesse sido capturado e mantido lá, ele não teria sido capaz de dizer a ninguém onde encontrar a merda.

— Está tudo bem para ele usar esse quarto? — Perguntou iAm, mesmo que isso não fosse realmente um pedido.

— Absolutamente, — disse Jane. — Ele pode ter certeza de privacidade.

— Obrigado. — iAm bateu levemente no joelho de seu irmão. — Eu já volto, tudo bem? Estou indo buscar o material.

— Obrigado, cara. — Trez disse sombriamente.

iAm ficou em pé, e, quando os seus joelhos estalaram, ele percebeu que tinha passado um bom tempo agachado no chão de azulejo.

Ele não podia suportar olhar para Selena. Era malditamente difícil demais.

Indo para Manny, ele abraçou o cara de uma maneira vigorosa, e em seguida, deu a Jane e Ehlena algo mais suave.

— Obrigado por cuidar tão bem deles.

Manny apenas balançou a cabeça. — O resultado teria sido diferente se tivéssemos conseguido fazer isso.

— Algumas coisas... — iAm deu de ombros. — Não há nada que você possa fazer. — Indo para a porta, ele a empurrou... E franziu a testa quanto lascas de tinta saíram em suas mãos. Jesus, o aço tinha entortado, o ajuste na moldura não estava mais no lugar.

Do lado de fora, não havia, como dizia o ditado, um olho seco na casa.

— O que podemos fazer? — Perguntou o Rei, dando um passo para frente e colocando sua mão para cima no ar.

Se aproximando de Wrath, iAm deu sacudida na mão que foi oferecia, em seguida, ficou surpreso ao se encontrar sendo puxado de encontro àquele incrivelmente enorme peito. Por um momento, ele se permitiu ceder em toda a força do corpo do rei, até o ponto onde ele estava certo de que Wrath o estava segurando em pé.

Mas, então, ele precisava se endireitar. Havia aspectos práticos que tinham de ser tratados.

Quando ele se afastou, viu o grupo de Escolhidas em suas vestes oficiais, e sentiu uma afinidade especial com elas, como um irmão mesmo.

— Trez vai dizer a vocês mais tarde, — disse ele, — mas ela queria que vocês soubessem que ela as amava demais. Foi difícil, no final... Ela realmente não podia se comunicar. O amor por todas vocês estava lá, no entanto. — Ele enfocou nos olhos amarelos de Phury. — E por você também.

— *Ela era uma fêmea de grande valor,* — disse o Primale no Idioma Antigo. — *Um crédito para a sua tradição e deveres e também uma pessoa de importância*

por seus próprios dons especiais. Existe um lugar no Fade aberto para ela esta noite e para sempre.

iAm concordou, assentindo com a cabeça, porque ele simplesmente não podia suportar a ideia de que a vida da fêmea estava simplesmente acabada. Em um momento, a pessoa estava em seu corpo e então... *Puf!*... Ela tinha partido como se nunca tivesse existido para os outros, nada mais do que lembranças translúcidas, desaparecendo para sempre para testemunhar que ela de fato, tinha nascido e vivido.

— Eu tenho de pegar algo para ele. No vestiário. — Deus, ele sentia como se estivesse falando através do melaço. — É para a nossa maneira de providenciar o...

Ele deixou o resto da frase apenas balançando na brisa.

Quando passou por Tohr, ele parou. O macho estava branco como uma folha e tremendo nos seus shitkickers, seus escuros olhos azuis transbordando de sofrimento.

— Eu lamento muito, — iAm se encontrou sussurrando.

— Jesus, por que você diz isso? — O Irmão engasgou.

— Não sei. Eu não tenho nenhuma ideia.

Ele abraçou o macho apertado, e sentiu uma conexão mais profunda com ele. Em seguida, se afastou, apertou o ombro de Autumn, e pensou: *Cara, iriam ser algumas longas noites para o casal até Tohr processar seu TEPT.*

O Irmão sabia exatamente onde Trez estava neste momento.

Rhage era o último do alinhamento, e estranhamente, ele parecia estar em piores condições. Pelo menos Mary estava ao seu lado.

— Vai ficar tudo bem, — iAm mentiu.

A verdade era que ele não sabia o que diabos iria acontecer a seguir.

— Você tem de me dar alguma coisa para fazer, — Hollywood disse com seus dentes cerrados. — Eu tenho de... Eu tenho de fazer alguma coisa.

— Você está aqui. É o suficiente.

iAm abraçou o cara e, em seguida, continuou indo até a entrada do vestiário. Se empurrando para dentro, ele se acalmou e apenas respirou por alguns momentos. Em seguida, foi até os armários logo à direita.

Havia quatro bolsas Nike em quatro unidades separadas, e ele as tirou uma após a outra. Passando as alças de duas em cada lado dos ombros, ele ergueu os pesos pesados e se apertou de volta para fora através da porta.

Na tradição dos Sombras, os restos mortais eram purificados com minerais sagrados e água purificada vezes e vezes seguidas, enquanto um rosário de orações era dito para a frente e ao contrário. Em seguida, haveria um processo de envolvimento do corpo com tecido perfumado, seguido de cera que tinha de ser fundida em cima.

Ele estava prestes a passar por Rhage novamente quando parou e franziu a testa.

Olhando para o Irmão, ele disse, — Que horas são?

Rhage checkou seu telefone. — Cinco de manhã.

— Na verdade, há algo que você pode fazer, — ele murmurou. — Ao anoitecer.

Capítulo SETENTA

Assim que o sol estava com segurança sob o horizonte, Rhage foi o primeiro a sair da mansão. Saindo através das portas francesas da biblioteca, ele caminhou pelo terraço vazio, os móveis de ferro foram armazenados para o inverno. A piscina, da mesma forma, foi drenada e coberta, os guarda-sóis guardados, até mesmo os canteiros de flores e as árvores de frutos foram cobertas para a vinda da neve.

Parecia apropriado. Todo o composto estava de luto, juntamente com o resto deles.

Ao seu lado, uma motosserra Husqvarna 460 Rancher estava pendurada de sua mão da adaga, tudo preparado e esperando.

As horas do dia foram uma tortura, o esquisito rescaldo da morte, juntamente com todo mundo ter de ficar dentro da casa transformou a mansão em terra de zumbi.

A boa notícia era que ele estava finalmente livre e iria começar a cortar as coisas. Avançando até as árvores na borda mais distante do gramado, ele penetrou a trilha e seguiu para a parede de retenção de seis metros de altura que corria ao redor do Complexo. Havia uma porta blindada em uns vinte metros ou mais, e ele foi para a coisa, digitou um código de segurança em um teclado, e esperou que a lâmina fragmentasse, isso significava que a barreira interna tinha se recolhido.

Empurrando para abrir a pesada porta, ele entrou deixando-a aberta para seus Irmãos, bem como Beth, Xhex, Payne, e todas as outras.

As árvores dali eram principalmente pinheiros, e à luz do luar, ele avaliou os tamanhos dos troncos. Ele iria evitar as mais antigas e ficaria com as mais jovens.

Ligando a serra, ele cheirou o gás e o óleo, e se deliciou com o poder enquanto se aproximava de uma conífera que tinha cerca de trinta centímetros de diâmetro. A lâmina atravessou a casca e o meio da coisa como um punhal atravessa a carne, o corte tão rápido e limpo como um golpe cirúrgico. E quando o pinheiro de cabeça macia aterrissou com um salto, ele se mudou para a próxima,

acelerando, cortando, controlando as aterrissagens, para que ninguém se machucasse.

Em seu rastro, Tohr pegou o primeiro tronco de seis metros de comprimento e arrastou-o para a abertura no muro de contenção. Beth foi a próxima. Z. Payne. Butch. John Matthew e Xhex. Blay e Qhuinn. Indo e indo eles andavam, trabalhando como em uma linha de montagem, ninguém dizendo uma palavra.

Nenhum deles tinha se incomodado em usar casacos ou até mesmo luvas de trabalho.

O sangue das suas mãos arranhadas derramado sobre os troncos fazia parte do tributo deles.

No ar da noite de outono, a suave resina de pinheiro tinha cheiro de incenso.

Rehvenge o tinha ajudado com o planejamento durante o dia. Na tradição *Symphath*, a pira funerária era composta de duas partes: uma base triangular de nove postes de 2,74 metros cada, na vertical, encimados por uma plataforma sólida, feita por outras nove, de 1,80 metros de comprimento, e uma parte mais alta construída de 96 toras, das quais, 90 teriam 2,74 metros de comprimento e 6 teriam 1,80 metros. Para a parte de cima, cada um dos nove rodapés estava separado por *terra*, um do outro... E as camadas seguintes colocadas atravessadas à primeira de baixo, perpendicular.

O objetivo era assegurar bastante corrente de ar e um fogo luminoso.

Então, essa seria a maneira como eles iriam fazer, porque nenhum deles conhecia qualquer outra alternativa, e embora nem Trez nem Selena fosse *Symphath*, todo mundo achou que era melhor optar por algo que já tinha sido testado e funcionado, em vez de correr o risco de uma outra ideia que falhasse.

O desfecho era que, Rhage derrubaria aproximadamente 65 árvores de 6 metros. Então, eles iriam remover os troncos e a casca, usando uma combinação de adagas, serras e outras ferramentas, e levantar toda a coisa sobre a superfície plana do gramado, no lado oeste da casa.

Enquanto ele trabalhava, com a serra pulando em cada corte como se fosse um animal selvagem mal amarrado, ele continuou voltando para seu próprio passado com sua Mary.

Ele tinha estado ali, bem ali onde Trez tinha sentado na cabeceira de sua amada. Ele conhecia o medo gélido e a incredulidade de que a vida, com todas as suas permutações infinitas, tinha chegado a tal ponto. Ele tinha ido para casa, se

despido, se ajoelhado sobre diamantes que haviam cortado seus joelhos... E inclinado a cabeça para a única divindade que tinha conhecido e implorado e suplicado para que Mary fosse salva.

E a Virgem Escriba veio até ele e deu o que ele tinha pedido, mas a um custo tremendo.

Sua Mary seria salva, mas em troca do presente, ela não poderia estar com ele. Esse foi o pagamento pela incrível bênção, o equilíbrio para o milagre.

Aquela dor tinha sido com se uma galáxia se abrisse em seu peito, uma ferida infinita que era tão profunda e de uma natureza tão mortal, que ficou surpreso que não começara a sangrar...

Rhage assistiu quando outra árvore sem vida caiu para o lado no chão frio.

Ele sabia exatamente o que Trez estava sentindo agora mesmo.

A diferença? Em seu anoitecer, há dois anos, depois que ele tinha jurado deixá-la, para que ela pudesse ser salva de sua doença... Sua Mary irrompera através da porta do seu quarto viva e bem, curada e salva, com a saúde restaurada.

E capaz de se unir com ele.

Esse foi o único raio de sol que ele havia sentido como um adulto: Claro como se o teto acima dele tivesse desaparecido e o sol subiu só para ele, o calor e a luz brilharam sobre eles, quando tinha segurado sua fêmea.

Os dois tinham sido restabelecidos pela misericórdia da Virgem Escriba naquele momento.

Mais tarde, ele soube que, porque Mary ficou infértil devido seus antigos tratamentos contra o câncer, a Virgem Escriba decidiu que isso era o suficiente para equilibrar o dom de vida eterna.

E, assim, Mary e ele estavam juntos até hoje.

Para Trez, não foi concedido tal milagre.

Selena não tinha sido salva.

Era Tohr e Wellsie tudo de novo.

Embora Rhage não teria admitido isto para ninguém, ele não entendia por que ele e sua *shellan* foram poupados. Especialmente tendo em conta a forma como a Virgem Escriba o tinha amaldiçoado com sua besta, no início de sua vida, por estar muito fora de controle.

E, ainda assim, depois ela havia achado conveniente devolver a sua amada para ele.

Graças a Mãe da Raça, sua Mary estava agora livre para existir sem a morte, até que ela escolhesse de forma diferente, o que seria quando ele fosse ao Fade.

O fato de que eles haviam sido poupados... Parecia tão aleatório como o porquê de Tohr e Trez serem condenados.

Pelo menos seu Irmão tinha conseguido ir em frente.

Só podia esperar o mesmo para aquele Sombra.

— Leve isso, — iAm disse para Fritz, — ao meu apartamento no Commodore. Coloque na parte externa do vidro deslizante no terraço.

— O prazer é meu, senhor, — respondeu o mordomo. Exceto que em seguida as sobrancelhas do *doggen* subiram. — Existe alguma outra coisa?

— Não.

Como Fritz apenas ficou lá, fora da sala de exame, parecendo confuso, iAm não conseguia entender...

Oh. Certo. Ele não tinha soltando nota.

Forçando a sua mão para liberar o controle, ele deu um passo para trás. — Obrigado, cara.

— Se houver qualquer outra coisa que você ou seu irmão precisem, por favor, me chame. Eu faria qualquer coisa para estar de serviço, especialmente agora.

O mordomo se curvou e então foi pelo corredor, desaparecendo através da porta de vidro do escritório.

iAm olhou em volta, mesmo que ainda estivesse sozinho. Seus olhos só precisavam de algo para fazer, e, nesse sentido, ele entendeu por que Rhage e os Irmãos haviam implorando por algum dever; também por isso que as mulheres da casa, que não estavam lá fora trabalhando na floresta, tinham ido ao andar superior para ajudar a preparar uma refeição de pratos cerimoniais tradicionalmente servidos nas refeições de luto. E por que as Escolhidas e o Primale se fecharam no ginásio para realizar rituais antigos, a fumaça perfumada

das velas sagradas que eles estavam queimando encheu o Centro de Treinamento com uma fragrância que era ao mesmo tempo obscura e doce.

Era tal mistura de sistemas de crenças e tradições, tudo se misturando em torno do núcleo do luto.

Seu irmão.

E, assim iAm esperava aqui.

Em algum momento nas próximas três horas, o macho ia surgir, nu e pingando seu próprio sangue.

A marcação no peito e abdômen de um homem enlutado era a última parte do ritual de preparação para uma companheira que partiu.

E, como o parente mais próximo do sofredor, iAm era a pessoa que iria selar as feridas com sal, tornando-as um tipo de coisa eternamente-na-carne.

Ele segurou em sua mão o pesado saco de veludo preto que estava cheio do melhor sal Morton. Estava amarrado com uma corda de ouro, o peso era considerável.

No fundo da sua consciência, ele não podia deixar de olhar para o outro lado de tudo isso. Para o anoitecer seguinte.

Para o fim do período de luto s'Hisbe.

Por algum tempo, ele esteve meditando sobre essa solução que envolvia uma vida de viagens. Qualquer dívida que uma vez tinham com Rehvenge tinha sido acertada e, com a morte de Selena, Trez estava, sem dúvida, livre para tirar o dinheiro de suas empresas aqui em Caldwell e pegar a estrada.

A Rainha dos Sombras não poderia reivindicar o que ela não podia pegar.

E essa opção era a coisa mais inteligente a fazer.

O problema agora... Era sua coisa com *maichen*.

iAm se concentrou na porta fechada, imaginando seu irmão envolvendo sua amada e, por um momento, tentou imaginar Trez em forma para pegar a estrada.

Provavelmente isso não vai acontecer.

Merda. Era perfeitamente possível que Trez iria resolver a situação para todos eles.

Colocando uma arma de fogo na cabeça.

Capítulo SETENTA E UM

Trez não tinha nenhuma lembrança de seu nascimento.

Mas, quando se aproximou da porta da sala de exame, sentiu como se a experiência voltasse para ele em primeira mão. Depois de horas e horas de nada além de dor, perseguido por uma exaustão que era existencial, ele colocou sua mão sobre a superfície rachada do painel e percebeu que, mesmo se houvesse qualquer barreira física entre ele e o que estava do outro lado, pisar lá fora iria exigir um empurrão, uma força, um algo a mais que o obrigasse a sair da densa cápsula do tempo que ele tinha estado dentro.

Vidas separavam o macho do que ele tinha sido quando veio para cá com Selenia em seus braços... E onde ele estava agora.

Vidas.

E, semelhante ao útero, ele não podia mais ficar aqui.

Havia um último dever que tinha de cumprir; não que ele tivesse tido força para quaisquer um destes.

— Selenia, — ele sussurrou.

O nome dela pronunciado por seus lábios secos foi a chave que abriu o êxodo... E, assim, ele chegou, em um mundo que era tão novo para ele como deve ter sido quando nasceu.

E ele não era mais capaz do que fora, quando um bebê.

E semelhante a seu nascimento... iAm estava esperando por ele.

Seu irmão olhou para cima tão rápido, que o macho bateu a cabeça na parede de concreto em que estava apoiado. — Hey...

Aqueles olhos escuros fizeram uma varredura na vertical, e Trez olhou para si mesmo. Suas calças pretas estavam manchadas com seu sangue, bem como cera da vela e fibras da gaze do invólucro. Seu peito estava com um padrão cru de feridas. Sua mão livre estava emaranhada com o que restava daquelas calças.

— Sal, — Trez disse. — Sal, nós precisamos...

Sua voz era como um clarinete com um problema no bocal. Então, novamente, ele tinha conversado com sua rainha por quantas horas seguidas? Depois, muitas orações, e o estranho tinha sido a maneira que elas tinham voltado

para ele... Mesmo que ele não tenha falado nem ouvido os versos ou o dialeto Sombra em...

O que ele estava fazendo aqui fora mesmo?

Quando iAm levantou uma bolsa de veludo preta, ele pensou, *Oh, certo.*

Foi tão malditamente fácil deixar seu corpo cair no chão, com os joelhos absorvendo um impacto que deve ter sido forte, mas foi algo que não registrou.

Inclinando a cabeça para trás, ele arqueou o esterno para frente, o padrão de cortes que cavou nele mesmo puxando mais amplo, reabrindo de modo que as feridas começaram a chorar sangue novamente.

— Você está pronto? — iAm perguntou acima dele.

Ele fez um som que, mesmo aos seus ouvidos poderia ter sido um sim ou um não ou... Outra coisa. Mas, está preparado, falou claramente para si próprio.

Seu fôlego explodiu para fora de sua garganta ressecada quando o sal sibilou do gargalo dessa sacola e o golpeou nas clavículas. O fluxo trazia consigo uma dor pungente que foi tão grande que o seu coração pulou em suas costelas e seus pulmões se contraíram; e ele ainda suportou as sensações de boa vontade, dizendo a si mesmo que estava em uma missão por Selenia.

Depois disso, ele estaria marcado para sempre para ela.

Era, ele supôs, o que acontecia em uma cerimônia de acasalamento, apenas que no seu caso, sua fêmea já não estava com ele. E com esse ritual sagrado ingressando invertido em sua cabeça, fazia sentido que, em vez de grande alegria, ele só sentisse esse sofrimento torturante; em vez de se tornar uma só pessoa com ela, ele estava marcando sua solidão sem ela.

Quando não restava mais sal na sacola, ele ficou parado onde estava, sem escolha ou vontade. A vontade referia-se à parte dos músculos de suas costas e ombros que tinham parado de funcionar, talvez em solidariedade à sua fêmea, mais precisamente porque ele estivera curvado, direto, pelas últimas dez, ou quinze, horas. E quanto à parte da escolha? Por mais que ele odiasse os rituais porque eram como um ruído alto em sua cabeça, gritando que *ela estava morta*, ele não queria que terminassem.

Cada momento que passava, cada minuto tortuoso naquela nova realidade, era um passo para longe dela. E esses pequenos acréscimos, amarrados juntos, logo se transformariam em noites, que se tornariam semanas e meses... E essa passagem de tempo era a medida de sua perda.

Isso o estava levando para longe dela.

Enquanto ele estava a guardando, na reta final dela, parte de sua mente tinha sido obsessiva em reproduzir tudo. A partir daquela figura envolta em um manto negro chegando e o encontrando em seu clube, para que ele levantasse Selena da brilhante grama verde do Outro Lado, para eles lutando por sua vida na primeira vez que ela estivera aqui. E, então, o colapso no andar de cima no quarto de iAm.

A primeira coisa que ele ia fazer, depois que a última parte de tudo isso terminasse, seria correr para o andar de cima para ver exatamente onde a marca dos joelhos dela estavam no tapete.

— Diga a Fritz para não aspirar, — ele deixou escapar.

— O que?

Ele forçou sua cabeça para cima e abriu suas pálpebras. — Diga a Fritz... Para ele não passar aspirador no seu quarto.

— Ok. — A palavra foi dita como algo que alguém usaria para acalmar um saltador em um parapeito. — Tudo bem.

Trez olhou para o seu peito. Havia granulados de sal por toda parte nele, alguns brancos, alguns rosa ou vermelhos de seu sangue.

Ele orou para que os *doggens* não fossem eficazes na limpeza hoje à noite. Ele só precisava lembrar exatamente onde tinha acontecido. Ele precisava... lembrar-se da viagem para a clínica, e onde a cadeira ao lado da mesa de exame Tinha estado, e o que ele tinha dito para ela. Como a agulha com as doses se pareciam. Como... Tudo aconteceu.

Não era por alguma fascinação mórbida. Era mais a convicção de que ele não queria perder nada dela.

Nenhuma memória.

Se esforçando para ficar em pé, ele murmurou, — Preciso construir um...

— Está pronta.

Trez sacudiu a cabeça e fez um gesto com a mão. — Não, não, ouça. Eu preciso de um machado... Ou serra...

— Trez. Me escute.

— ... E alguma gasolina ou querosene...

— Aqui, por que você não dá isto para mim.

— O que? — Quando seu pulso direito foi gentilmente capturado por seu irmão, ele franziu a testa e olhou para baixo. Ele ainda tinha o punhal na mão. — Oh.

Ele ordenou a seu punho que o soltasse.

Quando nada se moveu, ele tentou mais forte. — Não consigo soltar.

— Vire a sua mão. — iAm soltos os seus dedos um por um. — Está solto.

Enquanto o macho guardava a arma atravessada em seu cinto, Trez tentou fazer com que seu cérebro trabalhasse. — Mas, eu poderia precisar disso para...

— Os Irmãos e suas fêmeas cuidaram da pira.

Trez piscou. — Eles fizeram?

— Eles estiveram a construindo nas últimas três horas. Está tudo pronto.

Oscilando em seus pés, ele fechou os olhos e sussurrou: — Como é que vou pagar a eles?

— Aqui, coloque este casaco, você deve estar congelando.

Rhage olhou abaixo para a sua Mary. — Me desculpe? O que você disse?

Ela ergueu um casaco para ele. — Rhage, está zero grau aqui fora. E tudo que você está vestindo é uma camiseta de musculação.

Não era que duvidava dela, mas, ele olhou para seus braços nus. — Oh. Acho que você está certa.

— Deixe-me colocar isso em você.

Ele estava muito consciente de que ela o estava tratando como se fosse uma criança, mas, de alguma forma estava tudo bem. E quando ela enfiou um de seus braços através de uma manga, e, em seguida, enrolou o resto do casaco em torno dele, ele a deixou fazer o que ela quisesse.

Casaco. Nada de casaco.

Não importava para ele.

Seus olhos se desviaram até a pira. Era maior do que tinha previsto, elevando-se como uma pequena casa ao longo da parte plana do gramado, para além dos jardins e da piscina. Eles tiveram de construir uma escada para a subida, para que o nível superior pudesse ser alcançado, e depois de uma discussão e seguindo o conselho de Rehvenge, eles tinham encharcado a base com gasolina.

Junto com todos os outros, ele estava em pé, contra o vento, em frente da coisa. Totalmente uma multidão, refletiu. Todo mundo que vivia na casa. Todos os servos. Também as Escolhidas.

— E eu trouxe para você algumas luvas, — sua Mary disse.

Quando ela pegou a mão dele, ele balançou a cabeça. — Eu só vou sangrar no interior delas.

— Não importa. Talvez você já tenha queimaduras.

— Está tão frio? — Espera, ela já não tinha dito a ele qual era a temperatura?

— Sim, — ela sussurrou. — Está excepcionalmente frio.

— Parece ser o certo. Eu não acho que deveria estar calor... Isso não seria... Eu acho que nós devemos nos machucar, também.

Era por isso que ele realmente teria preferido ficar sem o casaco. Mas, ele era incapaz de negar algo à sua *shellan*...

Pelo canto do olho, ele pegou um flash de branco.

Quando se virou, sua respiração ficou presa na garganta. Trez havia surgido da mesma porta que todos haviam usado para sair na biblioteca; iAm estava atrás dele. E assim a última caminhada começou.

Carregando aquela que era tão preciosa para ele, o Sombra percorreu passo a passo pelo gramado, se aproximando do que eles estiveram trabalhando até agora. Sem qualquer conversa, mas, por algum tipo de pensamento de grupo, todo mundo que se reuniu formou duas linhas, lhe proporcionando um corredor.

Trez estava diferente, e não de um jeito bom. Como alguém que estivera fazendo trilha por um mês, com água e comida insuficientes, ele era um encolhido e exausto eco de si mesmo... Seu rosto murcho, sem vida, com uma aura de doente, mesmo que não estivesse doente no sentido estrito da palavra.

Quando ele passou, Rhage estremeceu.

Os degraus da escada improvisada que haviam construído rangeram quando Trez os subiu, mas Rhage não estava preocupado que iriam desmoronar. Ele e Tohr tinham a testado juntos diversas vezes.

E eles a fizeram segura.

Com a silhueta contra o céu iluminado pela lua, a forma escura de Trez bloqueou as estrelas que chegaram para a noite, o corte de uma faixa da galáxia, certo como se algum Deus tivesse passado a tesoura no tecido do universo.

Se curvando, ele a colocou no centro. Então ficou lá em cima por um tempo, e Rhage poderia imaginar que ele estava arrumando as coisas. Dizendo um adeus final.

Era bom que esse tipo de coisa fosse feita fora da visão, longe da audição. Algumas coisas, mesmo em um ambiente favorável, eram melhores deixar para a privacidade.

A tocha que eles usariam para acender tudo tinha vindo da Tumba. V tinha lampejado no *Sagrado Santuário* e pego uma das muitas alinhadas no grande salão, o que era outra das muitas maneiras de honrar o Sombra e sua perda. Tohr acendeu a tocha quando Trez finalmente se ergueu em sua altura total e abandonou a plataforma de madeira, e a chama cresceu, pronta para se espalhar, sem medo do vento frio que soprava.

Aos pés da pira, Trez aceitou a tocha e os dois machos falaram. Na luz bruxuleante, ficou claro que o peito de Trez tinha sido brutalmente cortado e selado, e havia sal e cera e sangue em toda a frente de sua calça.

Engraçado como a passagem do tempo pode ser notada em algo diferente de um relógio ou um calendário: a condição daquela roupa e daquela carne falaram sobre as horas que o macho gastou atendendo sua morta.

E depois, Tohr voltou para o seu lugar ao lado do Autumn.

Trez olhou fixamente para a pira. Olhou até seu topo.

Depois de um longo momento, ele contornou até um dos pontos da base triangular, se inclinou e...

O fogo se alastrou como se fosse um animal selvagem escapando da jaula, percorrendo a trilha de gasolina, como se fosse essa a sua versão de comida, devorando-a.

Trez deu um passo para trás, a tocha caindo ao seu lado como se tivesse esquecido que ainda queimava.

Com uma investida rápida, iAm entrou em cena e removeu a coisa, e assim que ele se afastou, Trez começou a gritar.

Enquanto a fumaça da madeira enegrecida e o brilho laranja e os dedos de fogo espalhavam-se pelo céu da noite, Trez gritou, com fúria. Seu tronco se inclinado à frente em direção ao quadril, suas pernas afundando-se em direção ao solo, como se ele estivesse prestes a se jogar no calor.

Antes que pudesse pensar, Rhage pulou fora da linha e correu para o cara; iAm certamente não podia, com a tocha na mão. Bloqueando os braços ao redor da cintura do Sombra, ele arrastou Trez para traz, o afastando cerca de três metros.

Mesmo com o vento ainda vindo de trás deles e levando as chamas para longe, o calor era enorme.

Trez não parecia notar, nem o fato de que eles mudaram de lugar; nem a realidade de que, se as rajadas mudassem, ele poderia ser incinerado.

Ele estava apenas rugindo na pira, os músculos do pescoço saltados, o peito bombeando para cima e para baixo, seu corpo levantado para frente contra a barra de ferro que era o aperto de Rhage.

Não havia nenhum acompanhamento preciso das palavras, mas, provavelmente, não existia nenhuma.

Às vezes, o idioma não poderia ir longe o suficiente.

Tudo o que você pode fazer é gritar.

Capítulo SETENTA E DOIS

— Na verdade... Eu acho que prefiro ficar aqui.

Conforme Paradise falava, ela olhou para cima de sua mesa. Seu pai estava em pé na frente dela, o relatório que ela tinha acabado de lhe entregar, abaixado ao seu lado, como se estivesse atordoadado.

— Mas, certamente você gostaria de voltar para casa.

Não havia ninguém na sala de espera, aliás, não havia ninguém na casa, exceto Vuchie e a outra equipe. Alguma coisa tinha acontecido no Complexo da Irmandade, e Wrath tinha cancelado todos os compromissos por várias noites seguintes, quando ele e os irmãos entraram em luto. Ela sabia que não conhecia os detalhes, mas, o que quer que fosse, tinha acontecido de repente.

Ela rezou para que não fosse alguém morrendo na guerra.

— Estou muito... Feliz aqui. — Isso não era exatamente verdade, mas era perto o suficiente. — Eu gosto de ter meu próprio espaço.

Seu pai olhou ao redor, e depois desmoronou sobre uma cadeira. — Paradise.

Ah, sim. Sua voz “fala sério, querida”. E, geralmente, quando ele começava com aquilo, ela se sentia sugada pelo lugar onde se encontrava sentada, fosse ele qual fosse, já que o tom *paternalista* dele possuía uma força centrífuga suficiente para vencer a gravidade.

Não esta noite. — Não, — ela disse. — Eu não voltarei para casa.

Oh... Grande. Descobriu que havia algo ainda pior: A dor que se espalhava agora nos olhos dele.

Ela levantou as mãos ao rosto dela. — Por favor, não.

— Eu só... Eu não entendo.

Não, ela imaginou que ele não o fazia. — Pai, preciso de algo que é meu, e não estou falando de um companheiro e filhos e uma grande casa em algum lugar.

— Não há nenhuma vergonha em ter uma família.

— E não deve haver nenhuma se uma fêmea quer uma vida própria, qualquer uma.

— Talvez se você encontrar o certo...

Ela baixou as mãos sobre a área de trabalho, atingindo a borda de seu teclado e o fazendo saltar. — Eu não estou interessada em me acasalar. Nunca.

Com isso, ele empalideceu. Certamente, como se ela tivesse lhe dito que queria correr pelada ao meio-dia.

— Sua apresentação está se aproximando.

— Eu tenho um emprego agora.

Houve um longo período de silêncio, em que a examinou e ela não vacilou. — Isso é porque nós discutimos? — Perguntou.

— Não.

— Então, o que... Mudou, Paradise?

— Eu mudei.

Derrota curvou os ombros de seu pai, e foi quando ela percebeu que, tanto quanto ele era seu *ghardian*, de acordo com as Leis Antigas, de fato, ele não podia forçá-la a fazer nada.

Tristemente, isto estava provavelmente muito atrasado.

— É sobre o programa do Centro de Treinamento? — Ele perguntou.

— Sim e não. Trata-se de eu fazendo as escolhas em minha própria vida, em vez de ter as coisas sendo obrigada. Eu só... Quero ser livre.

Seu pai balançou a cabeça. — Acho que sou de uma geração diferente.

Cruzando os braços sobre a escrivaninha, se inclinou sobre eles e pensou sobre o que aquele macho civil havia dito, aquele que viera para a aplicação, e lhe disse seu nome, mas se recusou a apertar sua mão.

Aquele que ela se pegou procurando, cada vez que a porta da frente se abriu.

— É sobre a segurança, Pai.

— Desculpe?

— Eu querendo fazer o curso de formação. Acho que eu gostaria de saber como me defender. Isso não significa que vou acabar no centro da cidade, lutando contra os assassinos. Isso significa, porém, que se algo acontecer comigo, eu estaria muito mais preparada para lidar com isso.

— Você está totalmente protegida. Se está aqui ou em casa...

— Mas e se eu quiser ir a outros lugares?

Quando a onda de silêncio seguinte a atingiu, ela sabia onde os pensamentos dele estavam. Apesar de raramente ele ter dito isso em voz alta, sempre fora claro para ela que, dentre as muitas coisas de que o macho sentia falta em relação ao

falecimento de sua querida *shellan*, desejava que a *mahmen* dela pudessem compartilhar conversas esquisitas, como essa. Ele parecia achar que ter uma fêmea que intercedesse fosse trazer resultados mais harmoniosos; uma conclusão que sempre esteve disponível para ele porque a opção nunca pôde ser vetada.

Talvez sua *mahmen* o teria ajudado em momentos como este. Talvez não.

Muita coisa estava contida naquele suspiro dele.

Ao lado dela, o telefone tocou, e ela pegou o receptor no primeiro toque, porque o que quer que estivesse na linha seria mais fácil de lidar do que esse tipo de dinâmica familiar.

— Boa noite, — ela disse.

Houve uma ligeira pausa, e então uma voz masculina com um sotaque estranho disse na Antiga Língua, — *Esta é a casa de audiência de Wrath, filho de Wrath.*

Ela franziu a testa, e respondeu da mesma forma. — *Sim. Como posso ajudá-lo?*

— *Está localizada no oitocentos e dezesseis da Avenida Wallace.*

À medida que o homem lhe deu o endereço, ela olhou para o seu pai. — *Como posso ajudá-lo?*

— *Você pode levar ao vosso Rei uma mensagem importante. Se ele não entregar a guarda do Sombra Consagrado, TrezLath, à meia-noite do dia seguinte nos limites do Território, Sua Santíssima Alma, Rainha Rashid, governante do s'Hisbe, irá interpretar a guarida do referido macho como declaração de guerra contra o nosso povo. Ela pretende que o acasalamento sagrado ocorra com a herdeira do trono Sombra na primeira noite após o seu período de luto. O cumprimento poupará todos os vampiros de muito derramamento de sangue. O não cumprimento irá garantir um flagelo contra a sua população já sitiada.*

Clique.

Removendo o receptor de sua orelha, Paradise só podia olhar para o plástico preto com as suas duas cabeças nas pontas.

— Paradise? — Seu pai disse. — O que foi tudo isso?

— Assumindo que não era uma brincadeira... — Ela levantou os olhos para ele. — Os Sombras estão declarando guerra... Contra nós.

Capítulo SETENTA E TRÊS

Algun tempo depois, Trez se tornou consciente de que não estava mais lá fora.

Na verdade, ele estava sentado em sua cama, no terceiro andar da mansão, as palmas das mãos sobre os joelhos, seu corpo de alguma forma ainda em movimento, mesmo que ele não estivesse se movendo.

Depois que ficou na pira até que ele entrou em um colapso interno e as chamas tinham morrido, alguém deve tê-lo levado até ali.

Isso era o som de um chuveiro?

iAm apareceu na porta do banheiro. — Deixe-me ajudá-lo.

— Não é o que você sempre faz, — Trez murmurou.

— Se os papéis fossem invertidos...

Enquanto seu irmão se aproximava, tudo que Trez podia fazer era olhar para cima, para o macho, como se iAm fosse um gigante.

Emoções borbulhavam através de sua exaustão.

— Você é, — Trez disse suavemente, — o melhor macho que eu já conheci.

iAm parou de repente. Limpou a garganta. — Ah... Vamos tirar essas calças de você, ok? E antes que você diga, sim, sei que você não está com fome, mas eu trouxe um pouco de comida e sim, um pouco de álcool.

Quando iAm estendeu a mão, Trez pestanejou e viu o congelamento de Seleno no espaço, perpetuamente esperando por ele para a agarrar e salvá-la.

Só que ele não tinha sido capaz de fazer.

Inclinando a sua cabeça, estava cansado demais para chorar, e a sensação de que ele iria sentir este mal para o resto de sua vida natural era como um terno de aço com espinhos no lado de dentro.

— Vamos lá, — iAm disse em uma voz quebrada.

Trez tomou o que foi oferecido a ele por reflexo, nem se importando com o corpo sujo, nem as calças sujas e nem a comida.

Mas a bebida... Neste momento, isso poderia ajudar.

No mínimo, ele poderia desmaiar com isto.

Enquanto eles se dirigiram para o banheiro, seu celular começou a tocar na mesa de cabeceira, e por um momento, ele parou e pensou: Que estranho.

Só que era normal, não era isso. As pessoas chamavam as outras quando queriam algo, quando precisavam de algo, quando tinham notícias para compartilhar ou apenas queriam checá-las.

Lembre-se, disse a si mesmo. Era assim que isso funcionava...

A próxima vez que ele teve um pensamento consciente, foi quando estava entrando nu debaixo do chuveiro.

Ow.

Isso foi tudo o que ele faz.

Apenas... Ow. Enquanto toda aquela água entrava nos ferimentos em seu peito.

iAm foi quem se inclinou e lavou o cabelo e o corpo dele, apesar da camisa do cara ficar toda molhada na frente e ao longo das mangas.

E, então, eles estavam saindo e era hora da toalha.

Na sua próxima checagem, ele estava sentado na cama com as cobertas dobradas em sua cintura e uma bandeja de colo com comida ao seu lado. iAm estava à beira do colchão, sua boca se movendo.

Com um deslocamento estranho, Trez assistiu seu irmão de longe, observando seus elegantes movimentos de mão, sua expressão preocupada, seus olhos inteligentes.

— Eu vou ficar bem, — disse Trez quando uma parada aconteceu.

Ele não tinha ideia do que seu irmão tinha falado, mas tinha certeza de que seu bem-estar tinha sido o tema.

— Você pode me fazer um favor? — Trez perguntou quando olhou para a porta do outro lado. — Você pode agradecer... Todo mundo? Por mim? Pelo que fizeram? Eu estava tão cansado... Não sabia como iria construir aquilo.

Nenhuma razão para adicionar um substantivo ali. iAm sabia do que ele estava falando.

— Eu irei. Claro.

— E eu quero que você faça uma pausa.

— Me desculpe?

— Não vou a lugar algum. Não esta noite. — Ele flexionou as mãos e sentiu a dor muscular nos antebraços, nos ombros. Ele não tinha noção do esforço físico

que seria exigido quando decidiu mexer com todas aquelas bandagens. — Estou muito... Tudo. Eu simplesmente estou fodidamente tudo.

iAm lhe atingiu com um par de feixes de laser. — Você tem certeza? Eu ia dormir aqui com você.

— Obrigado, mas eu preciso de um tempo sozinho. E antes que você diga, não, eu não vou fazer nada estúpido. Você pode pegar todas as minhas armas.

— Você acreditaria que eu já peguei?

Uma imagem de si mesmo com essa arma na sua cabeça, a noite em que Selenia tinha ficado doente primeiro, veio à mente. — Sim, eu iria.

Exceto que havia, pelo menos, uma quarenta que o cara não teria encontrado. Não, a menos que ele desmontasse a Jacuzzi.

iAm começou a falar novamente e Trez o observou ir, acenando com a cabeça em diferentes lugares só porque ele não queria ser rude. Sua mente havia se afastado novamente, e antes que ele percebesse, seus olhos pesavam como chumbo, rolando para trás em sua cabeça.

A próxima coisa que percebeu, ele estava deitado esticado.

A voz de iAm veio de lá de cima, como a de Deus ou talvez um locutor de cinema: — Vou deixar a luz acesa.

Como se ele tivesse quatro anos de idade.

— Obrigado...

iAm se deteve sobre seu irmão quando Trez desmaiou no meio do agradecimento. E quando um ronco suave saiu do cara, ele balançou a cabeça.

Seu irmão estaria assim durante algum tempo.

Olhando para o pé da cama, viu no chão a calça que ele tinha removido, se abaixou e as pegou. Era provavelmente o melhor, que isso não fosse a primeira coisa que o macho visse quando acordasse e iAm teria preferido jogá-la fora. A ideia de que poderia ser um importante símbolo da morte o impediu, no entanto, e se conformou em dobrá-la e a colocá-la em uma prateleira no armário.

Ele verificou Trez mais uma vez. Mas além de puxar uma cadeira e assistir o cara respirar pelas próximas quatro ou seis ou dez horas, não havia nada para ele fazer aqui.

Saindo do quarto, ele parou de novo na porta... E não viu nada que lhe desse qualquer preocupação além do fato de que Trez já parecesse morto.

Sim. Nada errado.

É o mesmo como de costume.

Deus, ele queria vomitar.

Descendo até o segundo andar, ele foi até as portas abertas do escritório de Wrath. Todos os Irmãos e os lutadores estavam lá, alguns sentados, outros andando, alguns inclinados contra as paredes.

Eles pararam de falar e olharam para ele.

Ele levantou a mão em saudação. — Desculpe incomodá-los. Imaginei que vocês gostariam de saber que ele está dormindo lá em cima. Ele é muito grato por tudo que vocês fizeram, e me pediu para lhes dizer isso.

Houve algum murmúrio, mas alguma coisa estava errada. Muito errada.

— O que está acontecendo? — Disse ele lentamente.

Wrath falou do trono ornamentado por trás da escrivaninha ornamentada. — Você se importaria de entrar aqui por um minuto e fechar as portas?

Então eles estavam esperando por ele.

— Ah, sim. Sem problemas.

Quando ele fechou todos dentro, cruzou os braços sobre o peito. — Diga. E não a besteira enrolando o que quer que seja. Eu não tenho a paciência ou a energia.

Wrath nivelou aqueles óculos de sol pretos nele. — Recebemos um telefonema cerca de meia hora atrás, na casa de audiência.

— Certo.

— O indivíduo não se identificou. Isso veio, porém, evidentemente, do s'Hisbe. Resumindo, ou eu entrego o seu irmão à meia-noite de amanhã ou a Rainha está declarando guerra contra, não apenas eu e os Irmãos, mas os vampiros em geral.

iAm fechou seus olhos.

Devia ter visto isso chegando. Ele realmente devia ter.

Ele só poderia realmente ter tido tipo, dez minutos antes da próxima bomba de drama aterrissasse na frente dele.

Soltando o fôlego, ele murmurou, — Filha da puta...

— Mas, nós não vamos desistir dele.

As pálpebras de iAm se arregalaram. — *O que?*

Wrath apoiou os braços poderosos sobre a mesa e se inclinou, mostrando suas presas. — Eu não respondo à ameaças. E estamos preparados para ir para a

guerra, se é isso que vem por aí... Mas, seja qual for o resultado, eu *não* vou entregar esse macho em qualquer lugar. Ou prazo.

Conforme um rosnado baixo vibrou através do ar, iAm olhou em volta.

Ele não tinha chorado desde o momento em que Selena morrera, nem mesmo quando ele saíra pelos fundos da casa, seguindo seu irmão para a pira. Era como se, quando a Escolhida morrera, o fusível elétrico dele encarregado daquela parte queimasse por causa da sobrecarga que tinha de suportar, como se o centro dele ficasse sem luz.

Agora, porém, quando ele encontrou os olhares fixos e agressivos dos machos na sala, as lágrimas começaram a rolar pelo seu rosto.

Parecia que, depois de décadas estando sem uma tribo, ele e seu irmão tinham encontrado a deles.

Estes guerreiros orgulhosos, e as suas fêmeas, tinham adotado dois órfãos que tinham estado sozinhos no mundo... E estavam dispostos a lutar até a morte para proteger o que era deles.

Soltando um trêmulo suspiro, ele puxou a sua merda junta e balançou a cabeça para Wrath, embora o macho não pudesse vê-lo. — Sinto muito, mas não posso deixar você fazer isso...

— Com licença? — O Rei grunhiu. — Eu sei que você não está tentando me dizer como lidar com meus negócios.

— Mas Sombras são capazes de... — Ele limpou a garganta, não querendo insultá-los. — Você não entende o que o meu povo pode fazer.

Eles tinham truques que os vampiros normais não tinham.

Wrath sorriu com uma sede de sangue. — Talvez você não conheça meu aliado? — Quando o Rei passou a mão para o lado, ele apontou para Rehvenge. — Preciso fazer as apresentações?

Os olhos ametista de Rehvenge estavam frios. — Como líder do meu povo, não estou sem recursos para convocar, e lhe asseguro, somos mais do que capazes de neutralizar qualquer ataque que a rainha fizer.

Os *Symphaths*, iAm pensou. Jesus...

Wrath olhou ao redor da sala. — Ela quer uma guerra? Vou dar-lhe uma e garanto que uma política de terra arrasada vai parecer como um maldito jantar de domingo em comparação com o que estou preparado para fazer com ela se ela tentar tomar o nosso menino.

Com isso, tudo o que iAm podia fazer era ficar lá e piscar como um bobo.

Deus. Maldição. Foi o suficiente para quase fazê-lo sentir pena daquela fêmea.

Capítulo SETENTA E QUATRO

Quando iAm se materializou no terraço do apartamento no Commodore, cerca de vinte minutos depois, descobriu que a nota que ele disse para Fritz trazer mais cedo, ainda estava presa no vidro. Ele soltou a coisa, viu que tinha sido aberta e lida, e a guardou dentro de sua jaqueta de couro.

Então ele abriu as portas, e ligou algumas luzes com sua mente.

Conforme a iluminação brilhava, ele piscou até que seus olhos se acostumassem. As cortinas balançavam por causa das rajadas de vento frias, até mesmo derrubaram uma almofada sobre o sofá. Ele não fechou a porta deslizante atrás de si, quando entrou.

Tirando sua jaqueta, ele andou ao redor.

Sua consciência não estava em paz. De modo nenhum. Por ter encontrado sua tribo, apenas para tê-los indo para a guerra por ele e seu irmão? Isso era demais para se viver. Sim, claro, os Irmãos eram todos caras grandes, e especialmente treinados, e blindados até a bunda, e eles tinham os *Symphaths* os apoiando.

Mas, pessoas iriam morrer.

Essa era a natureza dos conflitos com armas.

Seja qual for a outra solução, ele tinha de encontrá-la. Rápido...

— iAm?

Quando a voz de *maichen* se registrou, ele se virou. — Oh, Deus, você está aqui.

Sem dar a pobre fêmea sequer um oi-como-vai-você, ele se aproximou e a arrastou contra ele, segurando-a com força. Mesmo com toda a túnica, ele sentiu seu corpo, seu calor, sua alma, e bebeu isso, tirando dela a energia de que precisava.

Afastando-se, ele removeu o capuz e segurou a cabeça dela, trazendo-a para um beijo. — Graças a Deus.

— iAm, o que aconteceu?

Ele pegou as mãos dela com urgência. — Preciso que você me escute, e me escute com atenção. Quero levá-la para um lugar seguro.

— iAm, eu não posso ir com você.

— O Território não é seguro.

Ela congelou. Franziu as sobrancelhas. — Do que é que você está falando?

Inferno do caralho, a última coisa que precisava era a realidade de que, se ele não cuidasse corretamente da situação sem saída com a rainha, era provável que *maichen* se machucasse ou fosse morta: Ninguém ia ser poupado se houvesse uma guerra com o s'Hisbe, e depois de falar com Wrath e Rehv, ele sabia que ambos os líderes estavam preparados para atacar os Sombras onde viviam.

À meia-noite de amanhã.

— Estão acontecendo coisas em níveis bastante elevados. O palácio não vai ser seguro o suficiente...

— Nós estamos para ser atacados? Por quem?

— Eu não pretendo entrar nisto.

Ela deu um passo para trás nitidamente. — O que está errado?

Naquele momento, uma figura apareceu no corredor, uma enorme figura vestida de preto.

— Bem, bem, isso é uma surpresa, — s'Ex hesitou. — *Princesa*.

Depois de um momento de confusão, iAm olhou por cima do ombro para a porta deslizante aberta, perguntando se uma quarta pessoa tinha entrado no apartamento. Considerando a forma como o drama tem funcionado ultimamente? Sim, a filha da rainha absolutamente, poderia ter aparecido aqui sem uma boa razão.

As coisas *estavam* fora de controle.

— Você não se apresentou corretamente ainda? — Disse s'Ex. — Gostaria que eu fizesse as honras, sua Alteza Sereníssima?

Conforme iAm sacudia a cabeça, ele decidiu que talvez houvesse outra explicação: s'Ex tinha claramente perdido a sua fodida cabeça. — O que diabos você está falando?

— Você quer dizer que ela não te disse?

iAm olhou para *maichen*. — Me disse o que? Ela é uma empregada que cuidava de mim.

— Ela é a noiva de seu irmão. — O executor da Rainha veio para dentro da sala, espreitando os dois. — E nos termos da legislação do palácio, agora estou obrigado a matá-lo, porque você viu seu rosto. — O homem se inclinou e baixou a

voz para um sussurro. — Embora eu esteja pensando, considerando a maneira como você a cumprimentou... Que você provavelmente já viu muito mais do que isso. Você não fez? A menos que queira que eu acredite que ela se encontra aqui apenas para fingir que lava a sua roupa?

Frio. Frio sobre a cabeça, nos ombros, no peito, até aos pés.

iAm ficou instantaneamente frio.

s'Ex era um monte de coisas, mas uma coisa que ele raramente tinha... Raiva. E o homem estava enorme-merda-chateado-demais com a fêmea que estava do outro lado do caminho dele, como se ela tivesse colocado todos em uma situação que nenhum deles iria ser capaz de lidar.

Se ela fosse realmente uma empregada? Ele não teria se importado. A classe servil não era valorizada acima de sua capacidade de realizar funções. s'Ex poderia ordenar que ela voltasse para o Território e mandá-la para alguma punição, mas ele não estaria tão irritado.

Virando-se para *maichen*, iAm nivelou seu olhar fixamente nela. Com uma voz perfeitamente calma, ele disse: — Eu vou te perguntar uma vez, e apenas uma vez, e você nunca vai ter outra chance de ser honesta comigo. Então, leve seu maldito tempo para pensar sobre qual será sua resposta para esta pergunta. Quem. É. Você?

Enquanto esperava pela sua resposta, ele se lembrou de uma determinada coisa que ela tinha dito. Na época, ele tinha entendido o significado de uma maneira oposta. Agora? Ele temia que ela estivesse insinuando a verdade; ele simplesmente não tinha percebido isso.

Nós somos iguais, você e eu.

Não, ela disse, infelizmente nós não somos.

Princesa Catra vin SuLaneh etl MuLanen deh FonLerahn olhou nos olhos de iAm. Embora sua voz até mesmo estivesse ao ponto de relaxada, ele era tudo menos isso. Fúria fervia sob sua pele quando ele chegou à sua própria conclusão, e estava, obviamente, apenas esperando para ver se ela teria a coragem de se revelar.

— Nos dê um momento, — ela disse para o executor.

— Eu não penso assim, Princesa.

— Você vai sair desta sala e esperar lá fora... — ela apontou para a porta aberta — ... Até que eu te chame de volta aqui.

Os olhos de s'Ex se estreitaram, um surto de ódio brilhando para ela. — Não flexione músculos que você não tem, fêmea.

— E eu te aconselho a não me testar. Você *não* vai gostar do resultado, ou sobreviverá a isso.

Quando ela o enfrentou com um olhar duro, o lábio superior de s'Ex enrolou para cima, mas ela não se importou. Ele era um assassino e um macho muito potente, mas ele era, e sempre seria, governado pelas tradições s'Hisbe. Isso era o que não era compreendido sobre ele, ele nunca havia matado ou mutilado sem provocação. E ela já suspeitava que ele desse a si mesmo à sua mãe não por amor, mas para proporcionar um efeito politicamente estabilizador.

Poucos poderiam adivinhar o verdadeiro papel que ele exercia nos bastidores, mas ela sabia, porque tinha espionado por todos esses anos.

E, no entanto, apesar do domínio que segurava e a influência que tinha no palácio, ele nunca tinha tentado derrubar ou até mesmo diminuir sua mãe de qualquer maneira.

Em vez disso, ele tinha sempre defendido seus caminhos. Protegido. Consolidado.

— Vá, — ela retrucou.

Com uma maldição, s'Ex se virou e saiu. Quando chegou à porta deslizante, ele murmurou, — Você não tem ideia de com o que você está lidando, iAm. Divirta-se.

Saindo, ele fechou a porta. E ficou exatamente onde ela o tinha ordenado a permanecer.

Fechando os olhos, ela tentou encontrar as palavras certas. Ela não tinha dormido nada durante o dia, mas, tinha lutado com sua consciência por horas. E quando tinha vindo aqui antes, tinha estado resolvida. Ela estava totalmente e completamente apaixonada por iAm.

E sabia que tinha sido um erro terrível levar as coisas tão longe quanto foram.

Era hora de dizer a ele... Antes que a tocasse. Depois disso, ela provavelmente se perderia demais, mais uma vez.

Limpando a garganta, ela disse: — Eu sou...

— Na verdade, — iAm interrompeu, — não se incomode. Esse pequeno ato que acabou de fazer com ele é toda a explicação que preciso. — Ele parou e começou a andar, arrastando as mãos sobre a cabeça. — Que porra era essa que você estava pensando...

— Eu não queria que isso acontecesse.

— Oh, vamos lá, Princesa, como se você escorregasse e caísse no meu pau? Nós dois sabemos que isso não foi o que aconteceu.

Ela franziu a testa. — Eu não entendo muito bem essa frase, mas, dado o seu tom, devo perguntar se tal grosseria é necessária...

— Você está brincando comigo? — Ele levantou as mãos. — Você está *prometida* em casamento. Para meu *irmão*. E não só mentiu para mim, como me *fodeu*!

Catra cruzou os braços e olhou para ele. — Talvez você gostasse de reformular a frase para refletir a verdade.

— Então, além de louca, é mentirosa? Ótimo! Fabuloso! Pelo que, exatamente, você está discutindo? Sua mentira ou nossa foda?

— Se bem me lembro, você dificilmente foi abusado por mim. E isso é o que você está fazendo parecer. — Ela se inclinou para frente. — Na verdade, eu me lembro exatamente como sua voz soou no meu ouvido quando você disse meu nome.

Ele recuou. Piscou algumas vezes. Em seguida, ele se inclinou também. — Mas, esse não era o seu nome, era? Até onde eu sabia, estava me deitando com uma empregada, e não com a herdeira do maldito trono!

— Você *estava* deitando comigo! — Ela bateu seu próprio peito. — *Eu* sou aquela com quem você estava!

— Besteira! Você não acha que pela porra de um momento eu teria feito escolhas diferentes se soubesse quem você realmente era? Ou você é tão fodidamente egoísta e arrogante, Sua Alteza Sereníssima, que não pode compreender ou se importar, até mesmo por um minuto e meio, que há repercussões quando você mente sobre a sua identidade e perde sua virgindade com a porra do irmão errado!

— Eu não queria que isso fosse tão longe quanto foi!

— Isso eu acredito, — ele rebateu severamente.

— iAm...

— Não. — Ele ergueu as duas mãos. — Apenas não. Não vou refazer essa besteira com você. Eu não tenho tempo ou interesse.

— Eu estava vindo para lhe dizer. Sei que te coloquei em uma posição horrível...

— Meu irmão acaba de perder sua *shellan*, — ele disparou. — *Isso* é um problema. Ela morreu na frente dele, e ele passou a maior parte do dia e um pouco da noite, preparando o corpo dela para a porra de uma pira funerária. Então, teve de assisti-la queimar até que não houvesse sobrado nada além de cinzas em um chão frio. *Essa* merda é real. Mas, espere, a diversão e os jogos não terminaram ainda! No topo disso tudo, acabo de saber que sua mãe, a puta que é, está se preparando para atacar as únicas pessoas que *já* tentaram tomar conta de mim e de Trez, se eles não o entregarem, como um pacote, da noite para o dia, e estiver na soleira da porta dela até a meia-noite de amanhã. Considerando que ele tenha a honra duvidosa e o privilégio de se acasalar com alguém da sua laia. — Quando Catra engasgou, ele cuspiu, — Então, o fato de termos feito sexo está tão abaixo na minha lista de prioridades, que nem aparece na minha tela de radar. Você não é tudo isso, Princesa.

Ela não ia chorar.

Não, ela não ia.

Mesmo que o seu peito estivesse gritando de dor, ela não iria desmoronar na frente dele. Ela causou isso para os dois, e além do conflito particular, parece que os perigos reais para o seu povo eram iminentes.

— Eu queria viver, — ela se ouviu dizendo com a voz rouca. — Pela primeira vez, eu queria viver. E não ia conseguir uma segunda chance. Você... Você era a única oportunidade que eu iria conseguir, e ia dizer a você hoje à noite. Sabia que não era justo. Sinto muito, muito mesmo.

Afastando-se dele, ela foi até a porta de vidro deslizante e a abriu.

— É tempo para que eu entre e me junte aos pombinhos? — S'Ex murmurou.

— Você estava ciente de que minha mãe tenha emitido uma declaração de guerra contra Wrath, filho de Wrath? Sobre o Consagrado e nosso acasalamento?

O executor ficou muito imóvel, suas vestes batendo em torno dele nas rajadas de vento. Encontrando seu olho, ele balançou a cabeça gravemente. — Se isto for verdade, não seria aconselhável.

Capítulo SETENTA E CINCO

Eeeeeee era por isso que as pessoas não devem se casar em Vegas depois de conhecer uma pessoa por apenas 24 horas, iAm pensou.

Enquanto a fêmea que ele tinha assumido ser apenas uma empregada, acabou se transformando na herdeira do trono de merda, e confrontou o carrasco de sua mãe, ele queria acreditar naquilo. A única possível salvação naquela bagunça toda era que, embora ele conseguiu ser o primeiro amante da prometida de seu irmão, pelo menos não havia a possibilidade de Trez estar destruído com isso.

Não por causa disto, de qualquer forma.

Pequeno conforto.

Não era a grande existência.

A boa notícia? Ele não ia ter de se preocupar com nada dessa merda de fêmeas novamente por um longo tempo. Após esta experiência? Ele estava voltando para a terra da mão esquerda. O celibato havia funcionado para ele até agora, e estava pronto para voltar a se abraçar nele, por assim dizer.

s'Ex entrou devidamente e fechou a porta atrás de si. — O que é isso sobre a guerra?

iAm revirou os olhos. — Não tente me dizer que a rainha fez a ameaça sem você. Você é o general de seu exército. Seu executor. Me dê a porra de um tempo.

— Posso assegurar a você, — s'Ex murmurou enquanto arrancava o capuz, — que eu teria dito não. Somos guerreiros capazes, especialmente os meus guardas, e nós temos armamentos que ninguém tem consciência. Isso não significa que é aconselhável cortejar a ira de Wrath. Sua reputação ao longo dos séculos o precede.

iAm olhou para o cara. Em outras circunstâncias, ele estaria convencido de que s'Ex estava falando a verdade, mas, depois de ter acabado de ser pisoteado por *maichen*, preferencialmente a Princesa, ele não era tão arrogante sobre seus poderes de percepção mais.

— Eles não vão devolver o meu irmão para o seu povo, — disse ele. Então olhou para a Princesa. — E eles têm o apoio dos *Symphaths*. Não importa o que

ameace ou o que faça, aonde você vá ou se tentar uma queda de braço, Wrath e os Irmãos *não* irão entregá-lo a você.

— Você faz parecer como se eu o quisesse. — Sua voz ficou rouca. — Eu não quero. Não tomarei qualquer macho no meu corpo ou no meu coração.

Ele deu de ombros. — Isso seria poético. Se você não tivesse já comprovado o quanto, uma grande mentirosa você pode ser.

A chama da dor em seus olhos era algo que ele se recusou a se importar. Inferno, por tudo o que sabia, ela estava só desapontada que foi pega.

Jesus, se ela acasalasse com seu irmão, poderia esse rola-rola na cama continuar. *Pare com isso! Simplesmente pare com essa besteira*, ele disse ao seu cérebro. Dado ao número de coisas verdadeiramente legítimas com que preocupar sua cabeça, ele realmente não devia acrescentar outros assuntos hipotéticos à lista.

— Como é que você descobriu sobre isso? — Perguntou s'Ex. — Esta declaração?

iAm olhou para o macho. — Um telefonema foi feito para a casa de audiência. Era de um número não identificado em uma linha indetectável, mas, mais ao ponto, como ninguém mais em Caldwell sabe sobre a situação do meu irmão com o s'Hisbe, ou o período de luto da Rainha, tinha de ser legítimo. Havia muita informação privilegiada, e quanto a como eles conseguiram o número? Não é nenhum grande segredo.

Interessante como ele usou o *eles* ali.

Sim, ele estava começando a se sentir um vampiro, não um Sombra, independentemente de seu DNA. Então, novamente, Wrath e a Irmandade ofereceram a ele e seu irmão comida, abrigo, amizade, lealdade.

O s'Hisbe só tinha sido apenas cheio de exigências e prisões.

— Quando você voltar para lá, — iAm disse, — pode dizer a eles que o meu irmão e eu não nos hospedamos mais com os vampiros, e Wrath e os Irmãos não têm conhecimento de onde estamos. Nós iremos desaparecer, e nenhum de vocês, — ele olhou para a Princesa, — será capaz de nos encontrar.

Outra beleza desta revelação real dela?

A única coisa que poderia tê-lo arrancado da ideia de sair daqui, o laço que o segurou até agora, havia ido embora.

Saindo de Caldwell, deixando os Estados Unidos, ficando bem longe e desse jeito iria ser, provavelmente, saudável para ele.

Merda, sabiam que tinham dinheiro suficiente para ir por um século, mesmo que nunca ganhasse mais um centavo. E embora ficaria triste por não ver mais o Rei e a Irmandade e aquela casa inteira, se evitasse a guerra, ele estava preparado para deixá-los.

Ele e Trez estavam fora daqui.

Pelo melhor.

Conforme iAm ia até a porta de vidro deslizante, Catra teve de gritar com si mesma para não correr atrás dele. Tudo parecia um pesadelo, tudo sobre a noite.

Ele não olhou para ela enquanto saía.

E mesmo que não poderia culpá-lo, ela queria gritar.

Fechando os olhos, ela baixou a cabeça e suspirou em suas mãos.

— Não me diga que você se apaixonou por ele, — disse s'Ex severamente.

Obrigando-se a soltar as mãos e enfrentar o executor, ela encontrou seu olhar. — Por que você estava aqui? Você não poderia ter me seguindo. Tomei cuidado.

Ele desviou o olhar. — Eu conheço um pouco este lugar.

— Você esteve aqui antes?

— Você não é a única pessoa que deseja ser livre de vez em quando. Esses dois irmãos me deviam certos... Favores, digamos assim.

Quando ele parou de falar, ela sentiu que existia dor nele. Dor profunda. E ela se perguntou se talvez ele não tivesse estado lamentado por sua criança neste lugar privado, de luto pela perda que foi decretada pelas estrelas.

Olhando fixamente para o macho orgulhoso, ela se viu formando uma espécie de parentesco com ele. Ela nunca tinha imaginado que ele era infeliz e insatisfeito com o que tinha, e talvez não estivesse. Mas, ele teve de sacrificar a sua própria carne e sangue pelas tradições... E pela mãe dela.

Ou foi forçado a isso, por causa das estrelas.

— Eu sinto muito, — ela disse.

— Sente pelo o que?

— Você está bem ciente do que.

Era raro que um macho como ele desviasse os olhos para evitar outro olhar firme, mas ele o fez, agora. — Eu não tenho noção do que você está falando.

Se reorientando, ela sabia que tinha de sair, e por várias razões. Estava muito claro, porém, que esta seria a última vez que ela pisaria neste lugar que continha tantas memórias para ela. Embora tivesse conhecido iAm por meras noites, tinha sido... Uma vida eterna.

Deixar aquele lugar era como fechar a porta para o único brilho que ela já tivera.

— Vamos prosseguir, — s'Ex disse, como se ele lesse sua mente, sentisse suas emoções.

Sem mais conversa, eles vestiram seus capuzes, foram até a porta, e saíram. O vento estava tão forte e frio que roubou seu fôlego e, por um momento, ela não conseguia se concentrar e se desmaterializar. Pouco tempo depois, no entanto, ela estava saindo, junto com s'Ex, deslocando-se ao Território.

Quando eles se reformularam, estavam na floresta na parte traseira da parede de contenção. Disfarçada de empregada, ela jamais teria sido admitida pela porta da frente...

Algo estava errado.

Vários guardas estavam agrupados em torno da entrada de trás, conversando com animação.

— Fique aqui, — s'Ex ordenou. — E não discuta comigo.

— Eles não saberão quem eu sou.

— A menos que alguém descobriu que você saiu.

Ela foi cuidadosa, pensou.

Exceto... A mãe estava em cima dela, não estava?

s'Ex deu um passo adiante. Parou. Girou ao redor e indicou para a esquerda.

— Há um painel secreto cerca de quatrocentos metros deste lado. Vou te encontrar lá o mais rápido que eu puder.

Catra franziu a testa, e estava curiosa que tivesse um súbito desejo de proteção sobre s'Ex. O executor da Rainha era mais do que capaz de cuidar de si mesmo, porém.

A não ser, é claro, ele fosse encontrado de alguma forma a esgueirando de volta. Então ele estaria em perigo mortal.

— Lamento a posição em que te coloquei, — ela disse.

— Arrependimento é um luxo que você e eu não podemos pagar. Siga por esse caminho. Vou levá-la a seus aposentos de alguma forma.

Com isso, ele se afastou, sem se preocupar em esconder seus passos. E ao som dos estalidos dos bastões, os guardas pegaram suas armas, preparados para atacar.

— Sou eu, — s'Ex anunciou.

O fato de que os guardas não relaxaram, a deixou preocupada.

— Estão procurando você, — um deles disse, desconfiado. — A Princesa se foi.

— Eu sei. Eu estava fora à procura dela.

— AnsLai esteve à sua procura, — acrescentou outro.

— Então irei a ele agora e farei o meu relatório. — Ele baixou a voz a uma ameaça. — A menos que você esteja com a ideia de tentar me impedir o acesso.

— A Princesa não está em seus aposentos, — um terceiro repetiu.

Catra engoliu em seco. Eles ainda não tinham colocado no lugar as suas armas.

— Você não ouviu que eu disse ter ido à procura dela na floresta? Ela está vestida como uma empregada. Poderia facilmente ter saído desta forma para um passeio noturno.

Com movimentos sutis, s'Ex alcançou atrás das costas, a mão encontrando uma ponta em sua túnica. Quando ele casualmente recolheu seu braço, a maior faca serrilhada que ela já tinha visto surgiu.

E, ainda assim, a sua voz continuou calmamente. — Ela não tem comida, nem abrigo, nenhuma arma, e não é capaz de sobreviver sozinha. Onde exatamente você acha que ela iria? É muito mais provável que ela esteja dentro do Território, ou até mesmo no próprio palácio.

— Eles disseram que você a ajudou a escapar.

— Quem disse?

— AnsLai.

Ah, sim, o Sumo Sacerdote, que era a outra mão direita de sua mãe.

Isso poderia ser uma tentativa de golpe contra o executor?

— Quem exatamente você acha que me mandou ir procurar a Princesa? — Perguntou s'Ex. — Ou você está me dizendo que as ordens da rainha não são tão

poderosas quanto as de um Sacerdote? É isso que você gostaria que eu levasse de volta à sua regente? Porque irei, junto com seus corpos mortos.

Instantaneamente, tudo mudou, a situação se desarmou, os guardas embainharam suas armas, s'Ex colocou a lâmina nas dobras de seu manto, em sua coxa. Um momento depois, ele estava no interior das muralhas.

Estando sozinha na escuridão, Catra passou os braços sobre si mesma e estremeceu. À medida em que a noite fria a envolvia, e a enormidade do que estava acontecendo afundava nela, tudo o que ela ouvia era a voz de iAm em sua cabeça:

“Meu irmão acaba de perder sua shellan.

Ela morreu na frente dele, e ele passou a maior parte do dia e um pouco da noite, preparando o corpo dela para a porra de uma pira funerária.

Então, teve de assisti-la queimar até que não houvesse sobrado nada além de cinzas em um chão frio.

Eu acabo de saber que sua mãe está se preparando para atacar as únicas pessoas que já tentaram tomar conta de mim e de Trez se eles não o entregarem, na soleira da porta dela, até a meia-noite de amanhã.”

Por muito tempo ela tinha estado nas sombras, uma jogadora periférica para o verdadeiro poder do seu povo. Como a herdeira do trono, ela não deveria ter nenhuma influência atualmente.

Esse tempo já passou.

Ela sempre tinha respeitado o jeito tradicional. Mas, tendo experimentado a dor e a perda pessoalmente? Ela não podia deixar que isso continuasse.

A mágoa e a raiva de iAm transformaram seu caminho de uma maneira significativa. Ela o tinha ferido, o comprometido, mentido para ele. Ele estava certo; ela tinha sido egoísta.

Tinha de haver uma maneira de parar tudo isso. Parar a guerra. Permitir que Trez e iAm fossem livres. Deixar-se ser...

Bom, se não livre, então pelo menos não sendo um veneno infeccionando os outros e arruinando suas vidas. Tudo por causa de algum registro astrológico que não levou em conta, nem por um momento, as escolhas e emoções pessoais, as vidas individuais.

Caminhando na direção que s'Ex lhe disse para ir, ela tentou ficar em silêncio e andar na parte mais espessa da floresta.

Ela não tinha certeza exatamente de onde o painel oculto estava.

E não tinha ideia do que ia fazer se s'Ex não aparecesse. Ou... Se ele tivesse uma mudança de coração e, por meio de interesse próprio ou de auto-sobrevivência, se virasse para o lado de sua mãe.

Mas, depois de uma vida sendo apropriada, ela afundaria lutando.

Capítulo SETENTA E SEIS

Haviam planos para serem feitos.

Conforme iAm tomava forma na parte de trás do estacionamento do restaurante do Sal's, ele estava completamente a fim de se jogar naquilo. Verificando o relógio, tomou nota do tempo; tinha cerca de doze horas para organizar tudo antes que pudesse partir com Trez. As passagens poderiam ser adquiridas on-line. O SUV já estava abastecido. Bancos e escritórios de advocacia abririam às nove, embora ele tivesse deixado aquele tipo de coisa em ordem para que pudesse ter dinheiro vivo bem rápido.

Xhex poderia assumir a shAdoWs e o Iron Mask se ela quisesse. Se não, eles poderiam deixar esses para Big Rob e Silent Tom. Deus sabia que esses dois bastardos já eram co-proprietários apenas em virtude do suor. E o Sal's?

Bem, aquilo ia se tornar problema de seu chef, Antonio diSenza. O cara estava concentrado, cuidando da parte da frente e de trás da casa. E ele trataria bem do resto do pessoal.

Todas essas transferências eram o que os advogados iriam fazer. Pelo menos foi esperto o suficiente para conseguir uma procuração de Trez anos atrás, então ele ia poder assinar tudo sem ter de aborrecer o cara.

E quanto ao próprio Trez?

O macho estava dormindo; o texto de Fritz chegou cerca de dez minutos atrás. O plano era deixar o pobre bastardo descansar o maior tempo possível. Então lhe diria que estavam indo em uma viagem ao redor do mundo.

Se a maneira como Trez estava naquele quarto era alguma indicação? Ele não ia representar muita luta. Ele tem estado tão fora-de-tudo, que iAm poderia ter feito uma cirurgia de coração aberto nele sem o colocar em uma máquina de circulação.

Mais cedo ou mais tarde essa bolha de exaustão e choque ia se desgastar, e lá estaria alguma merda do núcleo duro do outro lado, com certeza. Mas, eles poderiam cruzar essa ponte quando chegassem lá: primeira ordem dos negócios era assegurar a saída deles de Caldwell. Em segundo lugar era fazer Trez se mover. Em terceiro era, ficar como fantasmas.

Quanto aos Irmãos e o Rei? Ele iria avisar a todos via texto e deixar seu telefone para trás.

Os Sombras podiam ler mentes, se a situação pedisse por isso. Se ele não deixasse rastros e não houvesse maneira de ser contatado? Então, quando Wrath dissesse a s'Ex ou a Anslai ou a qualquer um do s'Hisbe, que ele não sabia onde estavam e não os ajudou a escapar? A verdade estaria verificável e óbvia.

Dessa forma, a Irmandade e os vampiros estariam a salvo.

Caminhando para frente, ele passou pelos carros das pessoas com as quais vinha trabalhando junto pelos últimos dois anos. Mesmo que fossem humanos, ia sentir falta deles, embora não necessariamente porque ele tinha profundas relações pessoais com eles. Era mais porque tinha gostado deste trecho de sua vida. A culinária, o fingir o estresse, as demandas.

Em comparação com o que realmente estava sobre seus ombros, tinha sido um agradável alívio, como ir assistir a um filme quando você precisa de uma pausa.

Além disso, aqui no Sal's? Se houvesse alguma merda errada, sempre conseguiria resolver.

Abrindo a porta traseira, ele parou. As vozes urgentes, o barulho, o calor, os cheiros... Por um momento, ele teve de piscar rapidamente.

— Chefe! — Alguém disse. — Você voltou!

Imediatamente, as pessoas estavam vindo até ele, batendo palmas, falando com ele, fazendo perguntas.

Deus, eu quero ficar aqui, ele pensou.

Como em tantas outras noites, ele mudou as linhas de pensamento, em sua cabeça, fugindo das coisas referentes à Trez, para as coisas que ele desejava ser livre para pensar, sempre. O lugar estava agitado depois de tantas horas de limpeza, as salas de jantar estiveram cheias, e um crítico da revista *Food & Wine* tinha aparecido e jantado com quatro pessoas, e falado com ele por horas.

Ele não iria informar a todos qualquer coisa sobre a mudança de propriedade. Ele só ia fazer isso e enviar os documentos. E ia cuidar das implicações fiscais, também, para que tudo estivesse claro e livre.

Indo até o fogão, ele tirou a tampa da panela de marinara e cheirou. Então, pegou o pote de orégano e acrescentou alguns. — Eu disse a você na semana passada, — disse ele ao Sous Chef. — Você precisa observar o equilíbrio aqui.

— Sim, Chef.

Quando recolocou a tampa, ele pensou sobre como tinha imaginado trazer *maichen* aqui. Como, em um momento cor-de-rosa, quando ele tinha imaginado a mudança dela para Caldwell ficando junto dele, ele os tinha visto sentados na cozinha em uma noite de segunda-feira, quando o restaurante estava fechado, em um jantar romântico aonde a guarnição estava na estação de trabalho.

Ele havia chegado ao ponto de planejar o menu.

De certa forma, ele e Trez estavam percorrendo caminhos semelhantes. Ele não tinha, literalmente, sua amada morta... Mas a mulher por quem tinha se apaixonado, não estava mais no planeta.

Deus, isso realmente machucava.

E realmente, talvez ele precisasse adicionar mais uma coisa na sua lista de afazeres para a pré partida. Depois que verificasse os dois clubes, seria uma boa ideia tomar uma bebida.

Sim. Quando chegasse a hora de voltar para a mansão, qual a melhor maneira de passar o que restava da noite do que se aconchegar à uma garrafa de uísque. Isso seria, provavelmente, a última vez em um longo tempo, que seria capaz de desconectar.

Além disso, nunca ficou de ressaca. Assim, ele estaria fresco como uma margarida de manhã.

Era o único benefício de ser um Sombra que ele já encontrou.

Quatrocentos metros.

s'Ex lhe disse para ir uns quatrocentos metros. Catra não tinha ideia do que isso significava, mas, tinha de ser um longo caminho. Ou... Não?

Conforme procedia ao longo, ela passava de uma árvore para outra, se escondendo atrás dos troncos o que, supunha, era um pouco estúpido, e aceitava o ponto de s'Ex; que ela realmente não podia cuidar de si mesma. Um ataque poderia muito bem vir da parte de trás, e mesmo enquanto tentava escutar o mais longe que podia, a batida do seu coração era um tambor tão alto que matava seus sentidos.

Teria sido muito melhor percorrer o terreno em espírito, assumindo um estado de Sombra, mas, ela estava muito dispersa para isso, e não queria parar e perder tempo tentando se concentrar...

Weeeeeeeeeeeeeeeeeeeee-oooooooooooooooooooooh.

Congelando ao som estridente, olhou em pânico para a direção de onde isso tinha vindo. Um momento depois, uma figura saiu em uma clareira.

Era um empregado.

Um funcionário macho que... Aconteceu de ser tão extraordinariamente alto e forte como s'Ex era.

Weeeeeeeeeeeeeeeeeeeee-oooooooooooooooooooooh.

Quando ele fez o som de novo, ela procedeu à frente, levantando as saias para cima. Se libertando dos ramos mais espessos de pinho, rezou para que ele ainda estivesse do seu lado.

— Me perdoe o traje, — ele murmurou debaixo do capuz cinza de seu traje *farshi*. — Mas, achei que tinha funcionado para você, por quanto tempo?

Ela estava sem fôlego, embora não tivesse corrido qualquer distância. — O que está acontecendo?

— Não é seguro para você. Há guardas em todos os lugares, procurando. Sua mãe sabe que você deixou não só o palácio, mas o território, e ela ordenou uma purificação pública para você.

Catra fechou os olhos. Ela tinha visto essa tortura horrível, um ácido especial era introduzido no sangue de tal forma que o “tratado” se contorcia de dor e vomitava por várias noites até que eles mesmos se livrassem de quaisquer impurezas que supostamente foram contaminados.

— Você não vai sobreviver a isso, — disse s'Ex severamente. — Sua única esperança é voltar para Caldwell. Podemos encontrar um lugar para você para ficar...

— Não, — ela vociferou.

— Não tente ser uma heroína aqui. Você só vai perder.

— Se eu ficar, eles apenas farão Trez ser companheiro de outro alguém. A rainha vai tentar ter mais crianças, e, eventualmente, terá um. Isso não o salvará.

s'Ex balançou a cabeça. — Você não precisa se preocupar com esse macho agora. Sua vida acabou se for a qualquer lugar perto daquele palácio. Pelo menos se correr, terá uma chance.

— Mas, eles vão me encontrar. Eles nunca vão parar de me procurar, você sabe disso. — Ela endireitou os ombros. — Tem de haver outra solução.

— Não, não vá lá. Olha, vou te ajudar. Vou fazer o que eu poder...

— Não seja um tolo. Você disse a esses guardas que a Rainha lhe enviou para fora procurando por mim. Isso era uma mentira. Mais cedo ou mais tarde ela descobrirá tudo no palácio; ela vai saber que você estava fora do Território na mesma noite em que desapareci. Mesmo se você tentar mentir dizendo que não estava envolvido com minha fuga, ela vai saber. Vai mandar te torturar e te matar pela traição de me ajudar e cumplicidade, e vai desonrar seu nome.

s'Ex começou a falar, mas Catra não ouvi nada.

Sua mente estava agitando, agitando... Agitando.

Sem aviso prévio, como algo surgindo das profundezas das águas escuras, ela se lembrou de algo que a Rainha tinha dito:

“Posso ter outra de você, se eu quiser. Você é tão substituível quanto qualquer coisa neste meu mundo. Jamais se esqueça de que eu sou o sol em volta do qual esta galáxia gira, e posso alterar seu destino em um piscar de olhos.”

Alterar. Destino.

Um horror repentino a agarrou pela garganta. — s'Ex... Você deve me levar para a Sala Sagrada de Astrologia.

— *O quê?* Você está louca? A ideia é ficar longe de AnsLai e do Astrólogo Chefe, não seguir diretamente para eles.

Ela balançou a cabeça lentamente. — Não, eles estarão em luto com ela. É a última noite. Eles têm de estar com ela para completar os rituais. — Ela olhou para ele. — Gostaria de ir sozinha, mas posso precisar me defender... Eu preciso da sua ajuda para fazer isso.

— O que diabos você pensa que vai encontrar lá dentro?

— Só me leve lá. *Por favor.*

Ele amaldiçoou em voz baixa. — O palácio está cheio de guardas.

— Sim.

— Não é como se pudéssemos apenas caminhar diretamente para a parte mais sagrada do composto da sua mãe.

— Se demorar um minuto ou uma hora ou o resto da noite, não importa, contanto que você me leve lá.

Uma eternidade se passou enquanto ele olhava para ela. — Você vai nos matar.

Ela encontrou os olhos dele através da malha que cobria seu rosto. Balançando a cabeça, ela disse, — Nós já estamos mortos. E você sabe disso.

Capítulo SETENTA E SETE

Quando Trez despertou, seu rosto e seu travesseiro estavam molhados. Enxugando as bochechas, ele ergueu seus dedos para cima e olhou para eles cintilando à luz do lampião.

Então.

Esse era o outro lado de tudo isso.

Deixando seus braços caírem de volta para a cama, ele olhou para o teto. Em algum nível, não conseguia acreditar que ainda estava aqui. Fisicamente e mentalmente.

Seu quarto sempre foi tão quieto?

Jesus, toda vez que ele respirava profundamente, seu peito doía como se tivesse quebrado todas as suas costelas. Duas vezes cada.

E então, havia o rolo de filme de tortura: Com cada piscar de suas pálpebras, outra parte da sua perda passava através de suas retinas, e teve de se perguntar se talvez era isso que estava acontecendo em seu sono e por que tinha acordado como ele tinha.

Parte dele queria que o incessante processo parasse. Outra parte estava apavorada que, se o fizesse, isso significaria que a coisa do esquecimento que ele estava tão preocupado, já estava começando.

Há quanto tempo estava dormindo?

Ele ficou onde estava por um minuto ou dois... Ou talvez fossem horas? Ou noites? E, em seguida, estendeu um braço e bateu levemente ao redor procurando por seu telefone. Quando ele ligou a tela para ver as horas, havia toneladas de notificações sobre textos e chamadas perdidas e mensagens de voz, mas ele não tinha a força para checar todas elas.

Colocando o celular de volta para baixo, ele percebeu no segundo em que soltou a coisa que não olhou as horas.

Onde estaria Selena? Ele se perguntou.

Dirigindo-se ao teto, ele disse: — Você está lá em cima?

O que ela viu? Existia mesmo um Fade?

Engraçado, mas ele não tinha antecipado o medo que tinha agora, mas provavelmente deveria ter. A ideia de que não soubesse se ela estava bem ou não após a morte era algo que ele iria ter de conviver.

Até que ele mesmo passasse, imaginou. E, em seguida, se era apenas um grande e escuro vazio? Bem, então ele não existiria para se importar.

Ideia feliz.

Quando finalmente foi se sentar, ele engasgou quando a dor explodiu por todo o seu corpo, claro, como se a agonia emocional em sua alma se manifestasse em sua carne, seus músculos rígidos, os seus ossos dolorosos.

Foi do ritual de preparação.

Talvez fosse desaparecer em um ou dois dias.

Levantou-se e usou o banheiro. Escovou os dentes. Checou seu estômago.

Não, a comida não era uma prioridade.

Bebida poderia ser bom.

Contudo, mesmo quando esses pensamentos internos se registraram, foi à distância, como se estivessem sendo gritados para ele do outro lado de um campo de futebol.

Voltando para seu quarto, ele foi até o armário e abriu as portas duplas. Conforme as luzes se acenderam, recuou.

Ele ainda podia sentir o cheiro dela.

E dois de seus vestidos estavam pendurados entre suas roupas.

Andando para frente, ele estendeu a mão para eles, mas em um último momento, hesitou em tocar as dobras do tecido branco, especialmente porque a ferida aberta atrás de seu esterno deflagrou em dor novamente.

Era, ele determinou, como uma espécie de corte em seu dedo, que não doía até que você flexionasse seu polegar, e então, a coisa realmente ardia. Exceto que em uma escala muito maior, é claro.

Era isso o que ele iria ser? Passaria através de suas noites e dias esbarrando em coisas aleatórias e sendo subitamente jogado para as profundezas da sua dor?

— Eu não sei como fazer isto, — ele disse para as roupas dela, — sem você.

E ele não estava falando apenas sobre se vestir.

Quando não houve resposta; mas vamos lá, como se esperasse que o fantasma dela fosse responder, ele pegou a calça mais próxima e a camisa que alcançou, jogou em seu corpo, e saiu. Por uns bons dez minutos, ele permaneceu

no centro do quarto e se entreteve com a tentação de todo o lixo ao seu redor. Mas, seu corpo não tinha a força ou a coordenação, e suas emoções não poderiam sustentar a fervura da raiva que sentia.

Ele olhou para a janela que Selenia tinha quebrado. Ela havia sido magnífica em sua fúria, tão viva, tão...

Santa merda, ele iria levar si mesmo à loucura.

Em seu caminho para a porta, pegou seu telefone celular por força do hábito e, em seguida, parou em frente à saída do seu quarto. Ele tinha certeza que não estava pronto para os olhares de pena ou perguntas curiosas. Mas, não tinha visto que as persianas ainda estavam abaixadas?

Sim.

Portanto, esperando que toda a coisa da Última Refeição tivesse sido há muito tempo limpa e os *doggens* se retirado para seu breve descanso antes da limpeza diurna iniciar. Ele pensou que tinha visto um sete nas horas.

Sim. Sete e alguma coisa da manhã, os números tinham mostrado.

Agarrando a maçaneta de bronze da porta, se sentiu como se estivesse lá embaixo na clínica, quando ele foi deixar a sala de exame depois de todo o tempo com o corpo de Selenia: este era outro portal que ia ter de totalmente se empurrar.

Com uma torção do pulso, ele girou o mecanismo e colocou algum peso nela...

Am estava deitado sobre o piso liso em frente ao quarto, fora, no frio corredor, sua cabeça depositada na curva do braço, uma garrafa de uísque consumida pela metade, tampada, deitada em seu peito como um cão leal, as sobrelhas franzidas, como se mesmo em seu sono ele lidasse com merda.

Trez respirou profundamente.

Era bom saber que o macho ainda estava com ele.

Mas, ele não despertaria o cara.

Pisando com cuidado para não perturbar seu irmão, ele se viu querendo aproveitar esta primeira viagem para o mundo sozinho.

Lá na parte inferior das escadas, ele fez outro abraça-a-si-mesmo com o trinco da porta e se perguntou quanto tempo ia demorar para se recuperar desse hábito, então empurrou, abrindo a coisa.

— ... Vocês, bando de malucos fotofóbicos.

Sacudindo a si mesmo, ele franziu a testa.

Lassiter, o anjo caído, estava na porta do escritório de Wrath, as mãos no quadril, os cabelos loiros e pretos puxados para trás em uma trança. — É melhor você mostrar alguma porra de respeito ou não vou dizer nada sobre uma maldita coisa que descobri na minha pequena viagem para o Território.

De dentro do quarto, teve todos os tipos de resmungar.

— Não, — Lassiter disse, — quero que você diga que sente muito, Vishous.

Foi tão estranho. Como uma lente de câmera que subitamente estava focada, Trez voltou on-line, os seus sentidos afiados, um pouco da sombra de seu antigo eu retornando.

— Eu estou esperando. — Houve uma pausa. — Bom o suficiente. E quero o controle remoto durante a próxima semana, dias e noites.

Uma lamentação incrível, e alguém jogou alguma coisa no cara, o descanso de copo aterrissou no tapete do lado de fora da sala.

— Bem, se você vai ser desagradável de novo...

Seguindo um instinto, Trez se desmaterializou, no mesmo instante, Lassiter deixou cair o ato de babaca e lançou um olhar astuto na direção de onde Trez esteve de pé.

Sua presença foi sentida.

Mas, ele não permitiria que isso acontecesse novamente.

Sombreamento ao longo do tapete, ele entrou no escritório com Lassiter, fechou as portas e se dirigiu à Irmandade.

— Nós conseguimos um mapa? — O anjo disse.

Tendo o cuidado de ficar fora do caminho dos pés de qualquer pessoa, para que não torcessem seu estado alterado, Trez se postou no canto mais distante do cão de Wrath. Felizmente, George estava dormindo perto do trono de seu mestre.

A Irmandade se aglomerou em torno da mesa de Wrath quanto Butch desenrolou um quadrado de papel azul-e-verde de noventa por noventa centímetros.

— Aqui, — disse o anjo, apontando com o dedo indicador. — Este foi o lugar onde encontrei isso. Há um muro de contenção que percorre toda a propriedade. As moradias estão aqui e aqui. O palácio... Bem aqui. A segurança foi reforçada, e pelo que fui capaz de ver, eles estão reunindo suas forças.

Reunindo forças? Trez pensou.

— Precisamos chegar até eles primeiro, — Wrath murmurou. — O primeiro ataque é crítico. Nós não os queremos entrando em Caldwell.

O que *diabos* estava acontecendo?

— ... Não é possível encontrar esta casa. Ninguém pode encontrar esta casa, —disse V. — Mas, sim, vou ficar para trás. Não gosto disso, mas alguém tem de estar aqui por via das dúvidas.

Lassiter olhou através da mesa no Irmão e provou que ele poderia levar a sério se precisasse. — Entendido. E estarei aqui, também.

Houve uma fração de segundo em que os machos olharam nos olhos um do outro. — Bom, — V disse. — Isso é bom.

— Onde está iAm? — Wrath perguntou.

— Na última vez em que o vi, — Rhage respondeu, — ele estava indo para cima para verificar Trez e capotar.

— Precisamos ter certeza de que ele mantenha Trez sob este teto. Não quero esse Sombra sendo sequestrado no meio disto. Estou feliz de lutar, merda, estou ansioso para isso, mas não quero que eles consigam um ponto sobre o pobre coitado. Isso é uma complicação com a qual não quero ter de me preocupar.

Que porra é essa?

Isso tudo era sobre *ele*?

Trez ficou naquele escritório, com aqueles Irmãos e lutadores, até que aprendeu tudo o que precisava saber e, em seguida, teve de ir embora antes que Rehvenge chegasse da preparação do seu povo ao norte, na colônia *Symphath*.

Seu velho amigo, o devorador de pecados, saberia que ele estava lá dentro.

Quando chegou a hora de ir embora, não se arriscou. Ele sombreou sob a porta e continuou descendo a escadaria, e por todo o piso de mosaico do hall de entrada... E mais distante para fora, passando pelas frestas minúsculas nos umbrais da entrada do vestíbulo e saindo.

Lá fora, o sol estava nascendo sobre a paisagem outonal, raios dourado e rosa batendo nas folhas amarela e laranja e vermelho, bem como nos eriçados ramos de pinheiro verde escuro e nos pontiagudos ramos de cedro.

Ele não reassumiu a forma até que estivesse a uma distância da casa, apesar de, sem dúvida nenhuma, as câmeras de segurança registrarem sua presença de qualquer jeito. As boas notícias, se é que podia chamar assim, eram que os todos os Irmãos estavam falando sobre a batalha iminente, então, não estariam tão

preocupados assim com a merda da câmera de segurança. E se algum *doggen* acabasse topando com ele? Eles simplesmente achariam que ele estava lá fora, para clarear as ideias.

Ele não colocou uma jaqueta, e ficou contente.

O frio o deixou ainda mais desperto.

Mesmo tendo ficado escutando por uma boa hora, ele ainda não podia acreditar em tudo isso: a Rainha declarando guerra contra Wrath e a Irmandade. A recusa deles em entregá-lo. Os devoradores de pecado se juntando ao lado dos vampiros.

Ele não podia acreditar que haviam tantos preparados para se unir à sua causa.

— Selenia? — Ele disse, deixando sua cabeça cair para trás de forma que estivesse olhando para os céus.

Sem estrelas por causa da luz do dia.

Nenhuma nuvem, no que diz respeito a esse assunto.

Nada além de azul pálido.

Trez pensou sobre aquele tempo em que havia tentado escapar do palácio e tinha terminado sacrificando todos os guardas em frente de s'Ex. Tanto derramamento de sangue.

Só que, naquele tempo, tinham sido estranhos para ele.

Se ele pensava que tinha sido ruim, a merda seria muito pior se a Irmandade entrasse no Território. Eles acabariam por triunfar, com os devoradores de pecado em suas costas... Mas existiriam morte. Mutilações.

Mais vidas arruinadas.

Virando-se, ele olhou para a grande mansão cinza.

Por mais rígida que a parte externa da mansão fosse, o interior estava cheio de vida e de amor e família.

Se esta guerra fosse adiante, onde ele estava em seu luto, essa extensão terrível de dor, ia chover em cima desta casa e das pessoas dentro dela.

Ele não colocaria alguém que odiasse no lugar dele, vivendo com essa solidão e sofrimento.

Não poderia colocar as pessoas que amava onde estava.

Não se houvesse uma maneira de parar com isso.

No exato momento em que ele tomou sua decisão, um raio de sol rompeu através da cobertura, essa luz incrível se derramando sobre as linhas ordenadas de ardósia.

Selena o fez jurar que viveria sem ela, e ele lhe tinha dado esse voto, mas só porque ela o obrigou.

Não era como se tivesse acreditado no que ele disse a ela.

Agora, porém, quanto ele imaginou todas as vidas que iria salvar, como ele poderia proteger esses machos e fêmeas e seus jovens filhos?

— Isto é o mais perto que eu posso ir, minha rainha, — ele disse para o céu.

Capítulo SETENTA E OITO

Eles levaram uma eternidade para chegar à Sala Sagrada de Astrologia.

Ou pelo menos parecia daquela maneira para Catra. Então, novamente, em cada canto que giraram, e cada reta percorrida abaixo, ela esperava ser pega, presa e enviada para uma cela de prisão.

Ao longo do caminho, s'Ex revelou salas e passagens secretas que ela não tinha ideia existirem, e provou ser capaz além de qualquer medida; em pé, confiante, rápido para pensar, bem como cuidadoso e agressivo.

Por fim, no entanto, eles não só ganharam acesso ao palácio e seus jardins, mas às áreas mais internas e restritas do composto de sua mãe, onde poucos eram permitidos e a segurança estava em seu ponto mais alto. Eles tinham uma vantagem, pelo menos: Os guardas à procura dela estavam preocupados em procurar no exterior, convencidos de que tinham procurado no domínio da Rainha o suficiente, e o resto dos machos de s'Ex estavam reunidos no pátio central se preparando para lutar.

Era uma ocupação cruel. Muito disso.

Mas, eles foram capazes de se mover mais rápido e, até o momento, nenhuma observação.

Parte dela queria verificar para se certificar de que sua mãe estava seguindo os rituais de maneira que não estaria, por acaso, acima na Sala Sagrada de Astrologia, mas não poderia haver nenhum risco de revelar de sua presença.

Eles tinham uma e apenas uma chance de chegar aos registros.

— Aqui, — s'Ex sussurrou quando parou abruptamente.

Ela franziu a testa sob seu capuz. — A entrada da sala está mais à frente, não é essa.

— Não, sua entrada é aqui.

Libertando a mão da manga volumosa da túnica, ele colocou a palma da mão contra a parede. Instantaneamente, uma porta oculta se abriu, desaparecendo em sua abertura.

No momento em que sentiu o cheiro do incenso, ela sabia que estavam perto, e contudo, o espaço revelado estava escuro como breu.

Ela entrou sem hesitação, e sentiu o peso de s'Ex se aproximando ao entrar atrás dela. Quando a porta se fechou, ela poderia muito bem estar vendada.

Mantendo sua voz baixa, s'Ex disse, — Estenda a mão para frente.

Quando seguiu o comando, ela sentiu algo duro.

— Caminhe para a esquerda, — ele ordenou. — Mantenha a mão na parede para te guiar.

Quando ela fez isso, bateu direto no peito dele. — Desculpe.

Ele a virou. — Sua outra esquerda.

Arrastando os pés, ela mal podia respirar. Eles deviam estar indo paralelamente ao corredor externo, ela pensou, este espaço interior uma sombra do exterior, público.

— Eu construí essas passagens, — ele sussurrou. — Conheço de cor.

— Muito inteligente você...

— Pare.

Obedecendo a ele, ela deixou cair sua mão. — Agora o que?

— Olhe para a direita.

No início, quando ela fez, não viu nada salvo mais escuridão. Exceto... Não. Havia pequenas fissuras de vermelho brilhante na parede, como se uma mão fantasmagórica tivesse desenhado um padrão de pontos com uma caneta mística.

Azulejos, pensou com admiração. Eles estavam no lado oposto de uma divisória de azulejos.

Erguendo novamente a sua mão, ela tocou neles.

— Deixe-me ir primeiro, — disse ele. — E não saia até que eu diga.

Pisando de lado para que pudesse trocar de lugar com ela, viu quando sua enorme palma da mão cortou um espaço dentro do sutil padrão cúbico...

Quando ele empurrou, os azulejos se separaram em uma costura desigual. Com exceção que nada se rachou e desintegrou; não teve nenhum dano estrutural. Ela foi construída para se adaptar a esse acesso.

E, mais além, estava uma estranha, esmagadora fonte de iluminação.

s'Ex avançou para dentro da sala circular com aquela lâmina serrilhada em frente a ele, pronto para atacar.

— Tudo limpo, — ele sussurrou.

Respirando fundo, ela saiu da escuridão para aquela incrível luz.

Só que não era qualquer coisa mágica. Era a luz normal de velas, instalada em uma sala toda de um magnífico mármore vermelho.

Espere, não, a iluminação não era de fogo. Era o sol, se derramando através de uma imensa chapa curva de vidro no teto. E quando era de noite, ela refletiu, seria capaz de observar atentamente e monitorar as estrelas da abertura transparente no teto.

Eles se moviam em silêncio através do espaço, seus sapatos de sola macia emprestando a eles os passos abafados sobre o piso de mármore vermelho. No centro da sala, havia um círculo cortado no chão, talvez para uma plataforma, talvez como aquela na área de recepção no palácio? Não havia móveis, nem tapeçarias, nada que pudesse impedir a devota concentração.

Mais importante ainda, não havia mais ninguém por perto.

Três portas. Existiam três portas... Que abriam para o saguão. Uma que era, provavelmente, a residência privada do Astrólogo Chefe. E a outra...

— A sala de registro é por ali, — disse s'Ex, apontando para a terceira porta.

Indicado por seu batente de ouro, e as palavras inscritas acima dela, o lugar sagrado não podia ser confundido, e ela sentiu um brilho de admiração, mesmo com as pressões da falta de tempo e as circunstâncias atenuando todas as suas emoções.

Avançando para frente, ela colocou a sua mão para cima...

— Não. Sua palma não vai funcionar.

s'Ex colocou a dele no local correto no painel liso e sem marcas e...

Nada aconteceu.

Ele tentou novamente. — Eles me removeram do computador. E as chances são, de que acabei de disparar um alarme. — Virando-se para ela, ele disse. — Nós temos que sair daqui. Agora.

— Não! Eu preciso ver...

— Não temos tempo para discutir. — Agarrando a mão dela, ele começou a arrastá-la ao outro lado em direção à passagem secreta. — Eu não quero a sua morte em minha consciência.

Puxando contra sua, muito superior, força, ela desabafou, — Eu acho que a minha mãe alterou os registros de nascimento!

s'Ex congelou. — O que?

Catra continuou puxando contra seu aperto e chegando a lugar nenhum. Ela poderia muito bem ter estado amarrada a uma árvore. — Não posso ter certeza até chegar lá. Mas, acredito que ela pode ter deliberadamente alterado os registros de nascimento para seus próprios fins. Eu preciso chegar lá para ter certeza. *Por Favor.*

s'Ex estendeu a mão e tirou o manto dele, e enquanto o deixou cair suavemente no chão vermelho, seus olhos se estreitaram e brilharam perigosamente.

— O quanto de certeza? — Ele perguntou.

— Disposta a colocar minha vida nisso. E a sua.

A decisão dele foi anunciada quando ele olhou para a porta e se fixou nela, em seguida, sem fazer qualquer barulho, deu dois saltos na direção dela... E enterrou aquela lâmina serrilhada diretamente para dentro, a girando para fazer um buraco.

Ou isso, ou ele simplesmente fez um.

Colocando as duas mãos no cabo da faca, colocou seu enorme peso para o lado e *crack!* Ele fez uma entrada para a pequena sala dourada.

— Faça isto rápido, — ele disse severamente.

Catra não perdeu tempo. Correndo sobre as plaquetas de pedras, ela pulou para dentro e deslizou no chão dourado, jogando os braços para se equilibrar.

Números. Viu mil gavetas douradas marcadas por números.

Estava tudo organizado pela data de nascimento, não pelo nome.

Fechando os olhos, amaldiçoou. Ela não tinha ideia de quando Trez havia nascido.

Exceto, espere... No alto, à direita, haviam duas gavetas que não eram douradas. Elas eram brancas.

Com o coração acelerado, mãos trêmulas, ela se ergueu nas pontas dos pés e tirou a de cima. A gaveta era tão comprida quanto o braço dela, e teve de segurar a parte de trás dela para evitar que o conteúdo derramasse.

Não, tinha uma tampa.

Colocando a coisa no chão, abriu a parte superior e encontrou quatro rolos de pergaminho, cada um amarrado com uma fita de seda e selados com cera vermelha que trazia a estrela da Rainha. Diferente dos outros, esses não foram etiquetados. Um deles era menor do que os outros.

Ela tirou o primeiro que alcançou e quebrou seu selo, desenrolando o documento no chão. Era tão velho que o pergaminho estava rachado em alguns lugares e não queria ficar nivelado, ela precisou colocar uma borda da coisa sob a gaveta e se ajoelhar na outra extremidade para mantê-la plana, para que ela pudesse olhar o final do mapa.

Símbolos sagrados escritos em caneta preta estavam intercalados com inúmeros pontos vermelhos e dourados que, quando ela se inclinou para trás, formaram uma constelação.

Era mapa de nascimento de sua mãe.

Ela deixou a coisa se enrolar sobre si mesma e a colocou de lado. O próximo... Era seu mapa, e esse, também, resistiu ao despertar de seu descanso. O terceiro...

O terceiro se desenrolou quando ela pegou o rolo e quebrou o selo, e quando se inclinou para lê-lo, sentiu o cheiro doce da tinta fresca e da pintura que foi aplicada ao pergaminho. Este mapa completamente novo era da criança, e o ritual da morte estava marcado em cada canto com estrelas negras, mostrando que a alma foi devolvida para os céus. Ou pelo menos essa era a sua interpretação.

Após um momento de tristeza, ela colocou a coisa de lado.

O quarto, e menor, tinha de ser o de Trez. E, de fato, quando ela o desenrolou, estava certa. De lado, no traçado, existiam anotações que era um macho, e nascido com um gêmeo, foi este importante fato do parto que tinha despertado primeiramente o interesse em Trez e iAm. Catra conseguia se lembrar de toda a equipe do palácio comentando sobre a ocorrência incomum e especial.

O mapa não era tão grande quanto os outros três, porque ele não era da realeza, mas, nos cantos do pergaminho havia estrelas douradas, mostrando uma ascensão à altura da corte Sombra.

Sentada sobre os calcanhares, ela leu através das anotações e símbolos.

Em seguida, sacudiu a cabeça.

Ela tinha tanta certeza... E ainda, nada parecia errado.

— Desistam, — ela ouviu s'Ex dizer na sala circular. — Ou, tanto quanto me doa, vou ter de matar todos vocês.

Girando ao redor, Catra olhou através do bagunçado portal que s'Ex tinha feito para ela.

Três guardas vestidos de preto, rodeavam o executor e apontavam suas facas.

Oh, estrelas do além... O que foi que ela fez?

Ela cometeu um erro terrível vindo aqui. Que arrogância pensar que ela tinha conseguido algum segredo que salvaria todos eles.

E agora, não havia para onde correr. Nenhuma maneira de vencer contra o que era, sem dúvida, apenas o primeiro esquadrão de muitos que seriam enviados para eles. Ela não queria morrer.

Alcançando a frente, ela pegou a gaveta longa e pesada. Era a única arma que tinha...

Por alguma razão e, mais tarde, ela iria querer saber exatamente o porquê, enquanto o mapa de Trez se enrolava, retomando a forma que tinha sido treinado para preferir, ela olhou para a coisa.

O chão estava perfeitamente limpo quando ela entrou, nenhuma poeira arruinando sua superfície, nenhuma raspa, nenhum arranhão.

Mas, agora existiam micropartículas de... Pintura... E pequenos flocos... Ao redor de onde o mapa se enrolou.

Franzindo a testa, ela colocou a gaveta de lado e desenrolou novamente o pergaminho.

Enquanto os sons de luta começaram na sala, o rangido das vestes se batendo, os grunhidos e gemidos soando muito alto e perto, ela se inclinou sobre a escrita sagrada.

No centro do mapa, uma porção da tinta estava lascada.

Revelando...

O exalar que saiu de sua boca foi o resultado de suas costelas se comprimindo.

E para ter certeza que não estava imaginando coisas, ela releu o que ela achou que estava vendo.

Então pegou a ponta da unha e raspou o acobertamento que tinha sido feito.— Oh... Destinos... — ela respirou.

Lutando para se colocar em pé, ela correu para as caixas onde os prontuários dos súditos do s'Hisbe eram mantidos. Seus olhos girando em volta, procurando o número de nascimento correto e, quando ela descobriu aquela gaveta, a deslizou para fora, a colocou no chão e levantou a tampa.

Os registros civis estavam amarrados com cordões que tinham pequenas etiquetas sobre eles, e estavam sem qualquer ordem em particular, cerca de vinte rolos diferentes enfiados juntos. Com uma respiração ofegante saindo de sua boca, e as mãos tremendo, ela os vasculhou o mais rápido que pôde.

Quando encontrou qual estava procurando, ela correu de volta para o documento adulterado.

Os colocando lado a lado, com a gaveta na parte superior, ela os estendeu.

Com certeza, havia uma mancha no centro do segundo, a área encoberta pintada com tanto cuidado que a adulteração não foi notada na época. Tinha, no entanto, envelhecido mal no decorrer dos anos.

Libertando o rolo, ela descobriu... Que na verdade... O Consagrado não era Trez.

Do par de gêmeos, ele nasceu em segundo, não em primeiro lugar.

iAm que era o macho sagrado.

Apesar do perigo mortal do lado de fora, ela caiu sobre os registros, colocando as mãos ao rosto.

Porque eles foram trocados? Por que...

— Princesa, — s'Ex latiu. — Nós precisamos sair daqui...

— Ela trocou os registros.

— O que?

Catra olhou para ele por cima do ombro, e recuou devido à quantidade de sangue nas mangas, vestes, rosto e mãos dele. Mas, não havia tempo para se agitar. — A rainha trocou os registros das crianças, de Trez e iAm. Eu não sei por que, apesar de tudo. — Ela apontou para as partes adulteradas dos mapas. — Está aqui mesmo. O Astrólogo Chefe é aquele que prepara os mapas mais sagrados para a realeza, e não o Tretary. Assim, ele deve ter feito isso, e AnsLai tinha de saber. Mas, qual é o benefício...

— Atrás de você! — Ela gritou.

Da mesma forma que o guarda que tinha aparecido nas costas de s'Ex levantou uma faca sobre a cabeça, o executor virou com sua própria lâmina na altura do pescoço. Dentro de um piscar de olhos, s'Ex dominou o guarda, cortando a jugular do macho, vermelho sangue espirrando para fora.

Horrorizada com a visão da morte, Catra podia sentir sua mente se separando, assim como naturalmente um espectador recua em uma competição de luta que tinha se tornado violenta.

Mas, exatamente como o que s'Ex disse sobre arrependimentos, ela não tinha esse tipo de luxo.

Fechando os mapas, ela colocou o de Trez e o de iAm com o dela e de sua mãe na caixa. O da filha recém-nascida de s'Ex ainda estava no chão, e ela quase deixou para trás.

No último minuto, porém, ela se aproximou e começou a enrolá-lo, e isso foi quando ela sentiu um local estranhamente frio. No centro.

Por que o pergaminho estaria frio?

Ela abriu o mapa novamente... E correu os dedos sobre a superfície. Quando chegou no meio, houve uma sutil mudança de temperatura.

Porque uma área mais espessa de tinta ainda estava secando.

Essa era a origem do cheiro doce.

Eles haviam adulterado o da criança também.

— Acabou o tempo, Princesa, — disse s'Ex com urgência. — Nós...

— Me dê a sua faca.

— O que?

— Limpe isso e me dê a sua faca, — ordenou ela, estendendo a mão.

Capítulo SETENTA E NOVE

A última coisa que Trez fez antes de se desmaterializar para longe da mansão da Irmandade foi tirar seu telefone. Ele mandou uma mensagem de texto a seu irmão com apenas quatro palavras.

Eu estou em paz.

E então caminhou de volta para os degraus da frente e colocou o celular abaixo, sobre a pedra fria.

Um momento depois, se foi. Ele não olhou para trás na casa... Não hesitou... Não teve qualquer receio.

A luta acabou. A longa extensão de luta que definiu sua vida chegou à sua conclusão.

Quando ele se reformulou, estava diante os grandes portões do s'Hisbe.

Andando para frente, sabia que ele seria visto instantaneamente nas câmeras de segurança, e estava certo. Sem que tivesse de fazer qualquer anúncio no interfone de checagem, que era para o benefício dos seres humanos, houve um estalido e uma entrada se formou no centro dos dois painéis sólidos.

Pela primeira vez em muitos anos, ele colocou seus pés de volta no solo de seu povo, caminhando sobre o abismo, e estava preparado para nunca mais reaparecer dele.

Os guardas ficaram calados quando o reconheceram, e ele foi imediatamente cercado por um círculo de homens vestidos de preto. Eles não o tocaram, no entanto. Eles eram proibidos de entrar em contato com seu corpo sagrado. E, de fato, não havia necessidade de usar a força dele. Ele estava aqui de livre e espontânea vontade.

Ele era, mais como um falso presente às tradições, no entanto.

Seu corpo era tão capaz de acasalar com uma fêmea como era o de um eunuco. Ele estava morto da cintura para baixo, a este respeito, assim que qualquer dinastia que a Rainha esperava ter, não ia vir para ela.

Ele não se importava. Eles poderiam fazer o que quisessem com ele.

O que ele estava começando a perceber foi que Selena tinha o levado com ela. Sua alma certamente tinha saído quando a dela partiu, a única diferença é que o seu corpo ainda tinha de se deitar e parar de funcionar.

Mas, talvez a Rainha tomasse conta disso por ele. Quando se tornasse óbvio que ele era incapaz de funcionar, ela provavelmente iria matá-lo.

Tanto Faz.

Tudo o que sabia, tudo o que importava era que seu irmão agora estaria livre dos encargos que há muito tempo pesavam sobre ele, e a Irmandade e suas famílias estavam a salvo.

Isso era tudo o que importava.

No caminho para o palácio, ele se viu tirando a roupa, desabotoando a camisa e a deixando cair no chão. Tirando seus sapatos com um pontapé. Derrubando sua calça.

Ele estava nu no frio sol de outono quando chegaram às portas do palácio.

AnsLai, o Sumo Sacerdote, estava esperando por ele. E, embora a cabeça do macho estivesse encapuzada, não usava a malha sobre o rosto, por isso a sua satisfação era evidente.

— Que bom que você decidiu vir, — o macho entooou, curvando-se na cintura. — Eu te elogio por sua cabeça no lugar e sua devoção, embora talvez evidentemente tardia ao seu dever.

Com isso, a grande entrada de mármore branco se dividiu ao meio e revelou um corredor branco que, quando Trez olhou para ele, parecia continuar por toda a eternidade.

Por um momento, pensou em Selena e ele abraçados no túnel subterrâneo do Centro de Treinamento, segurando-se um ao outro.

Essa infinidade do que ele tinha falado, que teve com ela, ainda estava nele.

E ia ter de sustentá-lo através de tudo o que vinha a seguir.

Os guardas na frente dele se separaram e ele foi para frente, colocando um pé descalço após outro pé descalço sobre passos rasos.

Quando ele se aproximou de AnsLai, o Sumo Sacerdote curvou-se novamente. — E agora devemos proceder na vossa limpeza.

— Pegue esta no lugar, você vai ter mais sorte com esta.

Em vez de dar à Catra a faca que ela tinha pedido, o executor entregou a ela uma menor, com uma lâmina lisa.

Inclinando-se de volta para baixo sobre o mapa da criança, ela trabalhou rapidamente, pegando a ponta da lâmina afiada e tentando encontrar uma fissura ou uma emenda sob a tinta adicionada.

— Precisamos fazer isso em outro lugar, Princesa, — disse ele. — Nós precisamos... Merda, fique aqui.

Ela mal percebeu que ele saiu, sua concentração consumida pela operação delicada que estava realizando. Se ela fosse muito rápida ou escavasse demais, corria o risco de destruir o que estava por baixo...

Finalmente, o remendo se soltou, e então saiu completamente.

Felizmente, a tinta que foi usada pela primeira vez tinha manchado o pergaminho, afundando-se nas próprias fibras do papel.

Fechando os olhos, ela cambaleou.

Eles haviam adulterado o mapa da criança também.

A recém-nascida era a herdeira legítima do trono de acordo com as estrelas.

Conforme as implicações afundavam nela, Catra abriu as pálpebras e olhou por cima do ombro. s'Ex estava de costas para ela e estava lutando com alguém, ou melhor, alguém estava lutando contra o agarre do executor.

Quando s'Ex se virou, o Astrólogo Chefe, em suas vestes vermelhas, estava contra aquele enorme corpo, preso em um agarre tão apertado, que ela podia ouvir a respiração ofegante sob a capa cerimonial.

Com um forte puxão, s'Ex arrancou o que cobria a cabeça do macho. Sob as dobras, o astrólogo estava apavorado... E o medo ficou ainda pior quando ele colocou dois e dois juntos e claramente concluiu que ele estava olhando para uma mulher que ninguém deveria ver.

— Sim, eu tenho de te matar agora que você viu a Princesa, — s'Ex disse. — Mas, primeiro, algumas respostas.

Catra olhou de volta para baixo, para os mapas e pensou... O que ela tinha encontrado aqui era algo que o conselheiro de sua mãe deveria ter ainda mais medo.

Assim que s'Ex descobrir...

— Vamos dizer a ele o que você descobriu, — disse s'Ex, arrastando o macho menor com ele. — Vamos perguntar por que os mapas foram alterados?

Catra olhou fixamente para o executor.

Algo em seu rosto deve ter traído suas emoções, porque s'Ex franziu a testa. — Por que você está me olhando desse jeito?

Distraída, ela observou que a camuflagem cinza do executor estava manchada com ainda mais sangue. Ele não hesitou em acabar com qualquer um dos machos que tinha vindo atacar, apesar do fato de que ele os tinha treinado, trabalhado com eles, sem dúvida, encontrado uma afinidade com eles.

Se ela revelasse esta parte do que encontrou?

Bem, se o fizesse, então, além deste Astrólogo Chefe e sem dúvida Anslai, a Rainha... A mãe de Catra... A mulher responsável por liderar a s'Hisbe... Iriam morrer.

E Catra sentiu...

Ela, na verdade, não sentiu nada.

Então, novamente, a fêmea era sua líder, não a mãe dela, e a Rainha havia violado as tradições para os seus próprios fins.

Era a única explicação, especialmente tendo em conta o que a fêmea disse na câmara ritual.

Catra falou ao Astrólogo Chefe. — Estes mapas foram adulterados. Eu suponho que você fez isso.

O macho tinha virado a cabeça para não vê-la, mas s'Ex não estava deixando nada disso. Ele mordeu a lâmina serrilhada, segurando a arma entre os dentes, e bateu com a mão agora livre naquele crânio, puxando a coisa de volta pela mandíbula.

Então ele falou em torno do aço. — A Princesa Ihe fez uma pergunta. Eu sugiro que você responda.

Quando houve apenas uma boca aberta e nenhuma palavra, s'Ex olhou para ela. — Feche os olhos.

Ela balançou a cabeça. — Faça o que você deve fazer. Vou ficar bem.

s'Ex amaldiçoou, mas, então agarrou a mão enluvada do Astrólogo e apertou-a com tanta força que o homem gemeu... E, em seguida, empurrou e gritou quando os ossos se quebraram.

Então s'Ex tirou o punhal de seus lábios e o colocou de volta contra a garganta. — Agora, responda a pergunta...

— Sim! Eu mudei os mapas! — O macho gritou. — Eu mudei os mapas! Eu não queria fazer isso, mas a rainha exigiu isso de mim! Eu estava sobre juramento de sigilo!

— AnsLai sabe? — Catra perguntou.

— Não! Ele não sabe! Ninguém sabe!

A explosão do discurso parecia tanto devido às ameaças que enfrentava como a purificação de uma consciência que há muito o estava incomodando.

— Eu não queria fazer isso! — O homem começou a chorar. — É uma violação da minha posição sagrada, mas ela me disse que iria matar toda a minha linhagem... Ela disse que iria matar a minha companheira, meus filhos... Meus pais...

— Por que trocar os gráficos de TrezLath e de seu irmão? Eu não entendo por que era necessário mudar um pelo outro.

— O verdadeiro Consagrado, o bebê que nasceu primeiro do ventre de sua mãe, iAm, estava doente. Não se esperava que ele vivesse até a noite, muito menos sobrevivesse até a idade adulta. A Rainha queria um dos gêmeos sagrados para você, sua Santidade, então ela me mandou trocar o mapa pelo do segundo filho, que era grande e forte. Essa foi a razão.

Catra respirou fundo.

No silêncio que se seguiu, ela sabia que o que diria em seguida iria mudar tudo. Violentemente.

Ela virou os olhos para s'Ex. O executor estava extraordinariamente imóvel, seu corpo enorme exalando uma calma que ela teve a sensação, era como aquelas antes de uma tempestade.

Em uma voz totalmente nivelada, ele disse, — Me diga.

Como se ele já soubesse.

Ela se virou para o mapa, o enrolou e o colocou na pesada caixa dourada com os outros. Em seguida, se levantou e se aproximou do executor e do macho.

— Me dê a faca, — disse ela novamente para s'Ex. Por uma razão diferente desta vez.

— Por que.

— Porque nós precisamos dele vivo.

Ela esperava que ele fosse discutir, e ficou chocada quando s'Ex virou a arma ao redor e entregou a ela o cabo primeiro, sem comentários.

Pesava quase tanto como a caixa.

— Agora o deixe ir. Você tem de deixá-lo ir, — disse ela. — Ele não vai fugir, porque eu sou a única que pode salvar a vida dele. Solte-o, s'Ex. Te ordeno que faça isso.

Quando o executor cumpriu a ordem, o Astrólogo Chefe caiu no chão como se ele não fosse mais do que uma peça de tecido. E foi inteligente. Arrastou-se vários metros de distância.

Travando os olhos com os de s'Ex, ela disse em voz alta e clara, — Agora, astrólogo, diga-lhe por que o mapa de sua filha foi alterado.

Capítulo OITENTA

O telefone estava tocando.

Conforme Paradise se recostou contra a cabeceira da cama gigante, ela passou os olhos até o sutil som de repique do outro lado na mesa.

Pelo menos responder a isso daria a ela algo para fazer, além de sentar aqui nesta suíte subterrânea e ansiar sobre o que poderia acontecer ao cair da noite.

Seu pai ficou absolutamente lívido que ela ainda se recusava a ir para casa com ele, mesmo à luz da ameaça, contra todos os vampiros, pelo s'Hisbe. Mas, ela sentia como se tivesse de se defender sozinha, apesar da mudança de circunstância. Se ela cedesse? Era como correr o relógio de sua vida para trás.

E ela tinha frustrado os seus ataques, mesmo quando ele lembrou a ela, não que fosse necessário, que ele já tinha perdido sua *mahmen* e não queria vê-la se encontrando com o frio abraço da morte, também.

Quando ela havia pronunciado a seu último e definitivo “Não vou”, ele olhou para ela como se ela fosse uma estranha.

E talvez ela fosse.

Riiiiiiing.

Talvez fosse seu pai. Ela não podia imaginar que ele encontrou qualquer descanso, qualquer um. Embora ele provavelmente teria tentado uma mensagem de texto ou ligado para seu celular.

Deslocando as pernas para fora da borda do colchão, ela pulou e correu para o telefone.

Pegando o receptor, ela disse: — Bom dia, como posso ajudá-lo?

Era uma voz masculina, mas não a do seu pai de sangue. Era de quem tinha chamado antes, do s'Hisbe, aquele que tinha emitido o decreto de guerra naquele tom estranhamente com sotaque. — *Tenho uma mensagem para o seu Rei, Wrath, filho de Wrath. A Rainha deseja agradecer-lhe o rápido retorno do Consagrado. A Conformidade de que Wrath é um líder sábio e estadista, e é um prazer tranquilizá-lo, que nenhuma ação militar deve ser tomada por nós e que há harmonia, mais uma vez, entre os nossos povos.*

Clique.

Paradise olhou para o telefone.

Será que ela entendeu isso direito?

Apertando seu dedo nos dois botões no suporte, ela limpou a linha, e quando o tom de discagem voltou, ela apertou o número de seu pai nos botões. Ou tentou. Ela tremia tanto, que não conseguia chegar à sequência de dígitos corretos.

Quando as coisas finalmente deram certo, ela se encontrou respirando com dificuldade.

— Oi...

— Pai! — Ela cortou. — Pai, eles chamaram novamente...

— Paradise! Você está a salvo...

— Sim, sim, você tem de me ouvir! Eles chamaram novamente, o s'Hisbe. Disseram que Wrath devolveu o... — *O que era mesmo?* — ... O Consagrado? Eles disseram que estava tudo bem, quero dizer, eles cancelaram a guerra!

Maneira estúpida de colocar a questão, pensou na parte de trás de sua cabeça. Como se a coisa fosse uma festa de aniversário cancelada devido ao mau tempo?

— Do que você está falando? — Disse o pai dela lentamente. — Wrath não iria devolver Trez.

— Ele deve ter mudado de ideia?

— Eu falei com ele ao amanhecer. A Irmandade tinha enviado um emissário do dia para reunir informações sobre o Território. O que quer que tenha... Vou ter de chamá-lo imediatamente.

— Você vai tentar me avisar sobre o que acontece?

— Tentarei.

— Eu amo você, — ela revelou.

— Oh, Paradise, eu amo você, também. Fique no subterrâneo.

— Eu prometo.

Quando desligou o telefone, ela se viu rezando para que tivesse a chance de pedir desculpas pessoalmente a ele. Embora, supunha que esse impulso era apenas seu interior de quatro anos de idade, querendo ser uma boa menina.

Não importa o resultado do conflito com os Sombras, ela tinha de se manter firme.

A ameaça de guerra era um bom lembrete de que você só tinha uma vida para viver.

Então é melhor fazer valer a pena.

Conforme s'Ex encontrou o olhar firme da Princesa, ele decidiu que ela era muito inteligente ao desarmá-lo e tirar o Astrólogo Chefe para longe de seu alcance antes de obter a resposta que ela havia pedido ao macho.

Mas, a explicação era desnecessária; ele sabia os “porquês” da alteração no mapa.

O astrólogo tropeçou através de suas palavras. — A criança era a legítima herdeira, suplantando você, Princesa. Mas, a Rainha não queria a linhagem de um plebeu no trono. Ela sabia que seu executor era o pai. Ela me obrigou a mudar o tempo de nascimento, por quatro minutos e trinta e dois segundos, o que colocaria o bebê sob uma posição de desvantagem do sexto planeta a partir do sol.

No mesmo instante, o som do grito queixoso de sua filha correu pela mente de s'Ex... E, em seguida, entrou em sua corrente sanguínea.

Seu peito começou a bombear com a respiração difícil.

Seus punhos se enrolaram.

Seu coração pulou uma batida... E depois se acomodou na batida lenta e constante de um assassino.

A Princesa estendeu a lâmina para ele. Seus olhos estavam cheios de tristeza, mas eles também estavam muito, muito claros. Em uma voz abalada, mas que tinha muita força nela, ela falou cinco palavras.

— Faça o que for preciso.

Ela sabia que tinha acabado de condenar a mãe à morte. Por esta verdade vindo à tona, ele não hesitaria em vingar o assassinato de seu sangue.

Com a sua mão de batalha, ele aceitou a lâmina serrilhada e inclinou a ponta em direção ao seu rosto. Com duas listras rápida para baixo nas cavidades de suas bochechas, ele se marcou.

Uma vez por sua filha a quem ele nunca conheceria.

Uma vez pelo mal que iria corrigir.

Quando ele se virou para a ruptura na divisória de azulejos, tinha um só objetivo, e ainda assim ele parou.

Girando a cabeça sobre o ombro, ele atrelou o Astrólogo Chefe com seu olhar. À medida que o homem se encolheu em terror mortal, s'Ex disse, — Se a minha filha deveria ser a herdeira, quem sucederá a Rainha agora?

— Eeeela teeem. — O homem apontou para a Princesa. — Ela tem o legítimo direito ao trono. Seus registros não foram alterados. Ela teria sido a segunda na linha após a sua filha, e com a morte, ela é a herdeira legítima...

— O *assassinato*, — ele interrompeu, — da minha filha, você quer dizer.

Ele olhou para a Princesa.

Ela não pareceu se importar com as repercussões do que tinha sido dito. Ela nem sequer parecia ter ouvido as palavras de que estava prestes a se tornar Rainha. Em vez disso, ela estava embalando aquela caixa dourada, longa e fina no peito do disfarce de empregada, a cabeça baixa.

Lágrimas atingindo o brilhante metal amarelo, caindo de seus olhos.

— Você deve governar, — s'Ex anunciou. — Você deve tomar as rédeas desta comunidade e governá-la corretamente. Você está me ouvindo? Saia dessa sua comoção, e se prepare para o que está prestes a acontecer.

Seu olhar fixo mudou até o dele. — Ela era minha irmã. Eles mataram... Minha irmã.

Por um momento, s'Ex recuou. Era a última coisa no mundo que ele esperava que ela dissesse.

E de repente, a realidade de que seu sofrimento era compartilhado o atingiu, e ele ficou estranhamente tocado.

Caminhando até a Princesa, ele segurou o rosto dela e o levantou até o seu próprio. Após enxugar suas bochechas, ele se abaixou e apertou os lábios em sua testa.

— Obrigado por isso, — ele sussurrou.

— O que?

Ele apenas balançou a cabeça e deu um passo para trás. — Você. — Ele apontou para o Astrólogo Chefe. — Você precisa cuidar dela. Você acredita em suas tradições, você odiava suas mentiras? Prove-o tendo a certeza que ela sobrevive. Em cerca de dez minutos, ela vai ser sua Rainha.

No mesmo instante, o macho se arrastou pelo chão, prostrando-se e colocando a testa no mármore vermelho ensanguentado aos pés da fêmea. — *Por tudo o que está escrito nas estrelas, vou servir à Rainha Catra vin SuLanéh etl MuLanén deh FonLerahn até a batida final do meu coração e o último suspiro dos meus pulmões.*

s'Ex sentiu a sinceridade, e sabia que a nova Rainha estaria segura. — Você tem o traje cerimonial aqui, não é?

O Astrólogo Chefe respondeu no chão. — Eu tenho.

— Leve-a vestida. Em 20 minutos, a cabeça de sua mãe estará ao pé do trono. Leve Catra lá para que a cerimônia de mudança de poder possa ser concluída.

— E você? — Disse Catra. — Você estará lá, também? Por favor, me diga que estará lá.

— Preocupe-se com você mesmo, minha Rainha. Você é muito mais importante do que qualquer indivíduo nesta sala, neste palácio, nesta terra.

Com isso, ele se virou e desapareceu na passagem escondida.

Capítulo OITENTA E UM

A limpeza e preservação das armas de um guerreiro eram deveres sagrados, uma maneira de honrar a conexão entre o guerreiro e suas ferramentas.

Quando Rhage se debruçou sobre a segunda de suas duas .40 favoritas, o doce aroma do detergente metalúrgico era tão familiar quanto o som de sua própria voz.

Do outro lado do quarto, ele podia sentir a tensão de sua Mary. Mas, ela não disse uma palavra.

— Eu serei cuidadoso, — ele disse, colocando a lata de spray de volta na caixa de limpador de armas. — Eu prometo... Terei muito cuidado.

Ele fez o juramento, mesmo que soubesse que a prudência pessoal era somente parte da sobrevivência em batalha. Estar consciente do que o cercava, cuidar do que acontecia às suas costas, ter seus Irmãos cuidando por você também, tudo isto ajudava, claro. Mas, sempre haveria o elemento sorte.

Ou destino.

Sina.

Qualquer nome que se quisesse dar.

— Eu sei que irá, — ela disse tensamente.

Ele trouxe o pano de limpeza pela lateral do canhão e desceu pelo outro. — Mas, se eu não... Voltar para casa...

Ele parou por aí. Ela saberia o que ele estava perguntando. Ele lhe dera o bastante para adivinhar.

— Eu te encontrarei, — ela engasgou-se — Eu te encontrarei de alguma forma.

Ele anuiu, e pensou que, provavelmente, deveria ir até ela, mas não conseguia lidar com a proximidade. Naquele momento, ele estava a uma distância muito curta de se despedaçar, e com uma batalha esperando por ele ao cair da noite, só não conseguia aguentar a emoção.

— Eu simplesmente não suporto o pensamento de você se ferir, — ela disse, ao assuar o nariz com um lenço e secar os olhos. — Isto me incomoda mais do que morrer.

Bem, é, porque a eles havia sido concedido o milagre, que cobraria dividendos quando a morte tentasse separá-los.

Ele pensou em Trez e quis vomitar.

Deus... A visão daquele macho subindo naquela fodida pira funerária era uma tatuagem em seu cérebro.

Subitamente, baixou a arma e o pano no joelho. — Eu sou uma pessoa horrível. Sou mesmo um fodido filho da puta horrível.

Do outro lado do quarto, Mary fungou de novo. — Do que está falando?

Inferno, talvez ele não devesse falar, embora jamais tenha conseguido esconder alguma coisa dela.

— Eu, ah... Odiei isto pelo que Trez e Selenia passaram. O mesmo com Tohr.

Do nada, ele se lembrou de estar sentado na ambulância chique de Manny exigindo que o médico salvasse a Escolhida.

Como se bastasse ele ordenar ao cara para que, magicamente, encontrasse a cura.

Então ele teve uma visão de Layla, toda agasalhada lá fora enquanto as chamas rugiam para o céu. A grávida Layla, que carregava os gêmeos de Qhuinn, pelo amor da porra.

Que parecia como se fosse morrer de dor pela morte de sua irmã, a ponto de Rhage não ser o único a se preocupar com sua gravidez, sua vida, os bebês.

— Eu sou um imbecil, — ele sussurrou.

— Fale comigo, Rhage.

— Estou contente por não ter sido conosco, — ele desembuchou. — Por mais que eu ame a todos eles, e que lamente por eles... Estou tão foddidamente aliviado por não ter te perdido...

Lágrimas vieram a seus olhos.

E sua *shellan* veio até ele.

Quando ela colocou sua arma de lado, e então o enlaçou com os braços, murmurando palavras de apoio em seu ouvido, ele se sentiu ainda pior.

Só o fez lembrar o que Trez jamais voltaria a ter...

Bum! Bum! Bum!

— Rhage, — V gritou do corredor — Trez se entregou.

Rhage se endireitou e secou as lágrimas. — *O que?*

Afastando Mary do caminho, ele pulou pela porta e abriu-a. — Que *porra* você está falando?

— Você me ouviu. Reunião no escritório do Wrath. *Agora*.

Quando o Irmão ia se virar para correr, Rhage agarrou o braço de V. — Tem certeza?

— Recebemos uma ligação do s'Hisbe.

— iAm já sabe?

Aquilo parou o Irmão, e ele olhou para o teto. — Merda.

— Tem certeza que Trez não está na casa?

— Não, ele se foi. Eu verifiquei as gravações das câmeras de segurança. Ele deixou o celular nos degraus de pedra e desapareceu há cerca de uma hora.

— Puta... *Merda*. Está bem, tudo bem... — Só que ele não sabia se aquilo era verdade. Talvez não houvesse guerra... Mas e os Sombras?

Os dois Sombras deles?

— Deixe-me subir para falar com iAm, — ele ouviu-se dizendo ao olhar de volta para Mary.

— Você quer que eu vá com você? — Disse ela.

— Sim, quero.

iAm acordou para dois pares de sapatos ao nível de seus olhos. Um era um par de shitkickers, tão grandes quanto poltronas reclináveis. Os outros estavam em sapatilhas Coach, com o logo em cinza e preto, e tiras de velcro no lugar de cadarços.

Ao erguer a cabeça, olhou para Rhage e Mary. — Que horas são?

Mary se ajoelhou, e aquela foi a primeira indicação de que qualquer que fosse a mensagem que estivessem a ponto de entregar, eram notícias ruins, muito ruins.

Mas, foi Rhage quem falou. — iAm... Temos razão para acreditar que seu irmão se entregou.

Suas palavras se filtraram pela mente dele em uma série de tinidos e indefinições, a combinação de pronomes e verbos e outras coisas não faziam sentido.

— Sinto muito, o que você disse?

Quando se sentou, a garrafa que vinha embalando rolou para longe, batendo nas botas de Rhage.

— Recebemos uma ligação do Território, dizendo que a Rainha não vai mais nos atacar porque Trez voluntariamente voltou para o s'Hisbe...

— *Jesus Cristo!*

Pulando em pé, disparou entre os dois e explodiu para o quarto do irmão. A cama estava desfeita, as portas do closet estavam abertas... E não havia absoluta e positivamente nenhum sinal de Trez.

— Não... Não, nós íamos fugir! — Ele gritou para nada nem ninguém. — Eu já arranjei tudo! Nós vamos fugir!

Quando ele virou, os dois estavam na soleira.

A voz de Mary estava estridente, como se soubesse malditamente bem que, de outra forma, ele era capaz de não entender o que ela estava falando: — Nós sabemos que você vai querer ir atrás dele, iAm. Mas, antes que vá...

Ele saiu do quarto, preparado para derrubá-los se fosse necessário, por mais que apreciasse sua preocupação.

Mas, Rhage agarrou o seu braço e puxou-o de volta. — Deixe-me armá-lo antes. E Lassiter vai com você. Ele pode sair ao sol.

iAm estava a ponto de discutir quando pensou, “Bem, duh!”

— Estamos preparados para te ajudar, meu amigo, — o Irmão disse sombriamente. — Você não está sozinho nesta.

Por um momento, iAm não conseguiu entender o que o cara disse, e então, percebeu. Merda. Se ele voltasse lá e tirasse Trez... A Rainha provavelmente atacaria Caldwell em retaliação.

E todas estas pessoas estariam em perigo.

— Por que ele fez isto? — iAm gemeu. — Oh, Deus, por que ele fez isso?

Mary pegou sua mão. — Ele deve ter descoberto sobre a ameaça. De alguma forma ele deve ter ouvido algo na casa.

iAm fechou os olhos. — Isto precisa acabar. Esta maldita coisa precisa acabar.

Porque, se Trez tivesse finalmente caído sob daquela espada que o ameaçara a vida inteira? O cara iria emparelhar e fazer sexo com a única fêmea a quem iAm já amara.

— Por que esta era mesmo a sorte dos dois. Sim.

— Vamos, — Rhage disse. — Vamos pegar algumas armas para você. Lassiter já está esperando.

O que aconteceu depois foi só uma névoa indistinta. Desceram para o andar térreo. Coldres foram fixados em seus quadris, enrolados em seus ombros. Armas. Facas. Um casaco longo de couro preto que cobriu tudo aquilo. Então ele desceu para o saguão, onde o anjo caído estava similarmente adornado, sem fazer piada alguma.

Um pouco antes de os dois saírem, Rehvenge deu um passo a frente e o abraçou. — Eu preciso ficar aqui. Para o caso de os Sombras atacarem Caldwell, preciso ser capaz de comandar meus devoradores de pecados para defender durante as horas do dia.

Porra. Ele e o mistério privado do irmão haviam se tornado o problema de todo mundo.

— Eu sinto muito. — iAm disse, olhando para os Irmãos. Wrath. O resto dos moradores da casa. — Não acredito que acabou assim.

Rhage negou com a cabeça. — Estamos com você. Fazemos o que é preciso para cuidar dos nossos.

E então acabou o falatório e iAm e Lassiter saíram para o vestíbulo e para os degraus da frente da mansão.

O anjo caído estendeu a mão e o tocou no braço dele. — Prepare-se para ir.

Franzindo o cenho, iAm olhou para o macho de cabelos pretos e loiros. — Do que está falan...

Em um instante, foi consumido por um raio de sol, para o alto e avante, sem nenhum controle, pensamento ou vontade própria...

... Na direção do lar que odiava, e do destino contra o qual ainda lutava.

Capítulo OITENTA E DOIS

As pedras preciosas eram frias e pesadas.

Quando o Astrólogo Chefe vestia Catra com camadas sobre camadas de malhas de diamantes, safiras, esmeraldas e rubis incrustados sobre platina, ela se sentia cada vez menos capaz de respirar direito.

Embora isso provavelmente se devesse mais à enormidade do que estava acontecendo, do que o peso das vestes cerimoniais.

A parte final do vestido da Rainha era um véu fino que flutuava para baixo de seu rosto como uma brisa.

— Está feito. — O Astrólogo disse.

Em circunstâncias normais, o traje teria sido entregue nos aposentos da Rainha e sido limpo e preparado para ser vestido por uma equipe de criadas. Mas, aquela não era uma situação normal.

A Rainha já estava morta agora?

Como a morte teria acontecido?

Como aquelas questões passavam pela sua cabeça vezes sem conta, ela...

— ... Chegou! Ele chegou!

Do lado de fora, o som de vozes gritando a mesma coisa permearam a quietude densa da Sala.

Franzindo o cenho, ergueu a saia e caminhou para frente, somente para se lembrar de que não conseguiria ativar a porta do corredor.

— Pode, por favor abri-la para mim?

— Imediatamente, Vossa Alteza.

O Astrólogo Chefe apressou-se para fora, posicionou a mão na parede, e o painel retraiu-se obedientemente.

— ... O Consagrado chegou!

Estava um caos insano lá fora, pessoas correndo e pulando com alegria, um surto de celebração. Por uma fração de segundo, ela ficou no umbral, olhando para tudo, antes de se lembrar de que havia uma carnificina na sala circular atrás dela.

— Venha aqui, — ela sibilou para o Astrólogo.

Ao atravessar, a porta se fechou automaticamente, e sua presença foi registrada pela multidão que corria para cima e para baixo pelo corredor.

Todo mundo parou. Caiu ao chão. Prostraram-se.

Quando os cidadãos começaram a murmurar a saudação obrigatória diante da realeza, eles obviamente assumiram que ela era a Rainha atual.

Quando aquilo lhe ocorreu, veio junto com outro pensamento. — Limpeza... — ela se voltou e forçou-se a manter a voz baixa. — Oh, estrelas do céu, eles vão executar uma limpeza nele... Rápido, precisamos chegar até o Sumo Sacerdote!

O Astrólogo não fez muitas perguntas. Ele só a seguiu enquanto ela corria pelo palácio. Felizmente para eles, sua presença ocasionava uma onda de genuflexões, e o que teria sido uma viagem congestionada, acabou livre pelo fato de que todo mundo, dos cortesãos aos servos, caía ao chão assim que a viam.

A câmara sagrada de Anslai não ficava longe do salão cerimonial, e quando ela chegou lá, ia colocar a mão na parede, mas o Astrólogo adiantou e tocou o ponto certo com a sua própria palma.

Quando os painéis deslizaram de volta, ela viu um macho grande e nu estendido em uma plataforma negra de mármore, seus braços caídos para os lados, os pés muito juntos.

Anslai estava do outro lado dele, em pé diante de uma fogueira, ambas suas mãos erguidas para o céu enquanto sussurrava um encantamento.

— Pare! — Ela disse. — Eu ordeno que pare!

O Sumo Sacerdote girou, e prontamente caiu de joelhos. — Vossa Alteza, pensei que ainda estivesse na sala ritual...

Catra aproximou-se do macho que estava deitado de olhos fechados. — Diga que não iniciou a limpeza...

— Acabei de administrar a solução venosa...

— Oh, não, não, não, — ela disse. — Não!

— Do que está falando, Vossa Alteza? — O Sumo Sacerdote disse, endireitando-se. — Ele está no mundo exterior há décadas. Está impuro para o emparelhamento com sua filha...

— Ele não é o Consagrado.

Diante daquilo, o macho em questão virou lentamente a cabeça na direção dela.

E foi assim que, finalmente, depois de todos aqueles anos, ela conheceu TrezLath.

— Sinto tanto, — ela sussurrou, encurvando-se e agarrando a mão dele. — Eu não consegui chegar a tempo... Sinto tanto...

Enquanto deitado na plataforma, Trez podia sentir uma ardência na parte interior do antebraço no ponto onde haviam injetado algo nele usando uma agulha do mundo humano, surpreendentemente moderna.

Era de se supor, dado o ritual ser ancestral, que teriam preferido algum tipo de caníço ou antiquada seringa de metal.

Mas, não. Era, na verdade, precisamente o mesmo tipo usado em sua Selenia.

Instantaneamente, sentiu o veneno em suas veias, e como o veneno de uma picada de cobra, não perdeu tempo em espalhar-se, multiplicando-se, dominando-o.

Enfraquecido como estava pelo pesar e esforço, percebeu que havia uma boa chance de que não sobrevivesse a isto.

E isto o fez concentrar-se no teto acima dele. Engraçado, sempre que imaginara aquele ritual, havia sido com ele amarrado.

Estranho onde as coisas acabaram. Agora, ele receberia bem a dor que viria, porque justamente ela poderia ser a sua passagem de volta para Selenia. Rumores diziam que não se entrava no Fade em caso de suicídio, mas, e se fosse assassinado?

Não era sua culpa.

No entanto, havia um assunto existencial a ser reconciliado, mais especificamente: os dois, vindos de diferentes tradições, poderiam de fato encontrar um ao outro do outro lado da vida? Se é que havia outro lado.

Mas, se a fé tinha algum poder, ele ia acreditar que poderiam.

Ele podia também acreditar naquilo.

Gradualmente, se tornou consciente de duas outras presenças no quarto com ele e Anslai. E uma delas brilhava da cabeça até os pés em um arco-íris de cores.

A Rainha.

Ela começou a falar com AnsLai, após o Sumo Sacerdote fazer uma reverência para ela. E então AnsLai se endireitou, falou, pareceu alarmado... Então em pânico.

A Rainha aproximou-se de Trez, e após uma vida inteira odiando a fêmea, ele pensou vagamente em erguer a mão para tentar estrangulá-la.

Mas, não tinha forças. Especialmente não enquanto a dor se intensificava ainda mais.

Ele não havia tido intenção de se mover, mas começou a se contorcer, seu corpo tentando escapar do veneno.

E então, seu terno de carne inteiro estava em chamas.

A última coisa que lembrava era de mais pessoas correndo para o quarto, e eles não se ajoelharam. Eles olhavam para a Rainha em confusão.

E então, o Chefe Astrólogo, em suas vestes vermelhas falou com todos eles.

Um momento depois, eles se ajoelharam diante da fêmea.

Oh, o que importava, Trez pensou.

O que é que qualquer coisa, mesmo sua dor monumental, importava...

Capítulo OITENTA E TRÊS

Aquele anjo caído conseguira levá-los ao Território.

E quando iAm retomou forma, percebeu que era bom que Lassiter tenha guiado o voo. Com seu irmão nas garras da Rainha, ele duvidava que conseguisse se concentrar o suficiente para se desmaterializar.

— Eu assumo daqui. — iAm disse.

— Eu cubro a retaguarda.

Com um aceno de gratidão, iAm caminhou para a entrada da frente do s'Hisbe. Entre as coisas que a Irmandade havia lhe dado como presente de despedida havia alguns quilos de explosivo plástico C4. Tudo o que tinha de fazer era usar um ou dois para explodir os enormes portões e...

Como se a entrada para o s'Hisbe quisesse evitar danos corporais, as metades gigantescas se abriam diante deles.

Mas, não era uma fortuita saída de alguém do outro lado.

s'Ex em pé, alto e orgulhoso, era o guarda perfeito para as terras da Rainha.

Só que... Havia algo errado. O macho estava usando o tipo de *farshi* que os serviçais usavam, tipo aquele que dera para iAm antes, e estava encharcado de sangue.

Havia também uma adaga serrilhada, manchada de sangue em sua mão, que era tão longa quanto o antebraço de um homem.

— Não temos muito tempo, vamos, — o macho disse, com urgência.

Geralmente, iAm teria pensado duas vezes antes de ir a qualquer lugar com tal Ceifador Sombrio. Mas, já confiara no macho antes... E claramente havia um golpe em andamento.

Começando a correr, ele e Lassiter seguiram o carrasco ao complexo do palácio e entraram no local por uma porta oculta. Uma vez lá dentro, s'Ex os guiou através de corredores que estavam absurdamente vazios.

Sem servos. Sem cortesãos.

E s'Ex não tinha preocupação aparente de que fossem detidos, interrogados... Ameaçados.

Ou o macho perdera a razão ou...

— O que infernos está acontecendo aqui? — iAm exigiu.

— Você é o Consagrado, não seu irmão.

iAm parou tão rápido que Lassiter teve de pular de lado para não atropelá-lo.

— *O que?*

— Não há tempo. Seu irmão está passando pela limpeza, ele está à beira da morte. Se quiser se despedir dele, é melhor se apressar.

Quando iAm só ficou parado lá, como se alguém o tivesse desligado, Lassiter e s'Ex agarraram-no por baixo do braço, arrastaram seus pés no chão, e carregaram-no para fora.

Um segundo depois, voltou a si e forçou-os a libertarem-no, assumindo controle dos próprios pés. — Não é possível, — ele gritou acima do trombejar de seus passos.

— A Rainha falsificou os mapas. Era você o tempo inteiro, não acharam que você sobreviveria muito tempo após o nascimento. Trez era o mais forte... Melhor aposta para a Rainha e seus pais.

De repente, se depararam com o salão principal de audiências, e iAm sentiu seus pés falsearem de novo.

Na plataforma... Sua *maichen*, a Princesa. Cristo, quem quer que ela fosse, estava usando a coroa do Território pousada sobre seus cabelos escuros.

Cerca de duzentos Sombras caíam de joelhos em esteiras de tricô, as cabeças baixas em súplica.

— Ela descobriu, — s'Ex disse. — Ela descobriu tudo... Mesmo que quase tenha lhe custado a vida.

— Onde está a antiga Rainha?

— Aos pés da filha.

Foi então que ele viu a cabeça decapitada ao lado, olhos pretos encarando a multidão, sem enxergar nada.

— Eu acredito em destino, — o carrasco disse. — Acredito nas estrelas. É deste jeito que tinha de ser.

iAm estremeceu. Aquilo era demais, e nada que realmente devesse preocupá-lo. Trez, por outro lado. — Meu irmão...

— Por aqui.

Quando iAm finalmente disparou no quarto onde Trez estava, ele perdeu o fôlego. Seu irmão, seu sangue, estava em uma plataforma de mármore, aquele grande corpo contorcido de dor.

Seu primeiro pensamento foi que ele se parecia com Selena, do jeito como ela se contorcia.

iAm se aproximou apressadamente sem se dar conta das outras pessoas que estavam em volta. Segurando as mãos do irmão, caiu de joelhos. — Trez... Trez...?

Mas não havia como alcançar o irmão. Ele se fora, vivo, mas transportado para outro lugar, como se seu corpo tivesse em ordem de desocupação temporária.

— Não, — ouviu-se dizendo. — Não depois de tudo isso... Trez, você está livre... Você pode ficar comigo, estamos livres...

Bem, mais ou menos livres, se ele fosse o Consagrado. Mas, ele não podia se preocupar com isto agora.

Caralho.

— Não me deixe, meu irmão.

— ... Antídoto. Temos de esperar.

iAm olhou para cima e viu Anslai, o Sumo Sacerdote, parado em pé ao lado da plataforma. — O que?

— Eu lhe ministrei o antídoto... Assim que soube. — O macho olhou para s'Ex, — mas pode ser tarde demais. Ele estava tão fraco quando chegou aqui.

iAm começou a falar, balbuciar sobre... *Merda*, ele nem sabia sobre o quê.

Era só o que podia fazer.

Enquanto seu irmão se contorcia e revirava, braços e pernas marchando contra uma dor que iAm não podia nem imaginar, iAm sentia-se desamparado. Tão desamparado.

— ... Ver você? — Anslai perguntou-lhe algum tempo mais tarde.

— O que? — Ele disse em voz rouca. Pelo visto, não tinha parado de falar.

— Seus pais. Ouviram falar que estavam aqui no Território... Que você é o Consagrado por direito, e eles gostariam de...

iAm expôs as presas e olhou para os olhos preocupados do Sumo Sacerdote. — Diga àqueles dois que se quiserem viver, eles jamais, nunca se aproximem de mim ou de meu irmão de novo. Compreende? Diga-lhes que a única coisa que pode me distrair de Trez neste momento é assassiná-los aqui mesmo.

O Sumo Sacerdote empalideceu. — Sim. É claro.

Am voltou a se concentrar no irmão.

E voltou a falar coisas sem sentido. Do jeito que Trez havia feito com Selena quando ela estava quase morrendo.

Algum tempo depois, ele estava vagamente consciente de que uma fêmea entrou na sala. E soube quem era pelo eco em seu próprio sangue, mas, não lhe prestou atenção.

Ele estava consumido demais tentando manter Trez no planeta quando, sem dúvidas, o macho estava ocupado tentando trilhar seu caminho para o outro lado.

Capítulo OITENTA E QUATRO

Trez conseguiu seu desejo.

No curso de sua morte pela limpeza, aprendeu que, de fato, havia um Fade. E sim, pessoas de diferentes tradições e crenças, todas iam para o mesmo lugar.

Em certo ponto, a dor se tornou demais e seu corpo desistiu, e a súbita ausência de qualquer sensação foi um choque. Ainda assim, ele se deleitou no entorpecimento.

E na sensação de voar.

Planando, ele estava planando... Até se ver em uma vasta paisagem branca, uma paisagem enevoadada que, enquanto a atravessava, o fazia sentir-se sem peso e ao mesmo tempo, preso à Terra.

Logo, uma porta apareceu à sua frente. Uma porta com uma maçaneta que, instintivamente, sabia que se girasse, lhe permitiria entrar no que havia além, e desta forma, jamais voltar à Terra.

Foi então que viu Selenia.

O rosto e forma dela apareceram-lhe, não junto à porta, mas nela, como se, mesmo fechado, o painel contivesse espaço tridimensional.

Alegria. Instantânea. E foi o mesmo para ela, seu sorriso se irradiando pela distância entre eles, o contato visual traduzido para uma carícia que ele sentiu com o corpo inteiro.

Ela estava saudável. Estava forte. Estava inteira.

— Minha rainha! — Ele gritou, buscando por ela.

Mas, ela estendeu a mão, parando-o. — Trez, você precisa ficar.

Ele recuou — Não. Eu preciso ficar com você... É assim que deve ser...

— Não. Você tem uma porção de coisas para fazer. Você tem coisas que precisa fazer, pessoas para conhecer. Sua jornada ainda não terminou.

— É claro que terminou, merda. — Veja só ele com suas súplicas. Que jeito de realizar sua fantasia de reunião no Paraíso. — Você está morta e quero ficar aqui com você.

— Eu vou estar aqui, esperando por você. — Ela sorriu de novo, e aqueceu-o de novo. — É maravilhoso onde estou... Voei por causa do que fez, do jeito que me libertou. Eu alcei voo, estou livre e vou esperar até sua jornada terminar.

— Não, — ele gemeu. — Não me mande de volta.

— Eu não tenho este poder. Mas, você tem. Faça a escolha de ficar lá embaixo... Você precisa cuidar de iAm. Precisa compensá-lo pelos anos que ele esteve lá por você. Não é justo você abandoná-lo. Ele jamais terá paz, e ele merece.

Bem, inferno. Aquele era provavelmente o único argumento que poderia ter uma chance de convencê-lo.

Merda.

— E nós? — Ele gemeu. Mesmo sabendo que era egoísta. Infantil — E eu... Eu não sou nada sem você.

— Eu virei a você no céu noturno. Procure por mim lá.

— Me deixe tocá-la...

— Faça a escolha certa, Trez. Você precisa fazer a escolha certa. Você tem um débito a pagar para alguém a quem amou a vida inteira.

— Mas eu amo você, — ele engasgou, começando a chorar.

— E eu te amo também... Por toda a eternidade. — O sorriso dela ressoou por dentro dele. — Eternidade e mais além, lembra? Estarei aqui esperando por você e por quem mais você ama. É só o que tem aqui do outro lado. Só amor.

— Não vá. Oh, Deus, não me deixe de novo...

— Não vou. Estamos longe, mas não perdidos e nem verdadeiramente separados. Não lamente por mim, meu amor. Eu não morri...

— *Selena!*

Quando iAm ouviu o grito, pulou na beira da plataforma. Merda, que salvador que ele era. Caíra na porra do sono segurando a...

— Trez? — Disse ele, ao perceber que o cara tinha, por algum milagre, voltado à consciência quase vinte e quatro horas depois da limpeza.

Seu irmão estava chorando, lágrimas escorriam de seus olhos, rolando pelas suas bochechas.

— Trez? Você voltou? — iAm levantou-se e se inclinou para o irmão. — Trez? Aqueles olhos inchados se voltaram para ele, e houve um longo momento no qual Trez pareceu lutar contra o que era ou não real.

— Trez? — iAm sussurrou, subitamente preocupado que o veneno tivesse detonado o cérebro dele. — Você está...

De repente aqueles braços longos e fortes se enrodilharam em volta dele e o ergueram do chão.

E seu irmão estava abraçando-o.

E falando.

— Estou aqui, estou aqui, estou aqui... Por você, estou aqui...

De início não entendeu as palavras, mas então...

— Não vou te deixar. — Trez disse em uma voz rouca e arranhada. — Estou aqui e não vou te deixar.

Oh... Merda.

Aquelas eram as palavras que iAm havia dito ao macho em tantas variações diferentes ao longo de suas vidas juntos... Palavras que haviam sido representadas pelas ações que havia feito, e dias em que havia ficado acordado, se preocupando, e os anos que havia passado só rezando para que pudessem sobreviver por mais uma noite.

iAm caiu sobre o peito escarificado de seu irmão, seus joelhos subitamente falharam sob ele.

Em suas fantasias, ele havia se perguntado como seria estar livre da maldição de se preocupar tanto com o irmão.

Ele tinha uma variação de repetições.

Nenhuma chegava perto da coisa real.

Capítulo OITENTA E CINCO

Era por volta do meio-dia quando Mary deixou a mansão da Irmandade... E os irmãos Sombras retornaram.

Rhage acabara de enviar sua *shellan* para a clínica de Havers, após dizer-lhe que não, realmente, ele estava totalmente bem, quando a campainha da entrada principal tocou.

Pedindo licença ao grupo agitado de seus Irmãos na sala de jogos, alcançou Fritz no monitor, e no instante em que viu aqueles dois rostos escuros, gritou.

— Quem é? — Butch perguntou.

— Quem esperávamos!

Liberando as fechaduras, posicionou-se diante das portas; e lá estavam eles, detonados como a merda, ambos desfigurados e meras sombras de seus “eus” anteriores.

Mas, estavam vivos. Eles estavam juntos. E a visão deles em pé, andando e falando, aliviava um pouco da pressão que oprimia seu peito há noites.

— Ei, meu amigo, — ele disse, abraçando quem estava mais perto, e então indo para o outro.

A voz de Trez estava fina, mas suficientemente forte. — Ei, obrigado por tudo.

— Muito obrigado por...

— Trez, camarada, que bom te ver...

— Jesus Cristo... Que história...

— iAm, bem-vindo de volta...

E assim foi, a Irmandade preenchendo a sala de jogos junto com as fêmeas da casa, as saudações e falas como aquelas de alguém que sobreviveu a uma guerra.

Ou sobreviventes de uma quase-guerra...

— Oh, meu Deus, vocês conseguiram voltar a tempo de ver o programa do Steve Wilkos!

Todo mundo parou e olhou para Lassiter, que estava na arcada, nu até a cintura, vestindo nada além de calças de couro pretas e aquele boné de beisebol

escrito “ESTOU COM TESÃO” com a aba de prata, metido na cabeça... E um par de pantufas gigantes nos pés, as quais, se colocadas juntas, formavam um completo Dálmata.

O anjo havia retornado há doze horas, dizendo que os dois estavam seguros, mas não havia como saber se Trez conseguiria sobreviver. E, pela primeira vez, aquele imbecil estava total e completamente devastado por algo. Quase inconsolável.

No silêncio que se seguiu ao feliz anúncio de TV, Trez olhou para o outro lado do saguão... E então explodiu em uma gargalhada.

O pobre bastardo ria tão forte, que teve de envolver os braços em volta do tronco e secar lágrimas dos olhos.

Quando todo mundo se juntou a ele, o Sombra virou a cabeça para o teto e disse. — Obrigado, minha rainha. Eu precisava disto.

Então foi até o anjo caído e abraçou-o. Disseram palavras sérias, que fizeram Lassiter baixar os olhos.

Porque ele parecia estar despedaçado.

Mas então, o filho da puta mudou de posição e disse, — Agora tira a mão da minha bunda. Não sou este tipo de garota.

E aquilo ditou o tom pelo resto do dia. Ao invés de enrolar bandagens em volta de um ferimento, a comunidade se envolveu ao redor dos Sombras, puxando-os para a sala de jogos, oferecendo comida e bebida.

Estava claro que, apesar daquele momento de leveza, Trez estava profundamente ferido. Ele vestia um tipo de túnica cinzenta, e sua pele estava quase da mesma cor do tecido. Mas, parecia determinado a estar presente e participativo.

iAm, por outro lado, parecia ter um grave caso de vertigem. Como alguém que acabou de sair de um barco que enfrentara ondas fortes, ele apoiou-se em várias coisas... A mesa de sinuca, o sofá, o bar.

Ele declinou a oferta de bebida alcoólica. Em vez disto, tomou uma Coca.

Rhage estava tão malditamente feliz por eles estarem em casa, inteiros, mas mesmo assim, ele não conseguia juntar coragem para interagir mais. Disse a si próprio que era por causa do ataque à Sociedade Lessening que iam executar na escola preparatória com Assail e aqueles dois primos.

Podia ser um massacre histórico.

E então, sempre havia o Bando dos Bastardos em sua mente. Mesmo que ele e seus irmãos matassem os *lessers* e o Ômega precisasse repor as perdas, ainda haveria Xcor e seu garotos para preocupá-los.

Mas, a realidade era que não se sentia bem.

E após um tempo, se tornou consciente de que não era o único.

Layla estava também na periferia, uma mão na barriga, os olhos fixos adiante, mas não realmente focando nada.

— Está bem? — Perguntou ao se aproximar dela. — Precisa que eu chame a Dra. Jane ou algo assim?

Quando ela não respondeu, ele se inclinou. — Layla?

Ela pulou, e ele estendeu a mão para acalmá-la, quando ela murmurou, — Sinto muito, o que?

— Você está bem?

— Oh, sim. — Ela lhe deu o mesmo tipo de sorriso que ele dera à sua Mary. — Estou bem.

Ele ficou tentado a dizer-lhe que era besteira, mas, não teria gostado que fizessem aquilo com ele.

— Quer que eu chame Qhuinn?

O macho e Blay estavam falando com iAm, ambos meneando as cabeças... Somente para recuar em choque, como se não acreditassem na história que havia, até agora, sido contada em segunda mão, pelo cara fã de Steve Wilkos logo ali com o símbolo fálico na testa.

— Oh, não. Não, obrigada.

Quando Rhage observou sua expressão, ele pensou, cara, ele realmente era tão egoísta como achava que era. Ela acabara de perder sua irmã Selenia há dois dias.

É claro que pareceria uma versão de Trez.

Parado próximo a ela, Rhage desejou poder ajudar. Mas se receava ser incapaz de fazer algo para ela... Não enquanto estivesse refletindo sobre este abalo sísmico que havia de alguma forma ocorrido sob sua pele.

Ostensivamente, tudo estava o mesmo e tudo estava bem.

Só ele se sentia um macho diferente por nenhuma boa razão.

E aquilo...

... Era o que ele achava aterrorizante.

Do outro lado da cidade, na mansão Tudor de Abalone, Paradise estava sentada em sua própria cama, seu próprio quarto, encarando a parede do outro lado.

Ela supunha que devia estar feliz. De acordo com seu pai, a ameaça do s'Hisbe havia sido neutralizada, e todo mundo estava a salvo... Mas ela estava completamente transtornada.

É claro, se mudara de volta para casa.

A despeito de toda sua postura independente, a realidade de viver longe do pai em tempos incertos era perigosa demais. E este era um retrocesso para sua autonomia.

Pelo menos ela ainda tinha seu emprego...

A batida em sua porta foi baixa.

— Sim? — Ela disse.

Quando a porta se abriu, seu pai entrou e ficou parando na soleira. Vestia um roupão de banho azul marinho, aquele com o brasão da família bordado no peito e a faixa que era tão longa que ia até a barra.

— Ainda acordado? — Ela perguntou.

— Não consigo dormir.

— Coisas demais acontecendo.

— Sim, — ele hesitou, olhando em volta pelo quarto dela como se renovando-se com sua presença. — Posso entrar?

— É claro, a casa é sua.

— Nossa, — ele corrigiu-a gentilmente.

Quando ele somente veio até a beirada do tapete de crochê que cobria o chão, ela franziu o cenho. — Não está se sentindo bem?

Ele abriu a boca para falar. Fechou. Tentou de novo.

Falhou.

Movendo as pernas, ela se sentou. — Pai?

Seu pai finalmente se aproximou e foi quando ela viu que ele tinha algo na mão. Uma folha de papel.

Em vez de responder, ele ofereceu o que estava segurando.

— O que é isto? — Ela disse ao pegar a coisa.

Olhando para baixo, ela franziu o cenho.

— Oh... Meu Deus, — ela sussurrou. — Meu *Deus*...

Era o formulário de inscrição para o programa de treinamento da Irmandade. E ele havia preenchido inteiro, com suas próprias mãos.

Para ela.

— Pai! — Levantando-se, ela jogou os braços ao seu redor. — Obrigada! Obrigada!

Ele abraçou-a. — É questão de segurança, — ele disse, bruscamente. — Eu só... Você está certa. Precisa aprender a lutar. A ideia de que algum dia possa estar desprotegida em algum lugar... — ele recuou. — Você tinha razão. Precisa aprender.

Ele estava claramente, nas palavras de Peyton, borrando as calças de ter de pensar nisto, mas aquilo só tornava o gesto maior ainda. Mesmo assustado... Ele ia deixá-la ir de qualquer forma.

— Obrigada! — Ela disse, agarrando-se à ele. — Eu serei cuidadosa! Prometo!

Se é que ela conseguiria entrar, Céus, era melhor ela começar a malhar se quisesse passar na prova física.

— Prometo, — ela jurou, — que terei cuidado.

— Estarei rezando por isto, — ele grunhiu. — Todas as noites.

— Eu o amo, pai!

Ele fechou os olhos como se estivesse em um passeio de montanha russa que não estava muito certo de poder enfrentar. — E você, querida Paradise, tem o meu coração.

Capítulo OITENTA E SEIS

A Rainha Catra vin SuLanéh etl MuLanén deh FonLerahn se sentou sozinha em seu alojamento, o silêncio ao seu redor se formara ao pedir às criadas e aos servos para deixá-la.

Ela não estava se mudando para a suíte da antiga Rainha.

Não, essa ela estava transformando em um berçário para as crianças daqueles que serviam no palácio. Dessa forma, aqueles pequenos preciosos estariam perto dos seus pais, e pela primeira vez, os empregados não teriam de deixar seus filhos e filhas com parentes ou em um lugar frio e escuro como uma prisão perto da área residencial pobre.

No entanto, esse não tinha sido seu primeiro decreto.

Não, a primeira coisa que fez, depois de aceitar o manto da liderança sob seu povo, foi abolir a maldição do Consagrado.

Ela libertou iAm.

Não que ele soubesse. Contudo, todos os outros no s'Hisbe sabiam, então pelo menos ele nunca teria que se preocupar em vê-la ou o Território novamente.

Cada respiração que ela tomava, machucava.

Estrelas acima, tanto dano tinha sido feito por alguém tão ganancioso.

As boas notícias, supôs, era que ela, em conjunto com s'Ex, a quem ela elevara para uma posição equivalente a Rei, embora, obviamente, não estariam acasalados, veriam que ele, mais que ninguém, já foi tratado muito caprichosamente e negligentemente.

E já que nunca teria crianças, ela não precisava se preocupar sobre algum tipo de gene do mal oculto aparecendo.

De fato, com iAm fora de questão, ela estava preparada para ser celibatária. Quem mais ela iria querer, de qualquer maneira? Ela encontrara seu parceiro, estava até decretado nas estrelas.

Que ele não a quis?

Bem, o destino de alguém não era o do outro, não importa as emoções envolvidas...

Quando a porta deslizou se abrindo, e um flutuar de cheiros de comida precedeu um servo, ela franziu a testa e olhou as horas no antigo relógio de corda em sua penteadeira. Ela esteve sentada aqui por horas.

— Não estou com fome, — ela disse sem olhar. — Mas, agradeço.

Quando sentiu que a figura não se moveu da entrada, ela olhou para o macho vestido de seda *persa*.

— Obrigada, — repetiu de forma entorpecida. — Mas ainda não estou com fome. Por favor, devolva para a cozinha... Não, espere, ofereça isso para seus companheiros machos e fêmeas.

Em vez de curvar e de se esquivar para fora, o macho entrou mais, o painel da porta corrediça fechou atrás dele.

Então lentamente ele abaixou-se em seus joelhos, colocou a bandeja na sua frente, e estirou seu torso de forma plana no chão de mármore em direção a ela.

E foi então quando ela sentiu o eco de si mesma no sangue dele.

A menos que ela estivesse enganada?

Espera... Esse era realmente...

— iAm? — Ela sussurrou roucamente. — iAm, é você?

A figura do macho se endireitou e removeu seu capuz. E quando ela apertou as mãos no rosto, rezou para que não tivesse adormecido e estivesse apenas sonhando.

Porque os olhos dele, aqueles em forma de amêndoas, os belos olhos negros, estavam brilhando com amor.

— Então, — ele disse com sua voz maravilhosa. — Eu ouvi que fui rebaixado.

— Desculpe, o que?

— S'Ex me ligou. Disse que fui rebaixado. Acho que eu não sou mais o Consagrado, huh.

iAm se levantou e caminhou até ela, seu grande corpo fazendo com que as batatas se deslocassem, seu cheiro de especiarias escuras.

Quando ele foi para perto dela, abaixou-se novamente em seus joelhos. — Você está dizendo que não quer mais isso? — Ele falou pausadamente, indicando a si mesmo. — Realmente?

Ela fechou os olhos, e se afastou dele, a dor muito grande para aguentar. — Por favor... Não me torture.

Ele apertou as mãos dela. — Olhe para mim. Por favor, olhe para mim...
Maichen.

Quando ele usou o nome que ela dera a ele em primeiro lugar, ela abriu as pálpebras e olhou para cima. Sua visão estava ondulada por causa das lágrimas, e ele roçou suas bochechas com os nós dos dedos.

— Você salvou meu irmão, — ele disse.

— Não, não salvei. Eu estava muito atrasada.

— Ele sobreviveu.

— Quase o matou. Esse pesadelo inteiro... Quase o matou.

— Você não foi a causa, você foi a solução pela qual eu estava implorando.

— Menti para você.

— E eu te perdôo.

— Como? — Ela engasgou.

Ele se debruçou e escovou a boca dela com a sua. — Você é fácil de perdoar. Você arriscou sua vida para descobrir a verdade. Você foi a única que descobriu as mentiras e modificou tudo ao redor. Você é o salvador por quem eu passei minha vida inteira rezando, Alteza.

Ela agitou a cabeça. — Não me chame disso. Por favor. Escolhi *maichen* porque não acredito que sou melhor que qualquer um. Com corações batendo e mentes abertas, somos todos iguais.

— Veja, — ele sussurrou. — Você só continua ficando mais bonita.

Ela olhou-o por mais tempo. Então, ela estendeu uma mão trêmula e tocou em seu rosto. Em resposta, ele apertou os lábios nas pontas de seus dedos.

— Isso é real, — ele disse a ela. — Pode confiar nisso. Você não acordará e encontrará isso terminado. Você e eu? Isso é o nosso começo.

— Eu amo você, — ela disse em uma voz áspera. — Não quero mais ninguém, além de você.

iAm sorriu e empurrou entre as pernas dela, levando seu corpo contra o dela. — E eu me sinto da mesma forma, minha *maichen*. Eu amo você, amo você... Amo você...

Quando ele começou a beijá-la, ela achou difícil de acreditar que isso estava realmente acontecendo. Que ele voltou para ela. Que uma vez se separaram em pedaços, agora eles estavam partidos como um todo único.

Se afastando um pouco, ela perguntou, — Tem certeza que isso é real?

Ele encolheu os ombros e sorriu-lhe. — Claro que é. Você e eu estávamos escritos nas estrelas...

Com isso, ele beijou-lhe os lábios novamente.

E ela o beijou de volta.

Capítulo OITENTA E SETE

A chuva de meteoro ocorreu à meia-noite em ponto.

Quando Trez andou para fora do calor da mansão, e caminhou passando pelo pátio em direção à trilha abaixo, ele saiu da área coberta pelas luzes de segurança do exterior, e foi quando olhou para cima e viu o céu claro.

Contra um denso preto aveludado e entre as alfinetadas de estrelas brancas brilhantes, um salpico de flashes foi lançado através do céu, como ouro em pó sendo solto de uma palma aberta.

Ele sorriu tristemente. — Obrigado, minha rainha. Eu precisava disso.

Assistindo a exibição, ele se sentiu muito sozinho e totalmente conectado, especialmente porque se refletiu naquela vastidão acima.

Se alguém já quis sentir o infinito do tempo e da existência, tudo que tinha que fazer era olhar para o céu à noite e sentir sua preciosa escuridão olhando fixamente de volta para eles. Era a grande dualidade da união e da separação.

Foi da mesma maneira que sua Selenia lhe disse na porta para o Fade.

Ele a queria tanto ao seu lado que acordara novamente com um rosto molhado e um travesseiro encharcado. Mas, ainda assim ele estava aqui, em pé em suas botas, preparado para descobrir, de alguma forma, como respirar enquanto aquela que fez seus pulmões funcionarem estava do outro lado.

— Eu irei agora, — ele disse. — Venha comigo...

Trez saltou e girou.

Claro que sabia que não havia ninguém atrás dele, ele podia ter jurado que uma mão suave descansou em seu ombro.

Ele rezou para que isso fosse o fantasma de sua *shellan*. Se não fosse, ele provavelmente estava enlouquecendo.

Viagem curta.

Wha-eh.

Fechando os olhos, ele teve de esperar um momento para a concentração vir... E então ele estava fora, espalhando suas moléculas pela noite clara e fria de outono.

Quando ele se formou novamente, estava na frente do Sal's.

Ele supôs que poderia ter ido pelos fundos, mas não. Essa era uma grande noite, uma espécie de reintrodução para ele. Ele entraria pela frente.

Caminhando para o teclado perto das portas de vidro, ele inseriu o código e então liberou sua entrada. Imediatamente, a decoração antiga e clássica afundou-se sob ele, o papel de parede flocado vermelho e preto sangrando em suas retinas, a sensação já-estive-aqui-milhões-de-vezes parecia tanto certa quanto uma mentira.

Caminhando adiante, ele montou o par de passos e foi para perto do balcão da recepcionista. Então passou pelas salas de jantar e em direção à área do bar nos fundos. As portas vai-e-vem da cozinha estavam mais à direita, e tirou sua jaqueta de couro à medida em que andava, deixando-a no bar.

O lugar estava vazio como sempre em uma segunda-feira à noite.

Seus clubes estavam fechados também.

Entretanto, ele iria até eles amanhã à noite. Por que... Bem, isso era só o que iria fazer.

A menos que os Irmãos precisassem dele.

Jesus, e ele pensou que devia a Rehvenge antes? Não era nada comparado ao que sentiu pela Irmandade da Adaga Negra e seu Rei.

Qualquer coisa, a qualquer hora para aqueles machos.

Eternamente.

Ele encontrou a si mesmo hesitando na entrada da cozinha, encarando o par de portas, ambas tinham janelas circulares de acrílico nelas de forma os garçons não batessem uns nos outros enquanto carregavam bandejas de comida para dentro e para fora.

Pondo sua palma na porta à direita...

... Ele finalmente empurrou.

Imediatamente, o cheiro do famoso molho marinara do seu irmão bateu em seu nariz, e na verdade, pela primeira vez que desde sua Selena se foi, ele sentiu uma pontada de fome.

iAm estava em frente ao fogão, mexendo em uma panela enorme com uma colher tão longa quanto um braço.

— ... Quantidade adequada de orégano. É uma missão crítica.

Ao longo do lado esquerdo, na extremidade do balcão de aço inoxidável, uma pequena mesa redonda fora instalada com uma toalha de mesa de linho,

talheres, e flores no meio. E a Rainha dos Sombras estava sentada na coisa, sua cabeça e cabelos expostos, seu rosto bonito e amável inclinado na direção de seu irmão... Seus olhos iluminados com tal devoção e amor, Trez tomou uma adoração imediata pela fêmea.

Ela notou sua presença antes de iAm, Sr. Antigamente Mudo Mas Agora Tagarela.

Com um rubor rápido, seu rosto mudou, tensão marcando suas características, espremendo para fora um sorriso.

iAm se virou. — Oh, hey, irmão, você conseguiu.

— Ah, sim. — Trez empurrou suas mãos nos bolsos da calça jeans que vestia. — Estou aqui.

— Bem. Ah, bom. — iAm se aproximou, e embora eles não fossem normalmente de abraços, deu-lhe um abraço bom e forte. — Ah... Então, sim. Obrigado por vir.

— Obrigado por me chamar.

Os dois olharam para a Rainha. Que lentamente se levantou e alisou o manto cintilante que usava.

Diamantes. Era coberto com uma malha fina de diamantes.

E por um momento, pânico apertou o peito de Trez, a visão daquelas pedras preciosas definidas no metal lhe lembrava...

Não, ele pensou. Isso não era necessário. Essa não era mais a realidade que todos eles estavam vivendo.

Estava terminado. O pesadelo estava bem e verdadeiramente acabado, e ele precisava confiar nisso... Porque esta fêmea? Ela seria parte da sua família.

Não havia maneira que aqueles dois não estivessem se acasalando o mais rápido possível.

Ele podia sentir o cheiro do vínculo montando no ar acima de todas aquelas especiarias italianas.

Trez se separou bruscamente de seu irmão e foi até a fêmea alta e esbelta.

Parecia realmente, fodidamente bizarro, mas porra, ele caiu em seus joelhos e prostrou-se a seus pés.

— Oh, por favor, não, — ela disse quando ele começou a recitar a saudação adequada. — Não, por favor. Eu sou...

Quando ele olhou para cima, ela realmente desceu em seus próprios joelhos junto com ele.

— Por favor, — ela disse. — Chame-me *maichen*. É assim que iAm me chama. *maichen*. Tipo empregada? Trez pensou.

Huh. Agora ele tinha outra razão para gostar dela.

Esticando sua palma, ele disse, — Oi. Eu sou irmão do iAm... Trez.

Ela começou a sorrir. Então ela riu, e apertou o que ele ofereceu de volta. — Oi. Eu sou do iAm... Qual é a palavra?

— Esposa. Bem, em breve será. — iAm disse roucamente à medida que se aproximou. — Mas “esposa” é o que você será aqui fora em Caldwell.

Ela endireitou os ombros e tentou novamente. — Oi. Eu sou a esposa de iAm... *Maichen*.

Trez sorriu de volta para ela. — Prazer em conhecê-la... *Maichen*.

Algumas horas mais tarde, os três ainda estavam ao redor daquela pequena mesa. Após um desajeitamento inicial, era um choque o quão fácil era. Então novamente, embora ela fosse uma rainha, a *maichen* do iAm era realista, engraçada, doce.

E homem, oh homem, ela estava apaixonada por ele. Ela parecia não poder tirar os olhos do seu homem, e toda vez que ele a olhava de volta, ela corava.

Jesus, se Trez pudesse ter escolhido alguém para o seu irmão? Ela teria sido a escolhida.

— Mais cannoli? — iAm perguntou quando se levantou com seu prato. — Eu preciso de outro.

— Não, obrigada. — *maichen* disse. — Estou tão cheia, acho que este robe vai rebentar.

— Gostaria que tivesse conhecido minha rainha, — Trez revelou para ela.

Quando os dois congelaram, ele sacudiu a cabeça. — Não, não surtem por mim. Eu estou... Eu apenas queria dizer isso. Acho que Selena teria lhe admirado muito.

maichen olhou para iAm. Olhou de volta para ele. Então ela pôs a mão sobre a de Trez. — Eu sei que teria a adorado. iAm passou a maior parte dessa tarde falando sobre ela.

— Mesmo? — Trez disse, olhando através do seu irmão. — Você falou?

iAm voltou com um cannoli. — Sim. Eu quis que *maichen* soubesse quem foi sua cunhada.

Eeeee uma deixa para uma picada no olho.

Merda.

Olhando para o fogão, Trez pigarreou duas vezes. — Eu acho que isso é incrível. Isto é só... Realmente incrível. Obrigado.

Quando foi capaz de trocar seu foco de volta, ele encontrou o par olhando fixamente um nos olhos do outro, como se eles estivessem tão agradecidos por ter um ao outro, como se soubessem exatamente o quão sortudos eram... Como se tivessem toda intenção de apreciar cada noite que tivessem juntos.

Que sejam centenas, milhares a mais.

Enquanto Trez olhava para eles, pensou que sua rainha tinha razão. Se ele tivesse ficado no Fade com ela? iAm não teria este momento, essa fêmea, estes próximos anos.

Selena estivera cem por cento correta.

Doloroso como era ficar sem ela, agonizante como algumas noites indubitavelmente foram e continuariam a ser... Vendo seu irmão feliz e apaixonado deu-lhe uma paz súbita sobre isso tudo.

De alguma maneira, no meio do grande infinito, e apesar do seu luto, ele soube que estava exatamente onde deveria estar neste momento.

Achava que era destino.

Quando iAm se debruçou para beijar sua companheira, Trez inclinou a cabeça para trás e murmurou, — *Obrigado, minha rainha. Nós precisávamos disso.*

FIM